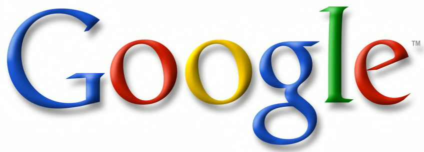


MEMORIAS
PARA
A HISTORIA
DELREY
D. SEBASTIAÕ.

MEMORIAS
PARA A HISTORIA
DE PORTUGAL,
QUE COMPREHENDEM O GOVERNO
DELREY
D. SEBASTIAÕ,
UNICO EM O NOME, E DECIMO SEXTO
entre os Monarcas Portuguezes:

Do anno de 1568 até o anno de 1574.

DEDICADAS A ELREY

D. JOAÕ V.
NOSSO SENHOR:
APPROVADAS PELA ACADEMIA REAL
da Historia Portugueza:

ESCRITAS
POR

DIOGO BARBOSA MACHADO,
Ulyssipponense, Abbade Reservatario da Igreja de Santo Adriaõ de Sever do Bispado do Porto, e Academico do numero.

TOMO III.



LISBOA,
Na Regia Officina SYLVIANNA, e da Academia Real.

M. DCC. XLVII.

Com todas as licenças necessarias.

INDEX
DOS
CAPITULOS,

Que contém este terceiro Tomo.

O numero denota a pagina.

LIVRO I.

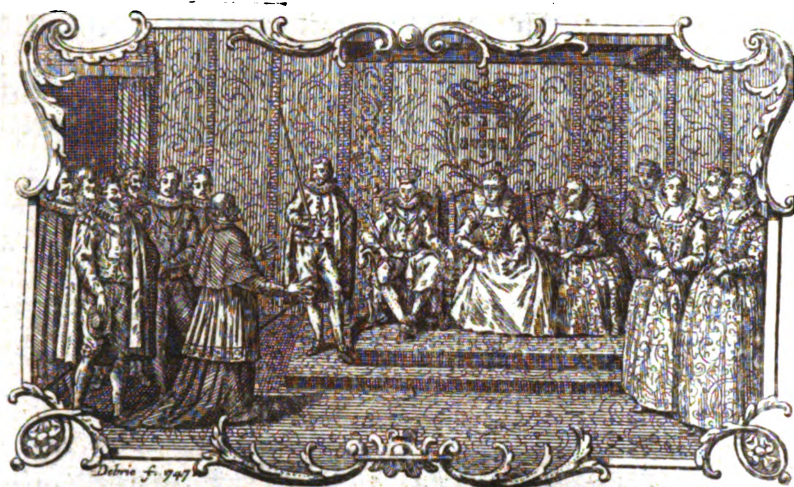
CAP.

CAP.

LIVRO II.

Digitized by Google

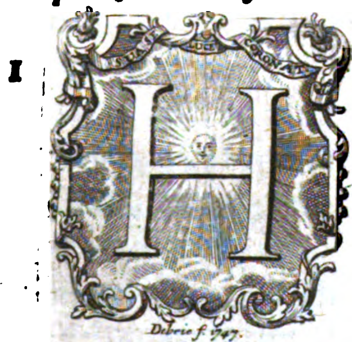
LIVRO



LIVRO I.

CAPITULO I.

Relata-se a practica, que D. Aleixo de Menezes fez a ElRey D. Sebastiaõ no dia antecedente à sua Coroaçaõ; e de como o insigne Mathematico Pedro Nunes prognosticou ser infausto o dia, que estava destinado para taõ solemne acto.

1  UMA das principaes clausulas do Testamento delRey D. Joaõ o III foy, 1568
determinar com politica providencia, que a Rainha D. Catharina, sua esposa, governasse o Reyno até o tempo, em que seu neto D. Sebastiaõ cumprisse vinte annos; e obedecendo esta Matrona à

determinaçaõ daquelle Principe, mostrou depois a experiencia, que naõ estava obrigada ao rigor da sua obediencia; e assim resolveo, que ainda que ElRey contava quatorze annos, como a madureza do juizo excedia a verdura da idade, se destinasse o dia para cingir a Coroa, e empunhar o Sceptro. D. Aleixo de Menezes, que tinha sido Ayo de D. Sebastiaõ, antevendo como politico as mudanças, e alterações, que haviaõ de succeder em o novo governo, e receando prudentemente, que podesse entre ellas perigar a authoridade da sua pessoa, a qual sempre conservara naõ sómente respeitada dos seus emulos, mas venerada de todos os Principes, determinou retirarse do Paço, e antes que executasse taõ heroica resoluçaõ, esperou a ElRey no dia antecedente à sua Coroaçaõ, ao qual, sahindo de ouvir Missa, lhe pedio D. Aleixo com grande submissaõ faculdade para lhe fallar, cuja supplica causou naõ pequeno espanto aos Fidalgos, que estavaõ presentes. Parou ElRey para ouvir a D. Aleixo com aquella attençaõ, com que sempre o respeitara, e animado da fidelidade, que em todo o tempo professara, lhe fez esta elegante practica, na qual lhe deu a mais solida instrucçaõ para prudentemente governar a Monarchia, que a Divina Providencia commettera à sua vigilancia.

Determina-se a Coroaçaõ del-Rey.

„ Dez annos ha, Senhor, que por falecimento delRey D. Joaõ, meu Senhor, que Deos „tem

Practica de D. Aleixo de Menezes a ElRey antes de ser coroado.

„ tem em Gloria, e por voto, e nomeaçaõ ſua
„ me foy entregue a guarda da criaçaõ, e peſſoa
„ de V. A. em idade de quatro annos, e com ella
„ os animos, e as eſperanças de todo eſte Rey-
„ no, que como a unico ſucceſſor dos Reys, que
„ tantos annos o governaraõ, e o alcançaraõ por
„ meyo de orações, e lagrymas, vos ama, e ve-
„ nera com mayor affecto, que todos os mais.
„ A vigilancia, e cuidado, com que aſſiſti a eſte
„ cargo, e procurey reſponder ao pezo delle, naõ
„ encareço; porque por grande, que foſſe, nunca
„ podia igualar a grandeza do depoſito, e da con-
„ fiança, que de mim ſe fez; e pareceria arguir
„ a V. A. de pouco lembrado, referindo-lhe ſervi-
„ ços, de que V. A. he a mayor, e mais intima
„ teſtemunha, dos quaes, e do animo com que
„ os fiz, me moſtrou Deos o fruto, e ſatisfaçaõ,
„ que deſejava, vendo antes de minha morte a
„ V. A. em idade de tomar o governo dos ſeus
„ Reynos, e ornado de entendimento, partes,
„ e inclinações dignas, naõ ſó deſte Imperio, mas
„ de outros muito mayores, a que Deos, e a
„ grandeza de ſeu animo, e as occaſiões do tem-
„ po abriraõ cedo caminho; e porque os muitos
„ annos que tenho, e a nova fórma do governo
„ naõ daráõ ao diante lugar a taõ continuas, e
„ particulares advertencias, como thegora ſohia
„ fazer a V. A. me pareceo, que devia ao con-
„ tentamento deſte dia, e ao amor, e lealdade,

„ com que criey, e servi a V. A. fazerlhe algu-
„ mas lembranças, que por serem feitas em tal
„ tempo, e com tal animo, e em tal idade me-
„ recem ser bem ouvidas, e estimadas em lugar
„ do ultimo, e mayor serviço, que em minha vi-
„ da fiz a V. A.

„ Entrais, Senhor, neste incomparavel tra-
„ balho de governar vosso Reyno, em idade, que
„ com nome de liberdade, e supremo senhorio te-
„ mo que vos persuadaõ, que até naõ fugirdes
„ da companhia, e conselho da Rainha vossa avò,
„ e do Cardeal vosso tio, naõ sois verdadeiro
„ Rey, que he a traça, por onde os que se que-
„ rem apoderar de vossa liberdade, fiaõ de abrir
„ caminho à sua privança. E como estes atten-
„ dem á sua grandeza, e proveito particular, pro-
„ curaõ approvando por justo qualquer desejo dos
„ Principes, e naõ lhe contradizendo cousa lici-
„ ta, ou illicita, que intentem mostrarlhes, que
„ o tempo que viviaõ sogeitos aos bons conselhos
„ de quem com elles procuravaõ sua estimaçaõ,
„ e accrescentamento, foy huma sogeiçaõ, e ca-
„ tiveiro indigno de sua dignidade, donde se se-
„ guiria, que apartados de vós aquelles, que com
„ verdadeiro amor vos podem desenganar das fal-
„ tas, que ha no governo, e cercado de quem
„ por se sustentar na privança approva por justos
„ os erros de vosso gosto, padeça o Reyno gran-
„ des trabalhos, e o animo de vossos vassallos naõ

„ seja

„ ſeja para V. A. o que ſohia ſer para com os
„ Reys voſſos antepaſſados: e como Deos dotou
„ a V. A. de hum animo generoſo, inclinado a
„ emprender couſas grandes, temo, que uſando
„ deſte bom fundamento, vos inclinem a empre-
„ zas (ſe bem menores, que voſſo animo, e co-
„ raçaõ) mayores do que permittem as forças de
„ voſſos Reynos; e como os que ſeguem eſte ca-
„ minho, medem as couſas, naõ pelo que ſaõ,
„ ſenaõ pelo que querem que ellas pareçaõ aos
„ Reys, encobrindovos a induſtria, trabalho, e
„ miudeza, com que voſſos anteceſſores ſuſten-
„ tavaõ com limitada fazenda a reputaçaõ de ſeu
„ eſtado, vos engrandeceráõ as riquezas, e for-
„ ças de voſſo Reyno, donde ſe ſeguirá mete-
„ remvos em emprezas, donde, ou ſahireis com
„ pouca honra, ou aventurareis voſſos eſtados,
„ e vida, ſem conhecerdes o engano, ſenaõ quan-
„ do lhe faltar o remedio; e porque nem a pie-
„ dade, e animo religioſo dos Reys eſtá ſeguro
„ de inconvenientes, lembro a V. A. como quem
„ deſde taõ pouca idade conhece ſua inclinaçaõ
„ ſanta, e zelo da exaltaçaõ da Fé Catholica, que
„ nunca tem faltas na peſſoa de V. A. por coſtu-
„ mes, e obras vicioſas, ſenaõ por algum exceſ-
„ ſo, ou demaſia, que paſſe os limites da virtu-
„ de; porque muitas couſas ha com que huma
„ peſſoa particular póde ganhar gloria, que ſir-
„ vaõ de condemnaçaõ a hum Principe; tanto
„ vay

„ vay na differença dos eſtados, e porque em ma-
„ terias ſemelhantes ſe naõ podem dizer mayores
„ particularidades, torno a lembrar a V. A. que
„ no que ſe lhe perſuadir com pretexto de reli-
„ giaõ, e conſciencia, tenha ſingular attençaõ;
„ porque ſe (o que Deos naõ permitta) houver
„ alguns trabalhos, e alterações em ſua peſſoa, e
„ Reynos, por eſte caminho haõ de ter entrada.
„ No tratamento de voſſa Real Peſſoa vos lem-
„ bro, que naõ percais hum ponto da Mageſta-
„ de com os que mais intimamente vos ſervirem,
„ e ſeja ſempre o favor, e a privança dentro da
„ veneraçaõ devida à voſſa grandeza; porque os
„ Reys voſſos antepaſſados extenderaõ o ſeu Im-
„ perio pelas mais remotas partes do Oriente ſen-
„ do Pays ao povo, e aos nobres Principes cle-
„ mentes; porque como dos Grandes a ElRey ha
„ menor differença, que do Rey ao povo, con-
„ vém darſe-lhe o favor acompanhado da Mageſ-
„ tade neceſſaria para os manter em reſpeito, o
„ que naõ milita na gente popular, onde o ex-
„ ceſſo da affabilidade naõ aventura a authoridade
„ do Principe, antes cativa os animos daquelles,
„ que o conſideraõ taõ clemente; e evita com
„ iſto hum erro, com que cahiraõ muitos Reys,
„ que entregando ſuas peſſoas, e authoridade nas
„ mãos de ſeus valídos, e guardando o fauſto,
„ grandeza, e trato altivo para ſeu povo, vieraõ
„ a ſer aborrecidos de huns, e deſtemidos de ou-
„ tros:

„ tros: que neſtes extremos vem a dar os Princi„ pes, que deſacertaõ os meyos da conſervaçaõ, „ e authoridade.

„ Naõ vos direy eu, Senhor, que neſta „ idade, em que eſtais, deixeis a companhia, e „ communicaçaõ dos Fidalgos de voſſa criaçaõ, „ e de ter com elles os honeſtos paſſatempos, „ que requerem os voſſos poucos annos, que iſto „ fora violentar as condições da natureza; ſó vos „ lembro, que eſtes ſirvaõ para as honras da con„ verſaçaõ, jogos, caça, e paſſatempos; porém „ que nas materias de eſtado, fazenda, e gover„ no deis em tudo a maõ aos Fidalgos antigos, „ criados nas eſcolas dos Reys D. Manoel, e D. „ Joaõ da glorioſa memoria, voſſos avòs, com „ cuja experiencia, e conſelho ſuſtentareis voſſos „ Reynos na paz, e propriedade em que elles vo„ los deixaraõ; porque aſſim como ſerá impro„ prio entremeterem-ſe eſtes nos exercicios, e „ mocidades, que hoje vê o Mundo, aſſim ſeria „ preverter a ordem delle, e expor voſſo eſtado „ a huma ruina manifeſta, metendo couſas de tan„ ta conſideraçaõ em mãos de peſſoas faltas de „ annos, e experiencia.

„ E porque com a nova intrancia no Rey„ no pretenderáõ alguns de V. A. merces exorbi„ tantes, medidas mais pela grandeza de ſeu ani„ mo, e condiçaõ, que pelo que pede o eſtylo, „ e poſſibilidade deſte Reyno, e porventura o me„ recimento

„ recimento dos pertenſores, remediará V. A. „ os inconvenientes de taes pertenções, remeten„ do tudo a ſeu Conſelho, e naõ deſpachando „ petições por via extraordinaria; porque a libe„ ralidade exceſſiva feita em principio de gover„ no, como ſe naõ póde extender a todos, con„ tenta aos menos, e aggrava aos mais, a que „ naõ chega, e ſerve iſto de hum continuo arre„ pendimento aos Reys, depois que com o diſ„ curſo do tempo cahem no erro que fizeraõ.

„ Nas couſas em que V. A. ſe poder ſervir „ de Miniſtros ſeculares, naõ dê a maõ a Eccle„ ſiaſticos, tirando-os de ſeu proprio inſtituto, „ com o ſuppoſto de que ſervem mais, e ſe lhe „ paga com menos; porque demais de naõ ſe da„ rem nunca bem couſas profanas tratadas por „ mãos ſagradas, com qualquer das couſas, que „ o Eccleſiaſtico pertende para ſua Religiaõ, e „ com cada huma das merces, que V. A. lhe faz „ para ella, ſe poderáõ pagar os ſerviços de mui„ tos Miniſtros ſeculares; porque he muito diffe„ rente a pertençaõ de huma Communidade, em „ cujo reſpeito o muito parece pouco, do parti„ cular de huma peſſoa, onde o pouco a ſatisfaz, „ e paga grandes ſerviços.

„ Se porventura aconſelharem a V. A. que „ convém reformar em ſeu Reyno trajes, e coſ„ tumes, pezos, e medidas, ou qualquer outra „ couſa uſada, e introduzida de tempo immemo-

„ riavel,

„ riavel, ainda que o conſelho ſeja juſto, e a re„ formaçaõ neceſſaria, vos peço, e aconſelho, „ que o naõ façais nos primeiros annos de voſſo „ governo; porque tem tal aceitaçaõ no povo os „ ſeus coſtumes antigos, que até para melhoria „ ſua ſentem qualquer alteraçaõ, que ſe faça, e „ mais em conjunçaõ de novo governo, a cuja „ pouca experiencia attribuem antes a novidade, „ que a virtude, que ſó a eſſe fim a ordenaõ; „ donde ſe ſegue ſuſpirarem pelo tempo, e me„ moria dos Reys paſſados, e começarem a deſ„ amar, e ter o preſente, e a tello por eſtranho.

„ Muito me alargo, e muito detenho a „ V. A. mas como eſte he o teſtamento de mi„ nha lealdade, e por ventura o ultimo attrevi„ mento de meu amor, conceda V. A. perdaõ à „ liberdade, e extenſaõ de meus conſelhos, pois „ o merecem eſtas lagrymas de contentamento, e „ o zelo das cãas, que naſceraõ em ſerviço de voſ„ ſos avòs, e vaõ do voſſo à ſepultura, deixando„ vos em meu lugar tres filhos, herdeiros de mi„ nha lealdade, em que ficará o meu ſangue con„ tinuando a ſervidaõ, que já naõ póde a peſſoa: „ e nelles podereis moſtrar ao Mundo a opiniaõ, „ em que tiveſtes os ſerviços de quem os gerou.

2 Ouvio ElRey com ſumma attençaõ eſtas politicas advertencias, propoſtas pela fidelidade de D. Aleixo, para que exercitaſſe com prudencia, e rectidaõ a difficil arte de reynar; e conhe-

cendo, que procediaõ do zelo de hum varaõ, que ſempre antepozera os intereſſes politicos aos proprios, ſe enterneceo de tal ſorte, que cedendo a ſoberania da mageſtade à vehemencia do affecto, teſtemunhou com lagrymas, quanto ſe deixara penetrar das vozes de D. Aleixo, a quem naõ conſentio, que ſe pozeſſe de joelhos para lhe beijar a maõ, antes levantando-o nos braços, lhe diſſe: Que naõ podia ſufficientemente explicar a eſtimaçaõ, que fazia dos conſelhos, que lhe dera, e muito mais da ſinceridade com que lhos inſinuara, affirmando-lhe, que huma das cauſas principaes porque eſtimava o ter já cingido a Coroa, era para o remunerar com real magnificencia, naõ ſómente na ſua peſſoa, mas nas de ſeus filhos, dos quaes o mayor merecimento conſiſtia em ſerem gerados por tal pay; e que ſe por attençaõ às ſuas moleſtias, mais perigoſas em idade taõ provecta, conſiſtia, que ſe retiraſſe da aſſiſtentia continua do Paço, o naõ eſcuſava de que ſempre o inſtruiſſe com aquellas maximas dictadas pelo amor com que o educara. No fim deſtas palavras ſe recolheo ElRey, levando em ſua companhia a D. Aleixo de Menezes, deixando aſſombrados a todos os Fidalgos, que eſtavaõ preſentes, da affabilidade, e ternura, com que o tratara, por ſer muito alhea do ſeu genio, e condiçaõ.

Agradece ElRey com particulares expreſſoens a fidelidade de D. Aleixo.

3 Naõ deu menores demonſtrações do ſeu zelo

zelo para com ElRey D. Sebastiaõ, neste dia, o insigne Cosmografo mór Pedro Nunes, que fora Mestre deste Principe nas disciplinas Mathematicas, das quaes era por universal acclamaçaõ venerado como Oraculo. Buscou este sabio Varaõ a Rainha D. Catharina, e lhe disse, que supposto, que huma das Sciencias, que se comprehendiaõ na Mathematica, era a Astrologia, naõ applicara a ella a mayor parte dos seus estudos, por serem falliveis, e incertos os successos, que indicava; mas que obrigado da fidelidade, que professava ao seu Principe, a quem como a discipulo amava mais ternamente, levantara figura sobre o dia, e hora da sua Coroaçaõ, e alcançara, conforme a configuraçaõ dos Astros, ser preciso avisar a S. Alteza, que sem revelar a causa, se empenhasse por dilatar ao menos tres dias aquella politica ceremonia, affirmando-lhe, que se ElRey tomasse a regencia da Monarchia no dia, que estava destinado, seria o seu Reynado infeliz, e pouco duravel, e posto que os prognosticos naõ fossem infalliveis, e a vida dos Soberanos como a estabilidade dos Imperios estivessem collocados nas mãos de Deos, com tudo se deviaõ respeitar as causas segundas, como mudos interpretes da sua Divina vontade. Agradeceo a Rainha o zelo, com que Pedro Nunes lhe fizera aviso taõ importante, mas escusou-se de executar o conselho, por estar tudo prevenido para o dia,

Vaticinio de Pedro Nunes, àcerca do dia da Coroaçaõ delRey.

que no ſeu juizo aſtrologico era infauſto, accreſcentando, que interpoſta aquella dilaçaõ, entraria ElRey, e o Cardeal em ſuſpeitas, e confuſoens, as quaes naõ podia diſſipar pelo ſegredo, que lhe pedia obſervaſſe neſta materia; e aſſim julgou por prudente reſoluçaõ encommendar eſte negocio a Deos, de cuja providencia eſtavaõ pendentes os ſucceſſos, e que nunca revelaſſe o que lhe tinha communicado. A eſtas palavras da Rainha reſpondeo Pedro Nunes, que certamente previa ſerem inevitaveis as infelicidades do Reyno, das quaes ſeria teſtemunha Sua Alteza, poſto que naõ ſeria da ultima, em que havia conſiſtir a mayor, e mais deploravel deſgraça.

CAPITULO II.

Toma poſſe do governo ElRey D. Sebaſtiaõ, e das peſſoas mais illuſtres, que aſſiſtiraõ a ſolemnidade da ſua Coroaçaõ.

1568 4 AManheceo o dia 20 de Janeiro conſagrado à triunfal memoria do invicto Martyr S. Sebaſtiaõ, que neſte anno de 1568 ſe celebrou à terça feira, e como nelle cumpria quatorze annos o Principe, que em obſequio do meſmo Santo lhe foy impoſto o ſeu nome, ſe determinou, que para feliz auſpicio do ſeu Reynado

do recebeſſe em dia taõ celebre a poſſe da Coroa. Para eſte fim ſe levantou junto do Palacio dos Eſtaos, ſituado no Rocio de Lisboa, huma grande ſala, que ſe dilatava até o Convento de Saõ Domingos, a qual ſe armou de precioſas tapeçarias; e para que o povo ſatisfizeſſe os ſeus deſejos, vendo aquelle pompoſo acto, era deſcuberta como varanda da parte do Rocio. A horas competentes ſahio ElRey do Paço, e entrando na ſala, que eſtava ſumptuoſamente ornada para funçaõ taõ ſolemne, ſe ſentou em huma precioſa cadeira, coroada de hum mageſtoſo docel. Junto delRey eſtava a Rainha D. Catharina, ſua avò, e ſeus tios o Cardeal D. Henrique, e os Infantes D. Duarte, Duque de Guimarães, que fazia o officio de Condeſtavel do Reyno, e D. Maria. Da outra parte, que era a eſquerda, eſtavaõ o Duque de Bragança D. Joaõ, o Marquez de Torres-Novas, os Condes de Vimioſo, Odemira, Portalegre, e Vidigueira, e mais diſtantes os Vereadores da Cidade de Lisboa, e outros muitos Fidalgos, e peſſoas principaes do Reyno, que com a variedade das galas faziaõ mais plauſivel a celebridade deſte acto. Antes de ſe proceder a alguma acçaõ ſahio do lugar, onde eſtava, o Cardeal D. Henrique, e fazendo huma profunda veneraçaõ a ElRey, lhe fallou neſta ſubſtancia.

Coroa-ſe ElRey, e das peſſoas, que aſſiſtiraõ a eſte plauſivel acto.

„Muito alto, e muito poderoſo Rey, noſ-
„ſo

Practica do Cardeal D. Henrique.

„ so Senhor. Posto que este dia seja o de mim „ mais desejado, e de mayor gloria, que póde „ ser, em que vejo a V. A. em idade de quator„ze annos, assentado em sua cadeira Real, com „ muita prudencia, virtude, e zelo do serviço „ de Nosso Senhor, e lhe entrego o governo des„tes seus Reynos, quietos, e pacificos, no esta„do em que estaõ; toda via conheço as faltas, „ e negligencias, que nelle por mim passaraõ, me „ torno muito a encolher antes de ter havido per„daõ della de V. A. que tenho por certo naõ ne„gará a quem com conhecimento, confiança, e „ humildade lho pede, e tambem porque tudo o „ que fiz, ou deixey de fazer, foy sempre por me „ parecer, que era o que mais cumpria ao serviço „ de V. A. e bem de seus vassallos, sujeitos, e „ naturaes, sem outro particular respeito; e se „ ainda assim contra minha tençaõ tenho aggra„vado, ou damnificado alguns, estou prestes pa„ra, quanto em mim for o satisfazer, e assim com „ esta justificaçaõ de minha parte, e perdaõ de „ V. A. tornarseme-ha a dobrar alegria, e com „ novo espirito darey graças a Nosso Senhor por „ estas merces, que fez a V. A. e a estes seus „ Reynos, neste tempo de tanta necessidade, e „ trabalho, sem lho poder impedir hum taõ fraco „ instrumento como eu, por quem elle as quiz „ obrar; e pois de Nosso Senhor vem todos estes „ bens, naõ se devem encobrir, para se lhe dar o

„ louvor

„ louvor devido, e eu de minha parte, se nelles
„ me cabe algum, os devo offerecer a V. A. em
„ satisfaçaõ de minhas faltas, pelo que mandey
„ pôr em hum papel, o que se fez neste tempo,
„ para V. A. o saber mais particularmente, e lhe
„ dar razaõ de mim; farme-ha merce, depois que
„ daqui for, querello mandar ler perante si.

5 Acabada esta breve practica, na qual quiz o Cardeal manifestar a ElRey o cuidado, com que na sua menoridade administrara o Reyno, lhe entregou Martim Affonso de Miranda, seu Camareiro mór, o Sello grande das Armas Reaes, o qual o mesmo Cardeal prostrado de joelhos entregou a ElRey, e com elle o regimento, que lhe fora entregue nas Cortes, celebradas em 1562, por onde tinha governado até aquelle tempo a Monarchia; e tanto que ElRey recebeo o Sello das mãos do Cardeal, o deu a D. Aleixo de Menezes, por naõ estar presente o Secretario de Estado Pedro de Alcaçova Carneiro, dizendo ao Cardeal estas palavras, cuja gravidade era claro argumento da madureza do seu juizo. „ Tenho-
„ vos em merce o trabalho, que levastes em go-
„ vernar estes Reynos, e o cuidado, que disso
„ tivestes, de que sempre terey a lembrança, que
„ he razaõ. Eu recebo o governo, e espero em
„ Nosso Senhor, que com a merce, que me a
„ Rainha minha Senhora, e Avò quer fazer
„ de me ajudar, e com a que me vós dareis, go-
„ verne

Reposta delRey ao Cardeal D. Henrique.

„ verne estes Reynos como convém a bem delles,
„ e à minha obrigaçaõ.

6 Ouvida esta reposta delRey pelo Cardeal, lhe beijou a maõ pelo singular affecto, com que na presença de taõ illustre concurso lhe louvava o desvélo, exercitado em beneficio do Reyno, naõ querendo outro premio mais que a Real approvaçaõ. Seguiraõ-se logo os circunstantes a beijar a maõ a ElRey, executando em primeiro lugar esta ceremonia a Rainha D. Catharina, a Senhora Infante D. Maria, o Cardeal D. Henrique, o Infante D. Duarte, o Duque de Bragança, e todos os Titulos, Cavalheros, e Vereadores da Cidade. Para fazer este obsequio, chegou em ultimo lugar o Duque de Aveiro, que tinha assistido no fim da sala apartado de todo o concurso, em quanto durou aquelle acto, por querer preferir no assento, e antiguidade ao Duque de Bragança, fundando o direito desta pertençaõ em ser mais antigo o titulo da sua Casa, que a de Bragança; pois sendo esta extincta por morte do Duque D. Fernando, e confiscados seus bens por ElRey D. Joaõ o II. neste tempo fora creado D. Jorge, Duque de Coimbra, tronco da Casa de Aveiro, e que como ElRey D. Manoel restaurara a Casa de Bragança pela nova merce, que fez della a D. Jayme, naõ podia prejudicar à de Aveiro, que já estava instituida, e assim devia preceder à de Bragança, como mais antiga.

Intenta preceder nesta funçaõ o Duque de Aveiro ao de Bragança.

Aca-

7 Acabadas as politicas ceremonias deste acto, se levantou ElRey, e acompanhado de todos os assistentes, foy ao Convento de S. Domingos, onde rendeo as graças ao supremo Arbitro dos Imperios, por lhe ter concedido o favor de chegar a idade competente para governar o Reyno, que lhe dera, pedindo-lhe com humildes, e fervorosas instancias a sua Divina assistencia para a execuçaõ de taõ alta, e difficultosa empreza. Ao sahir da Igreja começou o povo com alegres clamores a congratular ao seu Principe elevado à sublimidade do Throno, sendo taõ excessivo o jubilo dos coraçoẽs Portuguezes, que certamente excedeo as lagrymas, que no mesmo Templo, e dia havia quatorze annos tinhaõ copiosamente derramado, convertendo para mayor applauso de solemnidade presente as memorias da afflicçaõ em festivos argumentos da felicidade.

No fim deste acto rende El-Rey as graças a Deos no Convento de S. Domingos.

CAPITULO III.

He informado individualmente ElRey D. Sebastiaõ pelo Cardeal D. Henrique das acções, que no tempo da sua regencia obrara em beneficio do Reyno. Participa aquelle Principe à Santidade de Pio V. a sua exaltaçaõ ao Throno, e como por esta noticia o congratulou este Pontifice, e ao Cardeal D. Henrique, o qual em final de benevolencia manda o estoque, e chapeo ao nosso Principe, e das ceremonias com que recebeo estas militares insignias.

1568 8 NAõ satisfeito o animo do Cardeal D. Henrique com a approvaçaõ, que ElRey lhe dera pela providencia, com que na sua menoridade zelara os augmentos, e conveniencias da Monarchia, se resolveo a informallo com toda a individualidade de todas as acções obradas no tempo, que administrara o Reyno, assim no que respeitava às materias Ecclesiasticas, como Politicas, e Militares, as quaes para que se imprimissem mais facilmente na memoria del-Rey, as compendiou neste breve Mappa.

Informaçaõ de tudo quanto tinha obrado o Cardeal D. Henrique quando governou pela menoridade de seu sobrinho.

„ Senhor. Posto que os annos, e as en„ firmidades me despensavaõ de sugeitar os hom„ bros ao insupportavel pezo de huma Monarchia

„ taõ

„ taõ dilatada; com tudo, attendendo mais à
„ conveniencia publica, que ao proprio descan-
„ ço, me sacrifiquey à sua administraçaõ; e para
„ que fosse feliz o principio das minhas acções,
„ foy o primeiro cuidado attender pelo que res-
„ peita a Deos, e à observancia dos seus precei-
„ tos, provendo as Dioceses de Evora, Mi-
„ randa, Algarve, e Priorado de Aviz, de Pre-
„ lados benemeritos de taõ altas dignidades, pa-
„ ra que com o seu exemplo reformassem os abu-
„ sos escandalosamente introduzidos, e com a sua
„ doutrina conduzissem as almas para o caminho
„ da eternidade. Com a mais profunda venera-
„ çaõ se receberaõ os Decretos do Concilio Tri-
„ dentino, e exactamente se practicaraõ nos Sy-
„ nodos Provinciaes celebrados em Braga, e Lis-
„ boa. Augmentou-se com copiosas rendas a Uni-
„ versidade de Coimbra, por ser a Palestra uni-
„ versal, em que a sciencia triunfa da ignorancia;
„ e da mesma liberalidade se usou com os quatro
„ Collegios da Companhia, fundados em Coim-
„ bra, Braga, Evora, e Lisboa, para a instruc-
„ çaõ dos engenhos, e cultura das virtudes. Em
„ muitas Religioens, em que estava prevertida a
„ disciplina regular, se emendaraõ escandalos, e
„ reformaraõ costumes. Dilatou-se o Tribunal da
„ Inquisiçaõ de Coimbra com varios edificios, e
„ para os ordenados de seus Ministros se consigna-
„ raõ tres contos de renda, assentados no Arce-

„ bispado de Evora, e Bispado de Coimbra. Pa-
„ ra melhor expediçaõ dos negocios pertencentes
„ ao Tribunal da Mesa da Consciencia se lhe deu
„ novo Regimento; e para que os enfermos fos-
„ sem tratados com mayor caridade, e assistidos
„ com mayor vigilancia, se entregou às Casas da
„ Misericordia a administraçaõ dos Hospitaes de
„ Lisboa, Evora, Santarem, e Monte mór. Ce-
„ lebrou-se Capitulo da Ordem Militar de Santia-
„ go, onde para o seu augmento, e conservaçaõ
„ se estabeleceraõ novas Leys. Alcançaraõ-se de
„ Roma as meyas Annatas das Commendas; e
„ como se devem prover as novas, se tem deter-
„ minado por resoluçaõ de graves Letrados, co-
„ mo tambem o provimento dos Bispados, e Be-
„ neficios das Ilhas, e os ordenados, que se lhe
„ devem consignar, conforme a Bulla, que para
„ este fim foy expedida. Nas materias pertencen-
„ tes à conservaçaõ da Monarchia, me mostrey
„ naõ menos cuidadoso; e como a Justiça he a
„ virtude, que conserva os Imperios, appliquey
„ todo o desvélo em a nomeaçaõ de Ministros,
„ que fossem severos executores das Leys do Rey-
„ no. Premiaraõ-se os benemeritos, e castigaraõ-
„ se os delinquentes, usando-se com huns, e ou-
„ tros de summa equidade, pois nos primeiros
„ foraõ os merecimentos largamente remunera-
„ dos, e nos segundos os crimes severamente pu-
„ nidos. Para augmento da Fazenda Real se en-
„ cabeçaraõ

„ cabeçaraõ as sizas, sem violencia dos póvos;
„ accrescentaraõ-se cada anno na quantia de mais
„ de sessenta contos as do Reyno de S. Thome,
„ e Cabo Verde. Ordenou-se o modo como de-
„ viaõ seguramente arrecadarse as rendas do Rey-
„ no, e de que sorte se despendiaõ; foraõ muitos
„ Officiaes privados dos ordenados, que inutil-
„ mente cobravaõ; arrendou-se a Alfandega des-
„ ta Cidade. Ajustou-se a conta, que era muito
„ importante, com os moradores de Cabo Ver-
„ de àcerca dos escravos. Pagaraõ-se as dividas
„ de grandes cambios, e as de que eraõ acredo-
„ res os Contratadores se passaraõ a juro, em que
„ lucrou muito a Coroa, ficando senhora das es-
„ peciarias, que ha tantos annos, com grande
„ perda do Reyno, e excessiva conveniencia dos
„ Contratadores possuiaõ. Proveo-se a Casa da
„ India naõ só de Feitor, mas de muitos aprestos
„ necessarios para o aparelho das náos daquella
„ navegaçaõ, e se fabricaraõ novos galeões, ga-
„ lés, e caravelas, para levar, e trazer os gene-
„ ros de que abunda, e necessita aquelle Impe-
„ rio. Pagaraõ-se os soldos dos presidios de Afri-
„ ca. Continuou-se com largo dispendio na fa-
„ brica da Capella do Convento de Belem, e em
„ diversas officinas do mesmo Mosteiro. Dispen-
„ deo-se grande copia de dinheiro na reedificaçaõ,
„ e ornato de muitas Igrejas seculares, e Religio-
„ sas, como tambem no Palacio Real, naõ sa-
„ hindo

„ hindo taõ copioſo gaſto da fazenda de V. A.
„ Na parte, que pertence à gente Militar, como
„ ſeja o mayor antemural da Monarchia, ſempre
„ foy premiada com generoſa remuneraçaõ. Pro-
„ veraõ-ſe as Fortalezas de Capitães experimen-
„ tados, principalmente para a cabeça do Impe-
„ rio Aſiatico ſempre ſe nomeou hum Heroe, que
„ dignamente repreſentaſſe a Peſſoa do ſeu So-
„ berano. Partio para Tangere huma Armada
„ capitaneada por Lourenço Pires de Tavora,
„ onde ſe edificou huma grande Fortaleza. Con-
„ tra a expectaçaõ de todos ſe expediraõ duas Ar-
„ madas ſoberbas, guarnecidas de valeroſos Sol-
„ dados, ſendo a primeira governada por Fran-
„ ciſco Barreto, para conquiſtar a importante
„ Praça do Pinhaõ; e a ſegunda navegou para a
„ Ilha da Madeira, a caſtigar o inſulto com que
„ os Francezes tinhaõ ſaqueado a ſua Capital.
„ Fortificou-ſe a Cidade de Ceuta para reprimir
„ as invaſoens dos Mouros, e ſe levantaraõ os
„ Fortes de S. Giaõ, Caſcaes, Setuval, Attou-
„ guia, e outros lugares do Algarve, para de-
„ fenſa da Barra de Lisboa, e todas as Coſtas do
„ Reyno. A meſma providencia ſe executou em
„ todas as Ilhas, mandando fundar Fortalezas,
„ para ſegurança dos ſeus moradores, para cujos
„ preſidios ſe remetteraõ munições, armas, e ar-
„ telharia. Fez-ſe hum Regimento para o go-
„ verno eſpiritual, e temporal de toda a Coſta de
„ Guiné.

„ Guiné. Para ſe eternizarem as heroicas acções „ delRey D. Manoel, biſavo de V. A. ſe en- „ commendaraõ a hum grave Eſcritor, cuja Obra „ já eſtá acabada, e ſervirá a V. A. de exemplar „ perfeito, para que imite hum taõ grande Mo- „ narca. Celebraraõ-ſe os caſamentos de duas „ Sereniſſimas tias de V. A. cujas allianças dilata- „ raõ exceſſivamente as glorias deſta Monarchia. „ Na Cabeça do Mundo foraõ interpretes da obe- „ diencia de V. A. Varões inſignes; dos quaes „ eternamente durará a ſua memoria nos faſtos „ do Vaticano. Eſtas, e outras, que agora naõ „ repito, por naõ moleſtar a V. A. foraõ as acções, „ que obrey em todo o tempo, que adminiſtrey „ eſta Monarchia, devendo o bom acerto dellas „ a Deos como primeira cauſa de tudo quanto „ obraõ os homens, e depois à fidelidade, e ze- „ lo dos vaſſallos de V. A. ſeguindo ſempre os „ veſtigios daquella rara prudencia, com que a „ Rainha, minha Senhora, e Avó de V. A. ti- „ nha exercitado na regencia deſta Monarchia, „ eſperando da alta comprehençaõ, e maduro „ juizo de V. A. que emendará os meus erros, e „ intentará emprezas taõ heróicas, como nos „ prognoſtica o ſeu milagroſo naſcimento; cuja „ vida conſerve, e proſpere o Author de todas „ as felicidades, como lhe pedimos, para ſervi- „ ço ſeu, e de todos ſeus Reynos, e Senho- „ rios.

De-

9 Depois que ElRey ouvio attentamente reduzidas a taõ ſuccintas clauſulas as acções, que o Cardeal ſeu tio obrara em beneficio do Reyno, lhe cauſou grande admiraçaõ, que no eſpaço de ſeis annos as podeſſe ter executado, quando parece era ainda neceſſario mais largo tempo para meditallas, e louvando com affectuoſas expreſſoens o cuidado, e deſvélo, com que deſempenhara ſua grande capacidade no exercicio de taõ diverſas dependencias, lhe affirmou, que ſerviriaõ as ſuas maximas politicas de modello por onde com decoro da mageſtade regulaſſe os preceitos da difficil arte de reynar, ſendo no meſmo tempo amado dos vaſſallos, e temido dos inimigos.

Participa ElRey a S. Pio V. a ſua exaltaçaõ ao Throno.

10 Exaltado ao Throno Portuguez o noſſo Monarca lhe pareceo, que para complemento das felicidades auguradas ao ſeu Reynado, era neceſſario participar a ſua exaltaçaõ à Santidade de Pio V. que neſte tempo occupava com tanta gloria da Religiaõ Catholica, como confuſaõ dos ſeus Antegoniſtas, o Solio do Vaticano, a quem depois de proteſtar a profunda obediencia à Sé Apoſtolica, herdada de ſeus auguſtos Progenitores, lhe pedio quizeſſe alcançar com fervoroſas ſupplicas da Mageſtade Suprema, da qual era ſubſtituto na terra, que o ſeu peito ſe ornaſſe com as virtudes dignas de hum Principe Catholico, principalmente da Juſtiça, baze fundamental das Monarchias, para que com ſumma equidade diſtribuiſſe

tribuisse os premios, e os castigos conforme o merecimento dos benemeritos, e dos culpados. A esta supplica se seguia a recommendaçaõ de alguns negocios, em que era interessada a Monarchia, de que recebera a regencia, para que Sua Santidade os despachasse com a inteireza de que era summamente dotado. Foy mandado por interprete desta Embaixada D. Alvaro de Castro, que havia quatro annos voltara da Curia onde fora Embaixador, com tanta gloria da Coroa Portugueza, para que no mesmo theatro representasse o obsequio do seu Soberano, que lhe ordenou se restituisse brevemente ao Reyno, por necessitar muito do seu grande talento, determinando mandar logo por substituto do seu ministerio a D. Joaõ Tello de Menezes. As clausulas de que constava a Carta eraõ as seguintes.

„ Santissimo em Christo, Padre, e muito „ Bemaventurado Senhor. Eu D. Sebastiaõ, &c. „ Dia do Bemaventurado Martyr S. Sebastiaõ, des„ te presente anno, que he decimo quarto do meu „ nascimento, me entregou o Cardeal Infante, „ meu muito amado, e prezado tio, a quem até „ que eu chegasse a esta idade, em Cortes, que „ mandey fazer, fora encommendada a governan„ ça destes meus Reynos, e Senhorios, em mui„ ta paz, e quietaçaõ, na qual elle o tempo que „ a teve, servio a Nosso Senhor, e a mim, con„ forme ao que de sua muita prudencia, e raras

„ virtudes podia, e devia esperar, e eu aceitey
„ confiando mais que nas forças, e idade, que
„ assistindo-me o Senhor Deos com sua santa gra-
„ ça, e favor, e à Rainha, minha Senhora, e
„ dito Cardeal Infante, com ajuda, e conselho,
„ pode, se naõ em tudo, em parte, cumprir com
„ a obrigaçaõ, que pela Divina Providencia, e or-
„ denança me ha commettido, do que me pare-
„ ceo devido avisar a V. Santidade, para lhe pe-
„ dir por merce, como affectuosamente faço, que
„ em seus santissimos sacrificios peça, e rogue ao
„ Rey dos Reys, e Senhor dos Senhores Deos
„ Omnipotente, para que aderece minhas ten-
„ çőes, e acçőes, conforme aos meus desejos,
„ pelo caminho da justiça, e para lhe significar,
„ que essa Santa Sé applica a V. Santidade, par-
„ ticularmente a quem por suas singulares virtu-
„ des, e merecimentos eu especialmente muito
„ amo, e observo, teraõ sempre em mim hum
„ obedientissimo, e devotissimo filho, como o
„ foraõ todos os meus antepassados Reys, de glo-
„ riosa memoria, e que estimarey muito todas as
„ occasiões, que se offerecerem para a servir,
„ defender, e exaltar.

„ Vi o que V. Santidade, e D. Alvaro de
„ Castro, do meu Conselho, e meu Embaixador,
„ me escreveraõ sobre os negocios a que lho en-
„ viey, e as causas, e razőes, que moveraõ a
„ V. Santidade a me naõ satisfazer na materia dos
„ Pa-

„ Padroados dos Mosteiros destes Reynos, que
„ Pio IV. de boa memoria, seu Predecessor, me
„ concedeo, e V. Santidade geralmente revogou;
„ e posto que eu tinha muito, que replicar a
„ ellas para com razaõ poder, e dever esperar o
„ que lhe pedia, quiz antes conformarme com a
„ vontade, e satisfaçaõ de V. Santidade, nesta
„ parte, como em todo o mais farey, sempre
„ que tratar do meu particular interesse, e devi-
„ do respeito, e naõ importunar mais nisso, con-
„ siderando tambem, que com a graça, que V.
„ Santidade me fez de haver por bem, que os
„ Mosteiros se reformassem, e fossem daqui em
„ diante regidos por Abbades triennaes, e os que
„ para isso naõ forem convenientes se annexem a
„ outras Religioens reformadas, que com seus
„ Religiosos ajudem à conversaõ dos Gentios da
„ India, Brasil, e outros lugares de meus Senho-
„ rios, se alcançará o effeito para que eu princi-
„ palmente pertendia estes Padroados, que era
„ remediar os abusos, que na provisaõ dos Mos-
„ teiros, e vidas, e costumes dos Religiosos del-
„ les, o inimigo havia introduzido; e assim por
„ esta merce beijo os santos pés a V. Santidade,
„ e tambem pela que me fez de me enviar o es-
„ toque, e barrete, que D. Diogo de Mene-
„ zes, da sua parte me presentou, e eu recebi
„ com aquella reverencia, e devoçaõ, que se
„ devia, e merecia o santo dom, o qual eu pro-

,, curarey operar conforme as santas, e piedosas ,, admoestações de V. Santidade. E quanto ao ,, negocio do Convento de Thomar, póde V. ,, Santidade ter por muy certo, que me naõ mo- ,, ve ao que desejo outro respeito, que o servi- ,, ço de Deos, e zelo da propagaçaõ da Santa, ,, e Catholica Religiaõ, e Igreja, e proveito es- ,, piritual das almas de meus subditos, as quaes ,, causas deveriaõ parecer muy justas aos Religio- ,, sos daquelle Convento, se naõ tratassem mais de ,, viver opulentamente, que do que saõ obriga- ,, dos conforme a sua profissaõ: e por tanto peço ,, affectuosamente a V. Santidade por merce os ,, naõ queira ouvir em sua contradiçaõ, antes os ,, mande reprehender pelas informações, que lhe ,, tem presentadas contrarias à verdade, e ao que ,, digo; e pelo pouco respeito, que me tem usa- ,, do, que pelo de V. Santidade eu naõ quiz man- ,, dar castigar com a devida severidade, como ,, mais particularmente lhe dirá o dito D. Alva- ,, ro de Castro, e me queira a mim satisfazer no ,, que para taõ justos, e santos effeitos pertendo.

,, Eu enviey a V. Santidade o dito D. Al- ,, varo de Castro sómente para tratar as cousas, ,, que delle tem entendido, e lhe dey licença, ,, que isso feito, se podesse embora tornar; porém ,, recebi eu muito contentamento naõ haver elle ,, usado della, e que servisse V. Santidade com ,, titulo de meu Embaixador todo este tempo en-

,, tendo

„ tendo receberá V. Santidade a ſatisfaçaõ de ſua „ Peſſoa ; e porque eu tenho neceſſidade delle „ para me ſervir neſte principio de meus trabalhos, „ lhe eſcrevo ſe venha embora, e tenho nomea- „ do por meu Embaixador, para em ſeu lugar ir „ ſervir V. Santidade D. Joaõ Tello de Menezes, „ Fidalgo da minha Caſa, e do meu Conſelho, „ peſſoa de muita qualidade, doutrina, e virtu- „ de, do qual eu eſpero reſte V. Santidade ſatiſ- „ feito, e ſe fica fazendo preſtes a partida com „ a brevidade, que lhe for poſſivel.

„ Peço muito por merce a V. Santidade „ haja por bem a vinda de D. Alvaro, e lhe dé „ para iſſo licença, e credito em alguns negocios, „ que antes da ſua partida de minha parte lhe re- „ preſentará, que em ſingular merce o receberey „ de V. Santidade.

11 Foy taõ exceſſivo o jubilo, com que o Pontifice recebeo eſta Carta, que naõ permittindo a menor demora o ſignificou com feſtivos parabens ao noſſo Principe novamente ſublimado ao Throno, uſando de ſemelhante demonſtraçaõ com o Cardeal D. Henrique, por ter inſtruido com taõ religioſas maximas a ſeu ſobrinho, as quaes ſe veriaõ agora felizmente practicadas com admiraçaõ de toda a Monarchia. Tudo conſtava das Cartas ſeguintes.

Carta do Pontifice para El-Rey.

„ Lætum admodum nuncium attulerunt no- „ bis litteræ tuæ die tertio Martii datæ, ex quibus „ cogno-

Bzov. Pius Quint. Rom. Pont. sive Annal. Eccles. tom. ultim. ad ann. 1568. pag. 512, & 513. §. 43.

„ cognovimus Maiestatem tuam, cum jam ad „ annum decimum quartum ætatis suæ pervenisset, accepisse die festo Sancti Sebastiani, & eodem natali suo administrationem Regni, ac dominiorum suorum à dilecto filio nostro Henrico „ Cardinali Patruo suo magno, cujus summa fide, virtute, prudentia, ac deligentia ad id tempus administrata fuerunt. Egimus gratias Deo, „ qui Te optimâ disciplina, & vere paterna cura ipsius Cardinalis imbutum, & institutum ad „ eam ætatem perduxit; ut jam per te subjectos „ tibi populos, & nationes regere possis. In quo „ munere Te utentem, sicut semper facere debebis Serenissimæ Reginæ Aviæ, & ejusdem Patrui prudentissimis, fidelissimisque consiliis plane confidimus, & auguramur, responsurum „ esse laudibus Maiorum tuorum inclytæ memoriæ Regum. Quorum cum alias præstantissimas virtutes, & gloriosa facta tibi ad imitandum proposita habere debebis, tum præcipue „ pietatem erga Deum, & studium augendæ, & „ propagandæ Christianæ Religionis, ad quam „ propagandam quantò vehementiùs incumbes, „ tantò magis Divinum tibi semper aderit auxilium, & res omnes, quas ages, aut aggredieris fæliciùs succedent. De devotione, & obsequio, quæ Nobis, & huic Sanctæ Sedi Maiorum tuorum exemplo Te præstiturum omni „ tempore profiteris Maiestatem Tuam in Domi-

„ no

„no plurimùm laudantes, expectare Te ipsum „quoque à Nobis, & ab ipsa Sancta Sede volu„mus eximiam quandam charitatem, & quan„tum ipsius Sanctæ Sedis dignitas patietur in tuis „exaudiendis precibus benignitatem. In commu„ni illa revocatione Jurispatronatuum à fel. rec. „Pio Papa Quarto Prædecessore nostro conces„sorum non sine gravibus, & justis causis à no„bis facta, quod te æquo animo tulisse scribis, „gratiam quoque ab eo tibi factam comprehen„sam fuisse, ipsius devotionis erga Sedem Apos„tolicam tuæ magnum signum das; cum ejus ju„dicio sicut pio filio, ac moderato Rege dig„num est humiliter acquiescis. De Monasteriis „autem Regni tui, quorum regimen rectioris „administrationis causa reductis gratum Nos fe„cisse Maiestati tuæ gaudemus. Datum Romæ „die XXVI. Maii 1568.

Carta do Pontifice ao Cardeal D. Henrique.

„Dilecto nostro in Christo Filio Henrico „Cardinali Portugalliæ, Pius Papa Quintus. Cha„rissimum in Christo filium nostrum Sebastianum „Regem ad eam ætatem pervenisse, ut jam Reg„ni, quod summa fide, cura, & diligentia tua „ad hoc tempus administratum fuit abs te admi„nistrationem acceperit libenter admodum cogno„vimus, & Deo gratias agimus; quod is spem „afferat cum reliquis virtutibus tum pietate er„ga Deum, & observantia erga hanc Sanctam „Sedem, similem se foret maiorum suorum incly-

„tæ

„ tæ memoriæ Regum. Quod eo magis de illo „ ſperare poſſumus, quia non ſolum quo genere „ ortus fuerit, ſed etiam quali cura, & diligen- „ tia educatus, & inſtitutus ſit, novimus. In „ his autem Regni ſui initiis, quod ei unâ cum „ chariſſima in Chriſto filia noſtra Regina Avia „ ſua tu adfuturus ſis, id magnopere laudamus, „ & expedire putamus. Quibus enim meliori- „ bus conſiliis tenera adhuc ejus ætas niſi poteſt, „ quàm veſtris, quorum utrique genere quidem „ nepos eſt, charitate autem filius? Ille verò plu- „ rimùm Deo debet, quod vos ambo ea qua de- „ cet concordia inter vos, communique conſilio „ actus ejus ſitis, donec ætas ejus ita poſtulave- „ rit, directuri. Quod actiones quaſdam noſtras „ laudibus effers; eas quidem tibi probatas eſſe „ gaudemus: ſed ſiquidem agimus quod laudan- „ dum ſit, totam Deo laudem tribui cupimus, „ à quo bona cuncta procedunt. Cujus auxilium „ infirmitatis noſtræ Nobis conſcii, & tuis, & „ aliorum piis orationibus Nobis implorari vehe- „ menter cupimus, ut tantum onus, quod vires „ noſtras longè ſuperat, ſuſtinere poſſimus. Da- „ tùm Romæ XXVI. Maii M.D.LXVIII.

Manda a ElRey o Pontifice o eſtoque, e chapeo, e quem foy conductor deſtas militares inſignias.

12 Naõ ſómente manifeſtou a Santidade de Pio V. com palavras o terniſſimo affecto com que amava ao noſſo Monarca, mas deu mayores indicios da ſua paternal benevolencia, mandando-lhe como a Principe guerreiro, cujo coraçaõ

raçaõ ſe animava com eſpiritos marciaes, o eſtoque, e chapeo, que no ſolemne dia de Natal coſtumaõ benzer os Pontifices Romanos. Foy conductor deſtas militares inſignias D. Diogo de Menezes, filho de D. Fernando de Menezes, Commendador, e Alcaide mór de Caſtellobranco, que neſte tempo exercitava na Curia o lugar de Embaixador deſta Coroa, em cuja peſſoa diſpendeo prodigamente os ſeus dotes a natureza; pois ornando-o de huma gentil preſença, que conciliava geralmente os affectos, lhe deu huma viveza de engenho, que excedia a idade, pois quando contava doze annos, recitou huma Oraçaõ na lingua Latina, que mereceo as attençoes, e applauſos de todo o Collegio Apoſtolico.

13 Logo que entrou em Lisboa D. Diogo de Menezes, diſpoz o apparato, com que havia entregar ao noſſo Principe as dadivas Pontificias. Para eſte fim ſahio montado em hum ſoberbo cavallo pombo, precioſamente ajaezado, levando na maõ levantado o eſtoque, e da ſua ponta pendia o chapeo. Hia veſtido de huma opa arteficioſamente bordada, cuja cauda ſuſtentava de huma parte D. Affonſo de Lencaſtre, e da outra o Conde de Portalegre, e acompanhado do Marquez de Torres-Novas, ſeu irmaõ D. Pedro Diniz de Lencaſtre, e grande numero de Fidalgos, e Cavalheros, huns parentes, e outros

Pompa com que entrou em Lisboa D. Diogo de Menezes.

amigos de D. Diogo de Menezes, entrou no Paço, onde entregou o estoque, e chapeo, e assistido do mesmo acompanhamento se restituío a sua Casa.

14 Chegou o dia, em que ElRey havia de receber aquellas militares insignias, que o Pontifice lhe mandara, e para este effeito sahio do Paço acompanhado de toda a Corte, à qual precedia D. Diogo de Menezes levando levantado o estoque, e delle pendente o chapeo. Junto à pessoa delRey marchavaõ os Infantes D. Henrique, e D. Duarte, e logo proximos a estes a Rainha D. Catharina, a Infante D. Maria, a quem acompanhava o Senhor D. Antonio, e chegando toda esta lustrosa comitiva ao Convento de S. Domingos de Lisboa, se collocou sobre o Altar da parte da Epistola o estoque, e chapeo. Celebrou Missa de Pontifical o Capellaõ mór D. Juliaõ de Alva, e no fim della se poz junto do Altar huma cadeira de borcado, em que se assentou o Celebrante, e no ultimo degráo foy posta pelo Reposteiro mór Bernardim de Tavora huma almofada em que ElRey ajoelhou, e hum dos Assistentes do Bispo tirando do Altar o estoque, e chapeo o entregou ao Diacono, do qual o recebeo o Thesoureiro mór da Capella Real, e este o deu a D. Diogo de Menezes, de cuja maõ o tomou o Capellaõ mór, e depois de observar todas as ceremonias, que ordena em semelhantes fun-

Ceremonias com que ElRey recebeo as insignias mandadas pelo Pontifice.

funções o Ceremonial Romano, poz o chapeo na cabeça delRey, o qual era de veludo roxo, tinha a copa alta, e as abas estavaõ forradas de arminhos, nos quaes se divisava dibuxada em varias partes a figura do Espirito Santo, e todo era guarnecido de fitas de ouro, de que pendiaõ algumas pontas. Depois lhe cingio o estoque, que ElRey teve em quanto o Bispo cantou huma Oraçaõ diversa da que disse quando lhe cobrio a cabeça com o chapeo, e entregou huma, e outra insignia a D. Diogo de Menezes, que as conduzio ao Paço na fórma, que delle as trouxera.

CAPITULO IV.

Nomea ElRey D. Sebastiaõ Vice-Rey da India a D. Luiz de Ataide, a quem entrega huma instrucçaõ, pela qual deve regular o seu governo. Morre o Principe de Castella D. Carlos, e das suas Exequias, que celebrou aquelle Monarca à sua memoria. O mesmo obsequio practîca com a Rainha de Castella D. Isabel de Valois.

15 NAõ eraõ completos tres mezes, que ElRey D. Sebastiaõ tinha cingido a Coroa, quando evidentemente mostrou, que se a naõ herdara pelo nascimento, a merecia pelas acções, que obrou no principio do seu Reyna- 1568

do, ſendo a principal o Heroe, que eſcolheo para dignamente repreſentar a ſua ſoberana Peſſoa na Cabeça do Imperio Oriental, e governar com rectidaõ, e prudencia, taõ vaſto, como ſoberbo Eſtado. Para eſte fim conſiderando com madureza mayor, que a idade, o abatimento a que eſtava na India reduzido o valor militar dos Portuguezes, e querendo reſuſcitar as illuſtres façanhas, com que tinhaõ avaſſallado à ſua Coroa os mayores Potentados da Aſia, nomeou por Vice-Rey a D. Luiz de Ataide, filho de Affonſo de Ataide, e D. Maria de Magalhães, Senhores da Caſa de Atouguia, Varaõ taõ inſigne, que lhe ſobejava o eſplendor do naſcimento para occupar lugar taõ ſupremo; pois além do elevado juizo de que era dotado, lhe tinha ſervido de eſcola militar todo o Oriente, onde no governo de tres Vice-Reys deu claros argumentos de valeroſo Soldado, e prudente Capitaõ, ſervindo-lhe de prologo a eſtas acções heroicas as que com ſemelhante ardor obrara nas campanhas de Africa, e Alemanha.

He eleito Vice-Rey da India D. Luiz de Ataide.

16 Naõ ſatisfeito o animo daquelle Principe com a acertada eleiçaõ de taõ famoſo Heroe para o glorioſo fim, que intentava, ſe reſolveo, poſto que confiava tudo da ſua prudente capacidade, darlhe humas inſtrucções, pelas quaes dirigiſſe o ſeu governo; e para que em materia taõ alta, em que igualmente ſe intereſſava o zelo

ló da Religiaõ, e o augmento da Monarchia, naõ erraſſe, ſe recolheo ao Gabinete em huma ſexta feira de Quareſma, que ſe contavaõ doze de Março, e poſto de joelhos com os olhos no Ceo, e o coraçaõ em Deos, lhe ſupplicou humildemente foſſe ſervido inſpirarlhe os documentos, com os quaes ſe podeſſe reger, e conſervar taõ vaſto Imperio; e pegando da penna, eſcreveo os ſeguintes, que pela ſua judicioſa madureza parece que foraõ ſuperiormente dictados, e os entregou ao tempo da partida a D. Luiz de Ataide. Conſtavaõ deſtas formaes palavras. *Fazey muita chriſtandade. Fazey juſtiça. Conquiſtay tudo quanto poderdes. Tiray a cobiça dos homens. Favorecey aos que peleijarem. Tende cuidado da minha fazenda. Para tudo iſto vos dou o meu poder. Se o fizerdes aſſim muito bem, farvoshey merce. Se o fizerdes mal, mandarvoshey caſtigar. Se alguns regimentos forem em contrario deſtas couſas, ſupponde, que me enganaraõ, e por iſſo naõ haja que vos eſtorve iſto.*

Instrucçaõ, que ElRey deu ao novo Vice-Rey para dirigir o ſeu governo.

17 Eſta providencia, que D. Sebaſtiaõ practicou com as materias, que reſpeitavaõ à conſervaçaõ da India, a exercitou com mayor actividade nas que pertenciaõ aô augmento da Religiaõ. Tinha a Mageſtade de D. Joaõ o III. expedido huma Proviſaõ, pela qual mandava, que os Chriſtãos novos, que foſſem convencidos de heresia, ſe lhe naõ confiſcaſſem os bens por tempo de dez annos, mas que foſſem herdeiros delles os paren-

parentes dos condemnados, naõ tendo ſido comprehendidos no meſmo crime; ſendo o intento daquelle piedoſo Principe, que naõ receando os culpados perder as ſuas fazendas, mais facilmente confeſſariaõ os ſeus delictos, e ſe uniriaõ à Igreja, de cujo gremio ſacrilegamente ſe tinhaõ apartado. Paſſados dez annos deſta graça, ſupplicaraõ os Chriſtãos novos a ElRey D. Sebaſtiaõ, que lha prorogaſſe por ſemelhante eſpaço de tempo, cuja petiçaõ foy benevolamente deſpachada; e querendo elles alcançar do meſmo Principe ſegunda prorogaçaõ, lhes naõ foy concedida, por ſe conhecer quanto infructuoſa tinha ſido aquella graça; pois os Chriſtãos novos ſeguros de que conſervavaõ as ſuas fazendas, uſavaõ mais ſoltamente dos ſeus abominaveis ritos, e ceremonias, de que eraõ manifeſtas provas os innumeraveis, que ſe prendiaõ por complices das meſmas culpas; e para que de algum modo ſe impediſſe o abominavel progreſſo de taõ enormes delictos, reſolveo D. Sebaſtiaõ, vendo como os Chriſtãos novos tinhaõ abuſado da clemencia Real, negar o que lhe pediaõ, e ordenar, que nelles ſeveramente ſe executaſſe o caſtigo, que o Direito Canonico, e Civil decretavaõ; e antevendo com prudente conſideraçaõ, que deſenganados de alcançar, o que pertendiaõ, recorreſſem a Roma, eſcreveo o meſmo Principe ao Doutor Antonio Pinto, aſſiſtente na Curia, para

Margin notes: Supplicaõ os Chriſtãos novos huma graça, que ElRey lhes concede.

Naõ quer ElRey prorogar a graça, que tinha concedido.

para onde ſe reſtituira da larga jornada, que fizera ao Emperador da Ethiopia, como ſe fez mençaõ no Tom. 1. liv. 2. cap. 11. deſtas Memorias, a quem recommendou, que logo repreſentaſſe ao Pontifice as cauſas, que o moveraõ para negar a ſupplica, que lhe fizeraõ os Chriſtãos novos, ſendo a principal extirpar dos ſeus Reynos as hereſias, e conſervar o Tribunal da Inquiſiçaõ, como antemural da Fé, para reduzir a obſtinada contumacia dos ſequazes da ſynagoga; encommendando-lhe, que o aviſaſſe individualmente de tudo quanto o Pontifice reſpondeſſe neſta materia, applicando todo o cuidado em inquirir ſe por parte dos Chriſtãos novos ſe interpunha algum recurſo na ſua pertençaõ, para que com o meſmo deſvélo o impediſſe, valendo-ſe para eſte effeito da protecçaõ de alguns Cardeaes, aos quaes da ſua parte podia fallar, para que foſſem zeloſos defenſores de hum negocio, que era em obſequio da Religiaõ.

18 Notavel foy a differença de ſucceſſos, que no principio deſte anno ſe viraõ em Portugal, e Heſpanha, pois no breve intervallo de dous dias, que precederaõ à exaltaçaõ ao Throno delRey D. Sebaſtiaõ, ſe lamentou deſpojado delle o Principe D. Carlos, filho primogenito de Filippe Prudente. Tinha eſte Principe machinado humas idéas injurioſas à ſua ſoberania, pertendendo cingir a Coroa, e empunhar o Sceptro na vida de ſeu

Prizaõ do Principe D. Carlos ordenada por ſeu pay Filippe Prudente.

seu pay; e considerando este com aquella prudencia, de que era summamente ornado, os inconvenientes, que se podiaõ seguir de taõ ambicioso, e perfido intento, acudio promptamente a evitar taõ fatal calamidade, que igualmente arruinava a sua Real Pessoa, como a toda a Monarchia; e no dia dezoito de Janeiro, acompanhado do Duque de Feria, Ruy Gonçalves da Sylva, D. Joaõ Manrique de Lara, D. Antonio de Toledo, Prior de S. Joaõ, e Luiz Quixada, Senhor de Villa-Garcia, entrou no Gabinete do Principe: e receando este, que o pay esquecido de que o gerara, e sómente lembrado do insulto contra elle machinado, quizesse severamente punillo, começou a clamar, que se Sua Magestade o queria matar, elle naõ estava louco, mas desesperado do excesso, que com a sua pessoa se usava; mas Filippe nunca mais prudente, que nesta occasiaõ, ordenou, que o Principe ficasse prezo naquella casa, e recommendou a guarda do seu corpo a D. Francisco Gomes do Sandoval, Conde de Lerma, D. Rodrigo de Mendoça, irmaõ do Duque do Infantado, D. Rodrigo de Benavides, irmaõ do Conde de Santistevan, D. Gonçalo Chacon, irmaõ do Conde da Puebla de Montalvan, D. Francisco Manrique, irmaõ do Conde de Paredes, e D. Joaõ de Borja, irmaõ do Duque de Gandia, ordenando-lhes, que sómente fallassem com o Principe, confiando

Ferreras Histor. de Hespan. Tom. 14. ann. 1568. n. 2.

do da ſua fidelidade a prompta execuçaõ do que lhes mandava, e ſobre tudo naõ permittiſſem, que outra qualquer peſſoa entraſſe no Gabinete do Principe.

19 Executada por eſte modo a recluſaõ do Principe D. Carlos, determinou Filippe manifeſtar as cauſas, que o moveraõ, para que depoſta a ternura de pay, exercitaſſe a ſeveridade de Rey contra hum filho, que pelas ſuas obras o naõ parecia; e aſſim eſcreveo ao Papa, e a todos os Principes da Europa, informando-os do motivo, que o obrigara a executar huma acçaõ taõ eſtranha, e ſatisfazer a opiniaõ errada de muitos, que o julgavaõ por tyranno. Eſta noticia participou com eſpecialidade a ſua irmãa a Rainha D. Catharina, para que no ſeu conceito ficaſſe juſtificada a reſoluçaõ, com que prendera a ſeu ſobrinho, ſendo a Carta, que para eſte fim lhe eſcreveo, a ſeguinte.

Informa Filippe a todos os Principes da acçaõ, que obrara.

„ Señora. Aun que muchos dias antes del „ diſcurſo, vida, e modo de proceder del Prin„ cipe mi hijo, y de muchos, y grandes argu„ mentos, que para eſſo concurren, que ha dias, „ que reſpondi a lo que V. A. me eſcrevio, que „ tera viſto, y entendido la neceſſidad, que avia „ de poner en ſu perſona remedio, y el amor de „ padre, y conſideracion, y juſtificacion, que „ para venir a ſemejante termino de en eſto pro„ ceder, me tiene detenido, buſcando, y uſan-

Carta de Filippe Prudente á Rainha D. Catharina.

„ do de todos los medios, y remedios, y cami
„ nos, que para nò llegar a efte punto me pare-
„ cieron neceſſarios. Las coſas del Principe tienen
„ paſſado tanto adelante, y venido a tal eftado,
„ que para cumplir con la obligacion, que tengo
„ a Dios, como Principe, y Chriftiano, y a los
„ Reynos, y Eftados, que hà ſido ſervido dar-
„ me a mi cargo, nò pude eſcuzarme de hazer
„ mudança en ſu perſona, recogerle, y encarce-
„ ralle. Lo ſentimiento, y dolor, con que efto
„ tengo hecho, V. A. lo podrà juzgar por ſi,
„ que tendrà de tal caſo como madre, y Señora
„ de todos. Finalmente mi voluntad en efta par-
„ te es hazer ſacrificio a Dios de mi propria car-
„ ne, y ſangre, y preferir ſu ſervicio, y el be-
„ neficio publico a las otras conſideraciones hu-
„ manas. Las coſas anſi antiguas, como las que
„ de nuevo ſobrevinieron, que ſoy conftrangido
„ a tomar efta reſolucion, ſon tales, y de tal ca-
„ lidad, que ni yo las pudiera referir, ni V. A.
„ ver, ſin le ſer renovada dolor, y laftima. Lo
„ demàs a ſu tiempo lo entenderà V. A. ſolo me
„ parece aora advirtir, que el fundamiento defta
„ mi determinacion nò depende de la culpa, ni
„ inobediencia, ni deſacierto, ni enderezada a
„ caftigo, que aun que era efto ſufficiente mate-
„ ria, pudiera tener ſu tiempo, y termino; ni tan
„ poco tengo tomado por medio, teniendo expe-
„ riencia, que por efte camino ſe reformarán ſus
„ ex-

„ excessos, y desordenes. Tiene este negocio otro „ principio, y raiz, cuyo remedio nò consiste „ en tiempo, ni en medios, que es de mayor im„ portancia, y consideracion para satisfazer esta „ obligacion sobredicha, que tengo a Dios, y „ a mis Reynos; e porque del processo, que es„ te negocio tuviere, y de lo que adelante su„ cediere se certificarà V. A. parte, y razon le se„ rà dada continuamente, nesta nò tengo màs que „ dizir, que rogar a V. A. como madre, y Se„ ñora de todos, a quien tanta parte cabe de to„ do, nos encomiende a Dios, el qual guarde a „ V. A. como yo dezeo. De Madrid a 2 de He„ brero de 1568 años.

REY.

20 Tinha informado D. Francisco Pereira, Embaixador em Castella, ao nosso Principe deste successo, que pelas suas circunstancias causou em toda a Europa naõ pequena consternaçaõ, e expedio logo a Francisco de Sá, do seu Conselho, para que representasse a Filippe Prudente o alto sentimento, que recebera com a infausta noticia da prizaõ de seu primo o Principe D. Carlos, fazendo-se com a demonstraçaõ de castigo taõ severo publico a todo o Mundo a gravidade do delicto, com que manchara a soberania do seu nascimento, negando contra os dictames da natureza, e politica, a obediencia, que como fi-

Manda D. Sebastiaõ a Francisco de Sá, para que represente a Filippe o sentimento, que recebeo com a noticia da prizaõ do Principe D. Carlos.

lho, e vassallo, devia render a S. A. mas que esperava seria brevemente restituido à sua liberdade, por conhecer, que no coraçaõ de S. A. havia prevalecer a clemencia ao rigor. Naõ recebeo menor sentimento a Rainha D. Catharina com esta noticia, participada pela Carta, que lhe remettera seu irmaõ, a quem mandou explicar por Francisco de Sá, quanto ficara altamente sentida com o excesso, em que rompera a sua prudencia, provocada pelo injusto animo do Principe D. Carlos; mas como ternissimamente o amava, lhe pedia, moderasse o castigo contra este Principe, lembrando-se, que o gerara, e seria mais glorioso o seu nome, se permittisse, que ao amor cedesse a magestade.

O mesmo executa a Rainha D. Catharina.

21 Como o animo do Principe D. Carlos era excessivamente altivo, naõ podia tolerar, que nascendo para Rey, estivesse prezo como reo; e desanimado de alcançar liberdade, cahio em huma taõ profunda melancolia, que degenerando em furor, passou tres dias sem comer, até que cedendo a natureza à violencia de huma enfermidade causada pela debilidade do estomago, acabou a vida em 24 de Julho, quando contava vinte e tres annos e dezaseis dias de idade. Foy levado a enterrar com a pompa digna da sua pessoa, e depositado no Real Mosteiro de Religiosas de S. Domingos, entre os dous Infantes filhos dos Reys D. Pedro, e D. Henrique, até ser conduzido

Morre o Principe D. Carlos.

Cabrera Hist. de Filip. II. liv. 8. cap. 5.

zido ao Convento de S. Francisco de Toledo; como no seu Testamento tinha religiosamente ordenado.

22 Chegóu a funesta noticia da morte deste Principe em trinta de Julho a ElRey D. Sebastiaõ, e para explicar o alto sentimento, que concebera o seu coraçaõ, mandou a Castella por Embaixador Extraordinario ao Commendador mór D. Luiz de Lencastre, para que efficazmente representasse aos Reys Catholicos, e à Princeza D. Joanna de Austria o pezar, que experimentara com a intempestiva morte de seu primo, de que eraõ manifestas provas as Cartas seguintes.

Manda D. Sebastiaõ dar os pezames da morte do Principe D. Carlos aos Reys Catholicos.

,, Senhor. Muitas razoens tenho para sentir muito o falecimento do Senhor Principe, seu filho, que santa gloria haja; mas muitas mais tenho para me doer muito o sentimento, que sey, que V. A. com ella ha de ter; mas em tamanha dor, e em tamanha perda só Deos póde consolar: elle console V. A. e com razaõ devemos todos ser consolados, sendo a sua morte taõ catholica, e taõ christãa; e com tanto conhecimento de Nosso Senhor. Farmeha V. A. muy grande merce mandarme por D. Luiz de Lencastre, meu muito amado sobrinho, que envio, para da minha parte visitar V. A. dizer como está: e se ha em meus Reynos, em que eu possa servir V. A. que em tamanho nojo isto só me poderá dar contentamento.

Carta delRey D. Sebastiaõ para ElRey de Castella.

„ mento. Em tudo o mais me remeto a D. Luiz,
„ ao qual peço a V. A. queira dar no que àcer-
„ ca disto lhe disser, inteiro credito. Nosso Se-
„ nhor guarde a muy Real Pessoa de V. A. como
„ eu desejo. De Cintra, a 10 de Agosto de 1568.

REY.

Carta para a Rainha de Castella.

„ Senhora. Mando D. Luiz de Lencastre,
„ meu muito amado sobrinho, para da minha
„ parte visitar o Senhor Rey, meu tio, e a V. A.
„ pelo falecimento do Senhor Principe, seu filho,
„ que santa gloria haja; e porque o caso he a to-
„ dos de muy grande dor, e sentimento, beija-
„ rey as mãos a V. A. por nelle se querer haver
„ conforme a quem V. A. he, consolando ao Se-
„ nhor Rey, e assim como he razaõ, que o fa-
„ çaõ Reys taõ Catholicos, e Christãos; e rece-
„ berey muy grande merce de V. A. mandarme
„ por D. Luiz muitas novas da sua disposiçaõ,
„ que prazerá a Nosso Senhor, que seraõ as que
„ eu desejo. Nosso Senhor guarde a muy Real
„ Pessoa de V. A. como deseja. De Cintra, a
„ 10 de Agosto de 1568.

REY.

Carta para a Princeza D. Joanna de Austria.

„ Senhora. Neste grande sentimento, que
„ sey que V. A. ha de ter com o falecimento do
„ Senhor Principe de Castella, seu sobrinho, que
„ santa gloria haja, e para que ha tantas razoens
„ para

„ para aſſim dever de ſer, com nenhuma couſa
„ me podera eu mais ſatisfazer, que ir em peſ-
„ ſoa beijar as mãos a V. A. e pedirlhe com aquel-
„ le grande amor, que lhe tenho, quizeſſe de ta-
„ manha dor naõ tomar mais parte, que aquel-
„ la, que à ſua vida, e à ſua ſaude naõ podeſſe
„ trazer algum damno; mas já que por mim naõ
„ poſſo fazer iſto, ſendo a couſa, que mais de-
„ ſejo, mando D. Luiz de Lencaſtre, meu mui-
„ to amado ſobrinho, para em meu nome o fa-
„ zer. Beijarey as mãos a V. A. por lhe querer
„ dar, no que àcerca diſto de minha parte lhe
„ diſſer, inteiro credito; e ſendo ſervida darlhe
„ da ſua diſpoſiçaõ as muito boas novas, que eu
„ queria; porque quando aſſim forem, nenhuns
„ trabalhos por grandes, que ſejaõ, poderáõ ſuc-
„ ceder, com que eu naõ poſſa; as de mim lhe
„ dará D. Luiz, de quem V. A. as poderá ſaber.
„ Noſſo Senhor guarde a muy Real Peſſoa de
„ V. A. como eu deſejo. De Cintra, 10 de
„ Agoſto de 1568.

REY.

23 Expedido o Embaixador para Caſtella em o primeiro de Setembro, paſſou ElRey D. Sebaſtiaõ de Cintra a Lisboa; e para dar mayor argumento da dor, que o penetrara pela morte do Principe D. Carlos, mandou dedicar à ſua memoria, em vinte e cinco do dito mez, ſumptuo- Celebraõ-ſe Exequias ao Principe D. Carlos.
ſas

ſas Exequias, no Convento de Noſſa Senhora da Graça, cabeça da Provincia dos Eremitas de Santo Agoſtinho; e para que foſſem mais honorificas, aſſiſtio peſſoalmente o meſmo Monarca a toda aquella religioſa funçaõ, na qual orou elegantemente o inſigne Varaõ Diogo de Paiva de Andrade, elegendo para thema aquellas palavras de S. Joaõ no cap. 5. *Venit hora, & nunc eſt, quando mortui audient vocem Filii Dei.*

24 A eſte funebre obſequio ſe ſeguio outro igual em vinte e cinco de Outubro, no meſmo Templo, onde a piedade delRey D. Sebaſtiaõ mandou levantar hum ſoberbo Mauſoléo à lembrança ſempre ſaudoſa da Sereniſſima Rainha de Caſtella D. Iſabel de Valois, terceira mulher de Filippe Prudente, que fora tyrannamente deſpojada da vida pela cegueira da morte, em tres de Outubro, na florente idade de vinte e dous annos, cinco mezes, e dous dias. Foy o Panegyriſta das ſuas raras virtudes Fr. Thomas de Souſa, da Ordem dos Prégadores, a cuja pompa funeral aſſiſtio o noſſo Principe, que mandou perſuadir a Filippe com terniſſimas expreſſoens a conformidade, e reſignaçaõ, com que devia tolerar a falta de huma taõ ſoberana conſorte, cujos dotes excedendo o numero dos annos, ſómente podiaõ ſer coroados na eternidade.

Semelhante obſequio ſe practica com a Rainha de Caſtella.

CAPI-

CAPITULO V.

Promulga ElRey D. Sebaſtiaõ huma Ley, pela qual reduzio a moeda de cobre ao preço, que tinha antes de lavrada. Repugna o povo a ſua obſervancia, até que conheceo a conveniencia, que lhe reſultava. Relataõ-ſe algumas acções, que eſte Principe executou no principio do ſeu Reynado, e outras couſas memoraveis.

1568

25 O Paternal cuidado, com que logo no principio do ſeu governo attendia ElRey D. Sebaſtiaõ pela conſervaçaõ de ſeus vaſſallos, foy claro vaticinio da vigilante providencia, com que havia ſempre zelar as ſuas conveniencias, ſendo a prova mais evidente deſta vigilancia as acções, que neſte anno executou. Sabendo os Inglezes, ſempre ambicioſos de augmentar os ſeus lucros, que em Portugal valiaõ as moedas de cobre mais de metade do ſeu valor intrinſeco, introduziraõ, com offenſa da fé publica, em os noſſos pórtos grande copia dellas falſificadas, e as trocavaõ por outras de ouro, e prata, com tanto damno deſte Reyno, que havendo larga quantidade deſtas do valor de mil reis, e quinhentos reis, de tal ſorte as extrahiraõ, que raramente apparecia huma. Havia quatro annos,

Introduzem em Portugal os Inglezes moedas falſas de cobre.

que o Cardeal D. Henrique, como Regente do Reyno, tinha impedido ſemelhante introducçaõ deſtas moedas, que vinhaõ de Flandes cunhadas com as Armas Portuguezas, como mais largamente eſcrevemos no Tomo 2. liv. 2. cap. 6. deſtas Memorias; mas naõ foy baſtante a cautela, que naquelle tempo ſe practicou, para que os Inglezes deixaſſem de introduzir doloſamente entre outros generos a falſidade das moedas, de que recebiaõ naõ pequeno lùcro, e o noſſo Reyno graviſſimo damno.

Promulga ElRey huma Ley, em que reduz a moeda de cobre ao preço antes de lavrada.

26 Para evitar as perniciosas conſequencias deſta introducçaõ promulgou o noſſo Principe huma Ley, pela qual reduzio a moeda de cobre ao preço, que tinha antes de lavrada, declarando, que a de dez reis, valeria tres; a de cinco, real e meyo; e a de tres, hum real. Foy eſta Ley promulgada por todo o Reyno, em quarta feira da Semana Santa, que ſe contavaõ quatorze de Abril, deſte anno de 1568, e he inexplicavel de relatar a conſternaçaõ, que produzio em todo o povo; pois como havia grande falta de prata, e naõ corria outra moeda mais, que a de cobre, lhes parecia impoſſivel a ſua obſervançia, e paſſando a mayor deſeſperaçaõ, fecharaõ todas as logeas, para naõ vender ainda o que era preciſo para o ſuſtento da vida. De tal ſorte ſe foy augmentando eſte tumulto, que temendo-ſe, que delle ſe originaſſem mayores exceſſos, recor-

recorreo o Senado de Lisboa, e a Meſa da Miſericordia a ElRey, que aſſiſtia em Almeirim, para que attendendo ao cego furor do povo mandaſſe revogar a Ley promulgada; porém naõ ſe deferio a eſta ſupplica, antes ao Sabbado Santo chegou ordem expreſſa para exactamente ſe obſervar.

27 Com eſta noticia ſe exaſperou mais furioſamente o povo, conſiderando a grave perda, que recebia com a diminuiçaõ da moeda, e chegaraõ algumas peſſoas a penetrarſe tanto deſte infortunio, que com as proprias mãos ſe deſpojaraõ da vida; outras paſmadas, e atonitas diſcorriaõ pela Cidade, como ſe eſtiveſſem privadas do juizo. Naõ faltaraõ Miniſtros, que ſabendo antecipadamente da Ley, eſquecidos da rectidaõ, que deviaõ obſervar, mandaraõ chamar a muitos officiaes ſeus acredores, e lhe pagaraõ com a moeda, que corria; e imaginando os que recebiaõ o dinheiro, que tinha o meſmo valor, que até aquelle tempo conſervava, ſe achavaõ notavelmente defraudados, de tal ſorte, que quem cuidava receber dez toſtoens, levava ſómente tres; mas a Juſtiça Divina punio ſeveramente os authores deſtas iniquidades, acabando muitos delles infelizmente as vidas. Paſſado algum tempo, em que o povo ſe deixou perſuadir da utilidade da Ley promulgada, a receberaõ com grande ſatisfaçaõ, vendo, que com ella ſe fechava a en-

Conſternaçaõ do povo com a promulgaçaõ da Ley.

trada à moeda falsa, pois reduzida ao seu valor intrinseco, naõ era conveniente aos Inglezes a sua introducçaõ.

28 Outro argumento deu ElRey neste anno do zelo, com que attendia pelas conveniencias de seus vassallos, e sendo o principal a conservaçaõ das suas vidas, todo o seu cuidado applicou, para que houvesse grande numero de Medicos, que com o exercicio da sua Arte as prolongassem. Para este fim ordenou, que na Universidade de Coimbra se instituissem trinta partidos para Estudantes pobres, que fossem de geraçaõ limpa, e aprendessem a faculdade da Medicina, para os quaes fez hum Regimento em vinte de Setembro deste anno de 1568, por onde se regulasse a distribuiçaõ dos partidos. Era neste tempo Reytor da Universidade Ayres da Sylva, que depois coroou os seus merecimentos com a Mitra do Porto, e ultimamente acabou a vida na infeliz batalha de Alcacer, o qual convocando o Claustro pleno em vinte e nove de Novembro do mesmo anno, foy lido, e approvado o Regimento com todas as clausulas, de que constava, e até o tempo presente pontualmente se observa.

Institue ElRey na Universidade de Coimbra trinta partidos para Medicos.

29 Igualmente zelava o nosso Monarca a conservaçaõ da vida dos seus vassallos, como extremosamente sentia a morte daquelles, que eraõ dignos de mayor duraçaõ, como claramente o mostrou pela morte de D. Garcia de Castro, succedida

Morte de D. Garcia de Castro, e seu Elogio.

cedida em Almeirim a dezoito de Março deste anno de 1568. Foy este Cavalhero filho de D. Francisco de Castro, Capitaõ do Cabo de Guè, e de D. Isabel de Menezes. O heroico valor, que mostrou nas Campanhas de Africa, quando governou como Capitaõ General a Praça de Mazagaõ, e foy soccorrer por ordem delRey D. Joaõ o III. ao celebre Capitaõ Luiz de Loureiro, como tambem as proezas, que obrou na India o fizeraõ digno de que ElRey D. Sebastiaõ o fizesse Conselheiro de Estado, e do seu despacho. Está sepultado na Capella mayor do Convento de Santa Clara de Evora, que sua mãy dotou para jazigo de seus descendentes, onde o epitafio, que o cobre, he a mais sincera, e honorifica historia da sua vida. A outro semelhante Varaõ, assim no esplendor do nascimento, como na valentia do animo, despojou a morte em quatorze de Março deste anno, o qual foy D. Manoel de Lima, filho de Diogo Lopes de Lima, do Conselho dos Reys D. Manoel, e D. Joaõ o III. Senhor de Castro Dairo, e Alcaide mór de Guimãraes, e de sua mulher D. Isabel de Castro Pereira. Pelo largo espaço de vinte e cinco annos foy a India o theatro das suas heroicas façanhas, das quaes seraõ eternas testemunhas os Reynos de Calicut, e Cambaya, e a Cidade de Dio, onde em assedios, e batalhas mostrou a prudencia de Capitaõ, e o valor de Soldado.

Morte de D. Manoel de Lima, e seu elogio.

Esperança Hist. Seraf. Part. 1, liv. 2. cap. 22.

dado. Jaz em tumulo levantado ao lado direito da Capella mór do Convento de S. Francisco da Cidade de Lisboa.

Nomea ElRey diversos Prelados para as Diocesis Ultramarinas.

30 Naõ era menos activa a vigilancia, que ElRey applicava, para que se conservassem os seus vassallos observantes dos preceitos Divinos, nomeando para taõ sagrado fim Prelados, que com a doutrina, e exemplo os guiassem pelo caminho da vida eterna. Neste anno elegeo para Bispo da Ilha da Madeira a D. Fr. Fernando de Tavora, da Ordem dos Prégadores, filho de Fernaõ Cardoso, e Filippa de Brito, ambos da primeira nobreza da Villa de Santarem; e para Cochim a seu irmaõ, pelo vinculo da natureza, e profissaõ do Instituto D. Fr. Henrique de Tavora, que partio com o Vice-Rey D. Luiz de Ataide. A D. Nuno Alvares Pereira, que occupava a Cadeira de Angra, Capital da Ilha Terceira, accrescentou a renda por Carta feita em Cintra a vinte e nove de Julho, deste anno de 1568, consignando-lhe cento e vinte mil reis, que venceria elle, e seus successores, residindo, e mais sessenta, se pessoalmente visitassem as Igrejas da sua Diocesi: e faltando a estas condições, naõ cobrariaõ a dita quantia, a qual seria applicada para o Seminario, onde se educavaõ as pessoas, que se deviaõ dedicar ao ministerio de Altar. Naõ sómente accrescentou ElRey a renda do Bispo de Angra, mas com magnifica piedade

man-

mandou levantar a ſua Cathedral, para cuja fabrica ſe applicavaõ tres mil cruzados cada anno do rendimento da Ilha de S. Miguel, até que a obra ſe concluiſſe.

31 Neſte anno teve feliz principio a reformada Provincia de Religioſos Capuchos, debaixo da invocaçaõ de Santo Antonio, por hum Breve de S. Pio V. impetrado pelo Cardeal D. Henrique, de cuja penitente familia foy ſeu primeiro Provincial Fr. Antonio de S. Vicente, mais verſado na ſciencia dos Santos, que na das Eſcolas, o qual prudentemente a governou por eſpaço de ſete annos. A' inſtancia do meſmo Cardeal alcançou da Santidade de Pio V. outro Breve para reformar as Religioſas do Convento de Santa Clara do Porto, e ſendo commettida a reformaçaõ ao Cardeal, elle a ſubdelegou em Duarte da Cunha, Deaõ da Cathedral daquella Cidade, o qual, ainda que houve repugnancia da parte das Religioſas para aceitar a reformaçaõ, a executou com tal ſuavidade, e prudencia, que brevemente ſe reſtituîo aquella Communidade à regular obſervancia, que em grande parte eſtava remetida do ſeu primitivo rigor.

Principia a Provincia de Santo Antonio dos Capuchos.

Gonzaga de Origin. Seraph. Religionis Part. 3. pag. 1154.

CAPI-

CAPITULO VI.

Conquista gloriosamente D. Antaõ de Noronha a Cidade de Mangalor, onde edifica huma Fortaleza.

1568

32 CElebre foy o triunfo, com que D. Antaõ de Noronha felizmente começou neste anno as suas heroicas acções. Para castigar a soberba da Rainha de Olala, e render a Cidade de Mangalor, sahio com huma poderosa Armada, de que se fez distincta memoria no Tomo 2. liv. 2. cap. 33. destas Memorias: e tanto que a avistou, se resolveo a que fosse logo accommettida. Na entrada desta Cidade faz a terra huma lingua, quasi toda de area lavada do mar, e do rio por tres partes: e na face, que olha para a barra, estava levantado hum muro de doze palmos de grossura, que se estendia do rio até o mar, fortificado de alguns cubellos com bastante artelharia, e guarnecido de quinhentos Malavares, igualmente valerosos, que disciplinados. Defendiaõ, e seguravaõ a Cidade doze mil Soldados armados de diversos instrumentos, e artificios de fogo.

Como estava fortificada a Cidade de Mangalor.

33 Mandou o Vice-Rey desembarcar tres mil homens, divididos em seis esquadroens, de que

que eraõ Capitães D. Francisco Mascarenhas, Capitaõ de Malaca, D. Joaõ Pereira, seu cunhado, D. Antonio Pereira, seu irmaõ, D. Fernando de Monroy, D. Pedro de Castro, e D. Jorge Baroche. Na parte por onde determinava o Vice-Rey acometter a Cidade, se aquartelou D. Francisco Mascarenhas: e para que passasse alegremente a noite, se accenderaõ velas, a cujas luzes se poz a jogar, com tanta segurança como se estivera nos palmares de Goa. Observaraõ os inimigos a pouca cautela, com que estavaõ prevenidos os Portuguezes, e julgando, que as luzes os haviaõ de ter cegos, por ser a noite muito tenebrosa, se determinaraõ sahir quinhentos às dez horas pela banda da praya, resolutos a executar huma acçaõ taõ gloriosa para elles, como injuriosa para nòs. Com incrivel presteza fizeraõ a cincoenta Portuguezes victimas da sua espada; e passando a mayor excesso o seu atrevimento, acometteraõ a tenda de D. Francisco Mascarenhas, que estava acompanhado de D. Miguel de Castro, Joaõ Dornellas de Gusmaõ, e Gomes Eannes de Freitas.

Recebem os nossos algum damno dos inimigos por estarmos menos acautelados.

34 Em taõ improviso assalto se armaraõ tumultuariamente os nossos Soldados de espadas, e rodellas, e se começou a travar huma horrorosa pendencia, com tanta confusaõ, e desordem, que as sombras da noite naõ permittiaõ distinguir amigos de inimigos. Concorria mais para

nosso estrago a pouca disciplina dos Soldados, que hiaõ desembarcando, pois com tiros vagos matavaõ a muitos dos que estavaõ alojados pelas estancias. Acodio velozmente o Vice-Rey a impedir a derrota, que padecia a nossa gente, e encontrou a D. Francisco Mascarenhas rebatendo com taõ heroico valor a furia dos Mouros, que naõ era poderosa a grande copia de sangue, que corria de cinco feridas, para lhe diminuir o militar ardor do seu alentado coraçaõ. Neste conflicto eternisou a sua memoria D. Luiz de Almeida, pois sendo desamparado pela gente, que capitaneava, e sómente assistido de Matthias de Albuquerque, Ignacio de Lima, D. Lourenço de Almeida, Antaõ de Faria, Pedro Machado, Luiz Dias Collaço, e Francisco Piquel, fez de alguma sorte retroceder a furia dos barbaros, que à maneira de inundaçaõ tudo hiaõ devastando. Retiraraõ-se os Mouros gloriosos desta empreza; e o Vice-Rey para evitar segunda invasaõ, mandou abrir huma profunda cava defronte das tranqueiras inimigas, e acabada esta obra, se recolheo com alguma tristeza ao quartel.

Impede o Vice-Rey a derrota, que padecia a nossa gente.

35 Este tragico successo, que podia ser infausto vaticinio da conquista, que intentava D. Antaõ de Noronha, lhe naõ abateo os espiritos, para que na manhãa seguinte cinco de Janeiro deixasse de ordenar, que fosse acomettida a Cidade. Para fim taõ glorioso marchou na frente dos

Determina o Vice-Rey acometter a Cidade.

dos Soldados D. Joaõ Pereira, D. Pedro de Castro, D. Fernando de Monroy, e D. Jorge Baroche, a tempo que todas as fustas, e galés estavaõ dispostas para baterem a Cidade por todas as partes, principalmente quando os nossos Soldados quizessem assaltar os muros. Acompanhavaõ ao Vice-Rey Alvaro Paes de Sottomayor, Heitor de Mello, Jorge da Sylva Pereira, e outros Fidalgos authorisados. Os outros Capitães estavaõ repartidos pelos esquadroens; e na Armada assistiaõ D. Antonio Pereira, com seu sobrinho Nuno Alvares Pereira, observando os movimentos, que se faziaõ em terra.

36 Ao tempo que todos esperavaõ o final de acometter, resolveo o Vice-Rey, que para ser mais memoravel nos triunfaes Fastos do Oriente a conquista de Mangalor, se dilatasse para o dia seguinte, em que se solemnisava a Epifania, em que foy adorado pelos Principes Orientaes o Redemptor do Mundo: e assim o mandou significar a D. Joaõ Pereira, que marchava na vanguarda. Os Soldados anciosos de vingar a afronta recebida em a noite passada, obedecendo mais aos impulsos do seu brio, que às ordens do seu General, acometteraõ com furiosa impaciencia as tranqueiras, e soccorridos huns dos outros, se senhorearaõ dellas com morte, e estrago de innumeraveis inimigos, que confusos, e atropellados se refugiaraõ à Cidade.

He invadida Mangalor pela gente Portugueza.

37 Chegou à noticia do Vice-Rey o estrago, que padeceraõ os Mouros, e marchou pela banda da praya com a bandeira de Christo arvorada, e pela do mar D. Antonio Pereira, acompanhado de quinhentos homens; e unidos obrigaraõ aos Mouros, que retrocedessem até hum largo terreiro da Cidade onde estavaõ seis mil, que sendo animosamente acomettidos, naõ podendo sustentar por muito tempo o furor das nossas armas, se retiraraõ com precepitada fugida até o Palacio da Rainha, que foy entregue com outros edificios à voracidade do fogo. Neste dia morreraõ dos nossos quarenta, merecendo entre elles distincta memoria pelo valor, e nascimento D. Diogo Lobo; e dos inimigos passaraõ de trezentos, excepto o numero dos feridos, que foy excessivo. Abrazada a Cidade, e cortados os palmares, que a cercavaõ, se recolheo o Vice-Rey à Armada, para que descançassem os Soldados do conflicto passado; e considerando, que a lingua da terra por ser falta de agua doce, e exposta a ser comida do mar, naõ era capaz para se fundar a Fortaleza, que intentava; determinou de a edificar sobre huma chapa de terra alta, da banda do Norte, fronteira à Cidade de Olala, naõ sómente por ficar mais dominante ao rio, e barra, mas por ser mais proxima a ElRey de Bangel, grande amigo do Estado.

Rende gloriosamente o Vice-Rey a Cidade de Mangalor.

De-

38 Determinado o ſitio para a nova fundaçaõ da Fortaleza, ſe começaraõ a abrir os aliceſſes, ſendo o Vice-Rey o primeiro, que deu exemplo aos outros Fidalgos, e Capirães, para extrahir a terra, onde ſe havia levantar a Fortaleza, precedendo a eſta operaçaõ muitas ſalvas de artilharia, e outros inſtrumentos bellicos, que applaudiaõ com feſtivo eſtrondo a erecçaõ da nova fabrica. No dia conſagrado a S. Sebaſtiaõ lhe lançou o Vice-Rey a primeira pedra, que com grande apparato a levou ſobre ſeus hombros, ajudado de outros Fidalgos, e lhe poz o nome daquelle invicto Martyr, naõ ſómente em veneraçaõ do dia, mas em obſequio do Principe, que governava a Monarchia Portugueza. Acabada a Fortaleza, nomeou o Vice-Rey por Capitaõ della a ſeu cunhado D. Antonio Pereira com trezentos homens de preſidio: e providos os armazens de mantimentos para ſeis mezes, e deixados dez navios para defenſa daquella coſta, ſe recolheo a vinte de Março para Goa.

Funda-ſe huma nova Fortaleza em Mangalor.

CAPI-

CAPITULO VII.

Acommette ElRey do Achem com huma numeroſa, e formidavel Armada a Fortaleza de Malaca, e depois de varios aſſaltos ſe retira totalmente derrotado pelo valor de D. Leoniz Pereira.

1568

39 TInhaõ corrido cincoenta e ſete annos, que o grande Affonſo de Albuquerque conquiſtara, com immortal gloria do ſeu nome, a Fortaleza de Malaca, e em taõ dilatado eſpaço de tempo naõ podiaõ diſſimular os Reys do Achem, que os Portuguezes dominaſſem huma Praça, que era intoleravel freyo a todos aquelles póvos circumviſinhos. Igualmente do Sceptro, que do odio ao noſſo Eſtado, foy herdeiro Soldaõ Alaharadi, o qual vendo, que para ſe coroar Emperador de todo o Malayo, lhe faltava a Cidade de Malaca, determinou rendella, ainda que na conquiſta perigaſſe a ſua authoridade. Para eſte effeito mandou Embaixadores com precioſos donativos ao Graõ Turco, offerecendo-lhe o comercio das eſpeciarias de Maluco, e Bondajoa, e das mais partes do Archipelago, donde colheria innumeraveis riquezas; e em recompenſa deſtas dadivas, e offertas, lhe mandou

Inventa o Achem a conquiſta de Malaca.

dou o Turco quinhentos Soldados, muitos engenheiros, e grande copia de munições, e instrumentos militares. Com semelhantes obsequios mandou significar o Achem ao Chingoschan, Senhor de Baroche, que concorresse para a conquista de Malaca, pois com ella se conservariaõ senhores de todo o Oriente, dentro, e fóra do Ganges; e para a mesma facçaõ convidou ao Camorim, e aos Regulos da Costa de Masulapataõ, os quaes todos concorreraõ com igual numero de Soldados, que de munições.

40 Dous annos se consumiraõ na preparaçaõ da Armada, com que o Achem se resolveo a esta conquista, sendo a mais formidavel, que cruzou os mares da India, assim em o numero de vazos, que chegavaõ entre grandes, e pequenos a trezentos e cincoenta, como dos combatentes, que passavaõ de quinze mil, e mais de duzentas pessas de artelharia de bronze. Tanto que esteve prompto este apparato naval, se embarcou o Achem com toda a sua numerosa familia, a quem servia de magnifico ornato a gente militar da sua guarda, e dando às velas chegou ao porto de Malaca em vinte de Janeiro deste anno de 1568.

41 Governava esta Fortaleza D. Leoniz Pereira, hum dos mais valerosos, e prudentes Capitães, que tinha todo o Oriente, e ao tempo que appareceo a formidavel Armada, que cobria os

Apparato naval do Achem, com que appareceo diante de Malaca.

Couto *Decada VIII. da India* cap. 22.

Serenidade de animo, com que D. Leoniz Pereira recebe a Armada inimiga.

os mares, andava jogando canas com outros Cavalheros, preciosamente vestidos, cujo festivo applauso se dedicava aos annos delRey D. Sebastiaõ, que naquelle dia cumpria o numero de quatorze. Assistia a este alegre espectaculo todo o povo com aquelle jubilo, que he natural à fidelidade Portugueza; mas tanto que descubriraõ o poder maritimo, com que eraõ invadidos, se mudou repentinamente a alegria em temor, e susto com a consideraçaõ funesta, de que seriaõ fatal despojo de inimigo taõ formidavel. Acudio promptamente D. Leoniz com animo superior a todo o receyo, mandando a huns, que proseguissem o applauso, e a outros, que se naõ perturbassem, pois o Achem preparara todo aquelle apparato naval para fazer mais celebre aquelle dia em obsequio do nosso Principe, servindolhe de feliz vaticinio da victoria, que havia alcançar daquelle barbaro, o ter chegado em occasiaõ de tanto alvoroço. Para manifesto argumento da serenidade de animo, com que D. Leoniz recebeo aos inimigos, partio com os mais Cavalheros ao campo de Ilher, defronte do qual tinha surgido a Armada, e nelle se fizeraõ ayrosas escaramuças, entre as quaes se distinguia D. Leoniz, por ser muito destro Cavaleiro. Acabado este festivo applauso, começou a prepararse para a invasaõ, que esperava; e chegando-se a Armada a terra, salvou a Cidade com huma estrondosa

trondoſa deſcarga de artelharia, a cujo militar obſequio correſpondeo igualmente a Fortaleza.

42 Tanto que anoiteceo, mandou o Achem ſeus Embaixadores, aos quaes admittio D. Leoniz fóra da Fortaleza, eſtando a cavallo, e acompanhado de mil e quinhentos homens. Ao dia ſeguinte lhes fallou, ſentado em huma cadeira de veludo, aſſiſtido, para mayor authoridade da ſua peſſoa, de D. Belchior Carneiro, Biſpo de Nicea, e de D. Fr. Jorge de Santa Luzia, Biſpo de Malaca. Ao tempo que os Embaixadores entregaraõ a D. Leoniz a Carta do ſeu Principe, eſcrita em lingua Arabiga, com hum ſello de ouro pendente, ſe levantou, e a recebeo com benigno aſpecto, e depois de lida, lhe offereceraõ huma cabaya de brocado, e hum precioſo criz da parte do ſeu Soberano. Diſſimulou o noſſo Capitaõ a cavilloſa aſtucia, de que vinha reveſtida eſta Embaixada, e ſómente perguntou pela ſaude delRey, e ſeus filhos: e ao outro dia, chamados os Embaixadores, lhes entregou a repoſta para o ſeu Principe, acompanhada de outro preſente, que em numero, e qualidade, excedia ao que tinha recebido. Logo que o Achem leo a Carta de D. Leoniz, entendeo, que naõ era homem, que podia ſer facilmente enganado, e ſentio exceſſivamente, que foſſem penetrados, e quaſi deſcubertos os ſeus aſtutos deſignios.

Embaixada do Achem ao noſſo Capitaõ.

43 D. Leoniz, prevendo o intento do inimigo, se preparou para a resistencia; e sendo meya noite mandou entregar ao fogo a povoaçaõ de Ilher, cujas lavaredas claramente mostraraõ ao Achem, que eraõ inuteis os artefícios, que usava; e resoluto com este desengano, lançou gente em terra com bastante artelharia, plantada alguma della em huma estancia, que levantou distante setecentos passos do muro da Fortaleza, e outro entre a povoaçaõ de Ilher, e a Cidade, ao redor das quaes se abria huma larga cava semeada de estrepes. Tinha a Fortaleza mil braças de circuito, e era guarnecida de tres baluartes, e hum cubello, que estavaõ presidiados por Balthazar de Barros, Diogo Pires de Araujo, Ruy Carvalho, Nuno Leite, e Antonio Duraõ. Guardava a estancia da porta Gaspar de Sousa. O inimigo, confiando mais a conquista da Fortaleza na astucia, que no poder, naõ descançava em armar estratagemas, para ver se podia conseguir o seu intento: mas a vigilancia de D. Leoniz triunfava de todas estas maquinas; e para que em nenhum instante o achasse menos acautelado, corria todas as noites as estancias, dormindo em huma cadeira, assistido de D. Manoel Pereira, seu sobrinho, D. Fernando de Menezes, Estevaõ Leite Pereira, Joaõ Vieira, Pedro de Gouvea, Manoel de Moura, Francisco de Abreu, Simaõ Ferreira, e Diogo Mendes. Naõ se isentavaõ

Manda Dom Leoniz Pereira queimar a povoaçaõ de Ilher.

Vigilancia do nosso Capitaõ contra os designios do Achem.

tavaõ de taõ vigilante cautela os Bispos de Nicea, e Malaca com os Ecclesiasticos, orando huns no Templo pelo feliz successo das nossas armas, e discorrendo outros pelas estancias, ainda naquellas horas, em que mais suavemente domina o somno, para exhortar os Soldados, a que esperassem sem receyo o inimigo.

44 Crescia com grande velocidade a bataria, que levantavaõ os barbaros, e de tal sorte se aproximou ao baluarte de Fernaõ Peres de Andrade, que naõ mediava entre elle mais que humas casas derrubadas. Considerou o Capitaõ, que aquella trincheira era muito nociva à conservaçaõ da Fortaleza, e para que fosse derrubada, mandou a D. Francisco de Menezes com quarenta Portuguezes, e cem homens naturaes da terra. Sahiraõ no quarto da alva, e com igual felicidade, que impulso, entraraõ nas trincheiras, onde travando com os Mouros huma furiosa contenda, em que cada partido queria alcançar a gloria do triunfo, foraõ mortos mais de cem inimigos, entre os quaes acabou a vida o filho mais velho do Achem, que se intitulava Rey de Arû. Demolida a trincheira até os alicesses, nos recolhemos carregados de troféos, que publicavaõ o estrago dos inimigos, e a gloria das nossas armas. Diferente foy o successo, que teve Francisco de Moura, o qual marchando com quarenta Portuguezes, e alguns escravos buscar aos inimigos

Morre o filho do Achem em hum combate.

em hum lugar donde coſtumavaõ vir de noite, certos de naõ ſerem acomettidos, adiantando-ſe mais do que era neceſſario, carregaraõ improviſamente ſobre elle, ſendo logo desbaratado com a infeliz morte de Ruy Leitaõ de Brito, Joaõ Nunes do Rego, Gaſpar de Sá, e Joaõ Ferreira.

45 Varios eraõ os arteficios, com que o Achem ſe empenhava para conſeguir a empreza, que intentara: mas vendo que todos eraõ rebatidos pela incanſavel cautela do noſſo Capitaõ, aſſentou, que foſſe acomettida a Fortaleza com todo o poder, para cujo effeito foraõ poſtas eſcadas pelo ſeu circuito, com intento de que ſendo aſſaltada por todas as partes, e naõ podendo ſer defendidas pela pouca gente, que a preſidiava, por alguma ſeria entrada, donde naõ houveſſe reſiſtencia. Aos quatorze de Fevereiro mandou o Achem paſſar da parte de Ilher para a de Malaca grande numero de embarcações carregadas de Soldados, para nos perſuadir, que por aquelle lado queria dar o aſſalto; porém D. Leoniz entendendo o deſignio do inimigo, ſe fortificou da parte, que elle fingia deſamparar. Ao dia ſeguinte foy batida a Fortaleza com inceſſantes tiros, aſſim de noite, como de dia, cujo eſtrondo fazia mayor impreſſaõ nos ouvidos, que nos corações dos ſitiados. Ao romper da alva ſe levantou repentinamente huma nevoa taõ denſa, que impedia a viſta da Cidade. Muitos imaginavaõ

Arteficio do Achem, que lhe ſahio inutil.

navaõ ſer fumo procedido de algum grande fogo, que ſe accendera no outeiro da Bocachina; outros diſcurſaraõ ſerem vapores eſpeſſos exhalados da terra; mas como cercavaõ ſómente os muros, e a tiro de eſpingarda naõ exiſtiaõ, preſumiraõ, que aquella nevoa ſe extendera por arte magica, a qual dilatando-ſe pouco a pouco, ſervio de embaraço para que os noſſos naõ viſſem arrumar os inimigos as eſcadas à Fortaleza. Correraõ eſtes com grande vozaria, e muitos inſtrumentos deſafinados, fingindo querer dar aſſalto pela parte de Malaca, para que ficaſſe deſamparada a do Ilher; porém foy inutil eſte ardil, por ter ordenado D. Leoniz, que nenhum Soldado ſem ſua ordem ſahiſſe do lugar onde eſtava alojado.

46 Confiados os barbaros no engano, que nos armaraõ, acometteraõ pela banda de Ilher, donde tinha determinado o aſſalto, e ſubindo pelas eſcadas com furioſa reſoluçaõ, foy o primeiro emprego da ſua furia o baluarte Santiago. Neſte lugar experimentaraõ o mayor eſtrago, ſendo recebidos com hum diluvio de panellas de polvora, e outros inſtrumentos de fogo, de que procedeo chegar à noticia de D. Leoniz, que o baluarte ſe abrazava, cujo aviſo naõ inquietou o ſeu animo: antes mandou a D. Fernando de Menezes, D. Manoel Pereira, Eſtevaõ Leite, e Joaõ Vieira, que foſſem promptamente ſoccorrer

Inveſtem os inimigos o Baluarte de Santiago, onde ſaõ derrotados.

rer

ter aos nossos Soldados. Executaraõ com promptidaõ a ordem de D. Leoniz, e investindo pela retaguarda a mil Mouros, que estavaõ sobidos nas escadas, os precipitaraõ dellas com animosa resoluçaõ, ainda que receberaõ graves feridas. Naõ experimentaraõ menor destroço os barbaros no baluarte de S. Domingos, sendo velozmente soccorridos os seus defensores pelo valor de Francisco Paes, e Francisco de Moura.

47 Sobre o monte da Bocachina estava o Achem, montado em hum soberbo cavallo, vendo aquelle horroroso espectaculo, onde poucos Portuguezes resistiaõ à violenta impressaõ de dez mil barbaros, e ao estrondoso horror de duzentas pessas de artelharia, que incessantemente disparavaõ balas de extraordinaria grandeza. Os clamores de huns se confundiaõ com os gemidos de outros, querendo cada parte coroarse com os louros da victoria. Invocavaõ os Portuguezes, como seu Tutelar nos conflictos, ao Apostolo Santiago, para que como filho do trovaõ fulminasse aquelles sequazes das sombras, ao tempo, que estes cegamente superticiosos invocavaõ o abominavel nome de Mafoma, até que prevalecendo o nosso valor sempre invencivel, e agora mais que humano, contra taõ immensa multidaõ de barbaros, foraõ precipitados confusamente, assim dos muros, como das escadas, cujos cadaveres cobriraõ a larga circunferencia da Fortaleza.

Assalto geral, que deraõ à Fortaleza os inimigos, onde foraõ totalmente destroçados.

A

A vista deste funesto espectaculo desmayou o animo do Achem, conhecendo, que totalmente se tinhaõ arruinado as esperanças da conquista de Malaca; e naõ podendo dissimular a fatalidade de taõ grande perda, começou a blasfemar do seu Profeta, e lançando por terra a touca, que lhe cobria a cabeça, se retirou entre confusoens, e tristezas em vinte e cinco de Fevereiro para a Armada, taõ cortado de medo, que receando, que a sua artelharia fosse despojo do nosso triunfo, a mandou occultamente embarcar. Neste celebre sitio, onde tanto se acreditou o valor Portuguez, foraõ mortos mais de tres mil barbaros, e tantos os feridos, que no espaço de cinco dias se lançaraõ quinhentos ao mar, e muitas embarcações por falta de gente foraõ entregues ao fogo. Dos nossos sómente morreraõ no assalto Simaõ de Sampayo, Belchior de Carvalhaes, e Francisco Dias.

Retira-se o Achem confuso, e desesperado.

48 Embarcado com grande silencio o Achem, correo a noticia de que se tinha feito à véla, e começou a respirar o Capitaõ D. Leoniz Pereira da espantosa oppressaõ a que tinha reduzido aquelle barbaro a Fortaleza de Malaca. O Bispo com todo o Clero, e povo fizeraõ huma devota procissaõ, na qual com sagrados canticos agradeciaõ a Deos o feliz successo, que a sua piedade concedera às nossas armas contra huma taõ innumeravel multidaõ de barbaros. Depois de rendidas

Acçaõ de graças por taõ feliz successo.

rendidas as graças ao Author das Victorias, foy D. Leoniz com o Bispo discorrendo pelos muros, e baluartes, onde abraçavaõ os Capitães, e Soldados, que tinhaõ sustentado com tanto valor a violencia dos assaltos, louvando-lhe o esforço, com que aniquilaraõ a potencia do mais obstinado inimigo do Estado, por cujas façanhas seriaõ eternamente famosos os seus nomes nos fastos do Oriente. A muitos escravos, que neste sitio se distinguiraõ em acções valerosas, deu liberdade D. Leoniz, e a de outros resgatou com o seu dinheiro. Repartio com generosa profusaõ varias cadeyas, e medalhas de ouro a muitos Soldados, que preferindo a honra à propria vida, se offereceraõ como victimas em obsequio do seu Principe.

49 Este grande triunfo foy applaudido pela Armada de Joaõ da Sylva Pereira, que expedira o Vice-Rey para soccorro de Malaca, pois chegando a tempo, que já se tinha retirado o inimigo, converteo em applauso dos vencedores o furor, que haviaõ experimentar os vencidos. Mayores obsequios militares recebeo D. Leoniz Pereira delRey de Viantana, que navegando com sessenta navios contra o Achem, seu antigo emulo; e sabendo que fora destroçado, mandou salvar a Fortaleza com huma estrondosa descarga de artelharia, que se fazia menos horrivel pela consonancia de varios instrumentos, que applaudiaõ

ElRey de Viantana applaude com a sua Armada a victoria alcançada do Achem.

plaudiaõ o valor ſempre invencivel dos Portuguezes. O noſſo Capitaõ recebeo a eſte Principe com magnifica pompa na Fortaleza, o qual depois de huma larga practica foy examinando com os olhos as ruinas, que ainda eſtavaõ abertas nas muralhas, e o quartel onde ſe alojaraõ os inimigos, e admirado do esforço, com que os Portuguezes tinhaõ deſtruido poder taõ formidavel, lhes envejou a gloria de naõ ter ſido ſeu companheiro em facçaõ taõ heroica.

CAPITULO VIII.

Parte D. Luiz de Ataide para a India; he recebido em Goa com grande applauſo, e das primeiras acções do ſeu governo.

1568

50 Recebidas por D. Luiz de Ataide as inſtrucções neceſſarias para a direcçaõ do ſeu governo, partio de Lisboa em ſeis de Abril, embarcando em a celebre náo Chagas, que fora fabricada à cuſta da fazenda do grande D. Conſtantino de Bragança, e nella ſe reſtituira falizmente a eſte Reyno. Levava mil homens de guarniçaõ, em os quaes era igual a valentia dos peitos à nobreza das origens, acompanhado de quatro navios, de que eraõ Capitães Pedro Cezar, Antonio Sanches de Gamboa, Damiaõ

Parte D. Luiz de Ataide para a India.

de Sousa Falcaõ, e Manoel Jaques. No Cabo da Boa Esperança padeceo esta Armada huma furiosa tormenta, cuja violencia rompendo as vélas, e quebrando os mastos da náo Nossa Senhora dos Remedios, chegou a arrancar o leme, e despedaçar as vergas, e mastaréos da Capitanea, até que serenada a furia da tempestade aportou prosperamente a Goa em dez de Setembro.

Chega o Vice-Rey a Goa, e como foy recebido.

51 Tanto que se espalhou a noticia de que tinha surgido neste porto o novo Vice-Rey, concorreo tumultuariamente à praya todo o povo para o receber com sincéras, e festivas demonstrações; mas elle agradecendo o excesso do alvoroço, com que era applaudida a sua chegada, ordenou, que sómente fosse recebido pela gente militar. Para este effeito se demorou dous dias embarcado, e no terceiro sahio a terra entre duas fileiras, que formava a milicia do Estado, onde o recebeo entre os braços D. Antaõ de Noronha, augurando-lhe, que aquelle Imperio, quasi agonizante, renasceria a impulsos do seu heroico espirito, elevando-se a gloria taõ immortal, que fizesse esquecer a celebre memoria dos Gamas, Cunhas, e Albuquerques, seus famosos Fundadores, pois lhe parecia, que a fortuna estipendiaria das suas bandeiras, lhe concederia tantas victorias, que excedessem os dias do seu governo. A estes prosperos vaticinios, com que D. Antaõ de Noronha applaudia o futuro Vice-

reynado,

reynado, correſpondeo D. Luiz de Ataide com expreſſoens agradecidas; e levado debaixo do pallio à Cathedral, depois de render as graças a Deos, por ter vencido os perigos de taõ larga jornada, lhe ſupplicou humildemente protegeſſe as armas daquelle Imperio, aniquilando as maquinas, que contra a ſua eſtabilidade armava a poderoſa aſtucia dos Principes do Oriente.

52 He coſtume entre os Mouros obſervar com ſuperſticioſa inveſtigaçaõ as primeiras acções, que obraõ os Vice-Reys, para dellas conjecturarem as maximas do ſeu governo; e a primeira, que practicou D. Luiz de Ataide para que fizeſſe reſpeitado o ſeu nome entre aquelles barbaros, foy divulgar, que a Armada, que o conduzia, vinha carregada de inſtrumentos militares, e dinheiro, por ſerem as bazes, em que ſe havia ſuſtentar a guerra contra os inimigos do Eſtado; e conhecendo, como prudente Capitaõ, que eſte ſe naõ podia conſervar ſem forças maritimas, de cuja falta procedia o abatimento a que eſtavaõ reduzidas as noſſas armas; para reſtaurar o credito dellas, ſe applicou com grande deſvélo a examinar o numero, e qualidade dos navios, e achando os Armazens exhauſtos de munições, e mantimentos, como o erario de dinheiro, pedio algum preſtado ſobre ſua palavra, e em breves dias, com geral acclamaçaõ, fez navegar pa-

Primeiras operações do governo do Vice-Rey.

ra diverſas partes muitas eſquadras, igualmente fortes, que luzidas.

53 A primeira expedida para o Norte conſtava de huma galé, e ſeis navios, da qual era Capitaõ mór Affonſo Pereira de Lacerda, a quem ordenou foſſe a Batacala humilhar o orgulho de huns rebeldes, baſtando ſómente a ſua prezença, para que logo ſe rendeſſem. Para guardar a coſta do Malavar mandou a Martim Affonſo de Miranda, acompanhado de vinte navios, cujos Capitães eraõ Matthias de Albuquerque, D. Duarte de Lima, Joaõ de Mendoça, D. Luiz de Caſtellobranco, Fernaõ Telles, Ruy Fernandes Cabral, D. Lourenço de Almeida, e Franciſco de Souſa de Tavora. Para Banda, diſtante ſeis legoas de Goa, partio Ayres Telles de Menezes, com alguns navios, com que obrigou ao Tamadar, que ratificaſſe as pazes, que com o Eſtado tinha celebrado.

Triunfa do Pirata Canatale, D. Jorge Menezes.

54 Para reprimir a inſolencia do Pirata Canatale, que vagava entre a coſta de Goa até Chaul, navegou D. Jorge de Menezes, o *Baroche*, com duas galés, e hum catûr; e chegando à boca do rio Carapataõ, diſtante de Goa vinte e quatro legoas, aviſtou huma galeota de Mouros, a quem foy dando caça até a alcançar com a ſua galé, que era muito veleira. Reſolveo-ſe D. Jorge de Menezes abalroala; mas os inimigos, que excediaõ o numero de cento e oitenta,

oitenta, se defenderaõ taõ valerosamente, que por largo espaço rebateraõ o nosso impeto, até que Manoel Pereira de Lacerda, acompanhado de Sebastiaõ de Rezende, Antonio da Sylva, e outros Soldados de valor conhecido, fazendo ponte do esporaõ da galé inimiga, a entraraõ, despojando das vidas a todos os Mouros. Vendo o Capitaõ o fatal estrago, que experimentava a sua gente, antepondo com barbara eleiçaõ a morte ao cativeiro, degolou a seu filho, e dando em o proprio peito tres feridas penetrantes, se lançou ao mar. Ao recolherse D. Jorge levando atoada a galeota à popa da sua galé, encontrou doze navios, que hiaõ occupar a boca do rio Carapataõ. Naõ duvidou D. Jorge opporse ao intento dos Mouros, posto que eraõ superiores em o numero; mas estando a tiro de falcaõ, pararaõ, como receosos do perigo da batalha, do qual evadiraõ sahindo para fóra do rio com tanta velocidade, que sendo seguidos por espaço de duas legoas, naõ poderaõ ser alcançados, pelo militar ardor de D. Jorge de Menezes.

Pereira *Vida de D. Luiz de Ataide* liv. 1. cap. 2.

CAPI-

CAPITULO IX.

Parte Gonçalo Pereira Marramaque à conquista da Ilha de Zebû, e o naõ consegue. Chega a Maluco onde ElRey Aeyro lhe protesta vassallagem à nossa Coroa. Entra em Amboyno, e alcança dos Jaos huma gloriosa victoria.

1568 55 PAra proteger, e conservar a Christandade de Amboyno, e destruir totalmente as maquinas sempre aleivosas delRey Aeyro, partio de Malaca para Maluco Gonçalo Pereira Marramaque, com huma armada de quatro galeoens, e oito galeotas, guarnecidas de mil Portuguezes, de que eraõ Capitães D. Duarte de Menezes e Vasconcellos, Lourenço Furtado, Manoel de Brito, e Antonio Lopes de Siqueira, Mem Dornellas de Vasconcellos, Sebastiaõ Machado, Francisco de Mello, e seu irmaõ Simaõ de Mello. Chegando à barra de Borneo teve noticia, que em Zebû, huma das Ilhas Filippinas estava Miguel Lopes de Lagos, de naçaõ Biscainho, com huma Armada da nova Hespanha, e parecendo-lhe, que esta Ilha se incluîa na demarcaçaõ de Portugal, se resolveo intentar huma empréza mais gloriosa à fama do seu nome, do que à extensaõ da Fé, buscando aos Caste-

Intenta Gonçalo Pereira a conquista da Ilha de Zebû, e a naó consegue.

Castelhanos, que passavaõ de oitocentos, para os lançar fóra do lugar, em que estavaõ alojados. Quatro mezes consumio innutilmente neste intento, pois ainda que levou Pilotos para a direcçaõ da jornada, como eraõ pouco experimentados naquella navegaçaõ, e já tivesse passado o tempo, em que se cursaõ aquelles mares, voltou para Maluco bastantemente pezaroso, naõ só de naõ ter proseguido o principal fim da sua viagem, que era Amboyno, mas de que a mayor parte da sua gente miseravelmente acabasse à violencia da fome, e da sede.

56 Logo que Gonçalo Pereira surgio no porto de Talangame, o veyo buscar a bordo ElRey Aeyro, com sua mulher, e filhos; e como este fementido barbaro sabia, que o nosso Capitaõ tinha vindo para o mandar prezo a Goa, por aviso, que occultamente recebera de Henrique de Lima, affectando huma obsequiosa submissaõ, se offereceo para receber o castigo, de que naõ era digna a sua innocencia, falsamente accusada no Tribunal do Vice-Rey, o qual sendo rectamente informado, converteria em brandura o rigor, que contra elle fulminara; que naõ era necessario usar com elle de alguma demonstraçaõ violenta para reconhecer por seu Soberano a ElRey de Portugal, quando espontaneamente viera com toda a sua familia protestar a vassallagem a taõ grande Monarca. Estas affectadas expressoens, (Maliciosos artificios delRey Aeyro.)

naci-

nascidas de hum coraçaõ animado sempre da infidelidade, se prevenio taõ efficazmente Gonçalo Pereira, que recebendo nos braços a ElRey Aeyro, lhe segurou com discreta sinceridade, que a sua chegada àquelle porto fora para se dedicar ao seu obsequio, e naõ para o remetter prezo a Goa.

57 Naõ foy bastante a infelicidade, que experimentou Gonçalo Pereira na jornada de Zebû, para que com cega pertinacia se resolvesse a intentalla segunda vez, expedindo Antonio Rombo para investigar se o poder, que tinhaõ os Castelhanos estava augmentado com soccorros novos, com os quaes se fizesse mais difficultosa, e quasi impossivel a conquista, que meditava. Naõ correspondeo o successo ao desejo de Gonçalo Pereira, por causa da incapacidade de Antonio Rombo, pois naõ sómente investigou com dissimulaçaõ o que se lhe encommendara, mas revelou aos Pilotos Castelhanos o caminho mais facil para a navegaçaõ da China, Japaõ, e de todo aquelle Archipelago.

Segunda vez se intenta a conquista do Zebû, e se naõ consegue.

58 Tinha Gonçalo Pereira Marramaque escrito a D. Leoniz Pereira, como era conveniente ao serviço delRey, intentar segunda vez a jornada a Zebû, para cuja expediçaõ lhe pedia o soccorresse com alguns navios. Promptamente defirio a esta supplica D. Leoniz, por estar logrando os applausos da celebre victoria alcança-

da

da contra o Achem, mandando a Simaõ de Mendoça por Capitaõ de huma náo, guarnecida de duzentos e cincoenta Soldados, a quem acompanhavaõ outras, governadas por Gonçalo de Sousa. Chegaraõ a Ternate, e sabendo, que Gonçalo Pereira estava em Bachaõ, se juntaraõ neste porto, onde foraõ recebidos com grande alvoroço.

59 Tanto que foy tempo opportuno deraõ às vélas para Amboyno, em cujas prayas estavaõ fortificados seiscentos Jaos, e mais de dous mil Mouros da terra, divididos em tres emboscadas, e resolutos a disputar a desembarcaçaõ à nossa gente. Naõ intimidou a Gonçalo Pereira a determinaçaõ dos inimigos, antes com animo superior ao poder, que trazia, repartio os Soldados em tres esquadroens, levando a vanguarda Manoel de Brito, e a retaguarda D. Duarte de Menezes, e entre estes dous corpos marchava elle com Simaõ de Mendoça, que levava o Estandarte Real. Com incrivel valór arremetteo Manoel de Brito as tranqueiras, que estavaõ presidiadas dos Jaos; mas estes, resolutos a perder as vidas, peleijavaõ taõ desesperadamente, que na primeira investida nos mataraõ sete homens, e a outros feriraõ. Manoel de Brito, vendo o furor, com que os barbaros se defendiaõ, os acometteo com tal impeto, e violencia, que chegou a cavalgar as tranqueiras; porém foy taõ fortemente

Victoria alcançada em Amboyno dos Jaos.

rebatido, que quaſi eſteve reduzido a ſer fatal deſpojo dos inimigos. A eſte tempo rebentaraõ os que eſtavaõ occultos nas emboſcadas contra Gonçalo Pereira, e Simaõ de Mendoça, e os inveſtiraõ com tanta furia, que para rebater invaſaõ taõ violenta lhes foy preciſa toda a valentia de ſeus braços, até que rotos pelas noſſas eſpadas, deixaraõ para teſtemunhas da victoria oitenta mortos, e mais de cem feridos. Acudio Simaõ de Mendoça, já victorioſo, a ſoccorrer Manoel de Brito, que eſtava opprimido de huma barbara multidaõ, e juntos ambos a fizeraõ de tal ſorte retroceder, que buſcando por aſylos os matos, entre a ſua eſpeſſura padeceraõ a ultima ruina.

60 Deſemparada a povoaçaõ pelos Jaos, entrou por ella Gonçalo Pereira, e vendo a noſſa gente cegamente occupada no ſaco das fazendas, de que eſtava muito abundante, lhes mandou pôr o fogo, que abrazou a muitos Soldados, em cujos peitos era mais activo o ardor da cubiça, que vehemente a actividade das chammas, com as quaes foraõ reduzidos a cinzas os Juncos dos Jaos, que eſtavaõ varados na praya, cujo funeſto eſpectaculo cauſou a todos naõ pequeno horror. Recolhido à Armada Gonçalo Pereira, onde por quatro dias ſe eſtavaõ curando os Soldados das feridas, que receberaõ no conflicto, teve aviſo de que os Jaos ſe tinhaõ refugiado

giado a huma ferra, e querendo totalmente derrotar as reliquias do exercito já deftroçado, defembarcou com toda a gente, ordenando a D. Duarte de Menezes, que bufcaffe aos inimigos por hum lado, ao tempo que pelo outro os acometteffe. Logo que os Jaos defcobriraõ aos Portuguezes, começaraõ com vozes defentoadas a pedir pazes, de que era final fincéro huma bandeira branca, que tremolavaõ. D. Duarte de Menezes os conduzio a Gonçalo Pereira, que rendidos à vontade do vencedor, entregaraõ as armas, e embarcados em huma Champana, fe fizeraõ na volta de Java. Tinha Gonçalo Pereira ordem expreffa para edificar huma Fortaleza em Oto, mas como todo o feu cuidado era na empreza de Zebû, e fe naõ podia demorar por mais tempo naquelle porto, fatisfeito com a promeffa de Genulio, Capitaõ dos Otoanos, de lhe naõ impedir aquella fabrica, partio para Ternate a conduzir mayor poder para profeguir a expediçaõ das Filippinas, tantas vezes intentada, e nunca confeguida.

Pedem pazes os Jaos.

CAPITULO X.

Convertem-se varios Principes Orientaes à Fé Catholica, sendo o mayor defensor dos seus dogmas o Principe de Gotô contra a obstinada opposiçaõ dos Bonzos.

1568

61 GLoriosos foraõ os triunfos, que neste anno de 1568 alcançou a Fé Catholica da cegueira do Paganismo, nas vastissimas regioens do Oriente, concorrendo a soberania de muitos Principes a fazer com as suas Coroas mais magestoso o Throno do Divino Cordeiro. O primeiro, que abjurou os delirios do Alcoraõ, foy o pay delRey de Siau, que já em idade decrepita se regenerou a nova vida com as sagradas correntes do Baptismo. Seguio o seu exemplo ElRey de Sanguin, com a Rainha sua mulher, recebendo em Calangà, Capital do Reyno, a graça bautismal, de que foraõ participantes toda a nobreza, e plebe, repartida por bairros, e familias. Renovaraõ-se os matrimonios conforme o uso da Igreja Romana, e escolheraõ todos as mesmas esposas, que antes tinhaõ. Coroou taõ plausivel solemnidade o pio affecto, com que se arvorou o final da nossa Redempçaõ, para cujo effeito foraõ escolhidas as pessoas mais distinctas

Converte-se ElRey de Siau, e ElRey de Sanguin.

tinctas

tinctas em a nobreza do nafcimento, para bufcarem pelos matos huma arvore, que foffe igualmente precioſa, e direita. Tanto que foy defcoberta, a lavraraõ com tal perfeiçaõ, que nunca ſe vio naquellas regioens outra mais primoroſamente fabricada. Dous Reys dos Celebes a levaraõ fobre feus hombros, e fixando-a na terra, poſtos de joelhos, com toda a gente illuſtre, que ſe tinha por bemaventurada fómente com a tocar, lhe renderaõ devotas, e profundas adoraçõens. Em applauſo do fagrado Tronco foavaõ por toda a Cidade inſtrumentos muſicos, acompanhados de harmonicas vozes, que explicavaõ o jubilo, e alvoroço de eſtarem amparados com a ſombra da Arvore da vida.

62 Ainda a ſua fé deu mayores demonſtraçoens de como eſtava fortemente radicada em ſeus peitos. Em huma planicie cuberta de hum denſo arvoredo, que igualmente diſtava da Cidade, que do porto, para que foſſe frequentada dos Cidadãos, e navegantes, fundaraõ huma Igreja, para cujo effeito ſahiraõ as peſſoas mais nobres, armadas de fouces, e machados, para romper, e cortar aquelle verde labyrintho. O Rey como era muito decrepito, e naõ tinha forças para aquelle exercicio, preſidia, e animava a todos com a ſua preſença, e até a Rainha, querendo ſer participante de taõ pia, e devota obra, ſahio acompanhada de muitas donzellas illuſtres a arrancar

arrancar as ervas, e espinhos, para que o campo ficasse limpo para o edificio, que nelle se havia de erigir.

Conversaõ do Principe de Gotô.

Sousa *Oriente Conq.* Tom. 2. Conq. 4. Div. 1. §. 36.

Gusman. *Hist. de las Mission. de la Comp.* Part. 2. cap. 18.

63 Com outra Coroa se exaltou triunfante a Fé da idolatria, convertendo ao Principe successor do Reyno de Gotô de gentio em Apostolo. Com o nome de Luiz, que lhe foy imposto no bautismo, recebeo tanta luz superior, que com ella illustrou as trevas, em que estava sepultada a Princeza sua esposa, e a muitos Fidalgos, e plebe da sua Corte. Naõ satisfeito o seu catholico animo com estas conversoens, exhortou aos Regedores das mais Cidades do Reyno, para abraçarem os mysterios da nova Ley, que professava. Armou-se o demonio, pela boca dos Bonzos, contra o ardor, com que o Principe intentava lucrar todo o Reyno para Christo; e querendo perverter o povo, trataraõ, de que primeiramente o Principe seguisse as suas partes, e para este fim mandaraõ a D. Luiz por interprete das suas maquinas a hum irmaõ delRey, fundando na authoridade da pessoa o bom successo desta Embaixada, na qual lhe representavaõ ser grande escandalo de todos os vassallos daquella Coroa, que seguindo seu pay huma ley, professasse elle outra, totalmente diversa, e afrontosa às Divindades Japonezas, às quaes devia a soberania do Sceptro, e a magestade do Throno; com que sacrilega resoluçaõ se atrevia a negar a authori-

authoridade às escrituras authenticas, em que estavaõ escritos os milagres de Amida, e Xaca, quando com tanta firmeza confessava huma só natureza em tres Pessoas distinctas, conservarse huma Virgem depois do parto; serem as almas pasto do fogo eterno, e outros artigos impossiveis ao entendimento de os perceber, e à vontade de os abraçar; que se lastimasse da sua alma, e do amor, e lealdade de seus vassallos, naõ se deixando enganar por huns ignorantes, arrojados pelo mar às prayas daquellas Ilhas, para perturbadores da tranquilidade publica, sendo dignos de que com o seu sangue se extinguisse o fatal incendio, que tinhaõ introduzido naquellas regioens; que pelo credito do seu nome, pelo amor de seu pay, e pela segurança da sua Coroa, quizesse abraçar a ley, em que fora educado, porque sómente com ella poderia viver pacificamente feliz.

Artificios dos Bonzos contra ElRey de Gotò, para que abjure a Fé Catholica.

64 A estas palavras proferidas pela blasfema boca do Embaixador respondeo o Catholico Principe, que mais facilmente seriaõ Christãos todos os Bonzos, do que seguir outra vez os delirios da idolatria. Admirados os Bonzos da inalteravel constancia com que o Principe permanecia firme na Fé, que novamente abraçara, persuadiraõ a ElRey seu pay, que o reduzisse; e posto que elle entendesse ser unicamente verdadeira a Ley de Christo, cedendo ao tempo, aceitou a com-

commiſſaõ, e valendo-ſe da ternura de pay, e da authoridade de Principe o exhortou por repetidas vezes, já com rogos, já com ameaças a que retrocedeſſe da Fé, que obſervava, ou ao menos ſe fingiſſe exteriormente gentio. O Principe nunca mais digno da Coroa, do que neſta occaſiaõ, lhe reſpondeo animoſamente, antes perderia o Reyno do que renunciar a Chriſto, pois eſtava mais prompto para ſacrificar a vida em ſeu obſequio, do que os Bonzos empenhados em o privar della pela idolatria. Deſenganados eſtes infernaes miniſtros, de que as ſuas maquinas ſe naõ logravaõ, e que taõ continuadas batarias naõ faziaõ a mais leve impreſſaõ no animo do Principe, reſolveraõ, com diabolico artificio, obrigar a que todos os Chriſtãos abjuraſſem a Ley do Crucificado, para que o Principe ſe declaraſſe ſequaz deſte geral exemplo.

Perſiſte na Fé o Principe contra as perſuações de ſeu pay.

65 Naõ lhes ſahio o projecto como cegamente imaginaraõ, pois os vaſſallos amavaõ taõ extremoſamente ao ſeu Principe pela ſuave condiçaõ, e gentil preſença, de que era ornado, que nenhum delles retrocedeo da fé promettida no Bautiſmo, antes como ſe foraõ plantas robuſtas do Jardim da Igreja ſe preparavaõ para o martyrio, como premio, e naõ ſacrificio. Admirava-ſe eſta valentia ainda em os meninos, em cujos tenros corações eſtava taõ adulta a Fé, que ſe convidavaõ mutuamente para a morte. As

mãys

mãys esquecidas dos affectos da natureza, e sómente lembradas da gloria da eternidade, vestiaõ os filhos, e filhas das galas mais preciosas, para serem victimas do furor da gentilidade; e ultimamente todos de qualquer sexo, ou idade, se animavaõ pelas Praças, e ruas, para com o proprio sangue confirmar as verdades do Evangelho.

CAPITULO XI.

Morre D. Aleixo de Menezes, de cujas acções, como de outras pessoas distinctas se faz particular memoria.

66 HUma das mayores calamidades, que experimentou Portugal neste anno de 1569, foy o ser despojado de hum Varaõ taõ grande como D. Aleixo de Menezes, exemplar perfeito de maximas catholicas, e politicas. Para eterno brazaõ da dilatada arvore dos Menezes bastava este fruto, que lhe servio de gloriosa coroa, empenhando-se na sua formaçaõ a graça, e a natureza, ornando-o de entendimento profundo, e espirito heroico. Na Adolescencia ostentou varonil animo em a Praça de Azamor, onde foy emulo das valerosas proezas de seu insigne tio D. Joaõ de Menezes. Sendo pequeno

1569

Elogio de D. Aleixo de Menezes.

theatro a regiaõ de Africa para a grandeza do ſeu eſpirito, buſcou ao Oriente, onde como Soldado, e como Capitaõ, conquiſtou o Forte de Muar, ſoccorreo Coulaõ, obrigou a ElRey de Bintaõ a levantar o cerco de Malaca, e buſcar ao Soldaõ de Babilonia, que diſcorria ſoberbo pelo mar roxo com huma poderoſa Armada. Eſtas façanhas obradas na Aſia, foraõ os memoriaes, que apreſentoú a ElRey D. Joaõ o III. para ſer eleito Governador do Eſtado, cujo authorizado lugar naõ adminiſtrou por reſolver aquelle Monarca, que repreſentaſſe a ſua auguſta Peſſoa com o caracter de Embaixador à Mageſtade Ceſarea de Carlos V., e na concluſaõ dos deſpoſorios de ſua filha a Infante D. Maria, com o Principe de Caſtella D. Filippe. Exercitou os lugares de Mordomo mór da Rainha D. Catharina, e de ayo de ſeu neto D. Sebaſtiaõ, em cuja incumbencia, uſando de igual fidelidade, que madureza, naõ pode moderar os violentos impulſos daquelle Principe, deſtinado por alta Providencia a ſepultar a gloria deſte Reyno nas infelices areas de Africa. Para moſtrar, que ſempre attendera à conſervaçaõ da Monarchia, e naõ ao augmento da propria peſſoa, nunca aceitou merce alguma da liberalidade real, de que ſerá indelevel monumento a modeſtia, com que recuſou o Condado de Villa de Rey, dizendo, que era pobre para titulo taõ authorizado, poſſuindo unicamente

te a Alcaidaria mór de Arronches, dada em ſatisfaçaõ de huma Commenda, que ſe tirara a ſeu filho. Entre o tumulto da campanha, e a politica do Gabinete preferio a honra ao intereſſe, e a verdade à liſonja. Mais cheyo de merecimentos, que de annos, deixou a vida caduca pela eterna a ſete de Fevereiro de 1569. Foy caſado duas vezes, a primeira com D. Joanna de Menezes, ſua ſobrinha, filha de D. Henrique de Noronha, de quem teve a D. Luiza de Menezes, caſáda com D. Pedro de Menezes, oitavo Senhor de Cantanhede, o qual morreo ſem ſucceſſaõ. Por ordem delRey D. Joaõ o III. paſſou a ſegundas vodas, quando contava a provecta idade de ſetenta e cinco annos, deſpoſando-ſe com D. Luiza de Noronha, filha de D. Alvaro de Noronha, de quem teve a D. Luiz de Menezes, que infelizmente morreo na batalha de Alcacer em a idade florente de vinte e tres annos: D. Alvaro de Menezes, Pagem da Campainha delRey D. Sebaſtiaõ, que caſou com D. Violante de Tavora, e acompanhando eſte Principe na jornada de Africa, perdeo a liberdade, e ſendo a ella reſtituido lhe deu o Cardeal D. Henrique, em premio dos ſeus ſerviços, os bens da Coroa, que foraõ de ſeu irmaõ; caſou com D. Violante de Tavora, filha de D. Vaſco da Gama, Conde da Vidigueira: D. Pedro de Menezes, que deſprezando as eſperanças, com que o liſonjeava o Mun-

do, ſe recolheo em idade de quinze annos à Religiaõ dos Eremitas de Santo Agoſtinho, onde mudando o nome de Pedro em Aleixo, ſervio de exemplar aos mais Religioſos, cultores do ſeu Eſtatuto. Elevado à Mitra Primacial de Goa, reformou os abuſos, que inficionavaõ as ſuas ovelhas, e reduzio ao gremio da Igreja Romana os antigos Chriſtãos de S. Thome, que vagavaõ cegós com o ſciſma dos erros de Alexandria. Da Mitra de Goa paſſou à de Braga, illuſtrando com as luzes das ſuas exemplares acçóes o Oriente, e Occidente. Além deſtes tres filhos, teve D. Aleixo de Menezes duas filhas, D. Beatriz, que morreo na infancia, e D. Mecia, que caſou com D. Luiz Coutinho, quarto Conde de Redondo, ſendo taõ illuſtre deſcendencia a immortal coroa de taõ inſigne Heroe.

Elogio de D. Joaõ Pereira.

67 Neſte anno pagou o inevitavel tributo de mortal, merecendo mayor duraçaõ, D. Joaõ Pereira, filho de D. Franciſco Pereira, Commendador do Pinheiro de Azere, Védor do Infante D. Luiz, e Embaixador em França, e Caſtella; e de ſua ſegunda mulher D. Franciſca da Guerra, filha de Alvaro de Carvalho. Foy ornado de todas as partes dignas do ſeu naſcimento, principalmente na Arte da Cavallaria, em que era igualmente deſtro, e ayroſo, como moſtrou ſendo hum dos Guias das Cavalhadas, que em Lisboa no anno de 1565 ſe fizeraõ, em applau-

applauso dos Desposorios da Serenissima Senhora D. Maria, com o Duque de Parma Alexandre Farnesi. Casou com D. Guiomar de Castro, filha de D. Pedro de Noronha, Senhor de Villa-Verde, de quem teve descendencia.

68 Tambem foy despojo da parca em Lisboa, onde tivera o berço, o insigne Doutor Antonio Ferreira, Fidalgo da Casa Real, Desembargador da Casa da Supplicaçaõ. Foy filho de Martim Ferreira, Cavalleiro da Ordem de Santiago, Escrivaõ da Fazenda do Senhor D. Jorge, Duque de Coimbra, e de Mecia Froes Varella. Desde a primeira idade cultivou a Poesia, sendo hum dos mais canoros Cisnes do Parnasso Portuguez, em cuja metrificaçaõ se admiraraõ unidas a profundidade dos conceitos com a affluencia das vozes. A laboriosa applicaçaõ de Ministro lhe naõ embaraçou o commercio com as Musas, reformando muitas Obras produzidas no verdor dos annos, para instrucçaõ da vida moral, e politica. Jaz sepultado no Cruzeiro do Convento do Carmo de Lisboa, e sobre a sua sepultura estaõ gravados hum Epitafio Portuguez, e hum Epigramma Latino, que declaraõ o caracter da sua pessoa. Por diligencia de seu filho Miguel Leyte Ferreira, se fizeraõ publicos os seus Poemas.

Elogio do Doutor Antonio Ferreira.

CAPI-

CAPITULO XII.

Empenha-se Filippe Prudente casar a seu sobrinho ElRey D. Sebastiaõ com a Infanta de França Margarida de Valois. Repugna à conclusaõ destes desposorios a Rainha D. Catharina, e se relata o que se obrou nesta negociaçaõ, que naõ teve effeito.

1569

69 SEndo inexcrutaveis à comprehensaõ humana as disposiçoens da Divina Providencia, nunca se fizeraõ taõ patentes aos nossos olhos, do que quando para total ruina desta Monarchia, permittio, que se naõ effeituasse o casamento delRey D. Sebastiaõ, por tantas vezes intentado, e nunca concluido. Frustradas as diligencias, que se applicaraõ para esta negociaçaõ em os annos de 1562, e 1566, das quaes fizemos particular memoria, se empenhou Filippe Prudente, a cujo cuidado estava comettida a conclusaõ deste negocio, que se desposasse o nosso Principe com sua prima a Archiduqueza D. Isabel, filha segunda do Emperador, e naõ com Madama Margarida de Valois; e como este era o desejo da Princeza D. Joanna de Austria, e da Rainha D. Catharina, mãy huma, e outra avò delRey D. Sebastiaõ, como tambem da Archi-

Determina-se, que case ElRey D. Sebastiaõ com a Archiduqueza de Austria.

Archiduqueza, querendo preferir o thalamo de Portugal ao de França, se determinou com geral alegria de todos, que com esta Princeza se celebrasse taõ soberano consorcio. Alterou toda esta determinaçaõ a intempestiva morte da Rainha de Castella D. Isabel de Valois; porque chegando a Pariz esta infausta noticia, logo mandou seu irmaõ Carlos IX. a Castella ao Cardeal de Guisa, para dar os pezames a seu cunhado Filippe Prudente; e como este Principe estava igualmente despojado da esposa, e de successor para a Coroa, por lhos ter roubado a morte em o mesmo anno; propoz para nova consorte a sua irmãa Margarida de Valois, confiando desta alliança, que sempre teria por auxiliares as Armas de Hespanha contra os Hugonotes, que naquelle tempo fortemente vexavaõ a Monarchia Franceza.

Cabrera *Hist. de Filip. II.* liv. 8. cap. 11.

Propoem Carlos IX. de França para esposa de Filippe Prudente a sua irmãa Margarida de Valois.

70 Proposto por Carlos IX. o casamento de sua irmãa com ElRey de Castella, se deliberou a promover o da sua pessoa com a Archiduqueza de Austria D. Anna, filha mais velha do Emperador, mandando-lhe significar pelo seu Embaixador, o Conde de Fiesco, assistente na Corte Imperial, ficando reservada para esposa do nosso Principe a Archiduqueza D. Isabel. Naõ agradou ao Emperador a proposta delRey de França, pois queria, que sua filha D. Anna casasse com ElRey de Castella; e para que se effeituasse,

Intenta Carlos IX. casar com a filha mais velha do Emperador.

Prefere o Emperador o casamento de Castella ao de França.

tuasse, escreveo a Ruy Gomes da Sylva, e ao Cardeal Espinosa; e a Emperatriz a Luiz Venegas de Figueiroa, para que Filippe preferisse o casamento de Alemanha ao de França, por lhe ser mais conveniente ter por alliados os Alemães, que os Francezes, para os interesses de Flandes, e Italia.

Casa ElRey de Castella com a filha primeira do Emperador, e com a segunda ElRey de França.

71 Aceitou Filippe a proposta do Emperador, como taõ util às conveniencias da sua Monarchia, casando com sua sobrinha a Archiduqueza D. Anna; e para satisfazer o Emperador à supplica de Carlos IX. lhe deu por consorte a sua filha segunda D. Isabel: e como esta se tinha destinado para esposa do nosso Principe, se resolveo, que em seu lugar casasse com ElRey D. Sebastiaõ a Infanta de França Margarida de Valois. Naõ causou pequena consternaçaõ em a nossa Corte a mudança, que se fizera em o casamento delRey D. Sebastiaõ; porque ainda que a Infanta Margarida foy a primeira, que os nossos Ministros elegeraõ para esposa do nosso Principe, e fosse no esplendor do nascimento igual à Archiduqueza de Austria D. Isabel, com tudo como esta Princeza, e naõ aquella fora ultimamente eleita para consorte do nosso Monarca, devia Filippe Prudente, antes de se executar esta mudança, saber do nosso Principe, se era do seu agrado receberse com a Infante de França. A Rainha D. Catharina, que estava summamente empe-

Determina-se, que case o nosso Principe com a Infante de França.

empenhada em que ſeu neto ſe alliaſſe com a Caſa de Auſtria, eſtranhou com grande exceſſo o modo, que neſta negociaçaõ practicara ſeu irmaõ, o qual para ſe juſtificar em materia de tantas conſequencias eſcreveo a ElRey, e à Rainha as Cartas ſeguintes.

Carta delRey de Caſtella para o noſſo Principe, copiada do Original.

„Señor. A la Reina mi Señora eſcrivo „muy larga, y particularmente, lo que ſe ofre„ce ſobre el caſamiento de V. A. que por ſer „materia deſta calidad me ha parecido mas con„veniente tratarla con Su Alteza, y por ſu me„dio, como madre, y Señora de todos; y pues „ella lo ha de comunicar a V. A. nò ſera meneſ„ter, que yo lo repita, ſinò remetirme a aquel„lo, y dizir ſolamente, que pues V. A. ſabe lo „mucho, que le amo, y eſtimo, puede, y de„ve tener por muy cierto, que en lo que haſta „agora ſe ha tratado, y en lo que de nuebo ſe „propone, mi principal fin, y cuidado ha ſido, „y es procurar, y endereçar el beneficio de V.A. „y ſu deſcanſo, y contentamiento, teniendo „particular cuenta con ſu autoridad, y reputa„cion, y que deſeo mucho, que aſſi como mi „inſtruccion, y voluntad neſte negocio es muy „buena, y muy endereçada al ſervicio de Nueſ„tro Señor, y al bien de V.A. aſſi ſe acierte en „los medios para lo guiar, y traer al efecto, que „conviene, que es lo que todos le deſeamos, y „procuramos, y nello harè yo haſta dexarlo al

„ cabo, quanto em mi fuere con amor, y cuidado de muy verdadero padre, y espero en „ Dios, de cuya mano ha de proceder todo, que „ lo ha de encaminar de manera, que el quede „ muy servido, y V. A. y todos muy contentos. „ El lo aya, y guarde la muy Real Persona de „ V. A. como deseo. De Madrid postrero de „ Hebrero de 1569.

Buen Tio de V. A.

YO ELREY.

Carta delRey de Castella para a Rainha D. Catharina, copiada do Original.

„ Señora. No he escrito a V. A. ni respondido a su Carta de tres de Mayo en lo del casamiento del Señor Rey, mi sobrino, porque „ cierto me ha tenido este negocio en mucho cui„ dado, y nò con poca perplexidad deseando tan„ to por una parte el efecto de lo que estava tra„ tado, y haviendo ocurrido por otra tales nove„ dades, que lo impiden, que ha sido menester „ tiempo para mirar bien lo que conbiene, y po„ der advertir a V. A. y al Señor Rey mi sobri„ no de todo lo que en este caso ay que conside„ rar, para que V. A. como madre, y Señora de „ todos guie, y encamine con su mucha pruden„ cia, y cristiandad aquello que mas convenga al „ servicio de Dios, y beneficio publico, y al „ contentamiento, descanso, y autoridad delRey „ mi sobrino, que yo tanto deseo ya que tengo „ muy principal fin, y nò me ha parecido repe-

„ tir

„ tir aqui a V. A. lo que neſte negocio deſde ſu
„ principio ha paſſado, ni los fines, y conſide-
„ raciones, y particularmente a mi ſuſtancia ſe
„ tuvieron, para que ſe dexaſſe la platica de Fran-
„ cia, y ſe trataſſe lo de la Princeza Iſabel mi
„ ſobrina, ni lo de mas, que en el proceſſo deſto
„ ha havido haſta la partida del Archiduque de
„ Alemania, pues de todo tiene V. A. tan parti-
„ cular noticia, y tan freſca memoria, y aſſi tra-
„ tarè ſolamente de lo que deſpues ha paſſado,
„ y ſe ofrece. Al tiempo que partiò de allà, ſe
„ diò el Emperador entre otras coſas las inſtruc-
„ ciones, comiſſiones, y memoriales, que en lo
„ de los caſamientos dela Princeza Anna con El-
„ Rey de Francia, y de la Princeza Iſabel con
„ El Rey mi ſobrino me embiava con orden,
„ que me las dieſſe, y me hablaſſe de ſu parte pa-
„ ra que ſe pudieſſe proſeguir, y llebar adelante
„ lo tratado. Llegado aqui el Archiduque de-
„ pues de haverme hablado en otros negocios, me
„ dixo, que trahia orden de hablarme en eſto,
„ era antes que el Emperador ſupieſſe la mudan-
„ ça, que a cà avrà avido, pero que con ella nò
„ me quiera hablar en eſte particular de los caſa-
„ mientos haſta tener nueva orden ſuya; y deſ-
„ pues de algunos dias me diò las dichas ſus co-
„ miſſiones, y inſtrucciones en que eſpreſſamente
„ le ordena el Emperador, que no ſe paſſaſſe ade-
„ lante en el caſamiento de la Princeza Iſabel con

„ ElRey mi sobrino, sin que primero estubiesse
„ con olvido de la Princeza Anna con ElRey de
„ Francia, y como està yà dicho, al tiempo de
„ su partida de Alemania, el Emperador nò tu-
„ viesse entendido el nuevo sucesso del falleci-
„ miento de la Reina, que està en gloria, resul-
„ tando desto tal novedad, que avrà puesto las
„ cosas en tan diferentes terminos, que podian
„ causar mudança en la voluntad, y determina-
„ cion del Emperador cerca de la disposicion de
„ sus hijas, nò me pareciò, que yo podia justa-
„ mente usar de ninguna de las dichas comissio-
„ nes, ni pasar adelante en el negocio, sin tornar-
„ selo a comunicar, o tener otro aviso de su vo-
„ luntad despues deste sucesso; tanto mas avien-
„ do el Emperador antes, y agora ultimamente
„ declarado, y dado orden expressa de que en to-
„ do caso se avrà de efectuar lo de la hija mayor,
„ antes que se procediesse a lo de la segunda co-
„ mo he yà dicho, que lo avrà entendido del Ar-
„ chiduque; y sobre este fundamiento, de que
„ era necessario comunicarselo primero, y tener
„ su aviso, se respondiò al Archiduque, y en
„ la misma conformidad al Cardenal de Guisa,
„ que ha venido aqui por ElRey de Francia, y
„ hazia instancia sobre su casamiento con la Prin-
„ ceza Anna, y por lo que despues desto, y de
„ aver entendido el Emperador, y Emperatriz
„ mis hermanos la novedad, y sucesso se ha es-
„ crito

„ crito a la Princeza mi hermana, y a mi, y al
„ Archiduque, ha resultado moverse la platica,
„ y trato en lo del casamiento de la Princeza An-
„ na, como de mas de lo que de allà se ha escri-
„ to, se me ha por el Archiduque propuesto, y
„ con esto juntamente se le embiò orden, que
„ suspiendesse el passar adelante en lo de la Prin-
„ ceza Isabel: aviendose pues venido a este termi-
„ no, y intervenido la novedad, que en el ay,
„ quisiera yo mucho se pudiera escusar el tratar-
„ se de mi casamiento; porque de mas que con
„ esto cessarà el impedimento, que resulta el efe-
„ cto de lo que estava tratado, fuera muy con-
„ forme a mi voluntad, y a mi particular con-
„ tentamiento; mas en esta parte V. A. poderà
„ considerar, hallandome yo con tan poca suces-
„ sion, y ninguna de varòn, la obligacion, que
„ tengo a mis Reynos, y Estados, y como po-
„ dera satisfazer a la instancia, que yà se me ha
„ començado a hazer, y harà sobre esto, ni apar-
„ tarme por mi contentamiento proprio destas
„ obligaciones, y del comun parecer, y consen-
„ timiento de todos, y nò se podiendo escusar
„ esto lo de la Princeza Anna, que se me ha
„ propuesto, allende de ser tan conbeniente en
„ todas consideraciones, y de tanta satisfacion,
„ y contentamiento a sus padres, y a que yo con
„ tanta razon devo mas inclinar, viene a ser ne-
„ cessario, porque en lo de Madama Margarita
„ her-

„ hermana delRey de Francia, quando de Su
„ Santidad ſe pudiera obtener diſpenſacion, que
„ entiendo nò la daria, tengo yo por tan eſcru-
„ puloſo el caſar con dos hermanas, que en nin-
„ guna manera pudiera aſſegurar, ni aquietar mi
„ conciencia, ni concurrir en tal coſa; deſta mu-
„ dança en lo de la Princeza Anna viene el ne-
„ gocio a reduzirſe a terminos, que o ha de que-
„ dar de todo eſcluſo ElRey de Francia deſtos
„ matrimonios, o ſe ha de hazer tambien mudan-
„ ça en lo tratado de la Princeza Iſabel para le
„ poder ſatisfazer; y aun que en otro tiempo, y
„ eſtado de coſas el quedar ElRey de Francia eſ-
„ cluido, y ofendido nò fuera de tanta conſidera-
„ cion, en el que al preſente ſe hallan las de aquel
„ Reyno, y Rey, lo es tan grande, que nos
„ obliga a todos los Principes, que ſomos Chriſ-
„ tianos, y Catholicos a mirar mucho en ello,
„ y a prevenir, y eſcuſar los inconvenientes, que
„ de aqui pueden nacer; ſiendo aſſi como eſtà en-
„ tendido, que eſcluido el dicho Rey de Francia
„ de caſar con alguna de las dos hijas del Empe-
„ rador, y nò aviendo por el preſente, ſegun
„ los fines, y deſignios, que tienen, otra coſa a
„ ſu propoſito ni a que indinarian, con razon ſe
„ teme ſeria perſuadido, y atraydo en eſta oca-
„ ſion por los malos, que con mucha ſolicitud lo
„ procuran en ſu Reyno a que caſaſſe em Alema-
„ nia como ſe ha antes de agora tratado, y movi-
„ do,

„ do, de que aſſi miſmo reſultaria el concertarſe
„ con los hereges de ſu Reyno, lo qual ſeguien-
„ doſe, ſe acabaria de perder la religion con tan-
„ ta ruina, y daño de la Criſtiandad dentro, y
„ fuera del, como ſe vè, y ninguna eſcuſa pode-
„ riamos tener acerca de Dios, y del Mundo los
„ que huvieſſemos ſido deſto cauſa, o podiendo-
„ lo remediar nò lo huvieſemos hecho; y como
„ con eſto juntamente yo aya conſiderado, que
„ la platica del caſamiento del Señor Rey mi ſo-
„ brino en Francia nò ſe avrà dexado, porque
„ a que nò fueſſe en edad, calidad, autoridad,
„ y otras conſideraciones conveniente, ſinò por
„ otros fines concernientes al beneficio de todos,
„ por entonces ſe tuvieron, los quales han ceſſa-
„ do, y mudadolos la novedad, y el ſuceſſo, y
„ eſtado de las coſas, y que tornandoſe agora a
„ encaminar, y concluyendoſe juntamente lo de
„ los matrimonios de las dos hijas del Emperador,
„ como eſtà apuntado, vendria de aqui a reſultar
„ una union, hermandad, amiſtad, y conformidad
„ entre todos nos otros, que aſſi para lo de la reli-
„ gion, autoridad, y obediencia de la Igleſia Ca-
„ tholica, y beneficio publico de la Criſtiandad,
„ como al particular de nueſtros Eſtados, tanto
„ importaria, y tambien eſtaria, y eſtoy tan ſa-
„ tisfecho, y perſuadido, que eſto es lo que ver-
„ daderamente nos conviene, y lo que ſomos to-
„ dos obligados a encaminar, que nò dudo, que
„ V.

„ V. A. y el Señor Rey mi ſobrino con el zelo,
„ que tiene al ſervicio de Dios, y beneficio pu-
„ blico; y entendiendo con ſu prudencia lo que
„ eſto importa, y conviene, concurrirán en lo
„ miſmo. De mas de lo qual me ha parecido ad-
„ vertir a V. A. que del Emperador com mucho
„ fundamento, y por diverſas vias ſe entiende, y
„ a lo que và endereçada la prevencion, que ha
„ hecho el Archiduque para que ſuſpenda la pla-
„ tica de lo que toca a la Princeza Iſabel, ſe tie-
„ ne por cierto, que efectuandoſe lo que de nue-
„ vo ha movido en lo de mi caſamiento, harà
„ mudança en el de la Princeza Iſabel, y con-
„ currirà en lo de Francia; y que eſto es de ma-
„ nera, que de las diligencias, que ſe hizieſſen
„ inſiſtiendo en el efecto de lo tratado nò reſul-
„ taria otro fruto ſinò aver metido mas prendas,
„ y mas autoridad, y nò ſalir con ello, la qual
„ autoridad, y beneficio del Rey mi ſobrino yo
„ procuro por todas vias reſervar, y ſalvar; y
„ aſſi el mudar de conſejo, de màs de la conve-
„ niencia, viene a ſer neceſſario, y ſobre el di-
„ cho preſupueſto, y entendiendo, que eſto en to-
„ do caſo conviene aſſi, y pareciendome ſer neceſ-
„ ſario hilo deſde luego diſponiendo, y prendan-
„ do en la repueſta, que ultimamente ſe ha dado
„ al Archiduque ſe le ha aſſi declarado, y en la
„ miſma conformidad al Cardenal de Guiſa, y
„ con ella miſmo eſcrivo al Emperador, y Em-

„ peratriz

„ peratriz mis hermanos para que todos entien-
„ dan, que eftos cafamientos dependen los unos
„ de los otros, y que nò fe pueden efectuar, ni
„ proceder en ellos apartandolos, y haziendo con-
„ dicion de los demàs, el del Señor Rey mi fo-
„ brino; y nefta declaracion afsi anticipada fe hà
„ tenido fin a que Francezes dexandoles fu negocio
„ con generalidad, y fufpenfion nò fe precipitaffen
„ como fe podria temer de fu condicion, y del
„ cafo, y de la folicitud, y diligencia con que
„ allà fe procede, y para que afsi mifmo el Em-
„ perador nò fe fueffe prendando con ellos fin
„ nueftro confentimiento, y intervencion; y por-
„ que me ha parecido, que a la autoridad del-
„ Rey mi fobrino, con que yo tengo tanta cuen-
„ ta, y traça falia a cà de nos otros ambos, y
„ que nò procedia dellos, y que nace de nueftra
„ voluntad, y que nò fe contraviene a lo tratado
„ fin ella, la qual prevencion fe ha a cà juzgado
„ por muy combeniente, y por tal efpero que la
„ juzgarà V. A. y el Rey mi fobrino; y porque
„ pudiera fer impedimiento para efto del cafamien-
„ to de Madama Margarita con el Señor Rey lo
„ que por algunos nò fe ha dexado de apuntar,
„ y mover, el tratarfe el del Principe Rodolpho
„ mi fobrino con ella; para que en efto nò aya
„ eftorvo, efcrivo de nuevo a fus padres, paffan-
„ do muy adelante en el cafamiento, que yà ave-
„ mos comenzado a tratar de la Infante D. Ifabel

„ mi hija con el dicho Principe, el qual sin duda „ ellos antepondràn a todos los de mas, y con „ esto, y con lo que se ha declarado a todas las „ partes, para que entiendan, que nò se puede „ venir a efecto de ninguno de los otros matrimo„ nios, sin que se concluya el delRey mi sobri„ no, quedarà todo allanado, y en la disposi„ cion, que conviene para procederse a la con„ clusion de lo que le toca, de lo qual todo he „ querido dar tan particular cuenta a V. A. co„ mo a madre, y Señora de todos, para que „ sepa el progresso, que esto negocio ha tenido „ hasta agora, y el estado en que queda, y lo „ pueda declarar, y comunicar ElRey mi sobri„ no, y el Señor Cardenal mi tio; porque a Sus „ AA. escrivo breve, remitiendome a esta, pues „ es todo una cosa, y todos vamos a un fin, que „ es procurar lo que cumple al Rey mi sobrino, „ cuya autoridad, y reputacion tengo yo por tan „ propria, que con razon puede estar assegurada „ V. A. que he mirado por lo que le toca con „ tanta atencion, y cuidado, como si fuera mi „ hijo, y que assi se deven de persuadir Vuestras „ AA. que el camino, que se ha tomado, es el „ que nos conviene a todos, y como tal le con„ tinuarè, y procurarè de traer a efecto, avida „ su voluntad, y repuesta, que la esperarè con „ deseo, y serà para mi de grandissima satisfacion, „ y contentamiento entender, que desto le tienen

Vues-

„ Vuestras AA. como espero, que le teràn, sa-
„ biendo el animo, amor, y respecto con que
„ yo procedo en sus cosas, que las guie, y en-
„ derece Nuestro Señor, y guarde la muy Real
„ Persona de V. A. como deseo. De Madrid pos-
„ trero de Hebrero 1569.

Hijo, y Servidor de V. A.

YO ELREY.

72 Naõ foraõ bastantes estas razões politicas, que Filippe Prudente allegou na sua Carta, para serenar o animo da Rainha D. Catharina, sempre inclinado ao casamento de seu neto com a Archiduqueza de Austria; antes lhe respondeo arguindo-o de que fosse medianeiro de hum casamento, que sempre impedira, principalmente sem primeiro participar ao nosso Principe, se era conforme ao seu gosto, por ser preciso saber com antecipaçaõ a vontade de quem o contrahia: e o que era mais, com huma Coroa, de que esta Monarchia tinha recebido alguns aggravos, dos quaes nunca dera a devida satisfaçaõ. Tudo se expressava na Carta seguinte.

Naõ satisfaz à Rainha D. Catharina esta reposta delRey de Castella.

„ Senhor. Por D. Fernando Carrilho rece-
„ bi a Carta de V. A. do derradeiro do mez pas-
„ sado, e com ella a que vinha para o Senhor
„ Rey meu neto, que logo dey a S. A. e lhe re-
„ feri, e communiquey tudo o que V. A. por

Carta da Rainha D. Catharina para ElRey de Castella.

„ esta sua Carta me offerecia àcerca destes casa-
„ mentos, nos quaes pelo que toca à Christan-
„ dade, e ao serviço della, naõ ha que dizer,
„ senaõ, que Deos que assim o ordenou, e para
„ virem a estes termos, quiz, que procedessem
„ tantas cousas, como temos visto, quererá, e
„ será servido serem para bem da mesma Christan-
„ dade, e para outros grandes seus serviços: que
„ em tal estado está ella, por nossos peccados,
„ que muito convém, naõ sómente obedecer, e
„ confirmar no succedimento das cousas com sua
„ vontade; mas ordenar as obras proprias, para
„ com ellas lhe merecer, o que só della se pó-
„ de esperar em remedio, e beneficio da mesma
„ Christandade. E ainda que no do Senhor Rey
„ meu neto, V. A. se movesse pelas causas que
„ aponta, toda via, como quem com tanta ra-
„ zaõ tem o nome, que V. A. lhe poem, naõ
„ poderey deixar de lhe dizer, que fora cousa
„ muy acertada proceder V. A. neste seu casa-
„ mento com outro modo devido a todos, e ne-
„ cessario ao que V. A. pertendia; porque ainda
„ que os fundamentos de V. A. fossem os que
„ diz, e o que de V. A. e de seu amor só deve
„ querer, e esperar, para com o Senhor Rey meu
„ neto, toda via, muitas vezes acontece o mo-
„ do das cousas damnificar a substancia dellas,
„ mórmente neste casamento, que ainda que V. A.
„ me diga, que se aquelle mesmo, que S. A. e
„ seu

„ ſeu Conſelho approva por devido, e neceſſario
„ ao bem, e ſocego dos ſeus Reynos, toda via,
„ da parte de V. A. he aquelle, que V. A. rep-
„ provou, e em que tantas razoens me deu, e
„ eſcreveo, e tantas mandou apontar a S. A. por
„ D. Franciſco Pereira, para o naõ dever aceitar,
„ e S. A. podendo dar muitas em contrario, aſ-
„ ſim ſe perſuadio, do que lhe V. A. niſſo man-
„ dou pedir, e do que a Senhora Princeza ſua
„ mãy lhe mandou dizer, que quiz antes confor-
„ mar a ſua vontade com a de Voſſas AA. que
„ paſſar mais adiante naquella materia, parecen-
„ do-lhe, que devia mais ao reſpeito, que V. A.
„ e a ſua mãy era razaõ, que tiveſſe com ſuas
„ couſas, que ao bem que ſe entendia poder pro-
„ ceder deſte caſamento a ellas, vendo tambem,
„ que ſe perdia mulher, cobrava por mulher, a
„ que lhe V. A. dava com aquelle nome de filha
„ ſua, que foy o dote principal; e porque ſe per-
„ ſuadio a ter diſſo o contentamento, que era
„ razaõ, pois ſer filha do Senhor Emperador naõ
„ baſtava para os fins, que os Reys tem em ſeus
„ caſamentos, e que S. A. a tinha neſte ſeu,
„ poſto que ſer ſua filha era parte muito grande,
„ e para muito ſe ſatisfazer, e claro eſtá, que eſ-
„ te modo de proceder com V. A. pedia outro
„ ſemelhante na ſubſtancia, e no meſmo modo;
„ porque, Senhor, como V. A. ſabe, he tama-
„ nha couſa caſar, principalmente nos Reys, que
„ ſe

„ ſe naõ póde eſta materia guiar, ſenaõ com a „ vontade primeiro ſabida: e tanto he iſto, que „ ainda o pay com o proprio filho, a que taõ „ devida he a obediencia nas couſas, ſó no caſa- „ mento pertende primeiro, que tudo ſaber ſua „ vontade, e aſſim o quer Deos nas ſemelhantes „ couſas; e poſſo affirmar a V. A. que me deu „ tanto cuidado, e trabalho eſta ſua Carta, que „ o poderia mal acabar de dizer a V. A. porque „ ſentia poderſe com razaõ dizer, que devera „ V. A. ter neſta materia, e no proceder della „ outro modo com o Senhor Rey meu netô, e „ ſentia o que depois de lhe fallar, e dar conta „ do negocio mais claramente vi, que he reſen- „ tirſe delle muito: mas como a materia he de „ Deos, e em tanto beneficio univerſal da Chriſ- „ tandade, conſiderando o perigoſo eſtado della, „ e os intentos de V. A. quiz S. A. perſuadir- „ ſe das razoens, que V. A. lhe manda dar, e „ confiar, que no que toca a elle V. A. naõ dei- „ xaria de ter as conſiderações, que convém ao „ bem de ſeus Reynos, pelo qual ſómente caſava „ em França, caſava em Alemanha, e agora quer „ tornar a caſar na meſma França, e pelo que „ ſe lhe devem tamanhos louvores, como V. A. „ póde julgar, da qual couſa he de eſperar de „ Noſſo Senhor, que pois S. A. aſſim ſe diſpoem, „ e ſe entrega à ſua vontade niſto, lhe dará em „ todas as couſas tantos, e taõ bons ſucceſſos, e

„ com

„ com tanta felicidade, e prosperidade, que com
„ razaõ possa S. A. e todos seus vassallos ter o
„ contentamento, que se deve esperar; e por-
„ que este he o seu intento, e a sua confiança,
„ para com V. A. está muy certa, e segura, naõ
„ lhe parece dever nesta materia dizer mais, que
„ esperar, e ter por muy certo tudo o que V. A.
„ nesta minha Carta se offerece fazer; mas eu pe-
„ la obrigaçaõ, que tenho a ambos, pois ambos
„ saõ filhos, direy a V. A. o que nesta materia
„ se me offerece. Diz-me V. A. que procedeo
„ neste negocio da maneira, que o fez; porque
„ queria que este casamento do Senhor Rey meu
„ neto sahisse juntamente com o de V. A. e com
„ o delRey de França, por lhe parecer assim mais
„ authoridade do Senhor meu neto; isto muy
„ bem me parece, e assim era razaõ que o V. A.
„ considerasse: mas desejo saber, se se lembrou
„ V. A. quando disto tratou, do que convém,
„ que o Senhor Rey meu neto queria, que se
„ lhe faça de França, quando nella houvesse de
„ casar, assim em dote, como em condições,
„ do que convém à perpetuaçaõ, e conservaçaõ
„ de suas demarcações, commercios, e conquis-
„ tas, sobre que tantas cousas saõ passadas, e que
„ tanto tem custado à Coroa destes Reynos, o
„ que foy, e será sempre, em quanto se naõ to-
„ mar nisto assento, e resoluçaõ, materia princi-
„ pal de discordia entre estes Reynos, e os de
„ Fran-

„ França, e em que o assento dellas bom, ou
„ máo, parece que importa a V. A. pelo que
„ toca às suas, como à S. A. sendo esta materia
„ taõ huma com a outra, e requerendo-se por
„ parte dos Francezes tanta consideraçaõ, e in-
„ dustria para se com elles negociar, e tantos pe-
„ nhores, e obrigações para se delles confiar, e
„ por muy certo tenho, que naõ poderia cousa
„ de tamanha importancia esquecer a V. A. nem
„ deixaria passar occasiaõ propria de se melhor
„ poder mover, e tentar; e tambem confio, que
„ lhe naõ esqueceria o caso da Ilha da Madeira,
„ no qual até hoje taõ pouca satisfaçaõ ElRey de
„ França tem dado a S. A. que he ponto com
„ tudo o mais, que neste casamento de França
„ he passado, do que particularmente se deu con-
„ ta a V. A. como era razaõ, para se dever pon-
„ derar na honra de S. A. poderse entender, e
„ ver, que estando as cousas nestes termos, e sen-
„ do elle o que espera dellas a satisfaçaõ, se trata
„ deste seu casamento, como se elle o pedisse,
„ ou desejasse, que he tambem outro ponto mui-
„ to substancial para V. A. muito considerar, e
„ advertir, endereçando o negocio por tal ma-
„ neira, pois de outra naõ poderia bem ser, que
„ se commetta ao Senhor Rey meu neto este ca-
„ samento por parte de França, e assim endere-
„ çar V. A. o proceder nisto, que a honra, e au-
„ thoridade de S. A. da qual V. A. mostra ter tan-
„ ta

„ ta lembrança, naõ corra algum perigo. Farme-
„ ha V. A. muy grande merce considerar bem es-
„ tas cousas; porque pois por seu respeito se mo-
„ vem, se aceitaõ, e recebem; de tamanha obri-
„ gaçaõ he a V. A. o modo de as tratar, practi-
„ car, e ordenar, lembrando-se tanto, como he
„ razaõ, em quanto V. A. está ao Senhor Rey
„ meu neto neste negocio, e quaõ justo he, que
„ pois se desfez o casamento daquella Princeza,
„ que V. A. tantas razoens apresentou como fi-
„ lha propria, que lhe lembre, que he razaõ,
„ que trate destoutro, como de casamento de fi-
„ lho proprio, ajuntando a isso a honra, que a
„ V. A. se segue, e à obrigaçaõ della, que o
„ obriga procurar V. A. de ser ainda melhor, se
„ melhor póde ser; e naõ sómente entendo, que
„ a tem V. A. para o fazer da maneira, que di-
„ go nas cousas de França, mas ainda nas que
„ for necessario, que de V. A. se queiraõ; e fal-
„ lo taõ claro nesta materia a V. A. porque he
„ ella tal, que erraria muito a mim, e ao que
„ devo a V. A. e ao Senhor Rey meu neto, se
„ com esta clareza a naõ tratasse, e se nella naõ
„ lembrasse a V. A. que este he só o descanso, e
„ a consolaçaõ, que nesta vida posso ter. Espero
„ em Nosso Senhor poder ser isto assim; e tam-
„ bem espero em V. A. que o que destas cousas
„ posso de V. A. prometter a mim mesma, e pro-
„ metter a todos, V. A. nos satisfaça taõ inteira-

„ mente como o deve a si, e aos termos, em que
„ as cousas estaõ, e o eu mereço a V. A. pois
„ foy servido ser eu o meyo, por onde ellas cor-
„ ressem. Nosso Senhor guarde a muy Real Pes-
„ soa de V. A. como eu desejo. Dalmeirim a
„ XIII. de Março de 1569.

RAINHA.

Pede ElRey de Castella ao nosso Principe mande poder para se assinar o contrato matrimonial.

73 Como Filippe Prudente se constituìo arbitro absoluto do casamento de seu sobrinho D. Sebastiaõ, ainda que reconhecia serem justificadas as razoens, que nesta Carta lhe representou sua irmãa D. Catharina, tendo mandado pedir a Carlos IX. poder para que o seu Embaixador assistente em Madrid assinasse o contrato matrimonial de Madama Margarida com o nosso Principe, lhe escreveo, para que tambem mandasse ordem a D. Francisco Pereira, Embaixador da Coroa Portugueza em Castella, para assinar em seu nome as escrituras dos desposorios com a Infanta de França, da qual lhe pedia fizesse Mordomo mór a D. Francisco Pereira, por ser digno de lugar taõ honorifico. Tambem se empenhou a Princeza D. Joanna pedindo a ElRey D. Sebastiaõ, com ternura de mãy, que naõ dilatasse a conclusaõ do seu casamento, em que estava interessada a authoridade de seu irmaõ; o que tudo se comprehendia nas Cartas seguintes.

„ Se-

„ Señor. He recebido la Carta de V. A. „ de 17 del passado, y con mucha razon fia de „ mi V. A. lo que toca a su casamiento, pues „ yo procuro de mirarlo, y endereçarlo con el „ mismo amor, y cuidado, que si V. A. fuera „ mi hijo, pues le tengo por tal; yo tuve del „ Emperador la repuesta, que V. A. entenderà „ de la Reina mi Señora, y de D. Hernando „ Carrillo, y lo que en conformidad della he es- „ crito a Francia; quiziera agora, que V. A. „ embie su poder para que venido el de Francia „ se acabe de tratar este negocio como conviene, „ y yo lo deseo, que desta manera serà a mucha „ satisfacion de V. A. la qual le dè siempre Nues- „ tro Señor, y guarde la muy Real Persona de „ V. A. como deseo. De Madrid a 18 de Julio „ de 1569.

Carta delRey de Castella para o nosso Principe, copiada do Original.

Buen Tio de V. A.

YO ELREY.

„ Señor. De mas de lo que escribo a V. A. „ sobre el negocio de su casamiento, he queri- „ do advertir a V. A. por lo que le quiero, y „ deseo su contentamiento, que segun lo que ten- „ go conocido de D. Francisco Pereira, y del „ amor, cuidado, y diligencia, con que le he vis- „ to servir a V. A. todo el tiempo, que aqui ha „ residido, me parece, que seria muy proprio pa- „ ra Mayordomo mayor de Madama Margarita,

Outra Carta delRey de Castella para D. Sebastiaõ, copiada do Original.

„ y a todo el Mundo pareceria muy bien, que
„ V. A. le honrasse, y acrescentasse en esta oca-
„ sion por remate de sus trabajos, y servicios, y
„ le tengo tan buena voluntad, que nò solamen-
„ te lo advierto, sinò que lo pido, y suplico
„ muy de veras a V.A. y que teniendolo por bien,
„ como lo espero, le nombre V. A. desde luego
„ en este oficio, con orden, que a su tiempo ha-
„ ya a venir serviendo a S. A. en este oficio de to-
„ da la parte, y onde se huviere de recibir, que
„ por lo que deseo, que esto aya efecto, escribo
„ a la Reina mi Señora, y al Señor Cardenal mi
„ tio, pediendoles, que lo acuerden a V. A.
„ aun que tengo por cierto, que concurriendo
„ tan justos respetos, y interveniendo yo en esto,
„ sin mucha dificultad le ha de hazer esta mer-
„ ced, V. A. cuya muy Real Persona guarde
„ Nuestro Señor como deseo. De Madrid a 19
„ de Julio de 1569.

Buen Tio de V. A.

YO ELREY.

Carta da Princeza D. Joanna de Austria para seu filho El-Rey D. Sebastiaõ, copiada do Original.

„ Señor. Pelo que mi hermano, y D. Fran-
„ cisco Pereira me han dicho, he entendido lo
„ que V. A. respondiò a Su Magestad, a lo que
„ le avia escrito sobre los poderes, que avia de
„ embiar para se acabar de tratar, y concluir su
„ casamiento, y nò puedo dexar de espantarme
„ mucho de la dilacion, que V. A. ha querido
„ poner

„ poner en efte negocio, eftando tan adelante,
„ y aviendo paffado en el todo lo que V. A. tie-
„ ne entendido, en que podria aver muchos in-
„ convenientes, fi V. A. nò remedia luego con
„ hazer lo que mi hermano efcrive a V. A. y D.
„ Hernando Carrillo le pedirà de fu parte, pues
„ aquello es lo que mas conviene, y Su Mageſ-
„ tad mira efto con tanto amor, que feguramen-
„ te puede fiar V. A. del que tendrà mas cuenta
„ con mirar por fu authoridad, y reputacion, que
„ con otra ninguna cofa; y porque yo entiendo
„ que V. A. erraria mucho, fi fueffe por otro ca-
„ mino, pido mucho a V. A. que nò confienta,
„ que aya mas dilacion, finò que luego embie
„ el poder a D. Francifco Pereira, como yò ef-
„ pero que V. A. lo harà, vifto las razones, que
„ ay para nò dilatarlo; mas yò me vine aqui al
„ Pardo adonde me he hallado mucho mejor yà,
„ bendito fea Dios, libre de calentura, como D.
„ Francifco efcribirà a V. A. a quien guarde Dios
„ como yo defeo. Del Pardo a VII. de Agofto.

Buena Madre de V. A.

LA PRINCEZA.

74 Recebidas eftas Cartas por ElRey D. Sebaftiaõ, pofto que os noffos Miniftros tiveffem uniformemente votado, que como na Europa naõ havia outra Princeza, cafaffe elle com a de Fran-

ça,

ça; e prudentemente se dissimulasse a queixa, ainda que justa, na mudança que se fez, da que havia ser consorte do nosso Principe: como elle fosse de animo altivo, e julgasse por offensa a acçaõ, que fizera seu tio, além de que o seu genio era totalmente opposto à conclusaõ do seu casamento, se resolveo a naõ mandar procuraçaõ, de cujo pernicioso arbitrio foraõ culpados Martim Gonçalves da Camera, e seu irmaõ o Padre Luiz Gonçalves da Camera, de tal sorte, que ElRey de Castella declarou a seu sobrinho, que havia a ambos por suspeitos em os negocios pertencentes à sua Coroa. Porém esta aversaõ, que ElRey mostrava para se naõ effeituar o seu casamento, naõ era regulada pelas maximas da politica, mas por disposiçaõ de superior impulso sempre impenetravel ao nosso conhecimento. Esperavaõ os Ministros de Estado, que ElRey cedesse de resoluçaõ, que emprendera conformando-se com os votos dos seus Ministros, quando mandou ao Conselho de Estado por Martim Gonçalves da Camera, Escrivaõ da Puridade, hum papel escrito, e firmado pela sua maõ, o qual continha estas palavras.

Resolve-se ElRey D. Sebastiaõ a naõ mandar procuraçaõ para se effeituar o seu casamento.

Manda ElRey hum papel ao Conselho de Estado, e de que constava.

„ Pelo Reyno porey a vida muitas vezes; e pela
„ honra, e pela Fé, porey honra, e vida, e tu-
„ do; pelo proveito do Reyno, e meu, naõ po-
„ rey a honra do Reyno, e a minha, pois este
„ foy o caminho dos Reys, que a ganharaõ. Hoje
„ Domingo, 18 de Setembro de 1569. REY.

Des-

Deſtas breves clauſulas conheceraõ os Conſelheiros, como o animo delRey eſtava totalmente alheyo de conſentir na concluſaõ do ſeu caſamento, nem mandar procuraçaõ para o ſeu effeito, como o declarou a ElRey de Caſtella na Carta ſeguinte.

Carta delRey D. Sebaſtiaõ para ElRey de Caſtella.

„ Senhor. Vi a Carta de V. A. de 19 de
„ Julho, e o que de ſua parte me diſſe D. Fer-
„ nando Carrilho, beijo as mãos de V. A. pelo
„ amor, e cuidado, com que trata minhas cou-
„ ſas, e deſejo que moſtra de ſe effectuarem bem,
„ o que eſtimo em muito; mas porque naõ tenho
„ viſto atégora, o que por parte de França ſe ha
„ de fazer (conforme ao que a Rainha minha Se-
„ nhora, e avó em tudo apontou na Carta, que
„ ſobre eſta materia eſcreveo a V. A. em 13 de
„ Março) me parece naõ haver neceſſidade por
„ agora de mandar meus poderes, como ſe pe-
„ dem, e tenho por certo parecerá o meſmo a
„ V. A. pelas muitas razoens, que para iſſo ha,
„ confiando no muito amor, que V. A. me tem,
„ e lhe eu mereço, que naõ ſe eſquecerá em cou-
„ ſa alguma da obrigaçaõ em que eſtá para fazer
„ tudo, o que cumpre a minha authoridade, hon-
„ ra, e bem de meus Reynos, como diſſe a D.
„ Fernando Carrilho, e dirá a V. A. D. Franciſco
„ Pereira, a quem eſcrevo. Noſſo Senhor guar-
„ de a muy Real Peſſoa de V. A. como deſejo.
„ Dalcobaça a XIX. de Agoſto de 1569.

REY.

Naõ

75 Naõ era menos empenhado, que estes Principes sobre a conclusaõ do casamento do nosso Monarca com a Infanta de França o paternal affecto de S. Pio V. explicado nas elegantes clausulas do seguinte Breve.

Apost. Epist. Pii V. lib. 3. Epist. 51.

„ Charissime in Christo Fili Noster, salu-
„ tem, & Apostolicam benedictionem. Quo in
„ statu sit matrimonii tui cum Charissimi Nobis
„ in Christo Filii Francorum Regis Christianissi-
„ mi Sorore negotium, non solùm intelleximus
„ ex litteris tuis XXIV. Octobris die ad Nos da-
„ tis, sed etiam ex dilecti Filii Oratoris apud Nos
„ tui, Maiestatis Tuæ nomine, super eâdem re no-
„ biscum habito sermone cognovimus: quia verò
„ quemadmodum, & eidem Oratori tuo diximus,
„ & aliàs Maiestati Tuæ scripsisse meminimus ex
„ tali inter te, & Christianissimum Regem affi-
„ nitatis conjunctione magnam ad Rempublicam
„ Christianam utilitatem perventuram esse spera-
„ mus, id circo totum hoc negotium quam pri-
„ mùm ex sententiâ confici vehementer in Do-
„ mino desideramus. Quamobcausam ad id,
„ & antea Maiestatem Tuam semper hortati su-
„ mus, & nunc quoque magnopere hortamur.
„ Certè quod magni Reges in primis spectare so-
„ lent, neque clariori genere ortam uxorem du-
„ cere posse vidêris, neque probitate, morum
„ sanctitate, pietatisque studio præstantiorem;
„ præsertim Charissimo Nobis in Christo Filio Re-

„ ge

„ ge Catholico hanc ipsam affinitatis conjunctio-
„ nem conciliante ; quo neque aptiorem ullum
„ conciliatorem , neque potentiorem , neque ti-
„ bi ipsi conjunctiorem habere potes ; quem qui-
„ dem speramus in tractando hoc negotio , tuo-
„ rum quoque commodorum , rerumque istius
„ Regni eam , quàm par est , rationem esse ha-
„ biturum. Quæ cum ita sint , cumque in tali
„ matrimonio , ea , quæ potissimum spectantur ,
„ omnia insint ; decet te , Charissime in Christo
„ Fili , etiamsi nonnihil aliarum , non ita magni
„ momenti rerum in conditione tibi proposita de-
„ esset , id nequaquam tanti æstimare , ut prop-
„ terea , aut à tali contrahendo matrimonio ab-
„ sistas , aut totam hujus ipsius negotii conclu-
„ sionem minus urgeas ; sed potiùs communis
„ Reipublicæ Christianæ utilitatis causa aliquid
„ de jure , desiderioque tuo in rebus non magni
„ ponderis remittas : quod te pro tua singulari
„ in Deum Omnipotentem pietate facturum esse
„ non dubitamus, &c. Datum Romæ apud S.
„ Petrum die XXVIII. Decembris M.D.LXIX.

CAPITULO XIII.

Pede ElRey D. Sebastiaõ aos seus vassallos, que suppliquem a Deos para que prudentemente os governe. Parte aceleradamente de Almeirim; chega a Lisboa, e dos discursos, que se fizeraõ àcerca desta jornada. Retira-se a Rainha do despacho aggravada de algumas desattençöes de seu neto.

1569

76 A Experiencia, prudentissima directora das acçöes humanas, tinha ensinado no breve espaço de hum anno a ElRey D. Sebastiaõ, quanto era difficil a arte de reynar; e como conhecesse, que sem continua assistencia da protecçaõ Divina eraõ pouco robustos os seus hombros para sustentar a pezada maquina de huma Monarquia taõ dilatada em Dominios, e Conquistas, se resolveo significar a todos os seus vassallos, que com repetidas, e fervorosas oraçoens supplicassem do supremo Arbitro dos Imperios lhe illustrasse o entendimento, para administrar justiça com summa equidade, principalmente ao povo, do qual como mais miseravel determinava ter particular cuidado, desejando reformar os costumes licenciosos, e restituir a sinceridade dos antigos, a que era naturalmente affecto.

Supplica ElRey ao povo, que ore a Deos pelo acerto das suas acçöes.

cto. Para conſeguir eſte catholico intento eſcreveo às Cidades, e Villas do Reyno eſta Carta circular.

„Juiz, Vereadores, e Procurador, &c. „Eu ElRey vos envio muito ſaudar. Quanto „mais conhecimento vou tendo das couſas do „governo de meus Reynos, tanto me parece „mais neceſſario para elles (além da ajuda, e fa„vor, que para iſſo devo pedir a Noſſo Senhor) „fazer muita conta das lembranças, e avizos de „meus póvos, e vaſſallos; pelo que vos enco„mendo muito me avizeis particularmente de tu„do o que vos parecer neceſſario para bem deſ„tes meus Reynos, aſſim para conſervaçaõ, e „augmento do Culto Divino, que he a primei„ra, e principal obrigaçaõ dos Reys Catholicos, „e de que os Reys paſſados meus avós tiveraõ „tanto cuidado, os quaes eu muito deſejo imi„tar, e ſeguir: como tambem para que ſeja guar„dada inteiramente a juſtiça às partes, e ſe lhe „naõ faça por meus Officiaes, nem por outra „peſſoa de qualquer qualidade, que ſeja aggra„vo, nem vexaçaõ alguma, principalmente ao „povo miudo, e gente pobre, de que eu deter„mino ter eſpecial cuidado; e porque além da „obrigaçaõ, que tenho de prover nas couſas da „Religiaõ Chriſtãa, e de juſtiça, deſejo tam„bem pôr em ordem a reformaçaõ dos coſtumes, „e de reſtituir os antigos, a que ſou muito affei-

Carta delRey para todo o Reyno.

„ çoado, vos encomendo muito me escrevais os „ meyos, que vos parecerem necessarios para isto „ haver effeito, ainda que em alguma maneira „ pareçaõ contrarios ao tratamento costumado „ de minha Pessoa, e Casa, e a meu particular „ gosto, porque o mór que eu tenho, he pro„ ver nas necessidades de meu Reyno, e vassal„ los, e de os ter taes, quaes saõ, e foraõ sem„ pre os Portuguezes. Antonio Carvalho a fez „ em Almeirim a 13 de Fevereiro de 1569.

REY.

77 Para que estas orações, que ElRey com tanto fervor pedia, fossem benevolamente recebidas no Tribunal da piedade divina, impetrou da Santidade de Pio V. hum Jubileo para aquelles que as fizessem, o qual foy concedido com sagrada profusaõ, pois além da Indulgencia plenaria, concedeo o Pontifice aos Confessores licença para absolverem de todas as censuras sem limitaçaõ alguma. Foy expedida esta graça em vinte de Agosto deste anno de 1569, e publicada em todo o Reyno com geral consolaçaõ dos povos, que offereciaõ fervorosamente a Deos o valor das suas obras meritorias pela vida, e recta administraçaõ do seu Principe, a quem desejavaõ as mayores felicidades.

Impetra ElRey hum Jubileo plenario para os seus vassallos.

78 Assistia ElRey em Almeirim desde vinte e quatro de Novembro do anno passado, applicado

cado ao exercicio da caça, de que he abundante aquella Villa, quando no principio de Fevereiro recebeo a noticia de hum horrendo caſo, que converteo em profundo pezar todo o paſſatempo, que até entaõ tinha gozado. Succedeo na Villa de S. Joaõ da Peſqueira, que celebrando-ſe na Parochia de S. Sebaſtiaõ em o ſeu proprio dia feſta a eſte inſigne Martyr, ao levantar o Cura Gaſtaõ Rebello a Hoſtia na Miſſa ſolemne, hum Judeo chamado Affonſo Mendes Carapito, ſe arrojou com ſacrilego atrevimento a lha tirar das mãos, e ſatisfazer na ſagrada Forma o intranhavel odio, com que os ſequazes da Synagoga aborrecem a Chriſto Noſſo Salvador. Sentio com exceſſo proprio da Chriſtandade Portugueza o noſſo Principe eſte ſacrilegio, e mandou, que foſſe queimado vivo o ſeu perfido author, o que ſe executou promptamente em Lisboa, com grande applauſo, e ſatisfaçaõ de todo o povo.

Horrendo caſo ſuccedido na Villa de S. Joaõ da Peſqueira.

79 Tinha determinado ElRey aſſiſtir largo tempo em Almeirim, por cuja cauſa ſe tinhaõ transferido para eſta Villa a Corte, e todos os Tribunaes, quando em quarta feira de Trevas, que ſe contavaõ ſeis de Abril deſte anno de 1569, ſe reſolveo repentinamente paſſar a Lisboa, ſem declarar o motivo, que o movia a eſta jornada, para a qual ordenou a alguns dos ſeus criados, que à huma hora depois do meyo dia eſtiveſſem promptos. Correraõ logo todos os Cavalheros

Parte ElRey com grande aceleraçaõ de Almeirim.

ao

ao Paço admirados de novidade taõ pouco eſperada, e naõ deſcubriraõ a menor alteraçaõ no ſemblante delRey, antes com demonſtrações de alegria ſe deſpedio da Rainha D. Catharina, a quem deixou acompanhada da Infanta D. Maria, e de outras peſſoas para o ſeu ſerviço. Sahio de Almeirim às quatro horas da tarde, e dormio em Salvaterra, donde mandou chamar ao Cardeal D. Henrique, que com ſua faculdade eſtava no Moſteiro de Alcobaça aſſiſtindo aos Officios da Semana Santa. Ao dia ſeguinte ouvio ElRey Miſſa no Convento dos Religioſos Arrabidos, e acompanhado do ſeu Confeſſor, e alguns Officiaes da ſua Caſa, chegou de tarde ao Convento de Xabregas, a tempo que eſtava huma grande multidaõ de povo, para ver, e adorar o Santo Sudario, que no Religioſo Moſteiro da Madre de Deos naquelle dia ſe coſtuma moſtrar.

80. Eſta improviſa chegada delRey aſſombrou exceſſivamente ao povo, diſcorrendo ſer grave a cauſa, que o movera a que naõ aſſiſtiſſe com a piedade, de que era ornado, à doloroſa repreſentaçaõ dos profundos Myſterios daquella Semana, e que executaſſe com tanta aceleraçaõ huma jornada, que a todos parecia intempeſtiva. Hoſpedou-ſe ElRey no Paço de Xabregas por eſpaço de dezaſete dias, em quanto ſe reedificou o do Caſtello, que eſtava muito damnificado, para cujo reparo trabalharaõ quatrocentos officiaes, e ſe

Chega ElRey a Lisboa; e o que determinou.

e ſe diſpenderaõ vinte mil cruzados. Quinze dias continuos houve Conſelho de Eſtado, ao qual ſempre preſidia ElRey, de que ſe ſeguio mandar apreſtar huma Armada de vinte vélas, e que deſtas ſeis navegaſſem para a Ilha dos Açores, para comboyarem as náos da India, fazendo Capitaõ mór deſta Armada a Jorge de Lima, igualmente valeroſo, e experimentado. A cauſa da expediçaõ deſta Armada foy repreſentarſe ao noſſo Principe, que como os Hugonotes eſtavaõ triunfantes em França, e tinhaõ muitos navios, podiaõ commetter outro inſulto ſemelhante ao da Ilha da Madeira, e infeſtar alguns dos noſſos pórtos, como tambem o podiaõ executar os Inglezes, eſtimulados do ſequeſtro, que ſe lhes fizera neſte Reyno. Porém eſte motivo, que ElRey propoz para o apreſto da Armada, foy affectado; porque os Hugonotes naõ tinhaõ ſahido de França, e ainda que eſta reſoluçaõ ſe dilataſſe até depois de Paſchoa, nada ſe arriſcava na ſua demora, como evidentemente ſe experimentou.

81 A verdadeira cauſa, que obrigou a ElRey, a que com tanta aceleraçaõ ſe auſentaſſe de Almeirim, eſteve occulta à penetraçaõ dos politicos, até que o tempo revelou qual foſſe a ſua origem. Depois que ElRey cingio a Coroa, todo o empenho, e deſvélo do Cardeal, foy apartar a ſeu ſobrinho da companhia da Rainha D. Catharina,

Motivo porque ElRey partio de Almeirim com tanta aceleraçaõ.

tharina, pertendendo ambiciosamente, que a vontade daquelle Principe estivesse sugeita à sua disposiçaõ. Para estabelecer esta maquina, tinha introduzido para Mestre a Luiz Gonçalves da Camera, esperando, que lembrado de elle ter sido a causa, de que exercitasse ministerio taõ honorifico, e ainda dos grandes beneficios, que tinha feito à Companhia, de quem era filho, inclinasse o animo delRey para a sua pessoa, e o apartasse de estar obediente à sua avò, pois desta sorte governaria dispoticamente o Reyno, a que aspirava a sua dissimulada ambiçaõ. Para se conseguir este intento, todo o cuidado se applicava em levar ElRey a lugares, onde raramente podesse ver a Rainha, sendo hum destes Almeirim, onde ElRey attrahido do exercicio da caça passava muitas vezes esquecido de sua avò, e sómente entregue nos apetites, que lhe fomentava a lisonja.

82 Sentia a Rainha com excesso ver a seu neto, que com tanto amor, e desvélo criara, retirado da sua companhia, a quem desejava sazonar a verdura dos annos com a madureza dos seus conselhos; mas como era necessaria sugeiçaõ no Principe para venerar a Rainha, e elle estivesse persuadido por lisongeiras suggestoens, que quem nascera para mandar, naõ devia obedecer, se retirava da sua presença, naõ observando as advertencias, nem ouvindo os dictames proferidos pe-

la

la ſua larga experiencia ; ſendo a ultima prova deſta averſaõ , e deſobediencia , que propondo-lhe em Almeirim a Rainha para Miniſtros do ſeu deſpacho a Pedro de Alcaçova Carneiro , Thomé de Souſa , e a D. Juliaõ de Alva , hum Védor , e outro Capellaõ mór da meſma Rainha , nomeou ElRey a D. Joaõ de Caſtro , e D. Martinho Pereira , que eraõ parciaes do Cardeal D. Henrique. Augmentou-ſe mais eſta deſattençaõ delRey para com a Rainha , elegendo por Eſcrivaõ da Puridade a Martim Gonçalves da Camera , cuja eleiçaõ deſgoſtou de ſorte aquella Princeza , que naõ aſſiſtio mais ao deſpacho ordinario. Eſtimulado ElRey deſte retiro , partio aceleradamente para Lisboa , parecendo-lhe , que ſeparando-ſe de ſua avó , ſe moderariaõ de algum modo as diſcordias , que haviaõ entre ambos.

Retira-ſe a Rainha de aſſiſtir ao deſpacho.

Hiſtor. de Var. do appelid. de Tavor. pag. 272.

83 A Rainha como era muito prudente , receando , que foſſe mal interpretada a reſoluçaõ , que executara de ſe retirar do deſpacho , a participou com Cartas circulares , naõ ſómente aos Tribunaes , e Titulares do Reyno , mas a ſeu ſobrinho Filippe Prudente , e à Princeza D. Joanna , os quaes eſcreveraõ a ElRey D. Sebaſtiaõ , eſtranhando-lhe o pouco reſpeito , com que venerava a huma Matrona , que devia ſer a unica directora das ſuas acções , preferindo à madureza dos ſeus conſelhos as perniciofas maximas de alguns politicos , que mais zelavaõ a propria conveniencia,

Participa a Rainha eſta ſua reſoluçaõ ao Reyno , e a Filippe Prudente.

veniencia, que o credito do seu Soberano. Naõ foraõ poderosas estas advertencias para que El-Rey se conformasse com os dictames de sua avó, antes repugnando obedecerlhe, usava da liberdade, que lhe persuadia a ambiçaõ de Martim Gonçalves da Camera, o qual se senhoreou com tal excesso da vontade delRey, que foy instrumento de que o Cardeal D. Henrique, a quem devia a sua exaltaçaõ, cahisse da graça de seu sobrinho, experimentando em si proprio o desgosto, que padeceo a Rainha, do qual fora elle o principal author.

CAPITULO XIV.

Parte por Embaixador a Roma D. Joaõ Tello de Menezes, e da instrucçaõ, que levou; e como foy recebido do Pontifice, o qual respondeo com summa benevolencia ao nosso Monarca.

1569 84 AO tempo, que com universal jubilo da Christandade f y sublimado ao Throno do Vaticano S. Pio V. assistia na Curia por Embaixador da nossa Coroa D. Fernando de Menezes, o qual ainda que com profundo respeito congratulou em nome do seu Soberano ao novo Pontifice, como este Principe era o mais obse-

obsequioso para com os Vigarios de Christo, parecendo-lhe, que naõ era bastante aquella demonstraçaõ da sua obediencia, a quiz segunda vez protestar pela pessoa de D. Joaõ Tello de Menezes, a quem nomeou seu Embaixador para esta funçaõ. Era este Fidalgo Senhor de Aveiras, filho de D. Henrique de Menezes, Commendador da Azinhaga, e de Idanha Velha, Governador, que fora de Tangere, e Embaixador a Paulo III. e de sua mulher Brites de Vilhena, filha de Ruy Barreto, Alcaide mór de Faro, e Védor da Fazenda do Algarve. A grande capacidade, de que era ornado, o fez naõ sómente digno de exercitar o ministerio de Embaixador na Cabeça do Mundo, mas ao depois ser Presidente do Desembargo do Paço, e hum dos cinco Governadores deste Reyno, por morte do Cardeal D. Henrique.

Parte D. Joaõ Tello de Menezes por Embaixador a Roma, e quem era este Fidalgo.

Salaz. *Hist. da Casa de Sylva*, liv. 8. cap. 10.

85 Larga foy a instrucçaõ, que ElRey entregou ao novo Embaixador, confiando do seu grande talento desempenharia com igual fidelidade, e prudencia, as materias de que constava, pois todas resultavaõ em decóro deste Reyno. Primeiramente lhe mandava significasse a Sua Santidade o ardente affecto, com que desejava a duraçaõ da sua vida, pois com ella se animava o corpo mystico da Igreja, e lhe offerecia com filial reverencia naõ sómente a sua Pessoa, mas a toda a Monarchia Portugueza, sempre reveren-

Instrucçaõ, que levou o Embaixador.

te à Sé Apoſtolica. Em ſegundo lugar repreſen-
taſſe a Sua Santidade, que no Pontificado de Pio
IV. ſeu anteceſſor, pedira o Colleitor com mui-
ta inſtancia por virtude de hum Breve, que apre-
ſentou, lhe pagaſſem os Quindenios das Igrejas
unidas *in perpetuum* aos Moſteiros deſtes Rey-
nos, deſde o tempo da ſua uniaõ, o que ſe naõ
executou por ſe allegar ao Pontifice, que as di-
tas Igrejas unidas foraõ do Padroado Real, as
quaes de ſua natureza naõ devem meyas Annatas,
nem pagar Quindenios, por quanto em todos os
mezes ſe provém pelos Ordinarios, com apreſen-
taçaõ delRey, ſem nunca ſe proverem em Ro-
ma. De mais, que eſtes Moſteiros eſtavaõ em
poſſe de naõ pagar eſtes Quindenios deſde ſua fun-
daçaõ, e do tempo das unioens, aſſim das Igre-
jas do Padroado, como das que o naõ ſaõ, e nun-
ca a Sé Apoſtolica os pedio, nem recebeo, pa-
recendo eſta tolerancia ſer muito juſta, por atten-
der à pobreza dos Moſteiros, dos quaes muitos
naõ tem rendas, e por eſta cauſa impoſſibilitados
para os pagar; e ſendo eſtas razoens allegadas a
Pio IV. as julgou taõ juſtificadas, que deſde o
ſeu tempo até o preſente ſe naõ fallou mais neſta
pertençaõ, inſtando agora novamente por ella o
Colleitor, e requerendo ao Cardeal D. Henri-
que, como Legado Apoſtolico, mande pagar os
Quindenios, cujo procedimento devia Sua San-
tidade eſtranhar ao Colleitor, pois delle reſultava
grave

grave prejuizo aos Mosteiros deste Reyno, obrigando a que paguem o que por nenhum principio devem fazer.

86 Que pela commissaõ, que tinha o Cardeal D. Henrique para a reformaçaõ dos Conventos de S. Bento, S. Bernardo, e Santo Agostinho, pedisse a Sua Santidade quizesse conceder faculdade para o Cardeal aceitar as renuncias dos Commendatarios, D. Priores, e Abbades dos ditos Mosteiros, e assinarlhes pensoens commodas para sua sustentaçaõ, como tambem poder applicar as rendas da Mesa Abbacial do Convento de Alcobaça para o lugar de Inquisidor Geral. Que no tempo que residira em Roma por seu Embaixador D. Fernando de Menezes, viera àquella Corte hum Embaixador del Rey de Polonia, que intentou preceder a D. Fernando, o qual representando a Sua Santidade a justiça, que tinha para naõ ser precedido pelo Ministro daquella Coroa, supposto que o Pontifice reconhecesse a razaõ, que assistia ao nosso Embaixador para naõ escandalizar a hum Principe, cujos vassallos eraõ pouco firmes na Fé, tomou por expediente naõ assistir na Capella em aquelles dias, em que costumaõ ter lugar nella os Embaixadores, e que sendo possivel, que outra vez succedesse excitarse esta controversia, lhe ordenava, que nunca cedesse no lugar ao Embaixador de Polonia, por ser gravemente injuriosa esta precedencia a huma

Co-

Coroa taõ obediente aos Succeſſores de S. Pedro. Que agradeceſſe a Sua Santidade a graça expreſſada em hum Breve, pela qual permittira, que ſe continuaſſe o contrato dos cavallos na India com os infieis, ſem ſer comprehendido nas penas da Bulla da Cea, pois ceſſando eſte commercio, ſe naõ ſuſtentaria a guerra contra os barbaros, de que ſe tinhaõ ſeguido tantos triunfos à Religiaõ Catholica.

87 Eſtas eraõ as principaes materias de que conſtava a inſtrucçaõ deſta Embaixada, as quaes para ſerem benevolamente attendidas, e promptamente deſpachadas pelo Pontifice, eſcreveo El-Rey aos Cardeaes Franciſco Alciato, que por auſencia do Cardeal Borromeo, era protector de Portugal, a Fr. Miguel Bonello Cardeal Alexandrino, ſobrinho do Pontifice, a Alexandre Farneſio, Cardeal Tuſculano, e Vice-Cancellario da Igreja, a Joaõ Antonio Capiſuco, Cardeal do Titulo de S. Clemente, e a Joaõ Moron, Cardeal Portuenſe, eſperando, que interpoſta a authoridade deſtes Principes do ſagrado Collegio, alcançaria o noſſo Monarca o deſpacho das ſuas ſupplicas. Para facilitar a conceſſaõ deſtes negocios, em que tanto ſe intereſſava eſte Reyno, eſcreveo a Rainha D. Catharina ao Pontifice explicando-lhe com o mais profundo rendimento a ſua obediencia, e pedindo-lhe com fervoroſas inſtancias quizeſſe benevolamente ouvir ao Embaixador,

xador, que seu neto lhe mandava, sendo a Carta a seguinte.

Carta da Rainha D. Catharina para o Pontifice.

„ Muito Santo em Christo Padre, e muito „ Bemaventurado Senhor. O desejo grande, que „ tenho de servir Vossa Santidade, e mostrarlhe „ em todas as cousas, quaõ obediente filha em „ mim tem, me obriga offerecer a Vossa Santida- „ de, para lhe pedir queira crer isto de mim, e que „ nenhuma cousa me poderá nunca ser de mayor „ consolaçaõ, que mandarme Vossa Santidade al- „ guma de seu serviço. Humildemente peço a „ Vossa Santidade seja servido terme nesta con- „ ta; porque estimando eu tanto sua Pessoa, e „ as muy grandes qualidades della, e suas santas „ obras, tanto em serviço de Nosso Senhor, e „ bem da Christandade, entaõ crerey, que pos- „ so confiar de mim quando Vossa Santidade me „ tiver nella. Se ao presente ha cousa em que eu „ possa mostrar em seu serviço esta minha vonta- „ de, e estes meus desejos, beijarey os pés a Vos- „ sa Santidade mandarmo; e porque por D. Joaõ „ Tello de Menezes, que o Senhor Rey meu ne- „ to envia a Vossa Santidade, para em sua Corte „ residir por seu Embaixador, falley nisto mais „ largo, a elle me remetto; e peço a Vossa San- „ tidade, que por me fazer merce lhe queira àcer- „ ca disso dar inteiro credito, e taõ boas novas „ de sua disposiçaõ, para mas escrever. Espero „ em Nosso Senhor, que sempre sejaõ. Lembro

„ a Vos-

„ a Vossa Santidade pela grande obrigaçaõ, que
„ tenho a Deos, e a estes Reynos todas as cou-
„ sas delles, e assim o estado em que ao presen-
„ te estaõ, do que Vossa Santidade deve ter mui-
„ ta informaçaõ, para que naõ sómente no que a
„ Vossa Santidade tocar, mostre o grande respei-
„ to, que lhe tem, considerando os grandes me-
„ recimentos, e serviços dos Reys passados, e
„ presentes, mas ainda no que vir, que lhes con-
„ vém crer, endereçar, e guiar tudo como Pay,
„ e Senhor de todos, e como quem tanta obri-
„ gaçaõ tem à conservaçaõ, assocego, e aug-
„ mentaçaõ dos Reynos, dos quaes a Santa Sé
„ Apostolica, e os Summos Pontifices della tan-
„ tos serviços tem recebidos. Nosso Senhor por
„ muy largos annos conserve a Vossa Santidade
„ a seu santo serviço. Dalmeirim, a 23 de Mar-
„ ço de 1569.

Muito obediente Filha de Vossa Santidade

RAINHA.

Chega o Embaixador a Roma, e he recebido benevolamente pelo Pontifice.

88 Recebida a instrucçaõ por D. Joaõ Tello de Menezes, partio de Almeirim em vinte e sete de Março deste anno de 1569, e chegando brevemente a Roma, communicou os negocios, que levava recomendados ao Doutor Antonio Pinto, que era na Curia Agente desta Coroa, cuja sciencia politica aprendida em taõ grande escola,

cola, havia ſer a directora das acções do novo Embaixador. Foy recebido pelo Pontifice com paternal affecto, o qual explicou com mayor exceſſo, quando recebeo a Carta do noſſo Principe, que ſe comprehendia neſtas breves palavras.

„ Muito Santo em Chriſto Padre, e mui- „ to Bemaventurado Senhor. O voſſo devoto, „ e obediente filho D. Sebaſtiaõ, com toda a hu- „ mildade, envia beijar ſeus ſantos pés. Muito „ Santo em Chriſto Padre, e muito Bemaventu- „ rado Senhor. Pelo amor, e grande affeiçaõ, „ que tenho a Voſſa Santidade, e deſejo de muy „ amiude ter novas de ſua diſpoſiçaõ, mando a „ D. Joaõ Tello de Menezes, peſſoa de quem „ muito confio, por ſua prudencia, e qualidades, „ para reſidir por meu Embaixador, e ſervir a „ Voſſa Santidade, e me aviſar ſempre da ſua ſau- „ de, e boa diſpoſiçaõ, que eu ſempre queria ou- „ vir, e que praze a Noſſo Senhor lhe dará. Pe- „ ço muito por merce a Voſſa Santidade, que em „ tudo o que lhe o dito D. Joaõ da minha parte „ diſſer, lhe queira dar inteira fé, e crença: e em „ muy ſingular merce o receberey de Voſſa San- „ tidade. Muito Santo em Chriſto Padre, e mui- „ to Bemaventurado Senhor. Noſſo Senhor pa- „ ra muitos tempos conſerve Voſſa Santidade em „ ſeu ſanto ſerviço, &c.

Carta delRey para o Pontifice.

89 Amava terniſſimamente o Pontifice ao noſſo Monarca pelas continuas informações, que ti-

nha da generosa indole, e summa piedade de que era ornado, e para demonstração deste affecto, que se augmentou mais com a lição da Carta deste Principe, remettida pelo Embaixador, lhe respondeo nesta fórma.

Reposta do Pontifice a ElRey.

„ Charissime in Christo Fili Noster, salu„ tem, & Apostolicam benedictionem. Officium, „ quo Maiestas Tua per litteras suas XX. die No„ vembris datas, & per dilectum Filium Joannem „ Tello de Menezes functa est, quem Oratorem „ suum apud Nos mansurum hùc misit, ut par „ est, multis de causis aceptissimum, & gravissi„ mum fuit. Mittentis personam si spectemus, „ nemo est omnium Christianorum, Catholico„ rumque Principum, quem Nos plusquàm Ma„ iestatem Tuam ex animo diligamus: quod Nos „ quidem, non solùm tuæ, maiorumque tuorum „ clarissimorum Regum, & de Republica Chris„ tiana optimè meritorum virtuti, rebusque ad„ versùs infideles præclarissimè gestis tribuimus; „ verùm etiam singulari tuæ in Deum Omnipoten„ tem pietati, & erga hanc Sanctam Sedem Apos„ tolicam devotioni damus, & animo præstantis„ simis illis viris maioribus tuis dignissimo. Ejus „ verò nomine, qui missus est, quem Nos certè „ virum non minùs nobilitate illustrem, pruden„ tem, & gravem cognovimus, intelleximus Nos „ hanc Sanctam Sedem, neque honorificentiùs, „ neque amantiùs à te tractari potuisse. Qua verò

„ de

„ de causa missus est, ut scilicet obsequium tuum
„ erga Nos, Romanamque Ecclesiam præsens
„ præsentibus declararet, teque de Nostro statu,
„ Nostraque salute certiorem sæpe redderet, ea
„ ejusmodi est, ut quod officium Nobis, & mit-
„ tentis dignitas, & missi persona satis commen-
„ dabant, id adjecta hac causa multò etiam com-
„ mendatiùs, gratiùsque efficerit. Pro eo, &
„ pro isto voluntatis, pietatisque in Nos tuæ tam
„ insigni, tamque egregio testimonio eas tibi gra-
„ tias agimus, quas debemus; Maiestatemque
„ Tuam pro comperto habere volumus, Nos si-
„ cut in te verè, atque ex animo amando, no-
„ mine quantumvis tecum necessitudinis, propin-
„ quitatisque vinculis conjuncto concedimus; sic
„ etiam Nostræ tibi paternæ benevolentiæ decla-
„ randæ idonea Nobis occasione oblata nullum
„ unquam esse locum prætermissuros; qua de re
„ copiosiùs cum eodem Oratore tuo locuti sumus;
„ cujus litteris Nos referimus. Omnipotens Deus
„ Te Charissime in Christo Fili semper custodiat,
„ suamque tibi gratiam magis, magisque in dies
„ singulos augere dignetur. Datum Romæ apud
„ Sanctum Petrum, sub Annulo Piscatoris die
„ XXVII. Junii M.D.LXIX. Pontificatus Nos-
„ tri anno quarto.

T. ALDOBRANDINUS.

CAPITULO XV.

He assolada a Cidade de Lisboa com o formidavel flagello da peste, cujos horrorosos estragos se relataõ, como as devotas Procissoens, com que se implorou a suspensaõ de taõ fatal epidemia.

1569

90 PRovocada a Divina Justiça com os criminosos excessos da malicia humana, se resolveo a disparar do arco da sua indignaçaõ aquella venenosa setta, que no breve espaço de tres mezes reduzio a cinzas a mayor parte dos moradores de Lisboa, cujo fatal castigo foy o horroroso epitafio da enormidade das suas culpas. A insolencia dos Grandes, o luxo dos Ecclesiasticos, a injustiça dos Ministros, a oppressaõ dos pobres, e a incontinencia escandalosa, que dominava em todo o genero de pessoas, armaraõ as mãos do Omnipotente para fulminar aos authores de taõ execrandos delictos. Passava de quarenta annos, que a Metropole deste Reyno gozava de huma continuada corrente de tempos benignos, e salutiferos, quando no principio deste anno de 1569, precedendo huma excessiva inundaçaõ de agua, que se fez mais nociva com nevoas copiosas, e espessas, se começaraõ a descobrir

Como principiou o contagio.

brir eryſipelas, e carbunculos de taõ maligna qualidade, que inſtantaneamente communicados de huns corpos a outros, e augmentados em tumores com pintas, privavaõ com tanta aceleraçaõ da vida, que logo ſe inferia ſer o achaque epidemico. Muitos confiados na benignidade do clima ſe naõ perſuadiaõ ſer o mal contagioſo: porém outros inſtruidos pela experiencia como teſtemunhas da ultima peſte, que infeſtara ao Reyno, affirmavaõ, que era epidemia cauſada pela grande humidade do Inverno, que gerara nos corpos aquelles apoſtemas de taõ pernicioſas qualidades.

91 Já era taõ geral o contagio, que morriaõ cada dia cincoenta, e ſeſſenta peſſoas, mas para naõ ficar a Cidade deſeita ſe occultavaõ com ſumma cautela os ſeus formidaveis effeitos. Chegou o mez de Julho, e como a eſtaçaõ era mais ardente, ſe começou a dilatar com tanta furia eſte fogo devorador, que em cada dia eraõ paſto da ſua voracidade quinhentas peſſoas. Por naõ haver lugar nos Templos para as ſepulturas, ſe ſagraraõ olivaes, e prayas, e ſe abrio em covas todo o campo de Santa Barbara; e ainda que foy comutado o degredo dos condemnados às galés para conductores dos defuntos, era tanto o numero delles, que por eſtarem amortalhados pelo eſpaço de tres dias ſe ſepultavaõ no lugar em que jaziaõ, para ſe naõ augmentar a corrupçaõ. A Cidade

Eſtrago, que fez o contagio na Cidade de Lisboa.

dade reduzida a deserto, estava coberta de ervas, e se em toda ella se encontravaõ duas, ou tres pessoas, pareciaõ pelos semblantes pallidos, mortas, e naõ vivas. Para evadir desta fatal calamidade fugia a mayor parte da gente aos arrebaldes da Cidade, servindo-lhe de cama a terra, e os troncos de cabeceira. As mulheres fugitivas dos maridos, e os filhos dos pays, vagavaõ sem achar refugio ao seu perigo, causando mayor lastima a innocencia dos meninos, que por falta de vozes explicavaõ com suspiros o seu desamparo. Nesta formidavel tormenta igualmente naufragava a robustez dos mancebos, como a delicadeza das donzellas, sendo ambos os sexos, e todas as idades violentamente consumidas pelo contagio. Com o intento de que se naõ propagasse mais extensamente, se edificou pela praya do Tejo hum Hospital de madeira com cento e tres officinas, e em cada huma se puzeraõ cinco, e seis feridos. Pela parte exterior deste edificio se extenderaõ largas vélas, para que os enfermos amparados da sombra recebessem algum alivio, porém foy infructuoso este trabalho. Com caritativa competencia, e zelosa emulaçaõ concorreraõ as Familias Religiosas, e muitos Ecclesiasticos seculares, para enfermeiros dos feridos do contagio, os quaes desprezando heroicamente a morte, se sacrificavaõ victimas da caridade em obsequio da saude espiritual de seus proximos, agonizando neste

te

te voluntario sacrificio nove Religiosos Dominicos, vinte e sete Franciscanos da Provincia de Portugal, vinte e seis da Provincia dos Algarves, dezoito Eremitas Augustinianos, dezoito Carmelitas, dezanove Jesuitas, quatro Capuchos, tres Trinitarios, quatro Conegos Regrantes, e cento e noventa Clerigos.

92 Para evitar os perniciosos effeitos do contagio, passou de Lisboa para Cintra, por conselho dos Medicos, ElRey D. Sebastiaõ, e para a Villa de Alenquer a Rainha D. Catharina com a Infanta D. Maria, por ser lugar muito saudavel, onde habitava junto do Convento dos Religiosos Franciscanos, de cuja conversaçaõ gostava muito o seu espirito, dando-lhes para sinal de seu piedoso animo huma Cruz de prata, guarnecida de rubins, em que estava hum pedaço do Santo Lenho, e hum fio do Cordaõ de S. Francisco, clausulado em huma columna de crystal. Determinou ElRey, que residissem em Lisboa D. Martinho Pereira, Védor da sua Fazenda, para que della dispendesse com a pobreza; D. Joaõ Mascarenhas, Capitaõ mór da gente Militar, para defensa da Cidade; e Diogo Lopes de Sousa, Governador da Casa do Civel, para a administraçaõ da Justiça, cujo poder lhe deu nesta Provisaõ.

Retiraõ-se de Lisboa por conselho dos Medicos as Pessoas Reaes.

„ D. Sebastiaõ pela graça de Deos Rey de
„ Portugal, &c. Faço saber aos que esta Carta
„ virem,

Provisaõ delRey D. Sebastiaõ, em que nomea Governadores de Lisboa.

„ virem, que confiderando eu o eftado em que
„ eftá a Cidade de Lisboa, por caufa da doença,
„ que nella ha, e das defordens, que diffo pro-
„ cedem, e damnos, que ao diante fe podem fe-
„ guir, e de quaõ grande importancia he dar a
„ tal ordem nas coufas da Juftiça defta Cidade,
„ que fe faça inteiramente comprimento della; e
„ vendo quanta obrigaçaõ tenho de pelos ditos
„ refpeitos mandar prover no que dito he, com
„ toda a brevidade, mandey ora a Diogo Lopes
„ de Soufa, do meu Confelho, e Governador
„ da Cafa do Civel, que refide na dita Cidade,
„ a provefle nas coufas da Juftiça della, como
„ por feu officio he obrigado fazer; e para que
„ melhor o poffa fazer aos que cometterem cul-
„ pas fejaõ caftigados: Hey por bem de por ef-
„ ta Carta lhe dar, como de feito dou, e con-
„ cedo todo o meu poder, e jurifdicçaõ civel,
„ e crime, mero, e mixto imperio, fem coufa
„ alguma lhe limitar, para que nos cafos, que
„ por elle forem determinados fobre as ditas cou-
„ fas, e caftigo, que por elle merecerem quaef-
„ quer peffoas, em quanto elle pelo meu manda-
„ do eftiver, e refidir na dita Cidade, durando
„ as ditas doenças, por efta vez fómente fe faça
„ execuçaõ nas ditas peffoas de qualquer qualida-
„ de, que fejaõ até morte natural inclufivel, por
„ quanto pelos ditos refpeitos, e pela grande con-
„ fiança, que tenho no dito Governador, o affim
„ hey

„ hey por bem, e mando a todos os Correge-
„ dores, Desembargadores, Juizes, e Justiças,
„ Officiaes, e pessoas, a que o conhecimento des-
„ ta pertencer, e a todos em geral, e a cada hum
„ em particular, que o cumpraõ, e façaõ intei-
„ ramente guardar, como se nelle contém; e pa-
„ ra firmeza de tudo o que dito he, lhe mandey
„ passar esta Carta assinada por mim, e sellada
„ com o Sello das minhas Armas. Lopo Soares
„ a fez em Cintra a 12 de Julho do anno do Nas-
„ cimento de Nosso Senhor JESU Christo de 1569
„ annos.

REY.

Eu Miguel de Moura a fiz escrever.

95 Para applacar a Divina indignaçaõ, que com taõ horroroso flagello tinha reduzido a cadaveres mais de cincoenta mil moradores de Lisboa, inventou a piedade, unida com a penitencia, varias Procissoens, que discorrendo por toda a Cidade, imploravaõ com vozes enternecidas a Divina Misericordia. A primeira de todas se fez a quatorze de Agosto pelos Religiosos Franciscanos da Provincia dos Algarves, a qual foy ao Convento de S. Vicente de fóra, sendo acompanhada pelos Conegos Regrantes desta sumptuosa Casa, dos quaes seis mais authorisados levavaõ aos hombros a Imagem de S. Sebastiaõ, collocada em hum andor debaixo do pallio, e se

Procissoens, com que a Cidade pertende applacar a Divina Justiça.

recolheo ao Convento de Xabregas, donde sahira. Ao dia seguinte levou a Communidade de S. Domingos a Imagem de Christo crucificado, em cujo lado estava exposto o Diviníssimo Sacramento, debaixo de hum precioso pallio, e chegando à Cathedral, collocaraõ a sagrada Imagem no Altar mór, onde prostrado todo o povo por terra, pedia contrito o perdaõ das suas culpas, sendo tal a comoçaõ, que faziaõ aquelles eccos dolorosos, que naõ havia coraçaõ, que naõ se sentisse penetrado, derramando huns copiosas lagrymas, e confessando outros publicamente os seus peccados. Ao recolher da Procissaõ ao Convento de S. Domingos, se prégaraõ tres Sermões; hum no alpendre da Igreja, outro dentro della, e o terceiro no Claustro, havendo tantos gemidos no auditorio, que naõ deixavaõ perceber as vozes dos Prégadores. No dia seguinte sahio outra Procissaõ do Convento de S. Francisco da Cidade, em que foy levada a Imagem da Madre de Deos, que se venera em huma magnifica Capella daquelle Convento, e vindo à Casa da Misericordia, prégou Fr. Balthazar das Areas, com grande fruto dos ouvintes. A esta mesma Casa no dia seguinte veyo a Communidade dos Carmelitas Calçados com a Imagem da Senhora do Carmo. A dezoito de Setembro sahio da Cathedral ao Convento de S. Domingos outra Procissaõ, ordenada pela Cidade, composta de todas as Ordens

Reli-

Religiosas, Freguesias, e Irmandades, com muitos andores primorosamente ornados, em que se viaõ os Santos Advogados da peste; no fim hiaõ o Santo Lenho, e o braço de S. Sebastiaõ debaixo do pallio. Repetio a Cidade os seus votos em segunda Procissaõ a oito de Novembro, que sahindo da Casa de Santo Antonio, foy ao Convento de S. Francisco, e nella foy levada a Imagem do Santo, com parte do seu casco, debaixo de hum precioso pallio, acompanhado de todos os Cidadãos. Outra igualmente devota, assistida de varios penitentes, foy à Casa da Santa Misericordia, em que se levou o braço de Santa Anna, que nella com summa veneraçaõ se conserva, acompanhada dos Irmãos daquella illustrissima Irmandade, com tochas accezas, e depois de entrar no Convento de S. Domingos, se recolheo à mesma Casa donde sahira, em que prégou com grande espirito o Doutor Francisco Monçaõ, Conego da Sé de Lisboa.

CAPITULO XVI.

Discorre ElRey D. Sebastiaõ por diversas partes do Reyno, em quanto dura o contagio. Escreve ao Senado da Camera de Lisboa, que se edifique hum Templo a S. Sebastiaõ por ter suspendido o flagello da peste. Entra na Cidade de Evora, e da pompa com que foy recebido.

1569

94 CONvidado da amenidade do sitio, e pureza do clima, assistia ElRey na Villa de Cintra, a tempo que Lisboa padecia os fataes effeitos da epidemia, quando deixando taõ amena habitaçaõ, passou à Villa de Obidos, e visitou o Real Convento de Alcobaça, onde suavemente attrahido da perfeiçaõ, com que se celebravaõ os Officios Divinos, e da monastica observancia de seus moradores, se deteve o espaço de hum mez, concedendo-lhe alguns privilegios, em que deixou igualmente eternizada a sua piedade, e grandeza. Querendo testemunhar com os olhos os cadaveres de alguns Principes seus antecessores, que naquelle sumptuoso Templo esperaõ a universal resurreiçaõ, mandou abrir as sepulturas de Affonso II. e Affonso III. e de suas consortes as Rainhas D. Urraca, e D. Brites, e admirando como a morte respeitara a fermosura destas

Visita ElRey o Convento de Alcobaça, e o que nelle obrou.

deſtas duas Princezas ſem a menor diminuiçaõ nos ſemblantes, e venerando no agigantado corpo de Affonſo III. ter ſido capaz depoſito daquelle eſpirito, que com a derrota dos Mouros augmentou o Reyno do Algarve à Coroa Portugueza. Eſtava preſente neſta occaſiaõ Fr. Franciſco Machado, Doutor pela Univerſidade de Pariz, e hum dos mais authorizados Monges daquelle Real Convento, o qual eſtranhando o exame, que D. Sebaſtiaõ fazia nas ſepulturas dos ſeus coroados Predeceſſores, animado de Apoſtolica liberdade, como antevendo o tragico ſucceſſo de Africa, rompeo neſtas palavras. „ Senhor: ſe eſtes Reys, e voſ„ ſos anteceſſores vos naõ deixaraõ exemplo de „ conquiſtar os Reynos alheyos, enſinaraõ-vos „ como havieis de conſervar o proprio; e ſe vós „ tomaſſeis a doutrina do ſeu governo, naõ an„ dara o Reyno taõ alterado; nem vós os viereis „ inquietar, e afrontar à ſepultura, onde repou„ zaõ ha tantos annos; Deos vos dé muitos de „ vida, e vos conceda nome, e ſepultura taõ „ honrada como qualquer deſtas, que naõ libra„ reis mal. Recebeo ElRey com aſpecto melancolico eſta advertencia, com que era increpada a ſua indiſcreta curioſidade, e para lhe ſerenar o animo, reprehendeo o Cardeal D. Henrique, como Abbade, que era do Convento de Alcobaça, a Fr. Franciſco Machado, a quem depois o meſmo Cardeal particularmente lhe louvou o ſeu zelo.

Advertencia, com que hum Monge de Alcobaça increpa a ElRey.

De

Discorre ElRey pelo Reyno.

95 - De Alcobaça partio ElRey para Leiria, onde sendo instado pelos seus vassallos com a supplica, que já tinhaõ feito a seu augusto Avó nas Cortes celebradas em Evora no anno de 1535, de erigir huma Relaçaõ em algumas das tres Provincias, para mayor conveniencia das suas causas, por ser muito distante a Cidade de Lisboa, se resolveo levantar duas Alçadas, huma para a Beira, outra para o Alentejo, fazendo Presidente da primeira a D. Pedro da Cunha, Capitaõ mór de Lisboa, e Governador das Galés, pay do insigne Prelado, e erudito Escritor D. Rodrigo da Cunha; e da segunda a Fernaõ da Sylveira, Claveiro da Ordem de Christo. Cada Alçada, que era como hum Tribunal deambulatorio, constava de Presidente, dous Desembargadores, Escrivaõ, e Meirinho, com jurisdicçaõ de entrar nas Cidades, e Villas mayores, Cabeças de Comarcas, e avocar a si as causas civeis, e criminaes, julgando a final humas, e outras, sem appellaçaõ, e nas criminaes castigavaõ, excepto em pena capital. Deixada a Cidade de Leiria a vinte e dous de Setembro, passou à Villa de Thomar; e a seis de Outubro, estando em Monte mór o Novo, ordenou, que se dividisse Lisboa em bairros, com Ministros de Justiça separados, para freyo dos criminosos, e refugio dos innocentes; e que as mulheres prostituidas vivessem fóra dos muros da Cidade, para que com o seu escandalo

dalo naõ inficionassem as honestas. Na mesma Villa de Monte mór recebeo a plausivel noticia de estar extincta a peste, assim em Lisboa, como em outros lugares do Reyno; e conhecendo que este grande beneficio era dispensado pelo invicto Martyr S. Sebastiaõ, Tutelar contra taõ horrendo flagello, escreveo ao Senado de Lisboa, para que promptamente se edificasse hum sumptuoso Templo àquelle heroico Athleta, em cujos marmores eternamente se gravasse a sua gratificaçaõ. Constavaõ as agradecidas expressoens deste Principe nas Cartas seguintes.

Cartas escritas ao Senado de Lisboa, para que se edifique Templo a S. Sebastiaõ.

„ Vereadores, e Procuradores da Cidade „ de Lisboa, e Procuradores dos Misteres della. „ Eu ElRey vos envio muito saudar. Porque ha „ tantos annos, que Nosso Senhor faz tamanhas „ merces a essa Cidade, e estes Reynos, por in„ tercessaõ do Bemaventurado S. Sebastiaõ, cuja „ reliquia ordenou, que viesse a ella, e que se naõ „ tem feito ainda aquella veneraçaõ, que a tal „ Santo, e por taes beneficios se requeria; ago„ ra que parece que por nossos peccados, e pela „ ventura por este pouco conhecimento, e agra„ decimento Nosso Senhor permitte, que tenha„ mos tanta necessidade de nos soccorrer a elle, „ procurando por todas as vias para applacar sua „ ira, e atalhar, e remediar os peccados, e tam„ bem com a intercessaõ deste Santo, em cujo „ louvor se devia fazer hum tal Templo, em que „ esti-

„ estivesse sua reliquia, e Nosso Senhor fosse mais
„ servido, e louvado, e para mayor gloria deste
„ Santo, e para o obrigarmos a interceder mais
„ por nós, e por a particular devoçaõ, que lhe
„ tenho, e me parecer, que lhe devia offerecer
„ esta determinaçaõ, e voto de lhe mandar fazer
„ esta Igreja à custa da minha fazenda, e da Ci-
„ dade, como eu ordenar: pelo que vos enco-
„ mendo, que em nome della façais o mesmo vo-
„ to; e como o tempo der lugar, se porá em or-
„ dem, como se faça; e espero em Nosso Se-
„ nhor, que com isto, e com o mais, que de-
„ termino fazer para seu serviço, e remedio de
„ peccados, que elle o dé a este mal, e ordene
„ tudo para mais serviço, que he o que eu sobre
„ tudo pertendo, e me escrevey logo o que nisso
„ fizerdes, e o mais que vos parecer, que cum-
„ pre para se melhor, e mais cedo effeituar esta
„ minha determinaçaõ. Escrita em Sintra a sete
„ de Julho de 1569.

REY.

„ Vereadores, e Procuradores da Cidade,
„ &c. Eu ElRey vos envio muito saudar. Eu
„ escrevi os dias passados de Sintra, quando se
„ começaraõ a declarar as doenças dessa Cidade,
„ que pelos respeitos que verieis naquella Carta,
„ me pareceo dever de fazer voto sobre a edifi-
„ caçaõ do Templo, que nessa Cidade se devia
„ fazer

„ fazer da invocaçaõ do Bemaventurado S. Sebaſ-
„ tiaõ, pelas muitas, e grandes obrigações, que
„ eu, e meus Reynos temos, e eſpecialmente eſ-
„ ta Cidade, para hum tal Santo dever ſer vene-
„ rado nelles differentemente do que até agora
„ foy, pelo qual deſcuido, e por outros pec-
„ cados parece que Noſſo Senhor permittio as
„ doenças deſſa Cidade; e aſſim vos eſcrevi en-
„ taõ, que em nome della fizeſſeis outro tal voto,
„ para ſe o dito Templo haver de fazer à cuſta
„ da minha fazenda, e da Cidade; e porque nas
„ doenças della ha tanta melhoria, como, lou-
„ vores a Deos, ſe tem viſto, me pareceo ago-
„ ra tempo conveniente para ſe tratar do effeito
„ deſta obra: e que poſto que a gente eſteja em
„ neceſſidade, monta tanto eſtar edificada, do
„ que de todos ſe agora deve eſperar que faraõ,
„ que deveis ordenar ſe comece a edificar eſte
„ Templo, e peſſoas, que tenhaõ cuidado de
„ conforme ao lançamento que fizer, deſpedirem
„ a cada hum o com que houver de contribuir
„ para eſta obra, e de procurardes de pera ajuda
„ della arrecadardes dos Officiaes, que ſaõ infor-
„ mados, que devem dinheiro à Cidade, e que
„ ſaõ obrigados de lhe pagar, e como ſe iſto ſe
„ fizer, da voſſa parte mandareis, que da minha
„ fazenda ſe faça tambem o que he razaõ, pelo
„ que vos encomendo muito, que vos ajunteis
„ todos, e practiqueis ſobre iſto, e o trateis com

„ o Governador, a quem tambem eſcrevo, pa-
„ ra que o communique comvoſco, e vos diga
„ ſeu parecer, do que deveis fazer muito funda-
„ mento por quem elle he, e pelo cargo que
„ tem; e porque eu lhe eſcrevo, que ſe ajunte
„ comvoſco, e vos dé conta de outras couſas,
„ para todos conſultardes o modo, que nellas ſe
„ deve ter, e como ſe deve fazer, por ſerem de
„ tanta importancia, como pela qualidade das
„ meſmas couſas, e do effeito, que ſe dellas per-
„ tende, vereis, vos encomendo muito que da
„ voſſa parte façais niſto tudo o que de vós con-
„ fio, e ſois obrigados pelos cargos, que tendes;
„ porque naõ ſerá razaõ, que ſendo vós taes peſ-
„ ſoas, e eſſa Cidade tal, e taõ grande em tu-
„ do, que nenhuma outra do Mundo lhe deve
„ fazer ventagem, ſe diga que he peyor governa-
„ da, e regida, que todas, couſa taõ para ſe ſen-
„ tir pela honra deſtes Reynos, de que eſſa Ci-
„ dade he Cabeça, como pelos damnos, e per-
„ da della, cujo remedio principalmente conſiſ-
„ te, que vós como peſſoas a que iſſo tanto to-
„ ca lhe podeis dar, ſe vos diſpuzerdes a iſſo com
„ aquelle zelo, e determinaçaõ, que ſe de vós
„ eſpera; e eſcrevermeheis voſſo parecer ſobre ca-
„ da huma das ditas couſas. Eſcrita em Monte
„ mór o Novo a dezaſeis de Oütubro de 1569.

REY.

„ Ve-

„ Vereadores, e Procuradores da Cidade
„ de Lisboa, &c. Eu ElRey vos envio muito
„ ſaudar. Eu tenho mandado a Affonſo Alvares,
„ Meſtre das Fortificações, que vá a eſſa Cida-
„ de para com elle verdes a traça, e modello, que
„ por meu mandado ſe fez para o Templo do
„ Bemaventurado S. Sebaſtiaõ, e ordenardes, que
„ logo ſe comece a edificar, como por algumas
„ vezes vos eſcrevi; pelo que vos encomendo,
„ que logo entendais niſto com aquelle zelo, e
„ cuidado, que por voſſas Cartas vejo, que diſ-
„ ſo tendes; e ordeneis aos Officiaes, que forem
„ neceſſarios para terem cargo da dita obra, e
„ da arrecadaçaõ do dinheiro, que ſe nella ha de
„ diſpender, o qual Templo ſe ha de fazer no ſi-
„ tio em que eſtá a Igreja de S. Sebaſtiaõ da
„ Mouraria, na parte que vos dirá o dito Affon-
„ ſo Alvares, e para iſſo comprareis os chãos,
„ que forem neceſſarios; e para ſe a dita obra po-
„ der fazer com mais brevidade, e menos deſ-
„ peza, ſe dará de empreitada a parte della que
„ bem parecer, o que practicareis com o dito
„ Affonſo Alvares, o qual hey por bem que ſeja
„ Meſtre da dita obra, e no modo de ſe trata-
„ rem com elle eſtas couſas ſe terá o reſguardo
„ neceſſario, pelo que toca à ſaude, por quan-
„ to ſe ha de tornar a mim para me dar razaõ
„ do que ſe aſſentar, e da ordem em que fica
„ poſto eſte negocio, que creyo ſerá tal como de

„ vós confio, e receberey muito contentamento
„ de logo o mais brevemente, que for possivel se
„ começarem a abrir os alicerces, e começar a
„ dita obra a correr de maneira, que se veja que
„ se faz, e vay por diante; e pelo dito Affon-
„ so Alvares me escrevereis tudo o que fizer a
„ bem desta materia. Escrita em Evora a 28 de
„ Dezembro de 1569.

REY.

Entra ElRey em Evora, e como foy recebido.

96 Entre as celebradas glorias, com que se jactava a antiga Cidade de Evora de ser augusto domicilio de tantos Principes, assim estranhos como naturaes, subio ao zenith da grandeza, quando recebeo dentro dos seus muros em cinco de Novembro deste anno de 1569, a ElRey D. Sebastiaõ. A' porta de Alconchel esperavaõ o Senado, e povo a este Principe, com taõ sincéros jubilos, que nos aspectos se divisava a fidelidade, que lhe animava os corações. Entre todos se distinguia D. Martinho Pereira, Governador da Cidade, a quem ElRey tinha concedido plenario poder de dar todos os Officios, assim politicos, como militares, e era Guarda mór da mesma Cidade seu irmaõ D. Luiz Pereira, a cuja vigilancia naõ tinha penetrado o contagio em Evora, que lastimosamente inficionara muitos lugares do Reyno. Foy interprete do geral applauso o insigne Varaõ André de Rezende, filho da mes-

ma

ma Cidade, e Pay da eloquencia Latina, explicando os votos daquelle concurſo com as ſeguintes clauſulas.

Recita huma Oraçaõ em ſeu applauſo o grande André de Rezende.

„ Muito alto, e muito poderoſo Rey noſ-
„ ſo Senhor. Mas que digo eu? Parece incon-
„ gruidade, ou menos decóro, pouco guardado,
„ fallar a V. Alteza por palavras coſtumadas a
„ ſe dizerem a outros Reys, pois ha hi outras
„ proprias, e particulares para com V. Alteza.
„ Emendo-me pois, e digo. Miraculoſo Rey
„ noſſo Senhor, Rey filho das lagrymas de to-
„ do voſſo povo, com naõ menos gemidos pedi-
„ do a Deos, que com alegria grandiſſima delle
„ impetrado. Certa maneira de afronta recebe
„ eſta voſſa ſempre leal Cidade de Evora, ſegun-
„ da de voſſos Reynos, por lhe naõ conceder a
„ natureza eſte dom em tempo que poderaõ ſeus
„ Cidadãos moſtrar a V. Alteza os coraçoẽs aber-
„ tos, ou V. Alteza notar, e conhecer em to-
„ tos a ſuprema alegria, que com voſſa deſejada
„ viſta lá de dentro das entranhas lhes rebenta pe-
„ los olhos, para moſtra da qual, boa parte po-
„ deráõ ſer os grandes ſinaes, e feſtas exteriores,
„ que nos abrevidade do tempo por V. Alteza li-
„ mitado, e taxado, e o receyo da confuſaõ dos
„ ares tambem tolheo. Pois palavras para o ex-
„ plicar equivalentes, onde as acharey eu? Ma-
„ yormente, que naõ ſofre noſſa lealdade tanta
„ demora, que poſſa eſperar longo raſoamento.

„ Já

„Já naõ podem estar calados os que me ouvem; „já contra costume me taxaõ de prolixo, e ca„da hum deseja de me tomar a maõ, e pór des„usadas palavras se atravesar a dizer. Venhais „em felicissima hora nosso Rey, nosso espelho, „em que nos revemos; nossa preciosa joya, de „que nos muito gloriamos; esperança do Rey„no, em que para vos servir nascemos; dado à „nós por Deos, pedido a Deos por nós. Com „vosco entre a saude, entre a prosperidade, e „tudo o que se póde chamar bem, com vosco „venha o precioso Martyr vosso Protector, cujo „nome entre os Reys Christãos vós primeiro to„mastes; elle guarde seu deposito, que sois vós, „e por vossa causa para vos servirmos, tambem a „nós; aos gloriosos Santos Mancio, Vincen„cio, Sabina, e Christeta, nossos Padroeiros, „com o maravilhoso Blasio, nosso Advogado, „vos tomem pela maõ, e digaõ. Esta prosa, e „empreza nossa he. E vós Cidadãos, que me já „quasi forçosamente ouvis, pois vos naõ podeis „mais sofrer, comigo a grandes vozes todos dizey. „Viva ElRey nosso Senhor, viva, viva ElRey.

97 A's elegantes vozes do Orador corresponderaõ festivas acclamações do numeroso concurso, augurando felicidades eternas ao seu Soberano, que foy conduzido à Cathedral debaixo do pallio, montado em hum soberbo cavallo. Da parte direita o acompanhava a pé o Capitaõ mór

Pompa, com que ElRey foy levado à Cathedral.

mór da Cidade D. Diogo de Castro, substituindo o lugar de Alferes mór; e da parte esquerda D. Francisco de Portugal, seu Estribeiro mór. Na porta da Cathedral o estava esperando o Arcebispo D. João de Mello, vestido de Pontifical, com o seu Cabido, e Clero: e depois que ElRey beijou com summa devoção o Santo Lenho, foy até à Capella mór, onde se cantou o *Te Deum laudamus* com vozes acordes, e diversos instrumentos musicos. Recolhido ElRey ao Palacio de D. Diogo de Castro, por não estar capaz o Real, assistio nesta Cidade até o anno seguinte, onde divertia o tempo vendo a destreza de alguns Cavalleiros no jogo das Canas, e Cavalhadas, e ouvindo na Universidade explicar as sciencias divinas, e humanas.

CAPITULO XVII.

Aceita novamente ElRey D. Sebastião os Decretos do Concilio Tridentino, de cuja Catholica resolução he congratulado com affectuosas expressoens por S. Pio V. Participa-lhe Carlos IX. de França a victoria, que alcançara dos Hereges, e do jubilo com que recebeo tão fausta noticia.

98. QUatro annos antes, que ElRey D. Sebastião cingisse a Coroa desta Monarchia, ordenou o Cardeal Henrique, que pe- 1569
la

la menoridade daquelle Principe a governava, fossem aceitos assim no Reyno, como nas Conquistas os Decretos do Concilio Tridentino, de cuja conclusaõ se tinha publicado a Bulla na Cathedral de Lisboa a sete de Setembro de 1564, e considerando com madura reflexaõ o nosso Principe, que nas Sessoens pertencentes à reformaçaõ dos costumes, extinçaõ de abusos, e revogaçaõ de privilegios se incluiaõ materias gravissimas, para que evidentemente constasse a ratificaçaõ do seu beneplacito, já quando moderava as redeas da Monarchia ao que tinha obrado o Cardeal D. Henrique na sua menoridade, publicou hum Decreto em Lisboa a oito de Abril deste anno de 1569, em que novamente aceitava o Concilio, ordenando, que no Reyno, e Conquistas se practicassem exactamente os Decretos da Reformaçaõ. Mais attento à jurisdicçaõ Ecclesiastica, que à Real, escreveo aos Bispos, que usassem livremente da authoridade, que novamente lhe concedera o Concilio, ainda que fosse com prejuizo da jurisdicçaõ Real, consistindo todo o desvélo deste Catholico Principe na emenda, e remedio espiritual dos seus vassallos.

Aceita os Decretos do Concilio Tridentino ElRey, ordenando se practiquem em todo o Reyno, e Conquistas.

99 Neste anno de 1569, publicou outros Decretos contra os escandalosos abusos do comer, e vestir, reduzindo à parcimonia dos primeiros seculos desta Monarchia os costumes adulterados pela communicaçaõ das nações, que frequentavaõ

Publíca ElRey varios Decretos em beneficio de seus vassallos.

vaõ a Capital do Reyno. Para exacta observancia destas Leys foy elle o primeiro exemplar, e espelho, a que se deviaõ compor os seus vassallos, vestindo com summa moderaçaõ, e usando na mesa de manjares mais para sustento da vida, que lisonja do palato. De todas estas catholicas, e politicas acçoes fez participante a S. Pio V. por huma Carta escrita em Monte mór o Novo a vinte e quatro de Outubro de 1569, cheya de sincéras expressoens, em que testemunhava a obsequiosa obediencia à Sé Apostolica, como o excessivo jubilo, em que abundava o seu coraçaõ, pelo grande beneficio, que Deos misericordioso dispendera, suspendendo o horrivel flagello da peste, que devastara fatalmente a Corte de Lisboa. O Summo Pastor lhe respondeo com as seguintes clausulas, testemunhas irrefragaveis do paternal affecto, com que amava ao nosso Principe.

Participa ElRey ao Papa do que tinha obrado.

„ Charissimo in Christo Filio Sebastiano, &c. „ Pius Papa V. Charissime in Christo Fili noster, „ salutem, & Apostolicam benedictionem. Ex„ plicare verbis, charissime in Christo Fili, non „ possumus quantopere litteris tuis XXIV. Octo„ bris die datis, in Domino delectati simus, qui„ bus de commendata à Majestate Tua venerabi„ libus fratribus nostris istius Regni Episcopis mo„ rum correctione; de edictis pro libertate Eccle„ siastica non impedienda propositis; de tuo in

Epistol. Apostolic. S. Pii V. lib. 3. Epistol. 53.

„ juſtitia, etiam erga infimos, tenuioreſque ho-
„ mines ſervanda, ſtudio, ac diligentiâ, deque
„ aliis rebus tuis, non minus amanter, quàm co-
„ pioſè ad nos ſcripſiſti: in quo non ſolùm re-
„ rum ipſarum, de quibus nos feciſti certiores,
„ commemoratio magnam nobis, ut par fuit,
„ lætitiam attulit, ſed etiam tuæ erga nos, ſan-
„ ctamque hanc Sedem Apoſtolicam obſervantiæ
„ ſignificatio gratiſſima fuit; harum rerum nomi-
„ ne ſingularem tuam in Deum Omnipotentem
„ pietatem debitis in Domino laudibus commen-
„ dantes, Redemptori noſtro gratias agere non
„ deſiſtimus, qui in tot Reipublicæ Chriſtianæ
„ procellis tantum in tua virtute, ardentiſſimo-
„ que honoris Divini zelo præſidium, ſolatium-
„ que nobis reſervavit; quod enim, ut ſcribis,
„ primus inter tot Chriſtianos, Catholicoſque Re-
„ ges eſſe voluiſti, qui Epiſcopis, cæteriſque Ec-
„ cleſiaſticis Miniſtris juriſdictionis ſibi à ſacro Tri-
„ dentino Concilio conceſſæ, liberè exercendæ
„ facultatem in Regno tuo permitteres; eaque
„ ipſa reliquis Chriſtianis Principibus oſtenderes
„ quantam adverſùs Eccleſiaſtica decreta, man-
„ dataque Apoſtolica reverentiam adhibere de-
„ beant; in eo quæ ſint optimi, atque ex Deo
„ regnantis Regis partes præclarè videris intelli-
„ gere: cujus maximè proprium eſſe debet redde-
„ re, quæ Dei ſunt Deo, quæ autem Cæſaris,
„ hoc eſt, temporalis poteſtatis ſunt, ea ſibi tan-
„ tummodo

„ tummodo retinere; qui enim inter Deum, at-
„ que homines medius à Patre conſtitutus eſt
„ Chriſtus, Chriſtus Dominus noſtris utriuſque
„ poteſtatis officia propriis cujuſque muneribus,
„ & dignitatibus, ita diſtinxit, ut, & Chriſtia-
„ ni Principes ad æternam vitam conſequendam
„ Sacerdotibus indigerent, & Sacerdotes ad ea,
„ quæ ſui juris ſunt exequenda, Principum mi-
„ niſterio uterentur: felices proculdubio tam Sa-
„ cerdotes, quàm Principes futuri, ſi utrique in
„ officio ſibi commiſſo Omnipotenti Deo conſ-
„ tanter inſervierint. Quod quoniam Divinæ præ-
„ ceptum conſtitutionis Majeſtas Tua tam fideli-
„ ter cuſtodit, non eſt, quòd propterea ullam,
„ aut juriſdictionis imminutionem, aut Regiæ
„ ſuæ Majeſtatis detrimentum pertimeſcat; quin
„ potiùs ſperare debet Omnipotentem Deum in
„ Sacerdotibus à Majeſtate Tua ſe, ut æquum
„ eſt coli, honorarique cernentem Regni tui fi-
„ nes magis, magiſque in dies propagaturum, no-
„ vaſque nationes imperio tuo adjecturum. Hoc
„ magnus ille Imperator Conſtantinus, quem Ma-
„ jeſtas Tua egregiè imitatur, intellexit; qui cùm
„ ad firmanda Imperia, & Regna, nihil tam va-
„ lere, quàm verum illius cultum, per quem Re-
„ ges regnant, magna ſemper erga Dei Sacerdo-
„ tes, quæ Majeſtati Tuæ bene cognita eſſe pu-
„ tamus, ſingularis cujuſdam obſervantiæ, reve-
„ rentiæque ſigna oſtendit; docente enim Domi-

„ no didicerat : Qui Sacerdotes audirent , eos
„ Deum audire ; qui eos ſpernerent , Deum ip-
„ ſum ſpernere ; & Apoſtolum etiam cum Do-
„ mino ipſo conſentientem, & dicentem audi-
„ erat, quapropter qui hæc ſpernit, non homi-
„ nem ſpernit, ſed Deum, qui dedit Spiritum
„ Sanctum in nobis : eadem pietatis virtus in
„ Theodoſio Imperatore fuit, qui tantum Beato
„ Ambroſio Mediolanenſi Epiſcopo tribuit, ut
„ cujuſdam à ſe admiſſi facinoris gratiâ, cùm Ec-
„ cleſiam ingredi prohiberetur, non ſolùm hoc
„ ipſum patienter, atque humiliter pertulerit,
„ ſed indictum ſibi ab eodem Epiſcopo pœniten-
„ tiæ modum devotus exceperit. Quæ quidem
„ nos exempla non idcirco collegimus, ut ad eo-
„ rundem rectè factorum imitationem Majeſta-
„ tem Tuam hortaremur, quam omnium Chriſ-
„ tianarum virtutum ſtudio, ſponte ſua ſatis in-
„ cenſam hortationibus noſtris non indigere com-
„ pertum habemus; ſed, ut ea, quæ Chriſtianæ
„ pietatis ſtudio in Dei Sacerdotes benignè fecit,
„ &, ut ſperamus, adjuvante Domino, factura
„ eſt, hæc ipſâ auctoribus etiam magnis, piiſque
„ Principibus ſe feciſſe in Domino gaudere. Re-
„ liqua, quæ juſtitiæ æqualiter omnibus Ditioni
„ tuæ ſubjectis populis conſervandæ cauſâ à te
„ partim inſtituta, partim perfecta, per facienda
„ ſcribis, magna illa quidem ſunt, & perinde no-
„ bis, ac debent grata, eorumque nomine tibi,
„ quam

„ quam postulas, benedictionem nostram impertimur: sed maiora tamen æternæ beatitudinis „ præmia sibi à Redemptore nostro proposita habent: quæ enim Deus justitiæ cultoribus in „ Cœlo præparavit, hæc neque oculus terrenus „ vidit, neque auris humana audivit, neque in „ cor hominis ascenderunt; quæ quidem Majestatem Tuam oculis Fidei intuentem in conservanda justitia, prohibendis, vindicandisque maleficiis, bonis, sanctisque viris beneficio complectendis defatigari non oportet. Pestilentiam „ verò è Civitate Ulisbonensi ferè jam abiisse, „ & quandiu fuit Majestatem Tuam; non eis, aut „ quos mori contigerit, nihil ad animarum salutem defuisse: in eaque re singularem quandam „ Dei servorum, quos nominas, charitatem extitisse, magnopere in Domino gavisi sumus; ejusque rei causâ Omnipotenti Deo gratias, quas „ debemus, egimus, atque agimus; qui quoniam, quos diligit, corripit, agendæ illi sunt „ gratiæ, quia quos castigare peccantes, ut scribis, tot, tantorumque morborum peste voluit, „ hoc proculdubio tanquam bonus pastor tacendo occidere voluit. De rebus autem suis Indicis, quod nos Majestas Tua certiores fecit, in „ ea re pristinam suam erga nos, sanctamque „ hanc Sedem Apostolicam observantiam, devotionemque recognovimus; speramusque Deum „ Omnipotentem pro sua misericordia, eximia-

„ que

„ que Majestatis Tuæ in se pietate feliciores quo-
„ tidie rerum in eis Regionibus successis illis datu-
„ rum; quod nos assiduis precibus ab eo precari non
„ desistemus. Omnipotens Deus te, charissime in
„ Christo Fili, incolumem in hac vita diu custo-
„ diat, & in altera ad æternæ beatitudinis præ-
„ mium pervenire concedat. Datum Romæ apud
„ Sanctum Petrum sub Annulo Piscatoris die 5
„ Januarii 1570. Pontificatus nostri anno quarto.

T. Aldobradinus.

Informa Carlos IX. a ElRey da victoria, que alcançara dos Hugonotes.

100 Ainda ElRey D. Sebastiaõ assistia em Evora, quando Carlos IX. Rey de França o fez por huma Carta participante da celebre victoria alcançada por seu irmaõ Henrique, Duque de Anjou, em Jarnac a 13 de Março deste anno de 1569, contra o Principe de Condè Luiz de Borbon, principal fautor dos hereges Hugonotes. No tempo que grande parte das nações Boreaes estavaõ inficionadas com o pestifero veneno dos erros de Calvino, e Luthero, se conservava o Reyno de França puro, e livre da zizania, que o inimigo commum tinha semeado em varias terras, devendo-se esta felicidade aõ vigilante zelo de seus Monarcas Francisco I. e Henrique II. acerrimos defensores da Igreja Romana. Pela morte de Henrique II. succedida no anno de 1559, e de seu filho Francisco II. no anno seguinte, cingio a Coroa seu irmaõ Carlos IX. em idade de onze

onze annos; e posto que pela sua menoridade pertencia a regencia da Monarchia ao Principe de Bearne, Chefe da Casa de Borbon, na falta da linha de Valois reynante, entrou a administralla a Rainha Catharina de Medicis, mãy de Carlos IX. que valendo-se de summa sagacidade para conservar o Reyno pacifico, dividio os officios principaes da Coroa entre os Principes de Borbon, fautores do Calvinismo, e os Principes de Guisa, sequazes dos dogmas Catholicos. Naõ correspondeo o effeito a taõ maduro designio; porque como o Principe de Condè era naturalmente feroz, e inquieto, naõ satisfeito com a parte do governo commettido a seu irmaõ o Principe de Bearne, nem com a permissaõ da liberdade da consciencia, chegou ao escandaloso excesso de desembainhar a espada contra o seu Soberano, de que foraõ lastimosas, e fataes consequencias as guerras civís, onde pereceraõ innumeraveis pessoas, até que nomeado o Duque de Anjou, irmaõ de Carlos IX. General do exercito Catholico, triunfou na batalha de Jarnac do Principe de Condè, começando com a sua morte a respirar a Monarchia Franceza da oppressaõ, a que estava reduzida. Desta gloriosa victoria sendo avisado ElRey D. Sebastiaõ por Carlos IX. a celebrou com festivas demonstrações, considerando, que cortada a principal cabeça da Hydra da heresia na pessoa do Principe de Condè, se restitui-

Congratula o nosso Principe a ElRey de França pela victoria, para o que mandou por seu Embaixador a D. Joaõ Mascarenhas.

reſtituiria aquella dilatada Monarchia à pureza da Religiaõ, pela qual alcançaraõ os ſeus Soberanos a religioſa antonomaſia de *Chriſtianiſſimos.* Para dar o noſſo Principe mayor argumento do jubilo, que recebera com taõ plauſivel noticia, nomeou por Embaixador a França a D. Joaõ Maſcarenhas, que deixara eſcrito o ſeu nome com letras de diamantes nos Annaes da poſteridade, pela memoravel defenſa de Dio, contra a armada potencia delRey de Cambaya, a quem encommendou, que depois de viſitar em Madrid a ElRey ſeu tio, e a ſua mãy a Princeza D. Joanna de Auſtria, entraſſe com grande pompa na Corte de Pariz, onde congratulaſſe a ElRey Chriſtianiſſimo pela inſigne victoria, que o Ceo benignamente lhe concedera contra os ſequazes da hereſia, com os quaes nunca celebraſſe pazes, por ſer conveniente à conſervaçaõ da Chriſtandade, offerecerlhe por auxiliares as ſuas Armas, para totalmente extinguir as raizes de taõ perniciosas plantas, ſempre fecundas de abominaveis frutos.

CAPI-

CAPITULO XVIII.

Parte da India o Vice-Rey D. Antaõ de Noronha para Portugal; morre na viagem, e se faz das suas heroicas acções abbreviada memoria.

101 HAvendo D. Antaõ de Noronha governado o Imperio Oriental Portuguez com maximas igualmente catholicas, que politicas, capazes de as imitar seu grande successor D. Luiz de Ataide, partio da Cidade de Cochim para Lisboa a dous de Fevereiro de 1569, em cuja jornada, antes de passar o Cabo da Boa Esperança, foy obrigado pelo impulso dos ventos, e furia dos mares a arribar, sendo este fatal successo causa de acabar a vida, certamente merecedora de mais larga duraçaõ, por faltar na sua heroica pessoa hum dos celebres Varoens, que produzio Portugal. Ordenou no seu Testamento, que cortado o braço direito pelo cotovelo fosse sepultado em Ceuta, no mesmo jazigo, em que descançavaõ as cinzas de seu tio D. Nuno Alvares, e que seu corpo se lançasse ao mar; sendo a vastidaõ de dous elementos pequeno Mausoléo para taõ insigne heroe. 1569

Elogio de D. Antaõ de Noronha.

102 Foy filho natural de D. Joaõ de Noronha, e neto de D. Francisco de Menezes, segun-

do Marquez de Villa-Real, de cujo nobilissimo tronco foy generoso fruto para augmento de seus antigos brazoens. A India foy o oriente da sua gloria, para onde partio no anno de 1550, com seu tio o Vice-Rey D. Affonso de Noronha. Como General de huma Frota de sete galeoens, e doze navios de remo, sahio de Goa para o Estreito de Ormuz à restauraçaõ de Catifá, occupada pelos Turcos, que naõ podendo resistir à violencia do nosso fogo, a desampararaõ cobardes, dominando-a soberbos. Victorioso diserio as vélas para o rio Eufrates, em soccorro delRey de Baçora, contra os Turcos, que timidos com a victoria precedente largaraõ a Ilha de Mouzique, que se fazia inconquistavel com hum Forte situado na sua Foz.

103 Restituido a Goa, partio com huma Armada para o Malavar, onde devastou toda a Costa maritima do Camorim, e abrazou como rayo quantas povoações eraõ obedientes ao seu Principe. Na batalha de Chambe, em que acompanhou ao Vice-Rey, se distinguio de todos os Fidalgos nas proezas concebidas em seu animo, e executadas por seu braço. Provido no anno de 1553, na Capitanía da Fortaleza de Ormuz, mais atento à honra, que à conveniencia, desprezou o precioso donativo, offerecido por El-Rey de Ormuz. Contra hum diluvio de balas, e hum vesuvio de bombas, atravessou o rio Carlim,

lim, que defendia Nacoli, Capitaõ do Idalxá, com ſete mil Soldados, obrigando com morte de quinhentos, naõ ſómente a largarem o campo, mas ſendo ſeguidos pelo eſpaço de duas legoas, fazer a ſeiſcentos victimas da ſua fulminante eſpada. No anno de 1558, ſegunda vez governou a Fortaleza de Ormuz, onde foy recebido com os applauſos, que mereciaõ a ſua prudencia, affabilidade, e deſintereſſe. Com huma poderoſa Armada navegou no anno de 1559, a livrar do cerco a Ilha de Baharem, reduzida à ultima calamidade pelos Turcos, aos quaes, concedendo-lhe compaſſivo as vidas, os conſtrangeo a deſamparar o lugar, que injuſtamente occupavaõ.

104 Coroado de tantas victorias, obradas em culto de Deos, e obſequio do ſeu Principe, voltou para Portugal no anno de 1561, em companhia do magnanimo heroe D. Conſtantino de Bragança; e como no largo eſpaço de dez annos, que aſſiſtira na India, tiveſſe dado taõ claros argumentos de prudencia, valor, e chriſtandade, foy nomeado por ElRey D. Sebaſtiaõ Vice-Rey do Eſtado, para onde partio no anno de 1564. As principaes façanhas, que obrou no fauſto tempo do ſeu governo, foraõ a victoria naval do Coſſario Marimuſa; a fatal derrota de cem mil Mouros no cerco de Cananor, ſendo mais fatal a que padeceo o Raju em Cota, deixando no

campo mais de dous mil barbaros mortos, com mayor numero de feridos. Triunfou em Malaca do formidavel poder do Achem; em Damaõ de tres mil Mogores; e em Batecala do famoſo Coſſario Canetale. Reformou os Regimentos da Fazenda, e cingio de muros a Cidade de Goa, que foraõ, como logo veremos, o mais forte obſtaculo contra a eſpantoſa invaſaõ do Idalxá. De quantos Idolos de pedra, e metal, que mandou o ſeu catholico zelo desfazer, e abrazar em Salſete, ſe lhe devem formar Eſtatuas, em cujas bazes eſtejaõ gravadas as glorioſas denominações de Propagador da Chriſtandade, e Antagoniſta da Idolatria. Foy caſado com D. Ignez de Caſtro, filha de D. Manoel Pereira, ſegundo Conde da Feira, de quem naõ tendo filhos, deixou as ſuas heroicas obras como mais illuſtres producções, em que acreditou na poſteridade a ſua nobiliſſima aſcendencia.

CAPI-

CAPITULO XIX.

Operações do Capitaõ mór D. Diogo de Menezes na Costa do Malavar. Triunfa Mem Lopes Carrasco em huma náo da formidavel Armada do Achem. Conquista Nuno Velho Pereira a Fortaleza de Parnel, e he soccorrida a de Assari com grande destroço de seus defensores.

105 A Vigilante providencia do Vice-Rey D. Luiz de Ataide naõ permittia, que os inimigos do Estado prevalecessem em parte alguma contra as nossas armas. Para este fim tendo expedido a quinze de Janeiro deste anno de 1569, para a Costa do Norte huma Armada, de que era Capitaõ mór D. Jorge de Menezes, mandou outra capitaneada por Ayres Telles, composta de seis navios. Para a Costa do Malavar, nomeou por Capitaõ mór da Armada a D. Diogo de Menezes, guarnecida dos mais illustres Fidalgos, que militavaõ na India, ambiciosos de serem companheiros nos triunfos, que lhes segurava o heroico valor de taõ insigne Capitaõ, o qual naõ houve genero algum de hostilidade, que naõ executasse contra o Camorim, obstinado inimigo do Estado, sendo a principal impedirlhe os mantimentos, que vinhaõ do Canará,

1569

Destroe D. Diogo de Menezes a Costa do Malavar.

Couto *Decad. VIII.* cap. 29

naráá, por ser o Malavar terra muito infructuosa; e observando, que no porto de Millacharaõ estavaõ ancorados huns Paròs de Cossarios, mandou D. Diogo de Menezes dizer ao Governador da Cidade, que lhos entregasse, a cuja proposta naõ obedecendo o barbaro, resolveo o nosso Capitaõ, que fosse acomettida, e entrada a Cidade por duzentos Soldados: e posto que acharaõ grande resistencia, foraõ todos os seus moradores mortos, e a povoaçaõ entregue ao fogo, que teve abundante pasto nos muitos palmares, que a cercavaõ, cujo estrago durou pelo espaço de cinco dias, servindo de horroroso documento aos inimigos do Estado.

106 Entre as façanhas heroicas escritas nos Annaes do Oriente merece os mayores elogios a que obrou Mem Lopes Carrasco. Navegava para a Ilha de Sunda embarcado em hum navio guarnecido de quarenta homens, quando encontrou huma formidavel Armada do Achem, composta de vinte galés, vinte juncos, e cento e sessenta embarcaçoens comuas, com intento de vingar a afronta, e ruina, que o anno passado padecera na expugnaçaõ de Malaca. Naõ pode Mem Lopes evitar o perigo; e sendo impossivel a defensa, se preparou mais temerario, que valeroso, a sacrificar a vida em taõ desigual conflicto. Dispoz que na proa assistisse seu filho Martim Lopes, e na popa Francisco da Costa, e que gover-

Triunfa Mem Lopes Carrasco com huma náo da formidavel Armada do Achem.

governasse a artilharia seu primo Martim Daça, reservando para si a promptidaõ de acodir àquellas partes, que necessitassem de mayor soccorro. Rodeada a náo por toda a Armada inimiga, começou de taõ fatal circulo a disparar balas, que brevemente a reduziraõ ao ultimo estrago, levando pelos ares velas, e mastros; porém naõ recebiaõ menor damno os inimigos, pois como era muito o numero, naõ havia tiro, que fosse inutil. Suspendeo a noite o conflicto, em cujo intervallo, reparadas pelos Portuguezes as aberturas das balas, e curados os feridos, surgiraõ os barbaros em lugar distante, lançando ao mar os mortos para naõ inficionar os vivos. Tanto que amanheceo, voltou a Armada a cercar a náo, que era afrontoso escandalo de poder taõ desigual, e com furia nova a batiaõ por toda a parte, resistindo os nossos com tanta valentia, como se animassem em cada corpo duplicados espiritos; até que sendo abordados por tres galés bem artilhadas, se acendeo hum taõ sanguinolento combate, que prevalecendo o valor ao numero, foraõ obrigados os inimigos, para salvar as vidas, lançarse ao mar. Mem Lopes desfigurado com o sangue, e a polvora, que lhe manchava o rosto, sómente era conhecido pela voz, com que animava aos seus companheiros, naõ perdoando a instante em que se naõ achasse prompto no mayor perigo. Ferido gravemente, se julgou, que

estava

estava morto, cuja noticia recebendo seu filho Martim Lopes, respondeo, que se assim era, faltava hum homem, antepondo com animo heroico os impulsos do valor aos affectos da natureza. Pelo espaço de tres dias durou o conflicto, que se naõ fora disputado pelo esforço dos Portuguezes, certamente pareceria fabuloso. Retirou-se o Achem confuso, e desesperado, de que huma náo triunfasse do poder naval, que preparara para total ruina dos Portuguezes, deixando para testemunha da nossa victoria, e da sua afronta quarenta navios submergidos, e tanto numero de mortos, que faltou a arithmetica para sua computaçaõ. A náo triunfante, que sómente conservava o casco, foy levada a Malaca, onde recebeo Mem Lopes Carrasco os parabens, de que era credor o seu heroico espirito.

107 A Fortaleza de Parnel situada em hum monte alto, e fragoso, distante tres legoas de Damaõ, era asylo dos Mogores, donde sahiaõ infestar os moradores, que dispersos habitavaõ pela falda do monte; e receando Alvaro Pires de Tavora, Capitaõ de Damaõ, que se augmentasse o dominio destes barbaros, significou a Nuno Velho Pereira, Capitaõ da Armada, que discorria por aquelles mares, quizesse acometter Parnel, para com a sua conquista se extinguir a violenta oppressaõ dos Mogores em todas as Aldeas circumvisinhas a Damaõ. Resoluto a esta em-
preza

preza Nuno Velho Pereira, desembarcou com quatrocentos Soldados no rio Umbolsarim, distante huma legoa de Parnel, onde ao romper da Alva chegou, e comettendo a subida, lha impediraõ os inimigos com galgas de pedra, bombas, e frechadas; de cuja resistencia entendeo, que era mayor o numero dos defensores, do que elle imaginava. Ao tempo que pela frente era taõ fortemente rebatido, lhe sahiraõ pela retaguarda cem homens de cavallo, que com horrendos alaridos intentavaõ prizionar ao nosso Capitaõ. Para evitar este perigo, ordenou a Jeronymo Curvo de Sequeira impedisse em hum cabeço com quarenta Soldados a passagem ao inimigo, em quanto elle assaltava huma tranqueira de que desalojou com summa brevidade aos seus defensores, que precipitadamente se refugiaraõ à Fortaleza, deixando-lhe por despojos cincoenta cavallos, muitos bois, e camellos, e alguns mantimentos. Com este fausto principio se animou acometter a Fortaleza, ordenando a Joaõ Gomes de Abreu, e Antonio Mexia, que a investissem por ambas as entradas: e para que os Soldados desprezassem o perigo, marchou na sua vanguarda, sendo duas vezes derrubado pela violencia das pedras arrojadas pelos inimigos, e recebendo os nossos muitas feridas das armas de arremesso, que incessantemente se despediaõ da Fortaleza, que defendida de dous baluartes levantados nas pon-

Acomette Nuno Velho a Fortaleza de Parnel, e naõ se rende.

Pereir. *Vida de D. Luiz de Ataid.* liv. 1. cap. 7, e 8.

tas da rocha difficultavaõ a ſua conquiſta. Vendo Nuno Velho, que era por eſta parte impenetravel, a quiz render pelas partes onde achou taõ forte reſiſtencia, que depois de ſerem ſete Soldados mortos, e cincoenta feridos, ſe retirou a Damaõ, eſperando mais opportuna occaſiaõ para conquiſtar Parnel.

He ſegunda vez aſſaltada, e ſe conquiſta.

108 Segunda vez ſahio Nuno Velho à conquiſta deſta Fortaleza acompanhado de oitocentos homens, dos quaes huma parte eraõ Portuguezes, e outra vaſſallos delRey de Sarcetas, e tanto que chegou ao monte fronteiro de Parnel, mandou plantar tres peças de artilharia, para cujo effeito ſe gaſtaraõ dous dias em abrir o caminho ao picaõ; e para que ſe naõ concluiſſe a obra, diſparavaõ os inimigos continuamente ſete peças. Começou a bataria contra a Fortaleza na diſtancia de cento e cincoenta paſſos por ordem de Nuno Velho, a tempo que a cercou com toda a gente, que conduzia. Conſiderando os defenſores, que naõ podiaõ reſiſtir à violencia da artilharia, e muito menos ao valor dos Portuguezes, ſem dilaçaõ, por ſer fatal às ſuas vidas, deſampararaõ a Fortaleza no ſilencio da noite, deixando as armas, e mantimentos, com outros deſpojos, de que ſe aproveitou a cubiça dos Soldados. Expedio logo Nuno Velho eſta fauſta noticia a Alvaro Pires de Tavora, que congratulando-o da prudente direcçaõ, e animo deſte-

destemido, com que concluira a conquista de Parnel, lhe ordenou a demolisse, para que em nenhum tempo fosse asylo dos inimigos do Estado.

109 Governava o Forte de Assari André de Villalobos, hum dos famosos Soldados, que respeitou o Oriente. Estava plantado em hum pico de rocha viva nas terras de Baçaim; e posto que a natureza o fizera impenetravel, naõ podia admittir na sua circunferencia numerosa guarniçaõ. Como dominava varias Aldeas, e povoaçóes dispersas pela sua visinhança, se resolveraõ a conquistalla os Reys de Coles, e Sarcetas, para cujo fim conduzindo copioso numero de Soldados, com que devastaraõ muitas terras de Baçaim, lhe puzeraõ cerco muito apertado. Desta violenta invasaõ avisou promptamente André de Villalobos ao Vice-Rey, em quanto fazia as obrigaçóes do seu officio na defensa da Fortaleza, até que soccorrido por Jorge de Moura, e Paulo de Lima, juntos com Martim Affonso de Mello, Capitaõ de Baçaim, naõ sómente desalojaraõ aos inimigos, mas seguindo-lhe o alcance doze legoas pela terra dentro, foraõ mortos, e cativos innumeraveis, e entregues varias povoaçóes à voracidade do fogo, de cujos horrorosos estragos experimentaraõ os Reys de Coles, e Sarcetas a fatal metamorphose de Conquistadores em conquistados.

O Forte de Assari sendo invadido triunfa dos seus Conquistadores.

CAPITULO XX.

Conquista gloriosamente D. Luiz de Ataide as Fortalezas de Onor, e Bracellor, em cujos rendimentos se admiraõ a prudencia, e valor deste heroe.

1569

Situaçaõ de Onor, e Bracellor.

Faria *Asia Portug.* Tom. 2. Part. 3. cap. 6.

110 NO tempo que governava o Estado Oriental D. Antaõ de Noronha, edificaraõ os naturaes do Canará entre o Malavar, e a Ilha de Goa, nas bocas de dous rios, chamados Onor, e Bracellor, duas Cidades, que intitularaõ com estes nomes; cujas ribeiras, por serem muito abundantes de pimenta, gengivre, ferro, salitre, e madeira, eraõ povoadas de copioso numero de gente, attrahida do lucro, que percebiaõ com o comercio dos generos, de que era fertil aquelle terreno. Para cobrar o tributo, que havia cinco annos naõ pagavaõ ao Estado, voltando D. Antaõ de Noronha da conquista de Mangalor aportou naquella costa, e mandando-lhe que satisfizessem o tributo, lhe responderaõ com tanta soberba, e arrogancia, que naõ podendo castigar, como merecia este insulto, recomendou a D. Luiz de Ataide, seu successor no vicereynado, que conquistasse Onor, para com a sua ruina desaggravar aquella injuria comettida contra o respeito do Estado.

Dis-

111 Diſtava Onor de Goa dezoito legoas para o Sul, cuja Fortaleza por arte, e natureza ſe fazia difficil à expugnaçaõ, principalmente eſtando guarnecida de Canarás, que entre as nações Orientaes, ſe diſtinguiaõ na deſtreza das armas. Sem demora ſahio de Goa D. Luiz de Ataide a doze de Novembro deſte anno de 1569, com huma Armada compoſta de cento e trinta navios, dos quaes armou tres galeoens, de que eraõ Capitães Franciſco Barradas, Antonio Peixoto, e Vicente Dias de Villalobos, que conduziaõ os inſtrumentos para a expugnaçaõ. Occupou a boca do rio de Onor D. Franciſco Maſcarenhas, ſendo o primeiro, que ſahio à praya inimiga, de cuja gloria foraõ companheiros Alexandre de Souſa, e Jorge Toſcano de Lacerda. Naõ querendo os ſitiados entregar a Fortaleza, que ſoberbos defendiaõ, deſembarcou o Vice-Rey defronte dos ſeus muros pela parte do Sul com mil e quatrocentos Soldados, aos quaes precedia com animo certo da victoria, quando pela parte do Norte marchou D. Franciſco Maſcarenhas com oitocentos Soldados. Sahiraõ os inimigos, que guarneciaõ a Fortaleza a eſperar a invaſaõ fóra dos muros, confiados no ſitio, que por ſer cheyo de paſſos eſtreitos, e vallados cubertos de penetrantes eſpinhos, difficultavaõ a entrada; porém vencidos eſtes obſtaculos, ſe plantou a artilharia em lugar, que offendia gravemente a Fortaleza. Para

Sahe D. Luiz de Ataide à conquiſta de Onor.

ra

ra terror dos ſitiados ordenou o Vice-Rey, que foſſe abrazada a Cidade antes de rendida a Fortaleza, cujos edificios habitados por peſſoas nobres, e ricas, ſe reduziraõ brevemente a cinzas. Para impedir todo o genero de ſoccorro aos inimigos ſe formaraõ duas eſtancias fortificadas com vallos, e trincheiras, ſendo Capitaõ de huma D. Jorge de Menezes, o *Baroche*, a qual eſtava guarnecida de falcoens, pedreiros, e berços, ao longo do rio, e da outra D. Manoel Rolim, e D. Pedro de Caſtro; e na parte, que coroava o monte, Ruy Gonçalves da Camera. Elegeo o Vice-Rey para ſeu alojamento a porta da Fortaleza da banda do Leſte, por ſer lugar donde podia ſer vigoroſamente batida pela artilharia, e contra hum Revelim, que cubria a porta, mandou aſſeſtar hum leaõ, e huma meya esféra, de cujas balas varejados os inimigos ſe retiraraõ, onde com inceſſantes tiros faziaõ grande damno à noſſa gente.

112 Arrazados os muros da Fortaleza com a violencia das batarias, chegou a vinte e quatro de Novembro, em que mandou preparar o Vice-Rey eſcadas para no dia ſeguinte ſe dar aſſalto, as quaes de noite furtaraõ os Soldados, receando que naõ foſſem todos participantes do perigo, em que competiaõ animoſos. Deſenganados os barbaros de reſiſtir por mais tempo ao valor dos expugnadores, mandaraõ a Canto Panayque, ſeu Capitaõ, tratar a entrega da Forta-

leza

leza com o Vice-Rey, o qual lhe concedeo as vidas deixando as armas, artilharia, e bandeiras; e posto que os sitiados repugnassem a estas condições, como injuriosas ao seu valor, obedecendo à desgraça contra os impulsos do animo, sahiraõ com suas mulheres, e filhos amparados por D. Francisco Mascarenhas, para naõ experimentarem o menor damno do nosso arrayal. Evacuada a Fortaleza às dez horas do dia, se acharaõ tres pessas de artilharia, e ao dia seguinte consagrado às triunfaes memorias da inclyta Martyr Santa Catharina, se cantou Missa em acçaõ de graças de taõ celebre conquista, em que se perderaõ trinta Soldados. O Vice-Rey nomeou por Capitaõ da Fortaleza a Jorge de Moura, com a guarniçaõ de duzentos Portuguezes, e duas companhias de Christãos da terra, para cuja habitaçaõ mandou levantar casas, e hospital, e tudo quanto era necessario para sua conservaçaõ. A Fortaleza foy cercada de muros de pedra, e de hum Baluarte, com cava sobre a Cidade de Onor, que a fez impenetravel à mais violenta invasaõ.

Rende-se a Fortaleza de Onor.

113 Igual na gloria, e mayor na expugnaçaõ foy a conquista da Cidade, e Fortaleza de Bracellor. Estava situada na costa do Canará, e sendo tributaria dos Reys de Narsinga se governava como Republica livre, a cujo porto, de que sahiraõ muitas náos carregadas de pimenta, arroz, assucar, ferro, e gengivre, se refugiaraõ os Piratas

He invadido Bracellor pelo Vice-Rey D. Luiz de Ataide.

ratas do Malavar, obstinados inimigos do Estado. Determinada a sua conquista, mandou o Vice-Rey explorar por D. Francisco Mascarenhas, com a mayor parte da Armada o animo dos moradores de Bracellor, em quanto estava tratando pazes com os Embaixadores da Rainha de Garcopa, que faltando à conclusaõ dos tratados, experimentou o castigo merecido de suas falsas promessas. Tanto que o Vice-Rey chegou ao porto de Bracellor, como fosse certificado, que os seus moradores queriaõ impedir o desembarque, vencidos os seus cavilosos artificios, de que era parcial a Rainha de Garcopa, ordenou a D. Francisco Mascarenhas, que saltasse em terra com a sua gente, quando elle por outra parte buscava intrepido aos inimigos, esperando que estando divididos, seriaõ com mayor brevidade desbaratados. Na eminencia de hum outeiro estava fabricado hum Forte taõ proximo ao rio, como superior a todas as embarcações, donde naõ havia tiro, que naõ fizesse grande estrago, e servia de padrasto ao lugar do desembarque, que estava presidiado por doze mil barbaros, disparando incessantemente hum diluvio de frechas, e balas. Contra este formidavel corpo se oppoz com taõ heroico ardor o Vice-Rey, que o obrigou a que cedendo do lugar, se recolhesse tumultuariamente ao Forte; e posto que a subida era fragosa, e estreita, onde naõ podiaõ os nossos esgrimir as armas, tal

era

era o furor, com que ſeguiaõ os inimigos, que trepando com pés, e mãos, os alcançavaõ para ſerem deſpojos das ſuas eſpadas.

114 Reſoluto o Vice-Rey em ganhar o Forte, que lhe difficultava a conquiſta de Bracellor, o acometteo juntamente com D. Franciſco Maſcarenhas, e depois de hum deputado combate, em que ſendo muitos dos noſſos Soldados rebatidos com os botes das lanças, animados com eſpiritos novos, ſaltaraõ a tranqueira, que foy a porta, pela qual ſe entrou no Forte, donde confuſos os inimigos, perdendo primeiramente as eſperanças do ſoccorro, e logo os impulſos da reſiſtencia, ſe retiraraõ com perda de duzentos mortos, e mayor numero de feridos. Dos noſſos faltaraõ nove, entre os quaes ſe diſtinguio pela peſſoa, e valor Henrique de Bentacur. Mereceo fama naõ vulgar neſte conflicto D. Luiz de Caſtellobranco, obrando acções dignas do ſeu naſcimento. Ganhado o Forte, nomeou o Vice-Rey por ſeu Capitaõ a Antonio Botelho, em premio de ſer o primeiro, que com o proprio ſangue ſinalou o caminho do ſeu rendimento.

He ganhado o Forte pelos noſſos.

115 Querendo certificarſe o Vice-Rey ſe os inimigos atemoriſados com o eſtrago padecido no Forte teriaõ deſamparado a Fortaleza, mandou a D. Franciſco Maſcarenhas por mar, ao meſmo tempo, que elle marchava por terra, com intento de a cercar; porém como a achaſſe deſampa-

Vice-Rey nova Fortaleza.

rada, mandou para ella o seu alojamento; e posto que era fabricada de pedra, e cal, e murada com baluartes, e cava, a fortificou com mais fortes reparos; porém como estivesse situada muito distante da barra, a edificou no lugar do Forte conquistado, donde senhoriava o porto, e mais promptamente se rebatiaõ os insultos dos inimigos. Naõ podiaõ estes tolerar o edificio da nova Fortaleza, que era fatal freyo das suas liberdades, e para impedir o progresso da obra, expediraõ no silencio da noite os Reys de Tollor, e Cambolim seis mil homens, que intrepidamente assaltaraõ o Forte, que guarnecia Pedro Lopes Rebello com duzentos Soldados, os quaes fulminando com varios artificios de fogo aos inimigos, reduziraõ à cinzas trezentos, juntamente com o seu General, excedendo o numero dos feridos ao dos mortos, e com taõ feliz successo coroou D. Luiz de Ataide a conquista de Onor, e Bracellor.

Saõ derrotados os inimigos, que se oppuzeraõ à fabrica da nova Fortaleza.

CAPI-

CAPITULO XXI.

Parte Francisco Barreto com o titulo de Governador das Minas de Sofala, e conquistador do Imperio de Monomotapa; e dos infortunios, que padeceo antes de chegar ao termo da sua jornada.

116 DUrava impressa no catholico animo delRey D. Sebastiaõ a perfida apostasia do Emperador de Monomotapa, com que mandou privar da vida ao Veneravel Padre Gonçalo da Sylveira, em remuneraçaõ de o ter aggregado ao rebanho de Christo com toda a Familia Real, de cuja conversaõ se escreveo largamente na Parte I. liv. 2. cap. 15. destas Memorias; e querendo o nosso Principe castigar huma offensa, em que era interessada a Religiaõ, como tambem a liberdade de seus vassallos, tyrannisados por aquelle barbaro, consultou ao Tribunal da Mesa da Consciencia, sobre o que devia obrar contra hum desertor da Fé Catholica, e violador do direito das gentes, religiosamente observado entre todas as Nações. Examinada esta proposta com maduro exame, responderaõ os Ministros por Consulta escrita em Almeirim a 23 de Janeiro de 1569. 1569

Consulta ElRey ao Tribunal da Mesa da Consciencia àcerca do procedimento do Emperador do Monomotapa.

Reposta do Tribunal a El-Rey.

„ Sendo o principal intento de S. A. nestas
„ suas Conquistas a promulgação do Evangelho,
„ e conversão da gentilidade (condições com que
„ lhas concederão por diversas Bullas os Summos
„ Pontifices) para cuja sagrada empreza mandava
„ Ministros Apostolicos, podia licitamente expe-
„ dir gente armada, e fundar Fortaleza, não só-
„ mente em Monomotapa, mas em outra qual-
„ quer terra de infieis, para segurança do comer-
„ cio, e dos promulgadores do Evangelho, e
„ com mayor fundamento em Monomotapa, on-
„ de prudentemente se receava, que não fossem
„ admittidos, devendo declarar formidavel guer-
„ ra a todo o Principe, que se lhe oppuzesse,
„ ou quebrantasse o direito das gentes; que para
„ evitar nas suas Conquistas ritos abominaveis, e
„ execuções tyrannas contra os innocentes, appli-
„ casse primeiramente meyos suaves: e que não
„ aproveitando estes, declarasse violenta guerra
„ contra os authores de tão execrandos delictos,
„ dos quaes era o mais culpado o Principe de Mo-
„ nomotapa, por ter violado a immunidade dos
„ seus Embaixadores, condemnando sacrilega-
„ mente à morte ao Veneravel Padre Gonçalo
„ da Sylveira, que o restituira à vida da graça;
„ recolhido nos seus portos aos inimigos do nos-
„ so Estado, e apostatado da fé promettida em
„ o bautismo. Mas se este Principe arrependido
„ de tantos crimes comettidos huns contra o cul-
„ to

„ to de Deos, e outros contra o decóro de S. A.
„ promettesse expulsar fóra dos seus dominios a
„ todos os inimigos do nome Christaõ, e entre-
„ gar os culpados, que foraõ causa da sua apos-
„ tasia, deixando patente a entrada aos Ministros
„ Apostolicos, para se augmentar, e estabelecer
„ a conversaõ da gentilidade, devia S. A. suspen-
„ der a guerra, e celebrar com aquelle Principe
„ amigavel correspondencia; mas se como perfi-
„ do, e ingrato naõ observasse estas condiçóes,
„ lhe declarasse logo sanguinolenta guerra, até
„ que severamente castigado se emendasse dos seus
„ criminosos excessos, e satisfizesse, como devia,
„ às justificadas queixas de S. A.

117 Condescendeo ElRey com este voto igualmente estabelecido em maximas catholicas, como politicas, e nomeou para Monomotapa com o titulo de Conquistador das suas Minas a Francisco Barreto, que de seu valor, e integridade tinha dado claros argumentos, assim quando moderou as redeas do Estado da India, como na famosa expediçaõ da conquista do Penhaõ de los Veles; e posto que este lugar, em que agora era nomeado, fosse muito inferior ao que tinha exercitado, mais attento ao serviço do seu Principe, que ao decóro da sua pessoa, partio de Lisboa a dezaseis de Abril deste anno de 1569, com tres náos, sendo Capitaõ da segunda Lourenço de Carvalho, e da terceira Vasco Fernandes

Parte Francisco Barreto por Governador das Minas do Monomotapa.

Faria *Asia Portug.* Tom. 2. part. 3. cap. 15. §. 3.

des Homem; levavaõ de guarniçaõ mil homens, entre os quaes ſe diſtinguiraõ Antonio Mendes de Vaſconcellos, Ruy Nunes Barreto, Franciſco de Miranda, filho de Fernando de Miranda, Antonio Gonçalves de Magalhães, filho de Sebaſtiaõ da Coſta de Magalhães, Antonio Pereira Brandaõ, Antonio Maſcarenhas, filho de Vaſco Fernandes Homem, Antonio de Mello, filho de Gaſpar de Mello, Pedro de Souſa Camello, filho de Henrique Camello Pereira, Leonel de Lima Pereira, Joaõ Gomes da Sylva, filho de Sebaſtiaõ de Anaya, Joaõ Moniz de Figueiredo, e Domingos Peſtana de Brito.

Infortunios, que padece na jornada Franciſco Barreto.

118 Ao disferir das vélas logo experimentaraõ funeſtos preſagios deſta empreza, pois deſcendo as náos pelo Tejo, ao ſalvar a Ermida de Noſſa Senhora da Ajuda, rebentou huma peça, offendendo hum pedaço ao chapeo de Franciſco Barreto, e maltratando outro a verga do maſto grande. Deſembocada a barra ſe voltou o vento por proa; e porque a marè vazava, foy preciſo lançar ancoras, até que ſubiſſe. Obrigadas as náos pelo impulſo do vento, vieraõ buſcar o ſurgidouro de Belem, onde eſtiveraõ ancoradas dezoito dias, e ſahindo ſegunda vez da barra, ſobreveyo taõ furioſa tormenta, que fez arribar a Lisboa a náo de Lourenço de Carvalho, com hum dos maſtos rendidos. Proſeguiraõ as duas a jornada, e havendo tolerado na linha pelo eſpaço de ſetenta

ta

ta e sete dias continuas calmarias, foraõ constrangidas a buscar o Brasil, e entrando a quatro de Agosto na Bahia de todos os Santos, se proveraõ do que se necessitava para proseguir a viagem. Já quando chegavaõ ao Parcel do Cabo das Agulhas desandaraõ com outra tormenta duzentas legoas, e pairando trinta e seis dias, no fim delles chegaraõ a Moçambique em dezaseis de Mayo de 1570, havendo passado mais de hum anno, que tinhaõ surgido de Lisboa.

CAPITULO XXII.

Parte Gonçalo Pereira de Ternate para Amboino, onde precedendo gloriosas victorias funda huma Fortaleza. Persegue cruelmente ElRey de Aeyro a Christandade de Moro, e da constancia, com que os novos convertidos toleraraõ a perseguiçaõ.

119 PAra fundar huma Fortaleza no porto de Ito sahio de Ternate Gonçalo Pereira Marramaque, e querendo antes da partida prender ao fementido Rey Aeyro, com todos os seus filhos, lhe naõ correspondeo o successo ao intento, que podera ter executado hum anno antes, quando o barbaro se offereceo à prizaõ, confiado na sua astucia, e em a nossa sinceridade. 1569

Sousa *Oriente Conquist.* Part. 2. Conq. 3. Div. 1. §. 24.

ceridade. Vencidas oitenta legoas, que correm de Ternate a Amboino, surgio a Armada Portugueza em Cova, celebre enseada; pois dentro nella se encostavaõ os galeoens tanto à terra, que com pranchas estavaõ taõ seguros como em huma casa. Mandou Gonçalo Pereira lembrar pelo Capitaõ Lopo de Noronha a Genulio, Governador dos Itoanos a promessa, que lhe dera, de permittir se levantasse huma Fortaleza na foz do seu rio. Como Genulio esperava por huma Armáda de Jaos, expedida em seu soccorro pela Rainha do Japara, naõ attendeo à proposta do nosso Capitaõ, e resoluto a castigar a insolencia deste barbaro, ordenou, que sahisse Mem de Ornellas por Cabo dos galeoens a encontrarse com os Jaos, que já navegavaõ demandando a Ilha. Com o animo os esperou, e com promptidaõ os destruio, queimando-lhe humas embarcações, e obrigando a outras a serem pelas prayas despedaçadas.

He destroçada a Armada dos Jaos por Mem de Vasconcellos.

120 Alcançada esta victoria como feliz preludio de outras mais gloriosas, amanheceo Gonçalo Pereira em o lugar de Ito, onde determinava fundar a Fortaleza. Desconfiados os inimigos de lhe resistir em campo aberto, se refugiaraõ quatrocentos a huma serra altissima, providos de tudo quanto lhe era necessario para o sustento, e defensa. Vencida primeiramente huma tranqueira, que difficultava o caminho, subiraõ

os

os noſſos Soldados por fragas, e deſpenhadeiros pelo eſpaço de tres dias, donde conſtrangidos da falta da agua, e do exceſſo do frio, voltaraõ ao plaino. Reſtaurados de forças intentaraõ por outro caminho combater aos barbaros, e divididos em duas partes, que governavaõ Simaõ de Mendoça, e Gonçalo Pereira, inveſtiraõ aos Itoanos, e derrubado o recinto de pedras, que lhe ſervia de parapeito, ſe travou o conflicto a corpo deſcuberto, onde foraõ mortos trezentos inimigos, com a fortuna de que nenhum dos noſſos perdeſſe a vida. Aquelles que eſcaparaõ do noſſo ferro, ſe deſpenharaõ da ſerra com acelerada confuſaõ. A gente principal ſe recolheo a huma Meſquita, onde cerçada ſe entregou à piedade do vencedor.

Segunda victoria de Gonçalo Pereira contra os Jaos.

121 Com eſta heroica acçaõ ſe habilitou Gonçalo Pereira para outra ſemelhante, atacando Atutili, povoaçaõ grande, ſituada ao pé da ſerra, para a parte do mar. Marchava elle na retaguarda levando a vanguarda D. Duarte de Menezes. Sahiraõ reſolutos ao campo os inimigos; porém ſacudidos das noſſas balas, ſe recolheraõ precipitadamente aos muros. Converteraõ os Portuguezes o furor contra os Palmares, que ornavaõ a campanha, de cujo eſtrago penetrados os barbaros, ſahiraõ taõ orgulhoſos, que dando a primeira deſcarga, nos inveſtiraõ com a eſpada. Foraõ heroicamente rebatidos, deixando para teſ-

Terceira victoria contra os meſmos inimigos.

temunhas do nosso triunfo innumeraveis mortos, entre os quaes se distinguiraõ o Cacis mór, e o Capitaõ Genulio. O Lugar com huma sumptuosa Mesquita foraõ entregues ao fogo, seguindo-se destas gloriosas acções o socego da Ilha de Amboino, e a fundaçaõ da Fortaleza com tanta brevidade, que principiando em Mayo, se acabou em Julho deste anno de 1569, concorrendo espontaneamente para a sua fabrica naõ sómente os Christãos, mas ainda os Gentios, pela conveniencia da paz, segurada com o dominio Portuguez.

Perseguiçaõ em Moro contra os Christãos.

122 Ao tempo que em Amboino triunfava a Religiaõ Christãa, era horrivelmente perseguida na Provincia de Moro, que constava de muitas Ilhas, florecendo em tres dellas a Ley Evangelica, com innumeraveis sequazes dos seus sagrados dogmas. Contra taõ numerosa Christandade se armou o odio delRey Aeyro, igualmente inimigo da Fé de Christo, que da naçaõ Portugueza. Para totalmente extinguir a semente do Evangelho, que naquelle terreno taõ abundantemente fecundara, como tivesse partido a nossa Armada para Amboino se aproveitou de occasiaõ taõ opportuna, mandando levantar gente em Mocanora, e Sabubo, Lugares de Morotia, e Ilha Doy, e com elle guarneceo trinta embarcações. O Lugar de Pune foy o primeiro, que experimentou a violencia deste rayo, sendo mortos

trezen-

trezentos Christãos, e cativos outros. Causavaõ horror as barbaras tyrannias, que executavaõ os Mouros, extrahindo violentamente dos ventres maternos os fetos, e degolando por recreaçaõ os que sahiraõ animados. Opprimidos os Christãos com taõ horrorosa fatalidade, se renderaõ aos Mouros, largando exteriormente a Fé, e occultando as Cruzes, e Imagens, para naõ serem ultrajadas; e aquelles que constantes perseveravaõ na Religiaõ Christãa, eraõ victimas do ferro, e do fogo.

123 Retumbavaõ em Ternate os lastimosos eccos de taõ execrandas violencias; e para naõ ser accusado por author dellas ElRey Aeyro, se fingia na prezença dos Portuguezes triste no semblante, e lastimado no coraçaõ, jurando, que estava innocente naquelles excessos, pois os Cabos da Armada, instrumentos de tantas tyrannias, eraõ rebeldes à sua Coroa, e como inimigos da sua felicidade o queriaõ fazer suspeitoso à naçaõ Portugueza. Para dissimulaçaõ da sua falsidade, mandava este barbaro humas embarcações, para derrotar as primeiras, as quaes por ordem secreta se uniaõ, ou voltavaõ, com a desculpa de naõ se terem encontrado com os rebeldes. Toleravaõ os Portuguezes estes malevolos fingimentos, por estarem em Moloco faltos de forças, para vingar as injurias, que recebiaõ de taõ fementido Principe, o qual logo que recebeo

Artificios, com que ElRey Aeyro desculpa a sua falsidade.

a noticia de que Gonçalo Pereira fundada a Fortaleza em Amboino, se aprestava com a Armada para a India, tirou a mascara, dizendo abertamente aos Portuguezes, que era professor da Ley de Mafoma, e inimigo acerrimo da Cruz de Christo, e que delle naõ esperassem senaõ guerra. Das ameaças passou a execuções, matando a muitos Portuguezes, que vagavaõ dispersos pela Ilha; e roubando todas as embarcações, que sahiaõ do Morro carregadas de mantimentos para provimento da Fortaleza de Ternate.

CAPITULO XXIII.

Relataõ-se os progressos da Fé Catholica nas regiões Orientaes, de que era incançavel promotor o zelo delRey D. Sebastiaõ.

1569

124 NAõ satisfeito o ardente zelo delRey D. Sebastiaõ de recomendar na instrucçaõ, que deu para o governo da India a D. Luiz de Ataide, o promover a Christandade em taõ vastissimas regiões, lhe escreveo em treze de Março, deste anno de 1569, huma Carta, cujas clausulas animadas do catholico ardor, que alimentava no peito, eraõ as seguintes.

Carta delRey D. Sebastiaõ para o Vice-Rey D. Luiz de Ataide.

„ Visorey amigo. Eu ElRey vos envio „ muito saudar. Huma das principaes cousas que „ de-

„ desejo, que nas partes da India haja conforme
„ à obrigaçaõ, que a isso tenho, e ao serviço de
„ Deos, que disso se segue, he a obra da con-
„ versaõ, como de palavra vos disse, quando de
„ mim vos despedistes: sobre o qual negocio vos
„ mandey dar aqui huns apontamentos das cousas,
„ que na Mesa do despacho da Consciencia se as-
„ sentaraõ para o bem, e particular desta obra:
„ os quaes, e todas as provisoens, que sobre isso
„ saõ passadas, vos encomendo muito façais in-
„ teiramente cumprir, e guardar; e conforme aos
„ apontamentos, trabalheis quanto vos for pos-
„ sivel, para que esta obra da conversaõ vá em
„ grande augmento, ajudando, honrando, e fa-
„ vorecendo os novamente convertidos, de ma-
„ neira, que o exemplo do muito, que lhes fi-
„ zerdes, mova aos Gentios, e infieis a se conver-
„ terem à nossa santa Fé, e vejaõ claramente naõ
„ sómente elles, mas todos os Christãos, quan-
„ to mais estimais esta obra, que todas as ou-
„ tras. Para o qual ajudará muito naõ consentir-
„ des, que os novamente convertidos sejaõ oppri-
„ midos, nem se lhes faça aggravo algum, an-
„ tes os liberteis, e honreis, como está ordena-
„ do: e quando alguem os aggravar, mandeis cas-
„ tigar os que nisso forem culpados, e assim to-
„ dos os que de alguma maneira impedirem, e
„ contradisserem esta taõ santa obra da conversaõ,
„ os quaes se devem haver por suspeitos na Fé;
„ e para

„ e para que eu faiba o que àcerca difto fe faz, „ vos encomendo muito, que cada anno parti- „ cularmente me efcrevais quantos bautifmos fo- „ lemnes fe fizeraõ : nos quaes vós com toda a „ a Nobreza vos deveis fempre, quanto for poffi- „ vel, achar prefente; e juntamente me efcreve- „ reis do numero dos Chriftãos, e qualidade das „ peffoas, que em cada hum houve, e vo lo agra- „ decerey muito, &c.

125 Naõ era neceffario taõ forte eftimulo para defpertar o cuidado do Vice-Rey em materias pertencentes à dilataçaõ do Evangelho, por fer ornado de coraçaõ pio, e zelofo. Em todas as partes começou a frutificar a femente Evangelica, ainda que fe empenhavaõ a fofocalla os fequazes da idolatria. Em Verná fe bautizaraõ cento e trinta e fete peffoas; em Rachol cento e quarenta; em Morgaõ duzentos e trinta e quatro; e cento e fete em Orlim. Tres Gentios de idade provecta, como cervos feridos da divina graça vieraõ bufcar as aguas do Bautifmo em Salcete. Ao numero de oitocentos e cincoenta Chriftãos em Curtalim fe aggregaraõ cento e cincoenta ovelhas para o rebanho do Divino Paftor.

Bautifmos de diverfos Gentios na Ilha de Salcete.

126 Com iguaes triunfos fe coroou a Fé em Cochim, pois vindo vifitar ao feu Rey, que eftava enfermo, o Regulo de Porcá, alcançou delle, que concedeffe aos Chriftãos, feus vaffallos,

Triunfa a Fé em Cochim.

los, os mesmos privilegios, que Sua Mageſtade tinha concedido aos ſeus ſubditos, e que as Igrejas fundadas pelos Miſſionarios foſſem aſylo de Chriſtãos, e Gentios. Dous Regulos, para alcançar a benevolencia dos Portuguezes, pediraõ Prégadores Evangelhos para os ſeus Eſtados. Excederaõ o numero de ſetecentos os que foraõ regenerados com a graça bautiſmal, abjurando a cegueira do Paganiſmo.

127 No Principado de Amacura, ſituado na parte mais Occidental de Ximo, dominava hum Regulo rico, e poderoſo, o qual mandando pedir ao Padre Coſme de Torres, Jeſuita, hum Prégador, que o inſtruiſſe na Fé de Chriſto, foy eleito para eſta empreza o Irmaõ Luiz de Almeida, o qual explicando os Myſterios da noſſa Religiaõ na preſença da nobreza, e plebe, ſe colheraõ em o feſtivo dia da Reſurreiçaõ do Redemptor do Mundo as primicias deſte Evangelico fruto, em que recebeo o Bautiſmo o Governador da Cidade, chamando-ſe D. Leaõ, com cincoenta peſſoas da ſua familia, cujo exemplo ſeguio ſeu ſogro com mais cento e cincoenta peſſoas familiares da caſa do Regulo. Penetrados os Bonzos de que todos abraçavaõ a Ley Evangelica, e naõ reſtava quem os alimentaſſe com eſmolas, ſe conſpiraraõ contra D. Leaõ, em cujos hombros ſe ſuſtentava ſegura a Fé, perſuadindo a ſeus dous irmãos, General das Armas hum, e outro Regedor

Converte-ſe em Ximo hum Regulo com a ſua familia.

dor do Civel, para que declaraſſem guerra a D. Leaõ, pois com o affectado pretexto de melhorar de Ley, ſe tinha conſtituido cabeça da innumeravel multidaõ dos convertidos, donde ſe ſeguiria ſer abſoluto arbitro daquelle Principado. Pareceo aos irmãos do Regulo juſtificada a propoſta dos Bonzos, e ſe prepararaõ com ſetecentos homens armados, para de madrugada ſer victima do ſeu furor a innocencia de D. Leaõ, e ſendo eſte aviſado de taõ malevolo intento, cingio o ſeu Palacio com forte eſtacada aberta em ſeteiras, que preſidiavaõ ſeiſcentos Chriſtãos, cujo apparato deſarmou as maquinas, que levantara a malicia dos Bonzos, e a potencia dos dous irmãos de D. Leaõ.

CAPITULO XXIV.

Inſta Filippe Prudente na concluſaõ do caſamento delRey D. Sebaſtiaõ, para cujo effeito manda por Embaixador a D. Joaõ de Borja. Parte para Caſtella com o meſmo caracter D. Alvaro de Caſtro. Eſcreve o Biſpo D. Jeronymo Oſorio a ElRey ſobre a meſma materia.

1570 128 TInha Filippe Prudente tratado com ſummo deſvélo, e naõ menor madureza concluido o caſamento delRey D. Sebaſtiaõ

tiaõ com a Infanta de França D. Margarida de Valoís, e por mais instancias, que lhe fez aquelle Monarca, para que mandasse procuraçaõ ao Embaixador desta Coroa D. Francisco Pereira, para affinar o contrato matrimonial, nunca pode conseguir o que tantas vezes lhe supplicou; e vendo que neste negocio estava empenhada a sua Real authoridade para abrandar o animo inflexivel de seu sobrinho, obstinadamente irresoluto em huma materia, de que resultava a conservaçaõ da sua Monarchia, mandou por Embaixador a D. Joaõ de Borja, filho daquelle Heroe, que sendo grande no seculo, foy mayor quando se alistou na Companhia de JESUS, o insigne S. Francisco de Borja, confiando da eloquencia deste Cavalhero, persuadisse a ElRey D. Sebastiaõ, que deposta a repugnancia, que affectava, se determinasse a concluir os desposorios com a Infanta Margarida de Valois, de cujo consorcio haviaõ resultar grandes conveniencias ao Reyno de Portugal. Chegou o Embaixador à presença do nosso Principe, e em breves palavras lhe significou o empenho do seu Soberano, que todo redundava em gloria de D. Sebastiaõ, a quem escreveo sua mãy D. Joanna de Austria sobre a mesma materia, persuadindo-o efficazmente a ceder da irresoluçaõ, em que estava, como injuriosa à sua Real Pessoa. As Cartas de Filippe Prudente, e da Princeza D. Joanna, escritas para este

Manda Filippe Prudente por seu Embaixador a D. Joaõ de Borja, para concluir o casamento delRey D. Sebastiaõ.

negociaçaõ, que trasladamos das originaes; saõ as seguintes.

Carta de Filippe Prudente para ElRey D. Sebastiaõ.

„Señor. Se ubiera de escrivir a V. A. to„do lo que se ofrece en respuesta de su ultima „Carta, y resolucion en lo tocante a su matri„monio, ubiera esta de ser muy larga, pero de „D. Juan de Borja entendrà V. A. tan particu„larmente todo lo que yo le pudiera dizir, que „me podre muy bien escusar en esta parte, por„que lo lleba muy bien entendido, y por espe„rar a que fuesse con esta comission, y por otras „consideraciones concernientes al proprio nego„cio nò he respondido antes. A V. A. pido „muy encarecidamente le crea como a mi mis„mo lo que le dixere de mi parte, que todo „ello procede de un amor tan verdadero, y tan „endereçado pura, y sencillamente al beneficio „de V. A. y de sus Reynos, que correspondien„dome con el que en esta parte deve, y yo „confio de V. A. tiene obligacion a tomar mi „parecer, y consejo pues es el que pudiera dar „a mi proprio hijo, entendiendo ser esto lo que „le cumple en todas razones, y consideracio„nes; y assi espero que sin embargo de las difi„cultades, que se le abian representado, vendra „V. A. en lo platicado como en cosa, que tan„to le importa, que por selo esto serà para mi „del contentamiento, que D. Juan dirà a V. „A. cuya muy Real Persona guarde Nuestro

„Se-

„ Señor como deſeo. De Madrid a 9 de Deziembre de 1569.

Buen Tio de V. A.

YO ELREY.

Carta da Princeza D. Joanna de Auſtria para ſeu filho ElRey D. Sebaſtiaõ.

„ Señor. He dexado de reſponder a la Carta de V. A. de XXVII. de Setiembre, en que me eſcrebia la reſolucion, que ſe avia tomado en lo de ſu caſamiento, eſperando la partida de D. Juan de Borja, a quien mi hermano embia a V. A. por ſu Embaxador Ordinario, y lleva particular comiſſion de tratar deſte negocio por advertir a V. A. con mas fundamento de lo que a mi me parece, aviendo entendido primero que mi hermano viſto la reſpueſta, que ſe le embiò determinava, y ſu determinacion ha ſido tal, que con razon devemos agradecer, y eſtimar en mucho el amor, y cuidado con que trata nueſtras coſas, y con el que procede en eſta que tanto nos và teniendo ſolo fin el beneficio, y autoridad de V. A. y haziendo oficio de verdadero padre poſpueſto todo lo de mas, y nò embargarſe la ocaſion, que nò ſe puede negar averſele dado con eſta ultima reſpueſta a reſeomirſe, y alçar la mano del negocio, ha querido tornar a inſiſtir, y tratar del, y a conſolarnos, y advertirnos, de cuyo conſejo, y parecer yo nò puedo dexar de hazer mas caſo, que de lo que V. A. me eſcribe; porque entiendo,

„ que es lo que mas le conviene, y que procede
„ de tan buena voluntad, y es de tanta autori-
„ dad, que devemos hazer mucho caſo del, y
„ darle mucho credito para le ſeguir, y nò apar-
„ tarnos del. Nò ſe deve V. A. maravillar, que
„ yo aya mudado de parecer en eſta materia, y
„ de que nò aviendo aprovado al principio el ca-
„ ſamiento en Francia, antes pueſto inconvenien-
„ tes en el, aora venga en que ſe haga, y tenga
„ eſcrito, y eſcriba de nuevo a V. A. que ſe de-
„ ve proceder a la concluſion, y embiar los po-
„ deres haviendo avido para eſta mudança tantas
„ cauſas por los ſuceſſos que ſobrevinieron, de
„ que reſultò impedirſe el matrimonio, que eſta-
„ va tratado de mi ſobrina, el qual yo avia an-
„ tepueſto, y tenido por mejor, y en reſpecto
„ del nò me parecia bien el de Francia, mas avien-
„ do ceſſado aquel, ſin ſe poder eſcuſar, y conſide-
„ rando juntamente, que lo de Francia en la au-
„ toridad, y en la conveniencia de la edad, y en
„ la perſona, y calidades della es conveniente, ni
„ he podido, ni puedo dexar de incurrir en ello,
„ y parecerme muy bien, y a conſejarlo, y los
„ que en eſſe Reyno al principio ſubieron eſto
„ de Francia por tan conveniente, que aun le pre-
„ ferian a lo de mi ſobrina, quando avia tanbien
„ en que eſcoger, nò ſè como lo podràn agora
„ juzgar por nò tal, quando ſomos venidos en ter-
„ mino, que nò ſolo es bueno, pero neceſſario.
„ El

„ El eſtado de las coſas de Francia nunca fuè tal, „ que cauſaſſe impoſſibilidad, ni impedimiento a „ la promeſa, y cumplimiento dello; que para el „ efecto deſte matrimonio era neceſſario, y mu- „ cho menos lo ſerà para pues con los buenos ſu- „ ceſſos, que Dios ha ſido ſervido de darles, eſtà „ en tan diferente termino; y ſi eſta dificultad „ fue parte para la reſolucion que ſe tomò, caſan- „ do aquella, ſe puede muy bien mudar de pare- „ cer, que lo del caſamiento de V. A. ſe aſiente „ con reputacion, y autoridad ſuya, y beneficio „ de ſus Reynos, es muy juſto, y eſto es lo que „ todos pertendemos, y muy principalmente mi „ hermano; mas deveſe mirar, que a eſta autori- „ dad, y reputacion enteramente ſe ſatisface con „ caſamiento tan calificado, y al beneficio, y ſa- „ tisfacion de ſus Reynos con caſarſe V. A. y „ aſegurar ſu ſuceſſion, que es lo que nòs, y to- „ dos los que nos và tanto en ello, devemos pro- „ curar; y en lo de las pertenciones de la Isla de „ la Madera, y demarcacion, ſeria muy bien que „ Francezes dieſſen ſatisfacion, mas eſtos nò ſon „ puntos de calidad, que por ellos ſe aya de dexar „ de efectuar el matrimonio en que tanto và. Bien „ veo que la edad de V. A. parece que dà lugar „ a eſperar, y que nò dexaràn de repreſentarſe „ algunas ocaſiones, que con el tiempo adelante „ eſtarian bien, mas deve V. A. conſiderar, que „ eſtas ocaſiones ſon muy inciertas, y dudoſas,

„ y en

„ y en que nò se puede hazer fundamento, y el
„ tiempo desbarantandose lo de Francia ha de ser
„ muy largo para que se pueda ofrecer casamien-
„ to con efecto, que estè bien a V. A. en el qual
„ tiempo pueden venir, y ofrecerse muchos ca-
„ sos a que todos estamos sugetos, y la obliga-
„ cion, que V. A. tiene a dexar sucession en es-
„ sos Reynos, que es tan forçoso en conciencia,
„ y en estado, nò se satisfaze con diferirla con
„ esperanças tan dudosas, y nò puedo dexar de
„ poner delante a V. A. el estado en que rota es-
„ ta platica quedan sus cosas, quedando impos-
„ sibilitado a casarse en muchos annos dexarà
„ ofendido al Rey de Francia, que con tanta ra-
„ zon lo estarà; agraviarà mucho a mi hermano
„ a quien tanto se deve, y a la Reyna mi Seño-
„ ra, y a mi dà tanta causa de dolor, y senti-
„ miento, y todo lo que se pretende queda con
„ peyor termino, y assi nò sè quien puede dar con-
„ sejo a V. A. de que resultan tantos inconvenien-
„ tes; tieneme esto cierto en gran cuidado, y se-
„ ria muy mayor si nò confiase en Dios que ha de
„ alumbrar, y guiar a V. A. y en la razon que
„ tiene tanta fuerça, y es tan grande, y clara en
„ esto, que mi hermano aconseja a V. A. y en la
„ que ay para que siga su parecer, y assi reme-
„ tiendome a lo que mas larga, y particularmen-
„ te dirà a V. A. de su parte D. Juan, nò dirè mas
„ de pedir mucho a V. A. quiera embiar los po-
„ deres

„ deres a D. Francisco Pereira, de quien puede
„ V. A. tener toda satisfacion, que le ha servido
„ en esto, como lo ha hecho siempre, dandole
„ orden para que se proceda en este negocio a la
„ conclusion, y efecto, que espero en Dios será
„ para mucho servicio suyo, y contentamiento de
„ todos; el guarde a V. A. como yo deseo. De
„ Madrid a XIIII. de Deziembre.

Buena Madre de V. A.

LA PRINCEZA.

129 Naõ poderaõ estas persuações, que se faziaõ mais efficazes pela authoridade de Filippe, e ternura da Princeza D. Joanna mover o inflexivel animo delRey, para que desistisse da resoluçaõ, em que persistia de naõ casar, antes para satisfazer a estas exhortações, que lhe eraõ summamente odiosas, e molestas, despedio ao Embaixador de Castella, dizendo-lhe, que brevemente mandaria a seu tio, e a sua mãy a ultima resoluçaõ do negocio, que lhe viera practicar. Para satisfaçaõ desta promessa mandou neste anno de 1570, por seu Embaixador a D. Alvaro de Castro, que com grande credito do seu talento tinha diversas vezes exercitado este ministerio, pelo qual representou a Filippe Prudente a grande obrigaçaõ em que estava a S. A. por ter tratado com tanto amor, e desvélo o seu casamento, em que

Parte D. Alvaro de Castro por Embaixador a Castella.

que se fundava a felicidade da sua Monarchia, de cuja negociaçaõ fora eloquente interprete D. Joaõ de Borja, mas que esperava tempo mais opportuno para a conclusaõ deste negocio. Esta resoluçaõ mandou declarar a sua mãy, da qual taõ altamente foy penetrado o seu coraçaõ, que logo no aspecto se lhe descobriraõ os effeitos do sentimento.

130 Esta contumacia, em que permanecia obstinado ElRey D. Sebastiaõ, intentou abrandar a suprema authoridade de S. Pio V. e posto que haviaõ cinco annos persuadira a este Principe antepor o casamento de Alemanha ao de França, considerando agora com paternal providencia ser conveniente casar D. Sebastiaõ para estabilidade da Coroa Portugueza, e naõ haver outra Princeza para sua consorte, que a Infanta de França, por estarem destinadas para esposas de Filippe Prudente, e Carlos IX. as duas Archiduquezas de Austria, mandou ao Doutor Luiz de Torres, seu Camereiro, a exhortallo segunda vez da sua parte a concluir os seus desposorios com Margarida de Valois, irmãa delRey Christianissimo, sobre cuja materia tinha o anno passado escrito a D. Sebastiaõ, pois da sua demora se seguiaõ graves damnos a este Reyno. As palavras do Breve expedido em 6 de Agosto deste anno de 1570, com que instantemente exhortava o Summo Pastor a ElRey D. Sebastiaõ, eraõ as seguintes.

Escreve S. Pio V. a ElRey, para que case com a Infanta de França.

„ Quæ

„ Quæ verò idem Ludovicus de matrimonio inter „ Majestatem Tuam, & Charissimi in Christo filii Regis Christianissimi sororem contrahendo „ cum eàdem Majestate Tua locutus est, & egit „ nostro nomine, ac pro certo habere debes illum „ jussu, mandatoque nostro omnia egisse; quamvis enim in ipsis litteris ad te nostris xiv. die „ Martii datis nihil tale adscriptum esse, id ob „ eas causas factum est, quæ sibi à prædicto Ludovico expositæ fuerunt: nostra verò voluntas „ eadem nunc, & quo semper fuit ab ex tempore quoad hujusmodi matrimonium Majestatem „ Tuam hortari cœpimus, ut scilicet quamprimùm „ fieri potest, ad effectum adducatur; videmus „ enim tali matrimonio non solùm provideri periculis quæ isti, quâ Majestas Tua est, ætati imminere solent, à variis voluptatum illecebris, „ sed etiam istius regni prosperitati consuli; & „ quod maxime existimamus Reipublicæ Christianæ tranquillitatem summopere adjuvari. Nihil enim ad Christianorum Principum concordiam statuendam, hac eorum inter se affinitatum conjunctione firmiùs esse existimamus. „ Pertinere hoc etiam ad dignitatem nostram, & „ hujus Sanctæ Sedis Apostolicæ majestatem putamus, ut de quo matrimonio nobis authoribus, neque invitâ Majestate Tua semel agi cœptum est, id potissimum perficiatur. Denique „ quia nostræ erga Majestatem Tuam paternæ be-

Apost. Epist. Pii V. lib. 4. Epist. 28.

„ nevolentiæ nobis ipsis conscii sumus, illud quo-
„ que scimus nos nullas ob privatas, vel nostras,
„ vel cujuscumque alterius rationes tale matrimo-
„ nium Majestati Tuæ suadere, sed ob eam tan-
„ tummodò causam quia illud, & privatim sibi,
„ regnisque suis utile, & communi Reipublicæ
„ Christianæ tranquillitati conducibile fore non
„ dubitamus. Quæ quidem, vel sola causa vide-
„ tur Majestatem Tuam ad obsequendum nostræ
„ voluntati impellere debere, cum nihil ei explo-
„ ratius esse debeat, quàm nos id cupere quod in
„ rem Majestatis Tuæ sit. Quæ cum ita sint, Ma-
„ jestatem Tuam hortamur, ut ad tale matrimo-
„ nium quàmprimum contrahendum animum ad-
„ jiciat. Qua de re copiosius locuti sumus cum
„ dilecto Filio Majestatis Tuæ apud nos Orato-
„ re; & ut illam ad eumdem rem nostro nomine
„ ipse quoque hortaretur, postulavimus: quæque
„ ad te scribimus omnia cum ipso communicavi-
„ mus; ut suspicari non debeat Majestas Tua nos
„ aliquid earum rerum ignorare, quas nobis per
„ eum notas esse voluerit. Quod si aliquæ fortè
„ difficultates sunt, quæ impediant, quominus
„ tale matrimonium concludatur, de his Majestas
„ Tua si nos certiores fieri curaverit, eas omnes
„ auctoritate nostra interposita tollere conabimur.
„ Quod idem pro parte sua Majestas quoque Tua
„ facere debebit, ut scilicet in accipiendis hujus-
„ modi matrimonii conditionibus æquam se, ac
„ faci-

„ facilem præbeat, neque omnia ſummo jure pro-
„ ſequatur, ſed communis utilitatis cauſâ de his
„ quæ ſibi juſta eſſe videantur, nonnihil remittat,
„ quemadmodum ex prædicto Ludovico de Tor-
„ res ſubtiliùs, & copioſiùs cognoſcet, cui, &
„ hæc ipſa, quæ ſcripſimus, & alia etiam Majeſ-
„ tati Tuæ noſtro nomine in eandem ſententiam
„ exponenda mandavimus.

131 A eſtas repetidas exhortações com que o Summo Paſtor ancioſamente procurava a concluſaõ do caſamento do noſſo Principe com a Infanta de França, reſpondeo com a ſeguinte Carta, em que claramente moſtrava a indeciſaõ do ſeu animo, para effeituar eſtes deſpoſorios, da qual ſómente ſe tranſcreve o que pertence a eſta materia. Repoſta delRey ao Pontifice.

„ Porro autem, quod ad me ſcribit Sanctitas Tua
„ de nuptiis in Gallia celebrandis ſuper eo Beati-
„ tudinis Tuæ nomine mecum verba fecit Ludo-
„ vicus de Torres rationibus etiam adhibitis, qui-
„ bus ego adductus, id ad meam ipſius Regno-
„ rumque meorum, Chriſtianæque Reipublicæ
„ utilitatem facere deberem. Equidem omnibus
„ in rebus Beatitudinis Tuæ in me benevolentiam
„ agnoſco, atque res meæ, quantæ curæ ei ſint,
„ planè perſpicio. Quibus ego maximis, ac plu-
„ rimis ei adjunctus officiis ſacratos pedes tuos
„ veneratundus oſculor, Tuæque Beatitudini in
„ mentem revoco id, quod antea ad eam ſcripſi,
„ ac per Joannem Tellum meum Conſiliarium,

Apoſt. Epiſt. Pii V. lib. 4. Epiſt. 29.

„ & apud Sedem iſtam Oratorem, ac proinde per „ Ludovicum de Torres mandavi referendum San„ ctitati Tuæ me nimirum ab ejuſmodi conſilio „ longè adhuc animo abfuiſſe. Quod ſi cogita„ tionibus meis ſic anteverterit Deus, ut id ali„ quando faciendum eſſe conſtituam; nihil tamen „ abſque Beatitudinis Tuæ conſilio, judicioque „ diſcernendum putabo. At verò quoniam res jam „ eo loco ſunt, ut quidquam aliud de illis conſti„ tuere mihi non ſit integrum, uti Beatitudini „ Tuæ exploratum eſt; ab ea ſupplex peto, atque „ oro, ut quemadmodum eam facturam eſſe con„ fido, conſiliorum meorum rationes omnes æqui, „ bonique conſulat. Cætera porro, quæ ad hæc „ attinent, Sanctitas Tua facilè intelliget, tum „ ex ipſo Ludovico, tum etiam ex meo iſtic Le„ gato: quorum ego ſententiæ planè ſubſcribam. „ Sanctiſſime in Chriſto Pater, ac Beatiſſime Do„ mine, Sanctitatem Tuam in multos annos ad „ Eccleſiæ ſuæ ſanctæ utilitatem Deus incolumem „ ſervet. Sintiæ XVIII. Kal. Octob. M.D.LXX.

132 Ponderando o prudente juizo do inſigne D. Jeronymo Oſorio, que neſte tempo governava a Mitra do Algarve, as conveniencias, que reſultavaõ a ElRey D. Sebaſtiaõ de celebrar o ſeu caſamento com a Infanta de França, lhe eſcreveo a ſeguinte Carta, onde cada clauſula he hum manifeſto argumento da fidelidade do ſeu animo, e madureza do ſeu talento.

Se-

Carta de D. Jeronymo Osorio para ElRey D. Sebastião.

„ Senhor. Corre fama por esta terra, que
„ V. A. he casado em França, se-assim he, será
„ para gloria de Nosso Senhor, e prosperidade
„ destes Reynos, e grande nome de V. A. o qual
„ já neste negocio naõ póde ser pouco; porque
„ dizem, que naõ casa V. A. por sua vontade,
„ mas pelo que convém à paz, e proveito dos
„ seus Reynos, e Senhorios; no que se vê a gran-
„ de merce, que nos faz a todos o Senhor Deos,
„ pois nos deu Rey, que em taõ pouca idade se
„ naõ governa por apetites, senaõ por juizo de
„ prudencia singular. Muitas differenças assinaõ
„ Filosofos entre tyrannos, e Reys, mas eu cui-
„ do que huma só basta, que he a vontade, e
„ razaõ; a vontade por si sem obediencia do
„ entendimento he desconcerto, e tyrannia, e
„ mais certa estrada do inferno, que sabemos, e a
„ boa razaõ he luz natural, e divina; pelo que
„ com muito fundamento se virmos hum homem
„ fazer muitos milagres, e juntamente souber-
„ mos, que he voluntario, podemos determinar,
„ que nem he justo, nem virtuoso, e que os mi-
„ lagres saõ falsos, como os do Antichristo. Pe-
„ lo contrario, quando puzermos os olhos em ho-
„ mem desafeiçoado em seu proprio parecer, e
„ que facilmente segue a razaõ dos outros quan-
„ do he melhor, que a sua, podemos presumir,
„ que este tal naõ sómente governará bem a si,
„ mas a Imperios muito grandes. Naõ ha quem
„ per

„ per ſi alcance tudo o que lhe convém, por iſſo
„ quiz Deos para ſupplemento deſta falta dar a
„ Reys tamanhos eſtados, para que de infinito
„ numero de homens pudeſſem eſcolher alguns
„ ſingulares para ſeu conſelho, os quaes lhe naõ
„ trataſſem fallar à vontade por ſeus reſpeitos par-
„ ticulares, mas tratar em verdade pura a fim do
„ bem commum, pelo qual naõ ſaõ obrigados ſó-
„ mente os Principes a enfrear ſuas affeições, mas
„ tambem a pôr a vida pela dos ſeus.

„ Tudo o que digo he para ver mais clara-
„ mente quam digno de louvor foy o feito que
„ V. A. fez; porque quanto mais fóra eſtava de
„ ſe caſar, tanto mais Real animo moſtrou em
„ reſiſtir à ſua propria vontade, e obedecer à ra-
„ zaõ, ou para melhor dizer à Ley de Deos, em
„ ſe negar a ſi meſmo por acudir à neceſſidade dos
„ ſeus; e para que veja quanto contentamento
„ deve ter deſta victoria, ainda que pareça pou-
„ co neceſſario, direy em ſumma alguma parte
„ os frutos, que deſte caſamento podem reſultar.

„ França tem forças, ſitio, e diſpoſiçaõ
„ para muito mal, e para muito bem; o mal ſen-
„ timos aſſaz nos grandes roubos, e damnos, que
„ a eſte Reyno tem feito, e iſto naõ havendo
„ guerra apregoada, pois que fora ſe a houvera!
„ Ao grande Emperador Carlos V. atava os pés,
„ e as mãos, de tal maneira, que ſe naõ ſabia
„ dar a conſelho, nem podia levar avante ſuas
„ em-

„ emprezas, como desejava. O bem parece que
„ tem Deos posto nas mãos de V. A. sendo isto
„ assim, que mór gloria póde ser de V. A. que
„ mudar com este seu casamento o estado das cou-
„ sas de tal sorte, que a fonte de tantos males se
„ remedee, e converta em fonte de muitos, e
„ grandes bens. O que Portugal tem, naõ está
„ no cofre, tudo anda fóra. O comercio de Flan-
„ des, de Alemanha, de Italia naõ teremos, se os
„ Francezes naõ quizerem; o senhorio das Ilhas
„ de Guiné, e da India custará em se defender
„ trabalho, perigo, e despeza intoleravel.

„ Nas cousas de Religiaõ, em que tanto
„ vay, naõ poderemos consultar a Sede Apostoli-
„ ca sem grande risco, se França nos cerrar os
„ pórtos. O trigo nos póde muitas vezes faltar em
„ nossas necessidades; todos estes males se evita-
„ raõ por meyo deste casamento, com a confor-
„ midade dos Principes Catholicos, que com el-
„ le se segura, póde haver effeito. Naõ sem cau-
„ sa he desejado tantos annos hà este matrimonio,
„ nem sem mysterio o procura ElRey de Castel-
„ la vosso tio, naõ sem conselho de Deos insta
„ tanto nelle o Padre Santo. Huma das mais ale-
„ gres merces, que Portugal recebe da maõ de
„ Nosso Senhor foy o nascimento de V. A. naõ
„ será menos alegre a merce deste casamento; por-
„ que naõ sómente dos homens, mas dos mon-
„ tes, e dos valles será festejado. Além de tudo
„ isto

„ isto cumprirá V. A. com o que deve a seus vas-
„ sallos; porque lhe deve Principes, que se pare-
„ ceraõ com os Reys de gloriosa memoria, seus
„ avós. He esta obrigaçaõ tamanha, que obri-
„ gou a alguns Principes sahir de seu Mosteiro,
„ por naõ haver outros mais chegados à Coroa,
„ até naõ sómente reynarem, e terem filhos; por-
„ que de outra maneira correriaõ os Reynos ris-
„ co de se perderem com discordias, ou pelo me-
„ nos perderem a liberdade. E pois V. A. naõ
„ he frade, em casar naõ ha que ter escrupulo,
„ deve-o ter muy grande na dilaçaõ, porque tar-
„ da em officio de justiça, que he pagar o que
„ deve aos seus. Lembro tambem a V. A. que
„ quando nos dizem, que mata muitos porcos,
„ ou veados, esmorecemos com medo de algu-
„ ma quéda perigosa: pois como tomaremos pas-
„ sar V. A. em Africa sem deixar primeiro filhos em
„ Portugal; pelo que se V. A. deséja de pôr em
„ effeito seus altos pensamentos, e destruir por
„ sua parte, quanto nelle for, a infernal Seyta
„ de Mafamede, e ter para grandes prazeres in-
„ teira liberdade, convém muito, que naõ ponha
„ seu casamento em dilaçaõ, para que se naõ di-
„ late sua gloria. Muitas outras razões tenho,
„ de que naõ trato, por naõ enfadar mais a V. A.
„ naõ faltará por ventura quem diga, que saõ ra-
„ zões humanas, e que muitas vezes succede a
„ quem as segue, o contrario do que imagina,
„ he

„ he muy grande verdade, mas que fazemos,
„ porque em quanto naõ temos revelaçaõ divina
„ do contrario obrigados somos a seguir a razaõ.
„ Quem tiver espirito de profecia, saya ao cam-
„ po, e dé sinaes, que nos mostre ser elle pro-
„ feta verdadeiro, e diga a grandes vozes *Hæc*
„ *dicit Dominus Deus*; quem isto naõ fizer, e
„ sem revelaçaõ insistir em contrariar taõ eviden-
„ tes razões, denos licença que o tenhamos por
„ protervo, e voluntario, e naõ espiritual, ou
„ prudente; mas bem cuido, que ninguem será
„ de contrario parecer, do que tenho dito. Naõ
„ he conselho, porque naõ sou taõ atrevido, que
„ o dé sem ser chamado, mas he festejar a victo-
„ ria, que V. A. de si mesmo alcançou, e mos-
„ trarlhe as razões, que tem para ter, do que
„ segundo se affirma fez, muy grande contenta-
„ mento. Do que me fica por fazer, terey eu muy
„ grande cuidado, que he pedir a Nosso Senhor
„ em minhas orações, e sacrificios, que o Real
„ Estado de V. A. prospere, e augmente com
„ geraçaõ gloriosa, e bemaventurada.

CAPITULO XXV.

Gratifica a Deos a Cidade de Lisboa com solemnes applausos o beneficio da extinçaõ da peste, cuja gratificaçaõ se executa por ordem delRey.

1570 133 EXtinctos os rayos, com que a Divina Justiça tinha severamente fulminado o povo de Lisboa, começou pela declinaçaõ do contagio a respirar de taõ fatal calamidade, e já quando chegou o Natal, estava a Cidade restituida à sua antiga saude. Os pobres opprimidos com a fome, sem temor ao perigo, concorriaõ para a Corte; porém os poderosos, e ricos consternados com o receyo de que na Primavera se renovasse o contagio, como tinhaõ prognosticado os Medicos, se naõ resolviaõ a deixar os lugares, que buscaraõ para asylo, e conservaçaõ das suas vidas. Assistia neste tempo ElRey D. Sebastiaõ em Salvaterra, a quem expoz por huma Carta o Senado de Lisboa, como Deos lembrado da sua piedade, e esquecido dos peccados, com que fora provocada a sua Justiça, suspendera o formidavel flagello da peste, que devorara grande parte dos moradores de Lisboa. Conhecendo ElRey, que taõ grande beneficio devia

devia ser publicamente gratificado, escreveo a seguinte Carta.

„ Vereadores, e Provedores dos Misteres „ da Cidade de Lisboa. Eu ElRey vos envio „ muito saudar. Vi vossa Carta de 10 deste mez, „ e os testemunhos dos Fisicos, que com ella „ me enviastes sobre a saude dessa Cidade, pelos „ quaes parece, que louvado Nosso Senhor, es- „ tá agora sãa; e porque he já tempo de se fazer „ a Procissaõ solemne, que me escrevestes, que „ tinheis assentado, que se fizesse, para se darem „ graças a Deos por taõ grande merce, como es- „ ta he, vos encomendo, que ordeneis como lo- „ go se faça a dita Procissaõ com toda a solem- „ nidade, devoçaõ, e demonstraçoens de reco- „ nhecimento, que se deve a Nosso Senhor por „ esta merce sua taõ mal merecida dos homens, „ e taõ propria da sua Misericordia; e deveis tam- „ bem ter muy particular cuidado de fazer prose- „ guir com toda a diligencia a obra do Templo „ do Bemaventurado S. Sebastiaõ, conforme ao „ que vos tenho escrito, e ao voto, que eu fiz, „ e assim ao que vós tendes feito em nome da Ci- „ dade, eu o hey. Escrita em Salvaterra a treze „ de Abril de mil quinhentos e setenta.

Ordena ElRey ao Senado de Lisboa se rendaõ graças a Deos por ter suspendido a peste.

REY,

134 Em observancia desta Real ordem mandou o Senado de Lisboa, que a vinte de Abril

Procissaõ de acçaõ de graças por ter cessado a peste.

se fizesse huma Procissaõ solemne, para cujo apparato concorreraõ os moradores de taõ nobre Cidade. Na vespera se illuminaraõ de noite todos os Edificios, e torres das Igrejas, formando os sinos huma plausivel, e estrondosa consonancia. Precediaõ à Procissaõ varias danças, e jocosas invenções, que augmentavaõ o jubilo universal. Compunha-se toda a comitiva do Clero, Familias religiosas, Parochias, e Confrarias, sendo taõ numerosa, que sahindo da Sé pela menhãa, eraõ duas horas depois do meyo dia, quando entrou na Igreja do Convento de S. Domingos. Sobre hum precioso andor era levada a Imagem da Senhora da Saude, a cuja protecçaõ era a Cidade devedora da que experimentava depois de taõ horrivel contagio. No fim de toda a Procissaõ se via outro andor, no qual estavaõ collocadas as mais insignes Reliquias, que se veneraõ nesta Corte. Depois de entrar a Procissaõ, subio ao pulpito o Mestre Fr. Joaõ da Sylva, da Ordem dos Prégadores, e narrou os calamitosos effeitos da peste, cuja violencia arrebatara a cincoenta mil pessoas, e convertendo o passado horror em a presente alegria, exhortou ao numeroso auditorio a render graças ao Altissimo por beneficio taõ grande.

135 Recebendo a vinte e dous de Mayo aviso o Senado de Lisboa, de que ElRey partira de Salvaterra, para se aposentar no Real Convento

to de Belem, e como naquella ſemana ſe celebrava a Feſta do Corpo de Deos, imaginaraõ todos que vinha acompanhar a Procisſaõ, que a Igreja Catholica inſtituira em applauſo de taõ amoroſo Myſterio. A brevidade do aviſo naõ permittio, que ſe executaſſe o recebimento, que o amor, e ſaudade dos vaſſallos queriaõ fazer ao ſeu Principe. Ordenou-ſe que todas as náos ancoradas no Tejo levantaſſem as amarras, e que embandeiradas velejaſſem para ſalvar com feſtivas deſcargas da artilharia, quando ElRey atraveſſaſſe o rio, além de outras embarcações cheyas das danças, que eſtavaõ preparadas para a Procisſaõ com muitas caravellas cheyas de luſtroſas companhias de Soldados; porém todo eſte apparato ſe fruſtrou chegando ElRey de noite, quando já ſe naõ eſperava. Aſſiſtio huma ſemana no Convento de Belem, donde ſem entrar na Corte, partio para Cintra. A Rainha ſe reſtituhio de Villa-Franca a Lisboa a dezaſeis de Junho com a Infanta D. Maria, apoſentando-ſe eſta nas caſas junto a Santa Apollonia, e aquella no Palacio dẽ Xabregas; e a vinte e oito de Julho ſe abriraõ todas as portas da Cidade, em ſinal de eſtar totalmente extincta a peſte.

Feſtas, que preparou Lisboa para receber a ElRey.

136 Saõ dignas de eterna memoria algumas acções, que ElRey obrou no tempo que vio o ſeu povo conſternado com o contagio, pois além de diſpender da ſua Real fazenda mil cruzados cada

Edifica-se o Recolhimento de Santa Martha, que depois foy Convento de Religiosas Franciscanas.

cada dia para cura dos enfermos, compadecido do desamparo, e orfandade das mulheres, e filhas dos seu criados, extinctos pela violencia do contagio, lhes mandou fazer hum Recolhimento dedicado a Santa Martha, para nelle viverem, assinando-lhe para sua sustentaçaõ de renda annual mil cruzados, e vinte moyos de paõ. Com a virtuosa, e prudente direcçaõ da sua Regente Maria dos Anjos, se resolveraõ todas a professar a Ordem de Santa Clara, e alcançada faculdade do Cardeal D. Henrique, Legado Apostolico, e Rey desta Monarchia, passou o Recolhimento a Casa Religiosa, em cujo Edificio se lançou a primeira pedra a seis de Fevereiro de 1580. Vieraõ do Convento de Santa Clara de Santarem, com licença do Summo Pontifice Gregorio XIII. as primeiras Fundadoras, e Mestras dos estylos Monasticos; e a cinco de Novembro de 1583, por ordem do Arcebispo de Lisboa D. Jorge de Almeida, a cuja obediencia havia estar a nova Communidade, se entregou o governo della à Madre Soror Maria do Prezepio, nomeada por Abbadessa. Era esta Religiosa parenta muito chegada dos Condes de Sortelha, por ser filha de Henrique da Sylveira, e D. Isabel Pereira, a qual acompanhada de duas sobrinhas, filhas de seu irmaõ Antonio da Sylveira, e D. Brites de Mendoça, estabeleceraõ a fórma regular, com tanta prudencia, que passados poucos annos sahiraõ

Soled. *Hist. Seraf. da Prov. de Portug.* Part. 5. liv. 2. cap. 2.

raõ deſte Clauſtro Fundadoras do Convento do Salvador de Evora, conſervando até o tempo preſente eſte reformado Convento ſer a paleſtra da mais exemplar obſervancia do Serafico Inſtituto.

CAPITULO XXVI.

Supplica ElRey ao Pontifice a erecçaõ da Cathedral de Elvas, e de quem foy o ſeu primeiro Biſpo. Viſita o Real Convento da Batalha, e ſe relata a pompa, com que foy recebido pela Academia Conimbricenſe.

137 PAra complemento dos glorioſos tymbres, com que ſe ennobrecia a Cidade de Elvas, antiga por fundaçaõ, magnifica em edificios, e fecunda em todo o genero de frutos, foy neſte anno a nove de Junho ſublimada à Dignidade Epiſcopal por Bulla de S. Pio V. expedida às piedoſas inſtancias delRey D. Sebaſtiaõ, que ſinalou para territorio do novo Biſpado as Villas de Olivença, Campo-Mayor, e Ouguella, pertencentes ao Biſpado de Ceuta, que vagara por morte de D. Jayme de Lencaſtre, filho de D. Jorge de Lencaſtre, Duque de Coimbra, e Meſtre de Santiago, como tambem as Villas de Barbacena, Monforte, Cabeço de Vide, Alter Pedroſo, Alter do Chaõ, Fronteira, Vey-

1570

Erecçaõ da Cathedral de Elvas.

Veyros, Alandroal, Jurumenha, Villa-Boim, e Villa-Fernando com ſeus termos, que ſe deſmembraraõ do Arcebiſpado de Evora, com conſentimento de ſeu Prelado D. Joaõ de Mello, a quem ficou ſuffraganeo o novo Biſpado. Foy nomeado primeiro Paſtor deſta Dioceſe o Doutor Antonio Mendes de Carvalho, natural da Villa de Caminha, que eſtudando em a Univerſidade de Pariz, taes foraõ os progreſſos, que fez a ſua eſtudioſa applicaçaõ, que o chamou ElRey D. Joaõ o III. para illuſtrar a de Coimbra com o ſeu magiſterio, lendo huma Cadeira de Letras humanas. Provido em huma Abbadia do Biſpado do Porto o nomeou ElRey D. Sebaſtiaõ Prior mór da Ordem Militar de Aviz, cuja Dignidade naõ aceitou pelo amor que tinha às ſuas ovelhas, em cujo paſto ſe enſayou o ſeu zelo paſtoral para governar mayor rebanho, ſendo eleito primeiro Biſpo da Cidade de Elvas, em cuja Dignidade foy ſagrado em o Real Convento de S. Vicente de Fora na terceira Dominga de Setembro de 1571, por D. Franciſco Caõ, Biſpo de S. Thomé, e Aſſiſtentes D. Fr. Jorge de Lemos, Biſpo do Funchal, e D. Fr. Jeronymo Pereira, Biſpo de Sale, Coadjutor do Infante Cardeal, ambos da illuſtre Ordem de S. Domingos. No anno ſeguinte de 1572 celebrou Synodo, em que approvou, com conſentimento de todo o Clero, as Conſtituiçoens do Arcebiſpado de Evora, pelas quaes

Quem foy o ſeu primeiro Biſpo.

Barboſ. *Faſt. Polit. e Milit. da Luſit.* Tom. 1. pag. 115.

quaes se governou até o anno de 1634. Assistio nas Cortes de Thomar, celebradas no anno de 1581. Nunca faltou às Horas Canonicas, sendo o primeiro que entrava no Coro. Todos os Domingos, e dias Santos instruîa no pulpito, e no confessionario as suas ovelhas, visitando pessoalmente aos enfermos: e como ministrasse a hum o Viatico, a tempo, que em Elvas assistia Filippe Prudente, perguntou se fizera aquella acçaõ por elle estar presente; e sendo informado de que era seu antigo costume, o mandou chamar, para o prover em hum Arcebispado opulento, que naõ aceitou, julgando-se indigno de governar rebanho mais numeroso. Tudo quanto percebia do rendimento do Bispado, repartia com os pobres; de tal sorte, que com grande repugnancia deu seiscentos mil reis de dote a sua sobrinha, quando se casou com Antonio da Gama, que possuia hum rendoso Morgado em Elvas. Comia parcamente com a sua familia, e do melhor manjar fazia esmola pela propria maõ a algum pobre. Dormia no chaõ sobre huma esteira, e quando estava enfermo usava de hum colchaõ muito delgado. Cheyo de annos, e merecimentos faleceo entre as suas ovelhas a nove de Janeiro de 1591, cujo dia tinha prognosticado. Foy transferido por seu successor D. Antonio de Mattos de Noronha, do pavimento da Capella mór, que novamente edificara, para o presbyterio da parte

da Epiſtola, e ſobre a ſepultura tem gravado eſte Epitafio.

Sepultura de D. Antonio Mendes, primeiro Biſpo deſta Cidade, e Biſpado de Elvas. Falleceo a 9 de Janeiro de 1591 annos.

138 Dilatava-ſe a fama dos progreſſos literarios da celebre Univerſidade de Coimbra, naõ ſó em o Reyno, mas por todo o Mundo, com que a providencia delRey D. Joaõ o III. reſtaurara eſta Athenas Luſitana, florente em o numero, e qualidade de Cathedraticos inſignes em todas as Faculdades; e como eſte auguſto Reſtaurador a tinha illuſtrado com a ſua preſença no anno de 1550, ſe reſolveo D. Sebaſtiaõ, imitando o exemplo de ſeu avó, viſitar a meſma Univerſidade, e aſſiſtir aos actos literarios, de que tinha baſtante conhecimento. Para eſte fim eſcreveo de Cintra a vinte e ſeis de Setembro deſte anno de 1570, ao Senado de Coimbra, ordenando-lhe, que queria ſer recebido com ſemelhante ceremonial, que ſe practicara com ſeu avó D. Joaõ o III. Dirigio a jornada pela Villa da Batalha, para viſitar o ſumptuoſo Convento, que fora magnifica fundaçaõ delRey D. Joaõ o I. onde habitaõ os ſabios filhos do nobiliſſimo Patriarca S. Domingos. Recebido D. Sebaſtiaõ com exceſſivo jubilo por taõ authoriſada Communidade, quiz examinar com os olhos o corpo incorrupto delRey D. Joaõ o II. que

Intenta viſitar a Univerſidade de Coimbra.

que descansa naquelle Mosteiro esperando unir-se ao seu espirito no dia do Juizo final; e admirando como a morte naõ sómente respeitara o cadaver, mas as roupas, que tinha vestido, se encheo de hum reverente pavor, venerando-o como Santo. Desta piedosa acçaõ passou a outra dictada pelo impulso do seu coraçaõ, mandando, que se puzesse o cadaver em pé, e metendo-lhe na maõ direita a propria espada do Rey defunto, disse para o Duque de Aveiro D. Jorge de Lencastre, que beijasse a maõ a seu Bisavó, o que promptamente executou, beijando primeiramente a maõ de quem o mandava; e olhando para o Duque, lhe disse: *Este foy o melhor official, que houve do nosso officio*; reduzindo a estas breves palavras os elogios, que merecia o militar valor de D. Joaõ o II. que para argumento da estimaçaõ, que fazia da memoria deste Principe, o intitulava muitas vezes o seu Rey.

Entra ElRey em o Convento da Batalha, e o que nelle obrou.

139 Chegada a noticia de que ElRey a doze de Outubro pernoutara na Villa de Soure, se juntou todo o corpo da Universidade de Coimbra às duas horas da tarde no terreiro com o Reytor D. Jeronymo de Menezes, filho de Henrique de Menezes, Governador da Casa do Civel, e D. Brites de Vilhena, filha de Ruy Barreto, Alcaide mór de Faro (que depois illustrou com o seu grande talento as Cathedraes de Miranda, e do Porto) esperar a ElRey a S. Martinho do

He recebido em Coimbra com toda a pompa.

Cunha *Catalog. dos Bisp. do Port.* cap. 80.

Bispo. O Bispo de Coimbra D. Fr. Joaõ Soares com D. Affonso de Castellobranco, Conego Magistral, Francisco Fernandes, Provisor do Bispado, Joaõ Pimentel, Vigario Geral, e Sebastiaõ de Madureira, Prior da Igreja de S. Martinho de Salreo, se adiantaraõ a cumprimentar a ElRey, que entrou na Cidade às quatro horas da tarde de treze de Outubro, acompanhado do Cardeal D. Henrique, e o Senhor D. Duarte, filho dos Infantes D. Duarte, e D. Isabel. Beijou a maõ o Reytor a ElRey, e ao Cardeal, e fez huma profunda inclinaçaõ ao Senhor D. Duarte, que lhe correspondeo tirando o chapeo. Semelhante ceremonial observaraõ os Lentes, e Doutores da Universidade, e mais Officiaes. Montados a cavallo os dous Principes, e o Senhor D. Duarte, com toda a Universidade foraõ caminhando pela ponte do Mondego até o arco da Portagem, onde esperava a ElRey o Senado da Cidade, em cujo nome o congratulou o Doutor Jorge de Sá Sottomayor, Commendador da Ordem de Santiago, e Lente de Vespera de Medicina, explicando a sublime honra, que recebia com a sua augusta presença, por estas vozes.

Oraçaõ do Doutor Jorge de Sá Sottomayor, com que congratulou a ElRey D. Sebastiaõ em nome da Cidade de Coimbra.

„ Muito alto, e muito poderoso Rey, e
„ Senhor nosso. O grande Alexandre, Rey de
„ Macedonia, visitando as Cidades, que conquis-
„ tara, a nenhuma lemos, que fizesse taõ avan-
„ tejadas merces, e visitasse com tamanho alvo-

„ roço

„ roço como Troya, assim por ser taõ celebra-
„ da de Poetas Historiadores, como por nella es-
„ tar sepultado o corpo do valeroso Grego Achi-
„ les, donde elle se gloriava, que procedia por
„ linha materna; mas tudo bem considerado,
„ muito mais razaõ tem V. A. Rey de muitos
„ Reys muito alto, e muito poderoso Christia-
„ nissimo Senhor, de vir com grandes desejos pa-
„ ra ver huma cousa taõ antiga, e insigne, e leal
„ como he, e sempre foy, esta vossa Cidade de
„ Coimbra, que se Troya foy affamada pela gran-
„ de destruiçaõ, e estrago, que nella fizeraõ qua-
„ tro Gregos mal avindos, esta o he em primei-
„ ramente ser fundada pelo affamado Hercules,
„ depois pelas sobrenaturaes victorias, que nella
„ residindo houveraõ vossos Progenitores contra
„ os perfidos Agarenos, sequazes da má, e de-
„ pravada secta do torpe Mafamede, sem nunca
„ se intrometer cousa que interrompesse este feli-
„ cissimo curso de victorias.

„ Aqui por esse proprio lugar, em que ora
„ está V. A. partio o grande, e sempre triumfa-
„ dor Rey D. Affonso Henriques, rodeado dos
„ seus Leoens Coimbrãos, e de alguns outros
„ Portuguezes a presentar batalha a cinco pode-
„ rosos Reys Mouros, e qual fosse o seu poder,
„ e multidaõ, que se ajuntaraõ, além de no lo
„ mostrarem as breves, mas verdadeiras Chroni-
„ cas Portuguezas, se collige claramente dos al-
„ vitres

„ vitres dos Mouros, que por muito tempo com
„ ſuas falſas prégações, e damnoſas ſuperſtições
„ convocaraõ todo o poder da Mouriſma, e o
„ ſucceſſo de taõ animoſa empreza nos moſtraraõ
„ as Quinas das ſuas Reaes Armas, que entaõ ſe
„ vio pelos deſpojos com que os Templos, e tor-
„ res deſta Cidade foraõ ornamentados.

„ Deſta Cidade partio o meſmo Rey, de-
„ pois de paſſar muitos tranzes, e vencer outras
„ naõ menos milagroſas batalhas, e tomar a in-
„ explicavel Villa de Santarem, e em hum bre-
„ ve momento a tomou; couſa que neſte tempo
„ parece impoſſivel a todo o poder humano. Deſ-
„ te lugar partio o meſmo Rey aſſentado em hum
„ carro, que com mais razaõ ſe podera chamar
„ triumfante, que a dos antigos ſoberbos Roma-
„ nos carregado de muitas armas, e minguado já
„ de forças corporaes, mas naõ de reaes heroicos
„ eſpiritos a ſoccorrer o Principe D. Sancho, ſeu
„ filho, que eſtava cercado na Villa de Santarem
„ de muitos Reys Mouros, e de tanta infinida-
„ de de barbaros, que ſecavaõ os rios perenaes,
„ cobriaõ a terra, e pareciaõ como novo, e nun-
„ ca ouvido genero de diluvio, querendo outra
„ vez alagar o Mundo, e a fama do ſeu ſoccorro,
„ poz tal eſpanto naquella deſcrida, e humanavel
„ canalha, que naõ ouſando experimentar a in-
„ vencivel eſpada Portugueza, a ſi ſe deciparaõ,
„ como o rijo vento decipa as leves folhas, e em
„ fim,

„ fim, Senhor, daqui ſe conquiſtou a mayor par-
„ te deſtes voſſos grandes, e poderoſos Senhorios,
„ ou para melhor dizer, todos elles; e em toda
„ eſta larga, e perigoſa conquiſta ſempre os Leões
„ Coimbrãos foraõ os primeiros, que com mais
„ promptidaõ, que todos os outros ſe offerece-
„ raõ aos perigos, pondo a cada paſſo a deſejada
„ vida a riſco da temeroſa, e abreviada morte;
„ e quem vio o que neſta Cidade aconteceo à
„ poucos dias, o goſto, e preſſa com que todos
„ corriamos, a quem mais podia, a morrer pelo
„ ſerviço de Deos, e voſſo, poderá com razaõ
„ affirmar, que naõ degeneramos de noſſos ante-
„ paſſados: eu farey certo, que em todo o diſ-
„ curſo da Hiſtoria dos animoſos Lacedemonios
„ naõ ſe contaõ tantos ditos animoſos, como ſe
„ diſſeraõ neſta Cidade em eſpaço de hora, e me-
„ ya, em que ſe juntaraõ duzentos de cavallo,
„ e paſſante de tres mil de pé, em que nunca ſe
„ ouvio, nem ouvira, que em tanta multidaõ de
„ homens naõ ſe achaſſe hum, que recebeſſe a ſi
„ meſmo taõ legitima eſcuſa, como he, aleijaõ,
„ doença, e velhice: e ſe eſtando V. A. taõ lon-
„ ge, ſó com o ſeu venturoſo nome aſſim ſe eſ-
„ queceraõ das mulheres, e da propria vida, que
„ ſerá eſtando voſſa real Peſſoa preſente, mas que
„ ſerá ſendo partecipante dos perigos? Que eſ-
„ quadraõ por creſpo, e conjurado que ſeja naõ
„ romperáõ com muita facilidade, e que muro
„ por

„ por alto, e forte que seja, que Marrocos naõ „ levaraõ nas unhas do primeiro impeto? Quan„to havia que contar, quanto que encarecer, „ quanto de que espantar; mas, Senhor, conso„laçaõ he desta vossa Cidade, que tambem a „ mi abrange, como natural della, ter grandes „ animos para servir, e nenhuma lingua para en„carecer serviços: e se algum envejoso, e ami„go detrair, que naõ havia Turcos, nem Lu„theranos, com que pelejar; a este responderey „ com Plinio mais moço, que tanto monta ha„vellos, como ir com firme presumpçaõ que os „ ha, e mais perto.

„ E o porque deve mais estimar V. A. esta „ Cidade he, porque nos tempos duvidosos nun„ca o foy; mas antes com muy grande gosto, „ e perigosa lealdade, toda inteira seguio a voz „ de seus naturaes Reys, e Senhores, o que he „ muito de notar, e que nunca se lêo, nem ou„vio, que Cidade alguma fizesse em todo o Mun„do; nesta ponte os meninos della vestidos co„mo melhor poderaõ, fizeraõ o que até aquel„le tempo naõ ousaraõ fazer arriscados Cavallei„ros, e Senhores de titulo; porque remetendo „ ao magnanimo de Aviz D. Joaõ o I. de glorio„sa memoria, com grandes gritos o alevantaraõ „ por Rey, dizendo: Venha embora o nosso „ Rey, sem nunca deixarem sua milagrosa pro„fia, até se pegar a todos os circunstantes; hou-

„ veraõ

„ veraõ vergonha as outras Cidades ver, que até
„ os meninos desta confessaraõ taõ justa causa;
„ dalli por diante todos de commum consenti-
„ mento o publicavaõ por Rey, e como tal obe-
„ deceraõ, e serviraõ. Deixo de contar outras,
„ que naõ daõ menos testemunho da nobreza, e
„ lealdade desta Cidade, porque hey medo, que
„ creça o arresoamento mais do que eu quizera,
„ e do que o tempo requere. E se ao mesmo Ale-
„ xandre pareceo sufficiente causa de se alegrar na
„ entrada de Troya, e de lhe fazer honras, e
„ merces por seu parente Achilles, que nella es-
„ tava sepultado, quanto mayores as tem V. A.
„ de fazer a esta Cidade outras muito grandes pe-
„ los parentes, que nella tem. Que he Achilles,
„ naõ digo eu para se comparar com o grande
„ D. Affonso Henriques, mas com hum de seus
„ Capitães? Quem será taõ falto do juizo, que
„ compare tantas Cidades tomadas, tantos Se-
„ nhorios, e Reynos conquistados, tantos Reys
„ vencidos, e prostrados a seus pés com o desa-
„ fio que teve Achilles com Hector! Pela mes-
„ ma razaõ comparey eu o escasso lume aos es-
„ plendissimos rayos do Sol, ou huma pequena
„ formiga com hum Elefante: mais victorioso que
„ Alexandre, e mais animoso que Hercules, mais
„ bem afortunado que Julio, que taõ celebrado
„ nome deixou a seus successores, o vereis no an-
„ tigo Mosteiro de Santa Cruz; o seu retrato ti-

„ rado ao natural está sobre sua sepultura; mais „ ao diante o escudo, e espada, que por meyo „ da barbara, e cega Mourisma abrio o caminho „ por onde depois se houveraõ taõ estremadas, e „ espantosas victorias.

„ Se Alexandre julgou a Achilles por ditoso „ so por ter Homero por pregoeiro de seus lou- „ vores, com quanta mais causa devemos todos „ ter a este magnifico Rey por bemaventurado, „ assim por suas extremadas excellencias, e virtu- „ des, como por ter a V. A. por successor, por- „ que isto tenho eu por mais felicidade, que tu- „ do o que se póde contar; a V. A. com muita „ razaõ se deve ter na mesma conta por descen- „ der do tronco magnifico, e invencivel Rey; „ mas qual o seria mais era de averiguar, se o „ tempo o permittira, porque se o Proverbio dos „ Gregos he verdadeiro, que pelas unhas se co- „ nhece o Leaõ, já agora podemos comparar „ vossas futuras proezas a hum grande mar, e as „ suas, posto que grandes, a hum pequeno rio, „ ou regato; e se V. A. pelas causas ditas, e por „ outras muitas que callo, tem razaõ de vir ver „ Cidade taõ insigne, e leal, que diremos do „ grande alvorosso com que vos espera? Para „ mostra de que bastaõ os extremos, que se nel- „ la fizeraõ quando o Mundo estava suspenso por „ vosso milagroso nascimento: que espirito hou- „ ve taõ deleixado, que naõ espertasse, ou naõ

„ sentisse

„ sentisse em si hum novo cuidado, que por tra-
„ balhos, que tivesse, pode entregar o corpo ao
„ pezado somno, e que naõ fosse banhado em
„ lagrymas: bem podera entaõ dizer toda a Ci-
„ dade com tanta razaõ o que David dizia. Re-
„ garey os meus olhos com minhas lagrymas; mas
„ era o nosso intento, esquecido de tudo o mais
„ andar de Reliquia em Reliquia, de Igreja em
„ Igreja; até as inquietas Praças, amado Senhor,
„ e Rey nosso, se tornaraõ devotas Casas de Ora-
„ ções; pois que assim foy pelo gosto da vossa
„ vinda à nossa luz, com que alvoroso vos espe-
„ ra, com que lagrymas de prazer, que sois Rey
„ alcançado por ellas, amado de todos: em fim,
„ he tal o alvoroso de taõ excessiva gloria, que
„ naõ ha lingua em que dignamente se possa de-
„ clarar, e por isso imitando ao celebrado Pin-
„ tor Zeuxis cubrirey com o silencio o que se naõ
„ póde declarar com palavras; e imagino eu que
„ até as cousas que carecem de alma, se nellas po-
„ dera caber hum pequeno sentir, naõ deraõ nes-
„ ta parte ventagem aos homens; e o nosso Mon-
„ dego, perpetuo companheiro desta Cidade,
„ trabalhara de alevantar tanto suas apraziveis on-
„ das te ver vossa Serenissima, e Real presença;
„ e porque em tempo de tanta alegria naõ haja
„ assim cousa, que com razaõ a diminua, corta-
„ rey o fio; sómente peço se haja V. A. por ser-
„ vido de passar pelas ceremonias acostumadas na

„ entrada de tal Rey em tal Cidade; de lhe con-
„ firmar os antigos privilegios, e immunidades,
„ que pelos Reys voſſos anteceſſores, de glorio-
„ ſa memoria, foraõ com muita razaõ concedi-
„ dos. Pouco pede eſta Cidade taõ leal, e de tan-
„ to ſerviço a Rey taõ liberaliſſimo; mas V. A.
„ inſtigado de ſua natural magnificencia fará as
„ merces conforme ſua grandeza; porque taõ ne-
„ ceſſario he para o bom governo agalardoar ſer-
„ viços, como caſtigar delictos; e aſſim ſe haja
„ V. A. de tomar eſta chave, que por mim lhe
„ entregaõ os nobres Regedores, que eſtaõ pre-
„ ſentes, em nome dos Fidalgos, Cidadãos, e
„ povo deſta Cidade, para o tornarem a receber
„ de ſuas Reaes mãos com preito, e omenagem,
„ que fazemos a V. A. de morrermos todos por
„ defenſaõ de mais pequena ameya, e mais roto,
„ e velho muro della, e de em todo o tempo re-
„ cebermos voſſa Real Peſſoa com a fé, e leal-
„ dade, que noſſos antepaſſados receberaõ ſem-
„ pre ſeus naturaes Reys, e Senhores, e com
„ mais ainda, ſe elle mais poder ſer.

140 Acabada a Oraçaõ foy ElRey levado entre vivas, e acclamações à Cathedral, onde o recebeo veſtido de Pontifical o Biſpo Conde, e ſe hoſpedou no ſeu Palacio. Ao dia ſeguinte quatorze de Outubro quiz ElRey ver a ſala da Uniſidade, para cujo effeito ſe fabricou hum theatro mais alto hum degrao que os Doutoraes, ornado de

Viſita ElRey a Univerſidade de Coimbra.

de precioſos panos, o qual ſe coroava com hum docel, e debaixo delle duas cadeiras para ElRey, e o Cardeal, e hum coxim para o Senhor D. Duarte. Sentado ElRey, orou na lingua Latina o Doutor Luiz de Caſtro Pacheco, Lente de Veſpera de Canones, ſignificando com elegantes expreſſoens o jubilo que recebia todo o congreſſo Academico na occaſiaõ em que ſeu Monarca authoriſava com a preſença aquella famoſa Athenas. Na ſegunda feira dezaſeis de Outubro foy ElRey com o Cardeal D. Henrique, e o Senhor D. Duarte à hora de Prima viſitar as Aulas das quatro Faculdades, onde ouvio com igual goſto, que attençaõ aos Lentes, que regentavaõ as Cadeiras. Ultimamente querendo ver o acto de hum Doutoramento, aſſiſtio na ſala da Univerſidade a vinte de Outubro, onde para que foſſe mais plauſivel era o Candidato D. Jeronymo de Menezes actual Reytor da meſma Univerſidade, e depois de fazer o acto de Veſperas, orou elegantemente D. Franciſco de Menezes. Ao dia ſeguinte, aſſiſtindo ElRey, recebeo em o Convento de Santa Cruz as inſignias Doutoraes na Faculdade de Theologia, ſendo ſeu Padrinho Martim Gonçalves da Camera. Conferio-lhe o gráo o Meſtre Fr. Martinho de Ledeſma, da Ordem dos Prégadores, Lente de Prima; recitaraõ as Oraçoens Latinas Fr. Franciſco de Chriſto, Eremita de Santo Agoſtinho, Lente de Veſpera, e Fr.

Aſſiſte a hum acto de Doutoramento, que fez D. Jeronymo de Menezes, Reytor da Univerſidade.

D. Nic. de Santa Maria *Chron. dos Coneg. Reg.* liv. 10. cap. 1. §. 11.

Fr. Francisco de Caceres, Franciscano Claustral, Lente de Durando. Acompanhado dos Bedeis levou as luvas (propina que se costuma dar em semelhantes Actos) a ElRey o Mestre das Ceremonias, as quaes depois de as receber, as entregou a D. Pedro de Menezes, parente do Doutorado.

141 Como entre os edificios, que ornaõ a Cidade de Coimbra, seja o Convento de Santa Cruz o mayor, assim na antiguidade da fundaçaõ, como na magnificencia da obra, determinou ElRey visitallo, principalmente por ser augusto deposito dos primeiros Monarcas de Portugal. Avisado pelo Cardeal D. Henrique o Prior mór D. Lourenço Leyte desta resoluçaõ delRey, o esperou revestido de Pontifical com toda a Communidade à porta da Igreja, onde ElRey posto de joelhos beijou reverente o Santo Lenho, e logo levantou o Cantor mór o Cantico *Benedictus*, que foy proseguido pelos Conegos com suave harmonia. Chegando ElRey à Capella mór, tomou o hyssope da maõ do Prior mór, e lançou agua benta sobre as sepulturas dos Reys D. Affonso Henriques, e seu filho D. Sancho I. que estaõ collocadas aos lados do Altar mór. O Prior mór lhe mostrou a espada de D. Affonso Henriques, a qual tomou D. Sebastiaõ, e com grande veneraçaõ a beijou, dizendo aos Fidalgos da sua comitiva. *Bom tempo, em que se*

Visita a Igreja do Real Convento de Santa Cruz, onde venera a espada delRey D. Affonso Henriques.

Nic. de Santa Maria *Chron. dos Coneg. Reg.* liv. 10. cap. 20. §. 6. e 7.

se peleijava com espadas taõ curtas! Esta he a espada, que libertou todo Portugal do cruel jugo dos Mouros sempre vencedora, e por isso digna de se guardar com toda a veneraçaõ; e entregando-a ao Prior Geral, de quem a recebera, lhe disse. *Guarday Padre esta espada, porque ainda me hey-de valer della contra os Mouros de Africa.* Passados oito annos, lembrado ElRey destas palavras, a mandou pedir ao Geral de Santa Cruz D. Pedro da Assumpçaõ, para com ella derrotar na expediçaõ de Africa aos sequazes de Mafoma, de cujos fulminantes golpes tinhaõ sido sanguinolentas victimas: porém como estava determinada a ultima ruina desta Coroa, naõ permittio a Providencia, que fosse vencida huma espada sempre victoriosa, ficando por esquecimento na Armada, em que ElRey navegou para Africa.

Nic. de Santa Maria *Chron. dos Coneg. Reg.* liv. 10. cap. 22. §. 14.

CAPITULO XXVII.

Parte para o Brasil o Veneravel Padre Ignacio de Azevedo com trinta e nove Companheiros Jesuitas, e do glorioso martyrio, que na viagem alcançaraõ em obsequio da Religiaõ Catholica.

142 NOmeado por Governador do Brasil D. Luiz Fernandes de Vasconcellos, sahio da barra de Lisboa a cinco de Julho 1570

Sahe do porto de Lisboa o Veneravel Padre Ignacio de Azevedo, e trinta e nove Companheiros Jesuitas.

lho deste anno de 1570, acompanhado de sete náos, e huma caravella. Era Sotocapitanea desta Frota a náo Santiago, onde se embarcou o Padre Ignacio de Azevedo com trinta e nove Religiosos da Companhia de JESUS, dos quaes huns eraõ Theologos, e Filosofos, outros artifices de varias artes, e todos instruidos por taõ insigne Mestre na escola da perfeiçaõ Evangelica. Chegando à Ilha da Madeira, foraõ benevolamente hospedados no Collegio novo, que mandara neste anno edificar ElRey D. Sebastiaõ pelos Padres Manoel de Sequeira, Belchior de Oliveira, e Pedro Quaresma. Esperava D. Luiz de Vasconcellos, receoso das calmarias da linha, tempo propicio para continuar a jornada; porém como a náo Santiago levava fazendas de diversas pessoas para se comutarem com outros generos na Ilha de Palma, huma das Canarias, rogava o seu Capitaõ instantemente ao Governador lhe concedesse licença, para que deixando a Frota, navegasse ao porto, destinada baliza das suas conveniencias. Condescendeo o Governador a esta supplica, e partio a náo a trinta de Junho, onde o Veneravel Padre Azevedo, Capitaõ daquella virtuosa esquadra a animava com coraçaõ preságo a sacrificar as vidas em obsequio da Fé de Christo. Passados sete dias com prospera viagem, como a náo distasse duas legoas e meya do porto que buscava, retrocedeo por causa do vento ser mui-

to

to eſcaſſo, deſcahindo em hum ſurgidouro chamado *Terça-Corte*, donde depois de tres dias ſahio com vento pouco favoravel, e quando rompia a manhãa ſe achou defronte da Ilha de Palma, que lhe augurava as que haviaõ empunhar triunfantes da pravidade heretica o Padre Ignacio de Azevedo, e ſeus heroicos Companheiros. Interrompeo o alvoroço dos navegantes com a viſta do porto a voz do gageiro, clamando do topo do maſto grande, que deſcobria huma náo alteroſa, com quatro de menor grandeza. Capitaneava a principal Jaques Soria, naſcido em o Condado de Aux, da Provincia de Normandia, acerrimo fautor da facçaõ dos Hugonotes, Almirante da Princeza de Bearne Joanna de Lebrit, intruſa Rainha de Navarra, o qual ſahindo de Rochela, buſcava com intrepido animo a Armada Portugueza; e poſto que D. Luiz de Vaſconcellos ſahio velozmente a caſtigar o atrevido penſamento daquelle aſtuto pirata, como eſte ſoubeſſe por hum navio Flamengo, que a náo Santiago ſe tinha apartado da noſſa Armada, e nella vinhaõ embarcados Jeſuitas, cujos nomes lhe eraõ ſummamente odioſos, por ſerem declarados Antegoniſtas das blasfemias de Calvino, fugio tanto ao eſtrago, que o eſperava, e ſe reſolveo a empregar toda a furia contrá aquellas innocentes victimas. A Capitania inimiga, que vinha guarnecida de trezentos Soldados, e baſtan-

Encontra-ſe a náo Portugueza com cinco de hereges, de que era Capitaõ Jaques Soria.

te artilharia, tanto que aviſtou a náo Santiago, pertendeo abalroalla, para cujo effeito ſaltou o Patraõ com dous Francezes, que correndo da xareta para a popa, foraõ mortos, e precipitados ao mar. Irritados os inimigos com eſte ſucceſſo, inveſtiraõ ſegunda, e terceira vez inutilmente, até que da quarta, conduzindo para ſeu auxilio as quatro náos da ſua conſerva, a ferraraõ pela proa, e cercada de todas, foy o centro para onde ſe diſparava toda a artilharia, e arcabuzaria. Por huma, e outra parte ſe ſuſtentava com valeroſa reſiſtencia o combate, animando a huma a cauſa da Religiaõ, e da liberdade, e impellindo a outra o furor do odio, e a ambiçaõ da preza. Entrada finalmente a náo pelos hereges, aſſiſtia o Padre Ignacio de Azevedo junto do maſto grande, com huma Imagem de MARIA Santiſſima, copiada do original, que pintara S. Lucas (cujo ſagrado penhor conſervou ainda depois de morto) animando com fervor apoſtolico aos Portuguezes para ſacrificar as vidas pela Fé, de que tinhaõ ſido infames deſertores aquelles por quem eraõ acomettidos. Hum delles enfurecido com eſtas palavras, como injurioſas à ſua crença lhe deſcarregou hum golpe ſobre a cabeça, que fendida deſcobrio o cerebro, e ao meſmo tempo foy penetrado com quatro feridas, que o derrubaraõ por terra. Envolto no proprio ſangue, que por tantas bocas copioſamente manava, proteſtou

Cahe por terra o Padre Ignacio de Azevedo com cinco feridas.

tou em voz alta, e intelligivel, que morria pela Fé do Crucificado, e ſua amada Eſpoſa a Igreja Romana. Naõ ceſſavaõ os Soldados da Companhia de JESUS, vendo morto ſeu Capitaõ, de exhortar com palavras, e obras aos noſſos, para que naõ cedeſſem a huma taõ deſigual batalha, pois perdendo as vidas alcançavaõ duplicadas coroas.

143 Ao tempo que eſtava mais travado o conflicto, conſiderando os hereges, que mayor oppoſiçaõ recebiaõ das vozes dos Padres, que das armas dos Portuguezes, converteraõ todo o furor contra elles, ſendo os primeiros Pedro de Caſtro, Diogo Pires, Joaõ de Mayorga, Gonçalo Henriques, Manoel Rodrigues, Manoel Pacheco, e Eſtevaõ Zurara, naufragantes huns no proprio ſangue, e outros em as correntes do mar, aonde foraõ precipitados. Semelhante atrocidade experimentaraõ os Irmãos Braz Ribeiro, Pedro de Fontoura, e Antonio Correa, ſendo ſanguinolentos deſpojos das eſpadas inimigas. No meyo da náo jazia com os braços eſtendidos, em fórma de Cruz, o cadaver do Veneravel Padre Ignacio de Azevedo, o qual arrebatado com incrivel barbaridade por ſete Francezes, o lançaraõ ao mar, onde por muito tempo andou boyante contra o pezo natural do corpo. Para ultimo argumento da ſacrilega ferocidade de Jaques Soria, mandou, que os Jeſuitas, que ainda reſ-

Saõ mortos todos os Companheiros do Padre Azevedo.

tavaõ fossem lançados ao mar, para que naõ permanecesse a menor reliquia de gente que com a sua doutrina defendiaõ os falsos dogmas da Igreja Romana. Em observancia de taõ abominavel ordem, foraõ precipitados às ondas os Padres Diogo de Andrade, Domingos Fernandes, Antonio Soares, Francisco Peres Godoy, Nicolao Diniz, Marcos Caldeira, Simaõ da Costa, Luiz Rodrigues, Joaõ de Safra, e Gonçalo Henriques. Que espectaculo mais festivo para o Ceo, e lastimoso para a terra, que ver a estes insignes Athletas, de que era theatro a immensidade do mar Athlantico convertido em vermelho, lutando com as aguas, de cujo naufragio haviaõ surgir prosperamente no porto da Bemaventurança! Feliz Ilha de Palma, a cuja triunfal sombra se coroaraõ tantos Heroes, para entrar no Capitolio da Eternidade, permittindo o Ceo, que a gloria de taõ grande triunfo fosse patente ao Serafico espirito da mayor Heroina do Carmelo Santa Theresa, distinguindo entre este victorioso esquadraõ a hum seu parente, ornado com laureola de estrellas! Esta victoria alcançada da impiedade heretica succedeo a quinze de Julho de 1570, digna certamente de se immortalizar nos Fastos da Religiaõ Catholica, e da Companhia de JESUS, pois serviraõ estes quarenta Heroes de glorioso ornato aos dogmas de huma, e aos Claustros de outra, merecendo pela animosa constancia,

He revelado este triunfo a Santa Theresa.

Yepes *Vid. de S. Theres.* liv. 3. cap. 17.

cia, com que foraõ holocaustos do furor heretico passar das aras do martyrio à veneraçaõ dos Altares, como brevemente se espera da Declaraçaõ Pontificia, assegurada com o Breve expedido pela Santidade reinante de Benedicto XIV. a vinte e hum de Setembro de 1742.

144 Concluida esta tyranna tragedia, depois de assistir tres dias a Armada inimiga na Ilha Gomeira, huma das Canarias, chegou a Rochela, abominavel Babilonia de erros hereticos; e posto que a Rainha de Navarra D. Joanna, estimava muito a Jaques Soria, lhe estranhou a barbara tyrannia, que usara com os Religiosos da Companhia, de cujo horrendo sacrilegio tomou o Ceo justa vingança, morrendo seu infame author arrebatado de huma raiva canina, como tambem os quatro Soldados foraõ privados da vista por despojarem da vida ao Veneravel Padre Ignacio de Azevedo, famoso Capitaõ de taõ valerosa esquadra.

Morre infelizmente Jaques Soria.

145 Nasceo este insigne Varaõ na Cidade do Porto, accrescentando novos brazoens a seus illustres pays D. Manoel de Azevedo, Commendador de S. Martinho, Mosteiro antigo do Arcebispado de Braga, e de D. Filippa de Azevedo. Atrahido da efficacia das apostolicas vozes do Padre Francisco de Estrada, Jesuita, preferio as mortificaçoes do Claustro às vaidades do seculo, e renunciando o Morgado da sua opulenta Casa em

Elogio do Veneravel Padre Ignacio de Azevedo.

Vasconc. *Chron. da Comp. de Jesus da Prov. do Bras.* liv. 4. §. 56. e seg.

Rocha *Americ. Portug.* liv. 3. pag. 175.

em seu segundo irmaõ D. Francisco de Azevedo, se alistou na Companhia de Jesus, em o Collegio de Coimbra, no anno de 1547. Em o Noviciado foy Veterano em todo o genero de virtudes, principalmente em a humildade, exercitando-se em diversos officios mecanicos, que aprendeo para totalmente extinguir na memoria, e abater no coraçaõ a herdada nobreza dos seus Mayores. Pela sympathia das virtudes contrahio com elle estreita amisade o Veneravel D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, exemplar dos Prelados da primitiva Igreja, sendo seu companheiro na visita das terras de Barroso, onde competiaõ estes dous apostolicos espiritos no exercicio de obras meritorias, assim em obsequio de Deos, como beneficio do proximo. Em retribuiçaõ do infatigavel desvélo com que zelava a salvaçaõ das almas, fundou o Veneravel Arcebispo o Collegio da Cidade de Braga, de que foy primeiro Reytor o Padre Ignacio de Azevedo, devendo-se à sua edificaçaõ o augmento do edificio mais ennobrecido com pessoas virtuosas, do que dilatado em obras magnificas. Por morte do Geral da Companhia o Padre Diogo Laynes, succedida no anno de 1565, foy eleito para ir a Roma com o lugar de Procurador da India, e Brasil: e como subisse ao Generalato S. Francisco de Borja, o nomeou Visitador das Provincias do Brasil. Chegou à Bahia a vinte e oito de Agos-

to

to de 1566, e entre as cousas memoraveis, que fez, foy accrescentar o edificio do Collegio, para melhor commodo de seus moradores, e erigir casa de Noviciado, em que florecessem as plantas, que deviaõ fecundar a Religiaõ. Tendo visitado a Provincia com prudente direcçaõ voltou a Portugal em quatorze de Agosto de 1568, onde foy benevolamente recebido da Magestadé del Rey D. Sebastiaõ, experimentando semelhantes significaçóes de affecto de S. Pio V. e S. Francisco de Borja, quando assistio em Roma no anno de 1569. Huma das mayores merces, que recebeo da liberalidade Pontificia, foy permittir, que se copiasse a Imagem de MARIA Santissima, que o Evangelista S. Lucas, mais a impulsos da graça, que direcçóes da arte, excellentemente pintara. Della fez em Portugal quatro copias, de que huma conservou até ser violentamente morto, naõ consentindo a Providencia, que lha podesse arrebatar a impiedade heretica. Restituido ao Reyno se preparou para a jornada do Brasil, e acompanhado de trinta e nove Varões, gloriosos emulos do seu ardente zelo, sahio de Lisboa a cinco de Julho de 1570, para entrar passados dez dias no Empyreo ornado com a laureola de Martyr, fazendo-lhe o triunfo mais augusto a heroica esquadra de que fora Capitaõ.

CAPI-

CAPITULO XXVIII.

Morre o insigne Historiador Joaõ de Barros, a cuja memoria se dedica hum breve Elogio.

1570

146 FAtal será sempre em os Annaes Portuguezes o dia vinte de Outubro deste anno de 1570, em que pagou o tributo de mortal o celebre Historiador Joaõ de Barros, merecendo pela excellencia da sua penna o applauso de todo o Orbe Literario. Teve o berço em a Cidade de Viseu no anno de 1496, sobejando esta unica producçaõ para mortal credito do seu nome. Foy filho de Lopo de Barros, que era neto de Alvaro de Barros, Senhor do Morgado de Moreira, junto a Braga, cuja geraçaõ elle nobilitava com a antiga posse de varios lugares com jurisdicçaõ. O Palacio delRey D. Manoel foy a escola em que aprendeo as primeiras letras: e como a natureza o ornara de entendimento perspicaz, e comprehensaõ sublime, sahio egregiamente versado nas linguas Latina, e Grega, humanidades, e disciplinas Mathematicas. Imitou na Poesia a magestade de Virgilio, e o furor de Lucano, e na Historia a gravidade de Tito Livio, e a elegancia de Salustio. Ainda naõ excedia a idade da adolescencia, quando admirando ElRey D.

Onde, e quando nasceo.

D. Manoel a madureza do ſeu talento o nomeou Guarda-roupa de ſeu filho o Principe D. Joaõ, e como nunca interrompia a cultura das ſciencias, naquellas horas que tinha vagas do ſeu miniſterio, as occupou na compoſiçaõ da Hiſtoria fabulôſa do Emperador Clarimundo, que foy o preludio, em que exercitou o eſtylo para obra de mayor argumento. Tanto ſe agradou D. Manoel deſtas primicias do ſeu eſtudo, que lhe mandou eſcrever as façanhas obradas em o Oriente pelos Portuguezes; porém quando dava principio a taõ nobre empreza, foy obrigado a interrompella pela infauſta morte daquelle Monarca.

147 Naõ experimentou menor attençaõ Joaõ de Barros em D. Joaõ o III. do que experimentara com ſeu auguſto pay, nomeando-o em o anno de 1522 Capitaõ de S. Jorge da Mina, cujo lugar adminiſtrou com tanto deſintereſſe, e vigilancia, que foy remunerado pelo meſmo Monarca com o officio de Theſoureiro da Caſa da India, Mina, e Ceuta. O contagio, que vorazmente devorou grande parte dos moradores de Lisboa no anno de 1530, o conſtrangeo a retirarſe à ſua quinta da Ribeira de Alintem, junto da Villa do Pombal, onde conſumia o tempo em compoſiçoẽs moraes, e politicas. Extincto o contagio, ſe reſtituîo à Corte, onde foy nomeado por El-Rey no anno de 1532 Feitor proprietario da Caſa da India, officio igualmente honorifico, e rendoſo; Lugares que adminiſtrou.

doſo; e ainda que eſta occupaçaõ lhe levava muito tempo, aſſim na expediçaõ das Armadas, como em outros negocios, em que era intereſſada a Coroa, a natural inclinaçaõ, que tinha ao eſtudo, o impellio a offerecerſe a ElRey para eſcrever a Hiſtoria da Aſia, que ElRey D. Manoel lhe encommendara, cuja offerta lhe aceitou D. Joaõ o III. com affectuoſas expreſſoens. Para deſempenho de taõ ardua empreza, que lhe fazia ſuave o amor da patria, ſe applicou com tanto deſvélo, que no eſpaço de onze annos publicou tres Tomos das *Decadas da India*, imitando neſta diviſaõ a Tito Livio na Hiſtoria Romana. Em todo o Mundo foy recebida eſta Obra com os mayores applauſos, pois nella ſe viaõ exactamente obſervadas as partes integrantes da Hiſtoria, quaes ſaõ, verdade, clareza, e juizo. Para naõ ſer accuſada no tribunal da Critica a ſua penna de menos verdadeira, examinou as Chronicas dos Principes Orientaes; leo as Cartas dos Vice-Reys, e Capitães, que relatavaõ os ſucceſſos mais memoraveis; conſultou aos Pilotos mais experimentados em a navegaçaõ daquelles mares, e ſituaçoens dos pórtos, donde procedeo emendar em muitas partes a Ptolomeo, e Arriano, Geografos antigos. Reprehendeo os vicios com liberdade; louvou as virtudes com moderaçaõ, naõ ſe deixando arraſtar de algum affecto liſongeiro.

Deſvélo, que applicou para eſcrever as *Decadas da India.*

De-

148 Determinado a ſe preparar para a eternidade, de cuja reſoluçaõ eraõ continuos deſpertadores o numero dos annos, e a obſtinaçaõ dos achaques, renunciou no anno de 1567 o officio de Feitor da Caſa da India, cuja demiſſaõ lhe aceitou ElRey D. Sebaſtiaõ, dando-lhe o foro de Fidalgo da ſua Caſa, com huma tença de mil cruzados de renda. Retirou-ſe no principio do anno de 1568, para a ſua quinta da Ribeira de Alintem, onde privado de toda a communicaçaõ viveo tres annos, no fim dos quaes paſſou a lograr o premio eterno, quando contava ſetenta e quatro annos de idade. Foy ſepultado na Ermida de Santo Antonio, ſituada além do rio Arunca, no termo da Cidade de Leiria. Teve o roſto veneravel, olhos vivos, nariz aquilino, barba comprida, e toda branca.

Onde morreo, e foy ſepultado.

CAPITULO XXIX.

Relataõ-ſe varios ſucceſſos militares em Amboino, e Ternate, onde triumfaõ felizmente as noſſas armas governadas por Gonçalo Pereira Marramaque, cuja morte he geralmente lamentada.

149 A Morte, com que foy punida a aleivoſia delRey Aeyro, conſternou com tal exceſſo a toda a Ilha de Ternate, que 1570

acclamado ſeu filho o Principe Babû Rey de Moluco, ſe reſolveo com ſolemne voto de conquiſtar a noſſa Fortaleza, e expulſar de todas aquellas Ilhas aos Portuguezes, como fataes perturbadores da quietaçaõ publica. Suſtentava com heroico brio Diogo Lopes de Meſquita os horroroſos aſſaltos, com que os Mouros inveſtiaõ a Praça, e o rigoroſo aſſedio, que lhe impedia todo o genero de ſoccorro. Aſſiſtia neſte tempo em Amboino Gonçalo Pereira Marramaque obrando acções, que lhe adquiriaõ a antenomaſia de invencivel; e querendo o novo Rey de Moluco divertillo do ſoccorro de Ternate, expedio huma Armada compoſta de cinco Coracoras, de tal grandeza, que a menor era de noventa remos, e por Capitaõ mór a ſeu tio Calaſinco, o qual paſſando pela Ilha de Bouro armou mais ſete, e com todo eſte poder naval atacou a Fortaleza de Ito: e certamente a renderia, ſe Belchior Vieira naõ matara hum Cacis, cuja morte obrigou aos inimigos a retirarſe, levando em ſatisfaçaõ deſte infeliz ſucceſſo atoadas duas das noſſas Fuſtas.

Defende valeroſamente a Fortaleza de Ternate Diogo Lopes de Meſquita.

Souſa *Orient. Conquiſt.* Part. 2. Conq. 3. Diviſ. 1. §. 37.

150 Voltaraõ animoſos os inimigos a aſſaltar a Fortaleza; porém o inſigne Gonçalo Pereira os eſperou reſoluto, e depois de hum diſputado combate fugiraõ os barbaros, deixando para teſtemunho da victoria duas Coracoras principaes, e morto o ſeu General Calaſinco por Lourenço Furtado. Era tal a falta de mantimentos, que

Saõ derrotados os inimigos querendo aſſaltar a Fortaleza de Ito.

que se experimentava na Fortaleza, que para sustentar a vida os seus defensores, lhes era preciso comer animaes immundos; e vendo o Principe Babû, que os naõ podia render por fome, se resolveo confederado com ElRey de Tidor a conquistalla por assalto. Investiraõ com tanta desesperaçaõ, que entradas as tranqueiras degollaraõ a vinte Portuguezes; porém rebatidos os barbaros valerosamente, se retiraraõ destroçados. Segunda vez assaltaraõ a Fortaleza no silencio da noite, e saqueada a povoaçaõ, intentaraõ escalar o baluarte, de cujo designio desistiraõ penetrados com a morte do seu General, a quem privou da vida Belchior Vieira, alcançando pelas heroicas acções obradas neste combate o sobrenome de Ternate.

Segunda, e terceira vez saõ vencidos os barbaros.

151 Guarnecida a Fortaleza de Ito por Gonçalo Pereira com cem Soldados Portuguezes, armou com oitenta huma Galeota, huma Fusta, e quatro Coracoras, e com todas estas embarcações partio ao soccorro de Ternate. Duas legoas antes de chegar a esta Fortaleza se encontrou com trinta e sete Coracoras dos inimigos, divididas em duas esquadras, das quaes governava huma ElRey de Moluco, e a outra ElRey de Tidor. Naõ assustou ao animo do heroico Capitaõ taõ desigual batalha, antes desprezando o perigo, investio a Armada inimiga; e depois de durar o combate desde o meyo dia até se fechar a noi-

Triunfa Gonçalo Pereira dos Reys de Moluco, e Tidor.

a noite, ficou com eterno applauso da sua valentia Senhor do mar, e da victoria. Retiraraõ-se os inimigos desbaratados, e confusos, e Gonçalo Pereira ao repontar a manhãa introduzio na Praça o soccorro de que necessitava.

152 Naõ foy bastante remedio da extrema penuria, que padeciaõ os Portuguezes em Ternate, o subsidio dos mantimentos, que com taõ manifesto perigo introduzira Gonçalo Pereira, pois voltando a conduzir outros de Bachaõ, experimentaraõ os seus companheiros o mal de que morriaõ os cercados. Opprimido este valeroso Capitaõ de huma profunda melancolia causada pelas calamidades, que padecia Moluco, perdeo o juizo, e conduzido a Amboino faleceo no espaço de tres dias, para cuja mortalha se pedio de esmola hum lançol. Em premio de seu grande desinteresse, e ardente zelo com que promoveo a Fé nas Ilhas de Amboino, lograria a felicidade de voar o seu espirito ao Empyreo, quando seu corpo ainda depois de morto naõ melhorou de fortuna; pois sendo transferido em o galeaõ S. Francisco da Fortaleza de Ito para Rocanive, na ponta desta Ilha infelizmente com o navio naufragou o cadaver.

Morre Gonçalo Pereira, e o seu cadaver naufraga.

CAPI-

CAPITULO XXX.

He cercada a Cidade de Goa pelo Hidalcaõ, e a de Chaul pelo Nizamaluco, com exercitos formidaveis; e do heroico valor com que rebateo o Vice-Rey D. Luiz de Ataide taõ poderosos inimigos.

153 A Continuada torrente de victorias, assim terrestes como navaes, com que o braço Portuguez, sempre invencivel, tinha humilhado o orgulho dos mayores potentados da Asia, penetrou taõ altamente ao Hidalcaõ, Nizamaluco, e Samorim, que colligados se resolveraõ a romper as cadeas, que injuriosamente arrastavaõ, e extinguir huma naçaõ, que era fatal escandalo das suas poderosas armas. Lembravaõ-se de serem inuteis para a ruina destes seus antegonistas as numerosas Armadas, que expedira o Turco, e o Achem contra Malaca; os formidaveis exercitos de Cambaya contra Dio, e Damaõ; as disciplinadas tropas del Rey de Decan contra Chaul, Baçaim, e Goa, cujo poder por mar, e terra sempre fora lamentavel despojo das suas fulminantes espadas; e receando prudentemente, que os seus Estados padecessem o mesmo infortunio, sahiraõ resolutos ao campo, confiados na armada potencia de seus exercitos,

1570

Conspiraõ contra o Estado o Hidalcaõ, Nizamaluco, e Samorim.

citos, e na ſoberba fantaſia de ſeus penſamentos, diſtribuindo antes de conquiſtados o Hidalcaõ para ſi Goa, Onor, e Bracellor; o Nizamaluco, Chaul, Damaõ, e Baçaim; e o Samorim, Cananor, Mangalor, Cochim, e Chale.

154 Chegou à noticia do Vice-Rey D. Luiz de Ataide o formidavel apparato militar, com que era ameaçado todo o Imperio Aſiatico Portuguez; e como no ſeu heroico coraçaõ nunca entrou a vil paixaõ do temor, conſultou taõ grande empreza com o ſeu prudente juizo, diſpondo o modo com que havia rebater a inimigos taõ poderoſos, conjurados ao meſmo tempo por diverſas partes para arruinar o Eſtado fundado ſobre tantas victorias; e poſto que muitos dos noſſos Capitães o perſuadiaõ a que largaſſe Chaul, para que todo o poder concorreſſe a animar Goa, que era a cabeça do Eſtado, deſprezou eſtes votos como injurioſos ao credito das noſſas armas, e expedio para Chaul a D. Franciſco Maſcarenhas, de cujo natural esforço tinha dado multiplicados argumentos, acompanhado de quatro Galés, e cinco Fuſtas, guarnecidas de ſeiſcentos Soldados, entre os quaes ſe diſtinguiaõ Fernaõ Telles de Menezes, D. Henrique de Menezes, D. Duarte de Lima, D. Nuno Alvares Pereira, Pedro da Sylva de Menezes, Nuno Velho Pereira, Ruy Gonçalves da Camera, D. Gonçalo de Menezes, e D. Rodrigo de Souſa.

Parte D. Franciſco Maſcarenhas a ſoccorrer Chaul.

O Vice-

155 O Vice-Rey, que em todas as suas emprezas era summamente vigilante, e acautelado, empenhou todo o desvélo para a defensa de Goa, respeitado Emporio do nosso Estado, mandando fortificar o rio, por onde havia principiar a invasaõ: e como este se prolongue pelo espaço de tres legoas, e meya, que correm do Passo Seco até Agaçaim, e pelo seu circuito houvessem dezanove lugares, presidiou os principaes com gente, e artilharia, como tambem a Fortaleza de Bardez, situada sobre a barra de Goa, e a de Norva em a Ilha de Divar, e de Rachol. Constava a gente militar, que lhe assistia de seiscentos e cincoenta Portuguezes, entre Fidalgos, e Cidadãos, com duzentos e cincoenta homens, que por annos, e indisposições eraõ inuteis para a guerra. Para guarda da Cidade foraõ destinados o Cabido, e Clero, com os Religiosos de S. Francisco, e S. Domingos, que chegariaõ ao numero de trezentos, cuja incumbencia desempenharaõ felizmente, orando, e combatendo contra os sequazes de Mafoma. Sobre os outeiros collocou quatro bandeiras de escravos Christãos, e de outros formou mil e quinhentos debaixo da disciplina de Capitães experimentados, para presidio dos Passos, e Fortalezas, situadas fóra do circuito da Ilha. Escolheo cincoenta cavallos, de que fez Capitaõ a Joaõ de Sousa, para soccorrer velozmente a alguma parte, que necessitasse

Disposições do Vice-Rey para a defensa de Goa.

Castilho *Comment. de Goa*, e *Chaul* fol. 8.

de prompto soccorro. Comettidos os lugares de mayor perigo a Capitães de valor experimentado, reservou para si o Vice-Rey a estancia do Passo Seco, que havia ser o alvo da invasaõ mais vigorosa. Fortificados os pórtos com artilharia, e todo o genero de armas offensivas, preparou vinte e cinco embarcaçoens, de que fez General a D. Jorge de Menezes, o *Baroche*, para que discorrendo pelo rio defendessem as estancias, e offendessem aos inimigos.

156 Eraõ passados quasi doze dias do mez de Dezembro, quando o exercito do Hidalcaõ começou a descer a serra do Gate, que saõ os Alpes de Asia, a qual sendo de grande altura, e aspereza, corre da ponta de Dio por huma corda ao longo do mar duzentas legoas para o Sul, até finalizar no Cabo do Comorim, em cujo cume se extende huma dilatada planicie, que comprehende muitas terras ferteis, e abundantes. Em vinte e oito de Dezembro chegou Noricaõ General do Hidalcaõ com trinta mil homens a avistar as nossas estancias, e se poz defronte do Passo de Benastarim, que cercado de agua era por natureza mais inconquistavel. Resolveo-se D. Luiz de Ataide investir ao barbaro, antes que se juntasse o restante do exercito; porém foy dissuadido deste intento, como temerario, pois semelhante empreza podia ser felizmente conseguida por industria, e naõ por violencia.

Chega o General do Hidalcaõ com trinta mil homens.

Ao

157 Ao tempo, que em Goa principiava o Hidalcaõ o ſitio de Goa, experimentava ſemelhante invaſaõ a Fortaleza de Chaul. Jaz eſta Cidade na Coſta da India, da parte do Norte, diſtante de Goa cincoenta e ſete leguas, ſituada em campo razo, ſem muro, nem cava, na boca de hum rio de que recebe o nome. Governava eſta Fortaleza Luiz Freire de Andrade, benemerito da fama, que tinha alcançado por ſuas proezas, o qual aſſiſtido de cincoenta ginetes, e poucos pioens, naõ perdoava a inſtante algum, em que o achaſſem os inimigos menos vigilante. Soccorrido por D. Franciſco Maſcarenhas com ſeiſcentos Soldados, que conduzira de Goa, eſperava com menos cuidado ao Nizamaluco, quando a quinze de Dezembro foy precurſor da ſua vinda o General Faretecaõ, de naçaõ Abexim, que moſtrara o ſeu valor, e diſciplina militar no ſegundo cerco de Dio defendido por D. Joaõ Maſcarenhas, ſervindo a ElRey de Cambaya. Conduzia oito mil cavallos, vinte mil Infantes, e vinte elefantes armados. Mais confiado na certeza da conquiſta, que obſervante dos preceitos da milicia, começou a provocar ao campo aos ſitiados com o horroroſo eſtrondo de bellicos inſtrumentos. Sahio animoſamente armado de eſpada, e rodella Sebaſtiaõ Gonçalves de Alvellos, e deſafiando aquella barbara multidaõ, naõ houve hum homem, que aceitaſſe o deſafio. Por or-

Sitia o Nizamaluco a Fortaleza de Chaul.

Caſtilho *Comment. de Goa, e Chaul*, fol. 23.

Faria *Aſia Portug.* Tom. 2. Part. 3. cap. 9. §. 2. e 3.

Aviſta Chaul o General do Nizamaluco.

Pereira *Vid. de D. Luiz de Ataid.* liv. 2. cap. 10.

dem do Capitaõ da Fortaleza marcharaõ ſeu irmaõ Alexandre de Souſa com ſeu ſobrinho Franciſco de Souſa Tavares, acompanhado de quinze cavallos, para reconhecer o exercito inimigo, quando foraõ acomettidos por cinco mil barbaros, contra os quaes valendo-ſe os Portuguezes do ſeu natural valor em taõ deſigual conflicto, ſe recolheraõ à Fortaleza com a falta de dous companheiros, que deixaraõ vingada com a morte de muitos Mouros.

Sahe derrotado Faretecaõ do primeiro aſſalto, que deu a Chaul.

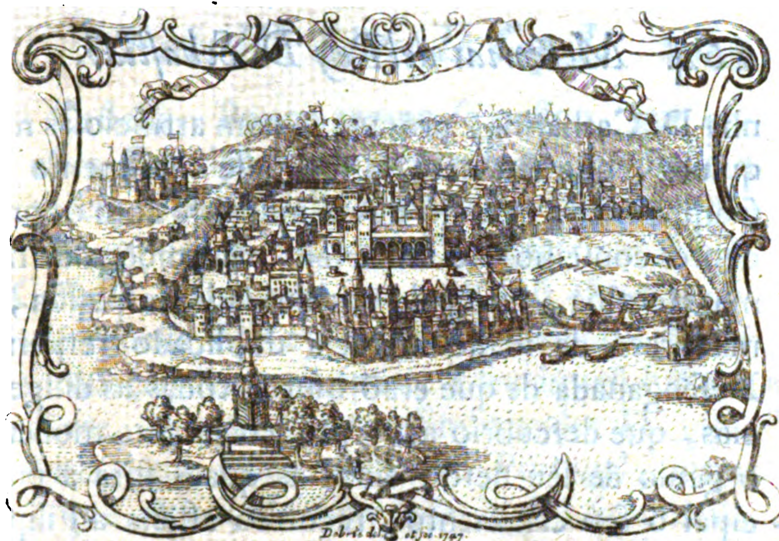
158 Ambicioſo Faretecaõ de obrar alguma acçaõ, que déſſe a conhecer os eſpiritos de Soldado, e as diſpoſições de General, determinou antes de chegar o ſeu Principe entrar na Cidade, para cujo effeito valendo-ſe do furor dos elefantes, e do numero dos combatentes, a invadio por mar, e terra, donde foraõ heroicamente rebatidos por D. Henrique de Menezes, Jorge da Sylva Pereira, Henrique de Betancurt, Agoſtinho Nunes, Fernaõ Pereira de Miranda, Rodrigo de Souſa, Ruy Pires de Tavora, Chriſtovaõ de Bovadilha, Gomes Freire, D. Franciſco de Almeida, Rodrigo Homem da Sylva, Joaõ Cayado, e Diogo Soares de Albergaria, cujos heroicos braços pelo eſpaço de tres horas, que durou o conflicto, fizeraõ tal eſtrago em os Mouros, que Faretecaõ aſſombrado da reſiſtencia, ſignificou ao Nizamaluco, que muitas vezes lhe diſſera ſer hum curral a Fortaleza de Chaul, certamente o

era

era de Leões, a cuja ferocidade naõ podia oppor-se a potencia de toda a Asia. Naõ cessavaõ os expugnados, e expugnadores de adiantar os seus progressos, dividindo estes os seus quarteis, e aquelles fortificando a Praça como lhe permittia o tempo, e demolindo alguns edificios, que estavaõ distantes da Fortaleza.

159 Assentou Faretecaõ o seu campo a vinte e hum de Dezembro com varias tendas postas pela praya, e palmares, sobre as quaes tremolavaõ muitas bandeiras de diversas cores. Junto do Mosteiro de S. Francisco armou huma magestosa tenda, para a sua pessoa, e julgando os nossos por demasiada arrogancia o lugar, que elegera, por ser muito visinho à Cidade, sahiraõ com alguns Capitães ao campo, onde travada huma valerosa escaramuça, perseguiraõ com tal impeto aos Mouros, que naõ escaparia hum para contar do conflicto, se o preceito do Capitaõ mór os naõ obrigara, que voltassem para a Fortaleza.

Em que parte assentou o seu campo o General inimigo.



LIVRO II.

CAPITULO I.

Determina a Rainha D. Catharina retirarse para Castella constrangida das desattenções de seu Neto, cuja resoluçaõ naõ se executa, por ser muito prejudicial ao Reyno.



1 ABSOLUTO dominio, que tinha adquirido Martim Gonçalves da Camera, colligado com seu irmaõ o Padre Luiz Gonçalves da Camera, sobre a vontade delRey, se dirigia a governar dispoticamente a Monarchia; e para que lhe naõ servisse de obstaculo à sua ambiçaõ a Rainha 1571

nha D. Catharina, procurava com artificiosas maquinas, que seu neto se separasse totalmente da sua presença, quando devia instruirse com os prudentes conselhos, e saudaveis exhortações de huma Heroina, que pela authoridade da pessoa, e madureza da idade merecia duplicado respeito. Desenganada de que eraõ inuteis todas as diligencias, que descubrio a sua prudencia para moderar o genio de seu neto, entre as quaes fora a principal o seu casamento; recorreo aflicta a Filippe Prudente, e à Princeza D. Joanna de Austria, para que interpondo hum a authoridade de tio, e outra a ternura de mãy, estranhassem a desobediencia de hum Principe, que com tanto desvélo, e amor tinha educado. Promptamente escreveraõ ambos a ElRey D. Sebastiaõ, arguindo-o de huma acçaõ, que era escandalosa à mesma natureza, negando a veneraçaõ a huma Princeza, que além dos vinculos do parentesco lhe era devedor do amor mais fino, pelo beneficio da educaçaõ. Naõ foraõ efficazes estas exhortações para se conseguir o fim pertendido; e como fosse certificado Filippe Prudente de que continuavaõ com mayor excesso as discordias entre seu sobrinho, e sua irmãa, mandou a Portugal D. Gomes Soares de Figueiroa, primeiro Duque de Feria, seu Conselheiro de Estado, para serenar esta politica tempestade, o qual conseguindo sagazmente a uniaõ delRey com sua avó, partio para

Representa a Rainha D. Catharina a Filippe Prudente, e a D. Joanna de Austria a separaçaõ de seu neto com a sua pessoa.

Escrevem estes Principes a El-Rey D. Sebastiaõ, e se naõ consegue o effeito.

Haro *Nobil. Genealog.* Tom. 1. pag. 453.

para Castella. Pouco tempo se passou, que entre estes Principes novamente se augmentasse a discordia: e como della se podiaõ originar irreparaveis damnos, se resolveo a Rainha retirarse para Castella, esperando que com taõ estranha novidade cedesse ElRey da sua obstinaçaõ. Desta determinaçaõ fez participante a seu irmaõ Filippe Prudente, o qual por seu Embaixador D. Joaõ de Borja, que ainda assistia em Portugal, mandou, que alcançasse faculdade de D. Sebastiaõ, para que a Rainha D. Catharina partisse para Castella. Estranhou excessivamente o nosso Principe, que seu tio concorresse para a ausencia, que pertendia fazer deste Reyno a Rainha D. Catharina, cuja resoluçaõ ainda meditada, quanto mais concluida, era injuriosa à sua pessoa, e a toda a Monarchia.

Intenta a Rainha ausentarse para Castella.

2 Divulgada por todo o Reyno a noticia de se ausentar para Castella a Rainha D. Catharina, foy geral a consternaçaõ, que occupou os coraçóes dos zelosos da Patria, considerando, que com a ausencia de taõ prudente Heroina se havia precipitar em mayores absurdos ElRey D. Sebastiaõ, lisonjeado pela ambiciosa malicia de alguns Ministros, que com a ruina deste Principe fabricavaõ a propria exaltaçaõ. Empenharaõ-se as principaes pessoas de ambas as jerarchias, para que a Rainha mudasse o seu intento, representando-lhe com efficazes razões as perniciosas fatalidades,

Consternaçaõ, que houve no Reyno com o intento da Rainha se ausentar para Castella.

que padeceria o Reyno de Portugal com a ſua auſencia, deixando hum Principe pouco experimentado entregue ao dominio de quem lhe fomentava os apetites. Entre os vaſſallos, que previa os damnos do Reyno com a auſencia da Rainha, ſe diſtinguio o celebre D. Jeronymo Oſorio, Biſpo do Algarve, eſcrevendo-lhe a ſeguinte Carta, em que igualmente expreſſou a fidelidade do ſeu animo, como a elegancia da ſua penna.

Carta do Biſpo do Algarve D. Jeronymo Oſorio para a Rainha.

,, Senhora. Correm por eſta terra novas bem ,, triſtes para todos em univerſal, e muito mais ,, triſtes em particular, para quem melhor póde ,, entender quanto niſſo vay. As novas ſaõ, que ,, V. A. deſampara eſtes Reynos, e ſe vay para ,, Caſtella; iſto naõ póde deixar de ſe ſentir mui- ,, to, porque perdemos Mãy, e Senhora; e per- ,, demos hum fructo de taõ grandes, e excellen- ,, tes virtudes, como ſaõ as de que Deos dotou ,, a V. A. e o peyor de tudo he, que de taõ real ,, virtude, e de taõ provida conſtancia em gran- ,, des negocios naõ ſe póde preſumir mudança ,, ſem juſta cauſa, e quanto ella for mais juſta, ,, tanto o Reyno ficará mais infamado, de ma- ,, neira, que naõ ſómente perdemos todos mui- ,, to, mas ainda cobraremos fama de gente bar- ,, bara, e deſconhecida.

,, Bem vejo, que fallar eu neſta materia ſe- ,, rá grande atrevimento; porque convém ſómen-

,, te

„ te a pessoas de muito mayor authoridade do que
„ a minha póde ser: mas o amor, e lealdade naõ
„ tem pejo; pelo que apontarey a V. A. algu-
„ mas razoens, pelas quaes me parece, que naõ
„ devia fazer tal abalo; e confio que V.A. quan-
„ do vir de que principio esta minha ousadia tem
„ nascimento, me levará facilmente em conta; e
„ para que comece por aqui, lhe lembro, que
„ muy poucas vezes deixou de se arrepender,
„ quem se aconselhou com a indignaçaõ por mui-
„ to justa, que ella fosse; o conselho ha de to-
„ mar primeiramente com o espirito de Deos, e
„ depois com a razaõ muito desapaixonada; com
„ este presupposto só fallarey com V. A. confor-
„ me a razaõ, pois sey, que nunca della fugio.

„ O officio de Principes virtuosos, e san-
„ tos, he fazer merce a bons, e castigar a roins;
„ V. A. se se for, fará tudo ao contrario, porque
„ os bons sentiraõ muito sua hida, e os máos fa-
„ raõ folias estranhas com lhes parecer, que se
„ vingaõ tambem. Naõ parece justiça, que por
„ culpa de poucos padeçaõ muitos innocentes;
„ lembre-se V. A. de tantos pobres, e de tantas
„ Casas de Religiões como saõ della consolados,
„ os quaes ficaraõ orfãos com a ausencia; e dado
„ caso, que o mesmo se póde fazer em Castella,
„ por ventura, e necessidade será lá tamanha,
„ nem a esmola tambem empregada. Lembre-se
„ V. A. tambem, que a terra de Portugal, ainda

„ que naõ ſeja muy groſſa como a de Caſtella,
„ he de ares muito mais benignos, e mais con-
„ venientes para ſe paſſar a vida, e de menos
„ accidentes; e a natureza de V. A. naõ he Flan-
„ des, nem Caſtella, mas Portugal, onde rey-
„ nou quarenta e cinco annos, pouco mais, ou
„ menos, ſendo a mayor parte deſte tempo a mais
„ venerada, e honrada Princeza, que póde ha-
„ ver no Mundo. Sendo eſtudante em Pariz, ou-
„ vi dizer a hum criado da Rainha voſſa irmãa
„ D. Leonor, que eſtando em practica a meſma
„ Rainha ſobre materia deſta qualidade, diſſera:
„ finalmente naõ ſe engane ninguem, que nenhu-
„ ma Emperatriz, nem outra Princeza alguma
„ ſe póde chamar Rainha ſenaõ a de Portugal.
„ Se iſto, que diſſe a Rainha D. Leonor, naõ he
„ taõ perfeitamente ao preſente em V. A. como
„ devia ſer, ao menos foy-o já, e ſelo ha daqui
„ em diante; e a fruta de que Deos nos fez mer-
„ ce no milagroſo naſcimento delRey noſſo Se-
„ nhor, chegará à madureza, e perfeiçaõ, que
„ deſejamos, e terá V. A. em ſatisfaçaõ de alguns
„ deſgoſtos muitos, e muy grandes contentamen-
„ tos. Quanto mais, que o eſpirito de V. A.
„ mais eſtá poſto nos negocios da vida eterna,
„ que nas opinioens deſta miſeravel, que taõ pou-
„ co ha de durar. E para que àcerca diſto me
„ reſolva em poucas palavras, ſe V. A. vay buſ-
„ car deſcanſo temporal a Caſtella, taõ pouco o
„ ha

„ ha lá como cá; se vay buscar salvação, não „ he mais longe de Portugal, que de Castella.

„ Devia-se V. A. tambem nesta materia de „ lembrar muito do santo Rey D. João o III. „ que tão verdadeiro amor lhe sempre teve, e „ não devia querer desamparar a terra onde seus „ ossos estão sepultados. Veja quão gloriosa se„ pultura será a sua, se assim como foy compa„ nheira na vida de quem tanto amou, o for tam„ bem no enterramento, e não consentir, que „ haja no Mundo terra, que tenha depositado seu „ corpo, senão a mesma, que tem em si as reli„ quias de tão Catholico Principe, a quem V. A. „ tanto deve. Considere V. A. todos estes in„ convenientes, como são sentimento de bons, „ gosto de máos, desamparo de pobres, ausen„ cia da sepultura de tão virtuoso, e santo Com„ panheiro. E lembre-se que nesta sua partida „ (o que Deos não permitta) no temporal se ga„ nha pouco, e no espiritual se perde muito; e „ quando V. A. não perder, perderá ElRey, e o „ Reyno, e podem succeder desgostos, e enfa„ damentos, aos quaes V. A. por sua grande vir„ tude, e pela grande obrigação, que tem a es„ tas suas terras, he obrigada atalhar. Se fica no „ Reyno cumpre com a charidade, com o bem „ universal, que lhe ha de lembrar muito mais, „ que o proprio; serve a Nosso Senhor, ganha „ huma grande coroa: pelo contrario se se vay,

„ que

„ que mais se ganha, que satisfaçaõ da vontade, „ e triunfos de maliciosos; por derradeiro, El- „ Rey nosso Senhor he neto, filho, e criado, e „ de sua natural inclinaçaõ virtuoso, e basta naõ „ ter V. A. outra imagem na terra delRey seu „ avô, pelo que como qualquer homem do povo, „ ainda que mais naõ seja, peço a V. A. pelas „ Chagas de Nosso Senhor JESUS Christo, que „ mude seu proposito, e naõ desampare terra, „ nem injurie ossos, e memoria de taõ virtuoso „ Principe, e queira em paga de alguns desgos- „ tos ter tantos, e taõ grandes contentamentos, „ como espero em Nosso Senhor, que ha de re- „ ceber. Em dizer isto, cumpro com o officio „ devido à lealdade, e com o desejo de servir a „ V. A. e tudo o que me fica para fazer, he pe- „ dir a Nosso Senhor em todas minhas orações, „ e sacrificios, que inspire a V. A. o que houver „ de ser mais seu santo serviço, e seu real estado „ conserve. De Sylves 7 de Fevereiro de 1571.

3 Conhecendo a Rainha a fidelidade, com que o Bispo Osorio a exhortava a naõ deixar o Reyno, lhe respondeo nestas sinceras clausulas o motivo da sua partida.

Reposta da Rainha à Carta do Bispo Osorio.

„ Reverendo Bispo, &c. Vi a vossa Carta „ de 7 do presente, em que me fazeis a saber a „ dor, que tinheis, por me haver de ir destes Rey- „ nos, e me quereis persuadir por muitas razões „ a que o naõ faça; naõ posso deixar de vos agra- „ decer

„ decer a vontade de que vos procede doervos
„ de me auſentar deſta terra, nem de louvarvos
„ o zelo com que trabalhais induzirme ao con-
„ trario; o que naõ ſey ſe com tanto valor fize-
„ reis entendidas as razões, que me deraõ animo
„ para intentar eſta ida; porque naõ he indigna-
„ çaõ a que me aconſelha, nem paixaõ a que me
„ move, nem deſejo de deſcanſos, o que me leva:
„ mas o amor grande, que tenho ao Senhor Rey
„ meu neto, he o author deſta mudança; por-
„ que delle naſceo a vontade de lhe tirar a occa-
„ ſiaõ de couſas, que nem à ſua peſſoa, nem à
„ ſua honra, nem à ſua alma convém; e deſejo
„ de ſer com a minha hida hum deſpertador de ſe
„ conhecerem, e emendarem tantos males, que
„ trazem eſta Republica eſcandaliſada, e deſcon-
„ tente; e que ſaõ elles taõ graves, e que os ſin-
„ to eu tanto, que me fazem violentar minha na-
„ tureza, e apartarme do que meu coraçaõ ama
„ ſobre todas as couſas deſta vida, e aventurar-
„ me a perdella, ou ao menos a perder o goſto,
„ que della podia ter; porque nem vós me acon-
„ ſelhareis, que veja naõ querer bem geralmen-
„ te a quem eu tanto bem quero, e irſe perden-
„ do diante de meus olhos, o que eu tanto eſti-
„ mo, ſem haver couſa, que me dé eſperança
„ diſſo ter algum remedio; pois os de que ſe po-
„ dia eſperar, que o procuraſſem, ſaõ authores
„ hoje, e defenſores deſta perdiçaõ; e geralmen-

„ te

„ te todos choraõ, eu tambem o chorarey onde
„ quer que estiver; e se minha ida aproveitar pa-
„ ra alguma cousa, terey por bem empregada a
„ dor, que me ha de custar partirme, e o con-
„ tentamento de saber, que ha emenda, me mi-
„ tigará a tristeza, que me ha de causar a sauda-
„ de desta terra, e ao do vivo, e a do morto,
„ que deixo nella: posto que meu intento he fa-
„ zerem meus ossos companhia depois de minha
„ morte aos delRey meu Senhor, que Deos tem,
„ com quem a tiveraõ taõ bemaventurada nesta
„ vida. Pareceo-me alargarme mais comvosco do
„ que costumo, como quem nesta materia me
„ falla, ou me escreve, porque vossa vontade, e
„ zelo a isso me obrigaraõ, e particularmente o
„ cuidado, que tendes de fazer por mi oraçaõ
„ ao Senhor, que vos encommendo muito, que
„ prosigais com aventejado fervor, pois naõ ha
„ cousa que agora por sua Misericordia mais de-
„ seje, que acertar em seu serviço, e naõ me
„ affastar da obediencia da sua santa vontade. Em
„ Lisboa a 22 de Fevereiro de 1571.

Representa o Senado de Lisboa a ElRey naõ ser conveniente a ausencia da Rainha.

4 Como ElRey D. Sebastiaõ naõ impedia a determinaçaõ da Rainha, lhe apresentou o Senado de Lisboa o seguinte Memorial, em que mostrava naõ ser decorosa à sua Real Pessoa, como à Monarchia, que governava, a ausencia de sua Serenissima Avó, sendo estas as clausulas de que se formava.

„ Esta

„ Esta insigne Cidade de Lisboa, que por „ sua preeminencia, e antiga lealdade do povo „ della mereceo o nome que tem de Princeza de „ nossos Reynos, vendo claramente, que da ida „ da Rainha nossa Senhora para fóra delles nasce- „ ria grande quebra na reputaçaõ da Real Pessoa „ de V. A. e considerando outros muitos incon- „ venientes, que tambem della poderiaõ nascer „ continuando seu louvado costume, e leal zelo „ do serviço de V. A. como cabeça, que he de „ vosso Real Estado, quiz os dias passados fazer „ chamamento de algumas das principaes pessoas „ de todos os Estados della (como outras muitas „ vezes fez em cousas de menos qualidade) para „ elegerem doze pessoas, que com a Camera del- „ la consultassem o melhor modo, que se pode- „ ria ter para Vossas Altezas se conformarem, de „ maneira, que se atalhasse o grande escandalo „ da ida da Rainha nossa Senhora com muita „ quietaçaõ, e gosto de V. A. utilidade, e so- „ cego de vossos subditos; porque além de ser „ cousa decentissima tratarem-se as cousas arduas „ com parecer de muitos, as que tocaõ a todos „ em commum, a todos pertence a communica- „ çaõ dellas.

„ E sendo este intento do vosso povo, de „ tanto vosso serviço, e taõ conforme à tençaõ „ de V. A. que he impedir a ida da Rainha nos- „ sa Senhora naõ faltaraõ pareceres em contra-

„ rio; porque V. A. o impedio, de que ao po-
„ vo ficou grandissimo escandalo, parecendo-lhe,
„ que se havia por suspeita sua leal tençaõ ante
„ V. A. e toda via em alguma maneira se satisfez
„ com V. A. tomar sobre si impedir esta ida; po-
„ rém agora, que a vê publicada, e que se naõ
„ atalhou, e considerando quaõ feya cousa pare-
„ cerá em toda a parte sahirse de vossos Reynos a
„ Rainha vossa avó, e Senhora nossa, que em caso
„ que de sua parte della houvera alguns defeitos,
„ a V. A. e a seu povo convinha encubrir tudo,
„ sofrendo sua semrazaõ, sem permittir, que por
„ alguma via se fosse; quanto mais sendo como
„ he em todo o Mundo notoria sua muito alta, e
„ Real virtude, seus grandes merecimentos, e as-
„ sim para com V. A. como para a Republica,
„ e sobre tudo sua Christandade, e boa tençaõ,
„ e considerando tambem todos os mais inconve-
„ nientes, e escandalos, que disso podem recre-
„ cer. O povo de dous em dous, e de quatro
„ em quatro com os vinte e quatro vem à Came-
„ ra, e seraõ pelas casas dos officiaes della dando-
„ nos muita culpa de passarmos taõ brevemente
„ por cousa de tanto pezo, requerendonos, que
„ acudamos a isso, e que ajudemos a tençaõ de
„ V. A. que he naõ deixar sahir a Rainha nossa
„ Senhora de vossos Reynos, pelo que somos
„ constrangidos assim pela lealdade, que devemos
„ ao serviço de V. A. como pelo que o povo nos
„ reque-

„ requere a pedir a V. A. por merce, e com quan„ ta humildade podemos, e requeremos da parte „ de Deos haja por bem, que nós profigamos o „ primeiro intento, e façamos ajuntamento só„ mente para eleiçaõ de algumas pessoas de sãos „ juizos, e desinteressadas tenções, que tratem „ a concordia entre Vossas Altezas, de maneira, „ que a ida da Rainha nossa Senhora, naõ haja „ effeito, tendo V. A. por muito certo, como de„ ve ter, que já mais se moverá cousa, nem fa„ rá, de que V. A. naõ seja primeiro sabedor, e „ que naõ deve de ser muito seu serviço, e gos„ to para em tudo seguirmos o que V. A. orde„ nar, e mandar com o mesmo zelo, e lealdade, „ que nossos antepassados sempre tiveraõ ao ser„ viço do seu Rey, e natural Senhor.

„ E em caso que V. A. nos impida cousa taõ „ justa, e taõ conforme a seu serviço, esta Prin„ ceza de vosso Estado em seu nome, e de to„ dos os póvos de vossos Reynos, e Senhorios „ pede a V. A. por merce muy assinalada, e da „ parte de Deos lhe requere, e sobre isso lhe en„ carrega sua consciencia, que V. A. para con„ solaçaõ de seus póvos ponha em effeito as cou„ sas seguintes.

„ Que naõ fie V. A. de seu juizo, nem de „ pareceres de póvos a determinaçaõ de taõ gra„ ve negocio, como he este da ida da Rainha „ nossa Senhora, e que dé delle conta a mais pes-

„ ſoas, que as que traz ordinariamente no ſeu „ Conſelho, como ſempre fizeraõ os Reys ſeus „ anteceſſores em caſos de menos qualidade; por„ que ainda que nos de voſſo Conſelho concor„ raõ, como concorrem, todas as boas qualida„ des, e ſãas conſciencias, que para eſte, e to„ dos os mais negocios do ſerviço de V. A. ſe re„ querem; toda via como a Rainha noſſa Senho„ ra eſtá poſta em negar a V. A. e a elles ſua fi„ cada, como vemos, que até agora fez, con„ vém que lha ajudem outros a requerer, e que „ por muitos ſerá S. A. certificada do eſcandalo, „ que ficará neſte Reyno de ſua ida, e que ſejaõ „ muitos os que lho peçaõ, e requeiraõ da par„ te do povo, a quem convém naõ permittir por „ alguma via, que ſe ella vá, mas antes que V. A. „ a tenha a par de ſi, e lhe peça, que o ajude „ no governo de ſeu Eſtado, como ſohia por ſua „ chriſtianiſſima tençaõ, ſingular ſaber, expe„ riencia de muitos annos, que ſaõ as qualidades „ de que pende o bem commum, e acertado go„ verno das Reſpublicas.

„ Que V. A. modere o exercicio dos cami„ nhos, e caças pelo perigo de ſua Real Peſſoa; „ porque o Rey, de cuja vida, e ſaude pende „ o remedio, e conſolaçaõ de ſeus póvos, naõ „ póde com conſciencia aventuralla a tantos pe„ rigos.

„ E aſſim que com toda a brevidade effectue V. A.

„ V. A. seu casamento; porque além da necessi-
„ dade geral, que ha em todos os Reynos de te-
„ rem Principes jurados para quietaçaõ delles,
„ nestes Reynos, por ser V. A. só nelles, ha mui-
„ to mais razaõ de pedirmos com toda a instan-
„ cia a V. A. que nos dé Principe para conserva-
„ çaõ, e quietaçaõ de vossos póvos; e que para
„ isso effectue logo seu casamento além de outras
„ urgentissimas razões, que para isso ha, como
„ saõ satisfazer ao Summo Pontifice, a ElRey
„ de Castella, e a ElRey de França, que de as-
„ sim naõ ser, sabemos notoriamente que rece-
„ be cada hum particular desprazer, e sobre tu-
„ do entendemos, que a muita consolaçaõ, que a
„ Rainha nossa Senhora receberá de ver posta em
„ effeito cousa taõ necessaria, será parte para ella
„ se naõ sahir de vossos Reynos, que ainda que
„ naõ houvera outros muitos, este só respeito
„ bastava para V. A. vir neste parecer.

„ Cousas saõ estas que pedimos a V. A. taõ
„ justas, e taõ conformes ao serviço de Deos,
„ que as naõ poderá V. A. negar sem muita of-
„ fensa de sua Divina Magestade; porém em ca-
„ so que Sua Alteza tenha concebidas em seu jui-
„ zo algumas razões para deixar de effectuar al-
„ gumas destas cousas, que este seu leal povo lhe
„ pede com tanta efficacia por muy singular mer-
„ ce com leal zelo, e devido acatamento, lhe
„ lembramos a fraqueza, e variedade dos enten-
„ dimentos

„ dimentos humanos, e que para remedio disto
„ desde o principio do Mundo se ordenaraõ ajun-
„ tamentos de muitos para determinaçaõ de ne-
„ gocios graves, e se fizeraõ sempre conselhos
„ publicos, em que se practicaraõ, e assentaraõ as
„ cousas, que convém ao socego, e bom gover-
„ no das Respublicas; e deixados outros exem-
„ plos dignos de muita memoria, lesse nos livros
„ de Josué, e de Samuel, que se fizeraõ muitas
„ vezes estes ajuntamentos no povo de Israel,
„ quando era governado por Deos; e o mesmo
„ costume guardou sempre a Igreja Catholica nos
„ Concilios Universaes, que celebra, começando
„ desde o tempo dos Apostolos, e seguindo este
„ antigo, e louvavel costume os Reys, ainda
„ que tenhaõ experiencia de muitos annos de go-
„ verno de seus Estados, costumaõ muitas vezes
„ fazer estes ajuntamentos dos Procuradores de
„ todas as Cidades, e Villas de seus Reynos,
„ para tratarem, e assentarem o que mais con-
„ vém para serviço de Deos, e bom governo del-
„ les; porque nos taes ajuntamentos concorrem
„ pela mayor parte muy escolhidos juizos, e ten-
„ ções de fóra, livres de paixaõ, e de respeitos
„ particulares, com que os Reys saõ desengana-
„ dos do que mais convém ao serviço de Deos,
„ seu, e bem commum de seus subditos; pelo
„ que deve V. A. de ter por certo, que negando
„ a seu povo cousas taõ justas, como saõ as que
„ lhe

„ lhe pedimos com tanto zelo do seu serviço, sem
„ encommendar a determinação de suas razões a
„ conselho publico, offenderá a Deos gravemen-
„ te; pelo que pedimos a V. A. com todo o de-
„ vido, e leal acatamento, que devemos a vos-
„ sa Real Pessoa, que se tem algumas razoens
„ particulares para naõ pôr em effeito as cousas,
„ que lhe pedimos nesta lembrança, que queira
„ manifestallas em Cortes, e fazer chamamento
„ publico de Prelados, e pessoas notaveis das Ci-
„ dades, e Villas de seus Reynos, que costumaõ
„ vir a ellas, e com parecer de muitos homens,
„ e leaes vassallos tome conveniente assento nestas,
„ e em outras cousas de seu serviço, que o será
„ muito grande de Nosso Senhor, e muita con-
„ solaçaõ, e quietaçaõ de seus póvos, que nisto
„ receberaõ assinalada merce; porque procedendo
„ V. A. desta maneira, quando a Rainha nossa
„ Senhora naõ quizesse ficar no Reyno (o que se
„ naõ crê da sua grande virtude) ficará o Mundo
„ entendendo, que tinha V. A. da sua parte cum-
„ prido com a sua obrigaçaõ; e em quanto assim
„ naõ fizer, sempre ficará nodoa na honra de V. A.
„ que vossos leaes vassallos estimaõ, e amaõ mui-
„ to mais, que suas proprias vidas.

„ E naõ querendo V. A. deferir a nenhuma
„ destas cousas, que taõ justas, e razoadas saõ,
„ protestamos, que da nossa parte temos cumpri-
„ do com tudo aquillo, que em nós foy para
„ com

,, com Deos, e V. A. e com todo o povo; e
,, assim o faremos saber com licença de V. A. por
,, nossas Cartas aos póvos do Reyno, para que
,, a todos seja notorio, que esta Cidade, Prince-
,, za do vosso Estado, naõ faltou com todas as
,, lembranças, e protestações devidas de vosso ser-
,, viço, e ao ser, e bem commum delles: po-
,, rém confiamos da christianissima tençaõ, e mui-
,, ta virtude, e singular saber de V. A. que con-
,, siderará todas estas razões, e conformarseha
,, com o parecer de muitos, e leaes vassallos, e
,, prevenirá com isso o grande aggravo, e escan-
,, dalo, que do contrario ficará em seu povo,
,, que o tanto ama, e ha de amar, e que o tam-
,, bem serve, e sempre ha de servir, o qual com
,, muita humildade pede a V. A. lhe mande res-
,, ponder brevemente como este negocio reque-
,, re, porque nisso receberá assinalada merce.

Manda ElRey a Francisco de Sá para saber da Rainha a sua ultima resoluçaõ.

5 Penetrado ElRey da efficacia das razões, que se continhaõ neste Memorial, como tambem das persuasoens do Cardeal D. Henrique, mandou por Francisco de Sá, Senhor de Matosinhos, saber da Rainha se ainda permanecia na determinaçaõ de se ausentar deste Reyno, confiando da authoridade, e prudencia de taõ insigne Varaõ a fizesse mudar do seu intento. A Rainha com sagacidade respondeo, que naõ declararia a sua vontade sem primeiro saber a de seu neto, a qual podia manifestar a Filippe Prudente, e à Prince-

za

za D. Joanna de Auſtria, a quem eſtava comettido eſte negocio. Como a Rainha naõ cedia da ſua reſoluçaõ, ſe lhe eſcreveo a ſeguinte Carta, em que ſeveramente foy arguida de querer deixar o Reyno, onde ſe admira a liberdade unida com o zelo de quem a eſcreveo.

„ Senhora. Os mais dos Reys do Mundo, „ aſſim os que tiveraõ verdadeiro conhecimento „ de Deos, como os que o naõ tiveraõ, por bom „ conſelho, e ordem de bom governo naõ ſe go- „ vernaraõ, nem governaõ pelas Rainhas, naõ „ deixando por iſſo de lhes fazer todo o bom tra- „ tamento devido com muito amor, e affeiçaõ, „ e os Reys, que o contrario fizeraõ, naõ lhes „ ſuccederaõ bem ſuas couſas, nem ganharaõ boa „ fama, tendo-os em pouco pelo Mundo, e os pe- „ rigos, e trabalhos, que por iſſo lhe ſuccederaõ „ foraõ muitos, e muy continuos.

„ ElRey, que Deos haja, alguns annos „ ſeguio a ordem, que ſeguiraõ os Reys, que „ ſe naõ governaraõ por ſuas mulheres, depois „ affeiçoou-ſe tanto a V. A. pela voſſa muita vir- „ tude, que ſe vos entregou de todo (o que lhe „ naõ foy bem recebido neſte Reyno, nem nos „ eſtranhos) de que principalmente ſe ſeguio hum „ dos mayores perigos, que ſe neſte Reyno teve, „ que ſó pelo conſelho de V. A. caſou ſua filha „ com o Principe de Caſtella, naõ tendo mais „ que hum ſó filho, ſem dar conta deſte caſa-

„ mento aos Grandes do ſeu Reyno, nem ou-
„ tras muitas peſſoas, com que os ſemelhantes ca-
„ ſos ſe coſtumaõ de aconſelhar os Reys, ſe naõ
„ depois de feito a algumas peſſoas, e poucas,
„ que ſe acharaõ preſentes na Corte, os quaes
„ por mais que lho contradiſſeraõ por muy claras
„ razões, que para iſſo havia, naõ deixou de o
„ effectuar, naõ tendo mais filhos, como digo,
„ que o Principe que Deos tem, ſete annos mui-
„ to doente, e V. A. reſpondia aos homens, que
„ lhe naõ preguntava ElRey ſeu Senhor ſe faria
„ o tal caſamento, porque já o tinha feito, ſe
„ naõ como mandaria a Princeza, a que V. A.
„ deu muita preſſa a ir para Caſtella, onde naõ
„ foy tambem tratada do Principe, como devera,
„ nem de alguns Grandes; e como Deos ſempre
„ ſe lembra deſte Reyno, levou-a para ſi muito
„ de preſſa, e o filho, que lhe naſceo, naõ o vio
„ ElRey, que Deos tem, por conhecer a culpa,
„ que teve neſte caſamento, e que tinha neto em
„ Caſtella, e que podia ſucceder neſte Reyno,
„ e naõ bem inclinado, principalmente a eſta noſ-
„ ſa naçaõ Portugueza, ordenou vir a Princeza
„ noſſa Senhora ſendo o Principe de dezaſeis an-
„ nos, e de dezaſete faleceo, ficando a Princeza
„ prenhe, e ſendo a ſua morte mais ſentida de
„ Principe, nem de Rey que houve neſta terra,
„ ficando ElRey vivo, e naõ velho, e V. A. de
„ idade para poder parir, ſem ſer milagre, e El-
„ Rey,

„ Rey, que Deos haja, criara a ElRey noſſo Se-
„ nhor com tanto amor, que ſe alguma hora o
„ via agaſtado pelo V. A. caſtigar, naõ ſe lhe po-
„ diaõ ter as lagrymas nos olhos. Em ſua vida
„ naõ lhe deu Ayo, nem Camereiro mór, nem
„ homens, que olhaſſem por elle, houve-ſe Deos
„ por ſervido levallo para ſi ſem fazer teſtamento,
„ e pelas muitas obrigações, que V. A. tinha a
„ ElRey, que Deos haja, e a eſte Reyno, jun-
„ to com a ſua muita virtude, naõ lhe contradiſ-
„ ſeraõ governar o Reyno, como governava com
„ ElRey em ſua vida, ſem ſe guardar a ordem,
„ que naõ ſómente he de obrigaçaõ terſe com os
„ Governadores, mas que ſe ſempre teve com os
„ proprios Reys, quando tomaõ o governo, e ad-
„ miniſtraçaõ de ſeus Reynos, e entrando deſta
„ maneira no governo, lhe obedeceraõ, como ſe
„ niſſo concorreraõ todas aquellas couſas, que
„ eraõ devidas, e já tinhaõ concorrido em tem-
„ po delRey D. Affonſo V. e V. A. naõ taõ ſó-
„ mente naõ quiz fazer Cortes, para ſe entender
„ no que cumpria ao governo, e com quem, e o
„ modo que ſe teria na criaçaõ delRey, mas ain-
„ da, como quiz, deu ao ſeu Mordomo por Ayo
„ delRey, e elegeo Sumilheres, e Capitaõ da
„ Guarda pela ordem de Caſtella, e o Biſpo D.
„ Juliaõ de Alva fez ſeu Capellaõ mór, e o me-
„ teo no Conſelho, e lhe deu por Meſtre Luiz
„ Gonçalves Apoſtolo, e o mandou vir de Ro-

„ ma para isso por contemplação do Padre Tor-
„ res vosso Confessor, e Castelhano, e elle veyo
„ a isso, não querendo ser Confessor delRey, que
„ Deos haja.

„ Todo o tempo que V. A. quiz governar, „ foy muito obedecida, e acatada, e fez todas „ as cousas mais como Rey absoluto, que como „ Governador, quando se determinou em deixar o „ governo, muito mais amor, e affeição lhe mos- „ trarão, que ao Cardeal, a quem o quiz largar, „ sabendo que podia succeder neste Reyno, pos- „ to que Sacerdote; e a esta intenção respondeo „ todo o Reyno a V. A. que o não largasse, pe- „ gando-se às palavras das Cartas de V. A. em „ que lhes dizia, que sempre anteporia a sua vi- „ da, e descanso ao que cumprisse ao bem destes „ Reynos: e vistas por V. A. taes repostas dei- „ xou tal proposito, e tornou a proseguir seu go- „ verno, e dahi a hum anno mudada disto cha- „ mou a Cortes sem manifestar, que queria lar- „ gar o governo, nem lhe mandar fazer muitas „ lembranças, que lhe devera mandar fazer pela „ larga experiencia, que tinha dos negocios, e „ do governo, e da inclinação do Cardeal, que „ era mais devoto do Ecclesiastico, que do Se- „ cular; mas antes tirou V. A. liberdades, que „ as Cortes tem, mandando apartar os homens, „ e abbreviallas tirando-lhe nisso, e a muitas cou- „ sas o poder que de direito, e costume tem, e

„ por

„ por parecer aos que eraõ juntos, que V. A.
„ dava esta pressa por naõ se ordenar alguma cou-
„ sa, que fosse do seu serviço, e desconfiada del-
„ les as acabaraõ mais por lhe obedecer, que pe-
„ las cousas para que se ajuntaraõ, serem acaba-
„ das, fazendo nisto tanto o que naõ deviaõ,
„ que fora bem differente, se V. A. declarara, co-
„ mo devera, que queria deixar o governo, di-
„ zendo-lhes, que sobre isso tratassem tudo o que
„ cumprissem a bem destes Reynos, e à criaçaõ,
„ e vida delRey nosso Senhor, e se isto fizera,
„ ficaraõ as cousas assentadas, que nos naõ vira-
„ mos no perigo, e trabalho, que nos agora ve-
„ mos, e no que temos passado.

„ Nas Cortes requereo-se, que fizessem ou-
„ tro Ayo a ElRey nosso Senhor, e que lhe des-
„ sem Camereiro mór, e que lhe tirassem Sumi-
„ lheres, e o Mestre Apostolo, e que fizessem
„ Escrivaõ da Puridade, e outros officiaes, e se
„ dessem ordem nas cousas da Justiça, e Fazen-
„ da, e defensaõ do Reyno, declarando como
„ se haviaõ de fazer, e que se devassasse dos cul-
„ pados nestas materias, para que se allumiasse o
„ caminho, que no remedio disso lhe devia ter,
„ e que fosse em tempo, que ElRey ficasse livre
„ de escandalo, e das satisfações, que no apu-
„ rar destas cousas, recrecessem, pois fazendo-se
„ assim por ordem das Cortes o desobrigavaõ.
„ V. A. impedio naõ se effeituarem estas cousas,
„ e en-

„ e entregou o governo ao Cardeal ſem a ordem
„ que ſe tivera o declarara no principio, pelo
„ qual V. A. fica de tudo com a culpa.

„ Pelo que eſtá obrigada a naõ deixar ſeu
„ neto, e eſte Reyno, ainda que algumas cou-
„ ſas particulares a obriguem a paixaõ, pois ſe
„ quer ir delle ſem cauſas licitas, antes de mui-
„ ta afronta, e deſcredito ſeu, moſtrando clara-
„ mente, que o faz por lhe dar mais trabalho,
„ e o pôr em mais neceſſidades, perigo, e diſcor-
„ dia, por onde parece que o intento de V. A.
„ foy ſempre eſte aſſim pelas couſas paſſadas, que
„ já diſſe, como pelas preſentes; e vay niſſo con-
„ tra ſua conſciencia, honra, e quietaçaõ devida,
„ porque em Caſtella ſabe V. A. muy bem como
„ governou a Emperatriz, quando o Emperador
„ naõ era preſente, e a Princeza noſſa Senhora,
„ que nenhum poder tinha, e que naõ eſtavaõ
„ por mais que fórma, e aſſim como foraõ tra-
„ tadas as Rainhas ſuas irmãas, e quaõ pouco
„ tempo duraraõ vivas, e que ſe ſe veyo a Rai-
„ nha de França, foy porque naõ tinha lá filhos,
„ nem netos; e porque naõ foy nunca Rainha,
„ ſenaõ hum meyo de honeſtar as pazes, e o que
„ ſofreo, he notorio a todos; e a Rainha Ma-
„ ria naõ tinha Reyno, e era Regente de Flan-
„ des. As Rainhas deſte Reyno ſaõ tidas por to-
„ do o Mundo por mais poderoſas, que todas
„ as outras, principalmente V. A. que fez ſem-
„ pre-

„ pre nelle tudo o que quiz, como agora verá.

„ Quiz casar D. Isabel de Lencastro com o „ Duque de Bragança, em que lhe pez, e ca- „ sou, e affirma-se que valeo o dote, que lhe de- „ raõ, hum conto de ouro. D. Isabel de Mene- „ zes com o Capitaõ da Ilha da Madeira, da mes- „ ma maneira deraõ-lhe trezentos mil reis de ju- „ ro, e doze, ou treze mil cruzados, que o Ca- „ pitaõ devia a ElRey, tiraraõ-lhe a sua Casa da „ ley mental duas vezes, deraõ-lhe os officios da „ Ilha, casaraõ-lhe huma irmãa com o Almiran- „ te, a quem se deu tudo o que tinha para hum „ filho, e por se fazer este casamento do Capitaõ, „ se fizeraõ muitas vexaçoens a sua mãy muito „ honrada, pelo naõ querer consentir, e manda- „ raõ-na embarcar para a Ilha com suas filhas, „ donde naõ tinha nenhuma cousa, e depois que „ casaraõ seu filho, a mandaraõ tornar com suas „ filhas para logo se poder D. Isabel ir para a Ilha: „ ora o que se fez ao Capitaõ em o mandarem vir „ com sua mulher, e casa foy a mais estranha cou- „ sa, que se fez neste Reyno, e parece que Deos „ permittio, que dous filhos desta mulher hum „ Mestre, e Confessor delRey, e outro seu Es- „ crivaõ da Puridade pareça agora a V. A. que „ elles sejaõ causadores de sua paixaõ, e descon- „ tentamento delRey seu neto. D. Magdalena „ de Granada casou a furto com D. Luiz de Len- „ castro, deraõ-lhe cinco contos de renda para

„ seus

„ ſeus filhos, ou filhas com mais de vinte mil cru-
„ zados. A D. Filippa de Alencaſtro com o Mar-
„ quez de Villa-Real deraõ outro dote como o
„ mayor deſtes, e fóra outras muitas Damas,
„ que ſe poderaõ contar, a que ſe deraõ poços
„ de ouro. Ora o favor, honras, e merces que
„ ſe fizeraõ aos ſeus criados, e aceitos, ſeria nun-
„ ca acabar; o que ſe fez a D. Fernando de Fa-
„ ro, e a todos ſeus filhos, e a ſua filha, que ca-
„ ſou com D. Joaõ de Menezes; e a D. Aleixo
„ vivo, e morto, e a ſua mulher, e filhos; ora a
„ Pedro de Alcaçova, por dar a entender a A.V.
„ que a fizera Governadora deſtes Reynos; mui-
„ tas infinitas honras, e merces, e pôr a Caſa de
„ Figueirò, que nunca ElRey, que Deos tem,
„ quiz fazer della o que V. A. fez, nem a mu-
„ lher, filho, e mãy de Diogo de Souſa deſter-
„ rados por eſſe reſpeito, e por lhe tolherem re-
„ querer ſua juſtiça. A dous Clerigos Caſtelha-
„ nos, que V. A. troxe, que por ſeus avôs, e
„ letras naõ mereciaõ nada, as Prelaſias, e Dig-
„ nidades, que ſe lhe deu; aos Teyves, e Zuni-
„ gas, e outra muita gente a fidalguia, e mer-
„ ces que ſe lhe fez, ſeria nunca acabar. O per-
„ daõ que fez dar a ElRey noſſo Senhor ao irmaõ
„ do Meſtre Cano, foy mais que darlhe huma
„ Prelaſia. Ora o que ElRey, que Deos haja,
„ deu a V. A. na India, e os ſerviços que lhe de
„ lá fizeraõ, naõ tem comparaçaõ. Eſtas couſas
„ naõ

„ naõ teve a Emperatriz, nem a Princeza vossa
„ filha, nem outra Rainha de Portugal.

„ Quando se entendeo, que V. A. se que-
„ ria apartar delRey nosso Senhor, e naõ queria
„ ir a Cintra, e depois a Almeirim, pareceo
„ que o faria com o mesmo intento, que o Empe-
„ rador seu irmaõ deixou o Imperio, e muitos
„ Reynos ao Principe seu filho mancebo sem ex-
„ periencia, e notado o Principe de muita affei-
„ çaõ, que tinha a muitas mulheres; porque fez
„ muito, e faz hoje em dia; e o Emperador sem
„ ter mais conta, que com a sua alma, se reco-
„ lheo em differente parte das que V. A. tem para
„ fazer o mesmo, tendo mais obrigaçaõ para isso.
„ Agora se entende, que naõ se arredou V. A.
„ delRey senaõ por alguma paixaõ particular,
„ porque se fora sómente por lhe parecer, que he
„ mal governado o Reyno, e por naõ querer ca-
„ sar ElRey, e pelo que cumpre à vida, e sau-
„ de sua, e seu Estado, e pelo bem commum,
„ e porque se aconselha com alguma gente, que
„ lhe naõ convém, posto que seja a mayor par-
„ te della a que V. A. lhe deixou, fizera o que
„ faz a Rainha de França com ElRey seu filho,
„ que trazendo tantas guerras, e posto em tan-
„ tos perigos com Lutheranos, traz alguns desta
„ liga no seu Conselho, e dissimula, porque as-
„ sim lhe convém. O mesmo podera V. A. fazer
„ se se metera com alguns do Conselho delRey

„ ſeu neto, e atalhara muitas couſas de que ſe po-
„ dem ſeguir muitos males, e damnos, os quaes
„ accreſcenta com ſe querer ir ſem conſelho, ten-
„ do muita obrigaçaõ a pedillo, e tomallo de mui-
„ tos, que tem feito a V. A. muitos ſerviços com
„ muito amor, e lealdade, e deſta maneira po-
„ dera V. A. melhor curar o deſcontentamento
„ que tem, mas apartarſe V. A. deſtas obriga-
„ ções, e irſe para Caſtella, donde ha quarenta
„ e ſeis annos que veyo muito moça, e para on-
„ de ſua filha naõ viveo contente os dias que vi-
„ veo, e o filho que pario, morreo em prizaõ co-
„ mo Deos ſabe, e a Princeza, que lá eſtá he
„ mãy delRey noſſo Senhor, a qual nunca teve
„ a V. A. por amiga, e mais agora por reſpeito
„ de ſeu filho, parece deſatino.

„ Pois, Senhora, ſe V. A. quizer fazer mer-
„ ce do que leva deſtes Reynos às peſſoas, que
„ por iſſo haõ de eſperar, e que volo haõ de pe-
„ dir, virá V. A. a pedir eſmola muito depreſſa,
„ como fez outra Rainha, que lá foy com mais
„ juſta cauſa, ſendo ſua filha Rainha de Caſtella,
„ e ſe V. A. naõ quizer ſer larga neſtas merces,
„ porque haõ de eſperar, gente he taõ ſolta, que
„ lhe faraõ deſprezos, e deſcortezias.

„ Erro taõ claro como V. A. quer fazer taõ
„ ſem razaõ, deve de cuidar que he caſtigo de
„ Deos, que os Reys da terra naõ podem caſti-
„ gar, e por iſſo póde ſer que ordene Deos, que

„ V. A.

„ V. A. ponha a ſentença contra ſi, e ſeja a execu-
„ tora della com pregaõ, que a deſnaturaliza dos
„ ſeus verdadeiros, e leaes vaſſallos, que com tan-
„ to amor a tem ſervido, e obedecido. Lembre-
„ ſe tambem V. A. que em comparaçaõ dos luga-
„ res, que quer deixar em Portugal, em que pó-
„ de viver, e morrer quietamente, com muita eſ-
„ perança de ſua ſalvaçaõ, naõ ſe póde pôr em
„ nenhum em Caſtella, que lhe naõ pareça S.
„ Thomé, ou a Ilha de Santa Helena, e que pa-
„ ra a ſalvaçaõ muito mais perigoſos.

„ Deve-ſe V. A. de lembrar, que queren-
„ do-ſe a Infanta D. Maria ir para Caſtella, onde
„ eſtava a Rainha ſua mãy, e taõ eſcandalizada
„ delRey, que Deos haja, e de V. A. por ſer
„ mais licito caſarem-na com o Principe de Caſ-
„ tella, que a ſua filha pelo bem, e ſegurança
„ deſtes Reynos, e por outras cauſas ſemelhan-
„ tes, que depois aconteceraõ, a que lhe naõ acu-
„ diraõ como deveraõ, quaõ pezaroſo ficou El-
„ Rey, que Deos haja, com ſua ida, e quantas
„ couſas lhe offerecia porque ſe naõ foſſe. Mor-
„ reo ElRey, foy-ſe ella ver com ſua mãy, e por
„ mais que com ella trabalhaſſe pela fazer ficar em
„ ſua companhia, offerecendo-ſe a darlhe logo tu-
„ do o que tinha, que era muito, e que ſe naõ
„ ficaſſe, que podia perder tudo; quiz antes eſ-
„ ta excellente Princeza aventurarſe a perder o
„ amor de ſua mãy, e ſuas riquezas, que deixar

„ o Reyno no estado em que estava; e por sa-
„ ber quanto todos o sentiaõ foy, e veyo sem re-
„ ceber por isso outro premio; e por isso foy re-
„ cebida nesta terra com *Te Deum laudamus*. En-
„ tendo que muito mais sentimento se fará, se se
„ V. A. for, e muito mais louvores lhe daraõ, sẽ
„ ficar.

„ Pelo amor de Deos, que converta V. A.
„ sua paixaõ, e cegueira em lhe pedir misericor-
„ dia, e perdaõ dos peccados, que disto podem
„ ser causa, para que a livre das trevoas, e escu-
„ ridaõ em que está, para que naõ perca em hu-
„ ma hora alma, vida, e honra, apressada com
„ muitos trabalhos, e naõ dê authoridade a pes-
„ soas, de que se deve guardar, e benzer, como
„ dos diabos, e naõ aventure a sua virtude por
„ quem a naõ tem, nem a sua consciencia, e ani-
„ mo livre, pelos que tem os seus cativos de
„ odios, e vicios, e a sua nenhuma cobiça pelos
„ sobejamente cubiçosos, e o seu zelo de justiça,
„ pelos que a naõ fazem, e a sua humildade pe-
„ la soberba, ingratidaõ, e malicia destes lhe naõ
„ façaõ perder tanta cousa em tempo para aceitar
„ tudo.

„ Lembre-se V. A. que pelo conselho des-
„ ta gente, parece que mandou vir a este Reyno
„ o Duque de Feria, com as mais cousas, que
„ a isto precederaõ, que foy taõ ignominiosa vin-
„ da para ElRey nosso Senhor, que em nenhum
„ tem-

„ tempo se lerá nas Chronicas de Portugal, e „ Castella, que se naõ tenha pela mayor offensa, „ a que se nisso fez a esta Coroa, que a tomada „ da Ilha da Madeira; escrevendo-se primeiro de „ Castella a este Reyno, que trazia varas para „ açoutar estes niños em Portugal, e o fruto que „ V. A. disto tirou, foy ficarem no despacho Pe- „ dro de Alcaçova, D. Francisco de Faro, e o „ Bispo D. Juliaõ.

„ ElRey nosso Senhor muitas occasioens „ teve na criaçaõ, que V. A. lhe deu, para po- „ der fazer muitos desconcertos, e a Deos aprou- „ ve de o livrar delles, e os que lhe poem arre- „ darse das Damas, a quem era muito affeiçoa- „ do em menino, naõ entendem o perigo, que „ sua consciencia, e honra de seus vassallos cor- „ riaõ, e V. A. sabe quanto custou a ElRey seu „ avô, e a seu Estado, a que fez por este respei- „ to, sendo casado com V. A. a quem todas as „ perfeições do Mundo sobejavaõ; e V. A. so- „ freo com muita prudencia, e bom conselho, e „ por isso venceo seu marido demasiadamente en- „ tregue a seus privados. Ora veja V. A. quan- „ to mais facil fora vencer o animo de seu neto, „ taõ desejoso de acertar, e de fazer justiça, e „ com tamanho animo para accrescentar seu Es- „ tado, e desvelado por isso, e que todo o exer- „ cicio, que faz, he a este fim, e que todas as „ merces, que faz, lhe parecem pequenas, e

„ naõ

„ naõ ſente ſer pobre, ſenaõ pelas naõ poder fazer
„ grandes, e ſe as naõ faz, he porque lho eſtro-
„ vaõ, porque elle ſempre para iſſo tem vonta-
„ de, amigo dos nobres, e Cavalleiros. Outra
„ culpa ſe dá a V. A. muito grande, que he
„ quando fracamente reſiſtio a ElRey noſſo Se-
„ nhor, que naõ largaſſe a juriſdicçaõ da Coroa,
„ e que naõ uſaſſe de motu proprio das Commen-
„ das, ſabendo que nenhuma deſtas couſas quiz
„ ElRey de Caſtella conceder, mas antes dizem
„ que o Papa lhe concedeo de novo muito gran-
„ des rendas da Igreja, e ſabendo nós, que diz
„ o Papa, que o das Commendas fez a requeri-
„ mento do Cardeal, e dos Padres da Compa-
„ nhia. O Cardeal pelos deſejos, que tem de
„ ſer Papa, e os Padres da Companhia para naõ
„ entenderem os Papas as ſuas demaſiadas cubi-
„ ças, e poder. Se V. A. ſe puzera a defender
„ eſtas couſas, e as devaſſar, foraõ por outra or-
„ dem, livrara a ElRey ſeu neto de muitos tra-
„ balhos, neceſſidades, e eſcandalos, e houvera
„ miſter pouca força, ſegundo elle he bem incli-
„ nado; e deſta maneira ſe canoniſara V. A. ſe
„ quizera ficar no ſeu canto, e naõ ſeguir ſua pai-
„ xaõ indo-ſe deſta terra, e apartando-ſe da ſe-
„ pultura de ſeu bom Rey, e marido, e filhos,
„ aonde por razaõ ſe deve de enterrar, quando
„ a Deos aprouver, e cuidar agora onde ſe pó-
„ de agazalhar, e enterrar fóra deſtes Reynos.

„ E

„ E por remate lembro, que pede V. A.
„ conta a ElRey ſeu neto, que vay em dezoito
„ annos de governo, em que o deixou, e que
„ vo-la poderá elle pedir, e ao Cardeal mais li-
„ citamente, de que ſe pedio ao Infante D. Pe-
„ dro, mas elle he tal, que lhe naõ póde nin-
„ guem fazer mór offenſa, que trazerlhe iſto à
„ memoria, nem mór ſerviço, que affirmarem-
„ lhe, que o naõ quer V. A. deixar.

CAPITULO II.

Eſcreve S. Pio V. à Rainha D. Catharina, diſſuadindo-a da partida para Caſtella, a cuja determinaçaõ adverte ao noſſo Principe, ſe opponha como prejudicial à ſua Coroa; e ſe relataõ outras noticias concernentes a eſte negocio.

6 CHegando aos ouvidos do Summo Pontifice S. Pio V. a deliberaçaõ da Rainha D. Catharina, com que deixando Portugal ſe retirava para Caſtella, como zelaſſe os intereſſes deſta Coroa, com paternal affecto a exhortou efficazmente a deſiſtir de hum intento, que era muito prejudicial a eſta Coroa, ſendo as clauſulas, de que ſe formava eſta exhortaçaõ as ſeguintes. 1571

Eſcreve S. Pio V. à Rainha D. Catharina.

„ Hija nueſtra en Chriſto chariſſima, ſalud,
„ y apoſtolica bendicion. Nò poderiamos facil-
„ mente

„ mente acabar de explicar con palavras, quan-
„ ta admiracion, y juntamente dolor nos causa lo
„ que estos dias passados entendimos, que V. Mag.
„ tratava de apartarse de sus Reynos, e irse pa-
„ ra Castilla, principalmente porque entendido
„ tenemos averse assentado intimamente en el co-
„ raçon de V. Mag. alguna molestia, que hà re-
„ cebido de las cosas desse Reyno, que se hà for-
„ çado a tener esse animo, y parecer, porque se
„ esto assi nò fuera en ninguna manera pensamos
„ ser possible, que V. Mag. en edad yà quasi aca-
„ bada se quiziesse apartar dessas partes, en las
„ quales por tanto tiempo hà tenido entera, y fir-
„ me salud, y desamparar los pueblos, de que con
„ tanto servicio de amor, y reverencia ansi es ama-
„ da, y reverenciada, que en ninguna parte po-
„ dria ser tratada con mas reverencia, y amor,
„ y lo que de todas las cosas es lo principal desem-
„ parar aquiel nieto, o por mejor dizir hijo cha-
„ rissimo, en cuya compañia devia consolar, y
„ ablandar todas las perturbaciones, y las inco-
„ modidades, que la vejez suele padecer. Yerra
„ por cierto V. Mag. grandemente si piensa po-
„ der sofrir tal apartamiento, y ausencia del Se-
„ renissimo Rey su nieto, y por ella criado sin
„ gran detrimiento de la salud, y perturbacion,
„ y molestia del coraçon, para lo qual con el ma-
„ yor afecto de nuestro animo, que podemos,
„ rogamos en el Señor a V. Mag. que si las cosas,
„ con

„ con que es compelida a tomar tal consejo, son
„ de qualidad, que Nós podamos darle alguna
„ medecina, y remedio, nò las quiera azer saber
„ persuadindo-se por cierto, que ninguna de aque-
„ llas cosas dexaremos de azer, y que buscaremos
„ poder satisfazer al dezeo, y voluntad de V. Mag.
„ Pero en el entretanto exhortamos en gran ma-
„ nera en el mismo Señor a V. Mag. y por nues-
„ tro Redemptor le rogamos, que deponga, y
„ lance de si todo consejo, y voluntad de su par-
„ tida, y camino por ser llenissimo de muchos pe-
„ ligros, y danos, los quales màs queremos de-
„ xarlos a su prudencia para que los considere,
„ que confiarlos de Cartas. Ciertamente en nin-
„ guna manera podremos callar esto, que V. Mag.
„ deve pensar, que su consejo, authoridad, y
„ presencia es a esse Reyno muy necessaria entre
„ tanto que el Serenissimo Rey su nieto està en
„ edad tan dispuesta a mudarse, y que nò pueda
„ V. Mag. sin grande offensa de Dios Omnipo-
„ tente dexarlo desnudo de su ayuda, y consejo.
„ A estas justissimas, y honestissimas causas se
„ allega tambien otra, la qual nò solamente por
„ nuestra paternal benevolencia para V. Mag. mas
„ tambien por la reverencia, que tiene para Nós,
„ y para esta Santa Sede Apostolica deve tener
„ àcerca de V. Mag. nò pequeño pezo. Que si
„ V. Mag. condeciendendo, como es justo a
„ nuestras paternales admonestaciones, y exorta-

„ ciones dexado el parecer de irſe, perſeverare „ como haſta ora hizo, y ayudare con ſu conſejo „ a eſſe Sereniſſimo Rey ſu nieto, y favoreciere „ con ſu preſencia a eſſe pueblo amiciſſimo de ſu „ ſervicio, nos recebieramos dello gran alegria en „ el Señor, y V. Mag. alcançara de Dios deſte „ ſu tan pio, y provechoſo trabajo premio de la „ eterna Bienaventurança, y con tal reconocimi- „ ento de devocion, y obediencia para Nós eſta- „ remos ſiempre aparejados a reſponder con todos „ los officios, y demonſtraciones de nueſtra pater- „ nal voluntad, que a V. Mag. pudieramos dar „ con la ayuda del Señor. Dada en Roma acer- „ ca de S. Pedro al primero de Mayo de 1571 de „ nueſtro Pontificado año ſexto.

Eſcreve S. Pio V. a ElRey D. Sebaſtiaõ àcerca da partida para Caſtella da Rainha D. Catharina.

7 Naõ ſatisfeito o zelo do Summo Paſtor com as efficazes razões eſcritas à Rainha D. Catharina para naõ executar a auſencia deſte Reyno para o de Caſtella, eſcreveo a ſeu neto com igual efficacia perſuadindo-o em naõ conſentir na determinaçaõ de ſua avó pois della ſe ſeguiriaõ fataes conſequencias à ſua Real Peſſoa, e a todo o Reyno de Portugal, e que concluiſſe com ſumma brevidade o ſeu caſamento com a Infanta de França, por ſer digniſſima para o tal conſorcio. O Breve conſtava das clauſulas ſeguintes.

„ Chariſſime in Chriſto Fili noſter, ſalutem, „ & Apoſtolicam benedictionem. Cum dilectus „ Filius

„ Filius Majestatis Tuæ apud nos Orator superio-
„ ribus diebus nobis exposuisset charissimam in
„ Christo Filiam nostram Portugalliæ Reginam
„ ejusdem Tuæ Majestatis aviam de suo ex isto
„ Regno discessu, atque in Hispaniam professio-
„ ne cogitare; adjecissetque etiam Serenissimum
„ Regem Catholicum ei ipsi Amitæ suæ volun-
„ tat cogitationique vehementer favere; deque
„ eo negotio ad Majestatem Tuam scripsisse; in-
„ credibile est, quantam ex ea re animi moles-
„ tiam, doloremque acceperimus. Intelligimus
„ namque propter summam in rebus istius Reg-
„ ni gubernandis ipsius prudentiam, & experien-
„ tiam, magnum illius discessu Majestati Tuæ,
„ Regnoque suo detrimentum illatum iri; peri-
„ culosumque esse, nè ex ejusmodi professione
„ multa accidant, quæ nollemus; quæque non
„ minus sibi, quàm nobis molesta essent futura.
„ Quibus justissimis causis illa quoque accedit,
„ quòd ne ipsa quidem Majestas Tua æquo ani-
„ mo, ac sine magno dolore caritura est aspectu,
„ & consuetudine charissimæ aviæ, nutricisque
„ tuæ, quæ ob eam quoque causam parentis lo-
„ cum apud ipsam obtinere, & ab se magna pie-
„ tate, reverentiáquæ coli debet; quòd Majesta-
„ tis Tuæ non solùm educandæ, sed etiam Re-
„ giis moribus, virtutibusque instituendæ laborem
„ magna ex parte pertulit. Quocirca Majestatem
„ Tuam in Domino vehementer hortamur, ut ad

„ ea officia , quibus ſponte ſua antehac functa
„ eſt , ut illam ab ejuſmodi conſilio , menteque
„ revocaret , noſtra cauſa alia poſthac adjiciat ,
„ quæcumque ad eam iſto Regno retinendam uti-
„ lia , accommodataque eſſe judicaverit. Quod
„ quidem Majeſtas Tua ea potiſſimùm ratione ef-
„ ficere poterit , ſi ſingularem quemdam amorem,
„ reverentiam , gratique animi memoriam ab il-
„ lius in ſe beneficia ſuſcepta illi declarabit , ſi in
„ omnibus actionibus ſuis , tum privatis , tum pu-
„ blicis præ ſe tulerit , illius conſilia , opinioneſ-
„ que omnes magni apud ſe ponderis eſſe ; quan-
„ do nemo præter eam alius Majeſtati Tuæ , aut
„ fideliora , aut amantiora conſilia dare poſſe exiſ-
„ timandus eſt ; ſi denique , ut illi obſequatur ,
„ præter eam moremque gerat , præſertim in ex-
„ tremo vitæ ſuæ curriculo jam conſtitutæ , non-
„ numquam de propriæ voluntatis ſtudio aliquid
„ remittendum , & multa contra animi ſui ſen-
„ ſum agenda eſſe decreverit. Quæ ſi Majeſtas
„ Tua fecerit , præpterquamquod pro certo ha-
„ bemus illam nihil tibi ſuper manſione ſua peten-
„ ti negaturam , Nos ipſi præterea maximam ex
„ ea re lætitiam in Domino ſumus accepturi. Ju-
„ dicamus enim talem Sereniſſimæ Reginæ aviæ
„ tuæ tractandæ rationem non ſolùm officio , exiſ-
„ timationi , gloriæque tuæ vehementer conve-
„ nire , ſed etiam tuorum Regnorum quieti , ac
„ tranquillitati eſſe utiliſſimam ; & quoniam hæc
„ nobis

„ nobis ad Majeſtatem Tuam ſcribendi occaſio
„ ſemel eſt oblata, nè illud quidem in præſentia
„ prætermittere voluimus Nos, poſteaquam dile-
„ ctus filius, Aloiſius de Torres ex iſto Regno re-
„ verſus eſt, idcirco nihil de ſuo cum chariſſimi
„ Regis ſorore matrimonio ad ipſam ſcripſiſſe,
„ quia juſtis de cauſis nobis viſa eſt Majeſtas Tua
„ ab ejuſmodi negotio tam citò concludendo ab-
„ ſtinuiſſe. Verumtamen illud, quod nullo mo-
„ do diſſimulare debemus, Majeſtatem quoque
„ Tuam meminiſſe volumus, ejus ipſius matrimo-
„ nii celerem concluſionem magnam nobis in Do-
„ mino lætitiam eſſe allaturam. In quam quidem
„ ſententiam non ſolùm eiſdem cauſis impellimur,
„ de quibus antea ad Majeſtatem Tuam ſcripſi-
„ mus, ſed etiam quia eam virginem eximia pie-
„ tate præditam, & omni virtutum genere præ-
„ ſtantiſſimam intelleximus, non ſolùm ex ordi-
„ nariis Nuntiis, Miniſtriſque noſtris, quos in eo
„ Regno jam diu habemus, ſed etiam ex his,
„ quos illuc dedita operâ ad hoc inveſtigandum
„ miſimus. Quod ad Majeſtatem Tuam ſcribere
„ voluimus, non ſolùm ut ſcire nobis in tali ne-
„ gotio ea curæ fuiſſe, quæ eſſe debuerunt, ſed
„ etiam ut intelligeret nobis ob noſtram erga Ma-
„ jeſtatem Tuam paternam benevolentiam gratiſ-
„ ſimum futurum, talem conjugem ſibi potiſſi-
„ mum, quemadmodum optamus, contigiſſe.
„ Datum Romæ apud Sanctum Petrum ſub An-
„ nulo

„ nulo Piscatoris die prima Maii M.D.LXXI.
„ Pontificatus nostri anno sexto.

T. Aldobrandinus.

8 Foy taõ efficaz esta exhortaçaõ dictada pelo Apostolico zelo do Summo Pastor, que promptamente moveo a D. Sebastiaõ, para que partindo de Almeirim, onde assistia, viesse juntamente com o Cardeal D. Henrique visitar a sua avó, à qual com affectuosas expressoens dissuadio da jornada, que intentava; porém ella obstinadamente resoluta lhe respondeo, que este negocio dependia do beneplacito de Filippe Prudente, o qual por seu Embaixador D. Joaõ de Borja naõ cessava de promover a partida de sua tia, insinuando-lhe, que viesse habitar na Villa de Ocaña, situada no Reyno de Toledo, por ser saudavel pelo clima, e abundante de todo o genero de mantimentos, devendo derigir a jornada pelo Santuario de Guadalupe. D. Sebastiaõ representou a Filippe por D. Duarte de Castellobranco, Embaixador neste tempo na Corte de Madrid, que naõ era conveniente à sua Real Pessoa a ausencia da Rainha D. Catharina, quando necessitava para a direcçaõ das suas acções a assistencia de huma taõ prudente Heroina. Para lhe conciliar a vontade naõ havia genero algum de obsequio, que com ella naõ practicasse, pertendendo, que se esquecesse das discordias, de que

Naõ consente D. Sebastiaõ, que a Rainha se ausente para Castella.

que tinha ſido ingrato author. Atrahida eſta Princeza das inſtancias, com que ſeu neto ſolicitava impedir a ſua ſeparaçaõ, cedeo da contumacia, em que perſiſtia de ſe auſentar deſte Reyno, e com mais lagrymas, que vozes, rogou a D. Sebaſtiaõ, que para tranquillidade do animo, e recta adminiſtraçaõ da juſtiça, ſe apartaſſe de alguns Miniſtros, que com pretexto de zeloſos tyranizavaõ a Monarchia; que naõ continuaſſe em diſcorrer pelo Reyno com manifeſto perigo da vida; e que para evitar outros apetites, em que ſe perdia a ſaude da alma, e do corpo, ſe reſolveſſe a caſar, para firmemente eſtabelecer a Coroa herdada de ſeus Mayores. A eſta ultima advertencia reſpondeo D. Sebaſtiaõ, que como Sua Alteza poſſuia as terras, que eraõ patrimonio das Rainhas, naõ tinha rendas para comoda ſuſtentaçaõ de ſua eſpoſa, o que poderia executar ſe Sua Alteza ſe recolheſſe no Moſteiro da Madre de Deos, de Religioſas Franciſcanas, ſituado fóra dos muros de Lisboa. Tanto era o affecto, e ardente o deſejo, com que a Rainha queria ver eſtabelecida a ſucceſſaõ da Coroa com o caſamento de ſeu neto, que eſteve reſoluta a aceitar a condiçaõ propoſta de largar o ſeculo pelo Clauſtro, a qual foy impedida pela ſagaz politica de Filippe Prudente, de que foy interprete o Padre Miguel de Torres, Confeſſor da Rainha, que lhe aconſelhou fundar hum Convento recoleto,

Advertencias ſaudaveis, que a Rainha deu a ſeu neto.

leto, junto do Real Mosteiro de Belem, onde jazia sepultado seu real consorte, e nelle recolhida à imitaçaõ de seu irmaõ o Emperador Carlos V. acabasse em santo ocio os ultimos dias da sua vida. Dissimulou a Rainha prudentemente este arbitrio do Padre Torres, o qual pedindo-lhe licença para ir a Coimbra, lha concedeo com ordem de ficar naquella Cidade, pois tinha eleito por seu Confessor ao Mestre Fr. Francisco de Bovadilha, da Illustrissima Ordem dos Prégadores. Era este insigne Varaõ illustre por nascimento, como filho de D. Pedrarias Davila, Governador da Terra Firme do Perû, e D. Isabel de Bovadilha, filha de Francisco Fernandes de Bovadilha, Senhor de Pinos, e Bees, e sobrinho de D. Joaõ Arias de Avila, quarto Senhor, e primeiro Conde de Punhon-Rostro, e muito mais por virtudes, e letras, que o constituiraõ duas vezes Provincial desta Provincia de Portugal. A causa motora desta resoluçaõ foy querer a Rainha evitar as murmurações de todo o Reyno, de que sendo seu Confessor o Padre Torres, de seu neto o Padre Luiz Gonçalves da Camera, e do Cardeal D. Henrique o Padre Leaõ Henriques, todos tres Jesuitas, vivessem os Confessores taõ unidos, e os Confessados taõ discordes.

Elege por seu Confessor a Rainha a Fr. Francisco de Bovadilha Dominico.

Sousa *Agiolog. Lusitan.* Tom. 4. pag. 183. col. 2.

Telles *Chron. da Companhia de Jesus de Portug.* Part. 2. liv. 6. cap. 48. num. 2.

CAPI-

CAPITULO III.

Informa occultamente a Rainha D. Catharina a Filippe Prudente do miseravel estado a que estava reduzido o Reyno pela cavilosa politica de alguns Ministros, donde se originava a aversaõ, que lhe mostrava seu Neto, e declara os remedios por onde se deve atalhar taõ prejudicial damno.

9 OBrigada a Rainha D. Catharina dos estimulos da sua timorata consciencia, e juntamente do geral escandalo causado pela uniaõ dos dous irmãos Martim Gonçalves da Camera, e o Padre Luiz Gonçalves da Camera, com que se conservavaõ no valimento delRey, mandou a D. Joaõ de Borja, Embaixador de Castella nesta Corte, para que partindo com brevidade informasse a Filippe Prudente com as instrucções, que lhe dava, esperando da sua poderosa authoridade impedisse o progresso de taõ graves damnos, que padecia este Reyno, dos quaes tambem informava ao Cardeal Alexandrino, Legado do Papa, e a S. Francisco de Borja, Geral da Companhia de JESUS, que com elle vinha, para que chegando a esta Corte se empenhassem em o remedio de hum mal taõ pernicioso, que parecia incuravel. A Instrucçaõ para ElRey de 1571

Castella era a seguinte, escrita a 4 de Outubro deste anno de 1571.

Instrucçaõ da Rainha D. Catharina para Filippe Prudente.

„ Lo que haveis de dizir al Señor Rey mi „ hijo es lo seguiente, que yo roguè al Embaxa- „ dor de S. A. quiziesse tomar este trabajo deste „ camino para por el poder comunicar a S. A. „ las cosas, que me parecen necessarias para las „ que se tratan del servicio de Dios, y del Rey „ mi nieto, y del bien desta tierra, con las mas, „ que tocan a lo que es necessario para mi cami- „ no, porque por Cartas nò se pueden tan par- „ ticularmente especificar, y que por los papeles, „ que S. A. allà tiene vistos, y yo è embiado „ ternà entendido las causas, que yo apuntè al „ Señor Rey mi nieto, que me movian a esta ida, „ y que para el estado en que oy todo està, pa- „ rece que se sufrirà tratar de las principales, pues „ es el Embaxador el que và de quien yo tengo „ tanta razon de confiar, y de las mas que S. A. „ mandare, podra escoger de las que allà tiene, el „ primero es el casamiento del Señor Rey mi nie- „ to, en el qual le hè hablado muchas vezes, y „ pedido con toda la instancia, que he podido, „ lo quiera efectuar. Tratese tambien con el en „ lo que cumple para su salud en lo qual parece „ que tiene alguna emienda. En los peligros de „ su persona assi por mar, como por tierra, en que „ por diversas maneras se pone en ellos, arriscando- „ se tanto contra lo que todos avemos menester,

„ y en

„ y en esto nò se ha puesto el remedio que con-
„ viene a la authoridad de su dignidad, y estado,
„ y en esto nò ay sinò muy poca emienda, o
„ por mejor dizir ninguna. Pedile, que adqui-
„ riesse la benevolencia de sus vassallos, que es
„ la cosa de que mas necessidad tienen los Reys
„ deste Reyno, y con que mas los vassallos se
„ contentan, y con que se pagan por sus servi-
„ cios, y con que mas se animan a hazerlos.
„ Lembrèle quan cautivo estava de las personas
„ a quien se sugeta, y el escandalo que con esto
„ dava, y de los desordenes, que daqui nacian,
„ assi por lo que tocava a su real persona, como
„ por nò ser personas, que tengan professìon, ni
„ partes para el lugar que tienen; y quanto a es-
„ to cada dia se sugeta màs a ellas, y mas se de-
„ xa apoderar dellos; en lo que toca a mi nò tra-
„ to, porque de màs de estar olvidada de mi en
„ esta parte, especialmente que teniendo yo a
„ S. A. nò tengo, que tener cuidado de mi, por-
„ que sè que lo que toca a mi authoridad, y to-
„ do lo mas tiene a su cuenta como propria cosa
„ suya. Y pues en estas cosas nò se hà puesto re-
„ medio, lo que S. A. deve atender, es ver si con
„ la venida del Legado se han de remediar, ò a lo
„ menos las principales, y que màs importan al
„ bien universal de todos, porque segun lo que se
„ entendiere, assi parece que deve S. A. disponer
„ de mi; y sepa que en todas estas cosas, como

„ el Embaxador le dirá, si ElRey estuviesse en „ su libertad, y le dexassen abrir los ojos, ni le „ faltaria entendimiento, ni condicion, ni volun- „ tad para hazerlo todo muy bien, y si nò lo haze, „ es por nò ayudarlo.

„ Conviene que S. Mag. entienda estar las „ cosas delRey su sobrino, y de sus Reynos en „ tales terminos, que si en esta conjuncion nò se „ les dà remedio, los males iran cada dia en cre- „ cimiento, y estè muy persuadido, que ningu- „ na persona tiene tanta obligacion a procurar es- „ te remedio como el; que nadie es poderoso pa- „ ra darlo sinò el, y que en el tienen puestas las „ esperanças los moradores destes Reynos; y que „ es cosa dignissima de su grandeza remediar un „ Rey moço, que muchas vezes confiessa tener „ por hijo, y que nò deve parecer, ni ser bien „ haver puesto tanto caudal con deseo de su re- „ medio, si aora al tiempo de ponerse en efecto, „ se quedase sin el, haviendo entendido en que „ consiste el principal daño, y teniendo poder pa- „ ra evitallo. Por lo qual aquellas cosas, que se „ le representaren, que son de alguna utilidad, „ deve con su auctoridad hazer, que se pongan „ en execucion, y responder a las esperanças, que „ en el estan puestas, y cumplir con lo que deve „ a quien es, y al lugar, que Dios le diò en la „ tierra, y al amor que dize tener al Rey, y al „ beneficio de sus Reynos, sin pensar, que puede

„ haver

„ haver con que ſe le pueda impedir; y que deſ-
„ pues de efectuado le pueda dar alguna pena.
„ Nò es tiempo de blanduras; ni tienen los ſu-
„ getos diſpoſicion, ni los males eſtan en eſtado
„ para con ellas eſperar yà remedio; neceſſario es
„ hierro, y cauterio; y que ſe entienda en el
„ mundo que S. Mag. lo tiene en ſu mano para
„ curar lo que le pareciere; y que ſe vea que lo
„ aplica en la dolencia de un hijo, de quien ò
„ por ſu poca edad, o por haverlo demandado,
„ deve entender que es neceſſario uzar con el de
„ las medicinas que al parecer màs abomina, y
„ de que mas huye. La raiz deſte mal humor eſtà
„ nel Maeſtrò, que el es Confeſſor, y principal
„ Conſejero, y obliga como Confeſſor a que ſe
„ execute lo que enſeña, y aconſeja: que coſa
„ puede haver màs facil a S. Mag. que quitar eſte
„ hombre deſte lugar con la mano de ſu Superior,
„ ſi el mueſtra querello, y que tiene razon para
„ quererlo, nò le an de reſiſtir, ni el Maeſtro ha
„ de reſiſtir a lo que el Superior le mandare. Ha-
„ viendoſe de hazer eſto, por mejor conſejo ter-
„ nia mandarle llamar dende Caſtilla con titulo
„ que el, y el Legado ſe quieren informar de los
„ negocios delRey, y del Reyno, pues es la per-
„ ſona que mas intelligencia ternà dellos, y de
„ quien ſe deven informar para proceder en ellos
„ conforme a lo que Su Santidad les mandò. El
„ dia que eſta nueva ſonare en Portugal, ſe albo-
„ rotarà

„ rotarà con nuevas eſperanças de ſer remediado;
„ y los animos de aquellos que deſean remedio ſe
„ esforçaran; y por lo contrario ſe enflaqueceran
„ los de los favorecedores deſtos daños faltando-
„ les el Capitan, y el machinador, y inventor de
„ novedades, y de todas eſtas deſinquietaciones;
„ y con eſto hallaran el Illuſtriſſimo Legado, y
„ Reverendiſſimo General mas diſpueſta la mate-
„ ria para la obra que quieren hazer, ſi S. Mag.
„ quiere que la hagan.

„ Eſtando el Maeſtro en Caſtilla, y havien-
„ dole dado a entender (y aun que nò lo entien-
„ da) ſer el y ſu hermano auctores deſta perdicion
„ podrianlo obligar a que avizaſſe al hermano, que
„ ſe apartaſſe del miniſterio en que eſtà, porque
„ ſabe eſtar animado Su Santidad, y ſu Legado
„ para poner remedio en ello (por la informacion
„ que tiene de ſu modo de proceder) quando el
„ nò lo huviera remediado. Toda la dificultad
„ eſtà en la repugnancia del Rey, y en el deſguſ-
„ to que recibirà, y en lo que ſe puede temer,
„ que de ſu diſguſto puede reſultar. Mas quien
„ es padre nò repara en la repugnancia del hijo
„ moço, y que mal entiende en las coſas, que ſa-
„ be, y tanto quanto màs repugna, y nò ſe dexa
„ llevar de la razon, tanto conviene proceder con
„ mas violencia, en la qual nò ſe puede temer
„ peligro, pues toda la republica, y diverſos eſ-
„ tados della quieren eſto, como a principal re-
„ medio

„ medio de ſu perdicion, y an de perſuadir al Rey
„ que entienda haverle ſido neceſſario, lo qual
„ nò ſerà dificultoſo de darſelo a entender, ſi ſe le
„ declarare el miſerable cautiverio en que eſtà
„ pueſto; de donde puede reſultar, que le ſea
„ guſtoſo, lo que aora parece, que le darà pe-
„ ſadumbre. En lo que puede adelante ſuce-
„ der, nada ay que temer, porque la grandeza de
„ S. Mag. confiança ha de tener para ſufrir a un
„ ſobrino daquella edad, que diga que nò quiere
„ ſer ſu amigo por las obras de tanta amiſtad, que
„ le haze; quanto màs; que eſtos hombres ſon
„ de cuyo entendimiento hà ſalido perſuadir al
„ Rey que ſu poder puede reſiſtir, y ofender al
„ de todos, mas quitando eſtos hombres, todos
„ los que tienen juizio tratan de quan provecho-
„ ſa, y quan neceſſaria es la amiſtad del Rey ſu
„ tio, y le moſtraran haverle echo obra de gran-
„ de amor, en querer que ſea Rey, y quite el eſ-
„ candalo, que por eſtos hombres recibe ſu Rey-
„ no; y de màs deſto ha le traido Dios a las ma-
„ nos los inſtrumentos con que eſto ſe ha de execu-
„ tar, que ſon el Illuſtriſſimo Legado, y el Re-
„ verendiſſimo General, que por comiſion de S.
„ Santidad viendo la importancia deſtas coſas, y
„ quanto ſe deve a la Mageſtad del Rey Catoli-
„ co, holgarà de complacerle en lo que tanta ra-
„ zon moſtrare deſear; y ſi nò pone eſte remedio
„ tan honroſo, aunque nò uviera otra razon,

„ ſi-

„ ſinò haverlo deſeado, y pedido la Reyna que „ llama madre, y Señora ſuya, podrà ſer juzga- „ do por remiſſo en una coſa en que de màs de „ lo que toca a la Reina, al Rey, y a eſta Re- „ publica es muy importante; y ſe S. Mag. quie- „ re acabar peſadumbres con llevar de aqui a S. A. „ ſin haver otra emienda en las coſas, deve ad- „ virtir, que yendoſe ella (como eſtà en la mano) „ empeyorandoſe, es impoſſible dexar de tener „ muy gran pezadumbre, y deſconſuelo, y aun „ remordimiento de conciencia por haver dexa- „ do la ocaſion de remedio, y haver buſcado por „ remedio lo que ſirve para mayor daño, y que- „ riendo S. Mag. abſolutamente llevar a S. A. (lo „ qual nò es aſſi, pues ſe entiende tener otros in- „ tentos ſu bondad) nò es bien llevarla en tiem- „ po, que và como vencida de los que le han „ ofendido, pues los dexa ſeñoreando el Reyno, „ y ella ſe và del viendo tal coſa, nò la deve per- „ mitir S. Mag. pues tan a ſu cargo eſtà eſta Se- „ ñora, y las coſas que convienen a ſu autoridad, „ con lo qual ſe podria mejor ir quando dexaſſe „ derribados los que a ella y al Rey ſu nieto han „ echo la traicion que ſabemos, y a todo el Rey- „ no han dado eſcandalo que vemos.

10 Naõ era menos cheya de advertencias importantes a inſtrucçaõ, que em nome da Rainha D. Catharina deu o ſeu Secretario Francisco Cano ao Embaixador D. Joaõ de Borja, para ſeu Vene-

Veneravel Pay S. Francisco de Borja, Geral naquelle tempo da Companhia de JESUS, o qual se estava esperando neste Reyno juntamente com o Cardeal Alexandrino. Constava a instrucçaõ das clausulas seguintes.

Instrucçaõ dirigida a S. Francisco de Borja em nome da Rainha D. Catharina.

„ Muy illustre Senhor. Lembre V. S. a sua „ Paternidade Reverendissima, que o Santo Pa-„ dre, ElRey Catholico, Roma, Italia, Hes-„ panha, e França, e todos os que sabem da sua „ vinda estaõ aguardando o fruto della, e sabem „ em que o póde haver, e que Portugal está sus-„ pirando por elle; e que toda a Christandade en-„ tende, que posto que juntamente venha o Le-„ gado de S. Santidade, o pezo do negocio car-„ rega sobre elle, assim pela authoridade, que jun-„ tamente tem com o Legado, como pela intel-„ ligencia, que tem das cousas de cá, como tam-„ bem porque o remedio de muitas dellas, don-„ de outras dependem, direitamente pertence a „ sua Paternidade Reverendissima. Trata-se de ti-„ rar muitas offensas de Deos de todos os Estados „ destes Reynos, e de consolar huma Republica „ Christãa escandalizada, e de desafrontar a gran-„ deza, e bondade de huma Rainha, qual esta „ Senhora he, e descativar hum Rey moço de „ muy boas esperanças. Trata-se de restituir o „ credito à Companhia de JESUS, e de sua parte „ naõ perder o Ceo, e de repayrar o proveito „ espiritual, que nas almas a Companhia costu-

„ mava fazer. Trata-se que o zelo de Sua Santi-
„ dade para as cousas dos Principes do povo Chris-
„ tão he proveitoso, e que a authoridade delRey
„ Catholico, para o que convém a ElRey, que
„ tem por filho, e consolação da Rainha, que
„ tem por mãy, he de muito momento; e de fa-
„ zer, que as diligencias de V. S. filho de sua Pa-
„ ternidade Reverendissima, e Embaixador de
„ S. Mag. e desejoso da quietação da Rainha naõ
„ sejaõ vãas.

„ Lembre-lhe V. S. quanto se deve guar-
„ dar das informações do Cardeal Infante, e de
„ suas palavras brandas, por quaõ suspeito he nes-
„ te negocio pela inimizade, que ha entre os mo-
„ radores deste Reyno, e elle pela pouca amisa-
„ de, que tem às cousas da Rainha, pela condi-
„ çaõ, que tem de querer sempre mandar pelo
„ que interessa em deixar estar as cousas como es-
„ taõ pelo modo de entendimento, que tem del-
„ las. O aviso de se naõ haver de admittir do Pa-
„ dre Luiz Gonçalves, nem de outros Padres,
„ ou pessoas de sua opiniaõ, sem lho V. S. lem-
„ brar, o terá sua Paternidade Reverendissima en-
„ tendido, pois haõ de procurar por todos os mo-
„ dos, que poderem, defender seu partido. Deve-
„ selhe advertir, que he tamanho o medo, que
„ tem todos a Luiz Gonçalves, e seu irmaõ, e
„ de cuidar, que seu senhorio ha de conservarse,
„ que apenas ha de haver quem lhe use ir fallar;
„ pelo

„ pelo que devia mandar chamar algumas pessoas
„ de zelo christaõ, a quem encarregue a consciencia
„ cia para lhe manifestarem o estado da terra, encarregando-se juntamente do segredo, porque
„ o temor de se saber lhes naõ faça encobrir a verdade, ou pedindo-lhes a informaçaõ por escrito, se assim parecer mais conveniente para o
„ segredo.

„ Muito advertido deve estar sua Paternidade Reverendissima, de que tem posto ElRey
„ em desconfiança, persuadindo-lhe, que he desautoridade sua virem de Roma ao açoutar como a menino, e darem-lhe ordem em suas causas, e que será afronta sua mudar algumas dellas; servirá o proceder com esta advertencia
„ para o tirar deste engano, mostrando-lhe, que
„ antes nisto ganha honra, e que isto naõ he sogeitallo, senaõ tirallo de huma afrontosa sogeiçaõ em que está, e porque está infamado em
„ todo o Mundo sem o elle sentir, e servirá também para apercebimento de se naõ deixar de fazer o que convém pelas mostras de desgosto,
„ que possa dar; pois quando entender que se trata do remedio delle, e de seu Reyno, terá o
„ agradecimento, que he razaõ ter a taõ grande
„ beneficio.

„ Entenda sua Paternidade Reverendissima,
„ que se approva este estado da Companhia ser
„ Cortezaõ, e continua na Casa, e Paço del-

„ Rey, e Governadora do Reyno, e outras
„ cousas com que muitas almas pias se offendem,
„ que ficará confirmada neste Estado, e sua Pa-
„ ternidade com perpetuo discredito será o con-
„ firmador, esperando de seu santo zelo, que fos-
„ se o Reformador, que restituisse esta parte da
„ sua Congregaçaõ à sua primeira Instituiçaõ.
„ Veja que segundo o espirito Evangelico nunca
„ danou o desprezo das cousas, que no Mundo
„ costumaõ ser estimadas, e querer conservarse
„ nellas com perdas taõ grandes como saõ as das
„ almas deste Reyno, e da consolaçaõ, e quieta-
„ çaõ delles, he cousa por extremo contraria ao
„ Instituto apostolico da Companhia, e os que
„ fingem naõ sey que fins para defensaõ deste mo-
„ do de viver; pois trataõ de se conservar em va-
„ lia, e mando temporal, bem clara tem a sus-
„ peita contra si.

„ Esteja sua Paternidade Reverendissima
„ muito firme em que males taõ arreigados que-
„ rem rigor, e efficacia no que se houver de fazer
„ para seu remedio, e que a experiencia tem mos-
„ trado naõ se dever fiar de palavras, e promes-
„ sas, posto que sejaõ de pessoas de sangue Real,
„ e de quem professa vida espiritual, porque se
„ com effeito as cousas se naõ puzerem em ordem
„ em voltando a cabeça, voltaraõ para traz sem
„ cumprir o promettido. Ponha diante dos olhos
„ mil damnos, e perigos de se a Rainha ir deste

„ Rey-

„ Reyno, e por outra parte em que naõ póde fi-
„ car nelle ſem afronta, e ſem perigo de lhe fa-
„ zerem deſacatos, e zombarem della, e delRey
„ Catholico, e do Legado, e delle meſmo, ſe
„ Luiz Gonçalves ficar no lugar, e mando, em
„ que eſtá; veja quaõ indigna couſa he de todos
„ ficar eſta Senhora em que eſtá, e quaõ abomi-
„ navel, que ſe tenha por mais importante a aſ-
„ ſiſtencia de Luiz Gonçalves com ElRey, com
„ tantos damnos, e tantos eſcandalos do Mundo,
„ que a aſſiſtencia da Rainha no Reyno deſejada
„ de todo o Mundo; e ora a Rainha ſe vá, ora
„ naõ ſe vá repreſentelhe a ſua Paternidade Re-
„ verendiſſima os clamores, que neſta terra fica-
„ ráõ, ſe iſto fica ſem emenda, e melhoria; e o
„ eſcandalo, que ficará nas almas deſte povo, e
„ deſeſperaçaõ, que teráõ de cuidar terem reme-
„ dio, pois em tal conjunçaõ ſe lhe naõ deu.

„ Peça-lhe V. S. que por amor de JESUS
„ Chriſto, ſe renove aqui o eſpirito antigo da
„ Companhia, e que ſe lembre de qual era o do
„ Padre Meſtre Ignacio de glorioſa memoria, e
„ do que parece que ainda durava quando tiraraõ
„ daqui o Meſtre Simaõ, e das couſas porque o
„ daqui deitaraõ, faça que o Mundo veja que a
„ cabeça veyo curar, e dar novos eſpiritos a eſ-
„ tes ſeus membros enfermos, e naõ poſſaõ jul-
„ gar, que ſua vinda foy para adoecer com elles,
„ e da meſma doença.

De

De ſemelhantes advertencias ſe compunha a Inſtrucçaõ, que a Rainha mandou ſignificar pelo Embaixador D. Joaõ de Borja ao Cardeal Alexandrino, Legado do Summo Pontifice, o qual ſe eſtava eſperando neſte Reyno, de cujo authoriſado caracter, e efficaz perſuaçaõ confiava a Rainha emendaſſe ſeu neto aquelles defeitos, que eraõ injurioſos à ſua ſoberania, ſendo o principal admittir à ſua preſença algumas peſſoas, que com o affectado pretexto do zelo do bem publico, ſómente cuidavaõ do proprio, conſeguindo taõ diſpotico dominio na ſua vontade, que ſómente executava o que ellas lhe perſuadiaõ com geral eſcandalo da Monarchia, e manifeſta injuria do ſeu Soberano.

CAPITULO IV.

Inflama-ſe o catholico zelo delRey contra os Infieis intentando paſſar à India, cuja reſoluçaõ muda para Africa. Edifica hum ſumptuoſo Templo a S. Sebaſtiaõ. Congratula ao Pontifice S. Pio pela celebre victoria do Lepanto.

1571 11 A Natural inclinaçaõ, que deſde os primeiros annos teve D. Sebaſtiaõ para a guerra, ſe augmentava mayormente com o progreſſo da idade, acuzando de ſeculos os annos,

nos, que lhe dilatavaõ o complemento de feus impacientes defejos. As heroicas emprezas de feus coroados Afcendentes, como as memoraveis façanhas dos Capitães, e Generaes Portuguezes, obradas nos campos da Europa, Afia, e Africa, eraõ vehementes eftimulos naõ fómente para a imitaçaõ, mas ainda para o exceffo, com que queria teftemunhar o feu valor, e a fua Religiaõ contra os fequazes de Mafoma. Deliberado a taõ alta empreza, intentou paffar à India, famofo Oriente de heroicidades Portuguezas, perfuadido, que depois de debellados todos os Principes da Afia com a fua prefença, fe fometeriaõ ao fuave jugo do Evangelho. Contra efta idéa fe oppoz o Cardeal D. Henrique, por fer muito perniciofa à confervaçaõ do Reyno, propondo a ElRey o perigo de taõ prolongada jornada, e o difpendio, que era precifo para huma Armada capáz de conduzir a fua Real Peffoa, e caufar terror a todo o Oriente. Convencido deftas razões dictadas pelo zelo do Cardeal D. Henrique, mudou ElRey o lugar, e naõ o intento de fahir armado fóra do Reyno, difpondo a fua jornada para Africa, onde fe tinhaõ immortalifado com a gloria de vencedores muitos de feus Reaes Afcendentes. Para efte effeito applicou todo o defvélo em formar huma Armada taõ formidavel pelo numero dos navios, como dos combatentes. Querendo diffuadillo defta refoluçaõ o Padre

Intenta ElRey paffar à India, cujo penfamento mudou para Africa.

dre Luiz Gonçalves, seu Mestre, e Confessor, se affirma lhe dissera, que antes de a executar, eraõ precisas tres condições, quaes eraõ deixar estabelecida a successaõ da Coroa em quatro filhos, naõ offerecer o Reyno a perigo evidente, e fazer os aprestos militares sem oppressaõ dos pobres. Naõ ouvio ElRey com semblante alegre esta advertencia por ser contra o seu genio guerreiro; e posto que suspendeo a execuçaõ da sua vontade, passados poucos annos a executou com irreparavel ruina deste Reyno.

Cienfueg. *Vid. de S. Francisco de Borja* liv. 5. cap. 15. §. 5.

12 Para desempenho do voto, que fizera D. Sebastiaõ em o anno passado de edificar no Terreiro do Paço hum Templo ao Inclyto Martyr do seu nome, em obsequiosa gratificaçaõ de ter suspendido o flagello da peste, cujo furor consumio na Corte de Lisboa cincoenta mil moradores, se determinou o dia em que fosse lançada a primeira pedra. Chegou o dia 19 de Abril deste anno de 1571, e no lugar em que havia estar a Capella mór, se levantou hum Altar, armada toda a circunferencia de preciosos panos. Sahio da Casa da Misericordia huma Procissaõ composta do Cabido, Capellães delRey, e todo o Clero até o sitio do Templo, acompanhada delRey; o Cardeal D. Henrique, e o Senhor D. Duarte, com toda a Nobreza. Esperava vestido de Pontifical D. Jorge de Almeida, Arcebispo de Lisboa, esta pomposa comitiva, e depois de benzer

Lança ElRey a primeira pedra no Templo dedicado a S. Sebastiaõ.

zer a pedra em que estava esculpida huma Coroa sobre tres settas, foy levada em huma paviola forrada de setim encarnado pelos Vereadores da Cidade D. Antonio de Almeida, irmaõ do Arcebispo, Joaõ de Mendoça, e o Desembargador Antonio Dias da Maya à presença delRey, que a lançou no alicesse, e logo outra pedra em nome da Rainha D. Catharina, e outra o Cardeal D. Henrique. Concluio-se o Ceremonial desta religiosa funçaõ lançando agua benta o Arcebispo, assistido dos seus Capitulares, por toda a circunferencia demarcada para o sitio do Templo.

13 Com igual desvélo, que magnificencia se foy continuando a obra, e já chegava à sua ultima perfeiçaõ, quando succedeo a tragedia sempre lamentavel em os Campos de Alcacer, de que foy fatal consequencia passar esta Coroa para o dominio de Filippe Prudente, o qual entrando em Lisboa, posto que admirasse a magestade do edificio naõ approvou a eleiçaõ do sitio, pois occupava huma das melhores praças da Cidade. Resoluto Filippe a mudar para outro sitio o Templo, lhe supplicaraõ o Prior, e Conegos do Real Mosteiro de S. Vicente, da Canonica Ordem Augustiniana; que como aquelle Convento era deposito do braço do invicto Martyr S. Sebastiaõ, que a D. Joaõ o III. mandara seu cunhado Carlos V., e estava muito damnificado o edificio pela sua antiguidade, o podia piamente

Por ordem de Filippe Prudente se transfere o Templo do Terreiro do Paço para S. Vicente de Fóra.

reſtaurar com a pedraria, e materias do Templo, que queria do Terreiro do Paço transferir. Condeſcendeo ElRey a taõ juſtificada ſupplica, ordenando, que foſſem Tutelares do Templo os dous valeroſos Martyres S. Sebaſtiaõ, e S. Vicente, cuja invocaçaõ foy confirmada pela Santidade de Gregorio XIII. Para a nova conſtruçaõ do Templo conſignou ElRey dous mil e quinhentos cruzados na Alfandega de Lisboa, em quanto duraſſe a obra, que ainda permanece, ſendo a mais ſumptuoſa, e magnifica com que ſe ennobrece a Corte de Lisboa.

14 Será eternamente memoravel nos Faſtos da Chriſtandade o dia 7 de Outubro deſte anno de 1571, em que a Fé Catholica alcançou a mais glorioſa victoria dos torpes ſequazes de Mafoma em o Golfo do Lepanto, Cidade da Grecia na Achaya, que Bajazet II. tinha violentamente uſurpado aos Venezianos. Soberbo, e vanglorioſo Selim, Emperador dos Turcos, com o feliz progreſſo das ſuas armas em a Ilha de Chipre, de que já eraõ deſpojos Nicoſia, e Famaguſta, applicou toda a ſua potencia na preparaçaõ da mais alteroſa Armada, que tinha ſurcado o Oceano, para com ella derrotar a da Liga Catholica, de que era Generaliſſimo D. Joaõ de Auſtria, irmaõ de Filippe Prudente, cujo valor, e diſciplina militar competia com a ſoberania do naſcimento. Era compoſta a Armada inimiga de duzen-

Prepara o Turco huma Armada formidavel contra os Catholicos.

duzentas e oitenta Galés, guarnecida de Capitães, e Soldados escolhidos de todo o Imperio Ottomano, sendo seu General Ali Baxa, e Cabos subalternos Farta, Casan, Siroco Governador de Alexandria, e Aluch, todos Baxás, e o Cossario Caracosa. Constava a Armada Catholica de duzentas e oito Galés, seis Galeões, e cincoenta e sete fragatas. Levava a vanguarda André Doria com cincoenta e quatro Galés com bandeiras verdes. Seguia-se D. Joaõ de Austria, acompanhado dos Principes de Parma, e Urbino, do Commendador mór de Castella seu lugar Tenente, e dos Generaes do Papa, e da Republica de Veneza Antonio Colona, e Sebastiaõ Venero, e outros Fidalgos, com bandeiras azuis. Tremolava na Galé real o Estandarte da Liga, onde no meyo estavaõ bordadas as Armas do Pontifice, à parte direita as delRey de Castella, e as de Veneza à esquerda. Ultimamente navegava o Provedor Barbarigo com cincoenta e cinco Galés com bandeiras amarellas, o qual havia na batalha occupár o lado esquerdo. Na rétaguarda deste apparato naval hia o Marquez de Santa Cruz com trinta Galés ornadas de bandeiras brancas, para acudir promptamente à parte onde se necessitasse de soccorro.

Sahe a Armada Catholica contra a Ottomana, e quem era seu General.

Ferreras *Hist. de Hesp.* Part. 15. al an. 1571. n. 6. e seg.

15 Certificado o General Turco, de que a Armada Catholica o vinha buscar, consultou com os Capitães Fartá, Amet Rey, e outros

Baxás, se era conveniente aceitar a batalha, e resolvendo que naõ, seguiraõ contrario voto Aluch, Ali, e Hacen, naõ sómente por ser expressa ordem do Graõ Senhor, e credito das suas armas, mas porque a Armada Catholica impedida pela inclemencia do tempo tinha chegado a 4 de Outubro à Ilha de Zefalonia. Navegando pelo Golfo do Lepanto avistou a 7 a Armada inimiga, e com summa brevidade se formou em ordem de batalha, tomando Doria o lado direito, D. Joaõ de Austria, com os Generaes do Papa, e de Veneza o centro, e Barbarigo o lado esquerdo. Temeroso começou Ali a formar a sua Armada, conhecendo que era inferior à Catholica, e dispondo de todo o poder naval huma meya Lua, intentava abarcar dentro do semicirculo toda a Armada Catholica. Occupava a ponta direita Farta com oitenta Galés, e a esquadra Muhameth, e Aluch com cincoenta e tres. Assistia no centro para animar taõ vasta circunferencia o General Ali com cento e trinta Galés. Governava vinte e duas Hazen, Governador de Tripoli, e neto de Barbaroxa, para soccorrer a parte onde fosse mayor o perigo.

Formaõ-se em batalha as duas Armadas no Golfo do Lepanto.

16 Dividida pelo impulso da artilharia em varias partes a meya Lua formada pelos Turcos, se começou o combate de ambas as Armadas com aquelle ardor, e constancia, que promettiaõ nações taõ belicosas. O estrondo da artilharia, o

alarido

alarido das vozes, o fogo envolto em fumo, os gemidos dos agonizantes, a copia de sangue derramado, e o mar cuberto de corpos mortos, e vivos, representavaõ o mais horroroso espectaculo, igualmente ingrato aos olhos, como aos ouvidos. Distinguiaõ-se no furor do conflicto as Capitaneas dos Generaes, anhelando cada huma coroarse com os louros da victoria. Por duas vezes foy entrada a de Ali, donde sahiraõ rechassados os Catholicos: porém sendo-lhe derrubada a popa pela artilharia da Galé real, em que estava D. Joaõ de Austria, como ficasse descuberta a praça de armas naõ perdia tiro a espingardaria Hespanhola na multidaõ de Genizaros, que a guarneciaõ. Passadas duas horas de combate foy abordada a Capitanea inimiga por D. Lopo de Figueiroa, D. Bernardino de Cardenas, e D. Miguel de Moncada, e achando morto o General Ali de huma bala, foy cravada a sua cabeça em hum alto pique, e abatido o Estandarte Turco, sobre elle se arvorou a Imagem de Christo crucificado, cuja vista causou novos alentos aos Catholicos, e os ultimos desmayos aos Turcos, perdendo os espiritos, que se animavaõ com a vida do seu General. Naõ podendo já os barbaros resistir ao heroico valor dos Catholicos, deixaraõ para indeleveis testemunhas deste naval triunfo trinta mil mortos, dez mil cativos, e quinze mil Christãos libertados. Augmentou-se a gloria de taõ

Descreve-se o furor do Combate.

Triunfa a Armada Catholica com a mais fatal derrota dos inimigos.

taõ plausivel dia com trinta Galés submergidas, vinte e cinco abrazadas, e cento e trinta prizioneiras. Morreraõ na batalha sete mil Catholicos renascendo immortaes, e victoriosos em mais alto triunfo. No instante em que se alcançou a victoria, foy revelada ao espirito de S. Pio V. em premio do ardente zelo com que promovera a liga Catholica contra o inimigo commum. Ao tempo que o Summo Pastor estava conversando com o seu Thesoureiro Bartholomeu Bustos, se apartou delle, e pondo os olhos no Ceo, se lhe encheo o entendimento de luz superior, e o coraçaõ de jubilo excessivo pela certeza da victoria, que Deos lhe revelara: e voltando ao Thesoureiro, lhe disse derramando copiosas lagrymas, haver triunfado a Armada Catholica da Ottomana, por cujo beneficio dispensado pelo Supremo Arbitro das victorias se lhe deviaõ render multiplicadas graças.

He revelada a victoria a S. Pio V.

17 A plausivel noticia de taõ celebrada victoria recebeo ElRey D. Sebastiaõ a 3 de Novembro, a tempo que assistia com a Rainha em Almeirim, e depois de ser generosamente premiado o portador, se ordenou fosse solemnemente applaudido o triunfo, que as armas Catholicas tinhaõ alcançado dos inimigos da Cruz. Sahio a 8 de Novembro da Cathedral de Lisboa até o Convento de S. Domingos huma Procissaõ composta de todas as Confrarias, Communidades Religiosas,

Recebe D. Sebastiaõ a noticia desta victoria, e a manda applaudir publicamente.

ſas, e Clero, que ſe fechava com o Cabido, e o Arcebiſpo D. Jorge de Almeida. No fim ſe recitaraõ dous Sermões, hum na Igreja de S. Domingos, e outro no Clauſtro, em que ambos os Oradores expuzeraõ o valor heroico, e ardente zelo, com que os Catholicos tinhaõ humilhado o orgulho, e deſtruido o poder naval do inimigo commum da Chriſtandade.

18 Naõ permittio o terniſſimo affecto com que S. Pio V. amava ao noſſo Monarca de lhe dilatar a noticia do glorioſo ſucceſſo das armas Catholicas contra as Ottomanas, e como conhecia experimentalmente o ſagrado ardor que animava ſeu peito contra os ſequazes de Mafoma, lhe ſupplicou, que colligado com os outros Principes Catholicos expediſſe a ſua Armada para total ruina do Mahometiſmo. Todos eſtas expreſſoens ſe incluiaõ na ſeguinte Carta.

Participa S. Pio V. a ElRey D. Sebaſtiaõ a noticia da victoria.

„ Pius Papa V. Chariſſime in Chriſto Fili „ noſter, ſalutem, & Apoſtolicam benedictio- „ nem. Cum placuerit Omnipotenti Deo pro ſua „ ineffabili miſericordia Claſſi noſtræ ſancti fœde- „ ris apud ſinum Corinthiacum inſignem, & glo- „ rioſiſſimam victoriam contra Turcas concedere, „ & ſi ejus notitiam, ac famam jam ad Majeſta- „ tem Tuam perveniſſe credimus, tamen ex noſ- „ tris quoque litteris idem illam cognoſcere volui- „ mus, ut nobis congaudens, debitaſque exerci- „ tuum Domino, & totius conſolationis Deo gra- „ tias

„ tias agens, ipsa etiam cogitare incipiat de San„ cto hoc fœdere suis viribus, atque potentia for„ titer adjuvando; adeo autem gravem, & in„ gentem cladem accepit immanissimi hostis orna„ tissima Classis tercentarum, & eò amplius na„ vium cum defensoribus à nostris partim capta, „ partim deleta, ut conspirantibus in unum, si„ cut decet, Christianis Principibus, & ipsum „ undique terrã, marique invadentibus, minimè „ dubium sit meliores res Christianorum, secun„ dioresque indies eventus, ac successus habituras. „ Itaque, Charissime Fili, cum tuæ, & maiorum „ tuorum laudis proprium sit contra infideles assi„ due bellum gerere, Christique fidem augere, „ optamus, ut sicut in India, & Africa gloriosum „ Portugalliæ Regum nomen maximè celebratur, „ ita in his quoque Europæ locis non minori laude, „ & gloria decoretur, tuaque de Fide, & Chris„ tiana Religione merita indies, magis illustrentur. „ Quemadmodum Majestatem Tuam pro sua præ„ stanti virtute, & pietate, animique magnitudi„ ne facturam confidimus, & persuasum habemus; „ quemadmodum, Deo dante, propediem Ma„ jestati Tuæ pluribus exponet dilectus filius nos„ ter Michael Cardinalis Alexandrinus Apostolicæ „ Sedis Legatus. Datum Romæ apud S. Petrum „ sub Annulo Piscatoris die vigesima sexta Octo„ bris 1571 Pontificatus nostri anno sexto.

CÆS. GLORIERIUS.

Com

19 Com as ſignificações mais obſequioſas agradeceo ElRey D. Sebaſtiaõ ao Summo Paſtor a feliz noticia, que lhe participara, a qual tinha a fama divulgado por todo o Mundo em applauſo da Fé Catholica, e confuſaõ do Imperio Ottomano; e poſto que já tinha por ſeu Embaixador, aſſiſtente na Curia, congratulado ao Pontifice por taõ fauſto triunfo, expreſſou o jubilo do ſeu coraçaõ por eſtas palavras.

Gratifica D. Sebaſtiaõ ao Pontifice a noticia da victoria.

„ Muito Santo em Chriſto Padre, e muito Bemaventurado Senhor. D. Sebaſtiaõ por „ graça de Deos Rey de Portugal, &c. Com „ toda a humildade envio beijar ſeus ſantos pés. „ He tamanha a merce, que Noſſo Senhor fez a „ V. Santidade para toda a Chriſtandade na grande victoria, que deu à Armada Chriſtãa contra a do Turco, que continuamente nos devemos alegrar com ella, e darlhe ſempre por eſta merce muitas graças: e por iſſo, ainda que „ eu logo mandaſſe ao meu Embaixador neſſa „ Corte de V. Santidade, lhe deſſe da minha parte as emboras deſta taõ deſacoſtumada victoria, „ ſignificando-lhe o grandiſſimo contentamento, „ com que eu della ficava, depois me tornaſſe a „ alegrar ſobre iſto com o Reverendiſſimo Cardeal „ Alexandrino, Legado, e ſobrinho de V. Santidade, meu como irmaõ muito amado, e lhe „ eſcreveſſe tambem por elle ſobre a meſma victoria, me pareceo toda via couſa muy devida

„ fazer efte officio com mais demonftraçaõ da mi-
„ nha obrigaçaõ, e do filial amor, que tenho a
„ V. Santidade, e enviar a efte fó effeito correyo
„ proprio com efta vifitaçaõ para o meu Embai-
„ xador a fazer da minha parte, e tornar em meu
„ nome a dar a V. Santidade os parabens defta vi-
„ ctoria, que Noffo Senhor lhe deu, porque ain-
„ da que haja muitos dias que paffou, affim nos
„ devemos alegrar com ella agora, como fe hoje
„ em dia fora, e affim parecerá a quem trouxer
„ na memoria as calamidades dos tempos, e o
„ que elles promettiaõ em todas as coufas antes
„ defta tamanha mercé de Noffo Senhor, feita
„ em tempo de V. Santidade, que dá grande ef-
„ perança naõ fómente de cobrar o perdido em
„ taõ largo tempo, mas de em outro muito bre-
„ ve fe haverem novos, e grandes ganhos efpiri-
„ tuaes, e temporaes para a Igreja Catholica, e
„ para toda a Chriftandade; e prazerá a Noffo Se-
„ nhor, que affim como foy fervido de moftrar a
„ V. Santidade, o que naõ viraõ os Santos Pon-
„ tifices feus Anteceffores, que tanto o defejaraõ,
„ permittirá, que efta empreza da deftruiçaõ do
„ Turco, em que V. Santidade por todas as vias
„ tem metido tanto cabedal de orações, e po-
„ der, fe acabe em tempo de V. Santidade, e
„ que colha o fruto do que à cufta de tanto feu
„ trabalho femeou, para que em breve tempo re-
„ duza V. Santidade à obediencia da Igreja Ca-
„ tholica

„ tholica o Mundo todo, ou parte delle. Mui-
„ to Santo em Christo Padre, e muito Bemaven-
„ turado Senhor. Nosso Senhor por muitos tem-
„ pos conserve a V. Santidade a seu santo servi-
„ ço. Escrita em Almeirim a 12 de Fevereiro
„ de 1572.

CAPITULO V.

Parte para França com o carecter de Embaixador João Gomes da Sylva, e da instrucção, que levou da Rainha D. Catharina. Morre alentadamente em o mar D. Luiz Fernandes de Vasconcellos, Governador do Brasil, acomettido por cinco nãos de Piratas, onde são victimas da sua impiedade o Padre Pedro Dias com 17 Companheiros Jesuitas. Representa D. Sebastião pelo Embaixador a ElRey de França os insultos commettidos por seus vassallos contra esta Coroa, dos quaes manda tomar o merecido castigo por D. João de Mendoça.

20 PAra a Corte do mayor Rey da Europa elegeo com madura resolução o nosso Principe o mayor politico, e Soldado, que tinha em o seu Reyno, qual era João Gomes da Sylva, Alcàide mór, e Commendador da Villa de Cea em a Ordem de Aviz, Védor da 1571

He eleito Embaixador para França João Gomes da Sylva.

Fazenda, e Conselheiro de Estado, filho de Braz Telles da Sylva, Alcaide mór de Moura, Camereiro mór, e Guarda-mór do Infante D. Luiz, e de D. Catharina de Brito, filha de Ruy Mendes de Brito, e D. Margarida Figueira sua segunda mulher. Havendo manifestado os seus marciaes espiritos na Armada em que navegou para a India com o posto de Capitaõ mór no anno de 1567, se restitubio a Portugal, onde sendo venerado o seu talento, igualmente capaz para a Campanha, como para o Gabinete, partio para Pariz com o caracter de Embaixador, cujo ministerio desempenhou como promettiaõ a sua incorrupta fidelidade, e maduro juizo.

Salazar *Hist. Geneal. de la Casa de Sylva* liv. 9. cap. 15.

Faria *Asia Portug.* Tom. 3. pag. 543.

21 Recebida a instrucçaõ do seu Soberano, lhe ordenou a Rainha D. Catharina, que entregando as suas Cartas escritas a ElRey Christianissimo, e à Rainha sua esposa, lhe significasse a hum o sincéro jubilo que tivera, quando recebeo a fausta noticia de ter celebrado desposorios com sua sobrinha, e a esta o excessivo amor que lhe tinha, fundado em os estreitos vinculos do parentesco, e excellentes dotes de que a natureza beneficamente a ornara, esperando que brevemente o Author de todas as felicidades, lhe abençoasse o thalamo com dilatada descendencia, para com ella se illustrarem os mayores Thronos da Europa. Semelhante obsequio mandou practicar com a Rainha, mãy delRey, e a irmãa deste Prin-

Instrucçaõ que levou da Rainha D. Catharina.

Principe a Infanta Margarida de Valois; e ultimamente ao Duque de Anjù, irmaõ delRey Christianissimo exaltando com grandes elogios o intrepido valor, e sagrado zelo, com que, parcial dos interesses delRey, se tinha heroicamente opposto aos atrevidos intentos dos sequazes do Calvinismo.

Sahe D. Luiz Fernandes de Vasconcellos da Ilha da Madeira para o Brasil, e dos infortunios, que lhe succederaõ.

22 Havendo recebido o Governador do Brasil D. Luiz Fernandes de Vasconcellos em a Ilha da Madeira a infausta noticia do successo da náo Santiago, que era da sua conserva, onde foraõ victimas do furor heretico o Veneravel Padre Ignacio de Azevedo com trinta e nove Companheiros do seu heroico espirito, sahio com duas náos, que capitaneava, e emproando na altura de Cabo-Verde, foy obrigado pela violencia de repetidas tormentas a fazerse na volta de Guinè, onde pelo excesso das doenças originadas da intemperança do clima, se converteraõ as náos em Hospitaes. Vencidos varios infortunios, avistou o Brasil, destinado termo da sua navegaçaõ, e por mais que forcejou vencer o Cabo de Santo Agostinho, o naõ póde conseguir, antes obedecendo à furia dos ventos, e corrente das aguas, aportou à Ilha de S. Domingos, e a outra náo à de Cuba, em as Indias de Castella. Reparada a sua náo, tornou a buscar o Brasil, porém a fortuna conspirada contra a sua pessoa, fez que voltasse às Antilhas, e demandando as Ilhas Tercei-ras,

ras, ancorou em o porto de Angra, donde com a outra náo que fora aportar à Cuba, ſahio a 6 de Setembro deſte anno de 1571. Chegando com vento favoravel à altura das Canarias, aviſtou a 12 do dito mez quatro náos Francezas, e huma Ingleza, que tinhaõ ſahido de Rochela, cuja Capitanea era a meſma, em que o anno paſſado Jaques Soria triunfara da náo Santiago com a ſacrilega morte de quarenta Padres Jeſuitas. Era Capitaõ deſta náo Joaõ Cadavilho, ſemelhante ao Soria em o odio aos dogmas da Igreja Romana, como em a obſervancia dos delirios de Calvino. Conheceo D. Luiz o perigo a que eſtava expoſto, e fortificado com os Sacramentos animou aos ſeus Companheiros, a que valeroſamente ſacrificaſſem as vidas em obſequio da Fé, e ſerviço do ſeu Principe. Deu principio o Capitaõ inimigo poſto a tiro de bombarda das noſſas náos com dous tiros ſem bala, para que amainando as vélas, lhe naõ diſputaſſemos a victoria. A eſte atrevido penſamento reſpondeo D. Luiz pelas bocas de quaſi toda a artilharia, de que recebeo grave damno a Capitanea dos inimigos. Furioſo Cadavilho com eſte eſtrago, por tres vezes intentou ferrar a noſſa Capitanea, porém outras tantas foy heroicamente rebatido com morte de trinta Soldados, e evidente perigo da ſua náo, ſendo paſſada com huma bala ao lume da agua, e com outra quebrado o maſto grande.

Combate D. Luiz com cinco náos de Piratas.

Re-

23 Receando Cadavilho, que se submergisse a sua náo, investio quarta vez a nossa com taõ grande numero de Soldados, que logo mataraõ a cinco Portuguezes, que defendiaõ a proa. D. Luiz, posto que estava passado pelos peitos com huma bala, e quebradas as pernas com outra, como se fora insensivel sustentava a batalha, até que de huma lançada cahindo morto, voou o seu espirito a receber a coroa na Patria Celeste. O seu cadaver sem ser conhecido foy com os dos seus companheiros no valor, e na desgraça, lançado ao mar. Nascendo este Heroe illustre por nascimento, accrescentou mais nobres brazões com heroicas acções ao seu nome. Todo o curso da vida passou entre infortunios, dos quaes levantou a si proprio a Estatua da Tolerancia. Nomeado Capitaõ mór de cinco náos para a India no anno de 1557, antes de sahir do porto se abrio a sua náo, até que partindo em Mayo, e invernando no Brasil, aportou no seguinte anno em Goa. Voltando para o Reyno naufragou junto à Ilha de S. Lourenço, salvando-se em hum batel com trinta homens. Segunda vez passou o Oriente, donde se restituhio a Portugal taõ falto de cabedaes, como abundante de desgraças. Passados dez annos foy eleito Governador do Brasil para substituir a Mendo de Sá; e navegando junto da Ilha da Madeira se encontrou com as náos, que vinhaõ da India, que lhe deraõ a infausta noticia

Morre valerosamente D. Luiz, de cuja pessoa se faz hum breve elogio.

Franco *Imag. da Virtud. em o Nov. de Coimb.* Tom. 2. liv. 1. cap. 41.

cia de ſeu filho D. Fernando de Vaſconcellos acabar glorioſamente a vida no celebre cerco de Goa. Ultimamente cançada já a fortuna adverſa de naõ poder contraſtar a tolerancia deſte inſigne Varaõ, permittio que finalizaſſe a vida com taõ heroica morte, de que foraõ inſtrumentos os inimigos da Religiaõ Catholica. A ſua piedade Chriſtãa deixou recomendada à poſteridade S. Pio V. em hum Breve, expedido a 6 de Julho de 1569, onde o exhortava para que no Braſil, de que eſtava eleito Governador, promoveſſe entre a Gentilidade o augmento da Fé, como do ſeu zeloſo eſpirito ſe eſperava.

Apoſtol. Epiſt. D. Pii V. liv. 3. Epiſt. 25.

Saõ mortos pelos hereges o Padre Pedro Dias com doze Companheiros.

24 Neſte triunfo que alcançou a impiedade heretica, triunfou com mais alta victoria o Padre Pedro Dias, com doze Companheiros Jeſuitas, que emulos da conſtancia do Veneravel Padre Ignacio de Azevedo, e os outros Heroes da ſua eſquadra, foraõ ſacrificados por holocauſtos da Fé nas aras do martyrio, em 13, e 14 de Setembro deſte anno de 1571, naufragantes huns no proprio ſangue, e outros nas correntes do mar, donde ſurgiraõ glorioſos em o porto da Bemaventurança. O author deſta ſacrilega tragedia Joaõ Cadavilho acabou na ſua patria Solies, Cidade da Provincia de Gaſconha, violentamente morto.

Tanner *Soc. Jeſu uſq. ad ſang. & vit. proſ. milit.* pag. 174, e 178.

25 Eſcandaliſado ElRey D. Sebaſtiaõ dos barbaros, e ſacrilegos inſultos, que contra os ſeus vaſſallos tinhaõ obrado os Piratas Francezes, eſ-

creveo

creveo a Joaõ Gomes da Sylva, ſeu Embaixador na Corte de Pariz, para que da ſua parte repreſentaſſe a ElRey Chriſtianiſſimo os damnos cometidos por alguns ſeus vaſſallos contra os da Coroa de Portugal, ſendo os principaes Jaques Soria, e Joaõ de Cadavilho, rigidos ſequazes do Calviniſmo, privando com impia ferocidade da vida aos promulgadores das verdades Evangelicas, e a D. Luiz Fernandes de Vaſconcellos, nomeado Governador do Braſil, que eſperava da piedade de ſeu real animo, caſtigaſſe ſeveramente aos authores de taõ abominaveis delictos, e ſe lhe reſtituiſſem as náos, que injuſtamente tinhaõ tomado. A Carta era a ſeguinte.

Repreſenta D. Sebaſtiaõ a ElRey de França a inſolencia dos Piratas para ſer ſeveramente caſtigada.

,, Joaõ Gomes da Sylva. Eu ElRey vos ,, envio muito ſaudar. Eu ſoube agora o acon- ,, tecimento de D. Luiz Fernandes de Vaſconcel- ,, los, que mandava por Governador às partes do ,, Braſil, e como no caminho fora tomado por ,, dous navios de Coſſarios Lutheranos, que en- ,, traraõ a ſua náo por ſer mercante, carregada de ,, mulheres, Religioſos, e moradores, que todos ,, hiaõ para o Braſil, para onde D. Luiz partio ,, daqui em Mayo do anno paſſado, e foy ter às ,, Antilhas, e depois às Ilhas dos Açores, onde ,, de ſua náo ſe mudou a eſta, em que agora hia ,, taõ mal apercebido de tudo, como vaõ os a ,, que no mar acontecem eſtes deſaſtres, e en- ,, trando os Lutheranos na ſua náo, por ſerem

Carta delRey para Joaõ Gomes da Sylva.

„ muitos em comparaçaõ dos que nella hiaõ, e „ pelejando D. Luiz com os poucos, que nisso „ o podiaõ seguir, os mataraõ, e assim alguns Pa„ dres da Companhia de JESUS, e os outros Re„ ligiosos della, que tambem hiaõ na náo, lança„ raõ vivos ao mar, do qual caso tenho taõ gran„ de sentimento, como he razaõ; e tambem por„ que sou informado, que estes mesmos Cossarios „ fizeraõ o anno passado o insulto da morte de ou„ tros muitos Padres, e Religiosos da Companhia, „ que tomaraõ em outra náo, em que elles hiaõ „ para o Brasil, e naquelle tempo antes, ou de„ pois disso foy tomada a caravella, em que vi„ nha da Ilha de S. Miguel Francisco de Mariz, „ que nella foy Provedor de minha Fazenda, com „ sua mulher, e casa; e posto que este aconte„ cimento, e o sentimento que delle tenho, me „ move, e obriga a fazer nelle o que tenho as„ sentado, e espero de mandar pôr em effeito, „ tanto que o tempo der a isso lugar, me pare„ ceo, que nem por isso devia de deixar de fa„ zer logo as outras cousas devidas, e necessarias „ em tal caso, como he mandar pedir ao Chris„ tianissimo Rey de França, meu irmaõ, e pri„ mo, que proveja logo nelle conforme a obriga„ çaõ, que tem à minha amisade, e a castigar as „ culpas de seus vassallos, mormente sendo ellas „ taes, e cometidas contra os meus; pelo que „ vos encomendo, que logo, tanto que vos esta

„ for

„ for dada, falleis a ElRey, e lhe dais a Carta mi„ nha, que com esta para elle vos envio, e pela „ crença dello lhe refereireis o que atraz vos digo, „ exagerando-lhe o caso com o respeito devido „ da opiniaõ dos Portuguezes; e para isso lhe sig„ nificareis o modo de que estes foraõ tomados, „ e que lhe rogo queira logo sem dilaçaõ mandar „ justiçar as culpas como o merecem por tama„ nhos insultos, e que se restituaõ estas duas náos, „ e tudo o mais que nellas foy tomado, ajudan„ dovos de todas as razões, que em tal caso lhe „ deveis dar para boa, e breve resoluçaõ neste „ negocio, que procurareis, por se tomar breve„ mente; porque se se logo assim naõ fizer, poder„ seha recear haver nisso dilaçaõ, que he em mui„ to prejuizo das cousas desta qualidade; e por „ quanto eu mando ora huma Armada em busca „ destes Cossarios Lutheranos, e que os siga até „ os achar, ainda que seja tempo de Inverno, pe„ direis tambem a ElRey da minha parte queira „ mandar aos Governadores, e Justiças dos seus „ lugares, que hindo a minha Armada ter a elles „ lhe dem para este effeito toda a ajuda, e favor, „ pois além de ser para satisfaçaõ deste caso (se „ a elle póde ter sendo taõ grave) resultará tam„ bem disso o castigo aos reveis dessa Coroa, com „ o que ElRey deve muito folgar; e nesta ma„ teria fallareis tambem à Rainha sua mãy, e ao „ Duque de Anjù, e a quem mais for necessario,

Sahio esta Armada a 28 de Agosto, e della foy General D. Joaõ de Mendoça, Capitaõ mór da Armada da Costa.

„ e vindo a proposito, e parecendovos bem, lhe
„ direis como ainda até agora naõ tenho visto
„ castigo algum dos insultos passados, e sobre is-
„ to, ou accrescentareis, ou moderareis o que
„ vos bem parecer, segundo o que virdes, que
„ em tal caso, e conjunçaõ de tempo se deve
„ fazer, e ey por escusado encomendarvos isto
„ mais particularmente, pois vedes o caso, e im-
„ portancia delle; e escrevermeheis logo com di-
„ ligencia, o que nelle se fizer, e o effeito que
„ nos parecer que terá. Escrita em Almeirim a
„ 30 de Outubro de 1571.

REY.

CAPITULO VI.

Chega o Cardeal Alexandrino a este Reyno, e da pompa com que nelle foy recebido. Propoem a D. Sebastiaõ a causa da sua vinda, e da reposta que mandou ao Pontifice S. Pio V.

1571 26 A Vigilante providencia com que o Summo Pastor S. Pio V. zelava o rebanho de toda a Christandade, estimulava ao seu ardente zelo, para que nunca padecesse o menor damno, principalmente do commum inimigo, e pode-

poderoſo antegoniſta da ſua conſervaçaõ. Tinha elle com infatigavel deſvélo convocado a ElRey de Caſtella, e a Republica de Veneza, para que unidos com o poder naval da Igreja, felizmente conſpiraſſem contra a potencia Ottomana, de cuja confederaçaõ foy proſpera conſequencia a fatal derrota da ſua Armada em o Golfo do Lepanto, onde foraõ ſubmergidos trinta mil barbaros, e ſepultadas em injurioſo eclypſe as Luas, que ſoberbas tremolavaõ nos ſeus Eſtandartes. Animado o Santo Pontifice de novos eſpiritos com eſta memoravel victoria, com que ſe tinha abatido o orgulho do Imperio Ottomano, querendo totalmente extinguir eſte fatal eſcandalo da Chriſtandade, convocou para nova Liga ao Emperador de Alemanha, os Reys de França, e de Polonia, e ao noſſo Monarca como mais zeloſo propagador da Religiaõ Catholica, mandando para eſte effeito por ſeu Legado ao Cardeal Alexandrino Fr. Miguel Bonello, ſeu ſobrinho, e profeſſor do Inſtituto Dominicano, por cujos motivos lhe era ſummamente aceito. Como a incumbencia, que lhe fora comettida, neceſſitava de grande madureza, para naõ perigar a ſua execuçaõ, lhe nomeou por Companheiros doze Varões dotados de conſummada prudencia, de cujos conſelhos dependeriaõ as reſoluções do Legado, entre os quaes ſe diſtinguiaõ Hypolito Aldobrandino, Auditor da Rota, que depois ſubio

Convoca S. Pio V. a nova Liga contra o Turco aos Principes Catholicos.

O Cardeal Alexandrino Legado do Papa he eleito para a convocaçaõ dos Principes.

bio ao Throno Pontificio com o nome de Clemente VIII. Alexandre Riario, Auditor da Camera, Patriarca de Alexandria, Joaõ Francisco S. Jorge, Governador de Roma, e Bispo Aquense Datario desta Embaixada, Francisco Maria Taruzio, da Congregaçaõ do Oratorio, que depois foy Cardeal, Fr. Bartholomeu de Lugo, da Ordem dos Prégadores, e S. Francisco de Borja, Gerál da Companhia de JESUS.

He recebido na raya por D. Constantino de Bragança.

27 Sahio o Legado de Roma a 30 de Junho deste anno de 1571, e tendo atravessado Italia, Saboya, e França, chegou a Madrid, onde demorando-se pouco tempo, entrou em Portugal a 28 de Novembro. Foy recebido na raya por D. Constantino de Bragança, a cujo irmaõ o Duque de Bragança D. Joaõ, lhe escreveo ElRey esta Carta.

Carta delRey para o Duque de Bragança, copiada do Original.

„ Honrado Duque Sobrinho Amigo. Eu „ ElRey vos envio muito saudar, como aquelle „ que muito amo, e prézo. O Cardeal Alexan„ drino, Legado, e Sobrinho do Santo Padre, „ que Sua Santidade ora envia a mi, ha de fazer „ o caminho por essa vossa Villa de Villa-Viçosa, „ por o eu asi ter ordenado; e posto que está mui„ to certo ser de vós taõ bem recebido, e guaza„ lhado, como o deveis a meu serviço, e ao me„ recimento do Cardeal Legado, e a que vós „ sois, e podera por isso escusar de volo enco„ mendar, quiz toda via, que soubesseis por es-

„ ta

„ ta minha Carta como ha de fazer o caminho
„ por hi, e quaõ grande contentamento recebe-
„ rey de elle entender de vós o muito, que eu
„ tenho desta sua vinda nas demonstrações, que
„ nella fizerdes, que vos agradecerey muito. Es-
„ crita em Almeirim a XXVII. de Outubro de 1571.

REY.

28 Em observancia desta insinuaçaõ delRey sahio o Duque fóra de Villa-Viçosa a receber o Legado com toda a comitiva da sua grande Casa, em cujo Palacio, preciosamente ornado, foy magnificamente hospedado, donde por Estremoz entrou em Evora. Tres legoas fóra desta Cidade o esperava o Arcebispo D. Joaõ de Mello com o seu Cabido, e D. Pedro de Castro, Capitaõ da Cidade, com quatrocentos cavallos. Augmentava o apparato deste recebimento o Senado com todos os Ministros de Justiça, vestidos de preciosas galas, o qual se fazia mais plausivel com diversos instrumentos musicos, que enchiaõ os ouvidos de harmonia, e os corações de jubilo. Com toda esta pomposa comitiva chegou o Legado à porta de Aviz, sobre a qual estava pintada a imagem da Fé, com a cabeça coroada de flores, o coraçaõ se abrazava em vivos incendios, sustentando na maõ direita huma espada, e na esquerda hum livro. Tinha os pés firmados sobre huma roca, e o corpo despido como o da verdade.

Como foy recebido o Legado em a Cidade de Evora.

dade. Na parte inferior se lia a seguinte inscripçaõ *Talem suam, Lusitanorumque fidem Santissimo Pio V. pius offert Sebastianus.* Por esta porta entrou o Legado na Praça, em que está a fonte da Prata, que em abundante, e crystallina copia lançava agua por diversas bicas. Como o tempo estava chuvoso, e era já noite, naõ visitou o Legado a Cathedral, onde igualmente se lisonjeava o olfato com a variedade de perfumes, como os olhos com a preciosidade dos ornamentos. Recolhido ao Palacio do Arcebispo, foy hospedado com aquella magnificencia digna do seu authorisado caracter. Toda a Cidade explicou pelas linguas de diversos fógos, que ardiaõ em as torres das Igrejas, e casas das principaes pessoas, o seu excessivo, e sincéro jubilo. Depois de ouvir Missa ao dia seguinte na Cathedral partio para Monte mór, donde veyo a Palmella; e chegando ao Barreiro, achou preparado pelo Védor do Cardeal Infante D. Henrique huma sumptuosa habitaçaõ em que dormio. Nesta noite se anticipou Lisboa a restituir em applauso de taõ grande Hospede as luzes, que lhe roubaraõ as sombras, naõ sómente com a illuminaçaõ dos Templos, e edificios, mas com diversos artificios de fogo, parecendo a Cidade ao longe hum verdadeiro Mongibello.

29 Ao dia seguinte, suspensa de tarde a copiosa agua, que chovera, se embarcou o Legado

do em hum bargantim, ornado de preciosos panos, e navegando pelo Tejo entre varias embarcações, embandeiradas com sedas de diversas cores, e o festivo estrondo da artilharia de dezaseis náos, que estavaõ ancoradas, chegou ao Caiz da Rainha, onde o esperavaõ o Cardeal Infante com o Arcebispo D. Jorge de Almeida, Cabido, e Clerezia, para ser conduzido em procissaõ à Cathedral: mas como fosse já tarde, se resolveo voltar o Arcebispo com o Cabido à Sé, para nella lançar a agua benta ao Legado. Tanto que desembarcou, o recebeo com affectuosas significações o Cardeal Infante, e montados a cavallo se avistou com o Legado junto da porta da Capella Real ElRey D. Sebastiaõ, acompanhado do Senhor D. Duarte, e toda a Nobreza, e depois de lhe fazer huma cortezia, descobrindo a cabeça, se ouvio huma harmonica consonancia de instrumentos. Intentou o Legado dar a maõ direita a ElRey, e este a elle, e nesta politica contenda começaraõ a marchar, indo o Legado à maõ esquerda delRey, e a poz elles o Cardeal Infante, e o Senhor D. Duarte. Precedia a taõ magestosa comitiva o Patriarca de Alexandria, levando arvorada a Cruz de prata com a Imagem de Christo. Por esta ordem foy discorrendo pelos Armazens, Tanoaria, Rua nova, e Padaria, estando todas as janellas ornadas de ouro, e prata, tecidas em diversas sedas. Chegando El-

Entra em Lisboa, e como foy recebido por ElRey, que o acompanhou até à Cathedral.

Rey à Casa de Santo Antonio, se despedio do Legado: e como era noite, entraraõ os dous Cardeaes na Sé, assistidos de muitas tochas, em cuja porta os esperava o Arcebispo com o seu Cabido, e depois de lhes lançar agua benta, foraõ os Cardeaes à Capella mór, onde estava para cada hum preparado hum genuflexorio cuberto de borcado, e feita oraçaõ, se levantou o Legado, lançou a bençaõ Apostolica ao innumeravel concurso, que concorrera a taõ plausivel espectaculo. Acabadas estas ceremonias, montaraõ a cavallo os dous Cardeaes, levando D. Henrique à sua maõ direita ao Legado, é chegando aos Paços do Castello, que estavaõ armados com a tapeçaria delRey, e da Infanta D. Maria, se hospedou o Legado no quarto inferior, por habitar ElRey no superior. Neste Palacio se aposentaraõ o Patriarca, Bispos, e Gentishomens da comitiva do Legado, sendo tratados com taõ generosa profusaõ, que excedia tudo quanto lhes podia representar o apetite, assim na delicadeza dos manjares, como na variedade das bebidas.

Participa o Legado a ElRey a causa da sua vinda.

30 Ao terceiro dia da sua chegada, foy o Legado à presença delRey, a quem da parte do Supremo Pastor lhe entregou hum Breve, em cujas clausulas o exhortava com paternal affecto, para que concorressem as suas auxiliares armas, confederadas com a Sé Apostolica, ElRey de Castella, e a Republica de Veneza, contra o

Tur-

Turco, para cuja empreza eraõ escusados estimulos, por ser hereditario em os Reys Portuguezes o odio aos sequazes de Mafoma: que esperava que desta confederaçaõ se lhe originariaõ novas conquistas em Africa, pois quebrantado o orgulho Ottomano com a fatal derrota padecida no Golfo do Lepanto, seria mais facil arruinar totalmente aquelle formidavel Imperio, escandaloso a toda a Christandade. Ultimamente lhe pedia, que para o seu Reyno ter successaõ estabelecida, se desposasse com a Infanta Margarida, irmãa de Carlos IX. de França, de cujo soberano consorcio se vaticinavaõ felicidades a Portugal, e extinçaõ da heresia, que infestava a Monarchia Franceza. O Breve, que comprehendia estas supplicas, era o seguinte.

Fuen Mayor *Vid. de S. Pio V,* pag. 119.

„ Charissimo in Christo filio nostro Sebas-„ tiano Portugalliæ, & Algarbiorum Regi Illus-„ tri. Pius Papa V. Charissime in Christo fili nos-„ ter, salutem, & Apostolicam benedictionem. „ Non dubitamus Majestatem Tuam pro sua pie-„ tate magna lætitiâ affectam esse, accepto ejus „ fœderis nuntio, quod superioribus diebus ad-„ versùs immanissimum Turcarum tyrannum ini-„ tum est inter Nos, Sanctamque hanc Sedem „ Apostolicam, Serenissimum Hispaniarum Re-„ gem Catholicum, & amplissimam Venetorum „ Rempublicam, magno certè cum gaudio hu-„ jus Urbis; ex cujus unius magnitudine, non

„ difficile eſt, cæterorum quoque Chriſti fidelium,
„ quanta ejuſdem rei nomine futura ſit voluptas,
„ conjicere. Quod cùm ita ſit, una nobis illa
„ cura incumbit, cæteros Chriſtianos Reges, ac
„ Principes eodem fœdere nondum comprehen-
„ ſos, ut ad illud primo quoque tempore ſe ad-
„ jungant, paternis noſtris vocibus, ac monitis
„ excitare, atque hortari. Nam, ut nunc ſe res
„ habet, communis Reipublicæ Chriſtianæ ſalu-
„ tis hoc fœdere ineundo quaſi fundamenta quæ-
„ dam jacta eſſe videntur, parum tamen ad reli-
„ quum publicæ ſecuritatis ædificium ſtatuendum
„ firma futura, niſi cæterorum Chriſtianorum
„ Principum ad idem conſentientium animi, vi-
„ reſque acceſſerint; quippe uſque adeò enim noſ-
„ tris diſcordiis, noſtraque ſocordiá crevit Tur-
„ carum potentia, ut non niſi communibus om-
„ nium illorum armis atrociſſimæ gentis impetus
„ ſuſtineri, frangique poſſit. Quæ res Nos impu-
„ lit, ut ad Majeſtatem Tuam dilectum hunc fi-
„ lium fratrem Michaelem tituli Sanctæ Mariæ
„ ſupra Minervam, Presbyterum Cardinalem Ale-
„ xandrinum nuncupatum, noſtrum ex ſorore
„ pronepotem, de Venerabilium fratrum noſtro-
„ rum Sanctæ Romanæ Eccleſiæ Cardinalium
„ conſilio, & aſſenſu, noſtrorum, & Sedis Apoſ-
„ tolicæ de Latere Legatum, mitteremus; ut is
„ eam, de cujus præcipuo erga Rempublicam
„ Chriſtianam ſtudio omnia nobis egregia pollice-
„ mur,

„mur, nostro nomine vehementer hortetur in
„Domino, & quo maiore potest animi sui stu-
„dio requirat, & obtestetur, ut huic fœderi ad-
„jutor quàm primum accedere velit; magnam
„enim, si hoc feceris, rei Christianæ publicæ
„bene gerendæ spem in tua virtute, suorumque
„militum fortitudine repositam habere poterimus,
„quos quidem in præliis contra Turcas gerendis
„exercitatissimos magno ad communem expedi-
„tionem adjumento futuros esse intelligimus. Ut
„autem Majestatem Tuam id prompto animo fa-
„cturam esse speremus, non solùm ea de causa
„adducimur, quia suum in propaganda Religio-
„ne Christiana studium perspectissimum habemus;
„sed etiam, quia proprium esse videtur Portugal-
„liæ Regum bella libenter suscipere, & cum in-
„fidelibus præliari; quod ex rerum ab ipsis con-
„tra eos gestarum magnitudine facilè quivis cog-
„noscere potest. Quam quidem ad rem si un-
„quam opportunitas affuit, maxima certè adesse
„cernitur hoc tempore, quo maiores Christiani
„Principes nullis dissensionibus discordes, sed po-
„tiùs ferè omnes mutuis inter se affinitatum vin-
„culis adstricti, ad impetum sævissimi tyranni
„frangendum magna ex parte conspirare jam cœ-
„perunt, ut nisi per alios steterit, egregium in-
„eundæ inter se contra communes hostes concor-
„diæ initium fecisse videantur. Quod quidem
„initium Te, charissime in Christo fili, potissimum
„decet

„ decet adjuvare, cui hæc ipsa communibus ar-
„ mis suscipienda adversùs Turcas expeditio non
„ solùm in posterum gloriosa, sed etiam in præ-
„ sens utilis est futura; cui enim dubium est, si
„ undique communis hostis consociatis omnium
„ Christianorum Principum viribus urgeatur, Ma-
„ jestati Tuæ facilè fore Regnorum suorum fines
„ in Africa sibi vicina propagare? Quod tam &
„ si ita non esset, ipse tamen communis hostis
„ metus deberet Majestatem Tuam ad hoc fœdus
„ intrandum excitare. Neque enim arbitrari de-
„ bet eum, qui omnium Regum Christianorum
„ Regna spe, atque animo jam devoravit, non
„ etiam de tui Regni excidio, ac pernicie cogi-
„ tare. Ad hæc omnia accedit ratio communis
„ omnium Christi fidelium salutis, quæ te ad hoc
„ vocat, & proprium Tuæ Majestatis officium,
„ cui nisi oblata tibi tam præclara sanctissimi fœ-
„ deris occasione hoc tempore satisfeceris, nullo
„ modo te Redemptori nostro excusare poteris in
„ illo extremo Judicii die, cùm ante illius Judi-
„ cis tribunal veneris, cui omnia nuda, & aper-
„ ta sunt. Accedunt etiam paterna nostra moni-
„ ta, & Sedis Apostolicæ voces, quibus quò no-
„ bis, atque illi fidelior, atque obsequentior exis-
„ timaris; eò magis te obtemperare decet, ut au-
„ ctoritate, exemploque tuo reliqui etiam charis-
„ simi Principes commoti ad idem faciendum ex-
„ citentur, quemadmodum idem Legatus Majes-

„ tati

„ tati Tuæ præsenti præsens copiosiùs exponet.
„ Cui super hoc, atque aliis rebus eamdem fidem
„ adhibebis, quam nobis ipsis adhiberes, cùm
„ scire possis illum omnium nostrorum consilio-
„ rum, & cogitationum participem esse; qua ex
„ re intelligere potes, quantæ nobis curæ sit id,
„ de quo tecum acturus est, cùm tali adjutore,
„ qui nostros labores, & curas levare solitus est,
„ carere maluerimus, quàm Reipublicæ Christia-
„ næ saluti ea, qua magis expedire putavimus,
„ ratione deesse. Datum Romæ apud S. Petrum
„ sub Annulo Piscatoris die vigesima quinta Ju-
„ nii millesimo quingentesimo septuagesimo pri-
„ mo, Pontificatûs nostri anno sexto.

T. ALDOBRANDINUS.

31 Na tarde do dia em que o Legado propoz a ElRey a instrucçaõ da sua Embaixada, foy acompanhado da Nobreza visitar a Rainha D. Catharina, que morava nos Paços de Xabregas, e o mesmo obsequio practicou com a Infanta D. Maria, assistente a Santa Apollonia. Ao Domingo, que se contavaõ 9 de Dezembro, foy ElRey com o Cardeal Infante, e o Senhor D. Duarte ao Convento de Nossa Senhora da Graça dos Eremitas de Santo Agostinho, render a Deos as graças pelo fausto nascimento do Principe de Castella D. Fernando, que o Ceo concedera a Filippe Prudente; e assistindo a esta funçaõ o Legado,

Visita o Legado a Rainha D. Catharina, e a Infanta D. Maria.

Assiste com ElRey à acçaõ de graças pelo nascimento do Principe de Castella.

gado, ElRey mais Catholico, que politico, o levou à maõ direita, e sentados cada hum debaixo de diferentes doceis, ouviraõ a Missa solemne, e o Sermaõ gratulatorio, que recitou o Padre Ignacio Martins, da Companhia de Jesus. Na tarde deste dia, sendo convidado o Cardeal Alexandrino por ElRey para ver hum exercicio militar no campo de Santo Amaro, partio este por mar, e aquelle por terra, com o Cardeal Infante; e chegando a tempo que estava formada a gente, se executou o exercicio com grande satisfaçaõ do Legado, concorrendo a serenidade do dia para complemento do applauso.

Reposta, que ElRey mandou ao Papa, sobre o que lhe propoz o Legado.

32 Querendo D. Sebastiaõ satisfazer à proposta da Embaixada do Legado, que se ausentava deste Reyno, lhe significou o excessivo jubilo, que recebera o seu coraçaõ com a Liga, para que era convocado, pois nella entravaõ tantos Principes a debellar o inimigo commum da Christandade, para cuja empreza concorreria com seis galeões, doze galés, e quatro galeaças guarnecidas de cinco mil combatentes, desejando que fosse mayor este apparato naval, de que era impedimento o grande numero de gente extincta pelo flagello da peste, como a expediçaõ de tantas náos para o Oriente, para resistir à violencia da mayor invasaõ, que testemunhara a Asia, cercando ao mesmo tempo Goa, e Chaul, o Hidalcaõ, e Nizamaluco. No que respeitava ao seu

seu casamento com a Infanta Margarida de Valois, irmãa delRey de França, o aceitava com a condiçaõ, de que este Principe entrasse na Liga, e para mais se facilitar esta negociaçaõ, desistia dos quatrocentos mil ducados do dote da Infanta, e lhe emprestaria semelhante quantia, para que com mayor empenho continuasse a guerra contra os Hugonotes. Tudo expressava o nosso Monarca nesta elegantissima Carta Latina ao Summo Pontifice.

Carta delRey D. Sebastiaõ a S. Pio V. mandada pelo Cardeal Alexandrino seu Legado.

„ Sanctissime in Christo Pater, ac Beatissi-
„ me Domine. Beatitudinis Tuæ litteras, summæ
„ in Deum pietatis, ardentissimi studii, & in ejus
„ Ecclesiæ charitatis, ac singularis erga nos bene-
„ volentiæ plenas, accepimus; quibus nos ad rem
„ Christianam tum tutandam, tum etiam augen-
„ dam, vehementer sane sumus incensi. Et qui-
„ dem pro incredibili vigilantia, & quam Tu, San-
„ ctissime, & Beatissime Domine, in Dominico
„ grege non solùm diligenter custodiendo, sed
„ etiam amplificando geris solicitudinem, ad nos
„ eximia cùm pietate datis litteris non-contentus,
„ pro eâ, quâ nos complecteris paterna charitate,
„ benigne quoque voluisti ad nos mittere, tam-
„ quam optimum istius testem voluntatis amplis-
„ simum Cardinalem Alexandrinum Sanctitatis
„ Tuæ, Sanctæque Sedis Apostolicæ Legatum à
„ Latere, sororis tuæ nepotem, vel posthabitis
„ iis levamentis, commodis, & officiis, quæ ipse

Apostol. Epist. S. Pii V. lib. 5 Epist. 5.

„ in amplissimis, gravissimisque negotiis Beatitu-
„ dini Tuæ præstare consuevit. Ex cujus quidem
„ præsentia, & sermonibus inter nos ultrò, ci-
„ troque habitis, ex ejusque pietate, ac religio-
„ ne quantum ceperimus voluptatis, vix à nobis
„ poterit explicari. Nam in eo, tamquam in spe-
„ culo, præclaris earum omnium, quas ille abs
„ Te tam sancto avunculo suo acceptas habet,
„ virtutum ornamentis decoratam imaginem elu-
„ cere perspeximus. Quantam porro lætitiam,
„ ac jucunditatem universæ Lusitaniæ optatissi-
„ mus ejus adventus attulerit, ex magna homi-
„ num frequentia illi obviam prodeuntium, ex
„ insusitatoque ad eum honorifice excipiendum, at-
„ que spectandum omnium facto concursu agnos-
„ cis facile potuit. Enim vero cunctis veniebat in
„ mentem cogitare, ipsum esse, & Legatum,
„ & affinem ejus Pontificis, cui multò pluris, &
„ antiquior sit Christiana Religio, solusque mor-
„ talium, quàm vita ipsa, quæ alioqui cæteris re-
„ bus omnibus charior hominibus esse solet. Ac
„ tanto quidem gaudio cunctorum animi perfusi
„ sunt, vix ut possit æstimari; fereque triumphum
„ agentibus, subibat memoria gloriosissimæ victo-
„ riæ, Beatitudinis Tuæ diligentia, vigiliis, ac
„ precibus assiduis de crudelissimo Christiani no-
„ minis hoste reportatæ; ob idque ad eum cons-
„ picandum ardentissimis animis certatim omnes
„ confluebant. Nam post natos homines de Chris-

„ tianæ

„ tianæ Religionis hoste tam illustrem, præclaramque victoriam navalem Christiani Principes numquam retulerunt: de qua Tu, Sanctissime, ac Beatissime Domine, quâ es in omnes humanitate, ac pro eo, quo nos, Regnumque nostrum summo complecteris amore, nos commonefacere voluisti. Ex quo quidem nuntio nos incredibilem sane percepimus voluptatem, non secùs ac si hæc, quæ Sanctitatis Tuæ propria est, nostra victoria fuisset; atque, ut par est, quantas maximas potuimus, Deo potentissimo gratias egimus: cui benigne placuerit, pias Beatitudinis Tuæ lacrymas, assiduaque jejunia, quibus in ista tam gravi, devexaque jam ætate te ipse diutiùs afflictasti, clementer aspicere, ac voti compotem facere; quique ardentissimas precationes tuas, gemitusque, quibus Divinæ Majestatis oculos inclinasti, voluerit exaudire. Summo præterea studio faciendum imperavimus uti Regno nostro toto pro tam singulari divinitùs accepto beneficio, magna celebritate supplicationes instituantur, atque ut à sacris Concionatoribus per omnes ditionis nostræ populos ineffabilis clementissimi Dei misericordia prædicetur, ut scilicet universi gratissimi hujus nuntii participes effecti quisque per se Christo Deo, ac Domino nostro gratias agerent immortales. Neque verò quispiam est omnium, qui ore plenissimo non confiteatur, hoc tam inexpectatum

„ bonum primò quidem Deo Optimo Maximo, „ tum verò Beatitudinis Tuæ meritis jure esse re- „ ferendum. Venio nunc ad litteras, ac Legatio- „ nem Beatitudinis Tuæ. Ego vero, Sanctissi- „ me in Christo Pater, ac Beatissime Domine, „ posteaquam ipse mecum rem omnem diligenter „ consideravi, atque prout sanè tanti negotii à me „ dignitas, ac magnitudo postulabat, cuncta ma- „ turo consilio perpendi, ad ejusmodi expeditio- „ nem libentissimo animo conspirandum mihi esse „ constitui; cùm propter ipsius rei splendorem, „ & amplitudinem (utpotè cùm hîc totius Chris- „ tianæ Reipublicæ salus agatur) tum etiam, ut „ prompto, magnoque animo paream Sanctissi- „ mo Christi Domini Vicario. Cui quidem ego „ Vicario me præter cæteros omnes sane pluri- „ mum debere intelligo, & propter maxima, quæ „ ille in me benigne contulit beneficia, & ob „ summam ejus in me benevolentiam; tum deni- „ que ne forte cuiquam Christiano Principi veni- „ ret in mentem suspicari, utcumque velle me ex- „ emplo meo, vel minimam occasionem dare, ut „ nonnulli ab hoc Sanctissimo jungendo fœdere „ aliquando possint retardari. Quòd si Potentis- „ simi Dei clementiâ res fuerit eò loci, ut cæte- „ ri Christiani Principes gloriosissimam hanc ex- „ peditionem simul aggredi decernant; polliceor „ ego, & constanter affirmo (quamquam utpo- „ tè in extremis terrarum finibus à Turcarum Im-

„ perio

„ perio longiſſime abſim) velle me primum in hanc
„ ſacri belli ſocietatem adſcribi, ipſique expeditio-
„ ni præſentem intereſſe. At licet id belli jam fe-
„ liciſſime inſtituti, ſi privata commoda reſpicia-
„ mus, non tam ad me, quàm ad alios Chriſtia-
„ nos Principes pertinere videatur; quippe quo-
„ rum regnis ſibi propinquioribus maxima damna
„ Turcæ olim intulerint, maioraque ſint indies
„ illaturi, niſi impiis illorum conatibus obſiſtatur:
„ tamen quando tanti refert Chriſtianæ Reipubli-
„ cæ iſtos ſceleſtos hoſtes è medio tolli, ut nul-
„ la mayor hoc tempore nobis incumbere neceſ-
„ ſitas poſſit; cumque id bellum ſit Sanctæ Eccle-
„ ſiæ cauſâ ſuſceptum, cujus gubernacula pro ſua
„ providentia Deus Optimus Maximus hoc infe-
„ liciſſimo tempore tradidit Beatitudini Tuæ; at-
„ que ego, cùm res ipſius Eccleſiæ, ac Sancti-
„ tatis Tuæ æque, ac meas, vel gravi fortuna-
„ rum mearum, ſive etiam vitæ cum detrimento
„ defendere debeam; ſacroſanctæ huic ſocietati,
„ & me ipſum, & fortunas, & opes meas, ſeu
„ quæ in Luſitania, ſeu quæ mihi ſunt in India,
„ ſponte mea offero, devoveoque, modò res eo,
„ quo dixi, loco ſint. Atque hæc, ut Eccleſia
„ Chriſti Domini, ac Salvatoris noſtri tot, tan-
„ tiſque tempeſtatibus, atque immaniſſimæ tyran-
„ nidis æſtibus conflictata, in tuto, ac tranquil-
„ lo libertatis portu aliquando tandem conquieſ-
„ cat: ut proinde Sanctiſſima Jeroſolymitana Do-
„ mus

„ mus pretiosissimo Redemptoris nostri sanguine
„ respersa , pristinum in statum , ac dignitatem
„ suam vindicetur : ut denique Christianorum in
„ Europa , in Asia , & in Africa summo sævæ
„ tyrannidis oppressæ scelere provinciæ, demum
„ à tam intolerabili servitutis jugo liberatæ divi-
„ num cultum , & honorem Christo Deo , ac Do-
„ mino nostro tribuere , & quam debent sacro-
„ sanctæ Sedi Apostolicæ, Romanæque Ecclesiæ
„ observantiam præstare queant. Interim igitur
„ dum optimi istius rerum status cogitationes ipsos
„ recreat , & consolatur , dumque hoc faustum
„ initium optimos successus pollicetur , novum
„ quiddam aliud nobis sese offert decernendum.
„ Nam etsi res Indiæ eo loco sunt hoc tempo-
„ re , ut cunctis perfidis Regibus continenter in
„ eâ conjurantibus, magis quàm cætera loca sub-
„ sidiis indigeant ; nihilo seciùs nos diligentissime
„ mandabimus , ut ingens classis adornetur , &
„ commeatibus , & veterano milite , bellisque in
„ Turcas gerendis assueto , egregie communiatur :
„ quâ quidem classe ad mare rubrum hostem ag-
„ grediantur. Cui sane rei si clementissimus Deus,
„ uti speramus , aspiraverit ; maximo id sanctæ
„ huic societati erit adjumento. Enim vero cùm
„ Reges Arabum dira Turcarum tyrannide pre-
„ mantur, in eo potissimùm laborant , ut à cervi-
„ cibus suis gravissimum illud servitutis jugum ex-
„ cutiant ; quippe qui jam ab illis defecerint ,
„ ali-

„ aliquotiesque terrestri commisso prælio victores
„ evaserint: sed tamen navalibus pugnis congre-
„ diendi, aut certè navibus, ne suppetiæ feran-
„ tur hostibus, impediendi, haud pares vires ha-
„ bent. Itaque, & nostro fœdere, & à nobis ex-
„ pediendâ classe ipsi vehementiùs incitati, divi-
„ noque auxilio præmuniti, hostilibus minis, ac
„ terroribus contemptis stabunt à nobis. Hac
„ enim classe Turcarum portus, atque perfugia,
„ quæ sunt maritimis in illis oris, permittente Deo,
„ conflictabuntur. Hac classe deinceps interclu-
„ detur aditus eorum navibus, quibus pretiosissi-
„ mis mercibus, orientalibusque divitiis onustis
„ tyrannicum imperium suum ditare consueve-
„ runt. Hac classe fiet, ut in posterum illis fa-
„ cultas omnis eripiatur habendi remiges, alios-
„ que homines navigandi peritos, & exercitatos,
„ quos ille Tyrannus ad classium suarum usum,
„ vel ex Arabia solet evocare; quorum etiam
„ hoc tempore, ob gravissimam acceptam cla-
„ dem, summa laborat inopia. Tanta scilicet est
„ in Arabia hujus generis hominum copia, ut fere
„ omnes, quorum servitio in navigationis utun-
„ tur Lusitani, Arabes sint. Hujus præterea clas-
„ sis ope maximum illud Æthiopum Imperium,
„ cujus salus, & restitutio continenter solicitat
„ Beatitudinem Tuam, quodque Turcæ sæpiùs
„ invaserunt, ac pro eâ qua ejus potiundi (quod
„ omninò Deus avertat, id enim magno Christia-
„ næ

„ næ Religioni esset incommodo) spe, & cupi-
„ ditate flagrant, inflammati, animis insolescunt,
„ divina favente clementia, respirabit; atque ad
„ Sanctæ Ecclesiæ Dei præstandam obedientiam
„ excitabitur. Præter hæc autem hoc toto Lu-
„ sitano Regno militem, munitiones, commea-
„ tum, naves, & omnia quibus ad instruendam
„ classem opus fuerit, confestim imperabimus: ut
„ id subsidii, vel ex toto, vel ex parte, sanctæ
„ huic belli societati opem queat afferre, ni for-
„ te necessitas aliqua, cui non obtemperari non
„ posset, id nobis consilii præpediret; aut Lu-
„ therani, aut etiam Africani Saraceni colligerent
„ copias, quibus copiis nos obsistere oporteret.
„ Id quod accidit hoc ipso anno. Etenim cum
„ ipsi Lutherani validissimam sexaginta, aut sep-
„ tuaginta navium classem ædificavissent, qua fu-
„ renter has Occidentis oras, imprimisque Lusi-
„ tanos dirigere, & vexare moliebantur, ubi clas-
„ sem nostram ad bellum gerendum expeditum es-
„ se cognoverunt, perniciosam illam cogitatio-
„ nem statim abjecerunt, atque inde factum, ut
„ eorum è faucibus ingens præda sit erepta. Nam
„ si malo aliquo fato contigisset, & istæ ex Orien-
„ te, Occidenteque profectæ naves, utriusque
„ Indiæ divitiis onustæ, quas ipsi spe quadam,
„ & cogitatione devoraverant, eorum in potes-
„ tatem devenissent, facile cruento bello Chris-
„ tianam Rempublicam afflictare potuissent. Hac
„ nos

„ nos adducti necessitate, & verò quoniam Lu-
„ dovicus de Torres serò admodùm Beatitudinis
„ Tuæ mandata retulit, exacto vere proximo,
„ id quod vehementer optabamus, sanctæ isti so-
„ cietati auxilium mittere nequivimus. Quod si
„ etiam rerum difficultate coacti hoc anno pari-
„ ter classem in id belli subsidium mittere non po-
„ tuerimus; curabimus tandem, ut aliquo saltem
„ numero navium, præter eas, quæ in mare ru-
„ brum derigentur ex Indiis, fœderatorum classi-
„ bus opem feramus. Quod autem ad matrimo-
„ nium attinet, narro tibi, Sanctissime in Christo
„ Pater, ac Beatissime Domine, nos id, quemad-
„ modum, vel quam sustinemus personæ digni-
„ tas, vel etiam hujus Regni nostri honor, &
„ salus postulabat, adhuc tractavisse. Sed nunc
„ maximè Reverendus Cardinalis Alexandrinus
„ eâdem super re Beatitudinis Tuæ nomine me-
„ cum sermonem contulit. Quod quidem Sancti-
„ tatis Tuæ jussa fecisse illum cognovimus, non
„ solùm, ut vel rebus nostris optimè consuleres,
„ Regiique nominis nostri rationem haberes, vel
„ ut summam tuam in nos charitatem, atque cle-
„ mentiam pleniùs omnes agnoscerent, vel deni-
„ que ut posteris nostris tantæ, imprimisque me-
„ morabilis rei testimonium relinqueres; sed etiam
„ eò ampliùs, ut per ejusmodi occasionem affli-
„ ctis Galliæ rebus, cujus salus tibi dies, noctes-
„ que ob oculos obversatur, opem ferre tua pos-

„ ſet Beatitudo: idque ut ea Provincia aliquando
„ tandem priſtinum in ſtatum reſtituatur, atque
„ in poſterum conſervetur incolumis: atque ideo,
„ ut Chriſtianos Reges omnes, quorum quidem
„ mutua benevolentia, charitaſque magis, ac ma-
„ gis indies refrigerari videtur, ad Chriſtianæ pa-
„ cis, & concordiæ ſe vinculis conjungendos ac-
„ cenderes, atque inflammares. Hinc verò, San-
„ ctiſſime Pater in Chriſto, ac Beatiſſime Domi-
„ ne, Sanctitas Tua confidit fore, ut Sacroſan-
„ ctæ huic, quæ adverſus crudeliſſimum Tyran-
„ num, Chriſtianique nominis hoſtem conflatur,
„ ſocietati proſpera cuncta, fauſtaque ſint even-
„ tura. Quæ quidem omnia cùm ita revera ſeſe
„ habeant, cognoverimuſque non ſolùm à Beati-
„ tudine Tua, ſed etiam ex aliorum cùm ſermo-
„ nibus, tum litteris Chriſtianiſſimi Galliæ Re-
„ gis ſororem maximis, clariſſimiſque virtutum
„ ornamentis ita fulgere, ut ea jure optimo no-
„ bis placare poſſit; faciendum eſſe decrevimus,
„ ut ea de re cum eodem Cardinali Alexandrino
„ apertiùs ageremus, idque negotii ipſius in ma-
„ nu poneremus, ut ipſe Beatitudinis Tuæ nomi-
„ ne, cum primùm pervenerit in Galliam, quò
„ nunc ab ipſa Legatus contendit, eâdem ſuper
„ re loquatur cum Oratore noſtro ibidem agente.
„ Quod ſi Gallicæ res, quoad negotium attinet,
„ eo loco fuerint, ut ſalvâ, & auctoritáte, &
„ exiſtimatione noſtra, de iis agi poſſet videatur;
„ tunc

„ tunc solùm ad præpotentis Dei honorem, &
„ gloriam, ad Sanctæque Matris Ecclesiæ salu-
„ tem, & tutelam, atque ad Christianorum Prin-
„ cipum inter se concordiam, & pacem retinen-
„ dam libenti animo feram, ut hujusce matri-
„ monii, affinitatisque vinculis Beatitudo Tua me
„ obliget, atque devinciat. Enim verò si un-
„ quam antea, nunc certe commodissima, atque
„ opportunissima sese offert occasio, quâ Christia-
„ ni Principes suam in Deum pietatem, propen-
„ samque ad officia promerenda voluntatem, at-
„ que in Ecclesiam Catholicam amorem mortali-
„ bus optime declarare queant. Nunc enim præ-
„ clarissima datur opportunitas Christianam Rem-
„ publicam non tutandi solùm, sed etiam ampli-
„ ficandi. Nunc aditus patet ad gloriosum Chris-
„ ti Dei, & Domini Nostri sepulchrum, cæte-
„ raque amplissima divinæ suæ in nos charitatis
„ monumenta pristinum in statum, & honorem
„ restituenda. Nunc optata nobis tribuitur facul-
„ tas, quâ immanis illius, atque importunissimæ
„ belluæ feritatem, nefariosque conatus reprime-
„ re, ac labefactare facilè possimus. Nunc egre-
„ giam nobis defert Deus commoditatem debi-
„ tas à sceleratissimo tyranno pœnas sumendi.
„ Ad hanc porro tam illustrem, tam gloriosam,
„ Christianisque Principibus tantopere dignam ex-
„ peditionem nos clementissimus Deus adhorta-
„ tur, hac ipsa gloriosissima concessâ victoria cum

„arrhabone, certissimaque spe, foro ut inde
„triumphos omnes agamus. Deus immortalis!
„Vos nunc appello Reges, ac Principes Chris-
„tiani, quousque tandem per dissensiones nos-
„tras, ac temeritatem fieri patiemur, ut sordidis-
„simis Turcarum pedibus conculcentur ea loca,
„quæ Sacratissimo JESU Christi Dei, & Domini
„nostri madefacta sunt sanguine? Hæc, hæc,
„inquam, sunt bella Domini, hæ veræ, Chris-
„tianoque nomine dignæ expeditiones. Cum
„igitur ad has conficiendas nuptias, Christi Do-
„mini, ac Liberatoris nostri Sponsæ, & salutis,
„& libertatis studio moveamur; ac licet nobis
„persuasum sit Christianissimum Gallorum Re-
„gem fratrem nostrum in hoc sanctissimo fœdere
„ita se gesturum, uti antea in rebus ejusmodi
„perpetuò se gessit; atque ad rem Christianam,
„& tutandam, & etiam augendam, eam cha-
„ritatem adhibiturum esse, ac pietatem, quam
„maiores ejus semper contulerunt, ex quo etiam
„Christianissimorum Regum sibi nomen pepere-
„runt: tamen ut huic Regi nonnullam optimæ
„nostræ in eum voluntatis significationem demus,
„universoque declaremus orbi, quanti faciamus,
„& affinitatem illius, & etiam totius Ecclesiæ
„Catholicæ conservationem; nos sane amplissi-
„mæ, atque opulentissimæ dotis loco ponemus
„si hanc ipse nobiscum belli societatem coire vo-
„luerit, unàque nobiscum in hunc Christianæ
„Rei-

„ Reipublicæ, omniumque salutis hostem infes-
„ tissimum conjurare. Sanctissime in Christo Pa-
„ ter, & Beatissime Domine, Deus Optimus Ma-
„ ximus Beatitudinem Tuam diutissimè servet in-
„ columem ad nostrûm, totiusque Christianæ Rei-
„ publicæ utilitatem. Datum Olisipone XIII. Ka-
„ lend. Januarii M.D.LXXI.

33 Satisfeito o Cardeal Alexandrino com a feliz conclusaõ da sua Embaixada, se despedio delRey com ternissimas expressoens de agradecimento, pela veneraçaõ, que da sua soberana pessoa recebera como Legado da Sé Apostolica, e pela profusa generosidade, com que fora hospedado, e toda a sua numerosa comitiva. O Cardeal D. Henrique o acompanhou até o bargantim, em que partio para Aldea Gallega a 23 de Dezembro, onde practicaraõ mutuamente os ultimos obsequios. Foy conduzido até a raya de Castella por D. Constantino de Bragança; e chegando à Corte de Madrid, onde se demorou poucos dias, passou a Pariz, e tratando dos desposorios do nosso Monarca com a Infanta Margarida de Valois, irmãa de Carlos IX. se naõ effeituou, por estar já destinada para consorte do Principe de Bearne Henrique de Borbon, aquelle heroico Marte, que da propria espada formou o Sceptro para ser adorado entre os Monarcas Francezes.

CAPI-

CAPITULO VII.

Continua o Hidalcaõ o sitio de Goa, donde depois de varios successos o levanta com igual perda de gente, que abatimento da sua soberba.

1571

34 NAõ podendo tolerar o Hidalcaõ, que a mais illustre porçaõ do seu Principado, qual era a Ilha de Goa, fosse dominada pelos Portuguezes, de cuja antiga posse privara a seus antepassados aquelle animado rayo o grande Affonso de Albuquerque, se resolveo a recuperalla, avistando os seus muros a 6 de Janeiro deste anno de 1571. Para fim de empreza taõ gloriosa marchou acompanhado do apparato militar de cem mil combatentes, que se formavaõ de diversas nações, como eraõ Mogores, Rumes, Panseos, Caracores, Laiz, e Abexins, com varios aventureiros attrahidos da cobiça dos despojos, e da fermosura das Damas de Goa. Distinguiaõ-se entre os Capitães Hener Maluco, genro de Noricaõ, Rumecaõ, e Daliticaõ, a cuja disciplina estava commettido o governo do exercito, igualmente numeroso, que formidavel, pois além de setenta e cinco mil Infantes, e trinta e cinco mil cavallos, se augmentava o seu horroroso apparato com dous mil elefantes, e tre-

Chega o Hidalcaõ a sitiar Goa, e de que constava o seu exercito.

zentas

zentas e cincoenta peças de artilharia de grandeza taõ extraordinaria, que lançavaõ pelouros de ſete palmos e meyo de circunferencia, e de trezentos e vinte arrateis de pezo.

35 Alojado o inimigo pela dilatada planicie dos campos circumviſinhos repreſentava huma populoſa Cidade permanente, e naõ errante, ſendo a ſua primeira operaçaõ levantar varias eſtancias com valos, e trincheiras, divididas em tal fórma, que mutuamente concorreſſem para a expugnaçaõ. Occupava Rumecaõ de huma parte, e Cogercaõ de outra a paſſagem do rio com tres mil cavallos, cento e trinta elefantes, e nove peças de artilharia. Noricaõ com Hener Maluco aſſiſtiaõ fronteiros à Ilha de Joaõ Lopes com ſete mil cavallos, cento e oitenta elefantes, e oito peças grandes. Camilcaõ, e Deleticaõ ſe alojaraõ no Paço de Benaſterim com nove mil cavallos, duzentos elefantes, e trinta e dous canhões; e na parte ſuperior a Benaſterim Soleymaõ Agá com mil e quinhentos cavallos, e duas peças de campanha. Eſtava defronte do Sapal Xatiarvataõ com mil e quinhentos Ginetes, ſeis elefantes, e ſeis bombardas. Dominavaõ o Paço de Agacaim Xatiatimanayque, Chiticaõ, e Codemecaõ, aſſiſtidos de nove mil cavallos, duzentos elefantes, e vinte e ſeis peças de artilharia.

Diſpoſiçaõ do exercito para o ſitio.

36 A eſte numeroſo exercito, que podia cauſar terror ao animo mais deſtemido, eſtava obſervando

servando com semblante inalteravel o insigne D. Luiz de Ataide, e como conhecesse, que o primeiro intento dos inimigos era impedir a corrente do rio, para lhe ser facil a entrada na Ilha, mandou a D. Pedro de Castro, Miguel de Castro, Fernando de Vasconcellos, e Diogo Barradas, com tres peças de campanha, que dertubassem as maquinas, que os barbaros tinhaõ com incrivel trabalho fabricado, cuja ordem executaraõ com igual promptidaõ, que valentia, lançando pelas correntes do rio a faxina, e instrumentos com que o inimigo pertendia conseguir a passagem. A Fortaleza de Benasterim por estar proxima ao rio, foy a primeira, que experimentou a bataria, para a qual passou o Vice-Rey, deixando o Paço Seco comettido a D. Pedro de Almeida, Capitaõ experimentado, por querer assistir em a parte em que era mais evidente o perigo. Como o sitio, onde se alojaraõ os inimigos, era superior à Fortaleza; cahio huma das torres, e parte da Igreja de Santiago ao violento impulso das balas, disparadas com taõ incessante movimento, que sómente das que passaraõ por elevaçaõ excederaõ o numero de seiscentas de cinco palmos de circunferencia, que cahiraõ na fortificaçaõ de André de Mendoça, distante de Benasterim hum tiro de bombarda. Para reparo das muralhas demolidas mandou o Vice-Rey fabricar hum muro de madeira terraplenado, contra o qual

Assiste o Vice-Rey em a Fortaleza de Benasterim.

assesta-

assestaraõ os barbaros mayor bataria, que sem interpolaçaõ jogava de dia, e noite.

37 Naõ correspondia o effeito ao ardor com que os inimigos anhelavaõ a nossa ruina, antes como os Portuguezes eraõ practicos em os passos da terra, e do rio, sahiaõ muitas vezes, quando se lhes offerecia occasiaõ opportuna, e privavaõ a huns da vida, e a outros da liberdade. Nestes assaltos mereceo distincta memoria o feliz successo, que conseguiraõ D. Jorge de Menezes, o *Baroche*, e D. Pedro de Castro, entrando pelo rio com seis navios pequenos, e descendo a terra, se travou huma escaramuça taõ sanguinolenta, que das cabeças dos inimigos carregaraõ os dous victoriosos Capitães dous carros, que o Vice-Rey mandou aos Cidadãos de Goa, para alivio do susto, a que os tinha reduzido taõ formidavel cerco. Naõ foy inferior no valor, e felicidade a acçaõ, que obrou Lançarote Picardo com sete Capitães, e cento e trinta Soldados, assaltando intrepidamente no silencio da noite as estancias inimigas, onde foraõ mortos innumeraveis Mouros, passando grande parte do somno temporal ao eterno. Como se fossemos expugnadores, e naõ expugnados, se repetiaõ os assaltos contra os inimigos, provocando-os a choques, e combates, em que a fortuna estipendiaria das nossas bandeiras nos concedia repetidas victorias.

Successo glorioso, que alcançou D. Jorge de Menezes com D. Pedro de Castro.

38 Irritado o Hidalcaõ do infructuoso progresso das suas armas, julgava por injuria da Magestade, que lhe disputasse a conquista de Goa a obstinada resistencia de taõ poucos defensores; e para diminuirlhe as forças com a diversaõ de nova guerra, mandou grande copia de dinheiro, e de Soldados à Rainha de Garcopa, para se declarar contra o Estado pela parte de Onor, a tempo que persuadia aos Reys da Costa do Canará, que nos invadissem pela parte de Bracellor, de cuja malevola astucia sendo certificado D. Luiz de Ataide, evitou com prevenidos soccorros a sua execuçaõ. Sabendo este Heroe, que o Hidalcaõ desvanecido com a propria grandeza, determinava entrar montado a cavallo em Goa, para nella receber as acclamações honorificas de Conquistador, lhe enviou por Antonio Mendes de Castro hum cavallo, digno da sua Pessoa, significando-lhe pelo portador, que elle com summo jubilo esperava receber por hospede a hum dos mayores Potentados da Asia. Recebeo o Hidalcaõ com benigno aspecto o presente, posto que esteve indifferente em aceitallo, por naõ receber o portador instruido pelo Vice-Rey a satisfaçaõ do donativo. Continuavaõ os combates de huma, e outra parte, em que sempre o valor Portuguez triunfava da barbara multidaõ.

Astucias do Hidalcaõ contra os cercados.

39 Para impedir os mantimentos, que se conduziaõ ao campo do inimigo, entrou Antonio

nio Cabral com quatro fuſtas no rio de Chaporâ, e penetrando a terra com cincoenta homens, abrazou quatro Aldeyas, e cincoenta navios de carga, de que recolheo abundantes deſpojos. Neſte tempo ſe coroou com igual triunfo D. Paulo de Lima em Rachol, reduzindo a cinzas duas povoações, e cativando ſeus moradores. Era preciſo aſſeſtar no Paço de Benaſterim huma peça de extraordinaria grandeza: porém a innundaçaõ de balas, que choviaõ do arrayal inimigo, intimidava aos noſſos para a ſua conducçaõ. O Vice-Rey para communicar eſpiritos aos Soldados timidos, lançou maõ a hum calabre para conduzir o canhaõ, quando huma bala lhe tocou levemente o braço eſquerdo, e raſgando-lhe o veſtido lhe naõ deixou a menor lezaõ. De outro mais fatal perigo o livrou a Divina protecçaõ, pois eſtando na Igreja de Santiago cahio a mayor parte do tecto com o impulſo da artilharia, e acudindo com prompta fidelidade Manoel de Souſa Coutinho, a receber na ſua peſſoa a ruina, em que certamente ficava ſepultado o Vice-Rey, eſte lhe increpou a acçaõ, como ſentindo, que houveſſe quem lhe roubaſſe a gloria de ſacrificar a vida em obſequio do ſeu Soberano.

De dous graves perigos he livre o Vice-Rey.

40 Quanto mais ſe dilatava o cerco, tanto mais ſe diminuia o orgulho do Hidalcaõ, ponderando com animo penetrado de deſeſperaçaõ os eſtragos recebidos de taõ poucos Soldados con-

tra hum exercito formidavel pelo numero de combatentes, e de instrumentos militares. Receava prudentemente, que naõ poderia reduzir à sua obediencia huma naçaõ vangloriosa com os triunfos alcançados por D. Diogo de Menezes de toda a Armada do Malabar, e de Luiz de Mello da Sylva, victorioso do poder naval do Achem no rio Fermoso, cujas esquadras tinhaõ chegado a Goa para soccorro dos sitiados, e fatal ruina dos expugnadores. Estes pensamentos lhe inquietavaõ com tanta vehemencia o animo, que vacillante entre a guerra, e a paz, naõ determinava se havia de continuar huma, ou pedir outra.

Chegaõ as Armadas de D. Diogo de Menezes, e de Luiz de Mello da Sylva a soccorrer os sitiados.

41 Animado o Viçe-Rey com a chegada das duas victoriosas esquadras, e juntamente com o grande estrago padecido pelos inimigos em sitio taõ prolongado, que já passava de tres mezes e meyo, continuou na defensa de Goa, onde havia deixar sepultada a arrogancia do Hidalcaõ. Depois de desbaratar Antonio Fernandes de Chale com cento e vinte homens a tres mil barbaros, que resolutos entraraõ na Ilha de Joaõ Lopes fronteira a Goa, insistindo os inimigos em entupir o rio para fazer passagem à Cidade, ao tempo que tinhaõ concluido metade da obra, foraõ acomettidos por ordem do Vice-Rey no silencio da noite pela parte onde estava aquartelado o Hidalcaõ, sendo o instrumento desta facçaõ Manoel Dias Picoto com seis navios, o qual saltando

Saõ mortos tres mil inimigos.

tando em terra fez taõ repentino deſtroço em os expugnadores, que quaſi todos foraõ mortos, e derrubada a maquina, que lhe tinha cuſtado tanto trabalho. Semelhante deſgraça experimentaraõ em outras partes pelos Capitães Damiaõ de Souſa, D. Antonio de Caſtro, Joaõ Gomes da Sylva, e Martinho de Vaſconcellos, naõ havendo lugar proximo, ou diſtante, que naõ ſentiſſe os effeitos do furor Portuguez.

42 O Nizamaluco confederado do Hidalcaõ, conſiderando a lentidaõ com que procedia no cerco de Goa, o increpou, que della naſcia a pertinacia com que ſe defendia Chaul, que elle eſtava cercando, de cuja reprehenſaõ eſtimulado o Hidalcaõ, reſolveo paſſar a Goa com todo o poder militar, para que de hum golpe cortaſſe todos os obſtaculos, que lhe impediaõ o rendimento de huma Cidade, afrontoſo eſcandalo das ſuas armas: e para teſtemunho, e deſengano deſta facçaõ levou ao Embaixador do Nizamaluco. No quarto da Alva do dia 13 de Março ſahiraõ embarcados em almadias cinco mil Mouros pela Ilha de Mercantor, diſtante duzentas legoas do continente de Goa, contra os quaes ordenou o Vice-Rey deſembarcar trezentos homens, capitaneados por Luiz de Mello, e D. Fernando de Monroy, com outra gente capaz de vadiar o rio. Principiou-ſe o combate com furioſa reſoluçaõ dos barbaros, animados com a preſença do ſeu Prin-

Inveſte Goa o Hidalcaõ com cinco mil Mouros, dos quaes ſaõ tres mil mortos.

Principe, e depois de ſe peleijar de ambas as partes com incrivel ardor, deſordenados os inimigos deixaraõ para teſtemunha da noſſa victoria, e do ſeu eſtrago tres mil mortos, e ſeiſcentos que fugitivos acabaraõ naufragantes. Nobilitou-ſe eſte glorioſo ſucceſſo com a morte de Solimar Agà, Capitaõ da Guarda Real, e com o cativeiro de Abdelmelic, cunhado do Hidalcaõ, e outros Capitães de diſtinçaõ grande. Voltou o Embaixador ao Nizamaluco, repreſentando-lhe mais com admirações, do que vozes, ſer Goa taõ inexpugnavel, como Chaul ſeria à obſtinada porfia das ſuas armas, pois os defenſores de huma, e outra Cidade lhes tinha a fortuna concedido o privilegio de invenciveis.

43 Ao meſmo tempo que os Portugues triunfavaõ com taõ repetidas victorias de ſeus inimigos, receavaõ ſerem vencidos pela falta de mantimentos, e munições, que já ſe experimentava, cujo provimento fazia difficil o Inverno: porém naõ era poderoſo taõ prudente receyo, augmentado com o eſtrago das muralhas, e inceſſante bataria dos canhões, para lhes diminuir a conſtancia, e esfriar o ardor, proſeguindo os aſſaltos nas eſtancias dos inimigos, e impedindo, que foſſem provîdos de armas, e mantimentos.

44 Seria já paſſada a mayor parte do mez de Julho, quando chegou noticia ao Vice-Rey de eſtar cercada pela Rainha de Garcopa com cinco

Cerca a Rainha de Garcopa a Fortaleza de Onor donde ſe aparta deſtroçada.

co mil Infantes, e quatrocentos cavallos a Fortaleza de Onor. Sem demora expedio duas galés, e oito fustas à ordem do Capitaõ Antonio Fernandes de Chale, o qual chegando no breve espaço de cinco dias acompanhado de gente militar de Onor, que defendia D. Jorge de Moura, acometteo aos inimigos pela frente, e retaguarda, com tal impulso, que fugindo tumultuariamente deixaraõ toda a artilharia, que conduziraõ para a conquista desta Fortaleza.

45 Desenganado o Hidalcaõ de naõ poder sugeitar ao seu dominio a Cidade de Goa, combatida taõ vigorosamente por tantos instrumentos bellicos, e Soldados animosos, em o largo espaço de dez mezes, cuja dilaçaõ, sendo immortal gloria dos cercados, era injuriosa confusaõ dos expugnadores, se retirou ao seu Reyno lançando em sinal de desesperaçaõ o turbante da cabeça, e blasfemando do seu Profeta. Para memoravel padraõ do valor Portuguez em taõ glorioso cerco foraõ cortados a ferro, consumidos em fogo, e sepultados em agua doze mil homens, trezentos elefantes, quatro mil cavallos, e seis mil boys, sendo o arbitro de taõ illustre triunfo, mayor que todos, que celebrou a antiguidade nos Fastos Gregos, e Romanos o insigne Heroe D. Luiz de Ataide, de cujos espiritos animada a Cabeça do nosso Estado, abateo, confundio, e desbaratou a armada arrogancia dos mayores Potentados da Asia.

Levanta o sitio o Hidalcaõ com grande perda do seu exercito.

CAPI-

CAPITULO VIII.

Chega o Nizamaluco a avistar Chaul acompanhado de formidavel exercito, e das primeiras operações do sitio, que poz a esta Cidade.

1571

46 SEpultada com tanta gloria do nome Portuguez a soberba do Hidalcaõ debaixo dos muros da Cidade de Goa, experimentou semelhante fortuna, ao mesmo tempo em os de Chaul a arrogancia do Nizamaluco, naõ sendo poderosa a colligada potencia destes dous taõ formidaveis barbaros para esbulhar aos Portuguezes da antiga posse de vencedores. Contava o Nizamaluco vinte e dous annos de idade, havendo já cinco, que reynava por astucia de sua mãy; era de estatura pequena, membros robustos, olhos vivos, a côr parda, e a condiçaõ affavel, inclinado à guerra, e naturalmente valeroso. O exercito que conduzia, constava de cento e vinte mil Infantes, em que entravaõ doze mil bombardeiros, e frecheiros, dezoito mil gastadores, trinta e quatro mil cavallos, trezentos e sessenta elefantes com muitos bufaros, e boys, e quarenta canhões, entre os quaes era o mayor, que lançava balas de pedra de sete palmos e meyo de circunferencia,

Pereir. *Vid. de D. Luiz de Ataid.* liv. 2. cap. 14.

De que gente se formava o exercito do Nizamaluco.

cunferencia, e de trezentos e vinte arrateis de pezo. Quatro mil officiaes de diversas nações, experimentados na arte militar, governaraõ o immenso numero de tantos Soldados, que obedientes às suas ordens promptamente executavaõ as mais arduas, e difficultosas emprezas. Foy recebido o Nizamaluco com festivas demonstrações de todo o exercito, ardendo continuos fógos em quanto durava a noite, armando-se para habitaçaõ da sua pessoa huma magestosa tenda em o monte do Agao, fronteiro da Cidade de Chaul. Ao dia seguinte distribuiraõ os inimigos as estancias alojando-se o General Faretecaõ junto da Ermida da Madre de Deos com sete mil cavallos, e duzentos elefantes, donde lançou huma trincheira pelo campo de S. Sebastiaõ até o Paço de cima da Cidade, em que estava Caluscaõ, Capitaõ Abexim, com seis mil cavallos, e Ximiricaõ com dous mil em as casas de Diogo Lopes, ficando por este modo cercada a Cidade de mar, a mar. Infestavaõ ao mesmo tempo Baylimacaõ, e Farate Maluco com quatro mil cavallos as terras de Baçaim, vendo-se no contorno de duas legoas occupados de huma, e outra parte todos os lugares circumvisinhos a Chaul de tendas, estancias, e munições dos inimigos.

Castilho *Comm. de Goa*, e *Chaul*, fol. 30. vers.

47 Toda esta multidaõ de homens, brutos, e instrumentos militares se conspirava contra huma Cidade, cujas muralhas eraõ de taypa, a

Fortaleza huma casa, e os defensores taõ poucos, que a cada hum correspondiaõ quinhentos barbaros. Animavaõ aos cercados D. Francisco Mascarenhas, e Luiz Freire de Andrade, Capitaõ da Fortaleza, para naõ recear o excessivo numero dos expugnadores, porque a justiça da causa porque peleijavaõ, lhes havia conceder a mais gloriosa victoria. Para que as trincheiras naõ pudessem ser entradas sem escadas, as levantaraõ a mayor eminencia, e repartiraõ os Soldados por vinte estancias, conforme o sitio, e a necessidade os ensinava, começando desde a Rosa, que corria junto da Fortaleza velha até à Costa brava, que sahia ao Convento de S. Domingos. Foy nomeado Aleixo de Sousa, irmaõ do Capitaõ da Fortaleza, que tinha dado da sua militar disciplina singulares argumentos, para sustentar o presidio do Convento de S. Francisco. Defendiaõ algumas casas situadas na praya Nuno Alvares Pereira, que em o nome trazia vinculada a victoria, Nuno Velho Pereira, D. Gonçalo de Menezes, Manoel Pereira de Lacerda, Heytor de Sampayo, e Luiz Xira Lobo.

Como se dispuzeraõ os nossos para sustentar o cerco, e defender a Fortaleza.

48 Para desempenho da palavra, que tinha dado Noricaõ ao Nizamaluco de ser o primeiro que entrasse victorioso na Fortaleza de Chaul, a assaltou pela parte das estancias, que defendiaõ Henrique de Betancurt, e Fernando Pereira de Miranda; porém com taõ infeliz successo, que se

Successo infeliz; que padece Noricaõ em hum assalto.

ſe retirou com morte de trezentos Soldados. Mayor foy a irrupçaõ, que experimentou o preſidio de S. Franciſco, onde era taõ continua a bataria dos canhões, que ſe occultava a luz do dia com as denſas nuvens do fumo, e ſe illuminavaõ as ſombras da noite com o fogo vomitado por tantas bocas de metal, ſendo taõ deſtra a pontaria dos artilheiros, que ſe encontravaõ no ar as balas expedidas do campo inimigo, e da noſſa Fortaleza. Naõ permittiaõ os cercados o menor intervallo de deſcanço aos expugnadores, pois até nas horas deſtinadas para o ſomno os obrigavaõ a deſiſtir das obras com que ſe chegavaõ ao preſidio. Entre as ſahidas ao campo merece diſtincta memoria o Capitaõ Sebaſtiaõ de Souſa, acomettendo em 19 de Janeiro com fortuna igual ao ſeu valor a huma Fortaleza fabricada pelos inimigos, onde pereceraõ muitos à violencia do fogo, e do ferro.

Acçaõ glorioſa de Sebaſtiaõ de Souſa.

49 Irritado o Nizamaluco com eſte ſucceſſo, ordenou, que em a noite ſeguinte ſe aſſaltaſſe o preſidio de S. Franciſco, por dous Capitães de valor conhecido. Acompanhados de cinco mil Laſcarins acometteraõ por tres partes o preſidio, onde ſe começou a diſputar hum ſanguinolento combate; e poſto que os barbaros eraõ heroicamente rebatidos para que naõ rompeſſem o muro, continuavaõ com feroz deſeſperaçaõ o aſſalto, até que ſoccorrido Nuno Velho com

Perdem os inimigos oitocentos Soldados em outro aſſalto.

quarenta arcabuzeiros por D. Francisco Mascarenhas, obrigou a que confusamente se retirassem os inimigos deixando trezentos mortos, e quinhentos feridos. Neste feliz successo he digno de eterna memoria Christovaõ Curvo de Sequeira, que examinando por tres vezes lançado fóra de huma fresta com huma tocha se os inimigos minavaõ a parede da Fortaleza, recebeo na rodela, e nas armas onze frechadas, sem padecer a menor lezaõ.

50 Depois desta derrota se assestaraõ por ordem do Nizamaluco duas peças grossas contra o mesmo presidio, cuja bataria pelo espaço de tres dias fez taõ espantoso estrago, que raro era o Soldado que naõ fosse ferido, ou sepultado em as ruinas de pedra, e madeira, de que se formavaõ os muros. Para se evitar este damno levantaraõ os nossos hum reparo, onde naõ sómente se conservavaõ illezos aos tiros dos barbaros, mas os precipitaraõ duas vezes com grande mortandade, e perda de muitas bandeiras, que já tinhaõ arvorado, obrigando-os a que com summa velocidade se recolhessem aos seus valos. A' felicidade desta acçaõ se seguio outra naõ menos gloriosa, pois sahindo os nossos a soccorrer aos seus companheiros dispersos no campo do combate passado, se accendeo outro mais furioso, a que concorreraõ varios Turcos, e Abexins, vestidos de armas brancas, contra os quaes prevaleceo o nosso

so

ſo valor, e diſciplina, matando a quatrocentos, quando dos noſſos faltaraõ ſómente ſeis.

Largaõ os Portuguezes o Forte de S. Franciſco.

51. Reduzido o Forte de S. Franciſco a hum monte de eſtragos pela violenta, e continua impreſſaõ da artilharia, naõ podendo os ſeus heroicos defenſores ſuſtentar as vidas quaſi ſepultados em tantas ruinas, ſe deliberaraõ a largar hum lugar, cuja defenſa era impoſſivel para preſidiar outro, em que os inimigos recebeſſem mayor damno, e elles merecida fama. Certificados os Mouros, de que tinhamos deſamparado o Forte, entraraõ ſem receyo de perigo; porém de hum revelim, em que ainda aſſiſtiaõ poucos Portuguezes, foraõ precipitados. Semelhante eſtrago padeceraõ os barbaros em mayor numero, pois combatendo em campo aberto com a noſſa gente pelo eſpaço de duas horas, fugiraõ deſcompoſtamente deixando regada a campanha de copioſo ſangue. Diminuio a gloria deſte ſucceſſo a infauſta morte de D. Fernando de Menezes, neto de D. Henrique de Menezes, o *Roxo*, Governador da India, o qual na primavera dos annos ſe ornava com os frutos de valeroſo, e prudente.

Couto *Decad. da Ind. VIII.* cap. 26.

Morre em hum choque D. Fernando de Menezes.

52 Em toda a parte triunfava com igual fortuna o valor Portuguez, pois ſendo acomettida a Fortaleza de Caranja, ſituada entre Chaul, e Damaõ, de que era Capitaõ Eſtevaõ Pereſtrello, por dous mil cavallos, e ſeis peças de artilharia,

ſahio

Triunfa Estevaõ Perestrello dos inimigos, que vinhaõ cercar a Fortaleza de Caranja.

sahio animoso ao campo acompanhado de setenta Portuguezes, e ainda que foy advertido por Manoel de Mello Pereira, se naõ empenhasse na defensa de huma Fortaleza pouco importante ao Estado, e applicasse todas as forças na conservaçaõ de Baçaim, desprezou esta advertencia como injuriosa ao seu credito, e investindo improvisamente os quarteis dos inimigos os desalojou com incrivel felicidade, deixando para final da victoria as armas, e mantimentos, que conduziaõ para a conquista de Caranja. Tal foy a confusaõ, que penetrou ao General desta empreza, que para naõ ser victima do furor do Nizamaluco, fugio para Cambaya com os principaes Soldados, que governava.

53 Arruinada a mayor parte das casas, que serviaõ de antemural à Fortaleza de Chaul, pela incessante bataria dos canhões, naõ se podiaõ sustentar as de Manoel Pereira, e Luiz Xira Lobo, pois como estavaõ situadas defronte da Cidade eraõ certo alvo das batarias inimigas. Antes de serem entradas pelos barbaros as de Luiz Xira, se fabricou huma mina por hum Condestavel Flamengo, que tinha servido na Praça de Dio. Ajudava a esta obra o Sargento mór Manoel Raposo, o qual menos acautelado recolheo os barris de polvora, destinados para a mina, em hum armazem cheyo de munições, e artificios de fogo. Presumindo os Mouros, que as casas

estavaõ

estavaõ desamparadas, entraraõ nellas confiadamente às nove horas do dia 18 de Fevereiro, a tempo que se estava fabricando a mina, e arvoraraõ varias bandeiras em final de triunfo. Para os lançar fóra sahiraõ das tranqueiras D. Duarte de Lima, e Fernaõ Telles com muitos Soldados de distincçaõ, e como os Mouros estavaõ na parte superior, hum delles lançou huma panella de polvora contra os nossos, que ateando-se repentinamente em outras, se communicou o fogo aos barris, e caixões, que estavaõ para atacar a mina, de cujo fatal incendio foraõ abrazados quarenta Portuguezes, sendo os de mayor distincçaõ Heytor de Sampayo, Duarte de Lima, Jorge da Cunha, Ayres Ferreira, Joaõ de Ornellas, Antonio de Sampayo, Luiz Xira Lobo, e Manoel Raposo, author de taõ infausto successo. Outros sahiraõ taõ denegridos do incendio, que seus amigos, e parentes, imaginando que eraõ Mouros os mataraõ, se com a voz naõ evitassem taõ fatal perigo.

Faria *Asia Portug.* Tom. 2. Part. 3. cap. 10.

Fatal estrago, que padeceraõ os nossos por causa do fogo.

54 Altivos os barbaros com este successo, se animaraõ seiscentos a combater ao dia seguinte, por ordem de Xiricaõ o baluarte da Cruz, que estava muito damnificado pelo impulso da artilharia. Eraõ vigilantes sentinellas distribuidos aos quartos Fernaõ Telles, e Fernaõ Pereira, e conhecendo do movimento dos barbaros a sua determinaçaõ, foraõ promptamente rebatidos matando

Assalto no baluarte da Cruz.

tando

tando a tres que tinhaõ entrado os entulhos; e travando-se hum choque com os que acometteraõ os valos, soccorridos os nossos do Capitaõ mór, lhes tomaraõ cinco bandeiras, que atrevidamente intentavaõ fixar no baluarte, cahindo huns precipitados, e outros feridos. Mereceraõ nesta acçaõ distincto louvor Henrique de Betancurt peleijando com a maõ esquerda, por ter perdido a direita em outro conflicto; e Domingos do Alamo, que sentado, por ter abrazados os pés no incendio da mina, com huma lança fez horroroso estrago em os inimigos, morrendo neste assalto cento e cincoenta, dos quaes muitos pela côr branca eraõ Europeos.

Outro assalto, de que sahem destroçados os inimigos.

55 Por estarem apartadas das tranqueiras as casas de Nuno Velho Pereira, eraõ o principal alvo das armas inimigas, e como padeceraõ a bataria pelo largo espaço de quarenta e dous dias, estavaõ reduzidas a hum acervo de pedras. Ordenou Nizamaluco a Faretecaõ, que logo fossem acomettidos, e que se naõ apartasse sem as render à sua obediencia para castigo das afrontas, que lhe faziaõ seus defensores. No quarto da Alva se fez a invasaõ com quatro mil Soldados escolhidos, cuja barbara multidaõ foy rebatida por quarenta Portuguezes, que unicamente se achavaõ defendendo aquellas ruinas, donde como naõ se perdia golpe, nem tiro, se retiraraõ os barbaros confusos, e destroçados. Raivoso o

Nizama-

Nizamaluco com esta fatalidade, instou com segundo assalto, mandando assestar a artilharia contra a nossa Armada, da qual recebia gravissimo damno. Para facilitar o rendimento das casas fabricaraõ os Mouros humas paredes grossas como baluartes, a cujo designio se oppoz Agostinho Nunes com Gomes Ferreira, armando hum cavalleiro onde plantou hum salvagem, de cujas balas foy desbaratada a maquina dos inimigos. Os estrondosos eccos das batarias disparadas contra o Convento de S. Domingos eraõ taõ formidaveis, que tinhaõ despovoado o ar de aves, e o mar de peixes, servindo de despertadores aos Portuguezes para se conservarem constantes, e insuperaveis entre taõ horrorosa confusaõ.

56 Reduzidas ao ultimo estrago as casas de Nuno Velho, para que os inimigos se naõ senhoreassem dellas, sem grande perda, se fabricou huma mina, a qual ao tempo que os Mouros estavaõ celebrando com descompostas vozes a ventura da sua posse, rebentou com improvisa violencia, arrebatando a innumeraveis, com muitas bandeiras, entre as quaes estava huma, que tinha pintada a torpe figura de Mafoma. Passado o estrondo, e o estrago, acometteo o Capitaõ mór aos barbaros, que deixara vivos o incendio, e outros, que acodiraõ ao seu soccorro, e fez nelles taõ grande mortandade, que sómente Nuno Velho despojou a cincoenta da vida.

Morrem muitos barbaros abrazados em huma mina.

CAPITULO IX.

Continua o Nizamaluco o cerco de Chaul, o qual depois de varios assaltos se retira totalmente derrotado. Pede pazes ao Estado, que lhas concede, como ao Hidalcaõ. D. Antonio de Noronha chegando a Goa nomeado Vice-Rey.

1571

57 TAõ obstinado permanecia o Nizamaluco na conquista de Chaul, que o furor que lhe animava o peito contra os seus heroicos defensores, o reduzia a insensivel para se naõ penetrar dos estragos, e ruinas que tinha experimentado. Com o principio de Abril começou meditar novas operações, levantando diversas tranqueiras contra os cercados, que impacientes sahiraõ sem ordem do seu Capitaõ ao campo, e acomettendo aos inimigos por entre hum diluvio de balas, fizeraõ victimas das suas fulminantes espadas a cento e cincoenta, entre os quaes participou desta desgraça hum Capitaõ alentado, a quem era muito affecto o Nizamaluco.

Saõ mortos cento e cincoenta inimigos.

58 Persuadido este barbaro, que a continuaçaõ do sitio tivesse quebrantado as forças, e diminuido os espiritos aos Portuguezes, posto que nunca contra elles prevalecera em tantos combates, e assaltos, determinou dar hum geral à Fortaleza,

taleza, para de huma vez extinguir os antegoniftas da fua formidavel potencia. Para efte fim foy batida no efpaço de huma noite com cento e trinta e quatro tiros, até que ao romper da Alva conheceraõ os fitiados pelos rinchos dos cavallos, e urros dos elefantes, que o exercito marchava. Com incrivel furor, e valerofa refoluçaõ, que lhes infundia a prefença do feu Principe, inveftiraõ os barbaros as trincheiras, difparando huma continuada tempeftade de balas, e fettas, que cubriaõ os ares, que fe fazia mais horrorofa com o fom das trombetas, e confufaõ dos alaridos. Contra o baluarte de Santa Cruz dirigiraõ a primeira invafaõ, e como eftiveffe prefidiado por Fernaõ Telles, D. Henrique de Menezes, Fernaõ Pereira, e Henrique de Betancurt, foy tal a innundaçaõ de panellas de polvora, e outros inftrumentos de fogo, que atemorifados com os relampagos, trovões, e rayos, defta marcial tempeftade, fe retiraraõ taõ confufos, como derrotados. Acomettidas outras eftancias pelos barbaros, fahiraõ os Portuguezes como leões furiofos daquellas cavernas, que ferviaõ de reparos à Cidade, e empregando a fua colera naquella barbara multidaõ, privaraõ da vida a quinhentos, entre os quaes foraõ muitos de diftincta qualidade. Dos noffos fómente faltaraõ tres, fendo delles o mais lamentado Joaõ de Lima. Taõ altamente deixou penetrados aos inimigos a infelicidade defta

Acomettem os inimigos o baluarte de Santa Cruz onde faõ derrotados.

Repetem o affalto, em que morreraõ quinhentos barbaros.

acçaõ, que por muitos dias se naõ atreveraõ chegar à Fortaleza, satisfazendo a sua injuria com alguns tiros vagos.

Solicita o Nizamaluco huma diversaõ, e a naõ consegue.

59 Vendo o Nizamaluco o infeliz progresso das suas armas no dilatado sitio, que contra taõ formidavel poder sustentava a constancia Portugueza, solicitou com largas promessas, e terriveis ameaças a alguns Principes seus confinantes; para que rompendo guerra aos Portuguezes, fossem constrangidos com esta nociva diversaõ a diminuir o animo, e as forças, com que defendiaõ Chaul. Todas estas maquinas desfez a politica vigilancia de Alvaro Pires de Tavora, Capitaõ de Damaõ, prevenindo a ElRey de Sarcetas, que se naõ declarasse contra os Portuguezes, pois deste rompimento se poderia occasionar irreparavel damno aos seus Estados, cuja persuasaõ foy taõ efficaz, que quando chegou o Embaixador do Nizamaluco, lhe respondeo naõ ser conveniente à sua conservaçaõ o rompimento com os Portuguezes, de quem sempre recebera multiplicados beneficios.

He soccorrida a Fortaleza.

60 A este tempo chegaraõ de soccorro à Fortaleza duas galés capitaneadas por Ruy Gonçalves da Camera, e Manoel de Mello, com gente, e munições, enviada pelo Vice-Rey, a quem o ardor militar entre os cuidados da conservaçaõ de Goa, invadida pelo Hidalcaõ, lhe estava infundindo novos alentos, para se naõ esquecer da defensa

defensa de Chaul. A este soccorro se seguio outro de quatorze embarcações com duzentos Soldados, que mandava Jorge Pereira, o qual desembarcando em Galeana, se lhe oppoz Famecaõ, Capitaõ Abexim, com mil e quinhentos Soldados, que sendo gloriosamente desbaratados com a morte de sessenta e dous, sem querer entrar na Cidade entregou à voracidade do fogo todo o seu arrabalde, em que foraõ consumidas preciosas mercadorias.

Triunfa Jorge Pereira do Famecaõ.

61 Desmanteladas todas as casas, que eraõ os propugnaculos da Fortaleza de Chaul, já os inimigos estavaõ taõ chegados a ella, que era domestica a guerra entre os cercados, e os expugnadores; e intentando estes em 11 de Abril entrar na Cidade por humas hortas, foraõ rebatidos vigorosamente por D. Gonçalo de Menezes, e Francisco Barradas. Segunda vez acometteraõ no silencio da noite, que por ser muito tenebrosa lhe facilitava o designio, onde se fortificaraõ com tal arte, que naõ poderaõ ser desalojados por Ruy Gonçalves da Camera, e os seus companheiros, que velozmente correraõ a soccorrer D. Gonçalo de Menezes. Favorecidos estes animosos Capitães com mayor numero de gente, ao romper da manhãa cercaraõ as casas, em que estavaõ os Mouros: e postó que na entrada acharaõ forte resistencia de quinhentos, naõ escaparaõ cinco vivos, levando para final da victoria os Portuguezes

Destroço grande do inimigo.

zes cinco bandeiras, que tinhaõ os Mouros arvorado.

62 Desenganado o Nizamaluco da valerosa constancia, e invencivel valor, com que pelo largo espaço de nove mezes sustentavaõ os Portuguezes a Fortaleza de Chaul, contra o mais formidavel exercito, que tinha alistado o mayor Principe da Asia, se resolveo a applicar os ultimos esforços, com que ou se coroasse triunfante, ou se retirasse vencido. Para ver este horroroso espectaculo subio a hum lugar eminente, que estava proximo ao Convento de S. Francisco, ordenando, que ao brandir no ar huma lança, de que estava pendente huma touca amarella, se desse o assalto geral. Era o dia consagrado às illustres memorias dos sagrados Principes do Apostolado, que com o seu sangue ennobreceraõ a Cabeça do Mundo, quando tumultuariamente acometteo aquella barbara multidaõ, que se formava de setenta mil homens, com espantosos alaridos, e vozes desentoadas, e cingiraõ todos os valos, presidiado cada hum de cincoenta Portuguezes, a quem correspondiaõ sete e oito mil Mouros. Da primeira avançada se fizeraõ senhores dos valos, em que arvoraraõ algumas bandeiras: porém com repetidas descargas da espingardaria, foraõ quinhentos mortos, perdendo os póstos, que com tanto valor tinhaõ alcançado. Com mayor furia remeteraõ segunda vez para vingar a afronta

Ordena o Nizamaluco, se dé assalto geral à Fortaleza.

Saõ mortos quinhentos Mouros na primeira avançada.

afronta padecida, servindo-lhe os cadaveres de degraos para a subida. O ar cuberto do fumo exhalado de tantos artificios de fogo; o estrepito incessante das armas, os gemidos dos moribundos, os clamores dos cercados, e as vozes lastimosas das mulheres, e meninos, que discorriaõ pela Cidade, implorando o Divino auxilio contra os inimigos do seu Santo Nome, representavaõ o mais horrivel, e medonho espectaculo. Naufragavaõ no sangue derramado por varias feridas, e cahiaõ passados das balas os inimigos: porém incitados de furor cego repetiaõ os assaltos, esquecidos das leys da humanidade, com que viaõ o estrago de seus companheiros, e obstinadamente constantes na ultima extincçaõ dos cercados. Reconhecendo os barbaros, que todo o seu esforço naõ podia prevalecer contra os Portuguezes, se retiraraõ às seis horas da tarde de taõ porfiado combate, deixando semeado o campo de tres mil cadaveres, mudos pregoeiros da nossa gloria, e do seu estrago. O numero dos mortos foy excedido incomparavelmente pelo dos feridos, sendo hum delles Faretecaõ, General do exercito, que com o proprio sangue testemunhou a valentia do seu braço. Dos nossos sómente morreraõ cinco, que como se naõ tivessem sustentado taõ duro assalto convidavaõ para segundo aos inimigos com as espadas empunhadas, e as bandeiras tremolantes. O Nizamaculo antes do tragico

Retiraõ-se os Mouros do segundo assalto com perda de tres mil mortos.

gico fim do assalto se retirou opprimido de tal tristeza, que naõ permittio que algum dos seus Capitães lhe visse no semblante a afflição, que o atormentava, e recolhido a huma Mesquita desafogou a sua paixaõ vituperando a Mafoma de naõ concorrer benevolo para o feliz successo de huma empreza, em que estava empenhada a potencia do seu Reyno, e o credito da sua pessoa, onde em trinta e nove combátes deixou extinctos pelo ferro, e fogo quarenta mil Soldados. O Capitaõ da Fortaleza com os officiaes participantes da gloria do triunfo, ordenaraõ huma Procissaõ, em que renderaõ as graças ao Supremo Arbitro das victorias. Instado o Nizamaluco de seus vassallos para celebrar pazes com o Estado, pois tinha conhecido com taõ lamentavel experiencia ser conveniente à sua conservaçaõ a nossa amizade, nomeou para Plenipotenciarios a Faretecaõ, General do seu exercito, e a Cafacaõ, Vêdor da sua Fazenda, e no Convento de S. Domingos a 24 de Julho deste anno de 1571, se avistaraõ com D. Francisco Mascarenhas, D. Jorge de Menezes, Capitaõ da Cidade de Chaul, e por adjuntos Antonio de Teive, e Pedro da Sylva, e propostas as condições se celebraraõ as pazes com grande conveniencia do Estado. O Hidalcaõ, que era alliado do Nizamaluco, experimentando o mesmo infortunio em o cerco de Goa, que este tivera em o de Chaul, sendo seu imitador

Pede pazes o Nizamaluco, e se lhe concedem.

O Hidalcaõ pede pazes ao Estado.

dor na desgraça, o quiz ser na celebraçaõ das pazes, que naõ aceitou prudentemente o Vice-Rey, por esperar tempo em que fossem mais gloriosas à reputaçaõ do Estado.

63 Nesta conjunçaõ de tempo chegou a Goa por Vice-Rey D. Antonio de Noronha, filho de D. Martinho de Noronha, Senhor de Villa-Verde, e de D. Guiomar de Albuquerque, sobrinha do grande Affonso de Albuquerque, o qual sahindo em Março passado de Lisboa com cinco náos capitaneadas por Antonio Moniz Barreto, Ruy Dias Pereira, Antonio de Valladares, e Francisco de Figueiredo, foy recebido por D. Luiz de Ataide no mez de Setembro, comettendo-lhe para feliz principio de seu governo a celebraçaõ das pazes com o Hidalcaõ, as quaes foraõ estipuladas a 13 de Dezembro, com grande gloria da naçaõ Portugueza.

Chega a Goa por Vice-Rey D. Antonio de Noronha.

Celebra pazes com o Hidalcaõ.

CAPITULO X.

Acomette o Samorim a Fortaleza de Chale com exercito numeroso, e depois de huma heroica defensa se rende àquelle barbaro.

64 AO tempo que com tanto credito do valor Portuguez se tinha abatido o orgulho do Hidalcaõ em Goa, e do Nizamalu- 1571

co em Chaul, acometteo o Samorim, colligado destes dous Principes, a Fortaleza de Chale, persuadido de que a sua conquista desaggravasse as injurias, que receberaõ das nossas armas. Com prudente astucia, e sagaz artificio, foy dissimulando este intento, até que no fim de Junho, principio na Asia do Inverno, em que naõ podiaõ sahir de Goa as nossas Armadas, investio subitamente a Fortaleza de Chale com cem mil combatentes, cercando-a de mar a mar com valos, e trincheiras, guarnecidas de quarenta peças de bronze, das quaes mandou plantar vinte do rio até a barra, para impossibilitar o soccorro aos sitiados. Governava a Fortaleza D. Jorge de Castro, taõ illustre por nascimento, como provecto na idade, e prudente no discurso, o qual pelas repetidas vezes que fora Capitaõ desta Fortaleza, sempre tinhaõ sido os seus muros respeitados do Samorim, e como naõ presumia a dolosa resoluçaõ deste barbaro, naõ tinha provido a Fortaleza de mantimentos, e gente, a qual naõ excedia de sessenta Soldados, entre velhos, e moços. Começou o Samorim a bater a Praça com incessantes descargas da artilharia, que eraõ respondidas com fatal damno dos inimigos, sem ordenar, que se desse algum assalto, por esperar reduzir à sua obediencia os cercados com guerra mais violenta, qual era a intestina causada pela fome.

He cercadó Chale com cem mil homens.

Prompta-

65 Promptamente avisou o Governador ao Vice-Rey D. Antonio de Noronha, do calamitoso estado a que estava reduzido por falta de Soldados, e mantimentos, para sustentar huma Praça invadida por taõ numeroso exercito. Esta noticia causou tal consternaçaõ em os Cidadãos de Cochim, onde estava o Vice-Rey, que lhe supplicaraõ partisse logo com o Capitaõ Vasco Lourenço de Barbuda para soccorrer Chale, antes que se rendesse com injuria do Estado. Sahio o Vice-Rey com huma náo, e duas fustas, e chegando brevemente à barra de Chale, a naõ pode entrar impedido da artilharia inimiga, assestada ao longo do rio, e de quarenta paraos, que discorriaõ por aquelle lugar para o mesmo effeito. Penetrado Francisco de Sousa Pereira Camello da oppressaõ, que padecia Chale, esquipou huma almadia com quatro Soldados, e alguns mantimentos, e munições, e depois de arribar a Cananor, donde sahira, por causa do tempo invernoso, chegou à barra de Chale a 17 de Agosto, onde estava surto D. Antonio de Noronha, e comettendo com heroica resoluçaõ a boca do rio, animados os companheiros com largas promessas, sem receyo das ballas, e settas, que sobre elle choviaõ, ainda que foy morto o marinheiro do leme, varou à porta da Fortaleza, onde de huma bombarda se lhe abrio a embarcaçaõ, da qual sahio com os mantimentos, e munições,

Soccorre pessoalmente o Vice-Rey a Chale, e o naõ consegue.

Introduz soccorro na Fortaleza Francisco de Sousa.

ſendo recebido com inexplicavel alegria por D. Jorge de Caſtro, e lhe encomendou o lanço do muro, que corria ſobre a porta da Fortaleza, já derrubado pelo impulſo da artilharia: porém por diligencia de Franciſco de Souſa ſe reparou, para ſuſtentar o impulſo dos expugnadores.

Parte D. Diogo de Menezes ao ſoccorro de Chale.

66 Certificado o Vice-Rey pelas Cartas de D. Jorge de Caſtro do perigo, e conſternaçaõ, em que ſe achava, ordenou logo a D. Diogo de Menezes, que com duas galés, e a Armada que eſtava em Onor, ſoccorrer Chale, antes que o Samorim a rendeſſe. Vencidas as dilações, cauſadas pelos ventos rijos, e tempeſtuoſos, ſurgio ſobre a barra de Chale. Tanto que D. Jorge de Caſtro deſcobrio a Armada, mandou ſignificar ao Capitaõ mór a neceſſidade de munições, mantimentos, e medicamentos, que padecia, como o perigo a que eſtava expoſto de ſer deſtroçado pela artilharia dos inimigos, collocada em tantas partes, que raro ſeria o tiro, que naõ cauſaſſe graviſſimo damno. D. Diogo de Menezes, conhecendo que a Armada, que conduzia, naõ era capaz do effeito que pertendia, voltou a Cochim, e reforçado com treze navios, e tres galés, ſurgio defronte de Chale, e deſpedindo a ſua manchua, de que era Capitaõ Luiz Fernandes, valeroſo Soldado, como levava por marinheiros Malavares, muito practicos naquelles mares, embocou a barra pequena, e chegando junto da Fortaleza,

taleza, correraõ Mouros, e Nayres de huma, e outra parte empenhados a tomar a manchua, de cujo intento os fruſtrou o esforço de Luiz Fernandes.

67 A eſte tempo foy aſſaltada a Fortaleza por todas as partes com horriveis alaridos, e varios inſtrumentos de fogo. D. Jorge de Caſtro, que conſervava na provecta idade de oitenta annos o vigor da adoleſcencia, diſcorria pelo muro com a eſpada na maõ animando aos Soldados, para que conſtantes rebateſſem a invaſaõ, da qual, havendo obrado os inimigos valeroſamente, ſe retiraraõ deſtroçados. Victorioſo D. Jorge de Caſtro com o eſtrago, que fizera nos expugnadores, repreſentou a D. Diogo de Menezes a urgente neceſſidade de ſer ſoccorrido com gente, e munições, pois ſem ellas naõ poderia ſuſtentar a Fortaleza contra hum taõ numeroſo exercito. Convocou a conſelho D. Diogo de Menezes aos Capitães, para ſe reſolver o modo com que havia ſer ſoccorrido Chale, ainda que foſſe com evidente eſtrago de toda a Armada. Reſolveo-ſe, que navegaſſem os navios ligeiros defendidos pelas galés, donde foſſem varejados os inimigos diſperſos pelas prayas, e impediſſem aos paraos do Samorim, que vagavaõ pelo rio, naõ cauſar damno aos noſſos navios. Deſprezando heroicamente toda a oppoſiçaõ dos barbaros D. Diogo de Menezes, entrou a 30 de Setembro

Aſſaltaõ os inimigos a Fortaleza, donde ſe retiraõ deſtroçados.

Soccorre a Fortaleza D. Diogo de Menezes.

bro pelo rio, e contra huma furiosa tempestade de balas, e settas, chegou à porta da Fortaleza, donde sahio D. Jorge de Castro a receber a nossa gente, a tempo que Francisco de Sousa Pereira com quarenta Soldados avançou os valos dos inimigos, da parte do Norte, onde se havia fazer a principal désembarcaçaõ, cuja empreza executou com tal esforço, que precedendo hum sanguinolento combate, foraõ mortos quatrocentos barbaros, seguindo-se o introduzirse o soccorro na Fortaleza. Tanto que D. Diogo de Menezes deixou soccorrida Chale, deu sinal de sahir a Armada, porque repontava a maré, e em cada instante de demora padecia naõ pequeno damno a sua gente, podendo justamente gloriarse de ter conseguido huma empreza por entre diluvios de balas, e settas, e varios instrumentos de fogo, naõ perdendo em taõ perigósa acçaõ mais que vinte homens na sua galé, onze em a de Diogo da Azambuja, e nove em a de Matthias de Albuquerque.

Couto *Decad. VIII. da Ind.* cap. 41.

68 Para naõ ceder à violencia dos expugnadores Chale, expedio o Vice-Rey huma Armada, de que era Capitaõ mór Francisco de Sousa Tavares, e logo mandou outra governada por D. Fernando de Monroy: porém como se destinassem estes soccorros para outras partes, partio ao soccorro de Chale segunda vez D. Diogo de Menezes com mil e quinhentos homens, mas com

Parte com segunda Armada D. Diogo de Menezes para soccorrer Chale.

com taõ infaufto fucceffo, que achou a Fortaleza rendida pela culpavel inercia de D. Jorge de Caftro, que preferindo injuriofamente as inftancias de fua mulher D. Filippa de Caftro às obrigações do feu officio, facrificou huma Fortaleza, que confervada era fatal efcandalo da ambiciofa arrogancia do Samorim. D. Diogo de Menezes levou para Cochim a gente que fahira de Chale, e junto com Matthias de Albuquerque, affugentaraõ quantos Coffarios infeftavaõ aquelles mares, donde paffaraõ a defmantellar a Fortaleza, que na boca do rio Sanguicer tinha levantado hum Nayque, vaffallo do Hidalcaõ, cuftando efta facçaõ a vida de Antonio Fernandes Chale, de naçaõ Malavar, e Cavalleiro da Ordem Militar de Chrifto, o qual com fuas heroicas acções nobilitou a fua peffoa, adquirindo com a virtude propria os brazões, que lhe negou a natureza. Foy conduzido o feu cadaver a Goa, onde lhe deraõ fepultura com pompa fómente concedida aos Governadores do Eftado.

Rende-fe a Fortaleza ao Samorim.

Faria *Afia Portug.* Tom. 2. Part. 3. cap. 12. n. 3.

Quem era Antonio Fernandes Chale.

CAPI-

CAPITULO XI.

Instrue D. Sebastiaõ ao seu Embaixador em França Joaõ Gomes da Sylva das negociações, que lhe propoz o Cardeal Alexandrino, das quaes faz participantes a sua prima a Senhora Princeza de Parma, e ao Conde de Vimioso D. Affonso de Portugal.

1572 69 SEndo os principaes negocios da vinda do Cardeal Alexandrino a este Reyno ajustar a Liga entre os Principes Catholicos, contra o inimigo commum da Christandade, e o casamento do nosso Monarca com a Infanta de França, tanto que o Cardeal Legado se ausentou de Portugal escreveo D. Sebastiaõ ao seu Embaixador Joaõ Gomes da Sylva, assistente na Corte de Pariz, onde brevemente havia de chegar o mesmo Legado, huma larga instrucçaõ, que he a seguinte, onde se comprehende tudo quanto tinha resoluto em os negocios propostos pelo Cardeal Legado.

Instrucçaõ delRey ao seu Embaixador em França Joaõ Gomes da Sylva.

„ O Cardeal Alexandrino, Legado, e Sobrinho do Santo Padre, quando agora veyo a „ mi por mandado de S. Santidade, me fallou da „ sua parte sobre haver de entrar na Liga contra „ o Turco, e casar em França; pedindo-me com „ mui-

„ muita inſtancia quizeſſe tomar reſoluçaõ em am-
„ bas eſtas couſas pelas razões, que para ellas
„ me repreſentou; a iſto lhe reſpondi com muita
„ ſatisfaçaõ ſua, conformando-me em tudo com
„ o que S. Santidade ſobre iſſo me enviou dizer
„ por elle.

„ E porque quanto à Liga aſſentey entrar
„ nella, e que diſpondo-ſe as couſas da Chriſtan-
„ dade para alguns Reys Chriſtãos ſe acharem pre-
„ ſentes neſta empreza, eu me offereci a ſer o
„ primeiro nella, ainda que eſtiveſſe mais longe,
„ e tiveſſe os meus Eſtados mais alongados do
„ Turco, e ajudaria em tal tempo a Liga com
„ minha peſſoa, e poder, aſſim com o deſtes Rey-
„ nos, como com o que tenho no Eſtado da In-
„ dia, por ſe levar avante taõ ſanta empreza, e
„ que para ſe logo ella ir proſeguindo pelo modo,
„ que agora eſtavaõ as couſas da Liga, em quan-
„ to nellas ſe naõ dava outra fórma, e aſſento,
„ ajudaria pelas partes da Aſia, e mar Roxo com
„ huma Armada, que foſſe ſó a eſte effeito, de
„ por alli ſe fazer guerra ao Turco, e além diſ-
„ ſo mandaria logo em meus Reynos fazer aper-
„ cibimentos de gente, munições, e navios, pa-
„ ra huma groſſa Armada, para toda, ou parte
„ della ſer em ajuda da Liga, ſe as neceſſidades
„ preſentes deſſem a iſſo lugar.

„ E quanto ao caſamento, conſiderando eu
„ como até aqui tinha procedido niſſo como con-

„ vinha à minha reputaçaõ, à honra da minha Co-
„ roa, e bem de meus Reynos, e como S. San-
„ tidade me enviava agora fallar nisso por tal pes-
„ soa, como era o Legado seu Sobrinho, movi-
„ do naõ sómente do que particularmente nisto
„ me cumpria a mi (a que S. Santidade taõ gran-
„ de amor mostra) mas do que convinha à con-
„ servaçaõ do Reyno de França, e à quietaçaõ,
„ e conformidade dos outros da Christandade, que
„ taõ desunida está; (cousa assaz necessaria para o
„ effeito da Liga, e sem o qual parece, que ella
„ naõ poderá permanecer) e como da irmãa do
„ Christianissimo Rey de França, meu irmaõ, e
„ primo, e das suas grandes virtudes, e qualida-
„ des eu tinha por S. Santidade, e por outras vias
„ particulares (das quaes a vossa he huma das mais
„ principaes) tal informaçaõ, de que com mui-
„ ta razaõ me podia satisfazer nesta parte, assen-
„ tey de me declarar mais em meu casamento, e
„ dar minha commissaõ, e consentimento ao Car-
„ deal Legado, para da parte de S. Santidade
„ tratar delle em França, onde S. Santidade o
„ manda ir, e ora vay, intervindo vós tambem
„ nisso juntamente com elle, e estando nesse Rey-
„ no as cousas desta materia dispostas para se pro-
„ ceder nella com a authoridade, e respeito de-
„ vido a mi, por ter cessado a practica, que se
„ dizia, que corria sobre o casamento de Navar-
„ ra, e por em França se entender estimar, e pe-
„ dir

„ dir o meu pelo modo que deve ser, e como he
„ razaõ.

„ E porque o Cardeal Legado, segundo a
„ ordem, que para esta materia do casamento
„ tem de S. Santidade, vay com esta minha repos-
„ ta, e commissaõ, que leva, muy determinado
„ de nisso fazer o que tem a cargo, e ha de jun-
„ tamente com vosco de proceder nelle, bem ve-
„ des, que agora he o tempo, em que convém,
„ que mais vos advirtais, e veleis no que se de-
„ ve fazer, e modo que nisto se deve ter, pois
„ o negocio he taõ grande, e tanto mayor cada
„ vez mais, quanto se vay mais chegando a ter-
„ mos de se poder tomar nelle conclusaõ, e por
„ isto naõ vos deveis satisfazer do muito, que fi-
„ zerdes, senaõ quando for tanto, que nem o
„ que possa parecer pouco, fique por fazer, en-
„ tendendo que naõ pode haver em tamanha cou-
„ sa, alguma que se deva ter por pequena, ain-
„ da que seja das muito accessorias.

„ Encomendo-vos, que tanto que o Lega-
„ do chegar a essa Corte, e vos for dada esta Car-
„ ta, que a elle daqui mando ora com outras pa-
„ ra S. Santidade, o vades visitar, e logo entaõ,
„ ou ao outro dia, segundo vos bem parecer, e o
„ tempo vos der lugar, lhe direis, como tendes
„ aviso meu da commissaõ, que lhe tenho dada,
„ para juntamente com vosco poder tratar de meu
„ casamento, e que eu vos mando, que com elle

„ o trateis, e lhe communiqueis tudo o que desta materia tiverdes entendido, e o que nella por meu mandado tendes feito até aqui, para tambem com seu parecer, e conforme a reposta, que lhe dey, e ao que vos atraz escrevo, procederdes no que se mais houver de fazer: guardando nisso as cousas, que atraz saõ apontadas, e tocaõ à minha authoridade, e reputaçaõ; e posto que o Legado sabe já de mi como aceitarey por dote do Christianissimo Rey de França, entrarmos ambos na Liga; tratareis mais particularmente este ponto com elle, para ambos ordenardes o modo de que se deve propor, para que suavemente se digna, e assi se receba, fundando as palavras, e tençaõ dellas no muito desejo, que tenho desta Liga se proseguir com grande authoridade da Christandade, e geral uniaõ de todos os Principes della, e que ainda que tenha por certo, que o Christianissimo Rey de França, meu irmaõ, e primo, fará para este effeito da Liga o officio, que sempre fizeraõ em cousas desta qualidade os Christianissimos Reys seus antecessores, que com tudo para mais clara demonstraçaõ deste meu animo aceitarey por dote entrarmos ambos nesta Liga, de que se devem, e podem esperar (se toda a Christandade se ajuntar, e fizer em hum corpo contra as barbaras nações dos Infieis, que tanta parte do Mundo, com

„ tanta

„ tanta offensa dos Christãos, tem occupado)
„ grandissimos effeitos nas merces, que estaõ cer-
„ tas da parte de Nosso Senhor, quando da nos-
„ sa fizermos cousa taõ devida, e obrigatoria, e
„ necessaria em geral, e em particular, como he
„ entrarmos todos na Liga.

„ E tambem fallareis com o Padre Francis-
„ co, Geral da Companhia de Jesus, e lhe da-
„ reis conta de todas estas materias, e as commu-
„ nicareis com elle muy particularmente, dizendo-
„ lhe como vos mandey o fizeseis assi, e por elle
„ correreis com o Legado naquellas cousas, que
„ pela qualidade dellas, e conjunçaõ do tempo,
„ em que as houverdes de tratar, vos parecer,
„ que será por entaõ melhor usar deste meyo do
„ Padre Francisco, que communicarlhes por vós
„ pessoalmente, porque segundo o que se enten-
„ de de vossas Cartas de às vezes se conferirem
„ lá algumas cousas de outras, póde ser, que vos
„ pareça deverdes escusar a muita continuaçaõ em
„ casa do Legado, mas naõ que por este respei-
„ to deixeis de ir a ella todas as vezes, que for
„ necessario, para se entender a conta, que com
„ elle tenho por sua dignidade, e officio, e por-
„ que isto hey por mais importante, que o que
„ particularmente me toca nesta parte, e sobre
„ este meu particular naõ se me offerece que vos
„ diga, além do que vos atraz advirto, senaõ
„ tornarvos a encomendar muito encarecidamen-

„ te,

„ te, que vendo vós quanto nesta materia confio
„ de vós, que he o que mais póde ser, vista a
„ qualidade della, e o muito que toca à minha
„ propria pessoa por tantas vias, e a particular
„ obrigação, que tendes a meu serviço, pois já
„ com este intento me comecey a servir de vós
„ nesse lugar em que estais, e folgo agora mui-
„ to de vos ter nelle; assi me sirvais em tudo is-
„ to, que correspondão vossas obras ao que pro-
„ mette a obrigação, em que estas cousas vos
„ poem, como eu creyo, e espero de vós, e de
„ tudo o que nesta materia passardes assi agora no
„ principio, como indo ella mais adiante me avi-
„ sareis, tendo nisso tal ordem, e modo, que ve-
„ nhão vossas Cartas com a segurança, e brevi-
„ dade, que se requere em tamanho negocio, e
„ de que convém, que eu muito a miudo, e muy
„ particularmente seja avisado, e advertido; e
„ para isso virão vossas Cartas por via do Lega-
„ do, ou por correyos proprios, qual vos me-
„ lhor parecer, e entre as particularidades, que
„ tratardes com o Padre Francisco, lhe direis tu-
„ do o que vos parecer para impedimento da pra-
„ ctica de Navarra, que he cousa em que eu
„ (ainda que se não houvera de tratar da com-
„ missão, que tenho dado ao Legado, e por es-
„ ta Carta vos dou) fizera, e mandara fazer to-
„ do o bom officio, que fora possivel pela obri-
„ gação, que tenho ao bem da Christandade,
„ que

„ que he a principal, que me move a fazer nisso tanto, e a que em todas as cousas anteponho a tudo.

„ E quanto à practica do meu casamento, „ por quanto o Legado ha de entrar nella por ordem de S. Santidade, e commissaõ minha, ainda que juntamente com vosco, tereis toda via visto, e em todas as dependencias desta materia „ os resguardos, que convém, para que se entenda, que se trata deste negocio por parte de S. „ Santidade, e ainda que eu tome por dote entrar o Christianissimo Rey de França, meu irmaõ, e primo na Liga, naõ deve esquecer a „ segurança de minhas demarcações, annullaçaõ „ de Cartas de mar, e castigo de insultos passados, e estando as cousas de França em tal estado, que ElRey naõ aceite entrar por agora „ na Liga, neste caso se póde por sua parte offerecer o dote, e condiçaõ, que deve haver no „ casamento, o que communicareis com o Legado, e com o Padre Francisco, e de tudo me „ avisareis pelo modo, e com a diligencia, que „ atraz vos digo. De Almeirim a 3 de Janeiro „ de 1572.

70 Destas negociações, para cujo effeito fora mandado a Portugal o Cardeal Alexandrino, participou ElRey D. Sebastiaõ a sua prima a Serenissima Senhora D. Maria, Princeza de Parma, congratulando-a do heroico valor, que ostentara na Armada

Participa D. Sebastiaõ à Princeza de Parma a Embaixada do Cardeal Alexandrino.

Armada Catholica contra a Ottomana no Golfo do Lepanto, seu esposo, o grande Alexandre Farnesi, cujo conflicto fora o feliz prologo das memoraveis, e insignes façanhas, que havia de obrar o seu braço nas campanhas de Flandes, sendo a Carta, que lhe escreveo a seguinte.

Copiada do Original.

„ Illustrissima Princeza, minha muito amada, e prezada Prima. Por muito bem empregado deveis haver o trabalho da ausencia do „ Principe, meu muito amado, e prezado primo, quando andou na Armada Christãa contra a do Turco, pois tudo resultou em tamanho louvor, e merecimento seu, como he o „ que tem pela boa determinaçaõ, que tomou, „ e successo della; de que eu por sua parte, e pela vossa recebi mór contentamento do que vos „ nesta posso significar, lembrando-me o que fez; „ o exemplo que deu de si, e quaõ bem correspondeo ao que se delle esperava; e por tudo „ vos dou os parabens com aquella vontade, que „ tenho para vossas cousas, que hey por minhas „ proprias como he razaõ, e affectuosamente vos „ rogo, que por este correyo me escrevais muitas novas de vossa saude, que queria fossem sempre taes, como as que desejais saber de mi; e „ as que agora vos posso dar, sey que seraõ de „ grande contentamento para vós: pois entro na „ Liga, como tereis sabido, e procedo em meu „ casamento, e sobre ambas estas cousas tenho

„ res-

„ respondido ao Santo Padre pelo Cardeal Ale-
„ xandrino, seu Legado, e Sobrinho, por quem
„ me mandou fallar nellas com muita satisfaçaõ
„ sua, e contentamento meu. Illustrissima Prin-
„ ceza, minha muito amada, e prezada Prima.
„ Nosso Senhor vos haja sempre em sua santa guar-
„ da. Escrita em Almeirim a XV. de Fevereiro
„ de M.D.LXXII.

REY.

71 Como entre todos os vassallos desta Coroa se distinguisse pelos vinculos do parentesco, e capacidade do talento o Conde do Vimioso D. Affonso de Portugal, lhe escreveo ElRey a seguinte Carta, em que lhe communicava as noticias de que informara a Serenissima Princeza de Parma.

Escreve ElRey D. Sebastiaõ ao Conde do Vimioso.

„ Conde Sobrinho Amigo. Eu ElRey vos
„ envio muito saudar, como aquelle que muito
„ amo. O Senhor Padre me mandou fallar pelo
„ Cardeal Alexandrino, seu Legado, e Sobrinho,
„ quando ora o enviou a mi sobre dever de en-
„ trar na Liga contra o Turco, e tomar resolu-
„ çaõ em meu casamento, e em ambas estas cou-
„ sas, que eu tinha procedido, como era obriga-
„ do pelas razões, que para isso ha, assentey de
„ fazer o que S. Santidade me pedio com tanta
„ instancia, e como o amor, que mostra, e tem
„ a todas as que me tocaõ, e conforme a isso

Copiada do Original, que se conserva em o Archivo da Excellentissima Casa do Vimioso.

„ respondi ao Legado com muita sua satisfaçaõ,
„ e por estas cousas estarem em taes termos, e
„ serem de taõ grande importancia, e qualidade,
„ houve por bem darvos conta dellas, porque
„ pela que em vós tenho, e muito que de vós
„ confio, folgo de vo las communicar, como he
„ razaõ. Escrita em Almeirim a 25 de Janeiro
„ de 1572.

REY.

CAPITULO XII.

Manda a Republica de Veneza a ElRey D. Sebastiaõ hum Embaixador, para que entre na Liga contra o Turco, e da reposta, que lhe mandou.

1572 72 COmo o Estado da Republica de Veneza era o alvo das armas Ottomanas, das quaes eraõ gloriosos troféos as Cidades de Nicosia, e Famagusta, em a Ilha de Chipre, receando prudentemente, que com o progresso feliz dos seus exercitos fosse Republica taõ florente fatal despojo de inimigo taõ poderoso, recorreo ao Summo Pastor, para que como Pay da Christandade, convocasse os Principes Catholicos, e que colligados se oppuzessem ao Turco,

co, e rebateſſem a formidavel invaſaõ, que intentava contra toda a Europa. Sendo entre os Principes convocados para taõ ſagrada empreza o noſſo Monarca, lhe mandou o Doge de Veneza Luiz Mocenigo por ſeu Embaixador a Antonio Tiepoli, repugnando-lhe com vehementes expreſſoens, quizeſſe libertar com as ſuas auxiliares armas aquella Republica reduzida ao ultimo perigo. Em repoſta deſta Embaixada eſcreveo D. Sebaſtiaõ as ſeguintes Cartas, pelas quaes ſe conhece toda eſta negociaçaõ.

Recebe ElRey hum Embaixador da Senhoria de Veneza.

„ Illuſtriſſimo, e poderoſo Principe. Eu „ D. Sebaſtiaõ, &c. Pelo voſſo Embaixador Antonio Tiepoli, que me enviaſtes, recebi agora „ a voſſa Carta de 15 de Outubro, e o ouvi „ ſobre a materia da Liga, em que me fallou da „ voſſa parte; e antes que elle chegaſſe a mi, ti- „ nha eu já reſpondido ao Cardeal Alexandrino, „ Legado do Santo Padre, que niſſo me fallou „ da parte de Sua Santidade, que era contente „ de entrar na Liga contra o Turco, conforme ao „ que lhe diſſe; e agora tambem reſpondi ao voſ- „ ſo Embaixador, e neſta reſoluçaõ, que tomey „ à inſtancia de Sua Santidade, tive o reſpeito „ devido a eſſa Senhoria, e à antiga amizade, „ que os Reys meus anteceſſores ſempre com ella „ tiveraõ, que eu deſejo muito continuar, como „ he razaõ, aſſim por eſtes reſpeitos, como pelo „ muito que a Senhoria tem feito, e faz neſta Li-

Carta delRey para a Senhoria de Veneza.

„ ga com tanto louvor seu, e merecimento dian-
„ te de Deos; e bem se mostra quaõ aceito he a
„ Nosso Senhor, isto que a Senhoria faz, e o ze-
„ lo que tem da Religiaõ Christãa, e pureza da
„ Fé, pois lhe deu tamanha victoria de seus ini-
„ migos, como foy a que a Armada da Liga
„ houve o anno passado contra a do Turco, cou-
„ sa maravilhosa, e digna de perpetuamente se
„ darem por ella muitas graças a Nosso Senhor,
„ e de que eu recebi grandissimo contentamento,
„ e muito o tive tambem de entaõ saber o suc-
„ cesso da batalha, e certeza da victoria, por hu-
„ ma Carta vossa, que me enviou o meu Embai-
„ xador, que rezide na Corte do Serenissimo Rey
„ de Castella, meu tio, e o cuidado, que disto ti-
„ vestes (que he conforme ao que vos mereço a
„ prompta vontade, e muito desejo, que tenho
„ para todas as cousas dessa Senhoria) estimey
„ grandemente, e o recebi de vós em muy singular
„ prazer: e espero de por outra Carta de me tor-
„ nar a alegrar com vosco por esta tamanha mer-
„ ce, que Nosso Senhor fez a essa Senhoria, e a
„ toda a Christandade; e porque sobre a mate-
„ ria da Liga falley largamente com o vosso Em-
„ baixador, que me pareceo pessoa, que tem
„ qualidades, conforme a conta que delle fazeis,
„ a elle me remeto, para vos referir mais parti-
„ cularmente, o que vos nesta digo. Illustrissi-
„ mo, e poderoso Principe. Nosso Senhor, &c.

„ Escri-

„ Escrita em Almeirim a XXIIII. de Janeiro de „ M. D. LXXII.

Segunda Carta delRey para a Senhoria de Veneza.

„ Illustrissimo, e poderoso Principe. Eu „ D. Sebastiaõ, &c. vos envio muito saudar, „ como aquelle que muito amo, e prézo. De- „ pois de ter respondido à vossa Carta, que me „ deu o vosso Embaixador Antonio Tiepoli, por „ outra que elle leva, e de lhe mandar dar por „ escrito mais largamente a reposta, que vos elle „ referirá sobre a Liga, em que me fallou de vos- „ sa parte, me tornou a pedir em nome dessa Se- „ nhoria, que para melhor, e com mais forças „ se poder fazer a guerra ao Turco, como eu já „ tinha assentado, quizesse ordenar, como en- „ trasse em ajuda della o Sofi Rey da Persia: e „ vendo eu quaõ conforme isto era, ao que eu „ desejava para a importancia desta guerra, e se „ ella poder fazer ao Turco por diversas partes, „ e divertindo elle por todas ellas seu poder, o „ enfraquecer mais; e por folgar muito de em „ tudo comprazer a essa Senhoria, assentey ago- „ ra de logo mandar hum Embaixador àquelle „ Rey da Persia, para que da minha parte o per- „ suada, pelo que particularmente lhe convém, „ e pela amizade, que folgarey, que meus Vice- „ Reys, e Capitães, com elle sempre tenhaõ, a „ que prosiga com todo seu poder a guerra con- „ tra o Turco, seu inimigo, e se ajude para ella „ de taõ boa occasiaõ, como a que agora tem

„ com

„ com a Liga, para que aſſim como ſe lhe ha de
„ fazer guerra por eſtas partes da Europa, lhe fa-
„ ça tambem pela Aſia com o poder delle Sofi,
„ e com o que eu tenho no Eſtado da India, e
„ além diſto, mando logo, que por nenhuma
„ via haja comercio com os Turcos por Ormuz,
„ e Baſſorà, nem por outro algum lugar daquel-
„ las partes; e por eu ora tomar reſoluçaõ neſtas
„ couſas, depois de vos ter eſcrita a outra Car-
„ ta me pareceo devervolas fazer ſaber por eſta,
„ e para tambem nella vos ſignificar a muita pru-
„ dencia, zelo, e cuidado, com que o voſſo
„ Embaixador ſe houve nas lembranças, que de
„ voſſa parte me fez ſôbre eſta materia da Liga,
„ a que o enviaſtes a mi conforme a confiança,
„ que delle tendes, e as qualidades da ſua peſſoa.
„ Illuſtriſſimo, e poderoſo Principe. Noſſo Se-
„ nhor vos haja ſempre em ſua ſanta guarda. Eſ-
„ crita em Almeirim ao derradeiro dia de Janeiro
„ de M.D.LXXII.

CAPI-

CAPITULO XIII.

Manda preparar ElRey huma formidavel Armada, ſobre cuja expediçaõ ſe formaõ diverſos diſcurſos, a qual laſtimoſamente ſe derrota em o rio de Liſboa.

73 PAra deſempenhar D. Sebaſtiaõ a promeſſa feita ao Summo Pontifice por ſeu ſobrinho o Cardeal Alexandrino, de concorrer com as ſuas auxiliares armas contra o inimigo commum da Chriſtandade, mandou apreſtar huma Armada taõ formidavel pelo numero dos navios, como dos combatentes, da qual nomeou General ſeu tio o Infante D. Duarte, Duque de Guimarães, e ainda que era ornado de dotes dignos do ſeu alto naſcimento, como lhe faltaſſe a experiencia militar, elegeo para ſeus Conſelheiros a Lourenço Pires de Tavora, e D. Alvaro de Caſtro, de cuja prudencia, e valor tinhaõ ſido teſtemunhas as campanhas de Africa, e as Cortes da Europa. Por ſer preciſa grande deſpeza para eſta expediçaõ, e eſtar exhauſto o erario real, mandou ElRey Cartas circulares para todos os Biſpos, e Cabidos do Reyno, em que lhe pedia dinheiro preſtado, que ſeria promptamente ſatisfeito. A fórma das Cartas ſe vê da ſeguinte,

1572

He eleito General da Armada o Senhor Infante D. Duarte.

guinte, que escreveo ao Cabido da Cathedral de Evora.

Carta delRey para o Cabido de Evora.

„Deaõ, Dignidades, Conegos, e Cabido „da Sé de Evora. Eu ElRey vos envio muito „saudar. Eu tenho mandado fazer prestes huma „Armada para a enviar em ajuda da Liga contra „o Turco, e nomeado por General della D. Du- „arte, meu muito amado, e prezado tio, e ven- „do eu ora a muy grande despeza, que se nisto „ha de fazer, que naõ sómente se naõ póde es- „cusar, nem diminuir, mas antes se deve haver „toda por muy necessaria, e bem empregada, „pois he para cousa taõ commum, taõ impor- „tante a toda a Christandade, e de tanta honra „a meus Reynos, e para cumprir com a repos- „ta, que inviey a S. Santidade pelo Cardeal Ale- „xandrino, seu Legado, e Sobrinho, porque „sobre esta materia me mandou fallar, e tam- „bem para defensaõ de meus Reynos, sendo a „dita Armada, ou parte della, necessaria para „este effeito, e para resistir aos Hereges, que „estaõ confederados, e com determinaçaõ de „fazerem por todas as vias todos os insultos, que „poderem nas Costas destes Reynos, terras, e „Ilhas de meus Senhorios; me pareceo pois só- „mente de minha Fazenda, pelas grandes, e con- „tinuas necessidades della, se naõ podia ao pre- „sente fazer huma tamanha, e extraordinaria des- „peza, que depois de para ella tirar de minhas

„rendas

„ rendas tudo o que fosse possivel, com escusar
„ muitas despezas, ainda que necessarias, e sus-
„ pendo outras mais obrigatorias; devia ordenar
„ por outras vias se supprissem, como agora o fa-
„ ço, mandando vender algumas cousas de mi-
„ nha Coroa, e outras, em que entra a renda
„ das Apozentadorias, com consentimento dos
„ póvos de Lisboa, Evora, e Santarem, que as
„ deraõ para meus moradores; e porque meu in-
„ tento em toda esta materia he pertender o effei-
„ to della sem oppressaõ de meus vassallos, ou
„ com a menor, que for possivel, e pelo modo,
„ que lhe for mais suave, considerando a ajuda,
„ que tambem querer dos Prelados, e Cabidos
„ das Sés de meus Reynos, me pareceo, que a
„ mais conveniente de todas, e que melhor lhes
„ viria, seria ajudarme nisto por causa de taõ ur-
„ gente, e geral necessidade usa; concedendo o
„ mesmo aos Principes Christãos; o que eu que-
„ ria escusar, e por isso busco todos os meyos pe-
„ lo muito desejo, que tenho de as Pessoas, e
„ cousas Ecclesiasticas naõ receberem oppressaõ,
„ nem ficarem nesse costume; e porque confio de
„ vós, que todos por estes respeitos, que saõ os
„ que vedes, folgareis muito de em huma tal
„ occasiaõ, e necessidade como esta he, ajudar-
„ des por vossa parte a cumprir com a obrigaçaõ
„ della, vos encomendo muito me queirais em-
„ prestar cinco mil cruzados, que se repartiraõ

„ por todo o Cabido, como vos bem parecer,
„ conforme a renda, que cada hum tiver, e se
„ entregaráõ a Joaõ de Orta, que vos esta dará,
„ de que cobrareis seu conhecimento, porque se
„ obrigue a vos enviar logo outro em fórma do
„ Thesoureiro Mattheus Mendes de Carvalho, e
„ Provisaõ minha nas costas delle, para o dito di-
„ nheiro vos ser pago no Almoxarifado, que pe-
„ dirdes em quatro annos, que se começaráõ da
„ entrega delle em diante, sem para isso ser ne-
„ cessaria outra Provisaõ, como vos diria de mi-
„ nha parte o dito Joaõ de Orta, e agradecervos-
„ hey muito fazerse esta entrega logo com toda a
„ brevidade, porque cumpre assim muito à gran-
„ de diligencia, com que convém que se a di-
„ ta Armada acabe de aperceber, que naõ sofre
„ dilaçaõ. Escrita em Almeirim a 15 de Março
„ de 1572.

REY.

74 Da mesma diligencia usou ElRey com os Fidalgos, e mercadores ricos, que sem dilaçaõ offereceraõ tudo quanto possuiaõ. Mandou embargar por todos os pórtos do Reyno as náos nelles ancoradas, capazes de peleijarem, e ao toque de tambores se convocou toda a gente militar, que estava na Corte, e se deu perdaõ aos criminosos, que viviaõ ocultos, para que de todo este numero se guarnecesse a Armada. Mui-

Preparaçaõ da Armada.

tos

tos Fidalgos se embarcaraõ voluntariamente ambiciosos da gloria, que esperavaõ desta expediçaõ, e alguns delles armaraõ navios, e caravellas à sua custa, entre os quaes se distinguio D. Martinho de Castellobranco, que em o seu ornado de flamulas, e galhardetes, navegou até o Convento de Xabregas, e salvou a Rainha D. Catharina com muitos tiros da artilharia, que se faziaõ mais plausiveis com o toque de diversos instrumentos musicos. O Duque de Bragança mandou seiscentos vassallos pomposamente vestidos, que se embarcaraõ na famosa náo Chagas, que conduzira da India a este Reyno seu tio D. Constantino de Bragança. Chegado o primeiro de Agosto, como estivesse já a Armada, que se compunha de trinta navios já prompta, mandou ElRey, que embarcada toda a gente, a quem os despenseiros dessem de comer, navegasse até Belem, onde em 22 de Agosto, estando toda junta a foy ver, causando-lhe summo gosto este apparato naval, com que excessivamente se adulava o seu genio guerreiro.

75 Em quanto a Armada naõ sahia do porto eraõ diversos os discursos, que se formavaõ da sua expediçaõ; julgando muitos, que naõ se destinara para a Liga contra o Turco, pois o numero dos navios excedia aos que promettera ElRey ao Legado do Papa: e certamente naõ era errado este juizo, pois sendo ElRey informado

Varios juizos sobre a expediçaõ da Armada.

por Joaõ Gomes da Sylva, ſeu Embaixador em Pariz, que Carlos IX. tinha prompta hum groſſa Armada, a qual por ſecretas intelligencias alcançara, que vinha ao porto de Caſcaes, ſe preparou o noſſo Principe para rebater eſta temida invaſaõ. Corroborou-ſe eſta ſuſpeita com a falſa delataçaõ, que fez a ElRey, de D. Antonio de Caſtro, Senhor de Villa-Verde, Joaõ Soares, ſeu criado, affirmando que fora por elle mandado varias vezes a França, para entregar aos Hereges eſte Reyno, dando-lhe a entrada pelo porto de Caſcaes, de cuja aleivoſa correſpondencia ſe achariaõ varias Cartas no ſeu eſcritorio. Unida eſta accuſaçaõ ao aviſo recebido de França, além de D. Antonio de Caſtro ſer amigo do Baraõ de la Guarda General das galés Francezas, deſde o tempo que aſſiſtira com huma eſquadra no porto de Caſcaes, e viver pouco ſatisfeito delRey D. Sebaſtiaõ, por lhe ter negado a Capitanía mór da Ordenança de Lisboa, e a Tenencia da Torre de S. Giaõ, eraõ vehementes preſumpçóes contra a ſua fidelidade, e circunſtancias conducentes, para que foſſe prezo, o que ſe executou a 5 de Agoſto em a Villa de Caſcaes, e ſendo conduzido à cova do Caſtello de Lisboa, foy recluſa toda a ſua familia no Limoeiro com o criado author deſta tragedia. Examinada com toda a ſeveridade a innocencia de D. Antonio, ſahio purificado dos crimes, de que fora falſamente arguido.

He falſamente accuſado D. Antonio de Caſtro, e como ſahio purificada a ſua innocencia.

guido. ElRey lhe eſcreveo huma Carta cheya de expreſſoens taõ honorificas, que com ellas foraõ abundantemente compenſadas as injurias da prizaõ. O delator opprimido da violencia dos tratos, confeſſou, que ambicioſo do premio da Ley promulgada contra os fautores dos Hereges, onde ſe promettia metade dos bens do accuſado, e de conciliar a graça delRey, maquinara aleivoſamente contra ſeu amo aquelle crime, e ſendo condenado ao ultimo ſupplicio, o livrou delle o generoſo animo de D. Antonio de Caſtro, inſtando a ElRey lhe perdoaſſe por ſer o inſtrumento, que fez patente a ſua incorrupta fidelidade, para com o ſeu Soberano.

76 Naõ faltavaõ outros juizos, que ſe diſcurſavaõ ſer eſta Armada contra algum intento de Filippe Prudente, deſgoſtoſo de que havendo tantas vezes propoſto a ElRey D. Sebaſtiaõ o ſeu caſamento com a Infanta de França, nunca ſe reſolvera, antes uſara de diverſas tergiverſações para nunca ter a deſejada concluſaõ, por cuja cauſa podia juſtamente ElRey de Caſtella deſafogar a ſua paixaõ, invadindo algum porto do Reyno, ou das ſuas Conquiſtas. Outros ſeguiaõ a parte de que taõ grande apparato fora armado para ſoccorrer ElRey de França opprimido com a guerra inteſtina dos Hereges, de cuja determinaçaõ eſtavaõ informados ElRey de Caſtella, e o Pontifice, reſolutos a concorrer com as ſuas armas

mas para esta empreza. Este juizo naõ deixou de ser o mais bem fundado, pois tanto que chegou a fausta noticia do triunfo dos Catholicos, alcançado dos Hereges a 24 de Agosto, sendo mortos em Pariz vinte mil com o seu principal fautor Gaspar de Coligni, Almirante de França, com que se restituhio a publica tranquillidade a taõ florente Monarchia, logo se desarmou a Armada surta no rio de Lisboa, e se soube claramente, que naõ sómente se aprestara contra o Turco, mas para soccorrer a ElRey de França, quando se sentisse mais vexado dos sequazes do Calvinismo, esperando qualquer aviso da Magestade Christianissima, para ser velozmente soccorrida.

Intenta ElRey, que se dé hum rebate de noite em a Cidade de Lisboa.

77 Ao tempo que se formavaõ taõ diversos discursos àcerca da expediçaõ de taõ grossa Armada, propoz ElRey D. Sebastiaõ no Conselho hum arbitrio dictado pelos estimulos do seu inquieto animo, o qual constava de que em o silencio da noite se désse em Lisboa hum rebate falso, com a noticia de ter entrado pela barra huma Armada inimiga, sendo o intento deste Principe conhecer de taõ repentina consternaçaõ a promptidaõ da gente para a defensa da Cidade, mostrar aos Estrangeiros residentes nella, ser impossivel a sua conquista, estando habitada de povo taõ vigilante, e animar aos Soldados para os rebates sem perigo, quando succedessem os verdadeiros.

Pro-

Propoſtas por ElRey aos Conſelheiros eſtas conveniencias, que imaginava ſe ſeguiriaõ do rebate, lhes preguntou ſe o mandaria começar pelas Torres da Barra, fingindo eſtarem combatidas, ou já ganhadas, ou ſe dentro da Cidade? Como alguns dos Conſelheiros attendiaõ mais ao goſto delRey, que à conſternaçaõ do povo, diſcorreraõ o modo mais conveniente para ſe executar: porém D. Joaõ de Caſtellobranco, ſegundo Conde de Villa-Nova, igualmente fiel, e prudente, reſpondeo no ſeguinte voto com heroica liberdade os inconvenientes deſta intempeſtiva deliberaçaõ.

,, O privilegio, que os muitos annos alcan-
,, çaõ, além de grande intelligencia em deſcubrir
,, inconvenientes ocultos no lugar em que menos
,, ſe temem, recompenſando a natureza a ſaude,
,, e forças, que nos tira, com eſte beneficio parti-
,, cular da experiencia, e a muita, que neſtas cãas
,, ſe deve conſiderar, me daõ ouſadia, e diſcul-
,, paõ de me naõ conformar em tudo com pare-
,, ceres taõ qualificados, e com o intento, e vir-
,, tuoſa tençaõ de V. A. quando ſem aventurar
,, tanto, ſe podem por via mais facil conſeguir os
,, meſmos effeitos, que ſe lhe approvaõ. A ra-
,, zaõ do eſtado em melhorar o governo da Re-
,, publica das proprias adverſidades do tempo ha
,, de ſer com advertencia, que dellas ſe naõ ſigaõ
,, outras mayores, porque os bens tirados de ma-
,, les,

„ les , raras vezes deixaõ de levar comſigo algu„ ma propriedade de ſua origem; occaſiaõ pare„ ce que deraõ eſtes rumores paſſados para per„ ſuadir ao povo qualquer aſſalto de inimigos, e „ acudir ao rebate com o perigo certo, mas naõ „ para que V. A. com os do ſeu Conſelho moſ„ tre, acudindo a elle, que o tem por verdadei„ ro; porque além de com iſto qualificarem por „ certas materias taõ duvidoſas, e dar indicio do „ ſeu animo em couſas que haõ de julgar, he moſ„ trarmos ao Reyno de França, que de todo o „ porto temos perdida a fé, e confiança da ſua „ antiga amiſade, e gerar nelle hum eſcrupulo, „ que as mais das vezes vem a reſultar em rompi„ mento manifeſto: e aſſim contrapezados os pe„ rigos, que podem reſultar da occaſiaõ, com as „ conveniencias (quando ſejaõ certas) da propoſ„ ta, peza mais qualquer dos primeiros, que to„ das as outras juntas.

„ Porque a primeira utilidade de ver o nu„ mero da gente, e concerto de armas deſta Ci„ dade, e o fruto, que nella tem feito o conti„ nuo exercicio da milicia, ſe póde facilmente „ conſeguir, fazendo-a ſahir à reſenha geral de„ baixo de ſuas bandeiras, e obediencia de ſeus „ Capitães, onde cada qual com a ſorte de ar„ mas, que uſa, moſtrará o que tem aproveita„ do, o que naõ ſuccederá no rebate, onde a „ gente atonita, e perturbada com o perigo, e

„ ſobre-

„ sobresalto naõ esperado, acudirá mal vestida
„ com as primeiras armas, que lhe offerecer a
„ occasiaõ, discorrendo no meyo do tumulto, e
„ confusaõ da noite, e acudindo aos lugares on-
„ de a chamarem os gritos, e mayor estrondo, e
„ ainda succederá, que muitos obrigados do peri-
„ go, e lagrymas de suas mulheres, e filhos, e ain-
„ da do proprio medo desampararáõ a causa com-
„ mua por acudirem à sua particular, e buscaráõ
„ a sua segurança; com que em lugar de ver hum
„ batalhaõ de gente déstra, e bem exercitada, ve-
„ rá V. A. huma confusaõ popular acompanhada
„ de gritos, e vozes desordenadas, e huma re-
„ presentaçaõ da Cidade perdida, e entrada de
„ inimigos.

„ Nem espero melhor effeito da segunda ra-
„ zaõ; porque sendo a grandeza desta Cidade,
„ e a opiniaõ de suas forças taõ estimada entre as
„ nações Estrangeiras, que affirmaõ poder ella só
„ por si armar tanta gente, como hum Reyno in-
„ teiro; e além de impossivel para conquistada,
„ ser bastante, e poderosa para conquistar, e ser
„ Senhora de hum grande Imperio, quando com
„ seus olhos vejaõ (cousa ordinaria em Cidades,
„ e Reynos, que a larga paz tem desacostuma-
„ dos de semelhantes assaltos) a confusaõ, o me-
„ do, as vozes, a desordem, e desacordo, com
„ que a gente acode ao perigo commum, e par-
„ ticular, de mais de perderem esta opiniaõ taõ

„ necessaria para conservar grandes estados, co„ nhecerão a via por onde se póde emprender o „ saque desta Cidade, e a facilidade com que se „ póde conseguir, o que entre elles se tinha por „ taõ impossivel.

„ Menos me persuado das commodidades „ da terceira, considerando o muito, que a tro„ co dellas se arrisca, porque como esta Cidade „ naõ he fronteira, onde convém que o povo „ ande déstro, e prevenido para os assaltos (cou„ sa que brevemente introduz o uso) naõ impor„ ta muito inquietallo com esta sombra de guer„ ra, sendo assim que de hum só rebate antes fi„ carão atemorisados, que déstros; e conhecen„ do depois o fingimento servirá de nem teme„ rem, nem darem credito aos verdadeiros, quan„ do succedaõ, occasionando tal vez damno, que „ se poderia evitar, naõ precedendo este engano.

„ E além de se naõ conseguir o effeito, que „ se pertende, considere V. A. o perigo, a que „ no meyo de taõ grande confusaõ se expoem a „ honestidade de tantas Donas, e Donzellas, que „ descompostas, e desacordadas com o sobresal„ to, taõ pouco imaginado, e desamparadas de „ pays, e maridos (que por acudir à defensa da „ patria, de força haõ de desamparar suas pro„ prias casas) ficaraõ sugeitas aos desacatos, e „ violencias, que na escuridaõ da noite, e em ta„ manha alteraçaõ de casas, e fazendas, que se

„ co-

„ cometteráõ em quanto cada hum por acudir às
„ cousas de menos pezo, e mais valor, desampa-
„ ra, e tem em pouco os de mayor volume, e
„ os estragos dessas mesmas cousas, e desarranjos,
„ seraõ perda intoleravel, infallivel, irremediavel,
„ e sem proveito, como digo.

„ E passando do profano ao sagrado, que
„ Templo haverá seguro, que Clausura de Reli-
„ giosas guardada, e isenta dos desacatos, e vio-
„ lencias, que a occasiaõ permittir à gente male-
„ vola, atrevida, e Estrangeiros tocados de he-
„ resia.

„ As duas razões seguintes quizera escusar
„ reposta, se o sangue Portuguez, que tenho nas
„ veas, me naõ obrigara a dar huma amorosa quei-
„ xa, e pedir huma justa satisfaçaõ a V. A. de
„ pôr o amor, e lealdade de seus vassallos em jui-
„ zo taõ facil de experiencia, tendo-as a naçaõ
„ Portugueza dado taes em paz, e em guerra,
„ que a vemos sempre arriscar vidas, honras, e
„ fazendas, e peccar muitas vezes contra as leys
„ do seu proprio entendimento, por naõ contra-
„ vir ainda ao menos gosto dos seus Principes mais
„ adorados entre nós, que obedecidos; e se to-
„ dos muito, nenhum tanto como V. A. alcan-
„ çado de Deos, por meyo de tantas orações,
„ jejuns, e disciplinas, que o podemos chamar
„ verdadeiramente filho do sangue, e lagrymas
„ do seu povo (de algumas poderaõ testemunhar

„ estas brancas, que viraõ descer per si neste tem-
„ po) de quem sendo taõ desejado, antes de o
„ ter, claro está, que depois de alcançado esti-
„ maremos todos em menos as vidas à menos ad-
„ versidade, que possa tocar no estado de V. A.

„ Com isto fique respondido ao aborreci-
„ mento da traiçaõ, nome, que até para castiga-
„ do se ouve mal entre Portuguezes, e para fa-
„ vorecido naõ sabemos tempo, em que nossos
„ Mayores o conhecessem; por esta antiga fé, e
„ lealdade, peço a V. A. que nas suspeitas, e
„ rumores passados, que escandalisaraõ a Nobre-
„ za, e inquietaraõ o povo proceda com a mo-
„ deraçaõ, e duvida, que a importancia do ca-
„ so requer; porque vistas as circunstancias, me
„ parece que haõ de vir as cousas a termos, que
„ dé mais cuidado a V. A. o modo de satisfazer
„ à lealdade offendida, e posta em duvida, do
„ que agora lhe dá o desejo de castigar esta offen-
„ sa, e quaõ facil será o que destes rebates, e ru-
„ mores de armas se accrescentar nos offendidos,
„ que as afrontas dos inferiores remedeaõ os Reys,
„ mas as suas só no Tribunal Divino tem emen-
„ da; a que minha liberdade merece mande V. A.
„ dar a este animo, que nunca foy atrevido, se
„ naõ quando lhe importou ser leal.

78 Persuadido ElRey das prudentes, e soli-
das razões do Conde de Villa-Nova, desistio do
rebate com alguma mortificaçaõ do seu gosto,
fomen-

ſomentado por outros juizos mais attentos à propria conveniencia, que à publica do Reyno. Certificado pelo Exbaixador de França Joaõ Gomes da Sylva em 6 de Setembro da derrota dos Hugonotes com o ſeu principal fautor Gaſpar de Coligni, ſe celebrou em Lisboa com luminarias, e repiques. Ao dia oito conſagrado ao Naſcimento da Mãy de Deos, ſe fez huma ſolemne Prociſſaõ por ſucceſſo taõ plauſivel à Religiaõ Catholica, triunfante da heretica perfidia, e ſahindo da Cathedral até o Convento de S. Domingos, acompanhada do Cardeal Infante, e o Senhor D. Duarte, prégou ao recolher o inſigne Varaõ Fr. Luiz de Granada, eterno eſplendor da Ordem Dominicana, exhortando ao povo ao rendimento de graças a Deos pelo heroico valor com que Carlos IX. verdadeiro Hercules Gallico deſtroçara a Hydra da Hereſia mais perniciosa, que a de Lerna. Concluio o Sermaõ lendo a Carta do noſſo Embaixador, eſcrita a ElRey, para que incitados os Catholicos concorreſſem a favorecer huma cauſa, em que era intereſſada a verdadeira Religiaõ.

Acçaõ de graças pela derrota dos Hugonotes em Pariz.

79 Naõ ſocegava o eſpirito delRey D. Sebaſtiaõ na empreza de acções glorioſas, propondo-lhe a fantaſia algumas, que facilitava o deſejo, e impoſſibilitava a prudencia. Certificado de já naõ ſer neceſſaria a Armada, que primeiramente apreſtara contra o Turco abatido com a famo-

ſa.

ſa victoria do Lepanto, e tratar com eſte inimigo commum pazes a Republica de Veneza, por ſer falecido o Summo Pontifice S. Pio V. principal author da Liga, como tambem naõ neceſſitar do ſeu auxilio ElRey de França, pelo feliz ſucceſſo, que teve contra os Hugonotes, entrou outra vez no penſamento de paſſar ao Oriente em taõ formidavel Armada, e quando eſtava mais conſtante neſta reſoluçaõ, foy ſuſpendida por Decreto de Providencia mais alta, permittindo que todo aquelle apparato naval foſſe totalmente deſtroçado no rio de Lisboa. Era Sabbado 13 de Setembro, quando à meya noite começou a ſoprar o vento Sul com taõ impetuoſa violencia, que obrigou as ondas ſubir aos mais altos edificios donde precipitadas empregaraõ o mayor impeto em todas as embarcações, e navios, que no Tejo eſtavaõ ancorados. Quebradas as amarras começaraõ a chocar confuſamente huns com outros, e deſcahindo com o impulſo do vento, ſe reduziraõ em diverſos pedaços pelas prayas do Corpo Santo, Caes da Rainha, Caes da pedra, e Alfandega, ſem reſtar hum navio de taõ poderoſa Armada, que ſem utilidade ſe formara com igual diſpendio, que deſvélo. Naõ foy menos lamentavel o eſtrago, que ſuccedeo na terra voando muitos telhados das caſas, e arrancando grande numero de arvores, de que procederaõ ruinas, deſgraças, e mortes. Eſte foy o tragico ſucceſſo

Laſtimoſamente ſe deſtroçou toda a Armada no rio de Liſboa.

Hiſt. dos Var. Illuſt. de Tavor. pag. 289.

ſucceſſo deſta Armada, a que deu principio o zelo da Religiaõ, o augmento, a politica do eſtado, e o fim o furor da tempeſtade, com que impedindo a Providencia, que na Aſia experimentaſſe ElRey algum infortunio, o reſervou para em Africa padecer o ultimo.

CAPITULO XIV.

Morre S. Pio V. Eſcreve ElRey ao Conclave ſobre a eleiçaõ de ſeu Succeſſor. He aſſumpto ao Pontificado Gregorio XIII. a quem congratula o noſſo Principe, que he exhortado pelo novo Pontifice a continuar a Liga contra o Turco.

80 FUneſto amanheceo para toda a Igreja Catholica o dia primeiro de Mayo 1572
deſte anno de 1572, por ſe lamentar deſpojada do ſeu Supremo Paſtor S. Pio V. a quem o zelo Morre S. Pio V.
ardente da Religiaõ contra os ſeus mayores Antegoniſtas conſtituhio hum dos mais venerados Principes do Solio do Vaticano. Sendo informado D. Sebaſtiaõ por ſeu Embaixador em a Curia D. Joaõ Tello de Menezes, de noticia taõ fatal aos intereſſes da Chriſtandade, ſignificou pela Carta ſeguinte ao Conclave, o profundo ſentimento, que experimentara com a morte do Summo Pontifice, em cujo eſpirito ſe admiravaõ imitadas,

tadas, e ainda excedidas as heroicas virtudes dos Vigarios de Christo, que floreceraõ na Infancia da Igreja, por cuja causa rogava aos Cardeaes elegessem para o Throno Pontificio hum Varaõ, que fosse igualmente successor da dignidade, como da virtude do Supremo Pastor, que lamentavaõ defunto.

Carta delRey para o Conclave sobre a eleiçaõ do Pontifice.

„ Reverendissimos em Christo Padres meus, „ como irmãos muito amados. Depois da devi- „ da recomendaçaõ vos faço saber, que por Car- „ tas de D. Joaõ Tello de Menezes, do meu „ Conselho, meu Embaixador nessa Corte (que „ agora chegaraõ por hum correyo, que com „ ellas despachou) soube, que se houve Nosso „ Senhor por servido de levar para si o Santo Pa- „ dre Pio V. de louvada memoria, em dia dos „ Apostolos Santiago, e S. Filippe, de que te- „ nho aquelle grande sentimento, que he razaõ „ em tamanha perda, taõ geral a toda a Chris- „ tandade, e taõ particularmente minha; e por- „ que a toda ella he muy importante a eleiçaõ de „ novo Pontifice, que espero em Nosso Senhor, „ que por quem he a dará, qual convém, que seja, „ para proseguir as santas obras, e as grandes ex- „ emplares virtudes de seu Antecessor, me pare- „ ceo dever fazer da minha parte nesta materia „ todo aquelle bom officio, a que todos os Reys, „ e Principes Christãos devemos estar dispostos „ com grande cuidado, e desejo de o pôr em

„ effei-

„ effeito, em eſpecial eu, que particularmente „ me acho muy obrigado a eſſa Santa Sé Apoſ- „ tolica, e ao ſerviço della, e proſeguindo neſta „ minha obrigaçaõ (que eſpero cumprir ſempre „ como devo) eſcrevi logo aos Prelados da Cle- „ reſia, e Ordens de meus Reynos, ordenaſſem „ como em todas as Igrejas delles ſe encomendaſ- „ ſe a Noſſo Senhor cada dia eſta eleiçaõ taõ de- „ ſejada, e taõ neceſſaria à Igreja Catholica, e a „ toda a Chriſtandade, fazendo-ſe por ella ora- „ ções, e prociſſoens, e dizendo-ſe Miſſas, co- „ mo o ſagrado Concilio, e eſta taõ grande, e „ geral neceſſidade o requere, e aſſim me pare- „ ceo dever logo mandar deſpachar eſte correyo „ ao meu Embaixador com eſta minha Carta, que „ lhe mando vos dé logo; porque ainda, que por „ haver taes peſſoas neſſe ſagrado Collegio, de „ que ſe eſpera eſtaráõ promptos, e diſpoſtos pa- „ ra o Eſpirito Santo concorrer com elles, e os „ allumiar com ſua graça neſta ſanta eleiçaõ. Eu „ podera eſcuſar de vos lembrar quanto importa „ ao ſerviço de Noſſo Senhor poſpordes nella to- „ do o humano reſpeito, e attenderdes ſómente „ ao ſeu ſerviço, e bem da Univerſal Igreja: to- „ da via pareceo-me, que naõ cumpria com mi- „ nha obrigaçaõ ſe vo lo naõ lembraſſe por eſta „ Carta, e por iſſo movido mais della, que de „ cuidar, que póde ſer neceſſaria em tal materia, „ e a que tanto eſtais obrigados por voſſas gran-

„ des virtudes, e muitas qualidades alguma per-
„ suasaõ, ou lembrança, vos rogo muy affectuo-
„ samente, e com toda a instancia queirais nesta
„ eleiçaõ mostrar ao Mundo, que sómente per-
„ tendestes nella conformardesvos com vossas cons-
„ ciencias, e com o que deveis a Nosso Senhor,
„ que vos poz nesse lugar por columnas firmes da
„ sua Igreja; porque com isso naõ poderá elle dei-
„ xar de assistir em tal obra por meyo do Espiri-
„ to Santo, e allumiar vossos corações, para es-
„ ta eleiçaõ ser breve, e santa, como se deve de-
„ sejar, e procurar, de que mais gloria, e lou-
„ vor se seguirá a cada hum de vós, que subir ao
„ Summo Pontificado; e porque sobre esta ma-
„ teria escrevo mais largo ao meu Embaixador
„ para vo lo communicar, vos rogo muito o ou-
„ çais, e lhe deis credito, no que àcerca disso de
„ minha parte vos disser, e hajais por certo, que
„ para todas as cousas, que tocarem a bem des-
„ sa Santa Sé Apostolica, me achareis sempre taõ
„ prompto, como eu o devo ser, e o foraõ os
„ Reys meus antecessores, e vo lo dirá o meu
„ Embaixador, a que em todo me remeto. Nos-
„ so Senhor vos haja sempre em sua santa graça,
„ e allumie o Espirito Santo vossos corações nes-
„ ta santa eleiçaõ, e em todas vossas obras, pa-
„ ra que lhe sejaõ aceitas.

81 Ao tempo que esta Carta chegou à Curia, já estava feita a eleiçaõ do Pontifice, pois entran-

entrando em o Conclave cincoenta e dous Cardeaes, ſahio unanimemente eleito a 13 de Mayo o Cardeal Hugo Bomcompagno, com o nome de Gregorio XIII. A Cidade de Bolonha lhe deu o berço a 7 de Fevereiro de 1507, ſendo ſeus progenitores Chriſtovaõ Bomcompagno, e Angela Mareſcalcha, de igual nobreza à de ſeu conſorte. Tantos foraõ os progreſſos, que fez no eſtudo da Juriſprudencia Ceſarea, que pelo eſpaço de oito annos a dictou com applauſo em a Univerſidade patria. A madureza do juizo unida com a affabilidade do genio o habilitaraõ para diverſas Legacias, ſendo por duas vezes mandado aſſiſtir em o Concilio de Trento, até que ornado com a Purpura Romana pela Santidade de Pio IV. ſubio ao Throno Apoſtolico com univerſal jubilo de toda a Chriſtandade.

He eleito Pontifice Gregorio XIII.

Ciacon. *Hiſt. Pontif. Roman.* Tom. 4. pag. 1.

82 Recebida por ElRey D. Sebaſtiaõ a noticia de eſtar eleito Gregorio XIII. lhe mandou duas Cartas, eſcrita a primeira a 30 de Junho, em que explicava a exceſſiva alegria, que recebera com a ſua exaltaçaõ ao Solio Pontificio, e a ſegunda em 15 de Julho, onde proteſtava a ſua obediencia à Sé Apoſtolica, ratificando a promeſſa feita ao ſeu anteceſſor de expedir huma Armada ao Levante, quando os outros Principes colligados mandaſſem as ſuas contra o inimigo commum da Chriſtandade. Como as Cartas, que eſte Principe mandara a S. Pio V. por ſeu ſobri-

nho o Cardeal Alexandrino as naõ lesse impedido pela morte, se entregaraõ a Gregorio XIII. o qual respondeo a D. Sebastiaõ na forma seguinte.

„ Charissimo in Christo filio nostro Sebas„ tiano Portugalliæ Regi illustri. Gregorius Pa„ pa XIII. Charissime in Christo fili noster, sa„ lutem, & Apostolicam benedictionem. Quam„ quam in litteris Majestatis Tuæ ad nos datis 30 „ Junii, & 15 Julii omnia erant Te digna, hoc „ est, singularis prudentiæ, humanitatis, & pie„ tatis plenissima, tamen nihil erat, quod non „ antea esset de Te omnium consensu, & sermo„ ne celebratum: bonus enim Christi odor est, „ quo ejus domus summa cum piorum omnium „ lætitia est repleta, itaque magis putavimus „ agendas gratias Deo virtutum omnium Aucto„ ri, quàm respondendum ad ea, quæ Tu tam „ piè, tamque sapienter in illis litteris disserebas „ de hoc tam gravi, tamque periculoso Pontifi„ catûs munere, deque omni spe in summa Dei „ benignitate figenda, & locanda; unam illam „ litterarum tuarum particulam minimè agnosce„ bamus, in qua, sive quod ita putabas, sive „ quod cupiebas, tam multa nobis tribuebas; lau„ damus nos quidem desiderium ea in nobis cer„ nendi, quæ ipse commemorabas, nostræ autem „ ad omnia infirmitatis ipsi nobis conscii summus. „ Lectis verò aliis tuis litteris, multò ante Car„ dinali Alexandrino Legato Apostolico datis ad

„ San-

„ Sanctissimum Pontificem Pium V. quas idem
„ Pius videre non potuit, tanto gaudio exultavi-
„ mus in Domino, ut neque legendo, neque tua
„ insigni pietate collaudanda, neque Deo gratiis
„ agendis nobis satisfacere possemus: tantum in
„ illis cernebamus studium Majestatis Tuæ, tam
„ ardens desiderium, triremibus, navibus, ar-
„ mis, omni denique bellico apparatu, itaque
„ omnibus opibus Christianam Ecclesiam juvan-
„ di, nec solùm nobis auxilio veniendi, sed à ru-
„ bro etiam mari Turcas adoriendi, insequendi-
„ que; neque illos usquam quietos relinquendi,
„ atque omnem eis, quem ingentem ex Orienti
„ percipiunt fructum adimendi, eosque hac ratio-
„ ne à nobis avertendi. An potest quisque maio-
„ ra auxilia desiderare, quàm quæ Majestas Tua
„ pollicetur? Imperabimus, inquis, copias, mu-
„ nitiones, naves, atque reliquas res necessarias
„ ad instruendam, ornandamque classem, statim
„ in hoc Lusitaniæ Regno comparari; ut vel to-
„ ta, vel ejus pars sancto fœderi auxilium ferat.
„ Benedicat tantæ virtuti Omnipotens Deus,
„ eamque augeat, & remuneretur omni terrena,
„ ac Cœlesti prosperitate; nam nos quidem nihil
„ aliud possumus, nisi Sedis hujus Apostolicæ, at-
„ que universæ Ecclesiæ nomine gratias agere Ma-
„ jestati Tuæ, eique amplissima præmia polliceri
„ ab eo, qui cùm Ecclesiæ suæ sponsus sit, san-
„ guinisque cariore eam sibi prætio adjunxit, eo
„ ma-

„ maiora habet reposita præmia iis, qui eam tuen-
„ tur. In quo etiam insigniorem facit pietatem
„ tuam locus ipse; quò enim à nostro periculo,
„ atque ab hostium metu remotior est, eò in te
„ apertior apparet charitas Christi, quæ non quæ-
„ rit quæ sua ipsius sunt; tametsi nihil potest esse
„ nostræ Matris Ecclesiæ, quod nostrum quoque
„ non sit. Hæ igitur litteræ, quas non minus ad
„ nos, quàm ad Pium V. scriptas esse arbitramur,
„ (perspicuum enim est Majestatem Tuam, non
„ personam, sed Ecclesiam, non tempus illud,
„ sed causam spectasse) incredibilem nobis spem,
„ atque alacritatem attulerunt. Itaque & Deo,
„ & Majestati Tuæ gratias agendas duximus,
„ postulandumque totius Ecclesiæ nomine, ut
„ eam in annum sequentem iis auxiliis juves, quæ
„ tam prolixè polliceris; quod tametsi Te factu-
„ rum non dubitamus, tamen pro nostro summo
„ desiderio facere non possumus, quin etiam, at-
„ que etiam rogemus. Nos enim noctes, dies-
„ que, ut æquum est, de Ecclesia cruciamur, nec
„ cessamus charissimos filios Maximilianum in Im-
„ peratorem electum, & Regem Christianissi-
„ mum ad hoc sanctissimum fœdus vocare; cum-
„ que iis quantum possumus agimus, nec despe-
„ ramus; sed sive illi venerint, sive non, quod
„ Deus avertat, quod impedimenti erit; tu cer-
„ tè, charissime fili, tuo nos auxilio nè destitue:
„ animadvertimus enim te in illis ad Pium V. lit-
„ teris

„ teris duo polliceri, alterum de fœdere, cum
„ illa exceptione, si cæteri quoque Christianorum
„ Principes adduci potuerint; quod utinam faxit
„ Deus, nosque hoc videre permittat, ut Te, at-
„ que alios tam gloriosi fœderis socios, & con-
„ sortes habeamus: alterum de auxiliis mittendis,
„ deque hostibus à rubro etiam mari adoriendis;
„ cum illa exceptione, nisi si necessitas aliqua,
„ cui parendum sit, id prohibeat; quam quidem
„ necessitatem nullam fore speramus, Christia-
„ namque Ecclesiam, si primum illud non pote-
„ rit, tuo certe beneficio tua, ac tuorum maio-
„ rum perpetua fide, pietate, virtute in Christi
„ hostibus arcendis, inque ejus honore, & gloria
„ tuenda, & propaganda dignissimo fruiturum;
„ sublatis divina manu impedimentis iis, quæ ha-
„ ctenus Majestati Tuæ scribere voluimus per di-
„ lectum filium Joannem Tellum Menesium tuum
„ apud nos Oratorem, cujus gravitatem, mo-
„ destiam, ac summam in tuis rebus fidem, &
„ diligentiam, & sanctæ memoriæ Pius V. &
„ nos experti sumus; confirmamusque magnam
„ illum huic ab omnibus laudem, & benevolen-
„ tiam reportare, quibus etiam nominibus cum
„ Majestati Tuæ commendatissimum esse non du-
„ bitamus. Tibi vero, cui totum debemus, quid-
„ quid valemus, offerre supervacaneum putamus:
„ quidquid tamen valebimus Tibi, ac tuis valebi-
„ mus. Datum Romæ apud S. Petrum sub An-
„ nulo

„ nulo Piscatoris die 17 Septembris 1572, Ponti-
„ ficatus nostri anno primo.

83 Naõ satisfeito o Pontifice de exaltar com grandes elogios o sagrado ardor, que no seu peito alimentava ElRey D. Sebastiaõ contra os inimigos da Igreja Romana, lhe escreveo o seguinte Breve, onde louva o zelo, com que se offereceo a Carlos IX. de França, para debellar os hereges Hugonotes, que fatalmente foraõ destroçados em a noite do dia de S. Bartholomeu, (de cuja derrota se fez breve memoria no Capitulo antecedente) e o exhortou a expedir promptamente a Armada ao Levante, como promettera.

„ Gregorius Papa XIII. Charissime, &c.
„ Summa cum voluptate accepimus à dilecto filio
„ Antonio Pinto, quàm piè Majestas Tua fuerit
„ per litteras gratulata Regi Christianissimo de
„ Hugonotorum extinctione, quam ei multa con-
„ suleris, quàm benevolè, quàm verè, quàm
„ congruenter ad ipsius munus, atque ad præsen-
„ tem opportunitatem optatissimam illam quidem,
„ sed non hoc tempore expectatam, ab ipso au-
„ tem Rege, consilio, & prudentiâ, ac Dei be-
„ nignitate repræsentatam; quàm promptè, at-
„ que alacriter denique tua ei auxilia obtuleris;
„ quæ omnia, & si nunc primùm accepimus, ta-
„ men in ea ipsa, quæ Majestati Tuæ intrinsecus
„ in animo versatur, hoc est in Christi gloriæ,
„ Eccle-

„ Ecclesiæque suæ tranquillitatis, atque amplitu-
„ dinis desiderio, pervetera sunt; nostroque, at-
„ que omnium de tua insigni pietate judicio ma-
„ ximè consentanea. Itaque has statim ad Te lit-
„ teras dedimus, ut & virtuti tuæ gratularemur,
„ & quàm illa nobis grata acciderint, significa-
„ remus. Ut autem omnis bonæ in nobis volun-
„ tatis Auctorem Deum agnoscere debemus, sic
„ ejus benignitati gratias agere oportet omnes,
„ quibus facultas datur, ea, quæ rectè concupi-
„ erunt, agendi facultatem, qui eam quampri-
„ mum arripere, & quoad perficiant tenere opor-
„ tet. Nulla verò potest hoc tempore esse præ-
„ clarior ea, quam in manibus habemus, Turca-
„ rum nimirum Christi, atque ejus nominis ho-
„ stium immanissimorum furorem, & rabiem fran-
„ gendi; & non solùm à sacris altaribus, à San-
„ ctis Sacerdotibus, ab innocentibus pueris, vir-
„ ginibusque, ab universa denique Christiana Re-
„ publica procul arcendi, sed etiam, quod à Di-
„ vina benignitate speramus, universam eam luem
„ delendi; quod nos certè curamus, atque agi-
„ mus quantum possumus; & quidem animo, ut
„ ab ea Hugonotorum metu libero, ac soluto,
„ sic in hanc causam intentissimo. Hanc quoque
„ facultatem quantopere cupiamus Majestatem
„ Tuam amplecti, & ex superioribus litteris in-
„ telligere potuisti, & ex hoc ipso facilè cognos-
„ ces, quia non cessamus sæpiùs tecum agere ea

„ de re, quam Te pro tua pietate vehementer
„ cupere ex tuis litteris cognovimus. Itaque sic
„ existimabis has nostras esse, non illas quidem
„ Majestatis Tuæ quòd summi desiderii indices.
„ Nihil enim longius habemus, quam dum Te
„ hujus gloriosi incepti socium videamus. Novi-
„ mus enim quantum tua potentia, ac tuorum
„ militum virtus in Christi causâ tuenda præstantis-
„ sima, atque exercitatissima Christianorum Clas-
„ si roboris, atque alacritatis, hostium furori ter-
„ roris, universa Ecclesia ad speratam victoriam
„ momenti, allatura sit. Itaque expectamus, ut
„ Veris initio, quo maturè possumus ad hostes
„ contendere, inque in eorum oris bellum gere-
„ re, non in nostris. Sustinere Classem tuam,
„ cujus in bellando virtus, & felicitas perspectis-
„ sima est, omnibus rebus quàm instructissimam
„ mittas Christo, qui sese testatus est quæri, &
„ trucidari in membris suis: cujus quidem Classis
„ adventum ipsi jam, atque animo percipientes
„ gratias agimus Deo, quod ad Regiam istam
„ Majestatem, ac potentiam adjunxerit animum
„ vero regium, atque ad ejus causam paratissi-
„ mum. Datum Romæ apud Sanctum Petrum
„ sub Annulo Piscatoris 8 Novembris 1572, Pon-
„ tificatûs nostri anno primo.

Todas as diligencias, que applicava com tanto desvélo o nosso Pontifice para sustentar a Liga contra o Turco, se desvaneceraõ por cau-

sa

ſa dos Venezianos, que mediando a guerra pelos intereſſes preſentes, ſem prevenir os damnos futuros, celebrarão pazes com o Sultão, por mediação de França, ſem communicar eſta reſolução ao Pontifice, e ElRey de Caſtella, principaes authores da Liga, que ſe tinha formado à inſtancia, e conveniencia de Veneza.

Celebra Veneza pazes com o Turco, de que ſe ſeguio desfazerſe a Liga.

CAPITULO XV.

Chega a Lisboa D. Luiz de Ataide, e da pompa com que foy recebido eſte Heroe, do qual ſe faz hum breve elogio.

84 CUmulado de victorioſos troféos, e coroado de triunfaes louros o inſigne D. Luiz de Ataide, no feliz tempo, que moderou as redeas do Imperio Aſiatico Portuguez, onde excedeo aos ſeus primeiros Conquiſtadores em direcções politicas, e emprezas militares, voltou para Portugal a receber no ocio da paz os premios merecidos no tumulto da campanha. Aviſtou a foz do Tejo a 3 de Julho deſte anno de 1572, e impedido pela furia do vento Norte ſe paſſarão dezaſete dias para embocar a barra. Em Domingo 20 de Julho, quando o Sol ſe avizinhava aos Antipodas, ſurgio D. Luiz da parte de Almada, e deſembarcando na ſegunda fei- 1572

Chega a Lisboa D. Luiz de Ataide.

ra, beijou a maõ a ElRey, o qual querendo distinguir nas honras a hum vassallo, que taõ heroicamente tinha representado a sua soberana Pessoa em o Oriente, ordenou, que se fizesse na sexta feira seguinte, dedicada ao Apostolo Santiago, huma solemne Procissaõ em acçaõ de graças pelas victorias alcançadas na India contra os seus mayores Potentados. Fechava toda a Procissaõ a Magestade delRey D. Sebastiaõ, levando à sua maõ direita a D. Luiz de Ataide, de cuja honorifica demonstraçaõ se conhecia a generosidade do Principe, como o merecimento do vassallo.

Inexplicavel honra, que recebe delRey.

85 Chegada a Procissaõ ao Convento de S. Domingos, que sahira da Cathedral, se cantou Missa solemne, assistindo sentado debaixo do docel ElRey, e ao seu lado D. Luiz de Ataide, na forma que viera na Procissaõ. Subio ao pulpito o Padre Ignacio Martins, da Companhia de Jesus, onde para eterno monumento de taõ grande Heroe, lhe erigio huma estatua da artilharia, que em tantos combates terrestes, e navaes, ganhara o seu incomparavel valor. Ornava-se o seu pedestal com diversos quadros, em que se admiravaõ dibuxadas as suas mayores façanhas. Representava huma a colligada potencia de tres formidaveis corpos, naõ fabulosos como os de Geriaõ, quaes foraõ o Hidalcaõ, Nizamaluco, e Samorim, derrotados por este Lusitano

Elogio de D. Luiz de Ataide.

tano Hercules, em Goa, Chaul, e Chale. Viaõ-se em outro as Fortalezas de Onor, Bracellor, Parnel, e Assari desmantelladas, sobre cujas ruinas tremolavaõ victoriosos os Estandartes Portuguezes. Em outros se divisavaõ diversas Armadas expedidas a impulsos da sua vigilancia, entre as quaes se distinguiaõ a de Martim Affonso de Miranda, triunfante dos Malavares; a de Paulo de Lima, derrotando a dos Reys de Colles, e Sarcetas; a de Nuno Velho Pereira, em Cambaya abrazando a de Surrate; a de D. Diogo de Menezes, rendendo a Cidade de Villachiraõ; a de Fernaõ Telles, aprizionando em Podiaõ Gale quatro galeotas, com grande mortandade dos inimigos; a de D. Luiz de Mello da Sylva destroçando a formidavel do Achem, composta de sessenta navios; a de D. Francisco Mascarenhas, soccorrendo Chaul invadido pelo Nizamaluco.

86 Esta elegantissima narraçaõ, em que o Orador Evangelico compendiou as heroicas emprezas de D. Luiz de Ataide, sendo plausivel a taõ augusto auditorio, foy para os seus ouvidos summamente molesta; mas ainda que com ingrato silencio as sepultasse o Orador em obsequio da sua modestia já a Fama por cem bocas as tinha divulgado por todo o ambito do Universo, certamente merecedoras de que o Sol as coroasse com os seus rayos, por serem obradas onde este Planeta Principe tem o seu berço.

Acaba-

87 Acabàda a funçaõ, em que este Heroe recebeo a inexplicavel honra de estar sentado à maõ direita delRey, ainda naõ satisfeito de huma acçaõ, que parecia o elevava de vassallo a soberano, lhe deu hum esplendido banquete no Paço, em que competio a profusaõ com a delicadeza. De tarde se coroou taõ festivo dia com jogo de Canas em o campo de Alcantara, em que entraraõ D. Luiz de Ataide com ElRey D. Sebastiaõ, e outros Fidalgos, que acompanhavaõ ao Senhor D. Duarte. Passados dez dias se repetio no mesmo sitio semelhante duello com mayor apparato, que o antecedente, para o qual concorreo a mayor parte da Fidalguia, preciosamente vestida, e ayrosamente montada em soberbos cavallos. Assistio a este espectaculo a Infanta D. Maria, acompanhada das suas Damas, a quem convidara ElRey, que se distinguio de todos os Cavalleiros na destreza, e agilidade com que mandava os cavallos.

Em applauso de Luiz de Ataide faz ElRey duplicadas honras.

CAPI-

CAPITULO XVI.

Funda a Rainha D. Catharina em Lisboa o Collegio de Nossa Senhora da Escada, cujo governo comette aos Religiosos da Ordem dos Prégadores.

88 PAra a Serenissima Rainha D. Catharina immortalizar o seu nome em os Fastos da piedade Catholica naõ podia idear fabrica mais gloriosa, que a erecçaõ do Real Collegio de Nossa Senhora da Escada, junto do Convento de S. Domingos, em a Corte de Lisboa, para ser palestra dos Parochos, que com a sua doutrina deviaõ instruir as almas para o caminho da vida eterna. Entre todas as sagradas Familias, com que se orna a Igreja Catholica, elegeo para Administrador, e Cathedraticos do novo Collegio aos alumnos da clarissima Ordem dos Prégadores, onde a sabedoria illustrada com os rayos do Sol de Aquino se conserva hereditaria sem a menor diminuiçaõ das suas luzes, confiando da sua profunda literatura, e virtuosa observancia, satisfariaõ exactamente a obrigaçaõ, que se lhes comettia. Estava junto o Desinitorio do Capitulo Provincial, celebrado em Santarem, que se compunha de Fr. Francisco Foreiro, Vigario Geral

1572

Erecçaõ do Collegio Real de Nossa Senhora da Escada.

ral da Provincia, cujo nome deixou eternizado no Concilio de Trento; Fr. Martinho de Ledesma, Cathedratico de Prima da Universidade de Coimbra; Fr. Manoel da Veiga, Mestre em Theologia; Fr. Jeronymo Borges, Prior do Convento de Santarem; e Fr. Thomás de Sousa Presentado, todos quatro Definidores: e sendo proposto como a Rainha ordenara a erecçaõ do Collegio, e nomeado para Mestres os Religiosos Dominicos, se obrigaraõ em nome da Provincia a aceitar a administraçaõ, e Cadeiras do dito Collegio, com as condições ordenadas por Sua Alteza, que se continhaõ na Carta seguinte.

Alvará da Rainha D. Catharina, pelo qual institue o Collegio de Nossa Senhora da Escada.

„ D. Catharina por graça de Deos Rainha „ de Portugal, e dos Algarves, &c. Infanta de „ Alemanha, de Castella, e Leaõ, das duas Si- „ cilias, de Jerusalem, &c. A todos, que esta „ Carta de Instituiçaõ, e Fundaçaõ de Estudo vi- „ rem, faço saber, que considerando eu, que „ hum dos mais principaes, e mais aceitos servi- „ ços, que a Deos Nosso Senhor se podem fazer, „ he aquella esmola, que ajudando à sustentaçaõ „ corporal dos proximos, resulta della proveito „ para remedio, e salvaçaõ das almas pelo Sangue „ do mesmo Senhor remidas, e entendendo, que „ o principal adjutorio para se aproveitarem des- „ ta Redempçaõ, e serem salvas, he o que po- „ dem receber pelo ministerio dos Sacerdotes, a „ quem por Nosso Redemptor he comettido o

„ San-

„ Santo Sacramento da Penitencia, o juizo, e remedio dellas; e vendo outro si quaõ necessario „ seja aos taes Sacerdotes terem o saber, que a „ importancia de cousa taõ necessaria requere para nella serem Ministros idoneos, e sufficientes „ (pois sendo como saõ Juizes das culpas, e Medicos das infirmidades da alma, falecendo nellas o conhecimento, e prudencia, que para cousas taõ difficultosas he necessario, naõ poderáõ „ ser acertados seus juizos, nem saberáõ applicar „ proveitosos remedios) com vontade, e desejo „ de que o Senhor seja de mi servido em obra, „ que tanto he para gloria sua, e bem, e salvaçaõ de suas creaturas, ordeno, e mando, que „ dos quinhentos mil reis de juro, que para este „ effeito tenho deputados, se dem de esmola para ajuda da sustentaçaõ de trinta Clerigos ouvintes, e de dous Mestres Religiosos, por quem „ sejaõ ensinados em casos de consciencia, e nas „ determinações, que no juizo da Confissaõ se „ deve dar nelles, e em tudo o mais, que para „ serem Confessores, e Curas de almas he necessario; porque posto, que nos estudos das Universidades se criem Theologos, e Canonistas em „ sciencia sufficiente, para o ministerio, ordinariamente os que saõ Letrados aspiraõ a cousa de „ mais proveito, e honra, ou os encarregaõ dellas de modo, que se naõ empregaõ no serviço „ particular das Igrejas, e em ouvir as Confissões,

,, e curar por si as almas, sendo isto de taõ gran-
,, de importancia para salvaçaõ dellas, pareceo
,, (como dito tenho) ser grande serviço de Nos-
,, so Senhor criarem-se Clerigos, que tendo suf-
,, ficiencia para ser Curas, e Confessores, nisto
,, se occupem por si mesmos sem pertençaõ das
,, cousas, em que os mais fundados se costumaõ
,, occupar, para cuja doutrina ordeno esta Insti-
,, tuiçaõ, e para ajuda da sustentaçaõ dos que hou-
,, verem de ser doutrinados, e dos Mestres, que
,, os andem doutrinar applico os ditos quinhentos
,, e vinte mil reis de juro, repartindo-se na ma-
,, neira adiante declarada, e hey por bem, que
,, em tudo se tenha, e guarde inteiramente o por
,, mi ordenado nesta minha Carta de Instituiçaõ,
,, e fundaçaõ, por quanto com o parecer de pes-
,, soas doutas, e Religiosas, que para isso tomey,
,, o hey assim por bem, serviço de Deos, e per-
,, petuaçaõ da dita Instituiçaõ. Feita em Xabre-
,, gas a 21 de Julho de 1572, e eu Francisco Ca-
,, no, Secretario de S. A. a fiz escrever.

RAINHA.

Clausulas da Instituiçaõ do novo Collegio.

89 As condiçoẽs da Instituiçaõ do novo Collegio, escritas em vinte e dous Capitulos, eraõ as seguintes. Seriaõ dous os Lentes de Theologia Moral (e naõ hum como modernamente escreve o Padre D. Antonio Caetano de Sousa, *Hist. Geneal. da Cas. Real Portug.* Tom. 1. liv. 4. pag.

pag. 528.) cuja leitura principiaria a 15 de Setembro, para acabar em 15 de Julho; e que no dia 14 consagrado à Exaltaçaõ da Santa Cruz, Vespera do principio da Leitura, cantariaõ os Religiosos Dominicos em o Convento de Lisboa huma Missa solemne, pedindo nella a Deos a sua protecçaõ, com a qual perpetuamente se estabelecesse o novo Collegio. As lições dos dous Mestres se dividiriaõ entre a manhãa, e a tarde, durando a do Lente da manhãa, desde a Exaltaçaõ da Cruz até à Quaresma, das oito até às nove horas, e do principio da Quaresma até à Exaltaçaõ da Cruz, das sete até às oito. O Lente de Vespera leria todo o anno das tres até às quatro. A materia da Leitura de hum dos Mestres fosse o Cathecismo ordenado por S. Pio V. para instrucçaõ dos Parochos, e do outro Mestre explicaria a Summa de Caetano, ou o Manual de Navarro, observando-se tal ordem, que o Lente do Cathecismo explicasse em lugares convenientes algumas materias incluidas na Summa, e Manual, de maneira, que se naõ deixe de ler o que he necessario, e em quanto poder ser, nunca se repita o que se tem lido huma vez. Para satisfaçaõ dos dous Lentes, e do Administrador do Collegio o Prior do Convento de S. Domingos de Lisboa, assinou a Rainha hum juro perpetuo de cem mil reis. Os Collegiaes seraõ Sacerdotes, ou de Ordens Sacras, e naõ excederáõ a idade de quaren-

ta annos, excepto naõ havendo outros capazes ao tempo da vacatura; de limpa geraçaõ, para que a sua doutrina, e ministerio seja aceito do povo; de vida inculpavel, sem beneficio, renda, patrimonio, ou gráo de Theologia, e Canones, para que naõ occupem os lugares daquelles, que necessitaõ de ser ensinados; e se por falta de verdadeira informaçaõ forem recebidos alguns contra a fórma declarada, certificado o Administrador de naõ ter as qualidades expressadas, os poderá livremente despedir. Antes de admittidos seraõ examinados pelo Administrador, e os dous Lentes, de cujos votos penderá a sua approvaçaõ. O numero dos Collegiaes será de trinta (como está escrito nos Estatutos originaes, que vimos, e naõ de trinta e dous, como escreveo o Padre Fr. Luiz de Sousa na *Hist. de S. Domingos da Prov. de Portug.* Part. 1. liv. 3. cap. 40.) dos quaes dez seraõ naturaes de Lisboa, e vinte fóra della, e destes se preferiráõ os nascidos nas terras da Rainha, como saõ Alenquer, Obidos, Cintra, e outros que possue em o Reyno do Algarve, e de todos sempre será aceito o mais pobre. Succedendo naõ se acharem tantos Clerigos de Ordens Sacras, que cheguem ao numero dos trinta, seraõ admittidos para seu complemento alguns mancebos, que ao menos tenhaõ dezanove annos de idade, de cuja vontade, e modo de vida haja provavel certeza de estarem promptos para receber

as

as ditas Ordens. Se o pertendente for desta Cidade, ou do seu Arcebispado, se informará o Administrador da limpeza do sangue, integridade de costumes; porém sendo de parte mais distante, bastará, que o pertendente apresente informação authentica dos requisitos acima nomeados feita pelo Ordinario do seu Bispado, ou do Prior de S. Domingos, havendo Convento desta Ordem em a terra, onde for morador. O juro perpetuo de quatrocentos e vinte mil reis, que a Rainha generosamente applicou para estabilidade do Collegio, ordenou se repartisse nesta fórma. Ao Collegial nascido em Lisboa, ou seu Termo, dará o Administrador cada anno doze mil reis, por necessitar de menor despeza, para a sua sustentação; porém ao que for nascido fóra do Termo de Lisboa, quinze mil reis, cujos ordenados se lhes pagaráõ aos quarteis, descontando em cada hum as multas, em que forem condemnados, e nunca se lhes dará dinheiro anticipado. Ordenou mais a Rainha, que todos os Domingos do anno dissessem huma Missa rezada os Religiosos Dominicos na Igreja de Nossa Senhora da Escada pela alma de seu esposo D. João o III. e a sua, e que os Collegiaes seriaõ obrigados duas vezes no anno ir ao Convento de Belem, huma no dia anniversario da morte de D. Joaõ o III. que he a 11 de Junho, e se cahir ao Domingo, no dia antecedente, e a outra em o dia anniversario da mesma

mesma Rainha; e nestes dous dias os que forem Sacerdotes, diraõ Missa pelas almas destes dous Principes, e os que o naõ forem, rezaráõ pelas ditas almas o Officio dos Defuntos com tres Nocturnos. Determinou a Real Instituidora com vigilante providencia, que para se cumprir exactamente tudo quanto tinha disposto para conservaçaõ do novo Collegio, fizesse huma visita cada anno no mez de Abril, ou Mayo, o Capellaõ mór delRey pessoalmente, e na falta delle o Deaõ de sua Real Capella, cuja visita encomenda muito a ElRey seu neto, e seus successores, pois della se segue haver Confessores, que nas Igrejas do seu Reyno, e particularmente em as de seu Padroado, e Ordens Militares, possaõ dignamente exercitar o seu ministerio. Para que a todos fosse notoria a fundaçaõ deste Collegio, mandou passar huma Carta assinada pela sua Real maõ, em que se incluiaõ os vinte e dous Capitulos dos Estatutos do novo Collegio, e da dita Carta se fizeraõ tres traslados passados pela Chancellaria, e no fim de cada hum se escreveo a verba do seu Testamento, em que falla desta Instituiçaõ, mandando, que hum se guardasse na Torre do Tombo, o segundo em o Mosteiro de S. Domingos de Lisboa, e o terceiro em o Cartorio da Cathedral de Lisboa. Ultimamente querendo esta prudente Heroina, que esta obra ideada por seu ardente zelo ficasse solidamente estabelecida,

belecida, pedio a seu neto ElRey D. Sebastiaõ, que a recebesse na sua Real protecçaõ, a cuja justificada supplica deferio este Principe com o seguinte Alvará.

„ D. Sebastiaõ por graça de Deos Rey de „ Portugal, &c. Faço saber aos que esta Carta „ virem, que a Rainha minha Senhora, e Avó, „ me enviou a dizer, que ella tinha ora nova„mente ordenado, que no Mosteiro de Saõ Do„mingos da Cidade Lisboa, se lesse para sempre „ em cada hum dia duas lições de casos de consci„encia para trinta Clerigos as ouvirem, e apren„derem as cousas necessarias para serem Curas, e „ Confessores, e que para perpetuaçaõ das Ca„thedraes das ditas lições, e continuaçaõ dos „ Cursos, dos que as houverem de ouvir, orde„nara, que se dessem aos Padres do dito Mos„teiro cem mil reis em cada hum anno pela obri„gaçaõ das ditas lições, e pelas mais contheudas „ nos Estatutos da dita fundaçaõ, em quanto as „ cumprissem, e aos trinta Clerigos para sua sus„tentaçaõ quatrocentos e vinte mil reis, em ca„da hum anno, repartidos em a ordem, e obri„gações declaradas no dito Estatuto; e que pa„ra cumprimento do sobredito tinha applicado à „ dita fundaçaõ quinhentos e vinte mil reis de „ juro, que se montava no que haviaõ de haver „ os ditos Padres de S. Domingos, e assi os di„tos Clerigos, desmembrando-os, e separando-os

Recebe D. Sebastiaõ debaixo do seu Real patrocinio o novo Collegio.

„ dos

„ dos ſeis contos ſetecentos e tres mil e duzentos
„ e vinte e nove reis, que tinha de minha Fazen-
„ da de juro, por minhas Proviſoens, que lhe fo-
„ raõ dadas em pagamento do ſeu dote, e arras,
„ pedindo-me S. A. houveſſe por bem de appro-
„ var, e confirmar a fundaçaõ, e Inſtituiçaõ das
„ Cathedraes das ditas lições, e dos Curſos, que
„ nellas haviaõ de ouvir os ditos trinta Clerigos,
„ para mais ſegura perpetuaçaõ della, e a quizeſ-
„ ſe tomar debaixo da minha protecçaõ, para a
„ favorecer em tudo o que foſſe neceſſario à ſua
„ conſervaçaõ, e accreſcentamento, aſſi no que
„ tocaſſe ao Curſo das ditas lições, como no que
„ cumpriſſe para os ouvintes dellas ſerem provi-
„ dos, e favorecidos, ſendo idoneos, para ſervir
„ nas couſas da ſua profiſſaõ, e havendo reſpei-
„ to à fundaçaõ, e Inſtituiçaõ das ditas lições,
„ e Curſos, ſer de grande ſerviço de Deos, e bem
„ das almas dos póvos de meus Reynos, e por
„ mo pedir a Rainha minha Senhora, e Avô, a
„ quem deſejo comprazer em tudo, como he ra-
„ zaõ, por eſta Carta, de minha certa ſciencia,
„ poder Real, e abſoluto, approvo, e confirmo
„ a dita fundaçaõ, e Inſtituiçaõ, para que haja
„ cumprido, e plenario effeito, para todo ſem-
„ pre, e ſuppro, e hey por ſupprido qualquer fal-
„ ta, que nella haja defeito, ou de direito, ſem
„ embargo de quaeſquer Leys, Ordenações, e
„ Eſtatutos de quaeſquer Univerſidades, e Pro-
„ viſoens,

„ visões, que forem feitas, ou ao diante se passarem, que em tudo, ou em parte, sejaõ contra o effeito da dita fundaçaõ, ou impidaõ; „ as quaes todas hey por derogadas, no que a isto tocar, como se de *verbo ad verbum* fossem trasladadas nesta Carta, e como se da substancia dellas fosse aqui feita especificada mençaõ, sem embargo da Ord. do 2. liv. tit. 49. „ que dispoem se naõ entenda ser derogada por mi Ordenaçaõ alguma, se da substancia della naõ for feita expressa mençaõ, e assi me apraz de tomar debaixo de minha protecçaõ, e fundaçaõ das ditas Cathedras, e a instituiçaõ dos Cursos dos trinta Clerigos ouvintes, conforme aos Estatutos della, para a favorecer em tudo o que for necessario para sua conservaçaõ, accrescentamento, e perpetuaçaõ, como he razaõ, pelos respeitos acima declarados: e rogo, e encomendo aos Reys meus successores, que assi o façaõ, para que em tempo algum por falta de seu favor naõ haja cousa que impida o effeito da dita fundaçaõ, e Instituiçaõ, e mando aos Védores da minha Fazenda, e a quaesquer outros Officiaes a quem pertencer, que façaõ fazer os pagamentos dos ditos quinhentos e vinte mil reis de juro, applicados a esta fundaçaõ, aos quarteis de cada hum anno, com todo o favor necessario aos Lentes, e ouvintes serem bem pagos,

„ e poderem com a quietaçaõ, que se requere, „ continuar seu estudo; e assi mando a todos os „ Officiaes de Justiça de meus Reynos, e Se- „ nhorios, que naõ sejaõ em tudo, nem parte „ contra a fundaçaõ, e Instituiçaõ das ditas Ca- „ thedras, nem contra os Estatutos delles, an- „ tes em tudo, que a seus cargos tocar, a favo- „ reçaõ, e façaõ o que for necessario para con- „ servaçaõ, e accrescentamento della. Encomen- „ do ao dito Prior do Mosteiro de S. Domingos „ de Lisboa, que ora he, e ao diante for, que „ havendo falta nisto, ou em outra alguma cou- „ sa das que cumprirem a este effeito, me façaõ „ disso lembrança para eu mandar logo prover „ nisso; e para firmeza de tudo o que dito he „ mandey passar esta Carta por mi assinada, e „ sellada de meu Sello pendente. Lopo Soares „ a fez na Cidade de Evora a 21 dias do mez de „ Dezembro anno do Nascimento de Nosso Se- „ nhor JESUS Christo de 1572.

ELREY.

CAPI-

CAPITULO XVII.

Trasladaõ-se por ordem da Rainha D. Catharina os corpos de seu augusto consorte D. Joaõ o III. e seus Serenissimos genros os Monarcas D. Manoel, e D. Maria, em o Real Convento de Belem, e da magnifica pompa com que se fez esta funebre funçaõ. Morre D. Fr. Joaõ Soares, Bispo de Coimbra, de quem se faz hum breve elogio.

90 NAõ houve acçaõ obrada pelo sublime espirito da Rainha D. Catharina, que deixasse de ser hum eterno monumento da grandeza do seu coraçaõ, e da piedade de seu animo. Entre ellas mereceo mais distincta memoria a magnifica trasladaçaõ dos cadaveres de seus augustos genros D. Manoel, e D. Maria, e de seu amado consorte D. Joaõ o III. Para se executar este intento mandou proseguir a Capella mór do Real Convento de Santa Maria de Belem, habitado pelos Religiosos de S. Jeronymo, cuja obra se suspendera por estarem applicadas as rendas Reaes para a fortificaçaõ dos lugares de Africa. Acabada a fabrica da Capella, onde a magestade da Architectura se ornava de marmores de diversas cores, competindo a arte com a natureza para a sua ultima perfeiçaõ, se levantaraõ

1572

Intenta a Rainha D. Catharina trasladar os ossos de seu esposo, e genros.

raõ quatro ſoberbos Mauſoléos, dous ao lado do Evangelho, e dous ao da Epiſtola. Era cada hum ſuſtentado por dous elefantes de marmore, cuja parte ſuperior ſe rematava com huma Coroa dourada. Determinado o dia 14 de Outubro deſte anno de 1572, para eſta funebre ceremonia, paſſou a Rainha D. Catharina a 2 do referido mez para o Convento da Eſperança de Religioſas Franciſcanas, por eſtar mais proximo ao de Belem, em que ſe havia de fazer a trasladaçaõ, donde a 12 foy morar nas caſas do Duque de Aveiro, ſituadas junto daquelle magnifico Moſteiro. Neſte dia, que era Domingo, ſagrou o Biſpo de Vizeu D. Jorge de Ataide o Altar da nova Capella, formado de hum precioſo porfido. Na Sacriſtia do Moſteiro de Belem, ſobre hum eſtrado cuberto de brocado, e cercado de muitas tochas acezas, eſtava hum feretro, e nelle tres caixões pequenos, de fórma quadrada, cubertos de damaſco branco, com fechaduras douradas, nos quaes tinhaõ depoſitado, em quanto ſe faziaõ os novos Mauſoléos, os oſſos dos Sereniſſimos D. Manoel, D. Maria, e D. Joaõ o III. o Biſpo do Funchal D. Fr. Fernando de Tavora, Eſmoler mór delRey D. Sebaſtiaõ, D. Joaõ de Caſtro, Capellaõ deſte Principe, e Fr. Heytor Pinto, Provincial da Ordem de S. Jeronymo, bem conhecido em o Orbe literario pelas ſuas Obras Eſcriturarias.

Que-

91 Querendo ElRey D. Sebastiaõ authorisar com a sua presença esta funebre acçaõ, depois de ter jantado no Paço de Santos, partio para Belem acompanhado do Senhor D. Duarte, e de toda a Nobreza. Convocado o Cabido de Lisboa, e a Capella Real com todas as Communidades Religiosas, que chegariaõ ao numero de quinhentos e sessenta e nove Sacerdotes, foraõ pelas suas antiguidades entrando pela porta da Sacristia, e cantando cada huma seu Responso sahiaõ para o Claustro. No fim destes suffragios tomaraõ aos hombros o feretro ElRey D. Sebastiaõ, o Senhor D. Duarte, o Duque de Aveiro, e seu tio D. Affonso de Lancastro, cubertos de grande luto, e acompanhados de todos os Fidalgos com tochas acezas. Seguiaõ-se o Arcebispo de Lisboa D. Jorge de Almeida, os Bispos de Vizeu, Funchal, e Angra; o Deaõ da Capella Real, e no fim de todos o Cardeal D. Henrique, vestido de Pontifical. Fechava toda esta authorisada comitiva os Criados, e Officiaes da Casa Real, enlutados, e com tochas acezas. Depois de discorrer esta comitiva em fórma de Procissaõ pelo Claustro, sahio ao Cruzeiro da Igreja, em cujo meyo estava hum estrado de dous degráos, cuberto de brocado, onde foy collocado o feretro. Pouco distante deste lugar assistio ElRey, sem sitial, nem cortina, e proximo à entrada da Capella mór D. Joaõ de Borja, Embaixador

Pompa com que se fez a trasladaçaõ.

baixador de Castella, e da outra parte o Senhor D. Duarte com o Duque de Aveiro, e D. Affonso de Lancastro. Toda a Nobreza estava sentada em bancos cubertos de luto, que se estenderaõ até o corpo da Igreja. A Rainha com a Infanta D. Maria, e suas Damas assistiaõ a toda esta funçaõ em huma tribuna fabricada no Coro da Igreja.

Que Prelados officiaraõ as Vesperas, e Matinas do Officio.

92 O Cardeal D. Henrique revestido de Pontifical, e assistido dos Prelados, que o acompanharaõ na Procissaõ, capitulou as Vesperas de Defuntos. Acabadas estas, entoou Matinas o Bispo de Vizeu, ornado das vestes Pontificaes, que se acabaraõ com duas horas de noite. Todas as Pessoas Reaes (excepto a Rainha, e a Infanta D. Maria) como os Prelados, Clero, e Regulares, dormiraõ no Mosteiro, aos quaes deu El-Rey huma magnifica cea, chegando as ultimas mesas até à meya noite. Na madrugada do dia seguinte, que se contavaõ 14 de Outubro, celebraraõ Missa todos os Sacerdotes Regulares, e Seculares, pelas almas dos Reys defuntos em trinta Altares, que se levantaraõ pelo circuito do Claustro, paramentados com ornamentos negros, e ao lado de cada hum duas tochas ardendo. O Cardeal Infante por naõ estar capaz de cantar a Missa, a celebrou rezada no Altar mór, e no fim della rezou o Responso sobre o feretro. Chegado o tempo competente se cantaraõ Laudes, a que pre-

presidio o Arcebispo de Lisboa, e cantou a Missa com toda a solemnidade. Ao Offertorio mandou a Rainha pelo seu Esmoler mór D. Diogo Manoel, irmaõ do Conde de Odemira, seu Mordomo mór, offerecer huma Cruz de prata dourada, duas Custodias muito preciosas, em que estavaõ duas cabeças das valerosas Virgens, companheiras de Santa Ursula, hum Sacrario de crystal, guarnecido de ouro, hum Pontifical de grande preço, e outras peças de igual valor, que artificio, sendo todas levadas em pratos de prata por vinte e cinco Religiosos do Convento, com sobrepelizes. Recitou a Oraçaõ Funebre o insigne Theologo Diogo de Paiva de Andrade, cuja profunda sciencia foy admirada no Concilio Tridentino, sendo o argumento da sua Oraçaõ as virtudes de D. Joaõ o III. que encheo o espaço de duas horas. Ultimamente cantado com grande solemnidade o Responso, assistindo El-Rey, a Nobreza, e Ecclesiasticos com velas acezas, incensou o feretro o Arcebispo de Lisboa, e cantou a Oraçaõ, que dispoem o Ceremonial Romano. Segunda vez tomou aos hombros El-Rey D. Sebastiaõ acompanhado do Senhor D. Duarte, o Duque de Aveiro, e D. Affonso de Lancastro o feretro, e o levaraõ até à Capella mór, do qual tiraraõ o Bispo do Funchal, e Fr. Heytor Pinto a caixa dos ossos do Serenissimo Rey D. Manoel, e o conduziraõ para o Mausoléo

Offerece a Rainha preciosas peças ao tempo do Offertorio da Missa.

léo

léo da parte da Epiſtola, e advertindo o Cardeal D. Henrique neſta acçaõ, lhe foy reſpondido, que ordenara a Rainha como fundadora da Capella, que para a parte do Evangelho ſe haviaõ collocar os oſſos de ſeu auguſto eſpoſo. A eſta determinaçaõ ſe oppoz o Cardeal, dizendo, que o lugar mais digno era ſempre do Fundador daquelle Convento, qual fora D. Manoel, e com manifeſto diſſabor da Rainha ſe collocaraõ os oſſos delRey D. Manoel, e de ſua conſorte a Rainha D. Maria em os Mauſoléos da parte do Evangelho, e da parte da Epiſtola os delRey D. Joaõ III.

Collocaõ-ſe os Reaes cadaveres em ſoberbos Mauſoléos.

93 Seriaõ duas horas da tarde quando ſe deu fim a eſta funebre funçaõ, dando ElRey hum eſplendido jantar a todos os aſſiſtentes, e aſſim elle como o Cardeal ſe reſtituiraõ ao dia ſeguinte à Corte. A Rainha aſſiſtio mais quatro dias nas caſas ſituadas junto do Convento de Belem, ouvindo em cada dia Miſſa cantada pelas almas dos Reys defuntos, e mandou dizer multiplicados ſuffragios à ſua memoria. Ao Sabbado ſeguinte, que ſe contava 18 de Outubro, ſe reſtituio de tarde ao Palacio de Xabregas, ſendo todo o ſeu piadoſo deſvélo ſatisfazer as obrigações da alma de ſeu eſpoſo, poſto que ſe ignoravaõ, por morrer abinteſtado. Para eſte effeito mandou publicar pelo Reyno, que todo o criado, que tiveſſe ſervido a ElRey ſeu marido, e naõ eſtiveſſe ſatisfeito, ou outra qualquer peſſoa

a quem

a quem o mesmo Principe fosse devedor, viessem requerer diante dos Ministros, que tinha eleito, o premio do seu serviço, e a satisfaçaõ da sua divida. Assinou renda perpetua para os Capellães delRey em o Convento de Belem, e seus, quando chegasse o tempo de necessitar de suffragios.

94 A 27 de Novembro deste anno sentio a Jerarchia Ecclesiastica a falta de hum dos seus mayores Heroes, que produzio Portugal, qual foy o Illustrissimo Bispo de Coimbra D. Fr. Joaõ Soares. Deixando a Patria, e seus nobres pays Diogo Dias de Urrò, e Luciana de Alcantara, abraçou em Salamança o Instituto de Eremita Augustiniano a 11 de Abril de 1523, onde aprendeo as Sciencias escolasticas, e as virtudes religiosas. Incorporado na Provincia de Portugal, com faculdade do Geral, foy tanta a estimaçaõ, que fez do seu talento D. Joaõ o III. que o nomeou seu Confessor, Prégador, Esmoler, e Mestre de seus filhos D. Filippe, e D. Joaõ. Sendo Deputado do Conselho Geral do Santo Officio, subio à Cathedral de Coimbra a 22 de Mayo de 1545, em cuja Dignidade encheo as obrigações pastoraes, assim na distribuiçaõ das esmolas, como na fabrica, e ornamento dos Templos. Conduzio com grande apparato da Cidade de Badajoz à de Lisboa a Senhora D. Joanna de Austria, quando veyo a desposarse com o Principe D. Joaõ. Assistindo por ordem delRey D. Sebastiaõ em o Concilio Triden-

Morre D. Fr. Joaõ Soares, Bispo de Coimbra, de quem se faz o elogio.

tino, deixou eternas memorias da sua insigne eloquencia, e grande literatura. Concluido o Concilio, visitou os Santos Lugares de Jerusalem, onde deu hum precioso ornamento em o Templo do Santo Sepulchro. Restituido à sua Diocese, continuou a exercitar as obras meritorias, que lhe alcançaraõ feliz morte. Jaz sepultado em a Capella do Santissimo Sacramento da sua Cathedral. Os doutos escritos, em que recomendou o seu nome à posteridade, se podem ver no II. Tomo da minha *Bibliotheca Lusitana*, onde se faz mais distincta, e larga memoria deste insigne Varaõ.

CAPITULO XVIII.

Parte por Embaixador a França o Commendador mór, e da Instrucçaõ, que lhe deu ElRey D. Sebastiaõ.

1572 95 O Commendador mór da Ordem de Christo D. Affonso de Lancastro, em cuja pessoa competia o esplendor do nascimento com a capacidade do juizo, tinha com tanta gloria do seu Soberano exercitado o ministerio de Embaixador na Corte de Roma, que partio por ordem delRey D. Sebastiaõ segunda vez com o mesmo caracter à Corte de Pariz, para significar a Carlos IX. o excessivo jubilo, que recebera com a fausta noticia de ter destroçado a hydra da heresia,

Parte o Commendador mór por Embaixador a França.

resia, confirmando com acçaõ taõ heroica a illustre antenomasia de Christianissimo. De tudo quanto devia obrar o Commendador mór nesta Embaixada, lhe deu ElRey D. Sebastiaõ a Instrucçaõ seguinte, escrita em Evora a 29 de Novembro deste anno de 1572.

„ Commendador mór, Sobrinho amigo. Instrucçaõ, que lhe deu ElRey.
„ Offerecendo-se agora de haver de mandar visitar o Christianissimo Rey de França, meu Irmaõ, e Primo, pela santa, e honrosa determinaçaõ, que tomou, e execuçaõ della contra os Lutheranos, inimigos da nossa Santa Fé, e reveis à sua Coroa, e confiando de vós, que por vossas qualidades, e experiencia, que tendes em semelhantes cousas, fareis muy bem este officio, e me servireis nelle a todo meu contentamento, hey por bem de vos enviar a El-Rey Christianissimo para o visitardes de minha parte nesta occasiaõ, e lhe fazerdes algumas lembranças importantes à mesma materia, no que tereis a maneira seguinte.

„ Ireis na posta, e no numero aos cavallos com que haveis de correr, e vestidos, com que vós, e os vossos haveis de levar, e com que haveis de andar em França, seguireis a limitaçaõ, que já disso vos foy dito de minha parte, e fareis o caminho agora à ida pela Corte de Castella, e visitareis de minha parte a Princeza minha Senhora, e mãy, e ao Serenissimo

„ Rey meu tio, dando-lhes conta do a que vos
„ mandó a França; e que naõ quiz, que passasseis sem que primeiro a visitasseis, e a communicardes, e saberdes particularmente da saude
„ de ambos, e lhes dardes novas da minha, porque ainda que o Meirinho mór, meu Embaixador, por minha ordem, e por obrigaçaõ de
„ seu cargo, continue sempre com este officio,
„ me pareceo devido mandarvos, que o fizesseis
„ tambem agora, para juntamente com elle me
„ poderdes logo escrever taõ boas novas da saude
„ de ambos, como espero; e porque a Princeza
„ minha Senhora estava estes dias passados mal
„ disposta, e ElRey meu tio tocado de gota,
„ de que prazerá a Nosso Senhor achareis taõ
„ bem como desejo, o visitareis em particular por
„ estas indisposições, e que me façaõ merce mandarem-me dizer se estaõ já de todo fóra dellas,
„ como eu queria, que sempre fosse, e que com
„ as novas da saude do Principe meu tio recebi
„ muito contentamento.

„ Tambem visitareis da minha parte a Serenissima Rainha minha tia com estas palavras
„ mesmas, accrescentando a ellas as emboras do
„ nascimento de sua sobrinha, e escrevermeis a
„ reposta destas visitações, e direis da minha parte ao Meirinho mór, que com ella despache
„ correyo na diligencia, que lhe parecer, e por
„ sua ordem fareis saber à Princeza minha Senho-

„ ra,

„ rá, e a ElRey meu tio de voſſa chegada à ſua
„ Corte, e trabalhareis por vos deſpedir della com
„ a mais brevidade, que puderdes, para que façais
„ menos detença em voſſo caminho a França, on-
„ de convém, que procureis por chegar com a
„ mais brevidade, e diligencia, que vos for poſ-
„ ſivel para bem dos effeitos, a que vos mando
„ àquelle Reyno, mormente naõ partindo vós
„ já agora daqui taõ cedo, como pareceo, que
„ foſſeis.

„ Tanto que embora chegardes à Corte de
„ França, e fallardes com Joaõ Gomes da Sylva,
„ do meu Conſelho, que nella reſide, com quem
„ pouzareis, e com cuja informaçaõ, e parecer
„ hey por meu ſerviço, que procedais em tudo
„ o que por eſta Inſtrucçaõ vos cómetto pelas
„ couſas, que elle deve ter ſabido, de que vos
„ poderá advertir; fareis por ſua via ſabedor de
„ voſſa chegada a ElRey Chriſtianiſſimo, e à
„ Rainha Chriſtianiſſima ſua mãy, e o dia que
„ tiverdes licença ſua para ir ao Paço, o fareis,
„ e perante Joaõ Gomes da Sylva (que ſerá pre-
„ ſente a todos os officios, que fizerdes) dareis
„ à ElRey Chriſtianiſſimo a Carta minha, que
„ para elle levais, e lhe direis, como vos envio a
„ elle para o viſitardes de minha parte, e me ale-
„ grar com elle pela grande, e maravilhoſa mer-
„ ce, que Noſſo Senhor quiz fazer a ſeus Rey-
„ nos, e a toda a Chriſtandade em beneficio com-
„ mum

„ mum della na cousa mais principal de todas,
„ que he a conservaçaõ da nossa Santa Fé por
„ meyo delle Christianissimo Rey, que taõ claro
„ mostrou ao Mundo na santa, e honrosa deter-
„ minaçaõ, que tomou, executada com tanto ze-
„ lo da Fé contra os Hereges inimigos, e pertur-
„ badores della, e reveis à sua Coroa, que se já
„ naõ tivera o graõ titulo de Christianissimo, que
„ lhe ficou dos antigos Reys de França, a quem
„ Deos quiz, que fosse dado pelo muito que por
„ muitas vezes fizeráõ em materias da Fé, e em
„ beneficio da Igreja Catholica, o podera nova-
„ mente merecer agora para si, e para todos os
„ Reys seus successores, os quaes já agora fica-
„ ráõ herdando delle os louvores devidos a seu
„ grande merecimento por tamanha obra, e taõ
„ notavel effeito, para que o Deos tomou por
„ instrumento, e Ministro seu, em que ha tan-
„ tas cousas, que considerar, e tantas mais por-
„ que se devem dar perpetuas graças a Nosso Se-
„ nhor, que por mais, que o entendimento faça
„ em as particularisar, e o conhecimento dellas
„ em as receber todas da sua poderosa maõ, nun-
„ ca acabaráõ de chegar à correspondencia devi-
„ da a taõ grande merce, e Misericordia sua; e
„ que estando taõ certo ser o meu contentamen-
„ to nesta materia tamanho, como tambem he
„ grande a causa, podera escusar fazer nisso de-
„ monstrações, que bem se deve cuidar de mi,
„ que

,, que naõ pudera agora ſucceder no Mundo cou-
,, ſa, que mais me alegraſſe, que eſta, cujo effei-
,, to começou logo a prometter, e dar a certa
,, eſperança, que de cada vez ſe vay confirmando
,, mais de Noſſo Senhor querer reſtaurar as cou-
,, ſas, a que elle ſó podia dar remedio; e que me
,, acho taõ obrigado a elle Chriſtianiſſimo Rey,
,, por aſſim acudir pela honra de Deos, e pela ſua,
,, tratar com tanto zelo da obrigaçaõ, que a ella
,, tem, e acabadas com taes demonſtrações de de-
,, clarar como ſuas obras paſſadas neſta materia fo-
,, raõ endereçadas a eſte fim, e feitas com propo-
,, ſito de conſeguir, paſſando por todos os reſpei-
,, tos, e conſiderações humanas; que ſe me do-
,, brou agora o amor, que lhe ſempre tive, ven-
,, do a grande, e extraordinaria prudencia, com
,, que ſe governou em hum tamanho, e impor-
,, tantiſſimo negocio, que por ſer tal, ſe vê clara-
,, mente, que o conſelho, que nelle tomou, lhe
,, foy inſpirado por Deos, que ſó lho podia dar;
,, que eu o mandey logo entaõ viſitar por Joaõ
,, Gomes da Sylva, e darlhe por elle os parabens,
,, que ſe lhe deviaõ por eſta obra, que tanto tem
,, ſatisfeito, e hoje em dia alegra toda a Chriſtan-
,, dade, me pareceo, que tambem devia agora
,, mandar fazer eſte officio por vós, e para junta-
,, mente lhe ſignificardes (o que fareis quaõ en-
,, carecidamente poder ſer) a grandeza deſta taõ
,, maravilhoſa merce de Noſſo Senhor, que quiz,
,, que

,, que se executasse, e puzesse em effeito por elle
,, Christianissimo Rey, e em dia taõ sinalado co-
,, mo foy o de S. Bartholomeu, Vespera do Bem-
,, aventurado Rey S. Luiz, de que elle descen-
,, de, a que Nosso Senhor quiz que se juntasse pa-
,, ra mais gloria daquelle dia o milagre da arvo-
,, re seca, que nelle subitamente floreceo na mes-
,, ma Cidade de Pariz; o muito que elle de sua
,, parte fez nesta obra, para depois de Deos ficar
,, toda sendo sua; a singular prudencia, que nel-
,, la mostrou; o grande segredo, e extraordina-
,, rio modo, com que procedeo por tanto espa-
,, ço de tempo; o sofrimento, que teve; o ris-
,, co, a que se aventurou de suas obras poderem
,, ser julgadas no Mundo differentemente da ten-
,, çaõ, que nella tinha, por segurar o effeito, que
,, pertendia, que tanto importava; e que estas,
,, e outras cousas, que nesta materia houve, e
,, tenho por certo, que elle fez de sua parte, lhe
,, deu tanto, e taõ grande merecimento nella, e
,, mostraõ tanto o valor da sua Real Pessoa, que
,, me daõ occasiaõ para vos mandar, que com
,, elle vos largueis muito mais nesta minha visita-
,, çaõ; e persuadido eu destes respeitos, do gran-
,, de amor, que lhe tenho, e da obrigaçaõ em
,, que de novo me poem; o modo de que o vejo
,, proceder, me movi ao offerecimento, que lhe
,, mandey fazer por Joaõ Gomes da Sylva com
,, aquella vontade, e amor, que deve haver, e he
,, razaõ,

„ razaõ, que haja entre Reys Chriſtãos irmãos, „ e taõ parentes, e amigos, e que tanta obriga„ çaõ tem a ſe ajudarem, e conformarem no que „ cumpre à honra de Deos; e no fim deſta pra„ ctica lhe dareis da minha parte os emboras pe„ la filha, que ora lhe Noſſo Senhor deu, e que „ prazerá a elle lhe dará os filhos, que deſeja, e „ eſpero que tenha, para bem da Coroa de ſeus „ Reynos, e muy grande contentamento ſeu.

„ Depois diſto lhe direis, que tendes outro „ recado meu para elle, que lhe dareis em outro „ dia, quando para iſſo vos der licença, ou logo „ como elle mais quizer, e ficando iſto em vós, „ fareis o que naquella conjunçaõ vos melhor pa„ recer, ſegundo o tempo, e lugar em que en„ taõ vos achardes com ElRey Chriſtianiſſimo, „ e quando lhe aſſi fallardes, ora ſeja logo, ou „ depois, lhe direis de minha parte, que como „ irmaõ, que o tanto ama, e grandemente lhe „ deſeja proſperos ſucceſſos neſta importantiſſima „ empreza, que tem entre mãos, e em que tem „ tanto feito, e cada dia faz mais, me pareceo „ naõ diffirir para outro algum tempo, o que en„ tendo, que convém tratarſe logo neſte preſen„ te, mormente ſegurando-me o amor, que en„ tre nós ha, e a qualidade das meſmas couſas, „ que ſeraõ recebidas delle com a tençaõ com que „ lhas lembro; e que ſuppoſto eſtes reſpeitos, e „ razões, que me perſuadem, e obrigaõ a fazer

„ com elle este officio, lhe faço lembrança de „ quanto importa ao bem da Fé Catholica, e de „ sua Coroa, proseguir o que tem feito, como „ vay fazendo, e seguir a victoria com grande „ pressa, e arrancar de todo as raizes aos Hereges, por quaõ prejudicial seria a dilaçaõ neste „ caso, da qual poderiaõ tornar a resultar os males, e perturbações, que até agora houve em „ seus Reynos, e que naõ deve consentir nunca „ mais andarem a par de si taes pessoas, inda que „ seja com taõ boa tençaõ, e respeito, como he „ de crer, que elle tem em tudo, senaõ os que „ forem Catholicos approvados, e de cuja christandade se tiver longa experiencia, e que pela „ obrigaçaõ que tem a usar da força, conselho, „ e authoridade, que lhe Nosso Senhor deu em „ huma taõ grande obra, qual tem feito, deve „ querer ir nella mais avante, como pelos procedimentos, e circunstancias da mesma obra se „ vay entendendo, que a encaminha para a acabar de todo, e lhe dar perfeito remate, e que „ a este proposito naõ posso deixar de tambem lhe „ fazer lembrança, que deve ordenar como haja „ em seus Reynos o Santo Officio da Inquisiçaõ, „ e se castigue rigorosamente o caso de Genebra, „ taõ escandaloso à Christandade, e se satisfaça „ em tudo isto ao desejo commum della pondo em „ effeito cousas de que tanto merecimento se lhe „ seguirá ante Deos; taõ grande louvor terá no

„ Mun-

„ Mundo, e que tanto o ajudaraõ tambem à con-
„ ſervaçaõ temporal de ſeus Reynos; e pois eſta
„ tamanha occaſiaõ de que elle já tem dado à
„ execuçaõ, e effeito, até agora moſtra que ſe
„ póde emprender, e eſperar tudo, o que for em
„ favor da Chriſtandade, e em total deſtruiçaõ
„ dos Hereges, inimigos, e perturbadores della,
„ deve tambem fazer por ſua parte, o que for ne-
„ ceſſario, como eu farey da minha parte ſe re-
„ duzir o Reyno de Inglaterra, e tratar de todas
„ as mais couſas deſta materia; e porém antes de
„ nella lhe fallardes, e lhe dardes eſte meu ſegun-
„ do recado, que ſe contém neſte Capitulo, o
„ practicareis, e communicareis com Joaõ Go-
„ mes da Sylva, a que já eſcrevi, a que come-
„ çaſſe a fazer eſte officio com ElRey Chriſtia-
„ niſſimo, e o diſpuzeſſe neſtas couſas, e delle
„ ſabereis como lhe foraõ recebidas, e tratareis
„ ambos do modo, que deveis ter nellas, as quaes
„ vos hey por muito encomendadas; e pois ve-
„ des a grande importancia deſte negocio, e co-
„ mo para effeito delle principalmente vos man-
„ do a eſta viſitaçaõ, para juntamente com ella
„ miſturardes eſtas couſas, e fazerdes nellas de
„ minha parte com ElRey Chriſtianiſſimo eſte taõ
„ devido officio, e trabalhardes por o deixar per-
„ ſuadido para execuçaõ de tudo iſto, que tanto
„ importa para bem, e reformaçaõ da Chriſtan-
„ dade, por certo tenho, que cumprireis quan-

„ to vos for possivel em todo este negocio a vos-
„ sa obrigaçaõ, para que eu fique satisfeito do
„ serviço, e espero, que nelle me façais; e por
„ isso hey por escusado encomendarvolo mais en-
„ carecidamente, nem dizervos sobre isto mais pa-
„ lavras.

„ Tambem visitareis logo da minha parte
„ as Christianissimas Rainhas minhas irmãas, e
„ primas, e ao Duque de Anjù, dizendo-lhes por
„ via de recado o que couber a cada hum do que
„ vos aqui digo, e referindo-lhe o mais, que vos
„ parecer, do que vos mando dizer a ElRey
„ Christianissimo, e à Rainha sua mãy dareis mi-
„ nha Carta, e lhe engrandecereis a muita parte,
„ que tem no conselho, determinaçaõ, e effeito
„ de taõ grande, e notavel negocio, e com ella
„ vos largareis nesta practica quanto o tempo vos
„ der lugar, significando-lhe como todo o Mun-
„ do está cheyo do seu maravilhoso governo, e
„ quanto espera o mesmo Mundo, e em especial
„ os Principes Christãos, que ella faça agora, e
„ ao diante, para augmento do que já tem feito
„ nas cousas passadas, e vay fazendo nas presen-
„ tes, e conservaçaõ dellas, e seguindo a sustan-
„ cia do que vos mando por esta Instrucçaõ lhe
„ direis todas as mais palavras, a que vos obrigar
„ a practica, que com ella tiverdes nesta mate-
„ ria, de maneira, que entenda de vós por quaõ
„ grande parte está havida neste negocio, o mui-
„ to

„ to, que tem feito nelle, e a quanto mais por isso
„ mesmo está obrigada assi pelo que deve a Deos,
„ (que he o principal respeito, que em tudo se
„ deve ter) como pela satisfaçaõ, que deve que-
„ rer dar de si ao Mundo, que della tem este con-
„ ceito. E ao Duque de Anjù fallareis quasi por
„ estes mesmos termos, e apoz isso lhe significa-
„ reis quaõ affeiçoado lhe sou, e fuy sempre por
„ suas obras serem de quem elle he, nas quaes se
„ tem bem visto com quaõ grande valor da sua
„ muita christandade, prudencia, e esforço, tem
„ procedido nellas, e assi visitareis as Rainhas
„ Christianissimas pelo nascimento da neta, e fi-
„ lha, que lhe Nosso Senhor ora deu, e lhes da-
„ reis os parabens della de minha parte, e que
„ espero em Deos seja isto começo para outros
„ mayores contentamentos.

„ Tambem visitareis o Duque de Alençon,
„ irmaõ del Rey Christianissimo, e Madama Mar-
„ garida, e o Principe seu marido, estando elle
„ já em estado, que naõ devais ter duvida algu-
„ ma em o fazer, e sabendo primeiro, que o vi-
„ sitou o Marquez de Ayamonte por mandado do
„ Serenissimo Rey de Castella, meu tio, e pa-
„ recendo a vós, e a Joaõ Gomes, pelo que ti-
„ verdes entendido da materia, que ElRey Chris-
„ tianissimo, e a Rainha sua mãy receberaõ sa-
„ tisfaçaõ, e contentamento disto, e as palavras
„ destas tres visitações, seraõ, que lhes rogo, e
„ peço

„ peço affectuosamente me mandem dizer como
„ estaõ, porque de ser tambem como elles desejaõ, e eu queria, receberey muito contentamento; e ao Principe dareis os emboras da profissaõ da Fé, que fez, significando-lhe quanta alegria com isto tem dado a toda a Christandade, e a mi particularmente.

„ Trabalhareis por vos ver no Paço com o Duque de Guisa, e com o Duque de Aumale, seu tio, e lhes direis da minha parte, que sempre lhes tive muito boa vontade por sua christandade, lealdade, e esforço, e por em todos os tempos (mormente naquelles em que sua Casa teve mais trabalho) mostrarem o valor destas suas qualidades, que sempre empregaraõ no serviço de Deos, no do seu Rey, e em beneficio da patria, e agora muito mais neste honroso feito, que o Christianissimo Rey, meu irmaõ, e primo, por elles mandou dar à execuçaõ, que accrescentou em mi esta boa vontade, que lhes tenho, que lhes sempre mostrarey em tudo o que se offerecer como elles merecem por suas obras, e por quem saõ; e que lhes rogo muito, que lhes lembre, o que eu creyo, que lhes naõ poderá nunca esquecer, de quanto mais obrigaçaõ tem agora a proseguir, e que sempre fizeraõ, e a folgar de andar na Corte para este effeito, e para estarem mais perto delRey Christianissimo, e do que cumprir a seu serviço, e estado.

„ Se

„ Se achardes ainda em França o Marquez „ de Ayamonte, Enviado do Sereniſſimo Rey de „ Caſtella, meu tio, communicarvoseis com elle „ ſegundo vos parecer, e for neceſſario para bem „ deſtas materias; e quando agora fallardes a El- „ Rey meu tio, ſerá bem, que ſaiba iſto de vós.

„ Depois de terdes feitas eſtas viſitações, „ e ſerdes deſpedido com a repoſta dellas, e do „ mais que vos mando fazer por eſta Inſtrucçaõ, „ vos vireis embora a mi, fazendo caminho di- „ reito ſem nelle haver dilaçaõ.

CAPITULO XIX.

Intenta o Mogor a conquiſta de Damaõ, e naõ a podendo conſeguir, celebra pazes com o Eſtado. He livre do cerco Bracellor com grande eſtrago dos ſeus expugnadores.

96 PEla cavilosa induſtria de Itimicaõ, tutor de Sultaõ Mahamud, herdeiro do Reyno de Cambaya, ſe tinha ſenhoreado delle Gelalle Mamet Hecbar, Rey dos Mogores, privando da vida, e da Coroa a ſeu legitimo poſſuidor, e como as celebres Fortalezas de Baçaim, e Damaõ, conquiſtada eſta com tanta gloria por D. Conſtantino de Bragança, e aquella por Martim Affonſo de Souſa, eſtavaõ ſituadas 1572

Faria *Aſia Portug.* Tom. 2. Part. 3. cap. 12. §. 7. 8. e 9.

das no Continente de que o Mogor tinha cingido a Coroa, ſe empenhou a conquiſtar primeiramente a Damaõ, para que aquelles Portuguezes, que a guarneciaõ, lhe naõ alteraſſem a quietaçaõ do ſeu dominio. Para ſe reſiſtir a eſta premeditada invaſaõ, aviſou promptamente D. Luiz de Almeida, Capitaõ da Fortaleza, ao Vice-Rey, o qual vencidos todos os obſtaculos, ſahio de Goa com cinco galeões, nove galés, oito galeotas, e noventa fuſtas, e com eſte naval apparato occupou a barra, e rio de Damaõ, de cuja viſta conſternado o Mogor, ainda que tinha igual poder, ſe reſolveo a pedir paz, do que experimentar os fataes effeitos do furor Portuguez. Com ſoberbo fauſto foy recebido o ſeu Embaixador pelo Vice-Rey, cuja galé eſtava cuberta de precioſos panos, e coroada de varios galhardetes, quando ao meſmo tempo huma horroroſa deſcarga de artilharia de toda a Armada fazia a funçaõ mais plauſivel. Ouvio com ſevero ſemblante o Vice-Rey a propoſta do Mogor, em que lhe offerecia perpetua amiſade com o Eſtado, a cuja ſupplica reſpondeo por Antonio Cabral, dotado de igual authoridade, que talento, que aceitava a condiçaõ, e ſe celebrou a paz com jubilo de huma, e outra parte. Reſtituido o Vice-Rey a Goa, mandou o Mogor, para ſe eſtabelecer no throno de Cambaya, cortar a cabeça a Itimicaõ, que fora o perfido author de que a elle ſubiſſe,

Sahe o Vice-Rey com grande apparato naval contra o Mogor.

Pede o Mogor pazes, e ſe lhe concedem.

subisse, pagando com hum só golpe os abominaveis crimes de tyranno, e traidor.

97 Naõ podiaõ os moradores de Bracellor tolerar a Fortaleza, que havia tres annos tinha fundado o grande D. Luiz de Ataide, por ser duro freyo das suas liberdades, e resolutos à sua conquista, a sitiaraõ com seis mil homens. Era Capitaõ da Fortaleza Ruy Gonçalves da Camera, que avisando ao Vice-Rey do intento dos inimigos, se dispoz com valor, e disciplina à sua defensa. Foy promptamente soccorrido com duas Armadas, constando a primeira de cinco fustas, e a segunda de doze, sendo desta Capitaõ mór D. Jorge de Menezes, que antes de chegar a Bracellor, derrotou ao Nayque de Sanguicer, e tomou huma náo de Meca. Quando chegou a Bracellor, já estava livre da oppressaõ dos inimigos, que confusos largaraõ o sitio vendo o soccorro, que lhe chegava na grande Armada.

Bracellor livre do sitio.

98 Navegava para o Norte D. Henrique de Menezes, capitaneando huma galé, e sete fustas, em que hiaõ Manoel Mascarenhas, Fernando de Sousa Coutinho, Gonçalo Guedes de Roboredo, Vicente Carvalho, Manoel de Lima, Alvaro Peixoto, e Martim de Aguiar, quando nas Ilhas de Angerola, distante oito legoas de Chaul, renderaõ valerosamente dùas àlterosas náos do Idalcaõ; porém assaltados de huma improvisa tormenta, as espalhou de sorte, que D. Henrique de Mene-

Infortunio, que padeceo D. Henrique de Menezes com outros Capitães.

Menezes sahio derrotado à praya, onde perdeo a liberdade, e seus companheiros cahiraõ nas mãos dos Malavares, a quem se entregaraõ a partido pelo indiscreto arrojo de Manoel Mascarenhas, que lhe custou a vida, e de Fernando de Sousa Coutinho. D. Henrique de Menezes com os outros Portuguezes foraõ prezos na Fortaleza de Bilgaõ, donde sahiraõ com grande repugnancia do Idalcaõ, altamente offendido do procedimento, que se tinha usado com os seus vassallos.

CAPITULO XX.

Discorre D. Sebastiaõ por diversos lugares do Alentejo, onde recebe a infausta noticia da morte de sua mãy a Sereníssima Princeza D. Joanna de Austria, de cujas virtuosas acções se faz hum breve elogio.

1573

Discorre ElRey por diversos lugares do Alentejo.

99 O Inquieto animo delRey D. Sebastiaõ naõ permittia, que assistisse muito tempo em huma parte, buscando em continuas jornadas por todo o Reyno desafogo às suas idéas, que sempre o estimulavaõ a novas emprezas. Deixada a Corte de Lisboa, passou a Evora, onde depois de assistir com seus tios D. Henrique, e D. Duarte a hum Auto da Fé, que se celebrou a 14 de Dezembro do anno passado, em que foraõ relaxados

laxados à Justiça Secular dezasete pessoas, estando no theatro o Alferes mór D. Luiz de Menezes com o estoque desembainhado, com que se significava ser ElRey Defensor da Fé, sahio de Evora a 2 de Janeiro deste anno de 1573, com intento de fortificar os pórtos maritimos contra a invasaõ dos Mouros. Formava-se a sua comitiva do Senhor D. Duarte, o Duque de Aveiro D. Jorge de Lencastre, D. Pedro Diniz de Lencastre, seu irmaõ, o Conde de Vimioso D. Affonso de Portugal, com dous filhos, D. Diogo da Sylveira, Conde de Sortelha, Guarda mór del-Rey, D. Alvaro de Castro, D. Martim Pereira, Védor da Fazenda, Francisco de Tavora, Reposteiro mór, D. Luiz de Menezes, Alferes mór, Filippe de Aguilar, Védor da Casa Real, Sancho de Tovar, que servia de Monteiro mór, Balthazar de Faria, Almotace mór, D. Martinho de Sousa, D. Joaõ de Castro, Joaõ Gonçalves da Camera, D. Joaõ da Sylveira, Christovaõ de Tavora, e Pedro Guedes, com os Secretarios Manoel Quaresma, e Miguel de Moura. Os Moços Fidalgos eraõ D. Alvaro da Sylva, que servia do pendaõ, D. Luiz, seu irmaõ, D. Alvaro, e D. Joaõ de Castro, D. Lucas, e D. Joaõ de Portugal, filhos do Estribeiro mór D. Francisco de Portugal, que hum servia com a mala, e o outro com a caldeirinha, e D. Alvaro da Sylveira, filho de D. Diogo da Sylveira, Conde de

Sortelha. A primeira Cidade, que ElRey visitou, foy Béja, onde entre as publicas demonstrações de jubilo, com que se solemnizou a sua entrada, se distinguio hum combate de touros, com as pontas serradas, como ordenara Gregorio XIII. cujo barbaro exercicio tinha severamente prohibido seu antecessor S. Pio V. Chegando ao Campo de Ourique, glorioso Solar desta Monarchia, onde o Supremo Arbitro dos Imperios deu a sua investidura ao Principe D. Affonso, estranhou, que em gratificaçaõ de taõ admiravel beneficio se naõ tivesse levantado algum monumento, em que eternamente permanecesse gravada a sua memoria: e para emendar taõ ingrato descuido, mandou erigir hum nobilissimo arco, em cujos marmores se abrio a seguinte Inscripçaõ, composta à ordem do mesmo Monarca pelo insigne antiquario André de Rezende.

Manda levantar hum arco com Inscripçaõ em o Campo de Ourique.

Rezende de *Antiq. Lusit.* lib. IV.

Heic contra Ismarium, quattuorque alios Saracenorum Reges, innumeramque barbarorum multitudinem pugnaturus felix Alphonsus Henricus ab exercitu primus Lusit. Rex adpellatus est. & à Christo, qui ei crucifixus adparuit ad fortiter agendum commonitus. Copiis exiguis tantam hostium stragem edidit, ut Cobris, ac Tergis fluviorum confluentes cruore inundarint. ingentis, ac stupendæ rei. ne in loco ubi gesta est.

est. per infrequentiam obsolesceret. Sebastianus I Lusit. Rex bellicæ virtutis admirator. & maiorum suorum gloriæ propagator erecto titulo memoriam renovavit.

100 De Ourique passou ElRey a Lagos, onde os seus moradores lhe celebrarão o seu dia natalicio com hum combate de touros, e em recompensa deste applauso elevou Lagos de Villa a Cidade. Entrou em Mertola, e querendo abbreviar o caminho, passou por Cheles, onde intentando os Castelhanos recebello com pallio, não aceitou este obsequio. De Serpa foy a Villa-Viçosa, e na Tapada dos Serenissimos Duques de Bragança, se divertio na caça, como viva imagem da guerra, para onde propendia naturalmente o seu genio. Restituido a Evora em 14 de Fevereiro, mandou receber fóra dos muros pelo Arcebispo D. João de Mello a D. Bernardo Marini, Arcebispo Lauciano, e Nuncio Apostolico em Castella, que vinha por Embaixador de Gregorio XIII. a persuadir a Liga contra o Turco, que não teve effeito. Chegou o Embaixador a 19 de Fevereiro, e foy conduzido pelo Metropolitano de Evora, e todo o Clero ao Palacio, em que estava ElRey com o Cardeal Infante, e no Domingo seguinte assistio na Cathedral à Missa solemne.

Hist. dos Var. de Apellid. de Tavor. pag. 295.

Sousa *Hist. Geneal. da Casa Real Portug.* Tom. 6. liv. 6. pag. 141.

He recebido em Evora D. Bernardo Marini, Embaixador de Gregorio XIII.

101 De Evora passou ElRey a Lisboa pela posta, para visitar a Rainha sua avó, que com a pre-

presença do neto mitigou as suas saudades. Brevemente se restituio D. Sebastiaõ a Evora, onde em o primeiro de Mayo houve hum festivo combate de touros, a que sahiraõ ElRey, o Senhor D. Duarte, o Duque de Aveiro, o Conde do Vimioso, o Conde da Vidigueira, Bernaldim de Tavora, e D. Diogo de Sousa. Repetio-se este combate em o dia de Corpo de Deos, sendo os mantedenores, por ordem delRey, Fernaõ da Sylva, Gonçalo de Sousa, e Vasco da Sylveira. Mais plausivel foy a contenda, que se representou na Horta do Palacio, em que entraraõ quinze mancebos casados, e quinze solteiros, de que eraõ mantedenores o Alferes mór D. Luiz de Menezes, e D. Fernando de Noronha, depois Conde de Linhares. Ultimamente sahio ElRey ao campo a tornear com o Senhor D. Duarte, que o fez com igual valor, que destreza.

102 Segunda vez visitou ElRey ao Algarve, já quando estava no fim o mez de Julho, por onde discorreo até Setembro, e recebendo em a Cidade de Lagos a infausta noticia da morte de sua mãy a Serenissima Princeza D. Joanna de Austria, se recolheo ao Mosteiro do Cabo de S. Vicente, de Religiosos Capuchos, taõ penetrado de sentimento, que cedeo a soberania da magestade à ternura do coraçaõ. Tanto que chegou a Lisboa, mandou celebrar solemnes Exequias à memoria de taõ esclarecida Princeza em o Real Convento

Recebe ElRey a noticia da morte de sua mãy, e lhe manda celebrar Exequias no Convento de Belem.

vento de Belem, e no fim recitou o Panegyrico Funebre o Doutor Antonio Pinheiro, cuja eloquente facundia era naquelle tempo geralmente applaudida. Semelhante obsequio lhe dedicou a Universidade de Coimbra em 19, e 20 de Novembro, para o qual servio hum precioso Pontifical, que a Rainha D. Catharina mandara fazer para o Anniversario de seu esposo D. Joaõ o III., e por naõ estar ainda acabado, se preparou com summa brevidade para esta funçaõ. Nas Vesperas orou na Capella da Universidade o Doutor Fr. Francisco de Christo, Eremita de Santo Agostinho, Lente de Theologia. Cantou a Missa o Reytor D. Jeronymo de Menezes, sendo Diacono Fr. Agostinho da Trindade, Lente de Theologia, Eremita Augustiniano; e Subdiacono Luiz de Castro Pacheco, Lente dos sagrados Canones. Prégou Fr. Martinho Ledesma, da Ordem dos Prégadores, e Lente de Prima de Theologia, reduzindo a hum breve mappa as virtuosas acções da Princeza D. Joanna, das quaes em obsequio da sua memoria se fórma o seguinte elogio.

A Universidade de Coimbra lhe dedicou o mesmo obsequio.

103 A imperial Villa de Madrid se gloriou de ser o feliz berço desta Serenissima Princeza, onde ornada dos influxos da graça, e dotes da natureza, sahio ao Mundo a 23 de Junho de 1536, de cujo nome foy precursor o dia do grande Baptista, que em seu obsequio lhe foy imposto na fonte baptismal. Na soberana escola de seus augustissimos

Elogio da Serenissima D. Joanna de Austria.

gustissimos pays Carlos V., e a Emperatriz D. Isabel, filha do nosso Monarca D. Manoel, aprendeo os documentos da mais solida virtude, pela qual mereceo ser pertendida para esposa dos mayores Principes, cuja felicidade destinou a Providencia para seu primo o Principe D. Joaõ, filho dos nossos Reys D. Joaõ o III., e D. Catharina, recebendo as bençoes nupciaes da maõ do Arcebispo de Lisboa D. Fernando de Vasconcellos e Menezes, a 7 de Dezembro de 1552, na Cathedral da mesma Cidade. Naõ era passado muito tempo da celebraçaõ deste desposorio, quando deu evidentes sinaes de ter concebido, e sendo esta noticia applaudida em todo o Reyno, se converteo tragicamente em a fatalidade de ser despojada de seu amado consorte pela violencia da morte, a 2 de Janeiro de 1554, na florente idade de dezasete annos. Este fatal golpe, que altamente lhe penetrou o coraçaõ, foy instrumento, para que resignada em a Divina vontade venerasse os inscrutaveis segredos da Providencia, que compadecida das ardentes supplicas dos Portuguezes, permittio, que no fim de dezoito dias deste tragico successo renascessem com excessivo jubilo as esperanças da successaõ desta Monarchia, estabelecidas na pessoa delRey D. Sebastiaõ, que deu à luz publica em o dia dedicado a este heroico Athleta da Igreja Catholica.

Ante-

104 Antepondo a vontade de ſeu irmaõ Filippe Prudente ao amor maternal, deixou o filho, em que eſtava fundada a conſervaçaõ deſta Coroa, partindo a 17 de Mayo para Caſtella, ſendo conduzida por huma numeroſa, e illuſtre comitiva, entre a qual ſe diſtinguiaõ o Infante D. Luiz, e o Duque de Bragança. Tanto que chegou a Alcantara, a recebeo com amoroſas expreſſoens Filippe Prudente, e a nomeou Regente da Monarchia Caſtelhana, em quanto partia para Inglaterra deſpoſarſe com a Rainha D. Maria, herdeira daquella Coroa. Na adminiſtraçaõ de lugar taõ ſupremo deu claros argumentos da ſua madura prudencia, e perſpicaz juizo, naõ permittindo, que houveſſe merecimento ſem premio, como crime ſem caſtigo. Lembrada da caduca gloria, que experimentara em o eſtado conjugal, fugia de todos os divertimentos, que podiaõ liſongearlhe os olhos, de cujo ſevero recato ſendo amoroſamente advertida pelo Emperador ſeu pay, e ſeu irmaõ ElRey de Caſtella, moderou em obſequio do ſeu reſpeito o exceſſo, com que ſe mortificava. Querendo ſantificar as copioſas rendas, que poſſuia, fundou em Madrid o Convento das Religioſas Deſcalças da penitente Familia do Serafim Humano, onde ſe obſerva exactamente o ſeu primitivo Inſtituto, a cujo Clauſtro ſe retirou ſua irmãa a Emperatriz D. Maria, e profeſſou ſua ſobrinha D. Margarida a Se-

Santos *Hiſt. Sebaſt.* liv. 1. cap. 2.

rafica Regra, renascendo das cinzas do sayal soberana Fenix à vida da graça. Ainda que alcançara faculdade de S. Pio V. para que este Mosteiro se sustentasse com rendas perpetuas, escrupulosa de que se violasse a pobreza Serafica, as converteo em preciosos ornatos do Templo, e dos Altares, como tambem em o numero de Ministros, ordenando treze Capellães em memoria do Collegio Apostolico, a que preside hum com o titulo de Capellaõ mór, dos quaes muitos tem illustrado varias Cathedraes com exemplares acções. Naõ se limitou a sua ardente piedade a este edificio, pois junto delle erigio a Casa da Misericordia, semelhante à que vira em Portugal, onde deixou grandes dotes para vinte orfãs; quinze naturaes de Madrid, e cinco de Lisboa. Instituhio huma Cadeira de Theologia Moral em o Collegio da Companhia de Jesus de Madrid, e fundou hum Collegio em Alcalá para os Eremitas de Santo Agostinho. Tanto se abrazava no zelo da conversaõ da gentilidade, que para sua instrucçaõ deixou quinhentos mil reis de *juro* annual aos Conventos de Santo Estevaõ de Salamanca, e de Coimbra, da Ordem dos Prégadores, para que fossem promulgar o Evangelho em ambas as Indias, e desde o berço do Sol até o Ocaso fosse adorado, e conhecido o Creador do Universo.

105 Naõ era poderosa a distancia, em que vivia

vivia de ſeu filho D. Sebaſtiaõ, para que deixaſſe de continuamente o inſtruir com ſolidos documentos, dictados pelo ſeu prudente juizo, e amor maternal, advertindo-o em huns a moderar os exceſſos da idade juvenil, e em outros a deſposarſe com huma conſorte digna da ſua auguſta peſſoa; e poſto que eſtas ſaudaveis exhortações eraõ infructuoſas, as repetia por diverſas Cartas, em que fielmente copiava a ternura do ſeu coraçaõ, e a madureza do ſeu juizo. Foy fervoroſa cultora da Virgem Santiſſima, coroando-a quotidianamente com as myſterioſas flores do ſeu Roſario. Naõ era menos ardente a devoçaõ do grande Baptiſta, de quem recebera o nome, e do invicto Martyr S. Sebaſtiaõ, em cujo dia dera à luz do Mundo hum Principe taõ ſuſpirado pelos votos de toda eſta Monarchia, levantando a cada hum deſtes dous Heroes da Santidade ſeu Altar, que ſervem de collateraes em a Igreja onde recebeo a primeira graça. Acomettida da ultima enfermidade em o Real Convento do Eſcurial a 28 de Agoſto ſe preparou com actos catholicos para a morte, e recebidos os Sacramentos eſpirou placidamente a 8 de Setembro deſte anno de 1573, quando contava trinta e oito annos de idade, e muitos ſeculos de virtude. Conduzido o cadaver ao Convento, que em Madrid fundara, ſe collocou em hum Mauſoléo fabricado de jaſpe, e na parte ſuperior a ſua figura retratada

Cabrera *Hiſt. de Filippe II.* liv. 10. cap. 14.

ao natural, e por epitafio se lhe gravaraõ as seguintes palavras, que igualmente representaõ a sublimidade do seu espirito, como o caracter da sua Pessoa.

D. O. M
Joanna virtutis exemplar
Caroli V, & Isabellæ augustæ
Filia
Joannis Lusitanorum Principis uxor;
Sebastiani Regis Mater
H. S. E
Obiit anno M.D.LXXIII *ætatis suæ*
XXXVIII.

CAPITULO XXI.

Promulga ElRey D. Sebastiaõ novos Estatutos sobre a distribuiçaõ das Commendas das Ordens Militares. Celebra Capitulo da Ordem Militar de Christo; e recebe de Gregorio XIII. huma Setta com que foy martyrizado S. Sebastiaõ.

1573 106 A Natural inclinaçaõ, que desde a puericia teve ElRey D. Sebastiaõ para conquistar Africa, e someter ao suave jugo do Evangelho a seus barbaros habitadores, se augmentava com o progresso da idade, meditando os meyos mais efficazes para conseguir fim taõ desejado.

sejado. Conhecendo que o intento de seus reaes predecessores, quando instituiraõ as Ordens Militares fora para debellar os inimigos da Cruz de Christo, e que pelo decurso dos annos se tinha abuzado da sua primitiva instituiçaõ, dando-se as Commendas a muitos, que entorpecidos no ocio da Corte nunca empunharaõ a espada, ou brandiraõ a lança contra os sequazes de Mafoma, se resolveo a reformar com Estatutos novos as Tres Ordens Militares, e para nobre estimulo dos novos Cavalleiros, a quem dispunha dar o Habito conforme a sua idéa, determinou accrescentar em os das ditas Ordens huma Setta, em memoria de ser o instrumento, com que foy martyrizado S. Sebastiaõ, a cujo Heroe devia o nome, e a protecçaõ. Deste devoto pensamento fez participante a S. Pio V. que com ternissimas expressoens lhe louvou o seu zelo, estranhando a culpavel inercia dos Cavalleiros, que contra o seu Instituto naõ sahiaõ a castigar, e opprimir a insolencia dos barbaros, que infestavaõ o Mediterraneo, de que eraõ lastimosas consequencias os cativeiros de innumeraveis Christãos, que gemiaõ em as masmorras de Africa. A Bulla com que o Summo Pontifice deferio à supplica do nosso Principe, foy expedida a 23 de Agosto de 1571, a qual começa: *Ad regiæ Majestatis fastigium*, sendo a clausula, que pertencia a collocar a Setta em os Habitos das Tres Ordens a seguinte: *Sed ut signi differentia*

Intenta ElRey accrescentar huma Setta aos Habitos das Tres Ordens Militares.

Carvalho de Ord. Milit. Emuc. 2. Comprob. 6. pag. 119.

tia Militum animos ad fortiter faciendum vehementius accendat, prædicto Sebastiano Regi, & Administratori indulgemus, ut in memoriam B. Sebastiani Martyris, cujus festo natalis ipsius dies accidit, ipse Sebastianus Rex unam sagittam veteri Militum insigni addere; atque ita componere possit, ut aliter, qui residentiæ suæ tempus non expleverint, aliter vero, qui illud absolverint, dictam sagittam ferant.

107 Para que exactamente se observasse tudo quanto se dispunha na Bulla, promulgou El-Rey novos Estatutos, taõ conformes a ella, que parecia animava o mesmo zelo ao nosso Principe, que ao Summo Pontifice em a reforma das Ordens Militares, os quaes em beneficio da curiosidade transcrevemos.

Promulga ElRey novos Estatutos para as Ordens Militares.

„ D. Sebastiaõ per graça de Deos Rey de „ Portugal, & dos Algarves dáquem, & dalém „ mar em Africa, Senhor de Guiné, & da Con„ quista navegaçaõ, Commercio de Ethiopia, „ Arabia, Persia, & da India, &c. Como Go„ vernador, & perpetuo Administrador, que sou „ das Tres Ordens Militares de nosso Senhor Je„ su Christo, Santiago, & Aviz, faço saber aos „ que estes Estatutos, & Regimentos virem, que „ considerando como todas as ditas Tres Ordens, „ assi a de Christo, que socedeo dos Templarios, „ como as de Santiago, & Aviz, que saõ mais „ antiguas, foraõ fundadas, e instituidas pelos „ Summos Pontifices, segundo consta das Bullas „ de

„ de ſuas fundaçoens, para os Cavalleiros dellas
„ pelejarem continuamente em defenſaõ da Fé,
„ & do Reyno contra Mouros, & Infieis, que
„ entaõ eſtavaõ ſenhores da môr parte de Heſpa-
„ nha, & dos Reynos de Portugal, & dos Al-
„ garves; os quais para cumprirem iſto melhor
„ viviaõ juntos em Conventos como muros, &
„ amparo, que eraõ do Reyno, naõ ſómente de-
„ fendendo o ganhado, mas ganhando tambem de
„ novo terras, & Lugares, até que lançando os
„ Mouros de Heſpanha, com a longa paz, & fal-
„ ta do exercicio militar, que dantes tinhaõ taõ
„ continuos foraõ desfazendo os Conventos, &
„ ficaraõ nelles ſómente os Freires, que ſe criaõ
„ para Sacerdotes; & os Cavalleiros das Ordens
„ de Santiago, & Aviz pouco a pouco ſe foraõ
„ havendo por livres; e eſcuſos de pelejar, como
„ de feito agora naõ pelejaõ; & conſiderando
„ tambem que as rendas das ditas Tres Ordens
„ pela mayor parte ſaõ de Beneficios, & frutos
„ Eccleſiaſticos, os quais os Summos Pontifices
„ tiráraõ às Igrejas, & Miniſtros dellas, & do
„ Culto Divino, & dotaraõ-nos aos Cavalleiros
„ por ſe entender que pelejando elles continua-
„ mente pela Fé, que lhe podiaõ fazer os Miniſ-
„ tros Eccleſiaſticos, cujas as ditas rendas eraõ;
„ com a qual obrigaçaõ as ditas Ordens ſegundo
„ o eſtado, em que eſtaõ, em grande parte naõ
„ cumprem; porque nem os Commendadores de
„ San-

,, Santiago, nem os de Aviz servem já na guerra
,, por bem de suas Commendas, sendo muitas
,, dellas de grande rendimento; nem os Commen-
,, dadores da Ordem de Christo, que tem as Com-
,, mendas, a que commummente chamaõ velhas,
,, que saõ as principaes, & de maior rendimen-
,, to, & sómente servem os que tem as Commen-
,, das novas, que pelo Papa Leaõ Decimo foraõ
,, concedidas a ElRey D. Manoel meu visavô,
,, que Santa Gloria haja; & vendo outrosi a obri-
,, gaçaõ, que como Governador, & perpetuo
,, Administrador das ditas Ordens tenho de as re-
,, formar, & reduzir quanto em mim for a seu
,, antiguo, & verdadeiro estado, & tirar as abu-
,, soens, que nellas pelo tempo se foraõ introdu-
,, zindo; & principalmente nestes tempos, em
,, que a dita reformaçaõ naõ sómente he necessa-
,, ria pera os Commendadores della se reduzirem
,, à sua antigua instituiçaõ, & costume, & cum-
,, prirem com as obrigaçoens de suas Ordens, &
,, Habitos, & pera se justificar taõ larga conces-
,, saõ de rendas Ecclesiasticas; mas tambem pera
,, defensaõ destes Reynos de Portugal, & dos Al-
,, garves, & segurança dos Lugares, que os Reys
,, meus antepassados ganharaõ em Africa; & pe-
,, la consideraçaõ dos hereges, & pelo poder do
,, Xarife inimigo vesinho, & fronteiro dos ditos
,, lugares de Africa, seja taõ grande por mar, &
,, por terra, que com muita rezaõ se póde arre-
,, cear;

„ cear; que saõ todas cousas taõ urgentes, que
„ ainda que as ditas Ordens naõ foraõ instituidas,
„ como saõ, pera fazerem guerra aos Mouros,
„ & pera defensaõ destes Reynos, se puderá pe-
„ dir com muita rezaõ ao Santo Padre que de no-
„ vo lhes puzesse esta obrigaçaõ. Por estes res-
„ peitos, & por outros de muita importancia,
„ como Governador, & perpetuo Administrador
„ das ditas Ordens Militares, determiney de en-
„ tender na reformaçaõ de todas ellas; mas por-
„ que pera esta reformaçaõ se fazer como con-
„ vem, era necessario autoridade, jurisdicçaõ,
„ & poder do Santo P. Pio V. ora na Igreja de
„ Deos Presidente, mormente segundo deste ne-
„ gocio taõ importante lhe foy dada primeira re-
„ laçaõ, & enformaçaõ, para que interpuzesse
„ sua autoridade, supprisse, & assi acentasse o que
„ fosse necessario; & Sua Santidade passou sobre
„ isso huma Bulla, porque revoga, & extingue
„ os privilegios, exempções, dispensações, &
„ indultos de todas as ditas Tres Ordens Milita-
„ res, & dos Commendadores, & Cavalleiros
„ dellas, & todos os costumes, estatutos, decla-
„ rações, & decretos, & quaisquer outras cou-
„ sas, que possaõ impedir o effeito desta reforma-
„ çaõ, como mais largamente na dita Bulla se
„ contém, por virtude da qual ordeno, & man-
„ do as cousas seguintes.

„ Primeiramente ordeno, que daqui em

„ diante se naõ lance o Habito Regular de qual-
„ quer das ditas Ordens a pessoa alguma, senaõ
„ aos que tiverem primeiro servido na guerra de
„ Africa tres annos continuos; ou aos que tendo
„ servido na India, pelo menos o dito tempo de
„ tres annos tiverem feito serviços taõ notaveis,
„ que me pareça que o merecem; nem sejaõ ad-
„ mittidos ao serviço, & merecimento de Habi-
„ to, ou Commendas, senaõ os que forem ao
„ menos de dezoito annos cumpridos, & tiverem
„ disposiçaõ pera servir na guerra, & as mais qua-
„ lidades, que se requerem conforme as Diffini-
„ çoens, & Estatutos sobre isso feitos; que naõ
„ tenhaõ raça de Mouro, nem de Judeu, nem
„ sejaõ filhos, nem netos de official macanico;
„ & provando hum que servio em Africa o dito
„ tempo de tres annos continuos, & que tem as
„ qualidades acima ditas, será admittido ao Ha-
„ bito da Ordem, & Milicia, que escolher, &
„ será havido por idonio pera poder alcançar
„ Commenda quando lhe couber sem ser necessa-
„ ria sobre isso outra alguma determinaçaõ, ou
„ carta minha.

„ No dar das Commendas daqui em dian-
„ te se guardará esta ordem: as que renderem
„ cem mil reis forros dos encargos velhos, & por-
„ çaõ do Reytor, & dahi pera baixo se naõ pro-
„ veraõ por antiguidade de tempo, senaõ por nu-
„ mero de homens, que tem de cavallo, de ma-
„ neira,

„ neira, que se dem à aquelles, que quando vagar a Commenda constar que tem servido com mais homens de cavallo, contando os homens de cavallo de todo o tempo de sua residencia em Africa com tal declaraçaõ, que se naõ conte por homem de cavallo senaõ o que for de dezoito annos cumpridos, como acima he dito; & pera se servirem, & vencerem as Commendas desta sorte, bastará provarem os sobreditos que tem as qualidades, que se requerem, sem serem necessarias cartas minhas, como atégora se costumava.

„ E por quanto muitas pessoas de nobre geraçaõ, & que na guerra podem fazer muito serviço, saõ taõ pobres, que naõ poderáõ sustentar o numero de homens de cavallo, que lhes seraõ necessarios para poderem ser providos, ou o seraõ mais tarde do que convem; as Commendas, que passarem de cento até duzentos mil reis de renda *inclusivè*, naõ se proveraõ por numero de homens de cavallo, como as de cem mil reis para baixo; mas por antiguidade no serviço da guerra, de maneira, que sejaõ admittidos a ellas, & preferidos os que quando vagarem as tais Commendas, justificarem que tem servido na guerra mais tempo; e pera servir estas Commendas naõ será admittida pessoa alguma senaõ per carta minha em fórma, como atégora se acustumou; & além

„ disso servido com hum homem de cavallo ao „ menos além do cavallo de sua pessoa; mas concorrendo dous, ou mais, será preferido aquelle, que constar que servio com mayor numero „ de homens de cavallo, de maneira que acima „ fica declarado.

„ As outras Commendas, que passarem de „ duzentos mil reis forros, & da maneira acima „ dita, naõ as serviraõ, nem proveráõ senaõ por „ numero de homens de cavallo, & por cartas „ minhas em fórma, que os que servirem as tais „ Commendas de duzentos mil reis pera cima, „ vagando alguma outra de mayor quantia, poderaõ, se quizerem, ser providos della, ou por „ numero de homens de cavallo, ou por antiguidade de serviço, segundo a differença da Commenda; & da mesma maneira os que per cartas minhas servirem Commendas de cem mil reis „ até duzentos, poderáõ ser providos de outra „ Commenda de mayor quantia, se vagar; mas „ no serviço de Commendas de qualquer quantia, „ & de qualquer das Ordens, naõ se contaráõ a „ pessoa alguma, senaõ sómente os homens de „ cavallo, com que servir à sua custa, & naõ da „ minha fazenda.

„ Os que servirem Commendas por cartas „ minhas seraõ obrigados a servir em Africa por „ tempo de cinco annos inteiros, contando todo tempo depois que começarem a servir; &

„ os

„ os que houverem de ſer providos de Commen-
„ das de oitocentos mil reis pera cima ſerviraõ
„ mais hum anno, de maneira que ſejaõ ſeis; &
„ os outros que naõ ſervirem por cartas minhas
„ ſerviráõ tambem por tempo de ſeis annos intei-
„ ros; o qual tempo acabado, aſſim huns, como
„ outros ficaráõ deſobrigados da tal reſidencia:
„ mas os que forem reſidentes em Africa, & ſer-
„ virem depois de acabado ſeu tempo ſeraõ prefe-
„ ridos auſentes *cæteris paribus* pera effeito de ſe-
„ rem providos de Commendas, ou melhorados,
„ ou por numero de homens de cavallo, ou per
„ antiguidade do tempo, como acima he dito: &
„ todas as peſſoas, que daqui em diante ſe hou-
„ verem de habilitar pera Habitos, ou Commen-
„ das, ſerviráõ na Cidade de Tangere, e naõ em
„ outro algum lugar de Africa.

„ Naõ poderáõ ſer providos de Commen-
„ das, nem melhorados nellas, ſenaõ os que ao
„ tempo que ellas vagaõ, forem preſentes, &
„ ſervirem em Africa, tirando os que já tem ſer-
„ vido, & cumprido todo o tempo de ſua reſi-
„ dencia, & obrigaçaõ; porque eſtes poderáõ
„ ſer providos como fica dito: & aquelles, que
„ durando o tempo de ſua reſidencia, & ſerviço
„ ſe quizerem auſentar, o poderáõ fazer com ex-
„ preſſa licença dos Viſitadores; a qual elles lha
„ daraõ, achando que tem juſta cauſa pera lha
„ pedirem; mas o tempo, que aſſim forem au-

„ ſentes,

„ ſentes, naõ lhe ſerá contado no tempo do ſer„viço.

„ Os que já forem providos de Commendas „ ſe poderáõ melhorar a outras de mayor quantia „ quando vagarem, ou pór mayor numero de ho„mens de cavallo, ou por antiguidade de ſervi„ço, ſegundo a differença, & natureza das Com„mendas, & ordem acima dita; & o modo, que „ ſe terá neſtes melhoramentos, ſerá o ſeguinte.

„ No que houve Commenda de menos de „ cem mil reis, que ſervio por carta minha por „ numero de homens de cavallo, poderá ſer me„lhorado de outra de mayor quantia, que naõ „ paſſe de cem mil, tambem pór numero de ho„mens de cavallo, contando todos os que teve „ depois que começar a ſervir até o tal tempo, „ em que ſe prover a Commenda: & o que hou„ve Commenda de cem mil reis pera cima, & „ de menos de duzentos, & a ſervio com carta „ minha, poderá ſer melhorado doutra mayor até „ duzentos mil reis, ſe ao tempo que ſe prover „ a tal Commenda ſe achar que tem mais tempo „ de ſerviço que os outros; & tambem poderá „ o tal ſer melhorado de Commenda, que paſſe „ de duzentos mil reis, naõ per antiguidade de „ ſerviço, ſenaõ per numero de homens de caval„lo: & o que houve Commenda, que paſſe de „ duzentos mil reis, & a ſervio por carta minha, „ poderá outroſim ſer melhorado a mayor quan-

„ tia

„ tia por numero de homens de cavallo, contan-
„ do todos os que conftar que teve depois que
„ começou a fervir até o tempo, em que fe pro-
„ vé a tal Commenda; & os que ferviaõ per car-
„ tas minhas poderáõ fer providos de Commen-
„ das de mayores quantias, ou por antiguidade
„ de ferviço nas Commendas, que renderem du-
„ zentos mil reis, ou por numero de homens de
„ cavallo nas que forem dahi pera cima.

„ Peffoa alguma naõ poderá ter duas Com-
„ mendas juntamente; mas o que tendo huma for
„ melhorado a outra, aceitando a fegunda, será
„ totalmente obrigado a deixar logo a que dan-
„ tes tinha; a qual por effe mefmo feito ficará va-
„ ga pera fe prover por fua ordem; & doutra ma-
„ neira será tambem privado da em que fôr me-
„ lhorado.

„ Por quanto algumas peffoas tem já fervi-
„ do por cartas minhas em Africa dous annos, ou
„ mais, & outros tambem com cartas, naõ ten-
„ do acabados dous annos, & eftaõ ainda fervin-
„ do, & outros ferviraõ algum tempo fem car-
„ tas, & foraõ depois havidos por benemeritos
„ pera poderem fer providos de Commendas, baf-
„ tará aos que prefentes eftaõ em Africa fervirem
„ quatro annos inteiros; & aos que já faõ vindos
„ de lá tres annos, pera poderem fer providos de
„ maneira, que acima he ordenado, ajuntando
„ todo tempo, que atégora tem fervido com o
„ que

„ que daqui em diante ſervirem; & tendo ſervi-
„ do tres annos inteiros ſe lhe poderá lançar o Ha-
„ bito, & poderaõ ſer providos de Commendas
„ pela maneira acima dita, como que tiveraõ ſer-
„ vido todo o tempo que acima he declarado; &
„ iſto ſe naõ entenderá nas peſſoas, que tenho no-
„ meadas naquellas Commendas, que ao preſen-
„ te eſtaõ vagas de qualquer das ditas Ordens,
„ nem nas outras Commendas, que vagarem per
„ renunciaçaõ das peſſoas, a que eſtas ſe prove-
„ rem; & os Habitos ſe lhe lançaraõ pera os te-
„ rem a titulo de ſeu patrimonio em quanto naõ
„ forem providos das Commendas, que lhe cou-
„ berem.

„ E de todas as ditas peſſoas, que ſem car-
„ tas minhas forem acabar de ſervir o dito tempo
„ de tres annos em Africa, ou eſtando já la con-
„ tinuarem nos quatro, como no capitulo acima
„ fica dito, naõ poderáõ ſer providos de Com-
„ mendas de mayor quantia, que até cem mil
„ reis, & por numero de homens de cavallo,
„ contando-lhe tudo o que atégora ſerviraõ, &
„ ao diante ſervirem: mas os que acabarem o
„ tempo dos ditos tres, ou quatro annos ſem mi-
„ nha Carta, ſeraõ providos de Commendas de
„ mayor quantia, ou per antiguidade de ſerviço,
„ ou per numero de homens de cavallo, confor-
„ me a differença das Commendas, que pertende-
„ rem ſer providos; & ſerlhes-ha contado todo o
„ tem-

,, tempo atraz, & todos os homens de cavallo, ,, com que atégora ſerviraõ, & ao diante ſervi- ,, rem: & por quanto algumas das ditas peſſoas ,, tem ſervido em Galès na Coſta do Reyno do ,, Algarye, contarſe-lhes-ha tambem eſte ſerviço; ,, mas de tal maneira, que ſómente ſe lhe leve em ,, conta os mezes, que ſerviraõ nas ditas Galés; ,, & os que nellas ſerviraõ com Soldados à ſua ,, cuſta poderſe-haõ contar dous Soldados por hum ,, homem de cavallo, & daqui em diante ſe lhes ,, poderá tambem contar o ſerviço das Galés; & ,, tambem por eſta ordem os que nellas ſervirem ,, poderaõ ſer providos de Commendas.

,, E porque algumas vezes ſerá neceſſario ,, ter reſpeito a algumas peſſoas, cujo esforço, ,, & valentia na guerra he conhecida, ou por te- ,, rem feito boas couſas ſaõ dignos de merces, os ,, quais nem em antiguidade de ſerviço, nem em ,, numero de cavallos excederaõ a outros, nem ,, acabaraõ ſeu tempo de ſerviço, a quinta Com- ,, menda, que daqui em diante for vagando de ,, todas as ditas Ordens de qualquer via, valor, ,, & rendimento que ſeja, ficará livre das ſobre- ,, ditas condiçoens, & reſervada pera diſpor del- ,, la livremente; & ſendo das antiguas da Ordem ,, de Chriſto, ou de S. Tiago, ou de Aviz, a ,, poderey prover a peſſoa, que me bem parecer, ,, ainda que naõ tenha ſervido na guerra contra ,, infieis, & que ſe haja por benemerito.

„ No numero de homens de cavallo, assim „ pera se vencerem Commendas, como pera se- „ rem melhorados nellas, se contaraõ tambem to- „ dos estes homens de cavallo, cujas pessoas ser- „ viraõ do dia que começaraõ a servir pera lhe „ ser lançado o Habito.

„ Tanto que huma pessoa tiver servido tres „ annos, & lhe for por esse respeito lançado o „ Habito de qualquer das ditas Ordens, ficará ha- „ bilitado pera logo poder ser provido de Com- „ menda, naõ lhe precedendo outro em numero „ de homens de cavallo, ou em antiguidade de „ tempo de serviço conforme ao acima dito.

„ E aquelles que se quizerem vir de Africa „ acabado seu tempo tiraraõ suas Certidoens assi- „ nadas pelos Visitadores do tempo que ante elles „ justificarem que tem servido, & do numero de „ homens de cavallo, com que serviraõ, pera por „ ellas serem providos de Commendas, ou me- „ lhorados, se ainda o naõ forem; & os que naõ „ tiverem acabado seu tempo, & vagar Com- „ menda, de que pretendaõ ser providos, reque- „ reraõ sobre isso aos ditos Visitadores, pera que „ elles me enviem Certidaõ do tempo de seu ser- „ viço, & do numero dos homens de cavallo, „ com que serviraõ, & a mais informaçaõ neces- „ saria, para que eu proveja da tal Commenda „ aquelle, que conforme a estes Estatutos a hou- „ ver de haver, por ter servido com maior nume-

„ ro

„ ro de homens de cavallo, ou por ter mais tem-
„ po de serviço, como nellas se contém, na qual
„ justificaçaõ do serviço de cada hum os Visita-
„ dores faraõ todo o exame, e diligencia ne-
„ cessaria pera que naõ haja nisso enleyo, & en-
„ gano algum; & os despachos das ditas Com-
„ mendas enviarey aos ditos Visitadores, pera
„ que elles as dem às pessoas a que pertencerem
„ sem as virem requerer à minha Corte; o que assi
„ hey por bem, por escusar trabalhos, & despe-
„ zas.

„ Daqui em diante se naõ lançará o Habi-
„ to a pessoa alguma, senaõ pelo serviço feito nas
„ partes de Africa, ou na India, conforme ao
„ acima dito; nem assim mesmo se proverá Com-
„ menda alguma de qualquer qualidade, que seja,
„ tirando a quinta de que acima se faz mençaõ,
„ senaõ nas pessoas, que a servirem em Africa,
„ como dito he.

„ Além do sobredito, que o Santo Padre
„ houve por bem de ordenar pera restituir, &
„ conservar a diciplina militar das ditas Ordens,
„ se fará em Africa hum Seminario, em que se
„ sustentem, & criem em exercicios de guerra al-
„ guns homens de nobre geraçaõ, mas pobres;
„ & pera a dotaçaõ delle ordena Sua Santidade
„ que se tire por justa, & igual distribuiçaõ ren-
„ da de doze mil cruzados de ouro cada anno das
„ rendas Mestraes, & das Commendas, que paſ-

„ ſam de quinhentos cruzados de renda; & iſto „ ſem prejuiſo dos que ao preſente as tem, & a „ dita renda ſe applicará, & converterá toda em „ ſuſtentaçaõ de tantos Fidalgos dos ſobreditos, „ quantos della ſe poderem boamente ſoſtentar em „ hum, ou em muitos Lugares de Africa; & em „ quanto ſe ajuntar eſta renda, eſte gaſto, & obri„ gaçaõ ſerá à cuſta de minha fazenda.

„ No dito Seminario ſe naõ receberaõ ſenaõ „ Fidalgos de nobre ſangue, & geraçaõ por pays, „ & por mãys, & de boa vida, & coſtumes, & „ por oppoſiçaõ, & juſtificaçaõ, que ſe primei„ ro fará aſſi ſobre iſto, como tambem na deſtre„ za das armas, & exercicio de cavalgar, & for„ ças; & ſeraõ preferidos para ſerem recebidos „ *cæteris paribus* os filhos, & decendentes da„ quelles, que morreraõ em Africa pelejando con„ tra os infieis, ou na guerra o fizeraõ esforçada„ mente.

„ Os que forem recebidos, ainda que vi„ vaõ apartados cada hum em ſua caſa, comeraõ „ todos juntos a huma meſa, & lugar idoneo, „ onde depois de ſe benzer a meſa, & haver ſi„ lencio ſe lhes lerá primeiro huma breve liçaõ de „ couſas ſantas; & depois pera acrecentar os eſ„ piritos, & animo dos Cavalleiros, ſe lhes lerá „ outra das Chronicas, & Hiſtorias antiguas dos „ Reys deſtes Reynos de Portugal, & eſpecial„ mente dos homens esforçados, que na India, „ ou

„ ou em Africa fizeraõ alguma cousa assinalada,
„ ou morreraõ honradamente.

„ Haverá Visitador deste Seminario ordenado por mim, o qual se informará cada anno „ da vida, & costumes de cada hum dos que forem recebidos, & castigará, & emendará segundo o que for necessario.

„ E para os Cavalleiros das ditas Ordens, „ & todos os sobreditos fazerem o que devem à „ sua obrigaçaõ, & Habito, & pera melhor ordem de seu estado se faraõ hum, ou mais Juizes, & todos os que parecer que convém; & „ assi mesmo Visitadores, os quais seraõ dos Commendadores mais approvados, & de mais confiança das ditas Ordens, ou outras pessoas, que „ eu escolher; & tambem se ordenaráõ os mais „ officios, que me parecer que convém.

„ O officio dos ditos Juizes, & Visitadores será conhecer do tempo dos serviços; da antiguidade; do numero de homens de cavallo; „ dos cargos; a ventagem, & qualidades de cada hum dos Cavalleiros; & do dito tempo das „ Commendas vagas, que a elles saõ devidas, & „ de tudo o mais necessario; para que depois conforme a suas Certidoens, & enformaçoens execute, & mande passar Cartas, & Provisoens „ em fórma; & além disso faraõ guardar inteiramente todos os Estatutos, & letras Apostolicas, & visitar cada anno todos os Commenda-

„ dores,

„ dores, & Cavalleiros, que estiverem em Africa, enformando-se de sua vida, & costumes, & se guardaraõ sua Regra, & como despende cada hum a renda de sua Commenda, & castigar aos que acharem culpados com as penas devidas, & multarem seus bens, & finalmente usar da jurdiçaõ necessaria pera todas estas cousas haverem effeito, sem haver appellaçaõ, quando eu assim especialmente o conceder.

„ E pera os Commendadores, & mais pessoas da Ordem de Christo saberem melhor o que saõ obrigados a fazer, conforme a Regra, & a estes Estatutos, & Regimento; mando ora acrecentar, & imprimir de novo a dita Regra.

„ Ordenar-se-ha em Africa hum lugar idoneo, em que morem seis Freyres da Ordem de Christo, & dous da Ordem de S. Tiago, & outros dous da Ordem de Aviz, os quais administrem os Santos Sacramentos aos Cavalleiros de suas Ordens, & façaõ tudo o mais que está ordenado pelas Regras, & Estatutos de cada huma dellas.

„ Por tanto, como Governador, & perpetuo Administrador das ditas Ordens, & por virtude da dita Bulla do Santo Padre, ordeno, & mando, como tambem manda Sua Santidade a todos, & acada hum dos Commendadores, Cavalleiros, & professos das ditas Tres Ordens Militares de qualquer qualidade, & con-

„ diçaõ

„ diçaõ que ſejaõ, que ſem eſperar mais outra al„ guma determinaçaõ, nem declaraçaõ de noſſa „ intençaõ, & vontade, obedeçaõ inteiramente „ em todo tempo, & lugar ao que ſe contém „ neſtes Eſtatutos, & Regimento, & todas as „ ſentenças, declarações, & mandados, que por „ virtude, & autoridade delles ſe fizerem, de„ clarando que nenhuma appellaçaõ, proteſta„ çaõ, ou reclamaçaõ feita em Juizo, ou fóra del„ le poſſa impedir alguma hora as couſas ſobredi„ tas, nem pera iſſo tenha força, nem vigor al„ gum; & aos que ſob qualquer conſelho, ou „ arte ouſarem contradizer a eſtes Eſtatutos, & „ reformaçoens, ou as couſas, que por virtude „ delles ſe fizerem, ou ordenarem, o Santo Pa„ dre Pio V. os priva de ſuas Commendas, & „ faz inhabiles pera as couſas ſobreditas por eſſe „ meſmo effeito; determinando que todas as cou„ ſas conteudas neſtes Eſtatutos, & Regimento „ ſe cumpraõ, & guardem inteiramente pera to„ do ſempre ſem ſe poder mudar couſa alguma „ dellas nem per mim, nem pelos Reys, que ao „ diante forem Adminiſtradores das ditas Ordens, „ com pretexto de qualquer privilegio, ou facul„ dade; antes tudo o que contra o ſobredito per „ qualquer peſſoa, & com qualquer authoridade „ ſe tentar fazer ſciente, ou ignorantemente, ſeja „ de nenhum vigor.

„ E confiando o Santo Padre da boa von-

„ tade,

„ tade, que tenho às ditas Ordens, & desejo gran-
„ de de as reduzir quanto em mim he a seu an-
„ tiguo, & verdadeiro estado, & que com con-
„ selho, & cuidado farey o que convir pera a di-
„ ta reformaçaõ, me concede a mim, & aos Reys
„ Administradores dellas, que pelo tempo forem
„ pera todo sempre, que pera execuçaõ, & fir-
„ meza das cousas sobreditas possaõ mais livre-
„ mente ordenar quaisquer outras cousas, que pe-
„ la condiçaõ, & qualidades dos tempos, luga-
„ res, & pessoas, ou em geral, ou em particu-
„ lar parecer que convém; emendar as que forem
„ prejudiciaes, ou sem proveito, & declarar quais-
„ quer duvidas, que das cousas sobreditas nace-
„ rem; & finalmente fazer executar tudo o mais,
„ que pera o bom estado, augmento, & conser-
„ vaçaõ das mesmas Ordens Militares for necessa-
„ rio, ou de qualquer maneira conveniente.

„ Pera que a differença no Habito acenda
„ mais os animos dos Cavalleiros ao fazerem es-
„ forçadamente, me concedeo Sua Santidade que
„ à honra do Bemaventurado Martyr S. Sebastiaõ,
„ em cujo dia foy o meu nascimento, pera man-
„ dar accrescentar huma setta ao habito de alguns
„ Cavalleiros das ditas Ordens, que no serviço da
„ guerra se assinalaraõ, & fizeraõ feitos notaveis.

„ E pera melhor execuçaõ no sobredito o
„ Santo Padre Pio V. dá licença a mim, & aos
„ Administradores, que pelo tempo forem das di-
„ tas

„ tas Ordens, pera que possaõ mais livremente
„ conceder aos Cavalleiros ainda professos, & que
„ tem Commendas de qualquer dellas, que dei-
„ xadas as tais Commendas, & ficando com o
„ Habito de sua mesma Ordem, possaõ receber,
„ & ter licitamente outras de quaisquer das ditas
„ Ordens, que pertençaõ à minha disposiçaõ, ou
„ do Administrador, que pelo tempo for, segun-
„ do esta reformaçaõ, se ao tempo, que as tais
„ Commendas vagarem, constar legitimamente
„ que elles procedem, & fazem ventagem, ou
„ em numero de homens de cavallo, ou em an-
„ tiguidade de serviço feito na guerra de Africa,
„ segundo a fórma desta mesma reformaçaõ a to-
„ dos os outros daquella Ordem, de quem saõ
„ as Commendas, que assim estaõ vagas; mas
„ quando forem iguais seraõ preferidos os Caval-
„ leiros da mesma Ordem, de que saõ as tais Com-
„ mendas.

„ E pera que tudo o que nestes Estatutos,
„ & Regimento se contém venha à noticia de to-
„ dos, & se cumpra, & dé à inteira, & devi-
„ da execuçaõ, mando ao Chanҫarel das ditas Or-
„ dens que pubrique os ditos Estatutos na Chan-
„ cellaria dellas, & envie logo cartas com o tres-
„ lado delles sob seu sinal, & sello de huma das
„ ditas Ordens aos Capitaens dos lugares de Afri-
„ ca, a que mando que os façaõ logo pubricar
„ nos ditos lugares, & registar nos livros dos Con-

,, tos delles; & assim enviará as ditas cartas aos ,, Corregedores, Ouvidores das Comarcas, & ,, aos Ouvidores das terras, em que os ditos Cor- ,, regedores naõ entraõ por via de Correiçaõ; aos ,, quais Corregedores, & Ouvidores mando que ,, os pubriquem logo nos Lugares onde estiverem, ,, & os façaõ pubricar em todos os lugares de ,, suas Comarcas, & Ouvidorias, & registar nos ,, livros das Comarcas dellas, & no das Chan- ,, cellarias das ditas Correiçoens, & Ouvidorias, ,, pera que todos possaõ saber o que nos ditos Es- ,, tatutos se contém; & assim se registaraõ no li- ,, vro da Mesa da Conciencia, & Ordens; & es- ,, tes proprios com a Bulla do Santo Padre se por- ,, raõ no Cartorio do Convento de Thomar Ca- ,, beça da Ordem de Christo pera nelle estarem ,, em toda boa guarda; & o treslado authentico ,, da dita Bulla, & dos ditos Estatutos se leva- ,, raõ aos Cartorios dos Conventos de cada huma ,, das Ordens de Santiago, & Aviz. Jorge da ,, Costa a fez em Almeirim a seis dias do mez de ,, Fevereyro anno do Nacimento de nosso Senhor ,, Jesu Christo de 1572.

REY.

108 Promulgados estes Estatutos, em cujas extensas clausulas se conhecia o ardente zelo, e prudente direcçaõ, com que ElRey desejava restaurar as Ordens Militares, querendo na fórma

delles

delles dar o Habito a alguns Cavalleiros, e pra-
cticar outras acções em beneficio, e augmento
das mesmas Ordens, celebrou Capitulo Geral da
Ordem Militar de Christo em a Villa de Santa-
rem, para cuja solemnidade elegeo o dia 8 de De-
zembro deste anno de 1573, dedicado à Immaculada
Conceição da Senhora, e a Igreja Parochial
de Marvilla, a qual se armou de magestosa
tapeçaria, e se cubrio o pavimento de preciosas
alcatifas, que ao nosso Principe mandara como
seu tributario ElRey de Ormuz. Estava ElRey
D. Sebastiaõ assistido do Cardeal D. Henrique,
o Senhor D. Duarte, e o Senhor D. Antonio,
Prior do Crato. Ao lado direito sustentava em
pé Fernaõ da Sylveira o estoque, como Condestavel,
e no meyo do Capitulo o Alferes mór D.
Luiz de Menezes com a bandeira real levantada.
Todos os Commendadores estavaõ sentados por
seus gráos, conforme a antiguidade de cada Ordem.
Rompeo ElRey o silencio, que observava
taõ nobilissimo congresso com as seguintes palavras.

Celebra ElRey Capitulo da Ordem de Christo.

„ Vendo, e ponderando a honra, que à
„ Ordem fiz, e considerando o lugar, conjun-
„ çoens, e tempo, que nella concorrem, por
„ principio do fim, conclusaõ, e effeito della,
„ me pareceo dizervos a honra, que a ella, e a
„ vós agora faço, tanto mayor que as estimadas
„ por grandes, quanto mais conforme à natureza

Practica delRey.

„ dos Portuguezes, e propria obrigaçaõ nellas, „ da que me pareceo fazervos neste lugar, e tem- „ po vos fallar; sendo de vós taõ entendido de- „ ver, e haver de fazer eu esta honra à Ordem, „ e a vós, como esperado, desejado, e perten- „ dido de vós, e verdes o effeito della; e vendo „ que dizia hum Santo dos na Escritura celebra- „ dos, que a esperança do que esperava tinha no „ seu peito collocada, e firmemente pôsta, e „ dos seus olhos havia de ser vista, e entenden- „ do quaõ largamente podeis dizer isto desta hon- „ ra, e o effeito della; para que me naõ deterey, „ e me abreviarey a volo dizer, como para o ef- „ feituar, que he haverme de servir da Ordem, „ e dos Commendadores della honrada, e naõ „ onerosamente; como para os effeitos, que se „ haõ de seguir, convém.

109 Acabada esta breve practica, com que ElRey declarou o fim para que convocara o Capitulo Militar da Ordem de Christo, se levantou o Doutor Antonio Pinheiro, e fazendo huma profunda inclinaçaõ a ElRey, com que tacitamente lhe pedia licença, para fallar, recitou a Oraçaõ seguinte, de cujas elegantes expressoens esteve pendente taõ augusto como nobilissimo auditorio.

Oraçaõ do Doutor Antonio Pinheiro.

„ A suave disposiçaõ da Ordem, em que a „ Divina Providencia conserva as cousas, que „ criou em igual, e perpetua perseverança, se co- „ nhece sempre em serem conformes os principios „ à ulti-

„ à ultima fórma, e perfeiçaõ, para que as cou-
„ ſas foraõ ordenadas; e eſta admiravel ordem da
„ Sabedoria, quiz o meſmo Deos, que foſſem
„ mais ſemelhantes as religioſas milicias, que pa-
„ ra ſeu ſerviço, e louvor debaixo do nome de
„ Ordens foraõ na terra eſtabelecidas, e fundadas,
„ o que neſta excellente, e animoſa milicia, que
„ debaixo do glorioſo nome de JESU Chriſto Noſ-
„ ſo Salvador, e Redemptor foy inſtituida, logo
„ em ſeu naſcimento, e criaçaõ ſe vio muy cla-
„ ro, que em ſeu progreſſo, e creſcimento ficou
„ cada vez mais claro, e manifeſto, fazendo ſeu
„ principio taõ conforme ao alto fim, que por
„ deſcurſo de tempo havia de alcançar, que or-
„ denou que o primeiro author della foſſe ElRey
„ D. Diniz, unico, e primeiro deſte nome, e
„ ſexto da ordem dos Reys deſtes Reynos, que
„ por graça de Deos, e por ſeu grande esforço
„ vieraõ a ſer Reys de muitos Reynos, e a ter
„ por vaſſallos muitos Reys, e por ſubditos mui-
„ tos Senhores, que antes de lhe ſerem ſubditos,
„ eraõ em ſeus Eſtados Principes abſolutos, e ſo-
„ beranos; entaõ com o favor de Deos, merces
„ dos Reys deſtes Reynos, e authoridade do Pa-
„ pa Joaõ II. Supremo Vigario de Chriſto em to-
„ da a Igreja Catholica Militante, foy taõ con-
„ forme ſeu ſucceſſo, que ſendo dotado em ſeu
„ principio ſómente dos bens, que os Cavalleiros
„ chamados do Templo antes de ſua milicia ſer
„ extin-

„ extincta pelo Papa Clemente V. Vienense, nes-
„ tes Reynos possuiaõ por seus muitos serviços,
„ e grandes merecimentos dos Mestres, e Caval-
„ leiros della, alcançou outros muitos, com os
„ quaes em pouco tempo foy muito dilatada, e
„ ampliada, principalmente com grande zelo, e
„ cuidado daquelle excellente Infante D. Henri-
„ que, filho delRey D. Joaõ o I. de gloriosa me-
„ moria, perpetuo Governador, que foy desta
„ milicia, ao qual naõ sómente deve a Ordem o
„ patrimonio das Ilhas, e terras, que na Costa
„ de Africa exterior, quasi até o Cabo da boa Es-
„ perança, pela navegaçaõ do mar Oceano até
„ seu tempo dos nossos naõ sabida, descubrio,
„ povoou, e sogeitou; mas tambem lhe he em
„ muita obrigaçaõ a Coroa destes Reynos, por
„ abrir caminho aos Reys delles de novos des-
„ cubrimentos, Conquistas, e Comercios; pelos
„ quaes além do esperitual merecimento da con-
„ versaõ de tantas almas, o temporal estado da
„ Coroa destes Reynos, ficou em augmento da
„ reputaçaõ muito accrescentado, pela qual ra-
„ zaõ succedeo alguns annos despois ElRey D.
„ Manoel, de louvavel memoria, a ElRey D.
„ Joaõ o II. seu primo, por fallecer seu filho,
„ que fosse natural, e legitimo successor, naõ dei-
„ xou a administraçaõ perpetua desta milicia, que
„ antes de ser Rey tinha; mas para que crecesse
„ em reputaçaõ, e honra, ficando juntamente em
„ sua

„ sua Real Pessoa a governança della, foy dos
„ Reys destes Reynos o primeiro, que em seu
„ Real dictado ajuntou o titulo de Governador,
„ e perpetuo Administrador della, e para que taõ
„ alto titulo ficasse mais esclarecido crescendo o
„ patrimonio da Ordem para a sustentaçaõ de ma-
„ yor numero de Cavalleiros della, além das ren-
„ das, que novamente lhe applicou, alcançou do
„ Papa Leaõ X. uniaõ das rendas Ecclesiasticas,
„ que repartidas em Preceptorias, e Commendas,
„ cuja nomeaçaõ fosse sua, e dos Reys seus suc-
„ cessores, ajudassem a temporal sustentaçaõ dos
„ esforçados Cavalleiros della, que na guerra con-
„ tra os Infieis, por mar, e terra gastaraõ suas
„ rendas em defensaõ de nossa Santa Fé, em ser-
„ viço dos Reys destes Reynos, e por honra da
„ Ordem aventuraraõ honradamente suas vidas,
„ e pessoas com estas merces, e favores, e hon-
„ ras, que delRey D. Manoel a Ordem recebeo,
„ ficou em tanto ser, e dignidade, que succeden-
„ do ElRey D. Joaõ o III. avò delRey nosso Se-
„ nhor, a ElRey D. Manoel, seu pay, por lhe
„ pertencer a legitima, e natural succeffaõ na Co-
„ roa destes Reynos, succedeo juntamente por
„ concessaõ Apostolica na perpetua governança
„ desta Ordem em sua vida, e desejando que a
„ honra que a Ordem alcançava em ser regida por
„ Reys se perpetuasse nella, impetrou do Papa
„ Julio III. que entaõ na Catholica, e Universal
„ Igreja

„ Igreja residia, a uniaõ desta Ordem com a Co-
„ roa destes Reynos para sempre; para que sem-
„ pre os Cavalleiros della tivessem como Freyres
„ na Ordem por Governador, quem como vas-
„ sallos, e criados tinhaõ por seu natural Senhor
„ e Rey, accrescentando a merce, que ElRey
„ D. Manoel, seu pay, fizera a esta Ordem em
„ lhe unir a dita administraçaõ em sua vida com
„ sua Real Pessoa a perpetuar com uniaõ insepa-
„ ravel della, que foy a mayor honra, que a Or-
„ dem podia desejar, nem se cuidava, que outra
„ mayor se lhe podesse accrescentar, até que o
„ muito alto, e muito poderoso Rey D. Sebas-
„ tiaõ, nosso Senhor, primeiro deste nome, ins-
„ pirados por Deos antes, que puzesse em obra
„ seu desejo accezo com ardente zelo da defen-
„ saõ de nossa Santa Fé contra os inimigos della
„ unio, e ajuntou a obrigaçaõ de Cavalleiro pro-
„ fesso desta Ordem com a magestade de sua Real
„ Pessoa; com taõ alta determinaçaõ de voto mi-
„ litar, e taõ substancial vinculo de obrigaçaõ,
„ que tem os Cavalleiros desta milicia, com as
„ que como Catholico Rey antes tinha, que fi-
„ cando as delRey, e Mestre em hum só sogei-
„ to de sua Real Pessoa sem prejuizo de cada hu-
„ ma dellas, e conservando em ambas sua natu-
„ ral obrigaçaõ, por sua profissaõ nesta milicia
„ a Ordem recebesse accrescentamento de nova
„ honra ante os homens, e sua Real Pessoa al-
„ cançasse

„ cançasse novo merecimento ante Deos, e com
„ hum glorioso exemplo, que dava aos Reys seus
„ successores fizesse taõ alta sua profissaõ, que
„ cumprindo com a obrigaçaõ de Cavalleiro de
„ Christo, cuja milicia professava em presença de
„ poucos, ficasse melhor cumprida a obrigaçaõ
„ de Rey, que no principio do seu Reyno pri-
„ meiramente, e com solemne juramento profes-
„ sara, dando por este acto de devota, e militar
„ profissaõ tanto mais à Ordem, que os Reys
„ seus Progenitores; quanto de mayor estima he
„ darlhes sua Real Pessoa com o titulo de Caval-
„ leiro della, que todas as honras, favores, e mer-
„ ces com que os Reys seus Antecessores a ti-
„ nhaõ levantado. Louvor he (diz o Anjo a To-
„ bias) publicar o segredo de seu Divino Conse-
„ lho, de quem lhe guarda segredo nelle; pelo
„ que na profissaõ, que S. A. fez nesta milicia,
„ quiz Deos declarar ao Mundo, que com espan-
„ to o havia de saber, que a honra desta obra era
„ toda sua, que só de S. A. era o merecimento
„ todo della; Deos foy o Author, que em seu
„ eterno Conselho a ordenou; ElRey nosso Se-
„ nhor foy temporal executor, que fielmente obe-
„ deceo ao que sentio, que por Deos era ordena-
„ do; e assi o mesmo Deos, que inspirou a Re-
„ ligiosos, de aspera, e santa vida, que com mos-
„ tras de penitencia, e devoçaõ, lhe pedissem o
„ effeito desta profissaõ, no mesmo tempo moveo

„ o real coraçaõ de S. A. a efficazmente desejala
„ com taõ admiravel concorrencia de tempo, lu-
„ gar, e pessoas, que sem proceder communica-
„ çaõ alguma destes desejos, no mesmo tempo,
„ e lugar, que S. A. com attenta consideraçaõ de
„ seu juizo buscou para effeituar esta profissaõ,
„ se acharaõ para o servir nas ceremonias della al-
„ guns dos Religiosos, que com taõ grande ins-
„ tancia a pediraõ, tanto que aos que coube ma-
„ yor parte no desejo, coube o principal minis-
„ terio no serviço della; e porque onde se Deos
„ mostra efficaz movedor da vontade faz suave,
„ e facil a execuçaõ della, naõ he de espantar se
„ o que posto em razaõ humana pudera ter mos-
„ tras de difficultoso, e perigoso, pareceo, co-
„ mo verdadeiramente o foy, facil, e seguro a
„ ElRey nosso Senhor, que sentio em seu Real
„ desejo ser o que effeituava obra naõ da eleiçaõ
„ humana, mas de inspiraçaõ Divina; e para que
„ tudo o que em taõ catholica profissaõ succedia,
„ respondesse ao santo zelo com que seu Real pei-
„ to a fazia, ordenou Deos, que escolhesse para
„ o tratar a Villa de Sagres, que he fóra deste
„ Reyno de Portugal, no seu Reyno do Algar-
„ ve; e para o fazer Mosteiro de S. Francisco da
„ Piedade, que he no Cabo de S. Vicente, cha-
„ mado dos antigos Promontorio Sagrado, e que
„ buscasse este lugar, e chegasse a elle navegando
„ pelo mar Oceano vencendo algumas apparen-

„ cias

„ cias dos perigos, que geralmente a imaginaçaõ
„ pudera offerecer a quem naõ tivera seu alto es-
„ pirito em idade de dezanove annos com admi-
„ ravel seguridade, e confiança, para que o prof-
„ pero, e quasi miraculoso effeito desta obra fi-
„ zesse mais certa a esperança dos milagres, que
„ o Senhor Deos nos mostra querer fazer no dis-
„ curso da sua idade vindoura, como os já mos-
„ trou assi em seu nascimento como em todo o
„ progresso da idade já passada. Tem (diz hum
„ Santo) os milagres sua lingua, e aos attentos
„ entendimentos he o que se nelles faz, a lingua
„ com que Deos nos falla nelles; chamarse o Ca-
„ bo Sagrado nos declara a modestia, e discipli-
„ na de seus costumes; ser Cabo, nos disse, que
„ este foy o mais eminente Cabo, e mais alto cu-
„ me da honra, que a Ordem podia receber; pro-
„ por ella o Rey, que na terra he Soberano, foy
„ imitando a Christo Nosso Senhor, cuja Milicia
„ professava pela uniaõ de Cavalleiro em sua Real
„ Pessoa, se faria como irmaõ de todos os Caval-
„ leiros della; e o que com exemplo de suas vir-
„ tudes excellentes continuamente nos ensina por
„ esta devota incorporaçaõ na Ordem, sem obri-
„ gaçaõ regular de Mestre della, fica verdadeiro
„ Mestre do esforço, grandeza, e zelo, que ou-
„ tros Reys em taõ catholico exemplo poderaõ
„ imitar, e seus subditos aprender. A nova insig-
„ nia da Setta, que por devoçaõ do glorioso Mar-

„ tyr S. Sebaſtiaõ, ſeu Protector, e Padroeiro
„ deſtes Reynos, S. A. novamente accreſcentou
„ ao pé da Cruz, que he antigo, e ſubſtancial
„ habito da dita Milicia, em ſinal de mayor honra
„ que ſe nella póde alcançar, declara o deſejo,
„ que tem de fazer novas merces, e honras a
„ quem por novos, e naõ coſtumados ſerviços
„ as merecer; e como as occaſioens de taõ gran-
„ des ſerviços ſejaõ raras, e mais raros os que nel-
„ las os coſtumaõ fazer, ficará eſta accidental dif-
„ ferença ſendo ſubſtancial premio, que muitos
„ deſejem conſeguir com mayor reputaçaõ, e eſti-
„ ma, por ſerem poucos os que com merecimen-
„ tos iguaes a tanta honra a poſſaõ pelo tempo
„ alcançar; as outras accidentaes differenças na
„ honra inferiores guardada ſempre a ſubſtancia
„ do habito eſſencial deſta Ordem, que com voſ-
„ co eſpera tratar, ou ordenar as couſas da refor-
„ maçaõ dellas, daõ evidente ſignificaçaõ da von-
„ tade, que S. A. tem de honrar a muitos; por-
„ que aſſi quiz ordenar a diviſa da Setta no pé da
„ Cruz, que foſſe como branco, e ſummo pre-
„ mio de poucos; que ficaſſe eſperança de mais
„ ordinaria honra a muitos, que por coſtumados
„ ſerviços a podem mais geralmente merecer; e
„ naõ ſómente por eſta reformaçaõ de acciden-
„ taes differenças ſe repreſenta a policia dos Ro-
„ manos, que na diſciplina militar, e premio del-
„ la ſobre todas as nações do Mundo floreceraõ,
„ fican-

„ ficando as differentes fórmas dos habitos ſeme-
„ lhantes às Coroas Muraes, e Caſtrenſes, com
„ que ellas remuneravaõ as differenças dos ſerviços
„ na guerra, mas tambem póde com razaõ pare-
„ cer, que por eſta nova Ordem, que para ma-
„ yor perfeiçaõ da antiga, e mayor honra della
„ S. A. eſpera dar, fica eſta Milicia temporal, e
„ humana mais conforme aſſi à Celeſtial do exer-
„ cito Angelico, onde tambem ſe vem tres Je-
„ rarchias de Eſpiritos, repartidas cada huma en-
„ tre ſi em tres Ordens differentes, como a or-
„ dem divina, que as criou, e Chriſto Noſſo Se-
„ nhor tem em ſeu Reyno eterno, nas differen-
„ ças das honras com que ſatisfaz aos Santos; os
„ trabalhos, e ſerviços, que na vida peleijando
„ contra os eſpirituaes inimigos lhe fizeraõ; onde
„ por naõ terem iguaes os merecimentos dos que
„ ſerviraõ fica ſendo com juſtiça differente, e deſ-
„ igual a honra do premio, ſendo porém tal o
„ eſſencial objecto de todos, que fiquem com a
„ clara viſta delle honrados, bemaventurados, e
„ contentes; onde finalmente naõ ſómente ſe ve-
„ rá a differença na gloria dos corpos depois da
„ geral Reſurreiçaõ, pela qual razaõ ſe compara
„ o reſplendor delles ao do Sol, da Lua, das
„ Eſtrellas, mas ainda nos premios accidentaes
„ como ſaõ as Coroas chamadas Aureolas; os eſ-
„ tados dos Martyres, dos Doutores, das Vir-
„ gens, entre ſi, e dos outros Santos ſeraõ ſepa-

„ rados,

„ rados, e distinctos. Desta vontade que S. A.
„ tem de honrar esta Ordem, e os Cavalleiros
„ della, procedem as ceremonias da solemnidade,
„ e apparato com que quer ordenar em melhor
„ fórma os mantos antigamente usados nella, e as
„ Festas, tempos, e lugares em que se usaraõ os
„ collares de ouro, e outras insignias de mayor
„ demonstraçaõ da authoridade, e honra, que a
„ Ordem por S. A. professar as obrigaçoens dos
„ Cavalleiros della, conseguio, ficando por esta
„ profissaõ o Cabo de S. Vicente, a Villa de Sa-
„ gres, e o Mosteiro de S. Francisco edificado,
„ onde o corpo do Santo Martyr aportou, por se-
„ rem buscadas todas estas circunstancias de lu-
„ gar, e de tempo com eleiçaõ deliberada de S. A.
„ com mayor fama, e nome, que pelos grandes
„ accrescentamentos de patrimonio, e honra, que
„ do mesmo lugar por mar, e terra a Ordem nes-
„ tes tempos passados ganhou, e adquirio; ma-
„ yormente mostrando S. A. devoçaõ particular
„ ao glorioso Martyr S. Vicente, em cuja presen-
„ ça, e das sagradas reliquias de seu corpo S. A.
„ fez profissaõ tomando-o primeiro por padrinho
„ no acto que se armou Cavalleiro, como que de
„ sua maõ recebia o estoque com as palavras com
„ que o esforçado em suas victorias glorioso Ca-
„ pitaõ Machabeo a recebeo da maõ do Profeta
„ Jeremias, quando lhe disse, que recebesse aquel-
„ la espada para defensaõ da Religiaõ Catholi-
„ ca,

„ ca, e verdadeira, e para abatimento, e con-
„ fissaõ dos inimigos della; pelo qual respeito do
„ voto reverencial accresceo a S. A. o glorioso
„ Martyr S. Sebastiaõ, seu padroeiro, tomasse
„ S. Sebastiaõ a seu cargo a saude corporal del-
„ Rey nosso Senhor, que em seu dia nascera dese-
„ jado para Rey, e ficasse a cargo de S. Vicen-
„ te a honra, e augmento da Milicia de Christo,
„ que em sua presença, e em sua Casa recebia,
„ e isto em dia de S. Mattheus, em que seus Ca-
„ pitães em Africa valerosamente contra os Mou-
„ ros pelejaraõ, e sendo tanto à vista della o lugar
„ onde professava, que pareceo queremos Deos
„ augurar as esperanças às victorias, que nas Con-
„ quistas delles, no progresso do tempo, e com
„ as preparações de taõ alta empreza necessarias
„ nos promette o resplendor admiravel de suas vir-
„ tudes; seu invencivel coraçaõ nos perigos, sua
„ singular paciencia nos trabalhos, que em mui-
„ tas obras suas extraordinarias, seus bem afor-
„ tunados successos por mar, e por terra; como
„ o foraõ os da navegaçaõ, e caminho, que pa-
„ ra effeito desta obra S. A. buscou, e ordenou;
„ e se com olhos humanos se pudera ver o fogo
„ do fervente zelo, que em seu real peito ardia
„ quando se determinou a este effeito de sua mi-
„ litar profissaõ, vira-se a insignia da Cruz com
„ que S. A. se armara ser viva imagem daquella
„ em cuja virtude esperamos, que seja felicissimo
„ ven-

„ vencedor. O estoque declara sua firmeza, e „ constancia em defensão de seus vassallos; a bandeira representa que não será menos sua gloria „ de quando proceder com seus Cavalleiros em „ fórma de exercito militar do que he agora o contentamento de se verem todos em fórma de congregação religiosa. Desta merce feita à Ordem, „ desta honra feita aos Cavalleiros della; desta „ sua devota determinação de que será testemunho perpetuo na memoria dós homens a Cruz „ muito mais impressa em seu coração, do que „ póde ser de fóra no vestido expressa, e figurada; desta nova fórma, e ordem que reformando em melhor, e mais honroso modo o antigo „ estado della S. A. ora pertende ordenar, pareceo-lhe bem a S. A. darvos conta neste dia da „ Conceição sagrada de Nossa Senhora, por ser „ Festa, que a Ordem tem propria, e ser dia que „ S. A. tem particular devoção, por ser o em que „ os Serenissimos Principes D. João, e D. Joanna, de saudosa, e louvavel memoria, depois „ de celebrarem o Sacramento dó matrimonio com „ as solemnidades devidas, se recolherão em suas „ casas, o que deu a todos certa esperança da successão, que de ambos se vio, como todo o „ Reyno desejava; pelo que tambem he a Festa „ de commum, e geral obrigação de todos os „ Reynos, e Senhorios, e Estados, que debaixo „ do amparo de S. A. vivem seguros, e contentes,

„ tes, e isto sendo todos congregados para este „ Capitulo Geral, que passado este dia ha de co- „ meçar a celebrar, para que tendo perfeita in- „ formaçaõ de sua catholica tençaõ, e voluntaria „ profissaõ nas obrigaçoens, que tem os Cavallei- „ ros della, com mayor amor, e cuidado cum- „ praes as obrigaçoens da vossa religiosa, e mili- „ tar por mar, e por terra; e como por mar, e „ por terra esta sagrada, e animosa milicia se di- „ latou, e quando mayor semelhança, e confor- „ midade de todos vem a S. A. pela insignia da „ Cruz, que declara a obrigaçaõ em que se poz „ de empregar sua Real Pessoa, e estado em ser- „ viço de Nosso Senhor Jesu Christo, tanto ma- „ yores merces, e honras espereis de grandeza, „ e virtude de S. A. todos os que lembrados da „ vossa profissaõ nesta Milicia no comprimento „ della foreis dignos das merces, e honras, que „ representaõ insignias de premios differentes, pa- „ ra que naõ faltasse o summo premio aos pou- „ cos, nem a esperança aos muitos, e assi ficasse „ fazendo merce, e honra a todos.

110 Entre as supplicas, que ElRey D. Sebastiaõ fez a S. Pio para a reforma das Ordens Militares, era a principal huma Setta com que fora martyrizado S. Sebastiaõ, para dignamente a collocar no magnifico Templo, que em Lisboa estava erigido a este sagrado Heroe; porém como a morte intempestiva do Summo Pontifice

Manda Gregorio XIII. a El-Rey huma Setta com que foy martyrizado S. Sebastiaõ.

impedisse satisfazer ao desejo do nosso Principe, lho cumprio seu successor Gregorio XIII. mandando significar por Pompeyo Lanoya, seu Camereiro Secreto, o sentimento, que recebera com a noticia da morte da Princeza D. Joanna de Austria, e juntamente lhe entregou a Setta banhada no sangue do valeroso Martyr S. Sebastiaõ, e para infallivel atestaçaõ de ser verdadeira expedio o seguinte Breve.

„ Gregorius Papa XIII. Charissimo in Chris-
„ to Filio Nostro Sebastiano, &c. Permagnum
„ est, quod cupit Majestas Tua, ut tibi largia-
„ mur unam ex sagittis illis quibus invictus Chris-
„ ti Martyr Sebastianus pro illius nomine confra-
„ ctus fuit; quarum duæ in ejus Templo, quod
„ in hac Urbe est, sanctissime servantur, summâ-
„ que cum populi veneratione, & lacrymis, ac
„ votis visuntur, &c. Harum igitur sagittarum
„ unam innocentissimo imbutam sanguine mitti-
„ mus Majestati Tuæ per dilectum filium Pom-
„ peum Lanoyam Cubicularium nostrum Secre-
„ tum; quam te omni honore accepturum, ac
„ convocata populi multitudine, pie, sancteque
„ alicui Templo dicaturum non dubitamus, &c.
„ Datum Romæ apud Sanctum Petrum sub An-
„ nulo Piscatoris die 8 Novembris 1573 Pontifi-
„ catus nostri anno secundo.

111 Deste sagrado donativo, com que a liberalidade Pontificia satisfez os ardentes desejos

do

do nosso Principe se lembrou o Virgilio Portuguez com estas canoras expressoens.

Muy alto Rey a quem os Ceos em sorte
Deraõ o Nome augusto, e sublimado,
De aquelle Cavalleiro que na morte,
Por Christo foy de setas mil passado;
Pois delle o fiel peito casto, e forte
Co o Nome Imperial tendes tomado,
Tomay tambem a Setta veneranda
Que a vos o successor de Pedro manda.

Camões *Rim. Var.* Tom. 4. Part. 2. Oit. 3.

112 Assistia ElRey em Almeirim, quando chegou à sua presença o Enviado do Papa, e lhe entregou a Setta envolta em seda encarnada, e fechada em hum cofre de prata forrada de tella carmezim. Para se celebrar com o devido culto taõ preciosa reliquia se convocou o Clero da Villa de Santarem, e das terras circunvisinhas, e formada huma numerosa Prociffaõ, levava a reliquia o Arcebispo de Lisboa D. Jorge de Almeida debaixo do pallio, cujas varas sustentavaõ o Cardeal D. Henrique, o Senhor D. Duarte, o Enviado do Papa, o Embaixador de Castella, e D. Pedro Diniz. Recolhida a Prociffaõ, e celebrada Missa de Pontifical pelo Arcebispo D. Jorge de Almeida, recitou huma elegante Oraçaõ o Doutor Antonio Pinheiro, cuja facundia era sempre o ultimo ornato das mais celebradas funções.

Pompa com que foy recebida a Setta, que mandou o Pontifice.

CAPITULO XXII.

Ordena ElRey por diversas Cartas ao Vice-Rey D. Antonio de Noronha como deve governar o Estado. Morrem Lourenço Pires de Tavora, e Andre de Rezende, de cujas pessoas se faz merecida memoria.

1573 113 O Espirito militar delRey D. Sebastiaõ naõ sómente animava aos Soldados para as emprezas da Africa, mas tambem se extendia às da Asia, sendo todo o seu desvélo, que naõ prevalecessem contra o nome Christaõ os torpes sequazes do Mahometismo. Conhecendo que em toda a idade fora o Oriente theatro glorioso das façanhas Portuguezas, onde a fortuna alistada debaixo das nossas bandeiras nos concedera multiplicados triunfos, e que voltando a sua inconstante roda se fizera parcial das armas do Samorim no infeliz sitio de Chale, escreveo com severidade ao Vice-Rey D. Antonio de Noronha, para que comettidos os ministerios da Justiça, e da Fazenda a homens dignos de taõ altas incumbencias se applicasse unicamente a promover as emprezas militares, sendo a principal abater o orgulho do Samorim, e purificar com o sangue deste barbaro a injuria, que recebera o Estado em a tragica expediçaõ de Chale. Entre diver-

diversas Cartas, que sobre esta materia lhe escreveo ElRey, se distinguia a seguinte, escrita em Evora a 8 de Março deste anno de 1573.

Carta delRey para D. Antonio de Noronha, Vice-Rey da India.

„ O caso de Chale, em que já vos comecey a fallar por duas vezes, nesta Carta houvera ser a primeira, e a derradeira cousa, que „ vos nella escrevera: vi o que sobre isso me es„ creveis em huma de vossas Cartas, e inconve„ nientes, que vos foraõ apontados, querendo „ vós logo proceder na guerra contra o Samorim „ para o deixardes entaõ de fazer, e sendo este „ caso quaõ espantoso, e vergonhoso póde ser, „ e nunca visto em Portuguezes, nem esperado „ delles, naõ podia deixar de haver nisto muitas „ culpas, e de muitos; e supposto, que algumas „ seriaõ mayores, que outras, mal se poderia re„ cuperar a honra, e reputaçaõ deste Estado, se „ naõ desseis logo hum grande, e extraordinario „ castigo ao Samorim, e naõ o tendo vós posto „ em effeito em tal maneira, de que eu me deva „ satisfazer (o que eu naõ posso cuidar, que em „ tal materia houvesse tamanho descuido, grande „ abatimento da opiniaõ Portugueza he tardar „ tanto) pelo que vos encomendo, e mando, que „ nisto vos desveleis, e em cousas taõ vistas naõ „ ha para que seja necessario conselho, senaõ no „ modo de as fazer; e quanto ao fazer da Forta„ leza de Chalè, e lugar della fareis o que for mais „ meu serviço, &c.

Merece

Elogio de Lourenço Pires de Tavora.

Barbos. *Fast. da antig. e nov. Lusit.* Tom. 1. pag. 547. §. 7.

114 Merece distincta lembrança nestas Memorias Lourenço Pires de Tavora, cujas acções politicas, e militares lhes servem de decoroso ornato. Recebendo de seus illustres progenitores Christovaõ de Tavora, e D. Francisca de Sousa a mais qualificada nobreza, subio a ser mais augusta com o seu proprio merecimento. Desde o berço se ensayou para Heroe, suffocando como outro Hercules na idade de dezaseis annos as serpentes Africanas no infeliz combate de Arzilla, onde sacrificou a vida em obsequio da patria seu irmaõ Alvaro Pires de Tavora. Depois de exercitar nesta marcial palestra os seus espiritos, restituido à Corte acompanhou no anno de 1535 ao Serenissimo Infante D. Luiz em a famosa expediçaõ de Tunes, em que deu de sua valentia naõ vulgares argumentos. Intentando ElRey D. Joaõ o III. confederarse com Muley Aamet, Rey de Fez, o nomeou Embaixador a este barbaro no anno de 1541, donde voltando foy eleito pelo mesmo Monarca Ayo de seu filho natural D. Duarte, a quem ternissimamente amava, para que o instruisse nas artes dignas de seu nascimento. Para adquirir novos timbres ao seu nome, sahio da barra de Lisboa no anno de 1546, capitaneando seis náos para a India, e informado em Cochim do formidavel poder com que ElRey de Cambaya tinha cercado a Fortaleza de Dio, defendida pela valerosa constancia de D. Joaõ Mascarenhas,

carenhas, passou valerosamente a esta Praça para ser companheiro dos perigos, e das glorias de seus defensores, onde para se distinguir de todos foy o primeiro, que intrepidamente montou a trincheira, em que pelejavaõ o Vice-Rey D. Joaõ de Castro, sendo hum dos gloriosos instrumentos da victoria, com que totalmente se humilhou o orgulho delRey de Cambaya. Coroado de gloriosos troféos se restituhio à Patria, e depostas as armas, empunhou o Caduceo para representar com o caracter de Embaixador aos seus Soberanos em' as mais celebres Cortes da Europa. A Magestade de D. Joaõ o III. o mandou no anno de 1548 a Alemanha ajustar com seu cunhado Carlos V. os desposorios da Princeza D. Joanna de Austria com seu filho o Principe D. Joaõ, a qual acompanhou no anno de 1552, com pompa digna de taõ plausivel funçaõ, até entrar em Portugal. Com o mesmo caracter foy a Inglaterra, para que a herdeira desta Coroa se desposasse com o Infante D. Luiz: e supposto que foy inutil esta negociaçaõ, descobrio com prudente sagacidade os motivos porque se naõ concluio. Semelhante ministerio exercitou na Curia Romana sendo eleito no anno de 1559, pela Rainha D. Catharina na menoridade de seu neto ElRey D. Sebastiaõ, onde nos Pontificados de Paulo IV. e Pio IV. alcançou para este Reyno singulares indultos da liberalidade Pontificia. Tanta era a authoridade,

Andrade *Chron. delRey D. Joaõ o III.* Part. 4. cap. 95.

O Excellentissimo Conde do Vimioso *Vid. do Inf. D. Luiz* pag. 97.

thoridade, que conciliou na Cabeça do Mundo, que além dos elogios, com que os Principes do Vaticano louvaraõ a sua prudencia, e piedade, se resolveo o Senado Romano pelos votos dos Consules Paulo Bubalo, e Marcello Altamirano nomeallo Senador Romano, e que este honorifico titulo fosse hereditario na sua esclarecida descendencia. Restituido a Lisboa em o anno de 1562, mereceo por premio desta Embaixada a gratificaçaõ do Principe, e o applauso do povo. Como o seu talento era igualmente capaz para o Gabinete, que para a Campanha, nunca esteve ocioso em beneficio da Patria, alternando venturosamente as negociações de Mercurio, com as emprezas de Marte. Ameaçada a Praça de Tangere pelo altivo animo de Xarife Muley Abdala Rey de Marrocos foy nomeado Governador desta Praça para onde partio a 15 de Abril de 1564 com huma poderosa Armada, onde entre as muitas victorias, que alcançou dos Mouros, se distinguiraõ duas, alcançada a primeira do Alcaide mór de Arzilla Cide Boho Bontuda, e a segunda no anno de 1566 dos filhos deste barbaro, com que coroou a vigilante providencia do seu governo. Ornado de tantas acções politicas, e militares, em que deixou immortalizado o seu nome, se retirou ao lugar de Caparica fronteiro à Cidade de Lisboa, onde se preparou com actos religiosos para alcançar a Coroa promettida aos Jus-

Menezes *Hist. de Tanger*. liv. 2. §. 53.

tos.

tos. Avizado pela violencia de huma enfermidade ser chegado o termo da sua vida, recebeo com grande ternura os Sacramentos, e faleceo a 15 de Fevereiro de 1573, quando contava o anno clymaterico de 63. Foy casado com D. Catharina de Tavora, Dama da Rainha D. Catharina, filha de Ruy Lourenço de Tavora, Conselheiro de Estado, que morreo na viagem, quando hia nomeado Vice-Rey da India, e de D. Joanna da Cunha. Deste matrimonio teve a D. Christovaõ de Tavora, que foy muito aceito a El-Rey D. Sebastiaõ, a Alvaro Pires de Tavora, e Ruy Lourenço de Tavora, herdeiros de seu marcial espirito, e politica capacidade. Jaz em a Capella mór do Convento dos Religiosos Arrabidos do lugar de Caparica, fundaçaõ sua, e sobre a sepultura está gravado o seguinte Epitafio.

Sepultura de Lourenço Pires de Tavora do Conselho de Estado delRey D. Sebastiaõ Instituidor, e Padroeiro desta Casa de Capuchos da Santa Provincia da Arrabida. Falleceo de idade de sessenta, e tres annos em 15 de Fevereiro de 1573 havendo só finco semanas que descansava em sua casa dos muitos serviços, que fez a este Reyno na paz, e na guerra assim na Asia, como na Africa, e Europa.

Fr. Antonio da Pied. *Chron. da Prov. da Pied.* Part. 1. liv. 2. cap. 3.

115 Naõ foy menos lamentavel para Portugal neste fatal anno de 1573 a morte do insigne

Elogio de André de Rezende.

Antiquario André de Rezende ſuccedida a 9 de Dezembro em a Cidade de Evora, onde teve feliz oriente em o anno de 1498. Na tenra idade de dous annos orfaõ de ſeu pay Pedro Vaz de Rezende, foy vigilantemente educado por ſua mãy Angela Leonor Vaz de Goes, de igual nobreza à de ſeu conſorte, que conhecendo a viveza de engenho de que liberal o dotara a natureza, o mandou inſtruir em os documentos capazes da ſua comprehenſaõ. Aliſtado em a ſagrada milicia da Ordem dos Prégadores aprendeo em Salamanca letras humanas com Antonio Nebriſſa, e Ayres Barboſa, Oraculos da lingua Grega, e Latina, em cujos idiomas ſahio peritiſſimo, naõ ſendo inferior o progreſſo, que fez nas ſciencias ſeveras recebendo as inſignias Doutoraes na faculdade da Theologia. Para augmentar a erudiçaõ ſagrada, e profana, paſſou a Pariz, onde conciliou as eſtimações de Joaõ Vazeo, e Rogerio Reſcio, egregios profeſſores das letras humanas. De Pariz paſſou a Bruxellas obrigado das ſupplicas de D. Pedro Maſcarenhas, Embaixador delRey D. Joaõ o III. a Carlos V. para que o inſtruiſſe na erudiçaõ profana, a que muito o inclinava o genio, onde recebeo a funeſta noticia de ſer morta ſua mãy, por cuja cauſa voltando à Patria no anno de 1534, o nomeou ElRey D. Joaõ o III. Meſtre de ſeus irmãos D. Affonſo, D. Henrique, e D. Duarte, para cujo effeito impetrou

petrou do Pontifice o mesmo Monarca, que mudasse o habito religioso pelo Clerical; e posto que viveo o largo espaço de trinta e cinco annos fóra do Claustro, observou sempre exactamente a disciplina regular. Na sua Patria edificou huma quinta, em que a copia das plantas competia com a abundancia das aguas, e a este ameno domicilio se retirava alguns dias altercando com pessoas eruditas controversias literarias. Em casa propria contigua ao Palacio Archiepiscopal abrio huma palestra, que era frequentada dos principaes moradores de Evora atrahidos da sua vasta erudiçaõ. Imitou na Poesia lyrica a Horacio, e na heroica a Virgilio. Observou religiosamente os preceitos da lingua Latina affectando algumas vezes termos menos usados em obsequio da veneravel Antiguidade. Practicou com felicidade a Arte da Musica, cantando suave, e tangendo déstro diversos instrumentos. Foy insigne na Oratoria Ecclesiastica, merecendo ser Prégador delRey D. Joaõ o III. e do Cardeal D. Henrique. Em a indagaçaõ dos Monumentos Romanos foy incansavel, levando nas jornadas, que fazia, diversos instrumentos para os extrahir das entranhas da terra. Estes singulares dotes lhe conciliaraõ a estimaçaõ de grandes Principes, e dos mais celebres Filologos de todas as nações, como foraõ Jeronymo Osorio, Damiaõ de Goes, Achilles Estaço, Jeronymo Cardoso, Erasmo Roteredamo, o Cardeal An-

tonio Paccio, Martim Asplicueta Navarro, e Ambrosio de Morales, com os quaes conservou perpetua communicaçaõ. Mandou edificar a sua sepultura à entrada da casa do Capitulo do Convento dos Dominicos de Evora, onde entre a frialdade das cinzas conserva o ardente affecto com que sempre amou a taõ illustre Mãy. Morreo quando contava setenta e cinco annos de idade, podendo competir com este numero o das suas eruditas obras, das quaes, como da sua pessoa, se faz extença memoria no Tom. I. da minha *Biblioth. Lusit.* desde pag. 161. até 170.

CAPITULO XXIII.

Prosegue Francisco Barrèto a empreza de Monomotapa, onde morre com saudade devida aos seus merecimentos.

1573 116 REduzidos à obediencia das nossas armas os Mouros da Ilha de Pate, navegou Francisco Barreto de Moçambique com vinte embarcações a 13 de Novembro de 1571 ao grande rio de Cuama, e a 18 de Dezembro do referido anno chegou a Sena, lugar ainda que humilde habitado de Portuguezes, e Mouros, que de Melinde, Mombaça, Quiloa, Sofala, e Moçambique commutavaõ varios generos pelos negros

negros da Cafraria. Capitaneava Francisco Barreto setecentos arcabuzeiros, e receando os Mouros visinhos a Sena este apparato militar, como lhe naõ pudessem resistir, se valeraõ da perfida astucia de contaminar com veneno as carnes, que haviaõ comer os Portuguezes, de que alguns inficionados morreraõ, entre os quaes se distinguio Ruy Nunes Barreto, filho do Capitaõ mór. Descuberta por hum dos barbaros a traiçaõ, castigou severamente aos authores della Francisco Barreto, sendo huns degollados, e outros reduzidos a breves pedaços pelo impulso das bombardas.

Traiçaõ dos barbaros contra os Portuguezes.

117 Como o principal intento de Francisco Barreto era a conquista das Minas da prata, e a naõ podia conseguir sem a sogeiçaõ dos barbaros, que habitavaõ desde Sena até à Provincia de Chicova, berço fecundo deste estimado metal, e firmar as pazes com o Monomotapa, Emperador da Cafraria, que he Senhor do Chicova, lhe mandou por Embaixadores a Francisco de Magalhães, e Francisco Rafaxo. Partiraõ a 15 de Novembro de 1572, com hum Enviado do Emperador, que lhe pedira o nosso Governador. Falecido em Tete Francisco de Magalhães, foy o seu companheiro continuando a jornada, e chegando a Massapà, povoaçaõ de Portuguezes, a 17 de Fevereiro deste anno de 1573, esperou pelo Enviado do Emperador, e com elle entrou em Simbaoè, Cidade Imperial do Monomotapa, e havendo

Manda Francisco Barreto Embaixadores ao Monomotapa.

vendo varias controversias sobre o ceremonial, com que havia ser recebido, teve Francisco Rafaxo a primeira audiencia do Emperador a 28 de Abril, a quem propoz os Capitulos da sua instrucçaõ, dictados, e assinados por Francisco Barreto, que eraõ os seguintes.

Capitulos da Embaixada, que mandou Francisco Barreto ao Monomotapa.

„ Primeiramente dizey ao Monomotapa, „ que eu sou mandado pelo muito alto, e muy „ poderoso, e Christianissimo Rey D. Sebastiaõ, „ meu Senhor, a renovar pazes com elle, assen„ tar o trato, e commercio desta terra, e alim„ par todas as espinhas, que impedem aos Por„ tuguezes o caminho para as suas terras, e que „ por essa razaõ comecey pela terra do Mongaz, „ e me fico fazendo prestes para ir alimpar os es„ pinhos de outras terras, e abrir estrada franca „ para communicar com Sua Alteza, com que „ ElRey meu Senhor deseja muito ter commer„ cio, e amizade.

„ Em segundo lugar lhe dizey se lembre „ S. A. de que por sua propria vontade, e de al„ guns vassallos, e Senhores do seu Reyno, e de „ sua mãy consentio ser bautizado pelo Padre D. „ Gonçalo, e por tanto ficou obrigado a seguir „ a Fé Catholica, e guardar os Mandamentos da „ Ley de Deos, o que até agora naõ fez. Que „ a queira guardar com os mais daqui por dian„ te, vivendo como verdadeiro Christaõ, e que „ para isso lhe mandarey lá Padres, se os quizer;

„ e que

„ e que se assim o naõ fizer perderá sua alma, e
„ ficará excluido da Gloria, e Bemaventurança
„ eterna, e que esta he a principal lembrança,
„ que lhe manda fazer ElRey meu Senhor.

„ Dizey-lhe em terceiro lugar, que os Mou-
„ ros com as muitas mentiras, e falsidades, que
„ disseraõ a S. A. o constrangeraõ a mandar ma-
„ tar alguns Portuguezes, e principalmente ao
„ Padre D. Gonçalo, de cuja maõ recebeo o san-
„ to Bautismo, e a Fé de Jesu Christo, e por
„ quanto este Padre foy à sua Corte como Em-
„ baixador, e Legado do Visorey, que entaõ
„ era da India, posto por ElRey meu Senhor,
„ e confiando na sua palavra, e verdade, deve
„ S. A. dar a devida satisfaçaõ destas mortes man-
„ dando-me entregar todos os Mouros, que in-
„ tervieraõ nestes negocios, mormente na morte
„ do Padre D. Gonçalo, ou lançallos das suas
„ terras em hum anno, que começará da notifi-
„ caçaõ desta lembrança, da qual se fará assento,
„ e quanto mais cedo os lançar mais brevemente
„ se faraõ as pazes, que naõ podem ser firmes,
„ havendo Mouros na terra.

„ Em quarto lugar lhe direis, que para sa-
„ tisfaçaõ dos muitos, e grandes gastos, e despe-
„ zas, que se fizeraõ com as Armadas, em que
„ vim de Portugal, e se fazem de presente com
„ a gente, e Soldados, que trago nestes rios à
„ custa da fazenda delRey meu Senhor, e em sa-
„ tisfaçaõ

„ tisfaçaõ da morte do Padre D. Gonçalo, e mais „ Portuguezes, que tambem foraõ mortos, me „ ha de dar para a Coroa, e Eſtado delRey meu „ Senhor todas as minas de prata, que ha nas ſuas „ terras, e de que ſe naõ ſerve, e as minas de „ ouro da Maſſapà, e Matao, e as mais, que „ S. A. quizer dar, e conceder com algumas ter- „ ras perto dellas para eu me ir aſſentar nellas com „ os Portuguezes, e eſtar mais perto de S. A. pa- „ ra melhor o poder ſervir.

Repoſta do Emperador ao Embaixador.

118 Ouvio attentamente o Emperador todas as clauſulas contheudas na inſtrucçaõ de Franciſco Barreto, e reſpondeo ao primeiro Capitulo, que eſtimava muito a chegada do Capitaõ mór, e que logo que foſſe recebido na ſua Corte determinariaõ o modo, com que ſe haviaõ vencer os obſtaculos, que impediaõ o commercio, e a amizade entre a ſua Peſſoa, e ElRey de Portugal. Ao ſegundo Capitulo reſpondia confeſſando ter recebido o bautiſmo da maõ do Padre D. Gonçalo, a quem mandara privar da vida pelos malicioſos artificios dos Grandes do ſeu Reyno, de cuja injuſta, e barbara execuçaõ eſtava ſummamente arrependido. Ao terceiro Capitulo diſſe, que para conhecer por mentiroſos os Mouros baſtava a falſidade, com que Munhe Maça, Capitaõ delles, affirmara, que Franciſco Barreto trazia comſigo o Quiteve, que reynava entre Sofala, e Manica, ao qual mandara matar em caſtigo

go da ſua mentira. Ultimamente ao quarto Capitulo reſpondeo, que voluntariamente cedia a El-Rey de Portugal as minas de prata, pois ſe dignava de o mandar viſitar de parte taõ remota do ſeu Imperio, querendo conſervar com elle paz inalteravel. Naõ correſpondeo o effeito à promeſſa, pois toda a vigilancia deſte barbaro ſe empregava, em que naõ foſſem deſcubertas as minas, como a experiencia moſtrou a Franciſco Barreto.

119 Tinha eſte valeroſo Capitaõ triunfado de ſeis mil Cafres em a Cidade de Mongàz, e chegando a Chicova aſſentou o ſeu arrayal. Entenderaõ os barbaros, que o intento do noſſo Capitaõ era deſcobrir as minas da prata, e para naõ ſerem obrigados a eſte deſcobrimento deſampararaõ a terra. Hum delles com doloſo artificio conduzio a alguns Portuguezes a huma parte, em que tinha occultado quatro arrateis de prata diſtantes huns dos outros, e como affirmaſſe, que cavando achariaõ o imaginado Potoſi, ſe lhe deu largo premio; porém auzentando-ſe de noite o barbaro, ſe achou ao dia ſeguinte ſómente a prata que elle tinha ſepultado. Conhecendo Franciſco Barreto o engano, e por conſequencia fruſtradas as eſperanças do deſcubrimento das minas, voltou para Tete, deixando em Chicova duzentos Soldados, e por ſeu Cabo Antonio Cardoſo de Almeida. Para ſe defenderem dos Cafres, formaraõ os Portuguezes huma trincheira, em quanto ſe

Engano armado por hum barbaro em o deſcobrimento das Minas da prata.

esperava o descobrimento das minas. Os Cafres sentindo-se vexados com a visinhança dos Portuguezes, se resolveraõ quebrar aquelle jugo, para cujo fim convidaraõ aleivosamente ao nosso Capitaõ para lhes mostrar o lugar das minas em remuneraçaõ da benevolencia, que com elles usava. Sahio o Capitaõ com cem Soldados a huns matos conduzidos pelos Cafres, aos quaes acomettendo improvisamente tres mil feras, reduziraõ a mayor parte a varios pedaços, e supposto que venderaõ as vidas muito caro, ainda se retiraraõ alguns à tranqueira. Victoriosos os Cafres, cercaraõ aquelles, que a guarneciaõ, que naõ podendo tolerar o rigor da fome, sahiraõ desesperados contra os inimigos, que a naõ serem soccorridos de huma grande multidaõ, certamente seriaõ despojo das suas espadas, acabando infelizmente naquellas incultas Provincias taõ famosos, e illustres Soldados.

Morte infeliz dos Soldados Portuguezes.

Morre Francisco Barreto, e se faz o seu elogio.

120 A infausta noticia deste successo penetrou taõ altamente a Francisco Barreto, que em breves dias o privou da vida neste anno de 1573. Foy este insigne Varaõ filho de Ruy Barreto, Alcaide mór de Faro, e de D. Branca de Vilhena, filha de Manoel de Mello, Alcaide mór de Olivença. Dos seus heroicos espiritos foy a primeira palestra a Regiaõ de Africa, donde passando à Asia com o posto de Governador do Estado fez immortal o seu nome. Restituido à Patria foy General

Sousa *Orient. Conquist.* Part. 2. Conq. 5. Divis. 1. §. 12.

General da Armada, que ElRey D. Sebastiaõ expedio a favor de Filippe Prudente para a conquista do Pinhaõ de los Velez, em cuja empreza obrou taes façanhas, que lhas agradeceo este Monarca com dadivas generosas, e expressoens honorificas. Nunca deixou de servir ao seu Soberano, ainda que fosse com diminuiçaõ do seu caracter, pois tendo sido o decimo nono Governador do Imperio Asiatico Portuguez, obedeceo prompto para a expediçaõ de Monomotapa, a que naõ correspondeo o effeito às prudentes disposições do seu juizo. Casou com D. Brites de Ataide, que faleceo dous dias depois da sua partida. Sempre durará a sua memoria nos Fastos da piedade Catholica, por ser zeloso Propagador do Evangelho, assim na India, como na Cafraria.

CAPITULO XXIV.

Acomette o Achem a Fortaleza de Malaca com huma formidavel Armada, que he destruida pelo insigne Capitaõ Tristaõ Vaz da Veiga.

121 CEgamente obstinado, e barbaramente contumaz persistia ElRey 1573
do Achem na conquista da Fortaleza de Malaca, naõ lhe servindo de fataes documentos para o seu desengano as famosas victorias, que delle alcan-

çaraõ D. Leoniz Pereira, e Mem Lopes Carrasco, dos quaes fizemos distincta memoria nos annos de 1568, e 1569, como tambem o sentimento, que profundamente lhe penetrou o peito com a espantosa derrota do Hidalcaõ, e Nizamaluco, seus confederados, cuja arrogancia ficou sepultada debaixo dos muros de Goa, e de Chaul. Esquecido de successos taõ infaustos, e estimulado do rancor, que tinha aos Portuguezes, terceira vez se animou a conquistar Malaca, e para este effeito appareceo em 13 de Outubro deste anno de 1573, com huma formidavel Armada de noventa e tantas velas, entre as quaes se distinguiaõ vinte e cinco galés, e trinta e quatro fustas com sete mil Soldados. Sendo noite desembarcou improvisamente, ordenando se lançasse fogo à povoaçaõ do Ilher, situada na parte Occidental de Malaca, que certamente seria breve despojo da voracidade do fogo, se naõ fora extincto por huma copiosa chuva, que pareceo milagrosa.

Formidavel Armada do Achem contra Malaca.

Lemos *Cerc. de Malac.* Part. 1. cap. 6. 7. e 8.

122 Acodio a impedir o progresso desta fatalidade com mayor zelo, que prevençaõ, D. Joaõ de Bandara, Capitaõ dos Gentios, onde perdeo lastimosamente a vida, merecedora de mais larga duraçaõ pelas acções obradas nos cercos passados. Intentou o Achem abrazar as nossas náos, que estavaõ ancoradas debaixo da Fortaleza, mas recebeo dellas tanto damno, que sahio com a Armada para o rio Muar, cinco legoas distante de

Morre infelizmente D. Joaõ de Bandara.

de Malaca, onde impedia todo o genero de soccorro para a nossa Fortaleza, a qual se via reduzida à ultima miseria, taõ exhausta de mantimentos como de defensores, atenuados huns com as doenças, e consumidos outros com a fome, e sobre tudo com as esperanças perdidas de soccorro, para o qual eraõ precisos seis mezes de demora. Conhecendo os moradores de Malaca, que pelos excessos da cubiça, e sensualidade era a Ninive do Oriente, o fatal estrago, que lhes ameaçava aquelle arrogante barbaro, merecido pela enormidade das suas culpas vagavaõ pelas ruas implorando a Divina Misericordia, para que naõ permittisse fossem as suas vidas sanguinolento despojo dos inimigos de seu santo Nome. A estes lastimosos clamores condescendeo o auxilio superior, chegando casualmente àquelle porto Tristaõ Vaz da Veiga com huma náo, que hia carregar de pimenta à Ilha de Sunda, ao qual instantemente rogaraõ, que quizesse ser o redemptor do calamitoso perigo a que estavaõ expostos, para cuja gloriosa empreza lhe offereceraõ os navios, que estavaõ ancorados debaixo dos muros da Fortaleza.

Oppressaõ em que estavaõ os sitiados.

123 Naõ duvidou o alentado Capitaõ de aceitar a incumbencia, que pela desigualdade de forças era certamente temeraria, constando todo o poder, com que buscava taõ formidavel Armada, da sua náo, outra de hum Mercador de Cochim,

Resolve Tristaõ Vaz da Veiga acometter a Armada do Achem.

chim, tres galeotas velhas, e cinco fustas, taõ faltas de artilharia, e munições, como de gente sem disciplina da navegaçaõ, e muito menos de guerra. Antes do combate se preparou Tristaõ Vaz da Veiga com as invenciveis armas dos Sacramentos, segurando que se Deos lhe concedesse victoria dos inimigos do seu Nome, nunca pediria por este successo remuneraçaõ a ElRey, porque o Ceo o destinara instrumento da felicidade, que se esperava. Ao romper da manhãa navegou para o rio Fermoso, distante doze legoas de Malaca, por estar informado, que nelle estava a Armada inimiga. Tanto que a avistou, deixando entregue a sua náo a Manoel Ferreira com instrucçaõ do que havia obrar no conflicto, se meteo em huma galeota, onde com a espada na maõ ordenou a sua Armada, e animou aos Soldados, que lembrados da Fé, que professavaõ, e do credito da naçaõ, que tantas vezes tinha vencido aquelles barbaros, naõ receassem o combate de que haviaõ sahir victoriosos.

Faria *Asia Portug.* Tom. 2. Part. 3. cap. 13. §. 5.

124 O estrondo da artilharia deu principio ao conflicto, sendo feliz prologo da victoria abordar Tristaõ Vaz da Veiga a Capitanea do Achem, de que se seguio triunfar de huma galé Fernaõ Peres de Andrade, e fundar outra Fernaõ de Lemos, render outra com a espada Francisco de Lima, submergir tres, e desmastrear quatro Manoel Ferreira. Temeroso o Achem, que toda a Armada

Trava-se a batalha com que foy desbaratado o Achem.

mada

mada naufragasse pelo impulso dos Portuguezes, fugio com eterna injuria do seu nome, perdido o pendaõ da Capitanea, à qual confusamente seguiraõ as outras náos, que escaparaõ da ultima desgraça, deixando onze fustas consumidas pelo fogo, e derrotadas pelo ferro, e setecentos Soldados entre mortos, e feridos, faltando unicamente cinco dos nossos. Triunfante de inimigo taõ poderoso esteve tres dias Tristaõ Vaz da Veiga esperando no lugar do conflicto, para se coroar com segunda victoria, e no fim delles voltou a Malaca, onde foy recebido com festivas acclamações, por ter libertado aquella Fortaleza da formidavel invasaõ de inimigo taõ poderoso, como obstinado.

CAPITULO XXV.

Morre alentadamente em Tangere Ruy de Sousa de Carvalho, Governador desta Praça, de cuja pessoa se faz hum breve elogio.

125 TInhaõ corrido dez annos, quando com a memoravel defensa da Pra- 1573
ça de Mazagaõ havia immortalizado o seu nome o insigne Capitaõ Ruy de Sousa de Carvalho, e para que a fama lhe continuasse as acclamações devidas à heroicidade do seu peito, o nomeou em

em o anno de 1572 ElRey D. Sebastiaõ, Governador da Praça de Tangere, confiando que ao dominio da sua Coroa sogeitaria toda Africa menos ardente que o espirito de taõ grande Heroe. Acompanhado com quinhentos Cavalleiros, repartidos em nove Companhias, composta cada huma de cincoenta Soldados, de que eraõ Capitães D. Fernando de Menezes, D. Joaõ de Azevedo, Pedro da Sylva, irmaõ de Lourenço da Sylva, Regedor da Justiça, Pedro Moniz, filho de Febos Moniz, Francisco Barreto de Lima, D. Francisco de Castellobranco, irmaõ do Meirinho mór, D. Gilianes da Costa, Diogo Lopes da Franca, Contador de Tangere, e o Adail Simaõ Lopes de Mendoça, chegou Ruy de Sousa a Tangere, onde passado pouco tempo lhe offereceo a fortuna hum conflicto como preliminar obsequio à valentia do seu braço. Esquecidos os Mouros do lamentavel estrago, que tinhaõ padecido em Mazagaõ a impulsos deste grande General, se animaraõ os Alcaides de Alcacer, Arzilla, e Tetuaõ, com dous mil cavallos a provocar a nossa gente a 21 de Setembro, no campo chamado *A decida*. Promptamente sahio Ruy de Sousa contra os inimigos, e travando-se hum formidavel combate pelo espaço de duas horas, naõ podendo os Mouros romper o nosso esquadraõ, se retiraraõ confusos, e destroçados, mandando para final da victoria o Capitaõ mór tocar as trombetas,

Parte para Tangere Ruy de Sousa de Carvalho.

Alcança huma victoria dos Mouros.

betas, cujo armonico estrondo sendo plausivel aos vencedores era funesto aos vencidos.

126 Como no peito de D. Sebastiaõ ardia intensamente o desejo de reduzir Africa ao seu dominio, lhe pareciaõ lentos, e vagarosos os progressos, que naquella Regiaõ obravaõ as nossas armas, e arrebatado deste pensamento, escreveo a Ruy de Sousa de Carvalho, increpando-o de ser pouco activo na guerra, que devia promover contra os Mouros, de cuja inercia era causa o desposorio, que celebrara com D. Maria da Sylveira, preferindo as delicias do thalamo aos perigos da campanha. Estimulado Ruy de Sousa com esta reprehensaõ, que arguia de imprudente o seu governo, e de remisso o seu valor, desprezando os casos funestos à sua vida, que precederaõ ao sahir de casa acompanhado de trinta cavallos acudio ao rebate da tranqueira, chamada da *Fome*, onde se encontrou com dous mil cavallos, capitaneados pelos Alcaides Cid Albequerim Bentud de Arzilla, e Cid-Azut Bentud de Alcacere, filhos de Cid Hamet Bentud, que levavaõ quasi vencidos aos Fronteiros Antonio Pereira de Berredo, que depois governou Tangere, e Thomé da Sylva. Naõ esperou por mayor soccorro Ruy de Sousa, e acomettendo primeiramente Francisco Barreto de Lima, D. Antonio Pereira, D. Francisco de Menezes, Lourenço de Lima, Pedro da Sylva, D. Antonio da Cunha, e seu ir-

He increpado por ElRey D. Sebastiaõ.

Sahe ao campo com trinta Soldados contra dous mil cavallos dos inimigos.

maõ Pedro da Cunha, Bento Rozeima, cunhado de D. Joaõ Lobo, Manoel de Macedo, e Manoel Mendes Collaço delRey, peleijaraõ valerosamente perdendo a vida Bento Rozeima, e a liberdade D. Antonio da Cunha; ferido no rosto, e privado de hum olho D. Antonio Pereira, e fora cativo D. Diogo de Menezes, se o naõ salvara Joaõ de Ramos.

127 No tempo que o conflicto estava mais furioso na entrada da tranqueira, como os inimigos fossem em o numero muito superiores aos nossos, vieraõ correndo pela parte onde estava sómente com a sua Companhia Ruy de Sousa de Carvalho, que era a tranqueira da *Sylveirinha*, que edificara em obsequio do appellido de sua esposa. Armado de generosos espiritos naõ recuzou entrar em taõ desigual combate, onde depois de ter por largo tempo disputado a victoria aos inimigos, cahio trespassado com cento e dez feridas, naõ havendo parte em o seu corpo em que podessem os barbaros empregar os instrumentos da sua vingança. Deste sanguinolento espectaculo era unica testemunha sua mulher, que assustada, e solicita clamava de huma janella, que se soccorresse aquelle Cavalleiro, que taõ heroicamente peleijava contra multidaõ taõ immensa, ignorando que era seu marido. Passado o conflicto, como os Fidalgos que peleijaraõ na vanguarda fossem carregados pelos Mouros, e naõ podes-

He lastimosamente morto.

podessem ser soccorridos intentaraõ voltar; porém achando occupada a retaguarda pelos inimigos, abriraõ com as lanças enristadas caminho por onde se restituiraõ à Cidade, e ignorando o lugar onde estivesse o Capitaõ mór, depois de feita a diligencia, que pédia o seu cuidado, o acharaõ morto, e despojado dos vestidos, causando-lhe o mayor espanto o numero de feridas, que recebera seu corpo, que eraõ tantas bocas, que publicavaõ o caro preço porque vendera a vida, conservando nas mãos grande copia de cabellos arrancados das cabeças dos Mouros. Foy conduzido o cadaver para a Sé, onde se lhe deu honorifica sepultura. Sentio com tanto excesso ElRey D. Sebastiaõ a morte deste grande Capitaõ, que em sinal do seu sentimento mandou fechar as janellas do Paço, e escreveo a D. Maria da Sylveira com taes expressoens, que lhe diminuiraõ o pezar da falta de seu marido, fazendo merce da Commenda de Béja, que vagara por elle, a seu filho Pedro Alvares de Carvalho, que ainda era menino. A mayor demonstraçaõ passou a estimaçaõ, que ElRey fazia de taõ distincto vassallo, pois na primeira jornada, que fez a Africa, perguntou, em que parte jazia o Capitaõ Ruy de Sousa de Carvalho, e sendo conduzido à Cathedral de Tangere, lhe lançou agua benta sobre a sepultura, rezando-lhe hum responso, cujas ceremonias mandou ao Bispo que fizesse.

Honra ElRey com grandes expressoens a memoria de Ruy de Sousa de Carvalho.

128 Foy Ruy de Sousa de Carvalho filho de Pedro Alvares de Carvalho, e de D. Maria de Sousa, filha de Martim de Tavora. A nobreza que lhe concedeo liberal a fortuna, a fez mais respeitada com as suas heroicas acções, de que foy glorioso theatro a Praça de Mazagaõ invadida no anno de 1562 por Muley Hamet, filho delRey de Marrocos, com cento e cincoenta mil combatentes. Pelo dilatado espaço de vinte e cinco annos servio a Patria como Soldado, e como Capitaõ em as occasiões de mayor perigo alcançando acclamações de valeroso, e elogios de prudente. Consumio em beneficio da Coroa mais de doze mil cruzados, que recebera em dote de sua mulher. Nunca correspondeo o premio ao seu merecimento, por ser superior a tudo que lhe podia dar a fortuna; e para naõ ser accuzado de menos attento ao respeito do Cardeal D. Henrique, quando governava ao Reyno pela menoridade delRey D. Sebastiaõ, aceitou huma Commenda de Santiago em Béja, de lote de quatrocentos mil reis. Como se vaticinara a breve duraçaõ da sua vida, supplicou pouco antes da sua morte a ElRey se lembrasse de sua mulher, e filhos, pois estava onerado de muitas dividas, que contrahira em seu real serviço, e que se naõ attendesse a supplica taõ justificada, estava resoluto a vir recolherse no Castello de Lisboa, para segurança de seus acredores, até que S. A. ordenar

Elogio de Ruy de Sousa de Carvalho.

nar que se lhes pagasse. Seja eterno brazaõ da sua memoria o elogio, que lhe fez Filippe Prudente, quando entrando em Lisboa lhe apresentou seu filho Pedro Alvares de Carvalho a camiza de seu pay banhada em sangue, e rasgada em muitas partes pelas lanças Africanas. *Dios te haga tan buen Cavallero como fue tu padre*; e lhe lançou o habito militar da Ordem de Christo. Mandou sua mulher D. Maria da Sylveira edificar na Capella do Espirito Santo do Convento de Xabregas, fóra dos muros de Lisboa, que he a primeira da parte direita ao entrar na Igreja, huma sepultura para seu jazigo, e de seu esposo, cujos ossos foraõ transferidos para a dita Capella, na qual se gravou esta inscripçaõ.

Soled. *Hist. Seraf.* Part. 3. liv. 1. cap. 32. §. 207.

Esta Capella he de Ruy de Sousa de Carvalho do Conselho dos Reys deste Reyno, o qual sendo Capitaõ da Villa de Mazagaõ a defendeo do Xarife do cerco, que sobre ella teve anno de 1562 e sendo Capitaõ, e Governador da Cidade de Tangere o mataraõ os mouros pelejando com elles no campo a 2 de Julho de 1573 sendo de idade de trinta e sete annos. D. Maria da Sylveira sua mulher fez esta Capella para elle, e seus herdeiros, a qual falleceo a 16 de Novembro de 1581, e está aqui tambem sepultada.

CAPITULO XXVI.

Determina D. Sebastiaõ passar a Africa, para cuja expediçaõ nomeu por Governador de Tangere ao Senhor D. Antonio, Prior do Crato, e da instrucçaõ que lhe deu. Assiste à bençaõ do Estandarte, que levou o Senhor D. Duarte, e da Oraçaõ que neste acto recitou D. Antonio Pinheiro.

1574 129 O Espirito ambicioso de fama, a natural inclinaçaõ para as armas, e a robusta symetria do corpo concorreraõ uniformemente na pessoa delRey D. Sebastiaõ, para ardentemente anhelar as mayores emprezas militares, com que conseguisse immortal gloria ao seu nome, como vasta dilataçaõ ao seu Imperio. Adulado o genio com a liçaõ das heroicas façanhas de seu augusto avò Carlos V., e dos memoraveis triunfos de Jorge Castrioto, Rey dos Epirotas, cuja vida lhe dedicou seu Author, como tambem com as bellicosas acções de seus coroados predecessores D. Affonso Henriques, D. Joaõ o I., e D. Affonso V., que com a propria espada lavraraõ a Coroa que cingiraõ, se inflamava o seu animo naõ sómente na imitaçaõ, mas ainda no excesso de taõ famosos exemplares, cujas Imagens eraõ o mais decoroso ornato dos Templos

plos

plos de Marte, e de Bellona. Seguindo taõ heroicos vestigios, se resolveo passar a Africa para reduzir ao seu dominio as Praças de Arzilla, Azamor, e Alcacere, que com perniciosa politica, e detestavel deliberaçaõ tinha largado aos Mouros seu avò D. Joaõ o III. Este intento unicamente consultado com a propria vontade o naõ revelou a pessoa alguma, antes para naõ ser penetrado mandou chamar a D. Diogo de Sousa, morador em Evora, e o nomeou Governador do Algarve, para que deste Reyno expedisse a gente, que fosse necessaria embarcarse para Africa; e posto que este Fidalgo conheceo o fim da incumbencia, que lhe dava, como era dotado de grande prudencia o naõ divertio de resoluçaõ taõ temeraria, conhecendo que eraõ infructuosos os conselhos em hum animo dominado de cega paixaõ de conquistar o alheyo, e naõ conservar o proprio.

Resolve ElRey passar a Africa.

Elege por Governador do Algarve a D. Diogo de Sousa.

130 Para esta meditada expediçaõ nomeou ElRey para Governador da Praça de Tangere ao Senhor D. Antonio, Prior do Crato, querendo com o pretexto deste lugar occultar o designio de que lhe fizesse prompto tudo quanto era necessario à conquista que intentava. A 2 de Julho deste anno de 1574, se lançou bando ao som de caixas, e trombetas, para que toda a gente que quizesse alistarse na Infantaria, ou Cavallaria acompanhasse ao Senhor D. Antonio, o qual como

Nomea ao Senhor D. Antonio Governador de Tangere.

como era mais versado nas especulações Theologicas, que nos exercicios militares lhe nomeou ElRey para Conselheiros D. Duarte de Menezes, depois Conde de Tarouca, D. Joaõ de Menezes, Governador que fora da Praça de Tangere, D. Alvaro Coutinho, D. Fernaõ Mascarenhas, D. Gastaõ Coutinho, D. Jorge de Menezes, Joaõ de Mendoça, e D. Antonio de Castro, igualmente distinctos pelo explendor do nascimento, como pela sciencia practica da guerra de Africa, onde foraõ Capitães, e Fronteiros. A taõ illustre comitiva se juntaraõ outros Fidalgos ambiciosos de alcançar fama, e outros Cavalleiros Africanos, que na Corte assistiaõ, requerendo o premio dos seus serviços, aos quaes mandou ElRey dar cavallos, que com os de Tangere se formou o corpo de oitocentos.

Fidalgos que acompanharaõ ao Senhor D. Antonio.

131 Preparado o apparato militar, com que o Senhor D. Antonio passou a Tangere, pareceo a ElRey instruillo com varios documentos por onde havia regular as suas acções, assim politicas como militares, os quaes se reduziaõ às clausulas seguintes.

Instrucções que recebeo delRey o Senhor D. Antonio.

„ Honrado D. Antonio Primo. He de taõ „ grande importancia a vossa ida a Tangere, on„ de vos ora mando pelos effeitos, que espero em „ Nosso Senhor, que de lá se sigaõ para muito „ seu serviço, reputaçaõ destes Reynos, conten„ tamento meu, e honra vossa, que me pareceo „ dever-

„ devervos eſcolher para iſto, ſendo por muy cer-
„ to, que pelo que toca ao que vos aſſim comet-
„ to, e tambem a vós particularmente, e ſobre
„ tudo a meu ſerviço, correſpondereis inteira-
„ mente à obrigaçaõ, que a elle tendes, e ao
„ amor, e muito boa vontade que vos tenho,
„ com tudo o que de vós eſpero, e como me
„ deveis ſempre conhecer, e ſervir por filho do
„ Infante D. Luiz meu tio voſſo pay, que Deos
„ tem, e pela muita que por iſſo faço de vós.

„ E devendo vós levar inſtrucçaõ minha ſo-
„ bre o que deveis fazer naquella Cidade, me pa-
„ receo mandarvola dar em taõ poucas palavras
„ como eſtas ſeraõ, aſſim pela muy grande con-
„ fiança que de vós tenho, como por ſe naõ po-
„ derem pôr regras particulares em couſas de guer-
„ ra, em que as mais certas ſaõ as que dá o bom
„ conſelho das peſſoas de que elle ſe deve tomar,
„ ſegundo os caſos, e acontecimentos o reque-
„ rem. Pelo que vos encomendo, e encarrego
„ muito, que procedais com conſelho em tudo
„ o que houverdes de fazer, e eſpecialmente neſ-
„ tas couſas de guerra, e com iſſo podereis de-
„ pois melhor, e mais ſeguramente tomar aſſen-
„ to, e determinaçaõ nellas; e por certo tenho,
„ que aſſim o fareis, inda que o naõ levareis por
„ minha inſtrucçaõ, e as peſſoas, com que vos
„ aconſelhardes, ſeraõ as que tiverem idade, ex-
„ periencia, e as mais qualidades, que para iſſo

„ ſe requerem, ou ſendo peſſoas de tal qualidade,
„ que por eſſe reſpeito os devais chamar para con-
„ ſelho. Eſcrita em Lisboa a 14 de Julho de 1574.

„ Honrado D. Antonio Primo. Por huma
„ minha Inſtrucçaõ geral, que levais, vos enco-
„ mendo que procedais nas couſas, que houver-
„ des de fazer, e eſpecialmente em as da guerra
„ com conſelho das peſſoas, que tiverem idade,
„ experiencia, e as mais qualidades, que para iſſo
„ ſe requerem, ou ſendo peſſoas de tal qualidade,
„ que por eſſe reſpeito os devais chamar para con-
„ ſelho: e porque hey por meu ſerviço, que niſ-
„ to procedaes em outra maneira, como vos lo-
„ go diſſe, volo quiz declarar por eſta em ſegre-
„ do, tendo reſpeito ao que convém à voſſa au-
„ thoridade em Tangere, e com os Fidalgos, e
„ Fronteiros, que me vaõ ſervir àquella Cidade.

„ Hey por muito meu ſerviço, bem dos
„ effeitos a que vos mando, e honra voſſa, que
„ façais tudo com conſelho deſtas peſſoas Martim
„ Correa da Sylva, D. Joaõ de Menezes de Se-
„ queira, D. Alvaro Coutinho, D. Franciſco de
„ Menezes, Ruy Barreto, Pedro Alvres de Car-
„ valho, Capitaõ de Mazagaõ, e dous outros
„ moradores de Tangere, que tiverem mais ex-
„ periencia da guerra, e hum delles ſerá o Con-
„ tador Diogo Lopes da Franca; eſpecialmente
„ nas couſas da guerra naõ fareis alguma ſem pa-
„ recer das ditas peſſoas aqui nomeadas, ſeguin-
„ do

„ do a mór parte dos votos, quando naõ forem
„ todos conformes, ou presentes, e em outra ma-
„ neira naõ fareis cousa alguma; e dos pareceres
„ das outras pessoas, que pela instrucçaõ geral
„ vos permitto que possais chamar para conselho,
„ naõ fareis conta para mais, que para as ditas
„ pessoas terem aquelle lugar, e os ouvirdes alli
„ naquelles casos sómente em que vos parecer que
„ os deveis chamar, mas naõ para seguirdes os
„ votos, e parecer delles, nem de mais pessoas,
„ que dos nomeados por seus nomes nestas ins-
„ trucções.

„ Ordenareis que haja hum livro, em que
„ se assentem os pareceres do conselho sobre as
„ materias, que nelle propuzerdes, e tratardes,
„ com os principaes fundamentos, em que for a
„ mór parte dos votos, que he o que haveis de
„ seguir, como se contém no Capitulo atraz, nos
„ quaes assentos se assinaraõ sómente as pessoas,
„ que ao conselho se acharem dos nomeados nes-
„ ta instrucçaõ, e se declarará nos ditos assentos,
„ que foraõ conformes nos mais votos, e assim
„ os que tiveraõ differente parecer; e hey por
„ bem que o Doutor Diogo da Fonseca, que
„ vay comvosco por Ouvidor Geral seja Secre-
„ tario do dito conselho para fazer os ditos assen-
„ tos, e ter o dito livro em seu poder pela con-
„ fiança que delle tenho. E por este Capitulo,
„ que mostrareis às pessoas atraz nomeadas nesta

„ instrucçaõ lhe mando, que sejaõ taõ continuos
„ comvosco, e em vos acompanhar, como eu
„ tenho por certo, para que quando houverdes
„ de sahir fóra, os acheis sempre com vosco to-
„ dos, ou os mais, que puder ser, para effeito de
„ vos poderdes com elles aconselhar, e tomar seu
„ parecer.

„ Os Mouros de nova, e avizo, que vos
„ vierem, será muito meu serviço, que os ou-
„ çais (podendo sempre assim ser) com huma das
„ pessoas do conselho, dos que para isso vos no-
„ meo nesta instrucçaõ, alternativamente, ora
„ hum, ora outro, e com tambem ser presente
„ Diogo Lopes da Franca, pela practica, e ex-
„ periencia, que tem destas cousas, e pelo me-
„ nos os ouvireis sempre com o dito Diogo Lo-
„ pes pela informaçaõ que vos poderá dar sobre
„ as cousas, que deveis saber dos taes Mouros,
„ e assim o fareis em todo o caso.

„ E porque em materia taõ grande, e de
„ tal qualidade o conselho, e resguardo saõ muy
„ necessarios para authoridade, e para segurança
„ do modo, assim para naõ pelejar fóra de tem-
„ po, como para se naõ perder as occasiões de o
„ fazer, quando forem taes que se naõ devaõ dei-
„ xar passar. Bem vedes que se naõ podem con-
„ seguir estas cousas, e fazer o que nellas tanto
„ cumpre a meu serviço, e à reputaçaõ de meus
„ Reynos, sem tambem se fazer, o que con-
„ vém

„ vém à nossa honra, com que eu tenho particular conta; e por isso vos mando, que cumprais inteiramente esta instrucçaõ, especialmente em seguir os mais votos das pessoas, que vos nella nomeo, para com elles vos aconselhardes; e sabey que tendes a isto obrigaçaõ como cousa, que vos encarrego debaixo de caso mayor, e eu tenho por certo, que sempre vos será presente a honra da Coroa destes Reynos, e o lugar em que vos eu ponho, e que para isso vos lembrará tambem, que sobre este caso de tomardes conselho segundo a fórma desta instrucçaõ me fizestes menagem. Escrita em Lisboa a 14 de Julho de 1574.

REY.

Jurisdicçaõ geral cometida por ElRey ao Senhor D. Antonio.

„ D. Sebastiaõ por graça de Deos Rey de Portugal, &c. Faço saber aos que esta Carta virem, que eu envio ora D. Antonio, meu muito amado, e prezado primo à Cidade de Tangere para de lá fazer guerra aos Mouros, de que espero em Nosso Senhor se sigaõ effeitos de muito seu serviço, reputaçaõ destes Reynos, contentamento meu, e honra sua delle, e considerando de quaõ grande importancia será esta sua ida a Tangere, e quanta razaõ he, que eu lhe dé jurisdicçaõ larga para bem das cousas, que por meu serviço ha de fazer naquella Cidade, e que elle he tal, que usará della inteiramente,

„ mente, e com a moderaçaõ devida conforme à
„ sua obrigaçaõ, e a muy grande confiança, que
„ delle tenho pelo muy conjunto devido que co-
„ migo tem, e por filho do Infante D. Luiz meu
„ tio, que Deos tem, e me servirá em tudo,
„ como eu o tenho por muy certo, me praz, e
„ hey por bem de lhe dar, como de feito dou por
„ esta presente Carta na minha Cidade de Tange-
„ re toda a jurisdicçaõ civel, e crime, mero, e
„ misto imperio, e que a tenha, e use della nas
„ cousas da justiça em todos os delitos, que na
„ dita Cidade se commetterem, e possa mandar cas-
„ tigar as pessoas, que nelles forem culpadas de
„ qualquer qualidade, e condiçaõ, que sejaõ, até
„ morte natural inclusivè, sem delle haver appel-
„ laçaõ, nem aggravo, por quanto quero, e hey
„ por meu serviço, que tudo nelle faça fim, e
„ use da jurisdicçaõ, que lhe assim dou por esta
„ Carta taõ inteiramente, como eu fizera, se
„ presente fora: e outro sim quero, e me praz,
„ que nas cousas civeis tenha jurisdicçaõ até quan-
„ tia de trinta mil reis sem appellaçaõ, nem ag-
„ gravo: notifico assim a todos os Fidalgos, que
„ ora me vaõ servir à dita Cidade de Tangere, e
„ aos que nella estaõ, e ao diante a ella forem,
„ e a todos os officiaes assim de justiça, de guer-
„ ra, como de minha fazenda, e da governança
„ da dita Cidade, e a todos os Cavalleiros, e
„ moradores della, e a todas, e quaesquer ou-
„ tras

„ tras pessoas que agora, ou ao diante nella esti-
„ verem de qualquer qualidade, preeminencia,
„ e condiçaõ que sejaõ, e mando-lhes a todos em
„ geral, e a cada hum em particular, que obe-
„ deçaõ a D. Antonio meu primo em tudo o que
„ lhes elle mandar, assim nos tempos da guerra,
„ como nos da paz, taõ inteiramente como o fa-
„ riaõ, e devem fazer a mi mesmo; por quan-
„ to quero, e hey por meu serviço, que elle seja
„ obedecido em tudo, como minha propria pes-
„ soa; e fazendo alguns o contrario, (que naõ
„ he de crer, nem eu espero) em tal caso elle
„ os poderá mandar castigar segundo o merecer a
„ culpa de cada hum conforme ao poder, e ju-
„ risdicçaõ, que por esta Carta lhe dou, de que
„ usará inteiramente, e assim lho encomendo, e
„ mando por firmeza de tudo o que dito he, man-
„ dey dar esta Carta por mi assinada, e sellada
„ com o sello de minhas armas. Lopo Soares o
„ escreveo em Lisboa a 14 de Julho do anno de
„ Nosso Senhor Jesu Christo de 1574.

„ Honrado D. Antonio Primo. Pela Car- Jurisdicçaõ particular.
„ ta de poder que levais, vos dou nas cousas da
„ Justiça toda a jurisdicçaõ, mero, e misto im-
„ perio até morte natural inclusivè em toda a pes-
„ soa de qualquer qualidade, e condiçaõ que seja,
„ e pareceo-me naõ levardes nisto limitaçaõ algu-
„ ma naquelle poder, que ha de ser publico, e
„ que seria melhor de darvos por esta Provisaõ
„ em

„ em ſegredo, como hey por bem, que façais
„ ſuſpender a execuçaõ das ſentenças dadas em ca-
„ ſo de morte natural, ou civel contra Fidalgos,
„ que o forem em meus livros, ou de Linhagem,
„ até mo fazerdes a ſaber, e eu mandar o que
„ niſſo ſe fará; o que naõ haverá lugar nos cri-
„ mes, que acontecerem na guerra dos muros
„ para fóra, ou em motins, ou levantamentos,
„ que ſe fizerem, inda que ſejaõ dos muros para
„ dentro, ou nas culpas, que houver nas guar-
„ das dos muros de noite, porque neſtes caſos
„ podereis mandar dar à execuçaõ as taes ſenten-
„ ças nos ditos Fidalgos, poſto que ſeja em caſo
„ de morte natural; e aſſim hey por meu ſerviço
„ havendo reſpeito a ſer a adminiſtraçaõ da juſti-
„ ça couſa propria de Letrados, que para o fa-
„ zerdes executar de maneira, que fique deſen-
„ carregada minha conſciencia, e aſſim a voſſa,
„ e os delictos caſtigados juſtamente, e confor-
„ me a direito, e naõ façais couſa alguma das
„ que tocaõ à Juſtiça ſem o parecer do Doutor
„ Diogo da Fonſeca, que mando comvoſco por
„ Ouvidor Geral, e vos conformeis niſſo ſempre
„ com elle, muito vos encarrego, que com as
„ declarações, que neſta Proviſaõ ſe contém, go-
„ zeis da juriſdicçaõ que levais, porque com as di-
„ tas declarações vola concedo, e naõ em outra
„ maneira. E nos caſos de morte além do Dou-
„ tor Diogo da Fonſeca ſeraõ tambem quatro Fi-
„ dalgos

„ dalgos dos oito, que por huma instrucçaõ par„ticular que levais, vos tenho nomeado para „com elles vos aconselhardes para serem cinco „conforme as minhas Ordenanças; e todos assi„naráõ os despachos, e sentenças, e passaráõ em „meu nome, e nos outros casos em que o Dou„tor Diogo da Fonseca ha de ser só comvosco, „elle sómente assinará os despachos. Escrita em „Lisboa a 14 de Julho de 1574.

132 Determinou-se que se benzesse o estandarte, que havia levar o Senhor D. Antonio, com as ceremonias costumadas, para cuja funçaõ foy destinado o dia 15 de Julho, assistindo ElRey D. Sebastiaõ com toda a Corte em o Real Convento de Santa Maria de Belem, no fim da qual subio ao pulpito o Bispo de Miranda D. Antonio Pinheiro, e com aquella discreta elegancia, e natural energia, de que era summamente ornado, recitou a Oraçaõ seguinte.

Benze-se o estandarte, que levou o Senhor D. Antonio.

Confortare, & esto robustus, quoniam tecum est Dominus Deus tuus. Jos. cap. 1.

„Naõ carece de mysterio ordenar o Espi„rito Santo, como consta da Sagrada Escritura, „que nas illustres victorias tivessem tanta parte „de honra matronas; na victoria delRey Sisara „coube a principal parte a Debora; na de Olo„fernes a Judith, como nos Canticos della cons„ta;

Oraçaõ do Bispo D. Antonio Pinheiro.

„ ta; na victoria de Farao quando elle, e seu „ poder foy alagado no mar roxo, juntando-se as „ aguas que pouco antes tinhaõ parecido terra so„ lida, e dado passo enxuto aos Hebreos a Maria „ irmãa de Moysés se dá muita parte do louvor „ della, ella foy a que de huma parte com as mu„ lheres a mais festejou. Quiz o Espirito Santo, „ que por estas figuras entendessemos, que a Vir„ gem Santissima figurada por estas matronas era „ a que depois de Deos, mayor esperança nos da„ va da victoria naõ menos contra os inimigos „ exteriores, e visiveis com seu soccorro, que „ contra os interiores, e invisiveis com sua aju„ da da graça. Aquella era a torre de David *don*„ *de* estaõ dependurados mil *escudos*, e *donde* „ aos esforçados procedia toda a fortaleza: e pois „ entre seus muitos titulos, tambem he intitula„ da da victoria; o meyo para a qual tambem ha „ graça, a ella peçamos que no la alcance offere„ cendo-lhe a saudaçaõ costumada. Ave Maria.

Confortare, & esto robustus, &c.

„ Muito alto, e muito poderoso Rey, e „ Senhor nosso. Estas palavras disse Deos a Jo„ sué successor de Moysés no governo do povo „ dos Hebreos, e no cargo de conquistar a ter„ ra da Promissaõ, que havia de repartir pelo po„ vo, que lha ajudara a conquistar: querem di„ zer. Está confiado, e peleija com esforço, por„ que

„ que o Senhor he contigo, e esta foy a instruc-
„ çaõ, que deu quando o meteo em posse do car-
„ go de Capitaõ Geral daquella gente.

„ Posto que conste pelos Annaes, e Chro-
„ nicas modernas, e antigas dos Romanos, Gre-
„ gos, barbaros, e pelos Poetas, que em seus fin-
„ gimentos guardaõ o decoro do que convém;
„ que sempre foy costume ordinario, e approva-
„ do, exhortar os exercitos ao tempo, que se
„ punhaõ em ordem de partida; nesta empreza,
„ que das que ElRey nosso Senhor faz em seu no-
„ me, he a primeira, me pareceo devido a este
„ lugar, e cargo abster quanto poder ser de ex-
„ emplos seculares, e profanos, e conformarme
„ com a qualidade da mesma empreza, da qual
„ como seja o principal intento, serviço de nos-
„ so Senhor, e dilataçaõ de nossa Santa Fé, naõ
„ he menos catholica, que esforçada; menos pia,
„ que honrosa; menos religiosa em fim que bel-
„ licosa nos meyos para o conseguir; porque na
„ verdade as razões christãas, e devotas saõ mais
„ solidas, e mais certas, e as que mais animaõ o
„ esforço verdadeiro, e mais asseguraõ successo
„ felice, e glorioso.

„ Entre os muitos exemplos que o Espiri-
„ to Santo deixou na Sagrada Escritura para regra
„ de negocios semelhantes, pois diz S. Paulo,
„ que tudo o que nella he escrito para nossa dou-
„ trina se escreveo; e outro lugar que tudo que

„ aos antigos aconteceo em figura, he para nós „ exemplo de verdade; a mais propria fórma de „ exhortaçaõ neste dia me pareceo ser aquella que „ usou o glorioso, e victorioso Capitaõ Judas, „ do qual se lé no capitulo ultimo do segundo li„ vro dos Machabeos, que todos deveis de pro„ curar de ler, que vendo Nicanor soberbo com „ grande exercito, e mayor presumpçaõ, com pa„ lavras de intoleravel blasfemia, estando o va„ leroso Judas com menor poder, mas com ma„ yor, e mais certa confiança da victoria, por„ que a tinha em Deos, que a dá aos poucos con„ tra os muitos quando he servido, exhortou seus „ Soldados, e Capitães para a batalha, usando „ de quatro motivos para os incitar, e animan„ do-os depois com algumas revelações, que de „ noite lhe foraõ descubertas. *Hortabatur* (diz a „ Escritura) *ut in mente haberent adjutoria sibi fa„ cta de Cælo, & sperarent ab Omnipotente sibi „ affuturam victoriam. Et allocutus eos de lege, „ & Prophetis, admonens etiam certamina, quæ „ fecerunt priùs ..... singulos autem illorum arma„ vit non clypei, & hastæ munitione sed sermonibus „ optimis, & exhortationibus, exposito digno fide „ somnio per quod universos lætificavit.* Esta ordem „ que o Espirito Santo quiz que nos ficasse escrita „ quizera hoje proseguir com seu favor, e ajuda.

„ A primeira razaõ para os exhortar diz, „ que foy a memoria das merces, e favores, que „ Deos

„ Deos fizera daquelle povo. Bem vos podera
„ allegar as que elle lhes lembraria, que feriaõ as
„ maravilhas, que Deos fez em Egypto, onde
„ primeiro com mofquitos, e rãas, e com outras
„ moftras de poder fobre os elementos venceo a
„ dureza de Farao, e o modo com que depois
„ fubmergio no mar roxo feu exercito, e a elle
„ abrindo o mefmo mar para caminho dos He-
„ breos, e affim as miraculofas victorias, que no
„ deferto deu a feu povo contra os Reys, que
„ lhe impediaõ o caminho, como os proveo de
„ paõ do Ceo, e da agua, que os feguiffe; e de
„ tudo o mais naõ fómente do que a neceffidade
„ lhes pedia, mas do que a gula defejava; lem-
„ bralheshia as victorias de Jofué, de Gedeaõ,
„ Jethè, Barach, Sanfaõ, as de Saul, David,
„ Salamaõ, Ezechias, Jofafat, e outros muitos,
„ os quaes efcufo lembrarvos, naõ por antigas,
„ nem acontecidas a outra gente, porque o mef-
„ mo he o noffo Deos *Tu autem idem ipse es*; e
„ feu poder naõ he abreviado, nem menor do que
„ entaõ era, que affim o fentia Elizeo dizendo
„ *Ubi est Deus Eliæ etiam nunc*: nem porque feja
„ o povo Chriftaõ, que Deos fubjugou em lu-
„ gar do Hebreo menos mimofo delle, e menos
„ favorecido, de que daõ certo teftemunho as vi-
„ ctorias de Theodofio, de Conftantino, e de
„ Carlos Magno, e muito mais aquella famofa,
„ que em noffos dias deu a Carlos V. avò del Rey
„ noffo

„ nosso Senhor, com muita razaõ chamado de
„ Paulo III. Carlos Maximo, antepondo neste
„ titulo aos que antes delle tiveraõ titulo de gran-
„ des, que foraõ Alexandre, Cesar, Pompeo,
„ Constantino, e Carlos, o qual o mesmo Em-
„ perador conhecendo ser miraculosa, e divina
„ disse alludindo às palavras de Cesar, que viera,
„ e vira aos inimigos Filippe Lansgrave, e Joaõ
„ Federico, Capitães da conjuraçaõ dos Rebel-
„ des, mas que Deos Nosso Senhor fora o que
„ vencera; e com razaõ, porque naquella insigne
„ victoria naõ menos claro mostrou Deos seu po-
„ der, e favor para elle a alcançar, do que mos-
„ trou a Constantino quando no ar vio *figurada*
„ sua Cruz, e ouvio a voz que lhe dizia *In hoc*
„ *signo vinces*; e do que mostrou a Theodosio
„ quando todos viraõ, que as settas, e lanças,
„ que os inimigos tiravaõ, se voltavaõ com mayor
„ furia contra elles mesmos; e do que mostrou a
„ Carlos Magno (de cujo sangue elle procedia)
„ quando lhe appareceraõ S. Pedro, e S. Paulo,
„ assegurando-o da victoria, que contra Logum-
„ bardos havia de alcançar em defensaõ da Santa
„ Sé Apostolica Romana, cuja authoridade elles
„ tinhaõ opprimido. Mas estes, e outros exem-
„ plos saõ desnecessarios para animar, e exhortar
„ Portuguezes taõ ricos de exemplos proprios em
„ que Deos lhes deu grandes victorias mostrando
„ seu favor com milagres, que mais se podem to-
„ mar

„ mar delles exemplos para animar outros, que de
„ outros para ſerem com elles animados; mais po-
„ demos ſer exemplo para outros, que outros o
„ podem ſer para nós. A fundaçaõ do Reyno de-
„ dicada foy com milagres, o augmento, e ex-
„ tenſaõ primeiro foy a tantas Ilhas, e a tantas
„ partes, e lugares de Africa deſde Ceuta ora do
„ mar mediterraneo por toda a Coſta maritima do
„ mar Oceano, depois por mares ignotos, e eſ-
„ trellas antes nunca viſtas; a navegaçaõ, e con-
„ quiſta dos Reynos, e Provincias taõ remotas;
„ a conſervaçaõ, defenſaõ, e regimento de eſta-
„ dos taõ diſtantes continuo milagre he: mas co-
„ mo diz Santo Agoſtinho, que os milagres or-
„ dinarios com o coſtume perderaõ o eſpanto;
„ aſſim viemos a fazer mayor admiraçaõ dos par-
„ ticulares milagres das victorias, que deſte gran-
„ de, e admiravel milagre; mas em huns, e ou-
„ tros quiz ſempre Deos moſtrar, que ainda que
„ os Reys deſtes Reynos ſejaõ muito poderoſos
„ por terra, e por mar com o esforço de ſeus vaſ-
„ ſallos, ſempre lhes ſeria mayor honra, e poder
„ ſerem poderoſos em Deos, que em ſi, e pode-
„ rem pela protecçaõ da aſſiſtencia Divina, que
„ pelo apparato da potencia humana. Para iſto
„ ordenou que ſendo muy esforçado em ſeu tem-
„ po ElRey D. Affonſo Henriques, author, e
„ fundador deſtes Reynos tiveſſe por ajudadores
„ em ſuas victorias S. Bernardo, e S. Theotonio

„ em

„ em aquella famosa batalha, em que desbaratou
„ cinco Reys Mouros em campo. O mesmo Deos
„ na Cruz, que se lhe apresentou para o animar,
„ lhe poz obrigaçaõ perpetua a elle, e a seus suc-
„ cessores de procurarem com suas armas a Exal-
„ taçaõ da mesma Cruz proseguindo a guerra con-
„ tra os inimigos della; em memoria da qual obri-
„ gaçaõ dahi em diante ajuntou à Cruz propria
„ da nobilissima Casa de Lorena, donde descen-
„ dem, as Chagas figuradas pelas Quinas, obri-
„ gando por este exemplo aos Reys successores,
„ que sempre inteiramente zelassem a honra da
„ Cruz, e exteriormente empregassem suas armas
„ para a destruiçaõ dos inimigos della; dando-lhe
„ Jesu Christo a sentir, que *delle descenderiaõ*
„ Reys, que trazendo-a em seu coraçaõ impres-
„ sa com fervor, representassem o amor em que
„ ardiaõ para a exaltar com mostrarem no peito
„ exterior, e tratos de seu uso expressa, e viva
„ imagem della; e este, e outros milagres com
„ que Deos honrou as victorias daquelles Santos
„ Reys, obrigaraõ o Papa Alexandre III. ao
„ mandar visitar confirmando-lhe seus novos titu-
„ los, accrescentando-lhe graças, e prerogativas,
„ como quem inspirado por Deos já sentia a per-
„ petua, e nunca interrupta obediencia, que os
„ Reys destes Reynos tiveraõ, e teraõ sempre à
„ Santa Sé Apostolica; e o zelo com que procu-
„ raraõ sempre sugeitar a seu jugo, e obediencia
„ novos

„ novos Reynos, e novas Provincias, e taõ na-
„ tural ficou ſempre nos Reys deſtes Reynos o
„ deſejo de extirpar quanto nelles foſſe a malvada,
„ e abominavel ſeita dos Mouros, que ElRey D.
„ Affonſo IV. naõ tendo Mouros já no Reyno
„ que conquiſtar, ajudou a ElRey de Caſtella ſeu
„ ſogro na conquiſta delles, e ſoy tanta parte na
„ victoria do Sallado, quanta moſtraõ os deſpo-
„ jos, e troféos, de cuja honra ſe contentou, e
„ hoje ſe moſtra na ſua ſepultura. ElRey D.
„ Joaõ o I. alguns annos depois começou a con-
„ quiſta de Africa tomando a Ceuta propugnacu-
„ lo da Chriſtandade, chave de toda Heſpanha,
„ porta do comercio do Ponente para Levante.
„ Eſte zelo ſeguiraõ os Reys ſeus ſucceſſores, to-
„ mando lugares para delles mais facilmente lhes
„ fazerem guerra, até que ſobre os paſſados El-
„ Rey D. Manoel com o felice progreſſo do ſeu
„ tempo ſenhoreou muita parte do campo, que
„ reſpondia aos lugares, que tomara, cujas for-
„ ças eſpalhadas, e ſogeitas a cuſtoſos accidentes
„ de cercos, ElRey D. Joaõ o III. ſeu filho re-
„ colheo depois em menos lugares fazendo-os de-
„ pois mais fortes, e mais defenſaveis donde com
„ o meſmo zelo infeſtou aos inimigos com guer-
„ ra continua, e deixou aberta a porta aos Reys
„ ſeus ſucceſſores, que houveſſem de proſeguir,
„ e ainda que neſtas emprezas nunca faltáraõ moſ-
„ tras de as Deos favorecer, como ſuas proprias,

„ toda via porque nas partes remotissimas do Orien-
„ te convinha mais mostrarnos este favor, vio-se
„ no rompimento das Armadas do Soldaõ, e no
„ desbarato, e rota, que duas vezes o Turco taõ
„ desacostumado a ser vencido nos cercos de Dio
„ recebeo; na ruina das suas galés no estreito de
„ Ormuz; quaõ propicio Deos era às nossas Ar-
„ madas, e quanto à sua conta, e honra dellas
„ nem faltaraõ em nossos dias sinaes, e visoens
„ do Ceo em que aos Nizamalucos, Idalcoens,
„ Achens, e outros barbaros confessaraõ, que
„ Deos peleijava por nós, e essa confissaõ lhes era
„ desculpa do damno, que das armas dos Portu-
„ guezes recebiaõ; e assim podemos dizer: *Non*
„ *enim Deus noster, ut Dij eorum, & inimici nos-*
„ *tri sunt judices*; e elles por nós o que pelos He-
„ breos diziaõ os Egypcios. *Fugiamus Israelem,*
„ *Dominus enim pugnat pro eo.* Ora vede quem
„ com tanta certeza de soccorros do Ceo deixa-
„ rá de ser esforçado, e robusto, pois vemos,
„ que Deos naõ menos favorece o fruto da con-
„ versaõ das almas, que os Reys com tanto ze-
„ lo procuraraõ por doutrina, de que favorece as
„ armas com que reprime a soberba, dos que a
„ querem perturbar, e impedir, e assim fica sen-
„ do este o primeiro motivo dos quatro, com que
„ Judas exhortou seus Soldados lembrando-lhe os
„ milagres, com que do Ceo foraõ sempre ajuda-
„ das *in mente haberent adjutoria sibi facta de Cœlo.*

„ O se-

„ O ſegundo motivo de Judas, que foy que „ puzera a confiança da victoria em Deos, e naõ „ em ſeu braço, e esforço, avizo neceſſario aos „ belicoſos, e esforçados, e aos Portuguezes mui„ to mais, cujo invencivel ardor nas armas foy „ ſempre tal, que mais trabalhos deraõ aos Capi„ tães, em os reger, e temperar, que em os ani„ mar, e incitar. Indo David combaterſe com „ Golias, que vinha confiado em ſua força, e „ grandeza, dizia: *Tu venis ad me in haſta, & „ gladio, ego autem in nomine Domini exercituum „ cui exprobaſti.* Tendo Gedeaõ junto hum gran„ de exercito contra os Madianitas lhe mandou „ Deos primeiro deſpir os medroſos, e depois lhe „ mandou deixar todos os que beberaõ debru„ çados no rio; e ficando ſó com trezentos lhes „ mandou, que tomaſſem por armas trombetas „ em huma maõ, e panellas em outra com mur„ rões accezos dentro, dando-lhe por razaõ, que „ o fazia por ſe ver, que em Deos ſe tivera a con„ fiança da victoria, e a elle ſe devia: *Ne quando „ dicat Iſrael meis viribus liberatus ſum*; e aſſim „ no pregaõ, e triunfo da victoria bradava com „ todos: *Domino, & Gedeoni*; e aſſim dizia Da„ vid o que convém com elle digamos: *Non no„ bis Domine, non nobis, ſed nomini tuo da gloriam.* „ E quanto mais cada hum medindo-ſe com ſeu „ eſpirito lhe pareça que lhe baſta o animo, e eſ„ forço para alcançar de quaeſquer inimigos com

„ menor apparato grande victoria, mais convém
„ pôr toda a confiança della em Deos, cuja he a
„ causa dizendo David: *Exurge Domine, judica*
„ *caussam tuam.* Lembrayvos de que a causa he
„ vossa, e assim a victoria naõ será nossa mas vossa.

„ O terceiro motivo de que Judas usou em
„ sua exhortaçaõ foy lembrar aos Soldados a guar-
„ da, e observancia da Ley de Deos, conteu-
„ da na Ley, e aos Prophetas. Podera entaõ aos
„ inconsiderados, e hoje parecer a muitos des-
„ preposito, ao tempo de dar batalha, estar pré-
„ gando a observancia, e guarda da Ley de Deos,
„ e seus Mandamentos, mas nisto quiz o Espiri-
„ to Santo declarar a todos os vindouros quanto
„ mais importava para alcançar grandes victorias,
„ limpeza da vida, exercicio da oraçaõ, da esmo-
„ la, e das mais virtudes, que destreza das armas,
„ apparato de guerra, e os exercicios, e provi-
„ mentos della. Tudo isto necessario he, e seria
„ temeridade com que Deos fosse tentado, e of-
„ fendido, se deixassemos os meyos exteriores,
„ que Deos deixou no discurso da providencia hu-
„ mana; porém quiz, que se entendesse quanto
„ mais eraõ para se temer os peccados, que os
„ inimigos; e muito mais para arrecear os inimi-
„ gos da alma dentro della, que os do Reyno,
„ e Cidade dentro della, e que mais obstava ao
„ bom successo das emprezas da guerra a falta
„ da graça, espirito, fervor, e devoçaõ, que a
„ falta

„ falta do paõ, carne, vinho, e dinheiro; e finalmente que era mayor falta faltar Deos, que „ faltar tudo; e como sentia quanto importava „ crerse isto dos que haviaõ de peleijar, quiz que „ por experiencia de muitos exemplos na Escritura Sagrada nos fosse declarado, tendo Sansaõ „ inteira a gadelha (sinal da graça que o fazia esforçado) com hum osso da queixada de hum jumento desbaratava milhares de Filisteos; como „ Dalila sua amiga (porque foy figura da culpa) „ lha cortou, ficou como jumento fraco, e cego, „ moendo o paõ dos Filisteos. O exercito de Josué, em que entravaõ tantos homens de peleija, „ em quanto careceo de culpa, bastava o temor „ de suas trombetas para derrubar os muros de „ Jericho, e tomar a Cidade; depois que hum Soldado della por nome Achaõ peccou applicando „ furtivamente a seu uso a lamina de ouro, que „ Deos applicava ao seu serviço, logo no combate de outra pequena Cidade com morte de „ muitos ficou vencido. Espanta-se Josué do successo contrario às promessas de Deos; dafelhe „ por reposta, que a culpa de hum debilitou o „ esforço de muitos. *Anathema* (diz Deos) *est* „ *in medio tui Israel.* Soube-se o culpado, e a „ emenda da culpa bastou para alcançar a victoria. Tanto quiz Deos que se visse que a culpa „ impedio o bom successo do esforço, que por „ mostrar o rigor com que castigava a culpa, pas-

„ sou

,, ſou por ſua reputaçaõ, e honra, e teve por
,, menos quebra de ſua authoridade parecer juſto,
,, e fraco para poder vencer, que poderoſo na vi-
,, toria, e fraco na juſtiça.

,, Trazem a Arca do Teſtamento os filhos
,, de Heli ao arrayal confiados que a preſença del-
,, la lhes daria a victoria, permitte Deos que com
,, a morte dos filhos de Heli, que a mereceraõ
,, por ſuas culpas, foſſem vencidos os Hebreos,
,, e a Arca do Teſtamento cativa em poder dos
,, Filiſteos; e pelas maravilhas, que a Arca cati-
,, va entre elles obrava, lhes moſtrou Deos, que
,, deixar de dar victoria aos Hebreos, naõ foy fal-
,, ta de ſeu poder, mas obrigaçaõ de ſua Juſtiça,
,, que faz ficarem vencidos por *ſuas culpas, os que*
,, pela preſença da Arca eſperavaõ ſer vencedo-
,, res. Balaõ certo Profeta, e máo Conſelheiro in-
,, citou a ElRey Barac, que a força do povo de
,, Deos conſiſtia na graça, e ſe os queria vencer
,, como fracos naõ baſtavaõ maldições, nem en-
,, cantamentos; mas que ſe os incitaſſem a peccar
,, com occaſiaõ de mulheres deshoneſtas, e pec-
,, cando perdida a graça poderiaõ ſer vencidos.
,, A Achior Gentio, Conſelheiro de Olofernes,
,, lhe deſcobrio eſta virtude, dizendo, o povo
,, com que peleijamos tem tal Deos, que ſe del-
,, le naõ he offendido, ou ſe logo he por peniten-
,, cia applacado, elle os faz invenciveis; e pelo
,, contrario ſe delle he offendido, elle os entrega
,, a ſeus

„ a ſeus inimigos; e aſſi aconteceo no cerco de
„ Betulia. No livro dos Juizes quatro mil ho-
„ mens de peleija ſe juntaraõ contra o Tribu de
„ Benjamim, e ſendo a cauſa da guerra juſta, e por
„ Deos approvada, na primeira, e ſegunda bata-
„ lha ficaraõ vencidos com morte de trinta e dous
„ mil, que foraõ conſentidores na idolatria de Mi-
„ chas; purgado o exercito deſta culpa na ſegun-
„ da batalha contra os de Benjamim alcançou vi-
„ ctoria. Por iſſo dizia Moyſés a Araõ queixando-
„ ſe de conſentir o povo adorar o bezerro, dizen-
„ do-lhe que deixara nu, e deſarmara o povo;
„ dando a entender, que a graça de Deos era as
„ armas do povo, que ſem ella por mais armado
„ que eſtiveſſe ficava fraco, e deſarmado. No
„ tempo de S. Bernardo ſe juntou a Chriſtandade
„ para conquiſtar a Terra Santa com taõ infelice
„ ſucceſſo, que poucos eſcaparaõ de mortos, ou
„ cativos; era a empreza ſanta prégada por S. Ber-
„ nardo, authorizada pelo Papa com a inſignia
„ da Cruzada, e grandes indulgencias por ella;
„ revelou Deos a Pedro Ermitaõ, que ſe naõ eſ-
„ pantaſſe do máo ſucceſſo della, e caſtigo de tan-
„ tos, porque ante ſua Divina Juſtiça montou mais
„ a culpa dos conquiſtadores, que a cauſa da con-
„ quiſta ſanta; donde ſe vé claramente, que o
„ verdadeiro esforço, e fortaleza conſiſte princi-
„ palmente na reformaçaõ da vida, na frequencia
„ dos Sacramentos, no exercicio das virtudes, na

„ emen-

„ emenda de peccados publicos com castigo ex-
„ emplar; e na dos secretos com devotas confis-
„ soens, saudaveis admoestações; com o bom
„ exemplo dos Capitães, e com zelar grande-
„ mente todos a observancia da Ley de Deos;
„ ella he a que dá victoria aos exercitos, poem
„ esforço aos Cavalleiros; *Fiant* (diz David) *viæ*
„ *illorum tenebræ, & lubricum, & Angelus Do-*
„ *mini persequens eos.* Isto significou Deos avi-
„ sando aos seus da guarda da Ley, e dos Pro-
„ fetas.

„ O quarto motivo foy lembrar a cada hum
„ os feitos de armas em que se achara. Nisto sin-
„ to que tenho pouco, que vos lembrar, por-
„ que todos vos saõ presentes os merecimentos,
„ que tendes proprios, ou herdados; adquiridos
„ por vossa lança, ou ganhados de vossos Mayo-
„ res. Testemunhas saõ de ambas as cousas as
„ Casas, Villas, e Morgados, que herdastes, ou
„ adquiristes; os Habitos, Tenças, Reguengos,
„ e Jurisdicções, Honras, e Titulos testificaõ vos-
„ sos merecimentos, e de vossos antepassados.
„ Quem tantas obrigações tem de seus Mayores,
„ e tantas por si alcançou, bem póde escusar lem-
„ brança alhea, bem se póde crer delle, que te-
„ rá por melhor sorte pôr em perigo a vida, que
„ em risco a honra; os lugares, que em Africa
„ vereis, as tranqueiras, valos, campos, Aldeas,
„ e Lugares, até as portas de Fez, e de Marro-
„ cos,

„ cos, que de nossas armas já foraõ assombradas, „ vos faraõ lembrança de vossos antepassados, que „ nestes lugares, ou venceraõ com muita gloria, „ ou morreraõ com muita honra. As victorias „ serviráõ para as seguirdes; a memoria de suas „ mortes vos moverá para as vingardes; e assi co- „ mo primicias de mayor poder espantareis os ini- „ migos com vosso esforço, que façais novo al- „ voroço aos que ficaõ para seguir vosso exemplo, „ quando a occasiaõ do successo, e o serviço de „ S. A. o pedir.

„ A conclusaõ da exhortaçaõ de Judas foy „ contar aos seus, como Onias Sacerdote lhe ap- „ parecera de noite, dizendo-lhe, que naõ temes- „ se, que elle rogaria a Deos por seu exercito, e „ assi o fazia Jeremias, que logo com elle appa- „ receo. Naõ vos contarey revelações obscuras, „ mas verdadeiras, certas, e claras; dagora por „ diante muitos Rogadores, e Padrinhos tendes „ no Ceo, e na terra; em lugar de Onias, e Je- „ remias tendes S. Sebastiaõ, e S. Vicente, Pa- „ droeiros, e Protectores del Rey N. Senhor, dos „ quaes S. Sebastiaõ, que dedicou seu nascimen- „ to com seu dia, e nome, tem a seu cargo a „ conservaçaõ da saude; S. Vicente da honra, e „ fama no exercicio da milicia, que em sua pre- „ sença professou: ambos, creyo, saõ continuos „ Oradores ante Deos por augmento de seu Esta- „ do, e felice successo de suas emprezas; e como

„ para esta sejaes primeiro escolhidos, e tanto pen-
„ da della a reputaçaõ das outras, que em favor
„ da Santa Fé Catholica com occasiões novas se
„ lhe póde offerecer; muito a seu cargo fica roga-
„ rem por vós, e pelo bom successo desta. Te-
„ mia o Criado de Elizeu vendo o monte cercado
„ de inimigos, e vendo-o Elizeu amargurado de
„ medo, e desconfiado, pedio a Deos lhe abris-
„ se os olhos para ver, que mayores, e melhores
„ exercitos eraõ os que lhes Deos mandara em de-
„ fensa do seu Profeta. Naõ cuideis, que só por
„ vós oraõ Onias, e Jeremias, rogaõ por vós no
„ Ceo muitos Martyres, que onde hides servir,
„ e fazer guerra, testificaraõ com sua morte a ver-
„ dade da Fé, que vós com a lança defendeis; ro-
„ garaõ por vós muitas Virgens, que nessas par-
„ tes receberaõ martyrio, e desejaõ ver nellas
„ Templos, em que Deos seja servido, e suas me-
„ morias veneradas. Rogaõ por vós muitos San-
„ tos Bispos, Confessores, Cypriano, Fulgencio,
„ Valerio, e o grande Agostinho, cujas Igrejas
„ os Mouros tem destruidas, ou profanadas; e
„ pedem a Deos continuamente graça, e força
„ para os Reys deste Reyno extirparem a maldi-
„ ta seita de Mafamede, para que como execu-
„ tores da vontade de Deos libertem aquellas Pro-
„ vincias da servidaõ de Mouros barbaros, e as
„ tragaõ à obediencia da Santa Sé Apostolica, que
„ antigamente tiveraõ. As Orações de tantos San-
„ tos

„ tos nos Ceos se ajuntaõ; as dos gloriosos Reys
„ D. Manoel, e D. Joaõ, cujos corpos enterra-
„ dos nestes sumptuosos sepulchros nos represen-
„ taõ em sombra o resplandor da gloria, com que
„ reynaõ no Ceo; e pareceme, que em espirito
„ vejo sua presença delRey D. Manoel bisavò de
„ V. A. ajudando a S. Vicente darlhe a espada
„ da Milicia de Christo, dizendo ambos as pala-
„ lavras, que ao Macabeo disse Jeremias: *Acci-*
„ *pe gladium in quo dejicies inimicos populi Dei.*
„ Como se dissesse. Recebey Senhor Rey, e bis-
„ neto meu a espada acompanhada de minha fe-
„ licidade, e boa ventura na guerra contra os
„ Mouros vossos Comarcãos; e da outra parte a
„ delRey D. Joaõ, de louvada memoria, seu avò
„ que quasi ajudando-o o Martyr S. Sebastiaõ lhe
„ vem dar por divisa suas Settas, figuradas nas
„ tres, que Jonatas tirou com força; e a força
„ das tres resumio depois em huma, da qual dizia
„ David: *Sagitta Jonathæ numquam est reflexa*;
„ significando estas tres Settas a conquista, e po-
„ der das Provincias remotas, e longinquas, que
„ as armas do poderoso Rey seu neto, e Senhor
„ nosso haviaõ de sojugar, e vencer com a Setta
„ da belicosa potencia; e sogeitar a Deos com a
„ Setta do zelo de nossa Santa Fé; finalmente da
„ obediencia com que folgariaõ de lhe serem so-
„ geitos, os que sentissem a força da Setta de seu
„ amor affavel, e benigno. Juntarsehaõ as ora-

„ ções de taes Reys às que as almas dos glorio-
„ ſos Principes, e Princezas ſeus pays fazem ſem
„ intermiſſaõ a Deos pela proſperidade do ſeu go-
„ verno, augmento do ſeu Eſtado, e proſpero
„ ſucceſſo de todas ſuas emprezas, e conquiſtas;
„ e creſceraõ as petições devotas, e pias dos In-
„ fantes D. Luiz com as do Cardeal D. Henrique;
„ e facilmente ſe póde, e deve crer, que vendo
„ os dous Infantes a honra, e favor, que rece-
„ bem ſeus filhos, creſçaõ em fervor, e perſeve-
„ rança de ſuas petições ſantas; ao menos neſte
„ dia facilmente me perſuado a crer que creſce no-
„ vo gozo no Ceo à alma do Infante D. Luiz ven-
„ do hoje vir o Senhor D. Antonio ſeu filho offe-
„ recer a bandeira ſantificada a *ElRey noſſo Se-*
„ nhor, e que de ſua maõ a torna a receber pa-
„ ra o ir ſervir neſta empreza da guerra contra os
„ Mouros taõ deſejada do Infante ſeu pay, que de-
„ pois que entendeo, que o eſtado do Reyno, e
„ a diſpoſiçaõ das obrigações delle naõ ſofriaõ paſ-
„ ſar em peſſoa a Africa, como deſejava; para ſa-
„ tisfazer em parte o ſeu zelo acompanhou ao Em-
„ perador ſeu cunhado na conquiſta de Tunes on-
„ de moſtrou tanto o valor de ſeu esforço, e con-
„ ſelho, que por confiſſaõ do meſmo Emperador,
„ e de todos os Capitães, e Principes eſtrangei-
„ ros, ao Infante coube a principal gloria do fe-
„ lice ſucceſſo daquella victoria, e conquiſta. A
„ tantas orações do Ceo fortificadas, e augmen-
„ tadas

„ tadas com as da devotiſſima Rainha D. Maria,
„ de louvada memoria, ſe juntaõ as que os Santos da terra fazem por nós, e por voſſo proſpero, e honroſo ſucceſſo; a eſte intento em fim applica ſuas eſmolas, e orações a muito alta, e muito poderoſa Rainha noſſa Senhora, admiravel exemplo de virtude em todos os eſtados, que em eſte Mundo teve; a eſte intento applica o Cardeal Infante ſeus devotiſſimos ſacrificios, e o mais de ſuas ſantas, e piedoſas obras com aquelle zelo com que procura todas as couſas do ſerviço de Noſſo Senhor, bem, e honra deſtes Reynos, ſerviço, e reputaçaõ de S. A. que ſaõ os effeitos, que deſta empreza, e doutra ſemelhante ſe devem eſperar; a eſte fim da voſſa ajuda, e eſpiritual ſoccorro ſe endereçaõ as muitas eſmolas, e orações da muito Catholica Infanta D. Maria, que incitando com grande exemplo as orações de muitas devotas Virgens, e Religioſas dedicadas a Deos, nenhuma couſa pede com mayor zelo, que as do ſerviço delRey noſſo Senhor, e bem do Reyno; principalmente neſta empreza, e outras ſemelhantes a ella, nas quais pelo vario ſucceſſo da guerra aſſi como ha muito que eſperar, ha tambem que recear, e temer; rogaõ por vós na terra muitos Religioſos em ſeus Moſteiros com muitos ſacrificios, orações, jejuns, vigilias, e diſciplinas; pedem a Noſſo Senhor ſaude, proſ-

„ peridade,

„ peridade, victoria para seu serviço; pedem fi-
„ nalmente a Deos todos bom successo quantos
„ cá ficaõ, e quantos lá tiverem mayores penho-
„ res de seu cuidado; pays, e mãys a filhos, mu-
„ lheres a seus maridos, e outros a seus irmãos,
„ parentes, e amigos. Todos sem cessar, como
„ diz a Escritura no Capitulo que alleguey, que
„ faziaõ os que ficavaõ em Jerusalem, se occupa-
„ raõ, e rogaraõ a Deos vos dé victoria com sau-
„ de, e naõ sofre o amor, e charidade estar sem
„ cuidado quem fica com cuidado taõ commum
„ de obrigaçaõ. As mãos de Moysés, que da
„ guerra estavaõ ausentes, diz a Escritura, que
„ se abaixavaõ com o pezo que sostinha: *Mira-*
„ *ris* (diz hum Santo) *in manibus quiescentis pon-*
„ *dus belli, & fortunæ præliantis*; dando a enten-
„ der, que mayor pezo sostinhaõ para o bom suc-
„ cesso da guerra, do que parecia ficar quieto,
„ que do Capitaõ que andava na guerra com a
„ lança em punho; pelo que hoje os Santos do
„ Ceo, e da terra dizem a cada hum de vós:
„ *Confortare, & esto robustus*; levais favor do Ceo,
„ favor da terra, favor do Rey, e Senhor della;
„ naõ está só em vossas mãos a fortuna de Cesar
„ como elle dizia a seus Soldados; poem Deos
„ nesta empreza em vossas mãos sua honra, o aug-
„ mento da nossa Fé, a reputaçaõ do Reyno, e
„ credito do poder, e estado delRey nosso Se-
„ nhor, cujas mayores forças com razaõ temeraõ

„ os

„ os inimigos para se lhe sogeitarem, se sentirem
„ a força, e valor desta primeira mostra dellas
„ usando vós na ordem da peleija do conselho,
„ que o Espirito Santo dava aos Soldados de Ju-
„ das, dos quaes diz a Escritura, que peleijando:
„ *Hastas in manibus, Deum in cordibus habebant,*
„ *& orabant*, e mais solicitos estavaõ todos pela
„ causa de Deos, que pela sua vida propria; e
„ sobre todos a vós muito excellente Senhor Ge-
„ neral nesta empreza convém as palavras do fun-
„ damento: *Confortare, & esto robustus, Domi-*
„ *nus Deus tuus tecum est*, por cuja bençaõ, e
„ santificaçaõ hoje invoca a Igreja Catholica a
„ Deos, e à Virgem Nossa Senhora, e a todos
„ os seus Santos, e Santas. Vede a confiança
„ com que a Santa Madre Igreja vos entrega a
„ bandeira da Cruz de Christo, que ElRey nos-
„ so Senhor seguindo seus Antecessores tem por
„ sua propria, e taõ peculiar, que quiz a rece-
„ besseis hoje com a Setta, que à honra, e lou-
„ vor de Deos, e de S. Sebastiaõ traz de continuo
„ esmaltada; mostrando que assi como era podero-
„ sa em seu esforço, assi a deviaõ ter os que pe-
„ leijassem debaixo da protecçaõ, e amparo de
„ S. Sebastiaõ, por cuja veneraçaõ a traz sugeita
„ à Cruz em que o Senhor triunfou: *Sicut sagit-*
„ *ta in manu potentis ita filii excussorum.* Sejaõ
„ vos sempre presentes as palavras, com que de-
„ pois de benta se vos entregou, dizendo, que
„ rece-

„ recebesseis aquella bandeira santificada com a „ benção do Ceo, para com ella espantardes, e „ vencerdes os inimigos da Igreja; e pois o dia, „ que he dedicado à Cruz accrescenta a solemni„ dade; o Templo em que a recebeis donde os „ que partirem tornarão vencedores; a festa do „ Anjo da Guarda que vem Domingo promette „ prosperidade de successos nesta jornada; as ben„ ções de Reys avò, e tio; de Infantes pay, e „ tios, e sobre todas, as que vos assegura com „ favor a presença delRey nosso Senhor, e o amor „ commum de todos dos que vão, e dos que fi„ cão, razão temos de esperar em Nosso Senhor „ que indo vós, e os que vão com vosco tão che„ yos de bençóes, e de soccorros *Divinos*, e hu„ manos, nos inviareis certas novas da vossa pros„ peridade, e bons successos nesta guerra, com „ que sempre vos cresça o fervor de servir a Deos „ novas merces nesta vida com graça, que nos „ chegue à Gloria.

Sahe de Lisboa para Tangere o Senhor D. Antonio.

133 Sahio do porto de Lisboa o Senhor D. Antonio a 19 de Julho com huma Armada composta de diversos galeóes, e galés, guarnecida de mil e duzentos Infantes, além da gente de cavallo, e chegando brevemente a Tangere foy recebido com festivos applausos merecidos à saudosa memoria, que deixara da suavidade do seu genio em todo o tempo que assistira naquella Praça. Não faltarão rebates dos Mouros, em que o Senhor

D. Antonio moſtrou igual valor em acometter, como prudencia em mandar.

Prepara-ſe o Xarife para a guerra.

134 Certificado o Xarife Muley Hameth de que ElRey D. Sebaſtiaõ determinava paſſar a Africa, e de como tinha chegado a Tangere o Senhor D. Antonio, conheceo claramente, que vinha por Precurſor da guerra eſperada, e para que o naõ achaſſe menos prevenido, começou com grande deſvélo, e continuo trabalho aliſtar gente, e proverſe de todo o genero de armas, e munições. Eſta noticia cauſou tal horror em todos os Mouros, que muitos delles ſe refugiaraõ aos lugares mais diſtantes, e occultos, para que as ſuas vidas naõ foſſem deſpojos das eſpadas Portuguezas.

CAPITULO XXVII.

Parte ElRey D. Sebaſtiaõ para Africa, em cuja auſencia governa o Cardeal D. Henrique. Chega a Ceuta, e como foy recebido neſta Praça.

135 DOminava no coraçaõ delRey taõ ardente affecto de paſſar a Africa, 1574
que naõ foraõ efficazes para impedir eſta temeraria reſoluçaõ as lagrymas de ſua auguſta avó, os conſelhos do Cardeal D. Henrique, e os rogos de ſeu Meſtre, e Confeſſor o Padre Luiz Gonçal-

ves da Camera, conſpirando todos com zeloſa emulaçaõ para naõ effeituar huma acçaõ em que perigava a authoridade da ſua peſſoa, e a conſervaçaõ deſta Monarchia. Porém como eſtava decretada a ruina deſte Principe permittio Providencia mais alta, que executaſſe eſta jornada, que foy o prologo da ſegunda, em que agonizou toda a gloria Portugueza. Para occultar eſte deſignio, logo que ſe embarcou o Senhor D. Antonio, partio para Cintra com o pretexto de paſſar os ardores do Eſtio naquelle ameno ſitio, onde aſſiſtio até que ſe acabou de fabricar no Terreiro do Paço huma galé Real em a qual vindo a Belem a 15 de Agoſto, mandou embarcar, e em outras duas a gente militar, *das quaes nomeou* por Capitães D. Fernando Alvares de Noronha, Jorge de Albuquerque, e Bernaldim Ribeiro, ordenando a Fernando Alvares, que o foſſe eſperar ao porto de Caſcaes, onde determinaria o que ſe havia de fazer. A 17 de Agoſto chegou ElRey a Caſcaes acompanhado do Senhor D. Duarte, o Duque de Aveiro, o Conde do Vimioſo, e outros Cavalheros embarcando-ſe na galé Real, e lhes diſſe que paſſava ao Algarve, para como lugar mais opportuno diſpor algumas couſas pertencentes à guerra de Africa. Tanto que chegou ao Algarve, em cujo porto eſtava ancorado Simaõ da Veiga, que guardava a Coſta com hum galeaõ, e cinco caravellas, lhe ordenou,

Chega ElRey ao Algarve.

denou, que seguisse as tres galés, que viera͂o de Lisboa, e com este apparato naval se resolveo a executar a jornada de Africa, da qual antes de ser manifesta aos Fidalgos, que o acompanhava͂o, fez participante por esta Carta à Serenissima Senhora Infanta D. Isabel, sua tia, esposa do Infante D. Duarte.

„ Senhora. Chegando ao Algarve, e de „ mais perto, e mais particularmente vendo o „ que importará ir a Ceuta, e Tangere, para fa„ vorecer, ordenar, e assentar as cousas, que „ tanto convém, me pareceo com a ajuda de „ Nosso Senhor, partir, e darvos conta disso co„ mo de ta͂o grande, e importante cousa, e sey „ se ha de ver que ey de proceder com tanta se„ gurança, resguardo, consideraça͂o, e conselho „ como he raza͂o; e vou muito bem acompanha„ do, pois levo comigo meu primo Dom Duar„ te, e mando chamar o Duque; e tervoshey „ em merce enviardesme dizer por elle como vos „ achais, e quererá Nosso Senhor será muito bem, „ e elle guarde vossa pessoa como desejaes. Da „ Baya de Lagos a 20 de Agosto de 1574.

Carta delRey para a Infanta D. Isabel, copiada do Original.

REY.

136 Notavel foy a consternaça͂o de toda a Corte, quando teve noticia de que ElRey se tinha ausentado sem se saber para onde partira, lamentando-o huns como morto, e outros claman-

do, que este Principe nascera para causar tribulações, e sobresaltos nos corações de seus vassallos. Semelhantes effeitos de susto, e afflicaõ causou esta noticia a todo o Reyno até que foy informado com certeza por cartas circulares, escritas de Lagos em seu nome, nas quaes ordenava aos Cavalheros, Cidades, e Villas concorressem com gente, e cavallos para a empreza de Africa que executava, sendo a fórma de cada huma a seguinte.

Carta delRey a todo o Reyno para concorrer com gente para Africa.

„ N. Eu ElRey vos envio muito saudar. „ Cheguey a este Reyno do Algarve, e confor- „ mandome com as occasiões do tempo, e pro- „ cedendo nos intentos, practicas, e resoluções „ passadas sobre as materias de Africa, assentey ir- „ me à Cidade de Ceuta, e della à de Tangere, „ tanto que chegar gente com que me pareça que „ o devo fazer; pelo que vos encomendo muito, „ e vos mando, que logo, tanto que esta virdes, „ vos venhaes a Tavira com todos os cavallos, „ que puderdes ajuntar, logo sem dilaçaõ deixan- „ do ordem para virem apoz vós todos os mais „ com que me puderdes servir, e tenho por muy „ certo, que na brevidade, e em tudo o mais „ procedereis como de vós espero, de que eu sem- „ pre terey aquella lembrança que he razaõ, e em „ Tavira deixo ordem do que hey por meu servi- „ ço, que façaes; e querendovos embarcar em „ outra parte para da hi ires direito a Tangere,

„ o po-

„ o podereis fazer. Escrita em Lagos a 20 de „ Agosto de 1574.

REY.

137 Para substituto do governo nomeou El-Rey ao Cardeal D. Henrique, que neste tempo assistia em Alcobaça, e tanto que recebeo a ordem partio para Lisboa, altamente penetrado da temeraria resoluçaõ de seu sobrinho, e do desamparo do seu amante povo. Hospedou-se nas casas de D. Martinho de Castellobranco, situadas ao Limoeiro, onde se juntaraõ os Magistrados da Cidade para se lhe entregar o governo com solemne formalidade, cujo acto se fez a 3 de Setembro, precedendo o juramento, que deu ao Cardeal o Arcebispo de Lisboa D. Jorge de Almeida, para que governasse o Reyno com summa rectidaõ, o qual fez o Cardeal na fórma seguinte.

He nomeado para Regente do Reyno o Cardeal D. Henrique.

„ Eu o Cardeal Infante juro aos Santos „ Evangelhos, que ante mi tenho, que bem, e „ lealmente reja, governe, e defenda estes Rey„ nos, e Senhorios, em nome delRey meu Se„ nhor, em quanto durar a ausencia de Sua Alte„ za, conforme a Patente porque me encarrega, „ e comette o governo delles; e tanto que Sua „ Alteza embora vier, lhe entregarey o dito go„ verno, e sempre servirey, e obedecerey a Sua „ Alteza, e como bom, e leal vassallo; e assim „ juro que conforme a Direito guardarey, e fa-

Juramento que deu o Cardeal quando tomou posse do governo.

„ rey

„ rey guardar em quanto tiver o dito governo a „ todas as pessoas de qualquer estado, e condi„ çaõ, que sejaõ, e às Cidades, Villas, Luga„ res, Igrejas, e Mosteiros destes Reynos seus „ bons costumes, leys, honras, liberdades, pri„ vilegios, graças, e merces, que pelos Reys „ destes Reynos, e por ElRey meu Senhor lhe „ saõ concedidas, dadas, e outorgadas, &c.

138 Deste Auto fez hum largo Termo o Secretario Miguel de Moura, que assinaraõ as principaes pessoas que a elle assistiraõ. O Cardeal se applicou com todo o desvélo à regencia, que lhe fora comettida, ouvindo com attençaõ os pertendentes, premiando com justiça os *benemeritos*, e punindo com severidade *os criminosos.*

Sente com excesso Martim Gonçalves da Camera naõ ser eleito Regente do Reyno.

139 O dispotico imperio, que na vontade delRey tinha Martim Gonçalves da Camera, lhe promettia que fosse eleito Governador do Reyno na sua ausencia; porém vendo nomeado para esta incumbencia ao Cardeal D. Henrique, lhe pareceo ser injurioso à sua pessoa sugeitarse a outrem que naõ fosse ElRey. Estimulado deste altivo pensamento, se retirou para o Convento de S. Domingos de Bemfica, distante meya legoa de Lisboa, de cuja resoluçaõ se escandalisou com excesso o Cardeal, considerando como atrevimento o querer medirse com elle Martim Gonçalves, taõ differente por nascimento, como pela Dignidade, de que se seguio nunca mais ser aceito ao Cardeal,

Cardeal, aſſim no tempo que governou pela auſencia de ſeu ſobrinho, como depois quando cingio a Coroa deſta Monarchia.

140 Para que Deos lembrado da ſua piedade naõ permittiſſe, que ElRey padeceſſe algum ſucceſſo infauſto, ſe faziaõ Preces de Ladainhas pelas ruas, acompanhadas de grande multidaõ de gente, que com lagrymas copioſas, e auſtéras penitencias cauſavaõ piedoſo horror a toda a Corte. Continuavaõ eſtas ſupplicas em os Templos, onde por ordem do Arcebiſpo D. Jorge de Almeida eſtava de dia, e de noite alternadamente manifeſto o Santiſſimo Sacramento, em cuja auguſta preſença aſſiſtia innumeravel concurſo rogando com affectuoſas vozes lhe reſtituiſſe o ſeu Principe livre de todos os perigos a que o tinha expoſto a cega precipitaçaõ de ſeu ardor juvenil. Os Prégadores nos pulpitos, e os Parochos nas Eſtações pediaõ orações aos ſeus ouvintes, confiando da efficacia dellas o feliz deſpacho do Tribunal Divino.

Supplicas a Deos pelo bom ſucceſſo delRey.

141 Entre eſtas perturbações em que fluctuava o Reyno, ſe affligia com exceſſo a Rainha D. Catharina, conſiderando a temeraria reſoluçaõ com que ſeu neto paſſara a Africa, e dividido o coraçaõ em diverſos penſamentos, naõ podia admittir o mais breve deſcanſo, repreſentando-lhe a fantaſia os fataes perigos, que ameaçavaõ a vida delRey, unica ancora em que eſtavaõ firmadas as eſpe-

Escreve a Rainha D. Catharina a seu neto para que volte para o Reyno.

esperanças da Monarchia. Esta consideraçaõ lhe tyrannizava com tal vehemencia o espirito, que naõ podendo moderar pena taõ activa, se resolveo passar pessoalmente a Africa, para conduzir a seu neto, cuja resoluçaõ sendo prudentemente impedida, mandou a D. Rodrigo de Menezes, Védor da Fazenda, que o tinha sido da mesma Rainha, com huma sua Carta escrita a ElRey, em que com a ternura de avó lhe rogava quizesse logo restituirse à sua vista, naõ permittindo ser lastimosa victima da barbaridade Africana; e que se naõ obedecesse a taõ fiel insinuaçaõ, passaria a buscallo com determinaçaõ de acabar a vida onde elle tinha a sua taõ perigosa.

142 Acompanhado D. Sebastiaõ de pequena Armada, que dispuzera para a conquista de Africa, sahio do Cabo de S. Vicente, e depois de visitar as Cidades de Lagos, e Tavira, aportou à Praça de Ceuta, que se nobilitava com o illustre brazaõ de ser conquistada pelo primeiro Joaõ, que venerou o Throno de Portugal. A' entrada da Cidade esperava a ElRey o Senado, a quem humildemente entregou as chaves, e para testemunho mais claro da sua obediencia, e de seu jubilo recitou a seguinte Oraçaõ Fr. Athanazio Sanches, Superior dos Religiosos Trinos, que mereceo geral applauso, por ser quasi de repente composta.

Chega ElRey a Ceuta, e como foy recebido nesta Praça.

„ Mui-

„ Muito alto, e muito poderoſo Rey noſ-
„ ſo Senhor, neſtas partes taõ deſejado como cre-
„ mos de Deos promettido, e a eſtes Reynos da-
„ do para eſpanto, eſtrago, e deſtruiçaõ de to-
„ dos noſſos inimigos: entray muito nas boas ho-
„ ras por eſta voſſa celebre, e antiga Cidade Pri-
„ maz de toda Africa, ganhada à impia, e ſacri-
„ lega ſeita de Mafamede pelo muito grande, e
„ eſclarecido Rey D. Joaõ o primeiro, de glorio-
„ ſa memoria. Deſte fortiſſimo propugnaculo,
„ que com tanta razaõ he de todos havido por
„ chave deſta noſſa Heſpanha, como na verdade
„ o he, eſperamos em Deos Noſſo Senhor, que
„ aſſim como dos Reys, que depois do Conquiſta-
„ dor vieraõ, he V. A. o primeiro, que por eſtas
„ partes alcance muitas, e muy grandes victorias,
„ e deſtrua o poderio, e forças dos inimigos de
„ noſſa Santa Fé Catholica, e a torne a plantar
„ de novo, onde ella antigamente floreceo tanto.
„ Iſto he, o que a lealdade dos voſſos Portugue-
„ zes vos eſtaõ pedindo: iſto he o que o Mar-
„ quez voſſo vaſſallo com tanta razaõ Capitaõ, e
„ Governador por V. A. deſta taõ nobre, e leal
„ Cidade, onde ſeus avòs deixaraõ taõ grande fa-
„ ma em credito da memoria de ſuas esforçadas
„ cavallarias, e os valentes Cavalleiros della vos
„ merecem, a cujas vidas tantas vezes arriſcadas
„ por voſſo ſerviço bem ſe deve toda a honra,
„ merces, e liberdades, que V. A. lhes fizer de-

„ pois de entrar nesta Cidade. Isto he o que es-„ peramos pelo miraculoso, que assim se póde „ chamar, o nascimento de V.A. e por suas gran-„ dezas, que a experiencia nos tem mostrado com „ esperança de outras mayores, que cada dia con-„ cebemos. Queira o Rey dos Ceos, que assim „ seja para sua mayor gloria, e exaltaçaõ da San-„ ta Fé Catholica, accrescentamento de novos „ Estados, honra, e utilidade de todos vossos vas-„ sallos. Amen.

143 Acabada a Oraçaõ foy ElRey recebido com magnifica pompa pelo Marquez de Villa-Real, Governador da Praça, e levado debaixo do pallio por entre duas fileiras de Fronteiros, precedendo o Clero com o Canto do *Benedictus*, chegou à Cathedral, onde rendeo as graças ao Altissimo de ter chegado prosperamente a Ceuta, e logo foy examinar com grande curiosidade a Fortaleza.

Parte o Duque de Bragança para Africa à ordem delRey.

144 Como o intento delRey consistia em naõ voltar a Portugal sem ter rendido à sua obediencia grande parte de Africa, escreveo que logo fossem remetidas a sua Recamera, e Capella, e ao Duque de Bragança, que promptamente partisse com o mayor numero dos seus vassallos, a cuja ordem obedeceo com a brevidade, que lhe foy possivel, sahindo de Lisboa a 18 de Setembro embarcado em huma grande náo Veneziana, que fretara com seiscentos homens de cavallo, e dous mil

Sousa *Hist. Geneal. da Casa Real Portug.* Tom. 6. liv. 6. pag. 145.

mil Infantes armados à sua custa, juntamente com o galeaõ S. Martinho, que conduzia o thesouro, e Capella delRey, e muitos Fidalgos, que se aparelharaõ com summa velocidade para a empreza, que ElRey meditava. Naõ sómente os Fidalgos Portuguezes, mas muitos Castelhanos se offereceraõ a ElRey D. Sebastiaõ, por ter dado faculdade Filippe Prudente, para em seus Dominios se alistar gente para Africa, posto que estranhou como temeraria a resoluçaõ de seu sobrinho.

145 Informado o Xarife Muley Mahamet de ter chegado a Ceuta o nosso Principe com intento de lhe declarar guerra, cheyo de pavor lhe escreveo a seguinte Carta.

Carta do Xarife para ElRey.

,, Cide Ali Senhor dos Senhores da Monar-,, chia, e Imperio de Africa, e de todos seus ha-,, bitantes, Montes Claros, e de todos os sete ,, Reynos, a ti Rey de Portugal saude quanto ,, Alà poem sua potencia de sua morada te con-,, serve. Foyme dito que em o animo, e esfor-,, ço de teu real, e generoso espirito tens empre-,, hendido de vir ver as nossas terras para dardes ,, testemunho de nosso Estado, e para que fiquem ,, mais divulgadas, e conhecidas das gentes, mui-,, to te agradecemos taõ nobre intento; em tudo ,, o que delle, e de nós te cumprir, ou for ne-,, cessario, e de nossos Reynos acharàs tudo, co-,, mo à tua real Pessoa convém; mas se teu in-,, tento he outro, acharàs nossas gentes sempre em

„ campo, para que te façaõ conhecer suas for-
„ ças em damno de teu temerario atrevimento.
„ Dada em a nossa Cidade de Fez, &c.

146 Até o fim de Setembro assistio ElRey em Ceuta occupado no exercicio da caça, com tal confiança como se fora nos bosques de Almeirim. Respeitavaõ com taõ religioso medo os Mouros a sua Pessoa, que nunca se animaraõ a sahir a campo; e vendo ElRey que naõ se offerecia occasiaõ de mostrar o seu valor, se resolveo passar a Tangere, em cujo theatro determinava ostentar os ardentes impulsos do seu espirito. Havendo examinado attentamente a Praça de Ceuta, que fora a chave que fechou a entrada dos Mouros em Hespanha, a qual aberta huma vez foy fatal causa da sua perdiçaõ, e sendo passados setecentos annos, foy heroicamente fechada pelo magnanimo coraçaõ de D. Joaõ o Primeiro, que a conquistou a 21 de Agosto de 1415, partio D. Sebastiaõ para Tangere onde o estava esperando o Senhor D. Antonio, Governador desta Praça.

Passa ElRey de Ceuta para Tangere.

CAPI-

CAPITULO XXVIII.

Chega ElRey a Tangere onde persuadido de efficazes razões resolve voltar para o Reyno.

147 TAnto que ElRey D. Sebastiaõ chegou à Praça de Tangere como naõ estivesse satisfeito do progresso das armas, que nella fizera o Senhor D. Antonio, o depoz do governo, provendo em seu lugar a D. Duarte de Menezes, que o pertendia como militar herança de seus Ascendentes. Todo o desvélo dos Fidalgos mais prudentes era dissuadir a ElRey da empreza, que tinha intentado, como injuriosa à sua Pessoa, e nociva aos seus vassallos, pois naõ podia ter feliz successo huma acçaõ executada pela vontade propria, e sugestaõ de alguns lisongeiros, que pertendiaõ introduzirse na graça delRey com irreparavel damno da sua Coroa. Estes conselhos dictados pela fidelidade incorrupta interpretava ElRey por effeitos da covardia, figurando na sua idéa, que toda a Africa se sogeitaria ao seu dominio com pouco dispendio de sangue, e grande credito da naçaõ Portugueza. Para o despertar de taõ profundo lethargo, em que jazia fatalmente adormecido, clamavaõ as vozes dos Pregadores annunciando-lhe a ultima ruina, que por sua teme-

1574

Nomea ElRey por Governador de Tangere a D. Duarte de Menezes.

temeridade certamente experimentaria. Entre estes Ministros Evangelicos se distinguio assim no caracter, como na eloquencia, o Bispo de Miranda D. Antonio Pinheiro, que o acompanhara com Fr. Marcos de Lisboa, que depois foy Bispo do Porto, o qual prégando na Dominga decima quinta post Pentecosten, que cahio a 12 de Setembro, em que se cantava o Evangelho do filho da viuva de Naim, como tivesse a ElRey por ouvinte, tomou por thema *Adolescens tibi dico surge*, e com estas palavras fez huma forte invectiva, com que efficazmente o persuadia a que se levantasse daquelle lugar sahindo de Africa, naõ querendo que fosse para elle Tangere, o que fora Naim para aquelle mancebo, que era conduzido para a sepultura. Que considerasse atentamente os perigos a que estava exposto acompanhado de poucos Soldados, e destituido de todas as munições necessarias para taõ grande conquista. Que se lembrasse, que a Praça de Tangere, onde estava, lhe naõ podia prometter felicidade, quando nella tinhaõ experimentado fortuna adversa D. Affonso V. e os Infantes seus tios D. Henrique, e D. Fernando. Que era tempo de voltar ao Reyno, para com a sua presença enxugar as lagrymas de sua avó segunda vez sem elle viuva, e consolar ao povo, que tanto lhe desejava a sua vida como baze fundamental da conservaçaõ da Monarchia.

Increpa D. Antonio Pinheiro em hum Sermaõ a ElRey sobre a empreza de Africa.

Ao

148 Ao tempo que este Prelado vocalmente advertia a ElRey da sua inconsiderada resoluçaõ, se animou outro Prelado, qual era o insigne D. Jeronymo Osorio, Bispo do Algarve, increpar a ElRey por huma Carta da empreza que intentara, em cujas clausulas se conhece igualmente a fidelidade do seu coraçaõ, como a madureza do seu juizo.

Carta do Bispo do Algarve D. Jeronymo Osorio para ElRey.

„ Muito alto Rey, e poderoso Senhor. Se „ eu fosse Procurador da Coroa, e tivesse algum „ feito nas mãos em que V. A. fosse Reo, e fos- „ se necessario darlhe razaõ delle, forçado seria „ lerlhe primeiro o libello que a contrariedade, o „ que nesta Carta farey com a verdade, e lealda- „ de que devo. Confio na condiçaõ, e real espi- „ rito de V. A. que terá este por hum dos mayo- „ res serviços, que lhe posso fazer. Os Reys da „ Persia tinhaõ muitas ordens de servidores, sem „ os quaes entendiaõ que era impossivel governar „ bem a sua Monarchia: entre estes haviaõ huns „ a quem elles chamavaõ seus olhos, a outros „ suas orelhas, e a outros seus amigos: os mui- „ tos olhos lhe serviaõ de ver muitas cousas, que „ dous sómente naõ podiaõ ver; as muitas ore- „ lhas de ouvir muitas queixas, que com duas só „ se naõ podiaõ ouvir todas; os muitos amigos „ de lhes fallarem as verdades, que os falsos ami- „ gos lhes encobriaõ.

„ Seguindo eu este estylo (pouco usado, e

„ que

„ que fora bem obſervallo entre nós) de bom ſer-
„ vidor quantas minhas poucas forças alcançarem
„ direy o que vejo, e ouço com hum amor taõ
„ verdadeiro como ſabe aquelle Senhor, a quem
„ ſaõ manifeſtos os ſegredos dos corações: elle
„ nos enſina no Evangelho o que todos haviamos
„ de fazer com eſta pregunta: *Quem dizem os ho-*
„ *mens que ſou eu*? Bem ſabia Chriſto o que ſe
„ dizia delle: com tudo com eſta pergunta nos
„ enſinou, que tiveſſemos cuidado de inquirir a
„ fama de noſſas acções, e fórma de vida; e ain-
„ da que a doutrina ſeja univerſal para todos os
„ homens; aos Principes particularmente convém
„ muito folgar de ſaber o que delles commummen-
„ te ſe diz, e ainda fazer diligencia por iſſo; por-
„ que à volta de muitos deſatinos populares ou-
„ viraõ muitas couſas importantes ao governo,
„ que por ventura algumas vezes nos conſelhos,
„ ou por mal ſabidas ſe naõ dizem, ou por in-
„ tereſſes particulares ſe naõ deſcobrem.

„ Naõ ſey porque razaõ deixará de eſtimar
„ hum Principe da terra, o que o Principe dos
„ Ceos quiz que ſe lhe diſſeſſe, poſto que ſem
„ mais neceſſidade, que querernos dar exemplo,
„ e enſinarnos o que devemos fazer. Porque o
„ naõ imitará inquirindo o que naõ ſabe, nem
„ póde ſaber ſe o naõ ouvir de outrem, e póde
„ ſuſpeitar? Porque naõ perguntará quando fallar
„ com os homens rectos, e amigos da verdade:
„ *Que*

„ *Que dizem de mim? Em que conta me tem?*
„ *Que fama corre do meu modo de proceder?* Se
„ isto fizesse, oh quantas verdades saberia!

„ Em Athenas havia maldições instituidas
„ pelas leys publicadas em voz alta, com pala-
„ vras de grande horror, pelas quaes eraõ amal-
„ diçoados os Cidadãos que aconselhassem à sua
„ Republica por seu particular intento, cousa
„ contra o seu commum; e rogavaõ nellas, que
„ os taes fossem destruidos, e toda a sua geraçaõ
„ confundida. Se isto se fazia em huma Repu-
„ blica, aonde havia muitos Principes, que por
„ qualquer Cidadaõ podiaõ ser desenganados,
„ que se deve fazer no Estado de hum só Prin-
„ cipe, o qual se for enganado, naõ ha onde
„ mais pôr olhos.

„ Dous grandes maleficios comette quem
„ engana ao seu Principe, hum delles he traiçaõ,
„ e o outro injuria atroz, feita a seu Senhor; por-
„ que se he traiçaõ naõ avizarem os Atalayas ao
„ seu Principe dos inimigos, que descobrem, co-
„ mo a naõ será, e muy grande, encobrir a V. A.
„ os perigos, que estaõ armados para perdiçaõ da
„ Republica, se naõ for remediada em tempo?
„ Pois no que toca à injuria, naõ póde ella ser ma-
„ yor, que entenderse que estima mais V. A. o
„ gosto presente, dando orelhas ao que taõ pou-
„ co dura, que o remedio perpetuo de seus vas-
„ sallos.

„ Naõ terá V. A. em ſeu Conſelho, quem „ trate de o enganar, mas ſe por noſſos peccados houveſſe quem taõ grande traiçaõ commetteſſe, com taõ grande injuria de V. Real „ Peſſoa, muito mayores maldições, que os de „ Athenas merecia. Eu ao menos, Senhor, em „ quanto ao que a mim toca, fugirey dellas quanto puder, com dizer o que ſinto, com eſperança de que terey diſſo galardaõ primeiramente „ de Deos, e depois de V. Alteza, ainda que como no principio diſſe, naõ diria agora tanto o „ que entendo, como o que ouço: e como Procurador darey conta do libello para logo vir „ com a defeza.

„ Dizem primeiramente *que naõ ſerá bom* „ Chriſtaõ, nem bom Portuguez o que naõ „ der muitas graças a Deos por nos dar hum „ Rey taõ virtuoſo, e de taõ altos eſpiritos, que „ foge de mimos, e buſca trabalhos por deſtruir „ a infame ſeita de Mafamede.

„ Mais dizem, que como as virtudes andaõ „ ſempre juntas, naõ ſe póde chamar fortaleza, „ a que naõ he acompanhada da prudencia, e „ bom conſelho; e que o conſelho naõ foy bom „ por ſer fóra de tempo.

„ Provaõ que foy fóra de tempo, pela muita falta que ha de dinheiro, e de mantimentos, „ pela grande fome que ao preſente a mayor parte do Reyno padece.

„ Di-

„ Dizem mais, que era este tempo mais
„ conveniente para defensaõ do Reyno, que he
„ de muito mayor obrigaçaõ, que para conquis-
„ tar o incerto de outros; porque ha muita gen-
„ te perdida em França, Flandes, Inglaterra, &c.
„ da qual podem as terras maritimas de Portu-
„ gal, e do Algarve receber muy grandes dam-
„ nos: e segundo ha fama, todos estes estaõ con-
„ tentes com esta auzencia de V. A. por enten-
„ derem que muito mais a seu salvo usaráõ do
„ seu officio.

„ Naõ podemos deixar de nos temer des-
„ tes homens, por ser o numero delles grande,
„ e governado pelo espirito de Satanás; porque
„ naõ ha cousa por grande que seja, que naõ com-
„ metta gente sem fé, se tem algumas forças, e
„ quando chega a estado de desesperaçaõ. A isto
„ se ajunta que o Graõ Turco naõ dorme, pelo
„ que todo o Principe Christaõ he obrigado a es-
„ tar àlerta, pois o perigo he commum para acu-
„ dir aonde mais necessario for para a defensaõ
„ da Christandade, e gloria do nome de Jesu
„ Christo.

„ Dizem tambem, que grandes feitos se naõ
„ podem executar sem grandes apercebimentos,
„ os quaes se naõ podem fazer em pouco tempo,
„ como saõ mantimentos, munições, muita gen-
„ te, e mayor continuaçaõ de exercicios da guer-
„ ra; e ainda com todos estes aparelhos, dizem

„ que convem esperar conjunçaõ de discordia ;
„ que naõ póde muito tardar entre Mouros, e
„ naõ qualquer discordia, mas discordia ensangu-
„ entada; porque a leve com o medo commum
„ facilmente se acommoda; porque os inimigos
„ nos perigos, que a todos tocaõ, com facilidade
„ se concertaõ; mas quando a rotura chega a tan-
„ to, que se naõ possaõ concordar, de tal manei-
„ ra o póde V. A. socorrer, que fique senhor
„ dos vencidos, e dos vencedores. Esta he hu-
„ ma arte muito antiga de conquistar, côm que
„ se fizeraõ grandes os mais dos Principes, e Ca-
„ pitães de grande nome, de que estaõ cheyas as
„ Historias, e lembranças do Mundo; esta occa-
„ siaõ quizeraõ os seus leaes *vassallos* que V. A.
„ esperasse.

„ Dizem tambem, que nunca guerra foy
„ feita com mais esforço, que conselho que po-
„ desse ter bom fim; confirmaõ isto com o triste
„ successo do Infante D. Henrique, e do Infante
„ D. Fernando o *Santo* sobre Tangere, e com a
„ segunda passagem em Africa delRey D. Affon-
„ so V.; e com os acomettimentos taõ sem fru-
„ to do outro Infante D. Fernando seu Irmaõ,
„ por tudo ser com mayor esforço, que con-
„ selho.

„ Deme V. A. licença que diga tudo, pois
„ comecey, e que naõ encubra nada do que to-
„ ca a seu serviço. Dizem os prudentes, que o
„ offi-

„ officio de bom Rey mais consiste em defender
„ os seus, que em offender aos inimigos; e que
„ tanto he isto verdade, que nenhuma gloria ga-
„ nhariaõ Principes illustres nas victorias contra
„ inimigos, se dellas naõ resultasse a segurança
„ de seus vassallos.

„ Aqui se lamentaõ muitos, porque vem
„ ao presente, que toda a guerra que se havia de
„ fazer aos Mouros, se faz, sem V. A. o saber,
„ aos mesmos Portuguezes; e por conclusaõ, naõ
„ falta quem diga que entre pressa, e diligencia
„ ha muito grande differença; porque a diligen-
„ cia naõ perde occasiaõ, e a pressa naõ espera
„ por ella; e muito mayores inconvenientes se se-
„ guem da muita pressa, que da pouca diligencia;
„ porque os muito acelerados choraõ o que per-
„ deraõ do seu; e os negligentes o que ganháraõ
„ do alheyo.

„ Estes saõ os principaes artigos do libel-
„ lo que se forma contra V. A., agora resta o que
„ por parte de V. A. posso dizer.

„ Primeiramente digo, que os grandes espi-
„ ritos saõ acompanhados de grandes esperanças,
„ pelo que mais cuidaõ na grandeza das empre-
„ zas, que na felicidade, ou facilidade, ou na dif-
„ ficuldade dellas, e pela mayor parte aos gran-
„ des acomettimentos, quando naõ saõ de todo
„ fóra de caminho, naõ faltaõ favores divinos;
„ e que V. A. fundado nesta opiniaõ, como se

„ deter-

,, determinou, ou com vida honrada, ou com
,, morte gloriosa dar sinal de seu espirito, naõ pòde
,, soffrer dilaçaõ, e que a victoria naõ está na
,, maõ dos homens, mas na vontade de Deos, e
, que o officio de Principe magnanimo he perder
,, o temor a grandes emprezas, por perigosas que
,, pareçaõ, e o successo dellas deixallo nas maõs
,, de Deos, e na sua divina disposiçaõ. Digo
,, tambem, que como se naõ possa sempre acertar,
,, saõ muito mais toleraveis os erros commettidos
,, com demasiado esforço, que os em que
,, cahem muitos por fraqueza, porque nas cousas
,, grandes, grandes perigos naõ carecem de
,, seu louvor, e a fraqueza he acompanhada de
,, perpetuo vituperio.

,, Tambem se póde dizer, que quando V. A. se naõ poder escuzar de algum erro, a culpa
,, se póde diminuir com o exemplo de grandes
,, Principes, que com o mesmo espirito cahiraõ
,, em grandes trabalhos. ElRey S. Luiz de França
,, por fazer guerra aos infieis com mais ardente
,, zelo, que conselho, foy de huma vez cativo,
,, de outra morreo de peste sobre Tunes: imitou
,, nisto ao Santo Rey Jozias, que por entrar em
,, batalha, que podera muito bem escuzar, morreo
,, elle, e com elle toda a esperança de Jerusalem.
,, Passo por infinitos exemplos antigos, por
,, naõ enfadar a V. A. e dos modernos direy poucos.

,, O

„ O Emperador Maximiliano, ſendo muy
„ excellente Principe, fez entradas em Italia, e em
„ outras partes ſem fruto. De Principes de Por-
„ tugal tenho dito o que baſta: que diremos do
„ Emperador voſſo Avô que foy o mais animo-
„ ſo, e o mais excellente Capitaõ, com tudo naõ
„ deixou de cometter couſas dignas de reprehen-
„ ſaõ, e de receber em algumas dellas muitos
„ damnos, como foy a entrada, que fez em Flo-
„ rença, a empreza de Argel, e outras, que dei-
„ xo de apontar. Perguntarmehaõ de que ſervem
„ eſtes exemplos? Reſponderey, que ſervem de ſe
„ ver, que ſe neſta paſſagem de V. A. a Africa
„ houve erro, naõ foy unico, nem couſa nova no
„ mundo, e fica deſculpado com os exemplos, e
„ authoridade de taõ excellentes Principes; por-
„ que ſe elles em idade mais robuſta, e com mui-
„ to mayor experiencia foraõ enganados do dema-
„ ſiado deſejo da gloria, naõ he muito de admirar
„ de que V.A. em muito menor idade com o meſ-
„ mo ardor de eſpirito cahiſſe nos meſmos incon-
„ venientes. Quanto mais, que eſta jornada de V.
„ A. ainda que deſta vez naõ tome os portos, que
„ pertende, naõ foy de todo ſem fruto, porque
„ vio com ſeus proprios olhos o ſitio de Africa,
„ e conheceo neſta prova de trabalhos quanto ſe
„ deve aos homens, que padecem fomes, ſedes,
„ frios, e ardores do Sol intoleraveis, e poem a
„ vida em riſco todas as horas por ſerviço de Deos,

e de

„ e de V. A., e entendeo tambem como agora
„ daqui por diante se deve fazer; aprendeo final-
„ mente tanta doutrina, que por ella sómente foy
„ à jornada com todos os trabalhos della muito
„ bem empregada, e acertada. Pelo que se a al-
„ guem parecer que a honra de V. A. fica em al-
„ guma maneira maculada, bem me atrevo a de-
„ fendella, e sustentar o contràrio.

„ Esta he a defeza com que venho por par-
„ te de V. A.; e athe aqui chegaõ as minhas le-
„ tras. E se daqui por diante quizer insistir, e
„ resistir a quem a ley de Deos quer que obede-
„ çamos, busque-se outro melhor letrado, por-
„ que me naõ atreverey a defender a causa; por-
„ que se faltar dinheiro, e faltarem *mantimentos*;
„ se naõ se podendo remediar a gente, que já es-
„ tá junta, e se ajuntar outra muita mais; se vier
„ huma grande invernada, se assim pela falta das
„ cousas necessarias, como pelo máo trato começa-
„ rem a morrer cavallos, e depois homens, veja
„ V. A. quaõ grande será a festa, e contentamen-
„ dos Mouros, e quaõ grande a tribulaçaõ dos
„ Christãos.

„ Naõ tenho eu aos Mouros por taõ pou-
„ co guerreiros, e artificiosos na milicia, que espe-
„ rem, ou tratem de batalha campal, vendo que
„ sem lança, nem espada podem os nossos ser des-
„ baratados. Os frios, as chuvas, as lamas, as
„ serras, o inverno defendem as terras; marchar
„ ao

„ ao presente naõ he possivel; estar encerrados
„ nas Cidades, naõ he honra para combater Fez,
„ ao presente naõ ha tempo, nem aparelho; e
„ ainda que se despejasse, naõ era prudencia to-
„ mar huma taõ grande Cidade em tempo, que
„ se naõ podesse logo fortificar.

„ Pois, Senhor, de que serviria logo tanto
„ trabalho, e tanta despeza sem fruto? Naõ fallo
„ nos juros que Fidalgos tem vendido; nas joyas
„ das Senhoras empenhadas; nas lagrimas das mu-
„ lheres; na pobreza da gente nobre; na miseria
„ dos que pouco podem. Gaste-se tudo, e con-
„ suma-se por serviço de Deos, e de V. A., que
„ quando Deos nosso Senhor offerecer huma gran-
„ de occasiaõ para seu serviço, naõ haja em Por-
„ tugal forças para se lançar maõ della. Da guer-
„ ra desista; haja os Fronteiros necessarios; os ex-
„ ercicios della vaõ por diante; haja menos da-
„ mascos, e mais cossoletes; menos perfumes,
„ e mais lanças; tenha se muita conta com a Jus-
„ tiça, porque naõ falte o favor divino: com a
„ fazenda, para que naõ falte no melhor tempo,
„ nem seja necessario havella entaõ com grande
„ vexaçaõ dos pobres povos, offendendo grave-
„ mente a Deos: ajuntese dinheiro de vagar; o
„ que se poderá muy bem fazer se a Arithmeti-
„ ca for melhor exercitada: cresçaõ as esperanças
„ de mercês para quem as merecer, e haja de-
„ sengano para quem for indigno dellas; e sobre

„ tudo os olhos entre tanto estejaõ sempre fixos „ no Ceo. V. A. ainda he muito moço, move- „ se pelos brios de mancebo, porém ainda naõ „ perde tempo, nem occasiaõ; esperemse conjun- „ ções, que naõ poderaõ tardar muitos annos, e „ desta sorte quem poderá quando for tempo re- „ sistir a V. A.

„ Entre tanto vença-se a si mesmo V. A. „ que he a mais illustre victoria, que póde haver: „ dome seu espirito; amanse a grandeza de seu „ coraçaõ: nas Fronteiras se aquente a guerra o „ melhor que for possivel: o meter do resto se „ guarde, para quando o Senhor Deos offerecer „ melhor tempo, e mais conveniente, porque „ quem o naõ espera, naõ *só vay contra a regra* „ da prudencia, mas tambem corre grande risco „ de tentar a Deos com o pretexto da fé, e ze- „ lo da Religiaõ, sendo que muitas vezes pro- „ cede mais do apetite. Desta sorte alcançará „ V. A. as victorias, que pertende com glorio- „ so nome seu, e de seus vassallos, e com gran- „ de accrescentamento da Santa Fé Catholica.

„ Naõ imaginey no principio que me esten- „ desse tanto nesta Carta, mas o amor, lealdade, „ e zelo do bem commum, me elevou de manei- „ ra, que naõ pude ter maõ no discurso, e occur- „ rencia da materia. No que me fica por fazer, „ naõ faltarey, que será continuamente pedir a „ nosso Senhor em minhas orações, e sacrificios,

que

„ que elle seja o defensor, e conselheiro de V. A.
„ e sua vida, e real estado guarde, e accrescente
„ para seu santo serviço. Amen.

145 Com estas taõ vehementes exhortações persistia inflexivel ElRey no seu intento, atè que a experiencia o desenganou com o successo seguinte. Querendo o Xarife certificarse do exercito com que ElRey tinha passado a Africa, mandou sahir ao campo hum grande corpo de Cavallaria, governada pelo Vice-Rey de Maquinès, cujo valor era conhecido em diversos combates. Para examinar com os olhos o numero dos Mouros, subio ElRey à terra mais alta do Castello da Praça de Tangere, e vendo que cobriaõ grande parte do campo, impellido de seus marciaes espiritos, sahio com toda a gente da Cidade, parecendolhe que a fortuna lhe offerecia as victorias com que se adulava o seu genio. Mandou entregar o guiaõ a D. Francisco de Castello-Branco, e travado hum conflicto furioso, posto que o numero dos inimigos era muito superior aos nossos, como estivessem animados com a presença do seu Principe, obraraõ acções heroicas, atè que a noute suspendeo o combate; porém como de manhaã apparecesse muito diminuto o numero dos Mouros, celebrou ElRey este successo como feliz às suas armas, em cujo applauso se correraõ canas. Combate entre os nossos, e os Mouros.

150 Como o exercito, com que ElRey tinha

nha paſſado a Africa, naõ excedia de mil Cavallos, e quinhentos Infantes, conſiderando que por ſer já proximo o Inverno, ſe faziaõ impoſſiveis os ſoccorros, deſiſtio da reſoluçaõ que emprendera, e determinou reſtituirſe a Portugal. Para occultar o erro, a que o precipitára a ſua temeraria fantazia, eſcreveo a quem ordenara expedir ſoldados, e munições para a conquiſta intentada, que o naõ executaſſe, pois o fim da ſua jornada fora para viſitar as Praças de Ceuta, e de Tangere; e que ſe proveſſem de tudo quanto era preciſo para a ſua conſervaçaõ. Hum dos mayores eſtimulos, que obrigaraõ a reſtituirſe ElRey ao Reyno, foy D. Fernando Alvres de Noronha, General das Galés, pois ordenandolhe D. *Sebaſtiaõ*, que partiſſe com elles, repugnou, dizendolhe com animoſa fidelidade, que nunca deſampararia a S. A., até o conduzir a Portugal, ainda que lhe mandaſſe cortar a cabeça, pois eſtimaria ſacrificar a vida em obſequio da fidelidade, que lhe proteſtava. Penetrado ElRey de taõ heroica reſoluçaõ, deu alguns paſſos com o ſemblante ſevéro, no fim dos quaes, quando ſe imaginava romper em algum effeito da ſua impaciente condiçaõ, vencido do amor, e authoridade de D. Fernando, lhe diſſe: *Ora vamos já que porfiaes, e fartarvoſhey eſſa vontade.* A eſtas palavras ſe poſtrou D. Fernando por terra, e com o roſto banhado em lagrimas, beijou reverente a maõ a ElRey pela docilidade

Reſolve-ſe ElRey reſtituirſe ao Reyno.

D. Fernando Alvres de Noronha perſuade a ElRey que volte ao Reyno, e o conſegue.

lidade, com que recebera o conselho que lhe dictara a sua madureza, e fidelidade.

CAPITULO XXIX.

Volta ElRey D. Sebastiaõ de Africa para Portugal, e da grande tempestade que padeceo até entrar em Lisboa.

1151 PErsuadido ElRey de naõ poder continuar, e muito menos concluir a conquista, que lhe representou facil a temeridade da sua idea, se resolveo voltar ao Reyno, aonde era anciosamente esperado por seus vassalos, repetindo quotidianamente ardentes votos ao Altissimo, para que o restituisse aos seus olhos livre de todo o perigo. A copia de gente militar, e o numero dos Cavallos, que concorreraõ para esta expediçaõ, naõ podiaõ acommodarse nas Galés, e mais embarcaçoẽs, por cuja causa muitos soldados passaraõ a Cadiz, e Gibraltar, e vieraõ por Andaluzia com igual trabalho, que despeza, até chegar a Portugal. Embarcouse ElRey no Galeaõ S. Martinho acompanhado do Duque de Aveiro, e outros muitos Fidalgos, e em outro vinha o Senhor D. Duarte com semelhante comitiva; nas Galés, e Galeoens navegavaõ varias pessoas de distinçaõ, como a brevidade do embarque 1574

que

que lhes permittio. O Senhor D. Antonio com a sua familia marchou por terra. Era entrado o mez de Outubro, quando ElRey sahio de Tangere seguido de toda a Armada, a qual, tanto que se alargou ao mar combatida do Nordeste, se espalhou toda discorrendo cada navio à disposiçaõ do vento, de que se seguio perderse de vista o Galeaõ em que ElRey hia embarcado, e para que naõ padecesse alguma fatalidade, ordenou o Piloto se buscasse o mar largo; e chegando à altura da Ilha da Madeira, começou a ceder a furia da tormenta, entre a qual, como se ElRey desafiara os perigos, sempre conservou o semblante inalteravel, mostrando que se deleitava com espectaculo taõ horroroso.

Padecè ElRey huma tormenta de que naõ mostrou o menor sobresalto.

152 Fluctuavaõ entre confuzoens, e cuidados a Rainha D. Catherina, e o Cardeal D. Henrique com toda a Corte, por ignorar noticias del-Rey, representandolhe a idea funestas imagens em que viaõ acabar tragicamente a vida de hum Principe, governado pelos impulsos da sua temeridade; e para que Deos naõ permittisse taõ fatal golpe em huma Monarchia, fundada por seu divino braço, recorriaõ à sua piedade com lagrimas, e votos; quando movido da sua comiseraçaõ, benignamente correspondeo a estas supplicas, mudando em jubilos, e applausos as tribulaçoens, e tristezas com a noticia de ter chegado ElRey ao Cabo de S. Vicente livre do menor perigo.

Chega ElRey ao Cabo de S. Vicente.

153 Lo-

153 Logo que o Galeaõ S. Martinho surgio em Sagres, sahio ElRey a terra, e escapando de hum perigo, buscou outro mayor, embarcandose em huma Galé, a tempo que o Suduéste, que naquella Costa he muito furioso, soprava com grande violencia. Seguiraõ as outras embarcações a ElRey com naõ pequeno susto, e posto que o vento era em popa para Lisboa, cresceo taõ impetuosamente o furor do mar, que alagando todas as Galés, parecia que as queria submergir. Naõ havia pessoa alguma que naõ estivesse altamente penetrada do perigo ameaçado, e somente ElRey se lisongeava da furia das ondas, causando geral admiraçaõ a serenidade de animo com que desprezava a colera dos elementos. O Senhor D. Duarte, que chegou a Cascaes antes de receber noticias delRey, naõ quiz desembarcar; e certificado de que partira com tempo tempestuoso, se meteo na Galé em que ElRey vinha, o qual entrou pela barra a 2 de Novembro; e desembarcando em Xabregas, jantou com a Rainha D. Catharina, que entre lagrimas, e jubilos o recebeo nos braços, restituindolhe com a sua presença de que estava privada quasi tres mezes tranquilidade ao animo, e alegria ao coraçaõ.

Animo imperturbavel com que ElRey sofre outra tempestade.

CAPI-

CAPITULO XXX.

Manda ElRey dar os pezames da morte de Carlos IX. Rey de França, a seu irmaõ Henrique III; e se faz memoria de dous Varões insignes, que morreraõ com saudade deste Reyno.

1574

Morre Carlos IX. Rey de França.

154 A Intempestiva morte delRey Christianissimo Carlos IX. succedida a 30 de Mayo deste anno de 1574, na florente idade de vinte e quatro annos, causou no animo do nosso Principe naõ pequena *consternaçaõ*, considerando que na pessoa deste Augusto Monarcha se acabára o mayor Propagador da Religiaõ Catholica, contra a impia petulancia dos Hugonotes, que conspirados contra taõ preciosa vida, a extinguiraõ perfidamente com veneno. Era filho de Henrique II, e Catharina de Medicis; e chegando a contar vinte annos de idade, se desposou com a Archiduqueza D. Isabel, filha de Maximiliano II, e D. Maria de Austria, filha do Emperador Carlos, de quem sómente teve a Maria Isabel, que morreo na infancia. Succedeolhe no trono seu irmaõ Henrique III, que era Rey de Polonia, ao qual mandou D. Sebastiaõ significar pelo seu Embaixador D. Nuno Manoel, Senhor

Manda ElRey por Embaixador a França D. Nuno Manoel.

Senhor de Tancos, Atalaya, e Sinceira, Alcaide mór de Marvaõ, filho de D. Fradique Manoel, e D. Maria de Attaide, filha de Nuno Fernandes de Attaide, Senhor de Penacova, Alcaide mór de Alvor, e Capitaõ de Safim, e D. Joanna de Faria, o grande sentimento, que recebera com a infausta noticia da morte de seu irmaõ, esperando que assim como era herdeiro da sua Coroa, o fosse do sagrado zelo com que promovera os progressos da Religiaõ contra os seus mais obstinados antegonistas. O mesmo obsequio mandou practicar com as Rainhas, huma mãy, e outra esposa do Rey defunto, como tambem ao Duque de Alanson, irmaõ de Henrique III, a Princeza de Bearne, e aos Duques de Lorena, e Guisa. Depois de concluido este ceremonial, ordenou ElRey ao Embaixador propuzesse a Henrique III. ser conveniente aos vassallos da Coroa Franceza, e Portugueza, para cessarem as prezas que faziaõ huns aos outros, erigirse hum Tribunal em França, e Portugal, em que se julgasse a violencia comettida por alguma destas duas Nações, julgandose em França os roubos dos Portuguezes, e os dos Francezes em Portugal.

155 Naõ sentio com menor excesso ElRey D. Sebastiaõ a falta de hum dos mayores vassallos, que tinha o Reyno, assim no esplendor do sangue, como na excellencia das virtudes, qual era D. Francisco de Noronha, II. Conde de Elogio de D. Francisco de Noronha, II. Conde de Linhares.

Linhares, Commendador de S. Martinho da Ordem de Christo em o Bispado de Viseu, filhò de D. Antonio de Noronha, I. Conde de Linhares, Senhor de Algodres, Pena-verde, e Fornellos, Alcaide mór de Linhares, Escrivaõ da Puridade dos Reys D. Manoel, e D. Joaõ III. Commendador de Prado na Ordem de Christo, e de D. Joanna da Sylva, filha de D. Diogo da Sylva, I. Conde de Portalegre, e D. Maria de Ayala. Sendo nomeado por D. Joaõ III. no anno de 1540 Embaixador à Corte de Pariz, quando governava a Monarchia Franceza Francisco I. se animou com animo religioso, e ardente zelo a promover a extinçaõ dos Hugonotes abominaveis authores de diversos *absurdos. Era a sua* casa refugio dos pobres, e asylo dos miseraveis. Dispendia no culto Divino com profuza liberalidade ao mesmo tempo que distribuia largas esmolas a muitas pessoas, que impedidas do pejo naõ podiaõ explicar a sua indigencia.

156 Estas catholicas acções practicadas em França fizeraõ taõ grande ecco em Portugal, que restituido a elle, o recebeo D. Joaõ o III. com distinctas significações de agrado; e o elegeo Mordomo mór de sua consorte a Rainha D. Catharina. Em todo o tempo, que lhe restou de vida, sempre exercitou virtudes heroicas, pelas quaes se fez merecedor da eternidade gloriosa, de que foy irrefragavel testemunho a incorrup-

çaõ

çaõ do seu cadaver, pois sendo depositado na Igreja de N. Senhora da Graça dos Eremitas de Santo Agostinho, cuberto de cal viva para mais brevemente se consumir, em quanto se acabava a Capella mór de S. Joaõ de Xabregas, Cabeça da florentissima Congregaçaõ de Conegos Seculares do Evangelista, fundada por sua filha D. Joanna de Noronha, onde jaz sepultado; passados seis annos se achou incorrupto, e flexivel, e do mesmo modo foy achado exhalando suvissimo cheiro quarenta e seis annos depois da sua morte, quando em o anno de 1619, estando acabada a Capella, foy trasladado para o soberbo Mausoléo, onde descança com este epitafio. *Sepultura de D. Francisco de Noronha, II. Conde de Linhares, filho dos primeiros. Morreo de 68 annos a 13 de Junho de 1574. Foy casado com D. Violante de Andrade, filha de Fernaõ Alvares de Andrade, que tambem aqui jaz; e falleceo de 83 annos a 17 de Dezembro de 1605.*

Francisco de S. Maria, *Chronica dos Conegos Seculares*, liv. 2. cap. 30.

157 De sua illustre Consorte deixou larga descendencia, que foy D. Antonio de Noronha, que valerosamente morreo na Praça de Ceuta a 18 de Abril de 1553 em hum combate com os Mouros, a cuja heroica valentia dedicou varios elogios o Virgilio Portuguez. D. Fernando de Noronha III. Conde de Linhares, Conselheiro de Estado, e Védor da Fazenda dos Reys Filippe II. e III. e do seu despacho, que casou

com D. Filippa de Sá, herdeira de Mem de Sá, Governador do Brasil, e de D. Guiomar de Faria. D. Lourenço de Noronha, e D. Pedro de Noronha, que acabaraõ victimas da barbaridade Africana, no campo de Alcacer a 4 de Agosto de 1578. D. Manoel de Noronha, e D. Diogo de Noronha, que preferindo a mortificaçaõ do Clausftro à vaidade do seculo, abraçaraõ o instituto dos Eremitas Augustinianos, o primeiro com o nome de Fr. Nicoláo Tolentino, e o segundo de Fr. Guilherme de S. Maria. D. Francisco de Noronha, que acompanhando ao Vice-Rey no Estado da India D. Duarte de Menezes, no anno de 1584, morreo sem successaõ. D. Luis de Noronha, que deixando a *Aula de Minerva*, que frequentava em Coimbra, pela campanha de Marte, buscou ao Oriente para theatro do seu valor; e sendo Almirante da Armada de Lourenço de Brito, foy morto pelos Jaos em Sunda, no anno de 1597. D. Joanna de Noronha, que possuindo opulentas riquezas, se conservou no estado do celibato, e as dispendeo com generosa profusaõ na fabrica da Capella mór do Convento de S. Joaõ de Xabregas de Conegos Seculares, onde em soberbos Mausoléos descançaõ os Condes da sua illustrissima familia. D. Maria, D. Catharina, D. Brites, e D. Margarida, que celebrando os castos desposorios com o Divino Cordeiro, brilharaõ luminosas estrellas no

no Ceo Dominicano do Convento da Annunciada de Lisboa.

158 Naõ satisfeita a morte de roubar a Portugal neste infausto anno de 1574 a hum Varaõ taõ insigne, como D. Francisco de Noronha, se atreveo a profanar a Jerarchia Ecclesiastica, arrebatando a 6 de Agosto a hum dos seus venerados Heroes, qual foy D. Joaõ de Mello. Sendo seus progenitores Pedro de Castro de Azevedo, Alcaide mór de Melgaço, Commendador de S. Maria de Antime, e D. Brites de Mello, pareceo, que nascera mais filho da graça, que da natureza pelas virtudes que logo na infancia começou a practicar. Doutorado na faculdade dos Sagrados Canones, o admittio por seu domestico o Serenissimo Infante D. Affonso, Arcebispo de Evora; e na escola de taõ vigilante Prelado, aprendeo as maximas, com que se habilitou para as mayores dignidades, assim Ecclesiasticas, como seculares. Foy Inquisidor das Inquisições de Evora, e Lisboa; Deputado da Mesa da Conciencia, e Ordens; depois Presidente do Dezembargo do Paço, Bispo de Sylves, onde celebrando Synodo Diocesano a 14 de Janeiro de 1554, partio em o anno seguinte por ordem delRey D. Joaõ o III. a assistir no Concilio Tridentino, em que foy admirada a sua vasta litteratura. Restituido ao Reyno, foy nomeado Regedor das Justiças, em cujo lugar fez que naõ fossem attendidos

Elogio de D. Joaõ de Mello, Arcebispo de Evora.

Fonceca *Evor. Gloriof.* pag. 301.

dos

dos o respeito dos poderosos, e o soborno dos delinquentes. Ao tempo que era Coadjutor do Arcebispo de Evora, que possuia o Cardeal D. Henrique, lhe renunciou no anno de 1564 esta grande Dignidade, em que foy o segundo Arcebispo de taõ illustre, como antiga Diocese, que exercitou pelo espaço de dez annos, com eterna saudade das suas ovelhas. Deste insigne Prelado faço mais distincta memoria no Tom. II. da *Bibliot. Lusit.* que se authoriza com as piedosas producções da sua penna, como com as prudentes maximas do seu ministerio pastoral.

INDEX

INDEX

DAS COUSAS NOTAVEIS.

O numero denota a pagina.

A

André

B

C

naõ

D

E

F

Go-

H

I

D.L eo-

L

M

N

O

P

R

Samo-

S

T

V

Zebli,

Z

FIM.



